

COMPANHIA DAS LETRAS

28 CONTOS DE JOHN CHEEVER

SELEÇÃO E PREFÁCIO
MARIO SERGIO CONTI

TRADUÇÃO
JORIO DAUSTER E DANIEL GALERA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JOHN CHEEVER

28 contos

Seleção e prefácio
Mario Sergio Conti

Tradução
Jorio Dauster
Daniel Galera



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Prosa invencível — Mario Sergio Conti

Adeus, meu irmão
O enorme rádio
Ó cidade dos sonhos falidos
Os Hartley
O camponês de verão
Lamento amoroso
O pote de ouro
O Natal é uma época triste para os pobres
A temporada do divórcio
A cura
Os males do gim
Oh, juventude e beleza!
Só mais uma vez
O invasor de Shady Hill
O bicho da maçã
O caminhão de mudanças vermelho
Só quero saber quem foi
A cômoda

Miscelânea de personagens que ficarão de fora
O general de brigada e a viúva do golfe
Uma visão do mundo
Reencontro
Mene, Mene, Tekel, Upharsin
Marito in città
O nadador
O mundo das maçãs
Três histórias
As joias da sra. Cabot

Sobre o autor

Prosa invencível

Mario Sergio Conti

Lançada em 1978, *The stories of John Cheever*, a coletânea da qual foram selecionados os contos aqui publicados, é considerada um fenômeno editorial até hoje, mais de trinta anos depois. Nunca, até e desde então, um livro de contos, gênero que raramente chega às listas de mais vendidos, obteve tamanho sucesso nos Estados Unidos: vendeu 125 mil exemplares na edição de capa dura e figurou por seis meses na lista de best-sellers do *New York Times*.

O triunfo se estendeu ao circuito da literatura institucional e à imprensa. *The stories of John Cheever* ganhou três dos prêmios literários mais prestigiosos, o Pulitzer, o National Book Circle Critics Award e o American Book Award. O *Washington Post* afirmou que "os contos de John Cheever são, simplesmente, os melhores". A revista *Time* estabeleceu que a antologia "mapeava uma das obras mais importantes das letras contemporâneas". E o *New York Times* decretou que o livro não era "apenas o acontecimento literário do momento, mas um evento maior na literatura inglesa".

A celebração de John Cheever começara no ano anterior, 1977, com a publicação do romance *Acerto de contas* (*Falconer*, no original), que levou a revista *Newsweek* a

estampar na sua capa a manchete "Um grande romance americano". E prosseguiu até a morte do escritor. Em abril de 1982, Cheever recebeu a National Medal for Literature. "Uma página de boa prosa permanece invencível", disse ele ao aceitar a honraria no Carnegie Hall, em Nova York. Passados menos de dois meses, morreu de câncer. Obituários que o qualificaram de inventor e mestre foram postos na primeira página de grandes jornais. A revista *New Yorker* o descreveu como "uma das maiores figuras literárias do país nos últimos cinquenta anos".

A celebração apontava para duas verdades, uma biográfica e outra literária. No plano existencial, ele seria o ápice de uma vida produtiva e feliz. Morador durante décadas de uma casa antiga em Ossining, subúrbio de classe média alta à beira do rio Hudson, em Nova York, o escritor teve um casamento duradouro, três filhos bem encaminhados e viveu apenas da sua arte. Uma arte da qual não se desviou. Que preservou do comercialismo e das modas. E na qual persistiu até ser admirado pelos críticos, pela academia (apesar de não ter terminado o curso secundário, recebeu em 1978 um título honorário de Harvard) e pelos seus pares — entre eles, Philip Roth, Saul Bellow, John Irving e John Updike, para o qual Cheever "escrevia como com a pena da asa de um anjo".

Sua obra investiga aspectos à primeira vista específicos da vida americana de meados do século XX: a aridez espiritual dos subúrbios ricos e, concomitantemente, a possibilidade de transcendência do indivíduo numa sociedade cujo fundamento é a alienação. Colados à realidade, seus melhores contos soam como críticas inexoráveis do vazio de seus personagens, das vidas anódinas a que estão condenados. Ainda assim, em situações extremas, e por meio de rupturas líricas da narrativa realista, Cheever abre caminho para epifanias: a existência não seria só isolamento sem sentido; o amor, as relações familiares e a natureza, transformados pela arte, são motivo de alumbramento.

Em outros termos, a consagração de *The stories of John Cheever* e os obituários apoteóticos serviriam de alavanca para colocar a sua obra no cânone americano, na condição de clássico da literatura contemporânea. Daí Cheever ter sido rotulado de "o Ovídio de Ossining" e "o Tchekhov americano".

Nem a verdade biográfica nem a literária se confirmaram. Nas últimas décadas, a máscara pública do John Cheever lhano e modesto, o americano tranquilo por excelência, deu lugar à figura angustiada de um alcoólatra agressivo. Saiu o anjo e

entrou o demônio que atormentou a mulher e os filhos, abusou de dezenas de amantes de ambos os sexos (admiradoras e jovens protegidos) e se ressentia na surdina do sucesso dos colegas que, de viva voz, enaltecia.

Quanto à obra, ela praticamente não é estudada nas universidades, não foi assunto de nenhum crítico de renome e parece não entusiasmar os novos leitores. *The stories* agora vendem 5 mil exemplares por ano. Um número "excelente para um livro de contos, mas desprezível para um clássico do pós-guerra", conforme observou o seu biógrafo Blake Bailey em *Cheever — A life*, publicado em 2009.

O que aconteceu? A boa prosa não é invencível?

John Cheever nasceu numa família branca, anglo-saxã e puritana de Massachusetts e se vangloriava da sua estirpe, por assim dizer, aristocrática. "Nunca esqueça que você é um Cheever", repetia ele aos filhos, querendo dizer que um Cheever sabe de onde veio e quem é. Só que ele engrandecia as suas origens e não aceitava ser quem era. Seu pai foi um vendedor de sapatos que sucumbiu à bancarrota e à depressão. Para manter a família, sua mãe abriu uma loja de enfeites e presentes, algo que Cheever considerava uma "humilhação abissal" (o mundo heroico do passado que se condensa em comércio de quinquilharias para turistas é um tema do seu primeiro romance, *A crônica dos Wapshot*). Foi um segundo filho indesejado: a mãe lhe contou que, se não tivesse tomado um drinque a mais numa determinada noite em Nova York, ele não teria sido concebido; e que o marido a aconselhara a procurar um aborteiro.

Sua maior ligação na infância foi com o irmão mais velho, Fred. É assim que John Cheever o descreve, numa anotação de 1967 do seu diário:

> Meu único irmão, depois de vinte e cinco anos enchendo a cara e de duas crises alcoólicas terminais; depois de ter perdido o emprego e todos os seus bens na Terra, a mulher, e a confiança e o afeto de pelo menos dois dos filhos; depois de ter considerado todos os que o empregaram estúpidos e insensíveis; depois de ter cambaleado à deriva em quartos de pensão, vendendo anúncios para uma pequena estação de rádio; depois de ter sido aleijado pela artrite; depois de chegar aos sessenta e dois anos de idade, me telefona às nove da manhã, quando ainda estou jogado na cama, nauseado pela ressaca. Sua voz é exclamativa e calorosa. Atencioso, pergunta como vou indo, exatamente como fazia quando ficava bêbado uma semana inteira. Agrada-me pensar que temos em comum a compleição resistente. Lembro como, misteriosamente, a nossa relação virou uma competição. Ele vai dirigir até o Colorado no sábado, enquanto eu, o moderado, o

sóbrio, o laborioso etc., mal posso guiar até o vilarejo vizinho.

O diário deixa entrever que Fred foi a bússola de Cheever até o fim da adolescência: "Ele era o centro da minha vida, minha moral, meu sentido de bem e mal", escreveu. O diário também permite supor que tiveram uma relação incestuosa, possivelmente carnal. Que se desentenderam de maneira irremediável na juventude, e que a ruptura provocou em Cheever um remorso que ele carregou até o túmulo. Que, além da compleição resistente, compartilharam o alcoolismo, a fúria autodestrutiva e casamentos conturbados, para não dizer infernais. E que nunca deixaram de se amar. O primeiro conto desta coletânea, "Adeus, meu irmão", se baseia na ligação entre Fred e John.

John Cheever foi um aluno medíocre (seus originais estão repletos de erros ortográficos) e popular entre os colegas devido à capacidade incomum de inventar e contar histórias. Era um dom inato. Chamado à frente da classe, narrava uma história fabulosa à medida que a criava. Foi expulso da escola por ter sido pego fumando. Usou a experiência para escrever o conto "Expulso", que enviou para a *New Republic*. Um editor da revista reconheceu no escrito a "voz de uma nova geração" e o publicou. Cheever tinha dezessete anos.

Vendeu mais um conto, "Buffalo", para *The New Yorker*. A ele se seguiriam, por mais de quatro décadas, 120 outros. Desde a sua fundação, em 1925, a *New Yorker* publicou todas as semanas contos e trechos de romances. Aos poucos, deixou de ser uma revista de humor leve, esnobe e marcadamente nova-iorquina para virar uma publicação cosmopolita. Com o enriquecimento americano no pós-guerra, o seu público decuplicou. E migrou de apartamentos de Manhattan para casas espaçosas nos subúrbios de Nova York.

O fundador e primeiro editor da revista, Harold Ross, acreditava que ela deveria publicar contos brandos, que, em vez de espicaçar a inteligência dos leitores, os entretivessem suavemente. Não admitia palavrões, descrições de sexo, violência e ousadias formais. Nesse credo, a ficção pacata de um John Updike ou de um Richard Yates rendiam mais do que os sobressaltos de um Norman Mailer ou de um Jack Kerouac.

Em todos esses aspectos, John Cheever era o autor ideal para a *New Yorker*. Com duas vantagens adicionais. Primeiro, o universo físico e emocional dos seus contos,

o dos subúrbios afluentes (que se generalizariam em torno de quase todas as metrópoles americanas), era o mesmo dos leitores da revista, possibilitando identificação. E, depois, porque Cheever, sem forçar a mão, ecoava lendas da Antiguidade clássica e parábolas bíblicas. "O nadador", por exemplo, alude tanto ao mito de Narciso como ao périplo de Ulisses. Com isso, ele como que enobrecia os leitores.

A *New Yorker*, escreveu Cheever, "me deu o presente inestimável de um grupo grande, sagaz e sensível de leitores, e dinheiro suficiente para alimentar minha família e comprar um terno a cada dois anos". Nem por isso o seu contato com a revista foi fácil. Num longo ensaio sobre a reputação do escritor, publicado no ano passado, Charles McGrath sustentou que Cheever teve com os editores da *New Yorker* uma relação "do tipo que às vezes se tem com a família — próxima e confiante no começo, e no fim desconfiada e briguenta em questões de dinheiro".

Dinheiro, aliás, negaceado. A revista era a que melhor remunerava os colaboradores, mas estava longe de ser pródiga. E os seus editores queriam que o escritor se ativesse à fórmula bem-sucedida. Entre forma artística e fórmula editorial, porém, há um espaço que, no caso de Cheever, às vezes se assemelhou a uma prisão. Ele queria arriscar-se em outras direções, como o romance. Acabou fazendo contos formalmente mais ousados e romances. Com intensidade crescente, implicou com as sugestões de mudança e comentários de editores da *New Yorker*. Brigaram feio mais de uma vez.

A revista veio a reformular suas normas quanto a peças de ficção. Mas a expressão "contos da *New Yorker*" havia adquirido nas universidades uma conotação pejorativa, sinônimo de literatura de segunda categoria, de concessão ao gosto de um público conservador, a *middle America*. E Cheever foi reduzido a expoente dessa pretensa subliteratura.

Com a morte do escritor, um candidato a biógrafo se aproximou da família e contou que sabia muito mais do que eles a respeito da lancinante ambiguidade sexual de Cheever, e que pretendia revelá-la. Para se adiantar, e controlar a repercussão, sua filha Susan Cheever publicou em 1984 um livro de memórias intitulado *Home before dark*. O livro se baseia nas reminiscências dela e nos diários

que o escritor guardara num cofre do museu Morgan, em Nova York. Registrados em 29 cadernos, num total de mais de 4 mil páginas, os diários se estendem do fim dos anos 40 ao início dos 80.

Home before dark provocou perplexidade por revelar o homossexualismo e o alcoolismo de Cheever. Para quem admirava o artista sempre em busca "da luz e do brilho", como notou um comentarista, foi chocante a exposição da sua personalidade doloridamente sombria. Passados mais quatro anos, foram publicadas algumas das cartas do escritor, e elas corroboraram essa percepção.

Por fim, a *New Yorker* comprou, por 1,2 milhão de dólares, o direito de reproduzir trechos dos diários de Cheever. Ao longo de doze meses, em seis partes distintas, a revista publicou cerca de 5% dos diários. O mesmo material foi recolhido no livro *The journals of John Cheever*. A discrepância entre o artista e sua obra tornou-se, então, esquizofrênica. As descrições minuciosas de cenas sexuais (inclusive masturbação), o ódio aos homossexuais, apesar de ser um deles, o relato frio do seu pouco-caso com os filhos, o revolver repetido do dia a dia de hostilidades entre ele e a mulher, a batalha eternamente perdida para não tomar álcool antes do meio-dia (e em seguida antes das onze, das dez e até das nove da manhã), a tristeza atroz e constante tornam penosa a leitura dos *Journals*. O contista lírico, o cantor da alegria da vida em família, o arauto das virtudes da contenção e da simplicidade saiu de cena definitivamente.

Depois de uma internação, em 1975, e de aderir aos Alcoólicos Anônimos, Cheever nunca mais bebeu. Mais tarde, chegou também a certo equilíbrio sexual e amoroso, reconciliando-se em parte com a família e consigo mesmo. Mas, postumamente, o que ficou foi a imagem crua projetada pelos diários — a do pobre-diabo perdido na treva mais espessa. Imagem que contaminou uma obra feita de nuances, alusões sutis e iluminações inesperadas.

As mudanças no ambiente literário americano nas últimas décadas também não ajudaram a obra de Cheever. Nos departamentos de letras, a valorização dos artistas de comunidades e minorias (gays, negros, latinos, feministas etc.) se fez em detrimento dos escritores brancos, anglo-saxões e de classe média, e em oposição a eles. Para piorar, é difícil definir a filiação literária de Cheever. Na querela entre os

modernos e pós-modernos, ele fica num não lugar. Foi influenciado por Hemingway e Fitzgerald, mas não está longe de John Barth e Donald Barthelme. E, em todo caso, a reputação dos quatro já teve dias melhores.

Para lá da política e das modas literárias, a obra de Cheever, sobretudo os contos, tem apelo universal. Desde os anos 50, ela foi admirada nos países submetidos ao stalinismo, a começar pela finada União Soviética, onde até hoje ele é tido como um grande escritor. Isso para não falar da França e do Brasil, países onde sua obra, exceto pelos diários, foi publicada praticamente na íntegra e continua a ser reeditada. Mesmo na China, ele tem fãs: o escritor Wang Meng, ministro da Cultura no final dos anos 80, disse certa vez que Cheever era o seu escritor favorito.

A boa prosa continua invencível.

Adeus, meu irmão

Nossa família sempre foi muito unida espiritualmente. Papai morreu afogado num acidente de barco quando éramos pequenos e mamãe costuma dizer que nossas relações familiares possuem um tipo de permanência que jamais voltaremos a encontrar. Embora eu não pense frequentemente na família, quando lembro de meus parentes, da área da costa em que viviam e do sal marinho que faz parte de nosso sangue, fico feliz em saber que sou um Pommeroy — que herdei deles o nariz, a cor da pele e a promessa de longevidade. Não que sejamos uma família de estirpe, porém, quando estamos juntos, nos permitimos a ilusão de que os Pommeroy têm algo de especial. Não digo isso porque me interesse pela história da família ou por dar grande importância a essa sensação de sermos especiais, mas apenas para deixar claro que somos leais uns com os outros a despeito de nossas diferenças e que qualquer ruptura nessa lealdade constitui uma fonte de dor e confusão.

Somos quatro filhos: minha irmã Diana e três homens — Chaddy, Lawrence e eu. Como ocorre com quase todas as famílias depois que os filhos passam dos vinte anos, fomos nos separando por conta dos empregos, dos casamentos e da guerra.

Helen e eu agora moramos em Long Island com nossos quatro filhos. Sou professor numa escola secundária e, se já não tenho a pretensão de chegar a diretor, admiro o trabalho que faço. Chaddy, que se deu melhor do que qualquer um de nós, vive em Manhattan com Odette e seus filhos. Mamãe mora na Filadélfia e Diana ficou na França após o divórcio, só voltando aos Estados Unidos no verão para passar um mês em Laud's Head. Laud's Head é um local de veraneio numa ilha de Massachusetts. Onde antes tínhamos apenas uma cabana de praia, papai construiu na década de 20 uma casa bem grande no alto de um promontório. Com exceção de Saint-Tropez e de algumas cidadezinhas nos Apeninos, aquele é meu lugar predileto no mundo. Todos nós temos uma parcela da propriedade e contribuímos para sua manutenção.

Nosso irmão mais moço, Lawrence, que é advogado, se empregou numa firma de Cleveland depois da guerra e ficamos quatro anos sem vê-lo. Quando decidiu se mudar para Albany, escreveu a mamãe dizendo que, antes de começar a trabalhar na nova firma, passaria dez dias em Laud's Head com a esposa e os dois filhos. Sua estada lá coincidiria com a época em que eu havia planejado tirar férias com Helen depois de terminadas as aulas do período de verão. Como Chaddy, Odette e Diana também iam para lá naqueles dias, toda a família estaria reunida. Lawrence é o membro da família com quem todos os outros têm menos em comum. Nunca convivemos muito com ele e suponho que por isso ainda o chamemos de Tifty — apelido que ganhou na infância porque, quando vinha pelo corredor para tomar o café da manhã, seus chinelos faziam um ruído semelhante ao som daquela palavra. Era assim que papai o chamava, e todos passaram a fazer o mesmo. Quando ele cresceu, Diana às vezes o chamava de Menino Jesus e mamãe, frequentemente, de Resmungão. Embora não gostássemos de Lawrence, aguardávamos seu retorno com um misto de apreensão e lealdade, somado à alegria e ao prazer de recuperar um irmão.

Lawrence chegou à ilha no barco das quatro da tarde, já no fim do verão, sendo recebido por mim e por Chaddy. As chegadas e saídas das balsas no verão são cercadas de todo o aparato das grandes viagens — apitos, sinos, baús, encontros calorosos, cheiro de maresia —, conquanto se trate de uma travessia banal; quando

vi o barco entrar no porto azul naquela tarde e pensei que ele completara uma viagem banal, percebi que esse era exatamente o tipo de observação que Lawrence teria feito. Procuramos seu rosto detrás dos para-brisas dos carros que desciam da balsa e não foi difícil reconhecê-lo. Corremos para lhe dar um aperto de mão e beijar meio sem jeito sua esposa e as crianças. "Tifty!", Chaddy gritou. "Tifty!" É difícil avaliar as mudanças na aparência de um irmão, mas, ao voltarmos para Laud's Head, Chaddy e eu concordamos que ele ainda tinha um ar bastante jovem. Lawrence chegou à casa antes de nós e pegamos as malas em seu carro. Quando entrei, ele estava em pé na sala de visitas conversando com mamãe e com Diana. Usando suas melhores roupas e todas as joias, elas o recebiam com grande entusiasmo; mas mesmo então, quando todos tentavam se mostrar afetuosos e o momento favorecia tais manifestações, eu sentia uma ligeira tensão na sala. Refleti sobre isso enquanto subia as escadas carregando as pesadas malas de Lawrence e me dei conta de que nossas antipatias são tão profundamente enraizadas quanto nossas melhores paixões, lembrando-me de que vinte e cinco anos antes, quando joguei uma pedra na cabeça de Lawrence, ele se levantou do chão e correu para fazer queixa ao papai.

Levei as malas para o terceiro andar, onde Ruth, a esposa de Lawrence, começara a acomodar a família. Ela é bem magra e parecia muito cansada após a viagem, mas, quando perguntei se queria que lhe trouxesse um drinque, respondeu que não.

Lawrence não estava por lá quando desci, mas todos os demais se preparavam para tomar um drinque e resolvemos ir em frente sem ele. Lawrence é o único membro da família que jamais gostou de beber. Levamos as bebidas para o terraço a fim de apreciar a vista dos rochedos, do mar e das ilhas a leste. A chegada de Lawrence e de sua esposa, a presença deles na casa, parecia reavivar nossas reações à paisagem tão familiar, como se o prazer que eles iriam sentir diante da amplidão e das cores daquele trecho do litoral, após tão longa ausência, houvesse sido partilhado conosco. Ainda estávamos no terraço quando Lawrence chegou pelo caminho que subia da praia.

"A praia não é uma beleza, Tifty?", mamãe perguntou. "Não é formidável estar de volta aqui? Quer um martíni?"

"Não faz nenhuma diferença", Lawrence respondeu. "Uísque, gim — pouco me

importa o tipo de bebida. Me dê um pouco de rum."

"Não temos nenhum *rum*", disse mamãe. Era a primeira nota áspera. Ela nos ensinara a não sermos nunca indecisos, jamais responder como Lawrence respondera. Além disso, ela se preocupava muito em manter os comportamentos corretos na casa, e qualquer coisa irregular segundo seu entender, tal como beber rum puro ou levar uma lata de cerveja para a mesa, lhe causava uma perturbação que nem mesmo seu vasto senso de humor permitia superar. Ela sentiu a aspereza e tentou desanuviar a situação. "Você não quer um uísque irlandês, meu querido?", ela perguntou. "Você sempre gostou de uísque de cevada, não é? Ali no aparador tem uísque irlandês. Por que não toma uma dose?" Lawrence disse que não fazia nenhuma diferença. Serviu-se do martíni e, quando Ruth desceu, fomos jantar.

Embora a espera por Lawrence nos tivesse obrigado a beber demais antes do jantar, todos estávamos ansiosos para criar um clima agradável e fazer a refeição em paz. Mamãe é uma mulher pequena, cujo rosto ainda mostra quão bonita ela foi, e sempre conduz a conversa para temas leves, porém naquela noite só falou sobre um projeto de recuperação do solo na parte norte da ilha. Diana, tão bonita quanto mamãe deve ter sido, é uma mulher animada e charmosa que adora falar sobre os amigos libertinos que tem na França, mas naquela noite só falou sobre a escola na Suíça onde tinha deixado os dois filhos. Dava para ver que o jantar fora planejado para agradar a Lawrence. Os pratos não eram sofisticados, não havia nada de extravagante que pudesse aborrecê-lo.

Após o jantar, quando voltamos ao terraço, as nuvens estavam tingidas de um tom sanguíneo e fiquei satisfeito ao ver que Lawrence estava sendo recepcionado com um pôr do sol tão vívido. Alguns minutos depois um homem chamado Edward Chester veio apanhar Diana. Eles haviam se encontrado na França ou durante a viagem de navio e Edward resolvera se hospedar por dez dias no hotelzinho local. Foi apresentado a Lawrence e Ruth, saindo logo em seguida com Diana.

"É com esse aí que ela agora anda dormindo?", Lawrence perguntou.

"Que coisa mais horrorosa de se dizer!", Helen protestou.

"Você devia pedir desculpas por falar uma coisa dessas, Tifty", Chaddy disse.

"Não sei", mamãe comentou com voz cansada. "Não sei, Tifty. Diana é dona de seu nariz e eu não faço perguntas sórdidas. Ela é minha única filha. Não a vejo com

frequência."

"Ela vai voltar para a França?"

"Daqui a duas semanas."

Lawrence e Ruth estavam sentados no parapeito do terraço, e não nas cadeiras, nem no círculo de cadeiras. Com sua boca tensa, meu irmão era a imagem perfeita de um pastor puritano. Às vezes, quando tento entender sua maneira de pensar, lembro dos primeiros tempos de nossa família neste país. Aquele comentário sobre Diana e seu amante me trouxe isso à cabeça. O ramo dos Pommeroy a que pertencemos foi fundado por um pastor altamente louvado por Cotton Mather devido à sua incansável luta contra o Demônio. Os Pommeroy foram pastores até meados do século XIX, e a dureza de suas concepções — a vida humana é feita de dor, toda a beleza deste mundo nasce da concupiscência e é corrupta — foi preservada em livros e sermões. Embora o temperamento da família se tenha tornado mais alegre, quando criança conheci muitos primos e primas já velhos que, parecendo pertencer àquela época sombria dos sacerdotes, viviam mergulhados numa culpa perpétua e na deificação do flagelo. Para alguém criado nessa atmosfera, como de certo modo nós fomos, é um desafio espiritual rejeitar os hábitos de culpa, autonegação, taciturnidade e penitência — e Lawrence sem dúvida não havia passado nesse teste.

"Aquela ali é Cassiopeia?", perguntou Odette.

"Não, minha querida", disse Chaddy. "Aquela não é Cassiopeia."

"Quem era Cassiopeia?", continuou Odette.

"Era mulher de Cefeu e mãe de Andrômeda", respondi.

"A cozinheira é fã dos Giants", disse Chaddy. "Está apostando que eles vão ser os campeões."

Tinha ficado tão escuro que dava para ver a luz do farol do cabo Heron cruzando o céu. Da base do promontório subia o ribombar incessante das ondas. E então, como costuma fazer quando cai a noite e ela bebeu demais antes do jantar, mamãe começou a falar sobre as melhorias que pensava fazer na casa, nos seus anexos, banheiros e jardins.

"Esta casa vai ser tragada pelo mar dentro de cinco anos", disse Lawrence.

"Tifty, o Resmungão", Chaddy comentou.

"Não me chame de Tifty", Lawrence disse.

"Menino Jesus", Chaddy retrucou.

"O paredão do mar tem umas rachaduras enormes", Lawrence continuou. "Eu vi hoje à tarde. Você mandou consertar há quatro anos e custou oito mil dólares. Não pode fazer isso a cada quatro anos."

"Por favor, Tifty", mamãe interrompeu.

"Os fatos são os fatos", Lawrence persistiu. "É a maior idiotice construir uma casa na beira do penhasco numa parte da costa que está afundando. Desde que me entendo por gente, metade do jardim já foi tragada pelas ondas e hoje há mais de um metro de água onde antes existia uma cabaninha na praia."

"Vamos conversar sobre assuntos de interesse *geral*", disse mamãe amargamente. "Vamos falar sobre política ou sobre a festa no clube náutico."

"Na verdade", retomou Lawrence, "a casa provavelmente já está correndo algum risco agora mesmo. Se houver uma maré mais violenta, um furacão, o paredão pode ruir e arrastar a casa para baixo. Nós todos poderíamos morrer afogados."

"Não *aguento* isso", disse mamãe. Foi até a copa e voltou com um copo cheio de gim.

Embora tenha idade suficiente para saber que os sentimentos dos outros não podem ser julgados, eu conhecia a tensão existente entre Lawrence e mamãe e sabia de seus antecedentes. Lawrence devia ter no máximo dezesseis anos quando decidiu que mamãe era frívola, malvada, destrutiva e forte demais, se afastando dela a partir de então. Nessa época ele estava num colégio interno e lembro que não voltou para casa no Natal, indo ficar com um amigo. Após sua avaliação negativa de mamãe, poucas vezes voltou para casa e, quando o fazia, sempre procurava lembrá-la de seus sentimentos. Não contou a mamãe que ia se casar com Ruth, como também nada lhe disse quando seus filhos nasceram. No entanto, apesar de todo esse sério e prolongado esforço, ele parecia, ao contrário de todos os outros filhos, nunca ter realmente se separado dela, porque, quando estão juntos, dá para sentir de imediato a tensão, o clima carregado.

E, de certa forma, foi uma pena que mamãe tivesse escolhido aquela noite para se embriagar. É um direito que lhe assiste e ela não fica bêbada com frequência. Por sorte não se tornou belicosa, mas todos nós tínhamos consciência do que estava acontecendo. À medida que bebia gim sem dizer uma palavra, parecia se afastar

tristemente de nós, como se houvesse embarcado numa viagem. Seu estado de espírito depois passou da viagem para o ressentimento, e os poucos comentários que fez foram petulantes e irrelevantes. Quando o copo estava quase vazio, ela olhou com raiva o ar à sua frente, movendo a cabeça como um pugilista. Eu sabia que, naquele momento, não havia espaço bastante em sua mente para todas as afrontas que vinham povoá-la. Seus filhos eram uns idiotas, seu marido se afogara, os criados não passavam de um bando de ladrões, a cadeira em que estava sentada era desconfortável. De repente, ela pousou o copo vazio e interrompeu Chaddy, que falava sobre beisebol. "Sei de uma *coisa*", disse com voz rouca. "Sei que, se existe vida depois da morte, vou ter uma família bem diferente. Todos os meus filhos serão fabulosamente ricos, espirituosos e encantadores." Levantou-se e, ao caminhar em direção à porta, quase caiu. Chaddy a amparou e ajudou a subir as escadas. Pude ouvir que se davam boa-noite com palavras ternas e depois Chaddy desceu. Pensei que, a essa altura, Lawrence estivesse cansado da viagem e das horas passadas em casa, mas ele continuou no terraço como se esperasse por alguma ignomínia final. Todos nós o deixamos lá e fomos nadar no escuro.

Quando acordei, ou semiacordei, na manhã seguinte, ouvi o barulho de alguém passando o rolo compressor na quadra de tênis. É um som mais abafado e mais grave que o dos sinos das boias na ponta do promontório, um tilintar arrítmico de ferro que na minha mente assinala, com bons augúrios, o início de um dia de verão. Quando desci, os filhos de Lawrence estavam na sala de visitas, vestidos como caubóis dos pés à cabeça. São crianças magricelas e assustadas. Disseram-me que seu pai estava passando o rolo na quadra de tênis mas que eles não queriam ir lá fora porque tinham visto uma cobra sob o degrau da porta. Disse-lhes que seus primos — todas as outras crianças — tomavam o café da manhã na cozinha e que era melhor eles irem para lá. Ao ouvir isso, o menino começou a chorar, logo seguido pela irmã. Como se o fato de ir à cozinha tomar café exigisse o abandono de seus mais legítimos direitos. Disse-lhes que sentassem comigo. Lawrence entrou e perguntei se ele queria jogar tênis. Ele respondeu que não, muito obrigado, embora talvez jogasse com Chaddy. Nisso ele tinha razão, porque ambos jogam melhor do que eu. Depois do café da manhã ele de fato jogou com Chaddy, porém,

quando os outros desceram para formar duplas, Lawrence desapareceu. Isso me irritou — talvez de forma pouco razoável —, porque nossas partidas de duplas eram animadíssimas e ele bem poderia ter jogado um set por mera cortesia.

No fim da manhã, quando subi sozinho da quadra de tênis, vi Tifty no terraço afastando uma tábua da parede com o canivete. "Que que há, Lawrence?", perguntei. "Cupins?" Já havíamos tido um trabalhão com os cupins naquelas madeiras.

Na base de cada fileira de tábuas, ele me indicou uma linha azul quase apagada, feita com giz de carpinteiro. "Esta casa tem uns vinte e dois anos", ele disse. "As tábuas devem ter duzentos anos. Quando construiu a casa, papai deve ter comprado as tábuas de todas as fazendas nas redondezas para lhe dar uma aparência de coisa antiga. Ainda se pode ver o giz do carpinteiro onde as tábuas velhas foram pregadas."

Apesar de eu haver esquecido, é verdade que, quando a casa foi construída, papai ou seu arquiteto decidiram cobrir as paredes com tábuas cheias de fungos e maltratadas pelo tempo. Não entendi por que Lawrence achava isso um escândalo.

"E olhe só essas portas", Lawrence disse. "Olhe as portas e as molduras das janelas." Acompanhei-o até a grande porta holandesa que dá para o terraço e a examinei. Conquanto fosse relativamente nova, alguém se esforçara para esconder sua verdadeira idade. Depois de golpear a superfície com uma ferramenta de metal, o carpinteiro passara tinta branca nas incisões para imitar o efeito do sal marinho, dos liquens e das intempéries. "Imagine gastar milhares de dólares para fazer uma casa nova parecer decrépita", continuou Lawrence. "Imagine o tipo de mentalidade que isso indica. Imagine querer tanto viver no passado que você paga uma boa grana a alguém para desfigurar sua porta da frente." Lembrei-me então da sensibilidade de Lawrence com relação ao tempo, de suas opiniões sobre nossa reverência pelo passado. Anos antes o ouvira dizer que nós, nossos amigos e nossa parte do país, sentindo-nos incapazes de lidar com os problemas do presente, havíamos, como um adulto infeliz, nos voltado para aquilo que supúnhamos ser uma época mais simples e mais venturosa, e que nossa mania de restauração e de preferir a luz de velas dava bem a medida de nosso fracasso irremediável. A desmaiada linha de giz azul tinha despertado nele essas ideias, a porta escarificada as reforçara e agora outras provas se sucediam — a lanterna de popa na porta, a

imensa lareira, a largura das tábuas do assoalho e suas pecinhas que imitavam cavilhas. Enquanto eu ouvia a arenga de Lawrence sobre tais pecados, os outros voltaram da quadra. A expressão de mamãe se alterou tão logo ela o viu, deixando claro que não se poderia esperar muito do relacionamento entre a matriarca e o estranho no ninho. Ela pegou Chaddy pelo braço. "Vamos nadar e tomar uns martínis na praia", disse. "Vamos ter uma manhã *fabulosa*."

O mar naquela manhã tinha uma cor sólida de esmeralda. Todos foram para a praia, com exceção de Tifty e Ruth. "Não me importo com *ele*", disse mamãe. Ela estava excitada e derramou um pouco de gim na areia. "Não me importo com *ele*. Pode ser tão *grosseiro*, tão *desagradável*, tão *macambúzio* quanto quiser, só não aguento o rosto daquelas crianças infelizes, aquelas crianças fabulosamente infelizes." Com a altura do penhasco a nos separar, todos desancaram Lawrence: como ele ficara pior em vez de melhorar, como era diferente de todos nós, como fazia questão de estragar cada prazer. Bebemos gim enquanto as críticas se tornavam mais e mais cáusticas, até que, um a um, fomos nadar na água cor de esmeralda. Ao voltarmos para a praia, ninguém falou de Lawrence de forma negativa: a linha de comentários críticos fora interrompida, como se o ato de nadar tivesse o dom purificador que se atribui ao batismo. Secamos as mãos, acendemos cigarros e o nome de Lawrence só era mencionado quando alguém sugeria carinhosamente algo que o pudesse agradar. Será que ele gostaria de velejar até a angra de Barin? De pescar?

E lembro agora que, enquanto Lawrence lá esteve, nadamos mais do que de costume, e por uma boa razão. Quando a irritação causada por ele começava a minar nossa paciência, não apenas com o próprio Lawrence mas com os demais, íamos todos nadar a fim de despejar o rancor nas águas frias. Posso ver a família, ressentindo-se das estocadas de Lawrence, sentada na areia e depois entrando no mar, mergulhando seguidamente, até que suas vozes revelavam a recuperação da paciência e a redescoberta de uma boa vontade inesgotável. Se Lawrence houvesse notado essa mudança — essa ilusão de purificação —, acho que teria encontrado no vocabulário da psiquiatria ou na mitologia do Atlântico uma palavra insípida para defini-la, porém não creio que haja reparado nisso. Assim, ele não foi capaz de caracterizar os poderes curativos do mar, mas essa foi uma das poucas chances de aviltamento que deixou escapar.

A cozinheira contratada para o verão era uma polonesa chamada Anna Ostrovick. Era excelente — uma mulher grandalhona, gorda, calorosa e trabalhadeira que levava a sério seu ofício. Gostava de cozinhar e de saber que a comida feita por ela era apreciada e consumida. Estava sempre nos incitando a comer alguma coisa. Preparava pão quente — brioches e croissants — para o café da manhã duas ou três vezes por semana e, ao trazê-los para a sala de jantar, dizia: "Comam, comam, comam!". Quando a arrumadeira levava as travessas de volta para a copa, às vezes ouvíamos Anna dizer: "Ah, muito bem! Eles comeram!". Dava de comer ao lixeiro, ao leiteiro e ao jardineiro. "Comam!", ela lhes dizia. "Comam, comam!" Nas tardes de quinta-feira, ia com a arrumadeira ao cinema, mas não gostava dos filmes porque os atores eram magros demais. Ficava sentada na sala às escuras durante uma hora e meia observando a tela com ansiedade para ver se alguém havia gostado do que comera. Bette Davis deixou-lhe apenas a impressão de que se alimentava mal. "Eles todos são tão magricelas", comentava ao sair do cinema. À noite, depois de nos empanturrar e lavar as panelas, ela recolhia as sobras da mesa para ir alimentar as aves e os animais silvestres. Naquele ano tínhamos algumas galinhas e, embora àquela altura elas já tivessem se instalado nos poleiros, Anna enchia as gamelas e incitava as aves adormecidas a comer. Alimentava os pássaros no pomar e os esquilos no quintal. Sua figura na beira do jardim e sua voz peremptória — podíamos ouvi-la dizendo "Comam, comam, comam" —, juntamente com as cores do poente no clube náutico e o acender das luzes do farol do cabo Heron, passaram a simbolizar aquela hora do dia. "Comam, comam, comam", podíamos ouvir Anna dizendo. "Comam, comam..." Logo depois escurecia.

Passados três dias da chegada de Lawrence, Anna me chamou à cozinha. "Diga à sua mãe que *ele* não entra mais na minha cozinha. Se *ele* continuar a entrar aqui o tempo todo, eu vou embora. *Ele* fica vindo aqui para dizer que tem pena de mim. Fica me dizendo que eu trabalho demais, que não sou bem paga e que devia fazer parte de um sindicato que garantisse minhas férias. Rá! Ele é tão magricela, e não para de entrar na minha cozinha quando estou ocupada para dizer que tem dó de mim, mas eu sou tão boa quanto ele, tão boa quanto *qualquer pessoa*, e não vejo razão para alguém vir se meter comigo o tempo todo e dizer que tem pena de mim. Sou uma cozinheira fabulosa e muito conhecida, tenho o emprego que quiser, e só

estou trabalhando aqui no verão porque nunca estive numa ilha, mas posso ir para outro emprego amanhã e, se ele continuar a entrar na minha cozinha para dizer que tem pena de mim, diga à sua mãe que eu vou embora. Sou tão boa quanto *qualquer pessoa* e não tenho que ficar ouvindo aquele magricela dizer que sou uma infeliz."

Fiquei contente em saber que a cozinheira estava do nosso lado, mas achei que a situação era delicada. Se mamãe pedisse a Lawrence que ficasse longe da cozinha, isso se transformaria numa fonte de aborrecimentos. Como tudo para ele era motivo de queixa, às vezes parecia que, sentado de cara amarrada à mesa, Lawrence entendia ser o alvo de todas as palavras de crítica pronunciadas por qualquer um sobre qualquer assunto. Não mencionei a ninguém a reclamação da cozinheira e, por alguma razão, as coisas se acalmaram por lá.

O foco seguinte de atritos com Lawrence surgiu por conta de nossas partidas de gamão.

Jogamos muito gamão quando estamos juntos em Laud's Head. Às oito horas, depois do café, geralmente nos sentamos em volta do tabuleiro. De certo modo, esses são alguns de nossos momentos mais prazerosos. As lâmpadas da sala não foram ainda acesas, Anna pode ser vista no lusco-fusco do jardim enquanto, acima dela, o céu exibe continentes de sombra e fogo. Mamãe acende as luzes e chacoalha os dados dando o sinal para começarmos. Cada um de nós joga três partidas com adversários que vão se revezando. Jogamos por dinheiro e há ocasiões em que chegamos a ganhar ou perder cem dólares numa partida, embora as apostas sejam comumente bem mais baixas. Acho que Lawrence costumava participar — não tenho certeza —, porém o fato é que agora não joga mais. Recusa-se a fazer apostas. Não porque seja pobre ou contrário aos jogos de azar por uma questão de princípio, mas apenas por achar que os jogos são uma bobagem e uma perda de tempo. O que, entretanto, não o impedia de perder tempo nos vendo jogar. Todas as noites, quando o jogo tinha início, ele puxava uma cadeira para perto do tabuleiro, observando com atenção as peças e os dados. Mantinha uma expressão de menosprezo, mas não perdia um só movimento. Eu me perguntava por que ele ficava nos vendo jogar noite após noite e, prestando atenção em seu rosto, creio que descobri a razão.

Lawrence não joga por dinheiro e, por isso, não compreende a excitação de

perder ou ganhar uma aposta. Como já não se lembra das sutilezas do jogo, o complexo sistema de apostas não pode interessá-lo. A partir daí, deve ter se convencido de que o gamão é um passatempo bobo, um jogo meramente de sorte, e que as marcações do tabuleiro simbolizavam nossa futilidade. E, porque ele não entendia as apostas e as chances que o jogo oferece, concluí que a Lawrence só interessavam os membros da família. Certa noite, quando eu jogava com Odette depois de ganhar trinta e sete dólares de mamãe e de Chaddy, acho que percebi o que se passava na sua cabeça.

Odette tem cabelos e olhos pretos. Como toma cuidado para nunca expor ao sol por muito tempo sua pele branca, o contraste notável entre o negro e o pálido não fica prejudicado nem durante o verão. Ela necessita de admiração e a merece, flertando de forma brincalhona com todos os homens que a cercam. Naquela noite, seus ombros estavam nus e o decote da blusa deixava à vista a divisão entre os seios, exibindo-os por inteiro quando ela se debruçava sobre o tabuleiro. Ela perdia e flertava, fazendo as perdas parecerem parte do flerte. Chaddy estava na outra sala. Ela perdeu três partidas e, ao terminar a terceira, se deixou cair no sofá e, me olhando nos olhos, disse alguma coisa sobre irmos para as dunas acertar as contas. Lawrence a ouviu. Olhei para ele. Parecia estar chocado e ao mesmo tempo gratificado, como se houvesse suspeitado o tempo todo de que não estávamos jogando por algo tão insignificante quanto dinheiro. Naturalmente, posso estar errado, mas, ao acompanhar nossas partidas de gamão, Lawrence imaginava estar observando a evolução de uma tragédia pungente na qual o dinheiro que ganhávamos e perdíamos servia como símbolo para outras penalidades mais relevantes. É de seu feitio tentar descobrir significados ocultos em todos os nossos gestos e, mais certo ainda, nos atribuir motivos sórdidos quando pensa haver determinado a lógica interna de nossas condutas.

Chaddy veio jogar comigo. Nenhum dos dois jamais gostou de perder para o outro. Quando éramos mais novos, nos proibiam de jogar um contra o outro porque sempre acabava em briga. Cada um de nós acredita conhecer intimamente o temperamento do outro. Acho que ele é prudente; ele acha que sou impulsivo. Há sempre um elemento de confronto quando jogamos qualquer coisa — tênis ou gamão, beisebol ou bridge —, e às vezes parece mesmo que estamos engajados numa disputa de vida ou morte. Quando perco para Chaddy, não consigo dormir.

Essa é apenas meia verdade de nossa relação competitiva, mas a meia verdade que seria visível para Lawrence. Sua presença ao lado da mesa mexeu tanto comigo que perdi duas partidas. Tentei não demonstrar minha raiva ao me afastar do tabuleiro. Lawrence me observava. Fui para o terraço a fim de curtir no escuro o ódio que sempre sentia ao perder para Chaddy.

Quando voltei para a sala, Chaddy e mamãe estavam jogando. Lawrence continuava a observar o jogo. Em sua mente, Odette perdera sua virtude para mim, eu perdera minha autoestima para Chaddy e agora eu gostaria de saber o que ele via na partida em curso. Parecia embevecido, como se as peças opacas e o tabuleiro pintado servissem para uma troca de forças poderosas. Quão dramático devia ser para ele o tabuleiro cercado de luminárias, os jogadores mudos e o ribombar das ondas lá fora! Aqui o canibalismo espiritual se fazia visível. Aqui, debaixo de seu nariz, estavam os símbolos do uso predatório que os seres humanos fazem uns dos outros.

Mamãe joga de uma forma astuta e ardente, embora tenha a mania de mexer nas peças do adversário. Quando joga com Chaddy, que é seu filho preferido, presta muita atenção, o que teria sido percebido por Lawrence. Mamãe é uma mulher sentimental. Tem bom coração, emocionando-se facilmente com as lágrimas e as fraquezas dos outros, uma característica que, como seu formoso nariz, o tempo em nada mudou. Como o sofrimento de outrem a mobiliza muito, às vezes ela parece tentar adivinhar em Chaddy alguma infelicidade, alguma perda, que ela possa aliviar ou sanar, restabelecendo assim o relacionamento de que desfrutavam quando ele era pequeno e enfermiço. Ela adora defender os fracos e as crianças, sentindo falta disso agora que crescemos. O mundo das dívidas e dos negócios, dos homens e das guerras, da caça e da pesca a irrita. (Quando papai morreu afogado, ela jogou fora suas varas de pescar e espingardas.) Embora sempre nos tenha dado lições sobre a autoconfiança, é quando recorremos a ela em busca de consolo e ajuda — sobretudo Chaddy — que se vê em seu elemento. Imagino que Lawrence haja pensado que a velha senhora e seu filho estavam apostando ali suas próprias almas.

Ela perdeu. "Ah, meu *querido*", exclamou. Como acontece nessas ocasiões, sua expressão era a de quem sofrera a perda de um ente querido. "Pegue meus óculos e o talão de cheques, me arranje alguma coisa para beber." Lawrence por fim se

levantou e esticou as pernas, nos lançando um olhar sorumbático. O vento e o mar haviam se agitado e pensei que, caso ele ouvisse as ondas, elas deviam representar apenas respostas sombrias às suas perguntas sombrias; ele imaginaria a maré alta apagando as brasas das fogueiras de nossos piqueniques. A companhia de uma mentira é insuportável, e ele se parecia com a corporificação de uma mentira. Eu não seria capaz de lhe explicar os prazeres simples e intensos de jogar por dinheiro, e me sentia horrorizado por ele haver sentado ao lado do tabuleiro imaginando que jogávamos por nossas almas. Inquieto, ele deu duas ou três voltas pela sala e então, como de hábito, foi embora atirando: "Acho que vocês vão acabar ficando malucos confinados nesta sala noite após noite. Vamos, Ruth, vou me deitar".

Naquela noite, sonhei com Lawrence. Vi seu rosto de traços banais crescer até se tornar feio e, quando acordei de manhã, me senti mal, como se houvesse sofrido uma grande perda espiritual durante o sono, tal como a perda da coragem e do entusiasmo. Era ridículo deixar que meu irmão me perturbasse. Eu precisava tirar férias. Precisava relaxar. Na escola, vivemos num dos dormitórios, comemos numa mesa coletiva, nunca saímos. Além de ensinar inglês no inverno e no verão, trabalho no escritório do diretor e dou o tiro de largada nas competições de atletismo. Como necessitava me afastar daquela e de qualquer outra forma de ansiedade, decidi evitar meu irmão. Bem cedinho, levei Helen e as crianças para um passeio de barco e ficamos fora até a hora do jantar. No dia seguinte, fomos fazer um piquenique. Depois tive de ir a Nova York por um dia e, ao voltar, havia o baile a fantasia no clube náutico. Lawrence não iria à festa, onde eu sempre me divertia muito.

Os convites nesse ano diziam que cada um deveria se fantasiar do que gostaria de ser. Conversando sobre o assunto, Helen e eu decidimos o que vestir. O que ela mais gostaria era de ser outra vez uma noiva e, por isso, resolveu usar seu vestido de casamento. Achei que se tratava de uma boa escolha — sincera, divertida e barata. Sua escolha influenciou a minha, e resolvi vestir um antigo uniforme dos tempos em que jogava futebol americano. Mamãe decidiu ir fantasiada de Jenny Lind, porque no sótão havia uma roupa que a artista usara. Os outros preferiram fantasias alugadas, que eu trouxe de Nova York. Lawrence e Ruth ficaram à

margem de tudo isso.

Helen pertencia ao comitê de festas e passou a maior parte da sexta-feira decorando o clube. Diana, Chaddy e eu fomos velejar. Naquela época eu velejava na área de Manhasset e costumava fixar o rumo de volta para casa com base na barcaça de gasolina e nos telhados de zinco da garagem de barcos; naquela tarde, ao regressarmos, foi um prazer ter bem à proa a torre de uma igreja branca na cidadezinha e ver que, mesmo perto da costa, a água estava verde e límpida. Em terra, passamos no clube para pegar Helen. O comitê havia tentado dar uma aparência submarina ao salão de festas, e o fato de que quase conseguiram criar essa ilusão deixou Helen muito contente. Voltamos de carro para Laud's Head. A tarde tinha sido linda, mas, chegando perto de casa, sentimos o cheiro do vento do leste — o vento soturno, como Lawrence teria dito — soprando do mar.

Minha mulher, Helen, tem trinta e oito anos e acho que seu cabelo estaria grisalho caso não o pintasse, mas ela usa um amarelo desbotado que não chama a atenção e lhe cai bem. Preparei os drinques naquela noite enquanto ela se arrumava e, quando levei seu copo para o andar de cima, a vi pela primeira vez desde nosso casamento no vestido de noiva. Não faria sentido dizer que ela me pareceu mais bonita do que no dia do casamento, mas, porque fiquei mais velho e (eu acho) mais sensível, e também porque pude ver em seu rosto naquela noite tanto a jovem como a mulher madura, tanto sua devoção à moça que ela fora como as concessões que soubera fazer à passagem do tempo, creio que nunca fiquei tão emocionado. Eu já vestira o uniforme de futebol, e o peso do equipamento, em especial as calças e os protetores de ombros, haviam produzido uma mudança em mim, como se, ao pôr aquelas velhas roupas, eu me houvesse livrado das ansiedades e problemas que a vida inevitavelmente nos impõe. Era como se nós dois tivéssemos retornado aos anos que antecederam nosso casamento, aos anos anteriores à guerra.

Os Collard ofereceram um grande jantar antes do baile, ao qual compareceu toda a nossa família — com exceção de Lawrence e Ruth. Fomos de carro até o clube, em meio ao nevoeiro, por volta das nove e meia. A orquestra tocava uma valsa. Enquanto eu depositava a capa de chuva no vestiário, alguém me bateu nas costas. Era Chucky Ewing, e o engraçado foi que ele também vestia um uniforme de futebol. Nós dois morremos de rir daquilo. Ainda ríamos quando chegamos ao salão. Parei na porta para ter uma visão geral da festa e tudo estava uma beleza. O

comitê havia pendurado redes de pesca cobrindo o teto e as paredes. As redes no teto estavam cheias de balões coloridos. Sob a iluminação suave e irregular, os pares — nossos amigos e vizinhos — formavam um lindo quadro dançando ao som de "Three o'clock in the morning". Reparei então que várias mulheres estavam de branco e, olhando melhor, vi que, como Helen, usavam seus vestidos de noiva. Patsy Hewitt, a sra. Gear e a filha dos Lackland passaram rodopiando no ritmo da valsa em seus trajes matrimoniais. Pep Talcott então se juntou a mim e a Chucky. Ele usava uma fantasia de Henrique VIII, mas nos disse que os gêmeos Auerbach, Henry Barrett e Dwight MacGregor estavam todos vestindo seus uniformes de futebol, enquanto, segundo sua última contagem, havia dez noivas no salão.

Essa coincidência, essa curiosa coincidência, causou uma hilaridade geral e contribuiu para que aquela fosse uma das festas mais agradáveis que tivemos no clube. Inicialmente, imaginei que as mulheres houvessem combinado entre si usar os vestidos de noiva, mas as amigas com quem dancei juraram que era um acaso, e estou certo de que Helen tomou sua decisão por conta própria. Tudo correu às mil maravilhas para mim até pouco antes da meia-noite, quando vi Ruth na margem da pista de dança. Ela vestia um longo vermelho. Totalmente errado, não tinha nada a ver com o espírito da festa. Dancei com ela e ninguém me interrompeu para ser seu par. Como não estava minimamente disposto a ficar dançando com ela o resto da noite, perguntei por Lawrence. Ela disse que ele havia ido para o cais e, deixando-a no bar, fui procurar por ele.

Encontrei-o sozinho no cais em meio ao úmido e cerrado nevoeiro vindo do leste. Não estava fantasiado. Nem se dera ao trabalho de vestir uma roupa de pescador ou de marinheiro. Tinha uma expressão particularmente lúgubre. O nevoeiro serpenteava em torno de nós como uma fumaça fria. Desejei que fosse uma noite clara, porque a névoa vinda do leste servia aos propósitos misantrópicos de meu irmão. E eu sabia que as boias — com seus gemidos e o tilintar dos sinos que agora ouvíamos — soariam para ele como os gritos quase inumanos dos afogados, embora nenhum marinheiro desconheça que elas são necessárias e confiáveis. Sabia também que a sirene de nevoeiro do farol lhe traria à mente perdas e descaminhos, enquanto a vivacidade da música dançante seria vista como um vício. "Trate de entrar, Tifty", eu disse, "e dance com sua mulher ou lhe arranje algum par."

"E por que tenho de fazer isso?", ele perguntou. "Por quê?" Caminhando até a janela, observou a festa. "Olhe só para isso", disse. "Olhe só para isso..."

Chucky Ewing tinha pegado um balão e tentava organizar uma jogada de futebol americano no meio do salão. Os outros dançavam samba. E eu sabia que Lawrence estava vendo o baile com os mesmos olhos saturninos com que vira as tábuas de nossa casa castigadas pelas intempéries, como se ali enxergasse um abuso e uma distorção do tempo; como se, desejando ser noivas e jogadores de futebol, nós revelássemos que, extintas as luzes da juventude, havíamos sido incapazes de encontrar algo mais que iluminasse nossos caminhos: despojados da fé e de quaisquer princípios, nos tornáramos tristes e inconsequentes. E me dava raiva ele pensar assim sobre tantas pessoas boas, felizes e generosas, me fazia sentir por ele uma repugnância tão anormal que eu chegava a ter vergonha daquele sentimento, pois, afinal de contas, ele era meu irmão e um Pommeroy. Passei os braços por seu ombro e tentei trazê-lo para dentro, mas ele não cedeu.

Voltei a tempo de ver o desfile e, depois de distribuídos os prêmios pelas melhores fantasias, os balões foram soltos do teto. Fazia calor no salão e, quando alguém abriu as grandes portas que davam para o cais, o vento do leste circulou pelo aposento e varreu para o mar a maior parte dos balões. Chucky Ewing correu atrás deles e, ao ver que tinham atravessado o cais e caído na água, tirou o uniforme de futebol e mergulhou. Depois que Eric Auerbach e Lew Phillips o seguiram, mergulhei também — e você sabe como é uma festa depois da meia-noite quando as pessoas começam a pular na água. Recuperamos a maioria dos balões, nos secamos e continuamos a dançar, só voltando para casa de manhã.

No dia seguinte era a exposição de flores. Mamãe, Helen e Odette concorriam. Depois de um almoço leve, Chaddy levou as mulheres e as crianças para a exposição. Tirei uma soneca e, no meio da tarde, vesti o calção de banho e peguei uma toalha. Ao sair de casa, passei pela lavanderia onde Ruth estava lavando roupas. Não sei por que ela parecia trabalhar muito mais do que qualquer outra pessoa, mas na verdade sempre a via lavando, passando ou remendando roupas. Talvez, quando jovem, tivesse sido ensinada a dedicar seu tempo a esse tipo de afazer, ou quem sabe expiasse algum pecado. Parecia esfregar as roupas e passá-las

a ferro com o fervor de quem cumpre uma penitência, embora eu não consiga imaginar o que ela pensa ter feito de errado. Seus filhos a acompanhavam na lavanderia. Ofereci-me para levá-los à praia, porém não quiseram ir.

Como já estávamos no final de agosto, as uvas-silvestres que cobrem a ilha impregnavam com o cheiro de vinho o vento soprado da terra. No fim da trilha de descida ergue-se um pequeno bosque de azevinhos, vindo depois as dunas onde só cresce algum capim. Já podia ouvir as ondas quebrando na praia e me lembro de haver pensado como Chaddy e eu costumávamos falar sobre o mar em termos místicos. Quando éramos mais moços, tínhamos decidido que seria impossível viver no oeste porque sentiríamos a falta do mar. "É muito bom aqui", dizíamos com toda a cortesia ao visitar alguém nas montanhas, "mas sentimos falta do Atlântico." Esnobávamos os nativos de Iowa ou Colorado, a quem fora negada tal revelação, desprezávamos o Pacífico. As ondas agora reverberavam na rebentação e isso me dava tanto prazer então quanto na época em que eu era jovem, parecendo conter um poder purificador, limpando de minha memória, entre outras coisas, a imagem penitencial de Ruth na lavanderia.

Mas Lawrence estava na praia. Sentado na areia. Entrei no mar sem falar com ele. A água estava fria e, quando saí, vesti uma camisa. Disse-lhe que ia dar uma caminhada até Tanners Point e ele falou que me acompanharia. Tentei caminhar a seu lado. As pernas dele não são mais compridas que as minhas, mas ele sempre gosta de ir à frente de seu companheiro. Seguindo atrás dele, vendo sua cabeça e ombros curvados, perguntei-me o que ele acharia daquela paisagem.

Havia dunas e penhascos e, nas áreas mais baixas, campos em que o verde agora se tingia de marrom e amarelo. Como eram pastagens para ovelhas, imaginei que Lawrence teria notado que o solo se encontrava erodido e o quanto os animais contribuiriam para piorar a situação. Mais além dos campos havia algumas fazendas, com construções quadradas e interessantes, mas Lawrence deveria pensar apenas nas dificuldades enfrentadas pelos agricultores das regiões costeiras. O mar, do outro lado, era aberto. Sempre dizemos a nossos convidados que, para o leste, está a costa de Portugal, embora, no caso de Lawrence, seria fácil passar da costa de Portugal para a tirania na Espanha. Ao quebrar, as ondas pareciam estar dando hurras, mas para Lawrence aqueles sons teriam um significado negativo. Suponho que haveria ocorrido à sua mente lúgubre e incisiva que a costa era o local onde as

geleiras tinham depositado os últimos fragmentos de rocha, a margem do mundo pré-histórico, e que caminhávamos no limite do mundo conhecido tanto em espírito como de fato. Caso ele não houvesse notado isso, os aviões da marinha que bombardeavam uma ilha deserta o despertariam para essa realidade.

A praia constituía uma vasta paisagem, excepcionalmente simples e límpida. Tal qual um pedaço da Lua. Era fácil andar no solo compactado pelas ondas, e as marés haviam modificado tudo que fora deixado na areia. Lá estavam a espinha de uma concha, um cabo de vassoura, partes de uma garrafa e de um tijolo, tão trabalhadas pelas águas a ponto de se tornarem quase irreconhecíveis — e suponho que a triste mente de Lawrence, que mantinha a cabeça baixa, pulasse de uma coisa quebrada para outra. A presença de seu pessimismo começou a me enfurecer e, acelerando o passo, pus a mão no ombro dele. "É só um dia de verão. Que que há? Não gosta daqui?"

"É, não gosto mesmo daqui", ele disse sem ênfase e sem erguer os olhos. "Vou vender minha parte na casa para Chaddy. Não esperava que fosse me divertir. Só voltei para dizer adeus."

Deixei que se distanciasse de novo e o segui, olhando para seus ombros e pensando em todas as vezes que ele dera adeus. Quando papai se afogou, ele foi à igreja e disse adeus a papai. Passados apenas três anos, concluiu que mamãe era frívola e disse adeus a ela. No seu primeiro ano de universidade, ficou amigo do companheiro de quarto, mas o sujeito bebia demais e, no começo do período escolar da primavera, Lawrence mudou de quarto e disse adeus ao amigo. Após dois anos de universidade, decidiu que a atmosfera era muito confinada e disse adeus à Yale. Entrou para a Columbia e lá se formou em direito, porém achou que seu primeiro patrão era desonesto e, no final de seis meses, disse adeus a um bom emprego. Casou-se com Ruth só no civil e disse adeus à Igreja Episcopal. Foram viver num bairro pobre de Tuckahoe e disseram adeus à classe média. Em 1938, dizendo adeus à empresa privada, foi para Washington a fim de trabalhar como advogado do governo, mas após oito meses na capital se convenceu de que as políticas de Roosevelt eram sentimentais e disse adeus à vida pública. Foram morar num subúrbio de Chicago, onde ele disse adeus a seus vizinhos, um a um, por considerá-los bêbados, rudes ou ignorantes. Disse adeus a Chicago e se mudou para o Kansas; disse adeus ao Kansas e seguiu para Cleveland. Havia pouco dera adeus a

Cleveland e voltara para o leste, parando em Laud's Head o tempo suficiente para dizer adeus ao mar.

Tudo aquilo era melancólico, além de preconceituoso e estreito, uma confusão de sisudez com caráter, e eu queria ajudá-lo. "Sai dessa", eu disse. "Sai dessa, Tifty."

"Sai do quê?"

"Sai dessa tristeza. Sai dessa. É só um dia de verão. Você está deixando de se divertir e estragando a diversão de todo mundo. Precisamos tirar férias, Tifty. Eu preciso de férias. Preciso descansar. Todos nós precisamos. E você faz tudo ficar tenso e desagradável. Só tenho duas semanas livres por ano. Duas semanas. Preciso me divertir, e o mesmo acontece com os outros. Precisamos de um descanso. Você acha que seu pessimismo é uma vantagem, mas ele só mostra que você não quer enfrentar a realidade."

"Que realidade? Diana é uma mulher ridícula e promíscua. Odette é a mesma coisa. Mamãe é uma alcoólatra. Se não tomar cuidado, acaba num hospital dentro de um ou dois anos. Chaddy é desonesto. Sempre foi. A casa vai cair no mar." Olhou para mim e, como se só então isso lhe ocorresse, acrescentou: "E você é um bobalhão".

"Você é um filho da puta deprimente", retruquei. "Um filho da puta deprimente."

"Saia da minha frente", ele disse, retomando a caminhada.

Peguei uma raiz impregnada de água do mar e, me aproximando dele — embora até então jamais houvesse atacado alguém pelas costas —, fiz um amplo movimento com o braço para atingi-lo, para atingir meu irmão, com um golpe na cabeça que o fez cair de joelhos na areia. Vi o sangue aflorar e começar a escurecer seu cabelo. Desejei naquele momento que ele estivesse morto, morto e prestes a ser enterrado, não enterrado mas prestes a ser enterrado, porque eu não queria que me fosse negado o ritual de dispor de seu corpo, de expulsá-lo de minha consciência. E vi o resto da família — Chaddy, mamãe, Diana e Helen — de luto na casa da rua Belvedere que foi posta abaixo vinte anos antes, recebendo os convidados e parentes à porta e reagindo a suas gentis expressões de condolência com manifestações também gentis de dor. Nada faltava em matéria de decoro, a tal ponto que, mesmo se ele tivesse sido assassinado numa praia, todos imaginariam, antes de terminada a enfadonha cerimônia, que chegara ao inverno de sua vida e

que uma lei da natureza (aliás, uma bela lei) impunha que Tifty fosse enterrado no solo frígido.

Ele ainda estava de joelhos. Olhei para um lado e para o outro. Ninguém nos vira. A praia deserta, como se fizesse parte da Lua, parecia coberta por um véu. O resto de uma onda chegou veloz até onde ele permanecia ajoelhado. Eu ainda sentia vontade de acabar com ele, mas comecei a agir como dois homens, o assassino e o samaritano. Com um forte rugido, como se o vazio se transformasse em som, um vagalhão branco o envolveu, a espuma raivosa cobrindo seus ombros, e eu o agarrei para impedir que ele fosse puxado para o mar. Levei-o depois para um lugar mais alto. O sangue se espalhara por todo o cabelo, que parecia preto. Tirei a camisa e enrolei em volta de sua cabeça. Ele estava consciente, não achei que o houvesse machucado seriamente. Ele não disse uma única palavra. Nem eu. Deixei-o lá mesmo.

Caminhei pela praia e, quando me voltei a fim de vê-lo, estava pensando na minha própria pele. Ele se pusera de pé, dava a impressão de não estar tonto. O dia continuava claro, mas as gotículas de água sopradas pelo vento chegavam à praia como um tênue nevoeiro. Ao me afastar mais, sua silhueta negra já se perdia na obscuridade. O ar salgado invadia toda a praia. Dei as costas para ele e, quando me aproximei da casa, voltei a nadar, como parecia ter feito depois de cada encontro com Lawrence naquele verão.

De regresso à casa, deitei-me no terraço. Os outros foram chegando. Ouvi mamãe desancando os arranjos de flores que haviam sido premiados. Ninguém da família ganhara nada. A casa depois ficou silenciosa, como sempre ocorre naquela hora. As crianças foram jantar na cozinha e os adultos subiram para tomar banho. Mais tarde, ouvi Chaddy preparando os drinques e a retomada da conversa sobre os juízes da mostra de flores. E então mamãe gritou: "Tifty! Tifty! Ah, Tifty!".

Ele havia parado na porta, parecendo semimorto. Tinha retirado a bandagem ensanguentada, e a segurava. "Meu irmão fez isso", ele disse. "Foi meu irmão quem fez isso. Me bateu com uma pedra — ou sei lá com quê — na praia." Sua voz estava carregada de autocomiseração. Pensei que ele ia chorar. Ninguém abriu a boca. "Onde está Ruth?", ele gritou. "Onde está Ruth? Onde é que ela se meteu? Quero que ela comece a fazer as malas imediatamente. Não tenho mais tempo para perder aqui. Tenho coisas importantes para fazer. Coisas *importantes* para fazer." E subiu as

escadas.

Partiram na manhã seguinte, pegando o barco das seis horas. Mamãe levantou-se para lhes dar adeus, mas foi a única, e é uma cena fácil de imaginar embora dolorosa: a matriarca e o estranho no ninho se olhando com uma consternação que seria o inverso absoluto do amor. Ouvindo as vozes das crianças e o carro a caminho do portão, levantei-me e fui à janela — e que manhã tão linda! Meu Deus, que manhã! Vento do norte, céu claro. No primeiro calor matinal, as rosas no jardim exalavam um cheiro de geleia de morango. Enquanto me vestia, ouvi o apito do barco, primeiro o de alerta e depois os dois silvos longos, e pude visualizar as pessoas no convés superior bebendo café em copinhos frágeis de papel e Lawrence na proa dizendo para o mar: *"Thalassa, thalassa"*, enquanto seus filhos tímidos e infelizes observavam a paisagem aprisionados nos braços da mãe. As boias tocavam dobres fúnebres em homenagem a Lawrence e, embora o esplendor da luz tornasse difícil não abrir os braços e gritar de exultação, seus olhos só veriam o mar escuro na esteira do barco: ele pensaria no fundo, negro e estranho, onde nosso pai jazia a cinco braças.

Ah, o que se pode fazer com um homem desses? Que fazer? Como é possível impedir que, numa multidão, seu olhar busque o rosto com acne, a mão aleijada; como ensiná-lo a prezar a inestimável grandeza da raça humana, a beleza por vezes cruel da vida; como lhe indicar aquelas verdades obstinadas diante das quais são impotentes o medo e o horror? O mar naquela manhã estava iridescente e escuro. Minha mulher e minha irmã nadavam — Diana e Helen —, e vi suas cabeças sem touca, uma negra e a outra dourada, na água escura. Vi quando saíram do mar e me dei conta de que estavam nuas e sem um pingo de timidez, belas e cheias de graça, e observei as mulheres nuas subirem pela areia.

"Goodbye, my brother"
Trad. Jorio Dauster

O enorme rádio

Jim e Irene Westcott pertenciam àquele grupo social que parece ter atingido a média satisfatória de renda, esforço e respeitabilidade encontrada nos relatórios estatísticos sobre pessoas com curso superior. Estavam casados havia nove anos, tinham dois filhos pequenos, viviam no décimo segundo andar de um edifício de apartamentos perto de Sutton Place, iam ao teatro em média 10,3 vezes por ano e sonhavam em morar algum dia em Westchester. Embora não fosse bonita, Irene Westcott era uma jovem mulher simpática, com cabelos castanhos sedosos e uma testa larga e delicada, sem uma única ruga. No inverno, usava um casaco de pele de doninha tingida para parecer marta. Não se podia dizer que Jim Westcott dava a impressão de ser mais jovem do que era, mas ao menos se podia dizer que ele dava a impressão de se sentir mais jovem do que era. Cortava bem curtos os cabelos que começavam a ficar grisalhos, vestia o tipo de roupa usado por sua turma na universidade de Andover e tinha um comportamento dinâmico, expansivo e intencionalmente ingênuo. Os Westcott se diferenciavam de seus amigos, colegas de turma e vizinhos apenas pelo interesse que compartilhavam por música clássica. Iam a muitos concertos — conquanto raramente revelassem isso a qualquer pessoa

— e passavam um bom tempo ouvindo música no rádio.

Tinham um aparelho antigo, nervoso, imprevisível e que já não podia ser consertado. Nenhum dos dois entendia como funcionava um rádio ou qualquer dos outros aparelhos elétricos que os circundavam. Quando um deles parava, Jim aplicava um tapa no lado da máquina, o que às vezes se revelava eficaz. Numa noite de domingo, em meio a um quarteto de Schubert, a música desapareceu de todo. Jim bateu várias vezes no aparelho, mas foi tudo em vão: perderam o Schubert para sempre. Ele prometeu a Irene que compraria outro rádio e, na segunda-feira, ao voltar do trabalho, lhe disse que a compra estava feita. Recusou-se a descrever o aparelho, garantindo que seria uma surpresa ao chegar.

O rádio foi entregue na porta da cozinha na tarde seguinte e, com a ajuda da empregada e do zelador, Irene o desencaixotou e levou para a sala de visitas. Impressionou-a de imediato a feiura do grande móvel de pinho. Irene tinha orgulho de sua sala de visitas, escolhera os móveis e as cores com o mesmo cuidado com que escolhia suas roupas, e agora lhe parecia que o novo rádio tomara posição como um intruso agressivo em meio a seus bens mais íntimos. Sentiu-se confusa com o grande número de mostradores e botões no painel e os estudou longamente antes de conectar o rádio na tomada e ligá-lo. Os mostradores se acenderam com uma malévola luz verde e, ao longe, ela ouviu um quinteto para piano e cordas. O quinteto ficou assim apenas por um instante, porque logo depois a atropelou com uma velocidade superior à da luz e encheu o apartamento com um som tão alto que um bibelô de porcelana caiu da mesa. Ela correu para o aparelho e baixou o volume. As forças violentas aprisionadas no horrível móvel de pinho a deixaram preocupada. As crianças regressaram da escola e ela as levou ao parque. Só bem mais tarde Irene pôde voltar ao rádio.

A empregada já dera o jantar das crianças e supervisionava seus banhos quando Irene ligou o rádio, baixou o volume e sentou-se para ouvir um quinteto de Mozart que conhecia bem e apreciava. A música lhe chegou com toda a clareza. Ela achou que o som do novo aparelho era muito mais puro que o antigo. Decidiu que a qualidade do som era a coisa mais importante e que devia esconder o móvel atrás de um sofá. No entanto, tão logo fez as pazes com o rádio, teve início a interferência. Um estalido, semelhante ao ruído de um pavio aceso, começou a acompanhar o canto das cordas. Além do quinteto havia um farfalhar que lembrou

a Irene, de forma desagradável, o marulho das ondas. E, à medida que a música avançou, a esses ruídos se juntaram muitos outros. Tendo tentado todos os mostradores e botões sem reduzir em nada a interferência, ela sentou, desapontada e perplexa, buscando ainda seguir o voo da melodia. O poço do elevador era contíguo à sala de visitas e isso sugeriu a natureza da estática. O chocalhar dos cabos do elevador e o abrir e fechar de suas portas eram reproduzidos no alto-falante. Ao se dar conta de que o rádio reagia a todo tipo de correntes elétricas, Irene começou a ouvir, em meio ao Mozart, o tilintar e o discar de telefones, o lamento de um aspirador de pó. Prestando mais atenção, foi capaz de discernir as campainhas das portas e do elevador, barbeadores e batedeiras, cujos sons vinham dos apartamentos vizinhos e eram transmitidos pelo alto-falante. Como o feio e potente aparelho, com sua sensibilidade malsã aos sons dissonantes, era superior às suas forças, ela o desligou e foi para o quarto das crianças.

Quando Jim Westcott chegou em casa naquela noite, caminhou confiante até o rádio e mexeu nos controles. Teve uma experiência semelhante à de Irene. Um homem falava na estação que Jim selecionou e sua voz, de início distante, se transformou numa força tão potente que sacudiu o apartamento. Jim baixou o volume e a voz cedeu. Um ou dois minutos depois, começou a interferência. Instalou-se o tilintar de telefones e campainhas, ao que se somou o ranger das portas do elevador e o zumbido dos aparelhos de cozinha. A mistura de sons havia se modificado desde que Irene ligara o rádio horas antes: como o último dos barbeadores elétricos estava sendo desligado e todos os aspiradores de pó tinham retornado a seus armários, a estática refletia aquela mudança de ritmo que ocorre na cidade depois que o sol se põe. Ele mexeu nos botões, mas não conseguiu se livrar dos ruídos, desligando por fim o rádio e dizendo a Irene que pela manhã telefonaria para aquela gente que lhe vendera o aparelho e daria a maior bronca.

Na tarde seguinte, quando Irene voltou de um almoço, a empregada lhe disse que um homem tinha vindo consertar o rádio. Irene foi à sala de visitas antes de tirar o chapéu e o casaco de pele e testou o aparelho. Do alto-falante veio uma gravação da "Missouri waltz", que a fez lembrar do som débil e rangedor do velho fonógrafo que ela às vezes ouvia do outro lado do lago onde passava as férias de verão. Aguardou até que terminasse a valsa, esperando que dessem alguma explicação sobre aquela gravação, mas nada foi dito. Seguiram-se alguns segundos

de silêncio, e o disco plangente e rangedor foi tocado de novo. Ela girou o botão e se viu premiada com uma lufada satisfatória de música caucasiana — as batidas de pés nus no chão de terra e o chocalhar de braceletes de metal —, mas, ao fundo, podia ouvir as campainhas das portas e muitas vozes que se misturavam. As crianças voltaram da escola e, depois de desligar o rádio, ela foi vê-las no quarto.

Jim chegou em casa à noite bastante cansado. Tomou banho, mudou de roupa e só então se juntou a Irene na sala de visitas. Tendo acabado de ligar o rádio quando a empregada os chamou para jantar, não o desligou quando foram sentar-se à mesa.

Jim estava cansado demais até para conversar e, não havendo nada no jantar que atraísse seu interesse, a atenção de Irene vagou da comida para as sobras da pasta de lustrar prata nos candelabros e daí para a música no outro aposento. Escutou por alguns minutos um prelúdio de Chopin e então se surpreendeu ao ouvir uma voz de homem. "Meu Deus, Kathy", ele disse, "você sempre tem de tocar piano quando eu chego em casa?" A música cessou de pronto. "É a única hora que eu tenho", disse uma mulher, "passo o dia no escritório." "Eu também", retrucou o homem. Acrescentou algo obsceno envolvendo um piano e bateu a porta. A música, apaixonada e melancólica, recomeçou.

"Você ouviu isso?", Irene perguntou.

"O quê?" Jim comia a sobremesa.

"O rádio. Um homem disse alguma coisa enquanto a música estava tocando — um palavrão."

"Deve ser uma novela."

"*Não* acho que seja uma novela", disse Irene.

Saíram da mesa e foram tomar o café na sala de visitas. Ele girou o botão. "Você viu minhas ligas?", um homem perguntou. "Me ajude a abotoar a blusa", disse uma mulher. "Você viu minhas ligas?", o homem insistiu. "Me ajude a abotoar e eu acho tuas ligas", a mulher respondeu. Jim procurou outra estação. "Eu ia ficar muito feliz se você não deixasse o resto da maçã no cinzeiro", disse um homem. "Odeio esse cheiro."

"Que coisa estranha", Jim comentou.

"Não é mesmo?", Irene disse.

Jim girou o botão outra vez. "'No Grande Porto de Kakinada, onde a primeira abóbora brotou'", disse uma mulher com sotaque inglês pronunciado, "'no meio

dos verdes matagais vivia o Iongui-Bongui-Bô. Dois velhos bancos, uma vela usada, e uma velha jarra de asa quebrada…'"

"Meu Deus!", Irene exclamou. "Essa é a babá dos Sweeney."

"'Eram todos os bens materiais'", continuou a voz inglesa.

"Desligue isso", disse Irene. "Talvez eles possam *nos* ouvir." Jim desligou o rádio. "Essa era a srta. Armstrong, a babá dos Sweeney. Deve estar lendo para a menininha. Eles moram no 17-B. Já conversei com a srta. Armstrong no parque. Conheço a voz dela muito bem. Devemos estar sintonizados em outros apartamentos."

"Isso é impossível", disse Jim.

"Bom, essa era a babá dos Sweeney", Irene insistiu subindo o tom de voz. "Conheço a voz dela. Conheço muito bem. Minha dúvida é se eles também podem nos ouvir."

Jim voltou a ligar o rádio. Primeiro de longe, depois cada vez mais perto, como se trazido pelo vento, chegou de novo o forte sotaque inglês da babá dos Sweeney: "'Dona Trancoso! Dona Trancoso!'", disse ela. "'Sentada onde a abóbora brotou, como esposo me aceitaria? Disse o Iongui-Bongui-Bô…'"

Jim se aproximou do aparelho e disse "Alô!" bem alto junto ao alto-falante.

"'Estou cansado de viver choroso'", continuou a babá, "'neste litoral tão selvagem e pedregoso, estou exausto do meu dia a dia; se me aceitasse, comigo aqui ficaria, bem serena minha vida então seria…'"

"Acho que ela não pode nos ouvir", disse Irene. "Tente outra coisa."

Jim procurou outra estação, e a sala foi invadida pela algaravia de uma recepção das mais barulhentas. Alguém tocava piano e cantava a "Whiffenpoof song", enquanto, ao seu redor, se ouviam muitas vozes veementes e felizes. "Comam mais sanduíches", uma mulher exclamou. Um prato espatifou-se no chão em meio a estridentes gargalhadas.

"Esses devem ser os Fuller, no 11-E", disse Irene. "Eu sabia que eles iam dar uma festa hoje à tarde. Encontrei com ela na loja de bebidas. Não é incrível? Tente outra coisa. Veja se consegue pegar aquela gente do 18-C."

Naquela noite os Westcott ouviram um monólogo sobre a pesca de salmão no Canadá, um jogo de bridge, os comentários que acompanharam o filme caseiro sobre o que parecia ter sido uma quinzena de férias em Sea Island, e a amarga briga

doméstica por causa de um saque a descoberto no banco. Desligaram o rádio à meia-noite e foram para a cama, ainda rindo sem parar. A certa altura da noite, o filho deles disse que estava com sede e Irene levou um copo d'água a seu quarto. Era muito cedo. Todas as luzes na vizinhança permaneciam apagadas e, da janela do quarto do menino, Irene podia ver a rua deserta. Foi até a sala de visitas e ligou o rádio. Ouviu uma tosse abafada, um gemido e depois um homem: "Você está bem, querida?". "Estou", respondeu uma mulher com voz cansada. "É, acho que estou bem", acrescentando com mais ênfase: "Mas, você sabe, Charlie, não sou mais a mesma. Em toda uma semana, me sinto inteira por quinze ou vinte minutos. Não quero procurar outro médico porque nossas despesas com saúde já são terríveis, mas realmente não estou cem por cento, Charlie. Nunca mais me senti como antes". Não era gente moça, Irene pensou. Pelo timbre de suas vozes, imaginou que fossem de meia-idade. A melancolia expressa no diálogo e a corrente de ar vinda da janela do quarto a fizeram estremecer, e ela voltou para a cama.

Na manhã seguinte, Irene preparou o café para a família (a empregada só subiu às dez horas de seu quarto no porão do edifício), fez uma trança no cabelo da filha e esperou na porta até que as crianças e seu marido descessem pelo elevador. Foi então para a sala de visitas e ligou o rádio. "Não quero ir para a escola", gritou uma criança. "Odeio a escola. Não vou para a escola. Odeio a escola." "Você vai, sim", disse uma mulher enfurecida. "Pagamos oitocentos dólares para você entrar nessa escola e você vai nem que morra." O número seguinte no mostrador trouxe de volta a gravação gasta da "Missouri waltz". Irene continuou a girar o botão e invadiu a privacidade de várias mesas durante o café da manhã. Ouviu demonstrações de indigestão, amor carnal, vaidade sem limite, fé e desespero. A vida de Irene era quase tão simples e protegida como parecia ser, e a linguagem direta e às vezes brutal que vinha do alto-falante naquela manhã a surpreendeu e perturbou. Ela continuou a ouvir até que a empregada chegou, quando então desligou rapidamente o rádio por entender que havia algo de furtivo em seus sentimentos.

Irene tinha marcado um almoço com uma amiga e saiu de casa pouco depois do meio-dia. Havia várias mulheres no elevador quando ele parou em seu andar. Ela

observou os rostos bonitos e impassíveis, os casacos de pele, as flores de tecido nos chapéus. Qual delas estivera em Sea Island? Quem teria sacado mais do que possuía em sua conta bancária? O elevador parou no décimo andar para que uma mulher acompanhada de dois Skye terriers entrasse. Trazia os cabelos presos no alto da cabeça e usava uma pele de marta. Cantarolava baixinho a "Missouri waltz".

Irene tomou dois martínis no almoço e, esquadrinhando o rosto da amiga, se perguntou que segredos ela guardava. As duas haviam combinado fazer compras depois do almoço, mas Irene se desculpou e voltou para casa. Disse à empregada que não queria ser perturbada e, fechando as portas da sala de visitas, ligou o rádio. Durante a tarde, ouviu a conversa desanimada de uma mulher que recebia sua tia, o final histérico de um grande almoço e uma dona de casa dando instruções à empregada sobre os convidados de um coquetel. "Não sirva o uísque mais caro a ninguém que não tenha cabelos brancos", disse a anfitriã. "Veja se consegue acabar com aquele patê de fígado antes de servir as coisas quentes. Você tem aí cinco dólares? Quero dar uma gorjeta para o ascensorista."

À medida que a tarde avançava, as conversas se tornavam mais intensas. De onde estava sentada, Irene podia ver o céu aberto sobre o East River. Havia centenas de nuvens, como se o vento do sul houvesse quebrado o inverno em pedacinhos e o soprasse rumo ao norte. No rádio, ela acompanhou a chegada dos convidados do coquetel e a volta para casa das crianças e dos maridos. "Achei um diamante grandinho no chão do banheiro hoje de manhã", disse uma mulher, "deve ter caído do bracelete que a sra. Dunston estava usando ontem à noite." "Vamos vendê-lo", disse um homem. "Leve para o joalheiro da Madison Avenue e o venda. A sra. Dunston nem vai dar pela falta dele, e nós podemos muito bem usar uns duzentos dólares..." A babá dos Sweeney cantava: *"Laranja e limão, dizem os sinos de são João. Deve-me dez xelins, dizem os sinos de são Martim. Quando me pagarás, dizem os sinos de são Tomás..."*. "Não é um chapéu!", exclamou uma mulher em meio ao vozerio do coquetel. "Não é um chapéu, é um caso de amor. Foi isso que o Walter Florell disse. Ele disse que não era um chapéu, e sim um caso de amor." E depois, numa voz mais baixa, a mesma mulher acrescentou: "Fale com alguém, pelo amor de Deus. Meu querido, fale com alguém. Se ela vir você parado aqui sem falar com ninguém, vai nos tirar da lista de convidados, e eu adoro essas festas".

Como os Westcott iam jantar fora naquela noite, Irene estava se vestindo

quando Jim voltou para casa. Achando que ela parecia triste e dispersa, ele lhe trouxe um drinque. Jantariam com amigos num restaurante próximo e foram a pé. O céu estava limpo e luminoso. Era uma dessas noites esplêndidas de primavera que excitam a memória e o desejo. O ar suave acariciava suas mãos e seus rostos. Na esquina, uma banda do Exército da Salvação tocava "Jesus é mais doce". Irene puxou o marido pelo braço e o manteve parado por um minuto para ouvir a música. "Eles são gente muito boa, não é mesmo?", ela disse. "Têm umas caras tão simpáticas! Na verdade, são muito melhores do que muita gente conhecida nossa." Pegou uma nota na bolsa, deu alguns passos à frente e a depositou no pandeiro. Quando voltou para o lado do marido, Irene irradiava uma expressão de melancolia que Jim nunca tinha visto. A conduta dela durante o jantar também lhe pareceu estranha. Interrompeu a anfitriã rudemente e encarou as pessoas do outro lado da mesa com uma intensidade que ela repreenderia em seus filhos.

A temperatura ainda estava agradável quando voltaram a pé do jantar. Irene olhou para as estrelas primaveris e declamou: "'Como chegam longe os raios de luz daquela pequena velinha! Assim brilha uma boa ação num mundo vil'". Esperou que Jim adormecesse e foi para a sala de visitas ligar o rádio.

Jim voltou perto das seis na noite seguinte e Emma, a empregada, lhe abriu a porta. Ele já havia tirado o chapéu e estava tirando o casaco quando Irene irrompeu no vestíbulo. Seu rosto estava banhado em lágrimas, os cabelos desgrenhados. "Vá ao 16-C, Jim!", ela suplicou. "Não tire o casaco. Vá ao 16-C. O sr. Osborn está batendo na mulher dele. Estão brigando desde as quatro, e agora ele começou a bater nela. Vá lá e faça com que ele pare!"

Do rádio na sala de visitas, Jim ouviu gritos, obscenidades e ruídos surdos. "Você sabe muito bem que não precisa ouvir esse tipo de coisa", ele disse. Entrou com passos fortes na sala e desligou o rádio. "É indecente", continuou. "É como espiar pela janela. Você sabe que não precisa ouvir essas coisas. Pode desligar."

"Ah, é tão horrível, tão pavoroso", disse Irene soluçando. "Estou ouvindo o dia todo, é muito deprimente!"

"Ora, se é tão deprimente, por que você fica ouvindo? Comprei essa droga desse rádio para te dar prazer", ele disse. "Paguei um dinheirão por ele. Pensei que ia te

fazer feliz. Eu queria te fazer feliz."

"Não, não, não, não brigue comigo", Irene choramingou, deitando a cabeça no ombro dele. "Todos os outros estão brigando o dia todo. Todo mundo brigando. Todos preocupados com dinheiro. A mãe da sra. Hutchinson está morrendo de câncer na Flórida e eles não têm dinheiro suficiente para interná-la na clínica Mayo. Ao menos é o que a sra. Hutchinson diz. E alguma mulher aqui no prédio está tendo um caso com o zelador — com aquele zelador horroroso. É muito nojento. E a sra. Melville tem problemas cardíacos. O sr. Hendricks vai perder o emprego em abril e a mulher dele está reagindo a isso de uma forma vergonhosa. A moça que toca a 'Missouri waltz' é uma prostituta, o ascensorista tem tuberculose e o sr. Osborn bate na mulher." Ela chorou alto, tremeu de tanta dor e secou com a palma da mão as lágrimas que lhe corriam pelo rosto.

"E então, por que você tem de ouvir isso?", Jim voltou a perguntar. "Para que escutar essas coisas se isso faz você se sentir tão miserável?"

"Ah, não, não, não", ela protestou. "A vida é terrível demais, sórdida e cruel demais. Mas nós nunca fomos assim, não é mesmo, meu querido? Não é verdade? Quer dizer, nós sempre fomos bons e decentes, sempre carinhosos um com o outro, não é mesmo? E temos dois filhos, dois filhos lindos. Nossas vidas não são sórdidas, não é, querido? Não é verdade?" Ela se agarrou ao seu pescoço e puxou o rosto dele para baixo. "Nós somos felizes, não somos, querido? Somos felizes, não somos?"

"Claro que somos felizes", ele disse com voz cansada, começando a superar a raiva. "Claro que somos felizes. Amanhã vou arranjar quem conserte esse rádio ou o leve embora." Afagou os cabelos macios de Irene. "Sua bobinha", ele disse.

"Você me ama, não é?", ela perguntou. "E nós não somos superpreocupados com dinheiro nem desonestos, não é mesmo?"

"Verdade, minha querida", ele respondeu.

Pela manhã, veio um técnico que consertou o rádio. Irene ligou o aparelho cautelosamente e ficou contente ao ouvir um anúncio de vinhos da Califórnia e uma gravação da Nona Sinfonia de Beethoven, incluindo a "Ode à alegria" de Schiller. Manteve o rádio ligado o dia todo e nada estranho saiu do alto-falante.

Uma suíte espanhola estava sendo tocada quando Jim chegou em casa. "Está tudo bem?", ele perguntou. Ela o achou pálido. Tomaram uns drinques e foram jantar ao som do "Coro dos ferreiros" de *Il trovatore*. Seguiu-se "La mer", de Debussy.

"Paguei o rádio hoje", disse Jim. "Custou quatrocentos dólares. Espero que você se divirta com ele."

"Ah, tenho certeza que vou me divertir", respondeu Irene.

"Quatrocentos dólares está bem acima das minhas disponibilidades", ele continuou. "Queria comprar alguma coisa que te desse prazer. É a última extravagância que vou poder fazer este ano. Vi que você ainda não pagou as contas das suas roupas, estavam em cima da penteadeira." Jim olhou diretamente para ela. "Por que me disse que pagou? Por que mentiu para mim?"

"Só não queria te preocupar, Jim", ela respondeu, bebendo depois um pouco de água. "Vou conseguir pagar minhas contas com a próxima mesada. No mês passado tivemos as capas dos sofás e aquela festa."

"Você tem que aprender a cuidar com um pouquinho mais de inteligência do dinheiro que te dou, Irene. Precisa entender que este ano não temos tanto dinheiro quanto no ano passado. Tive uma conversa muito séria com o Mitchell hoje. Ninguém está comprando nada. Gastamos todo o nosso tempo promovendo novos lançamentos, e você sabe quanto tempo isso toma. Não estou ficando mais moço, você sabe. Tenho trinta e sete anos. Meu cabelo vai ficar grisalho no ano que vem. Não cheguei aonde tinha esperado chegar. E não acho que as coisas vão melhorar."

"Está bem, meu querido", ela disse.

"Temos que começar a fazer economia", Jim prosseguiu. "Temos que pensar nas crianças. Para ser bem franco contigo, me preocupo um bocado com dinheiro. Não sinto segurança quanto ao futuro. Ninguém sente. Se acontecer alguma coisa comigo, está aí o seguro, mas hoje em dia isso não vai muito longe. Trabalhei muito duro para dar a você e às crianças uma vida confortável", ele disse com amargor. "Não gosto de ver todas as minhas energias, todos os meus melhores anos, gastos em casacos de pele, rádios, capas de sofá e..."

"Por favor, Jim", ela interrompeu. "Por favor. Vão nos ouvir."

"*Quem vai nos ouvir?* Emma não pode nos ouvir."

"O rádio."

"Ah, chega!", ele gritou. "Não suporto mais esses seus medos. O rádio não pode nos ouvir. Ninguém pode nos ouvir. E daí, se ouvirem? Quem se interessa por isso?"

Irene levantou-se da mesa e foi para a sala de visitas. Jim chegou à porta e de lá gritou para ela: "Por que você ficou cheia de pieguices de uma hora para outra? Por que de repente virou uma santinha? Você roubou as joias da tua mãe antes que se abrisse o testamento. Nunca deu à tua irmã um centavo do dinheiro herdado por ela — nem quando precisou. Você infernizou a vida de Grace Howland. E onde estava toda essa tua piedade e virtude quando foi fazer o aborto? Nunca vou esquecer da tua frieza naquela ocasião. Você fez a mala e saiu para arranjar alguém que assassinasse aquela criança como se estivesse indo passar férias em Nassau. Se você tivesse alguma razão, se tivesse alguma boa razão...".

Irene ficou durante um minuto diante do horrendo rádio, humilhada e nauseada, porém continuou a segurar o botão antes de extinguir a música e as vozes, na esperança de que o aparelho pudesse lhe falar de forma carinhosa, de que voltasse a ouvir a voz da babá dos Sweeney. Jim continuou a gritar da porta. A voz no rádio era suave e neutra. "Um desastre ferroviário no início da manhã em Tóquio", disse o alto-falante, "matou vinte e nove pessoas. Um incêndio num hospital católico perto de Buffalo, que atende crianças cegas, foi apagado esta manhã pelas freiras. A temperatura é de oito graus. A umidade é de oitenta e nove por cento."

"The enormous radio"
Trad. Jorio Dauster

Ó cidade dos sonhos falidos

Quando o trem de Chicago partiu de Albany e começou a galgar o vale do rio rumo a Nova York, os Malloy, que já tinham passado por vários estágios de entusiasmo, sentiram a respiração acelerar como se faltasse ar no vagão. Endireitaram as costas e ergueram a cabeça em busca de oxigênio como a tripulação de um submarino condenado. Sua filha, Mildred-Rose, evitou de maneira invejável a agitação. Ela adormeceu. Evarts Malloy queria tirar as malas do compartimento de bagagem, mas Alice, sua esposa, conferiu a tabela de horários e disse que era cedo demais. Ela olhou pela janela e viu o magnânimo Hudson.

"Por que dizem que ele é o remo da América?", indagou ao marido.

"O Reno", disse Evarts. "Não o remo."

"Ah."

Tinham partido de seu lar em Wentworth, Indiana, no dia anterior e, apesar da emoção da viagem e do destino radioso, os dois ainda se perguntavam, de vez em quando, se haviam lembrado de desligar o gás ou de confirmar se a pilha de lixo atrás do celeiro queimara até o fim. Como certas pessoas que podem ser vistas às vezes na Times Square nas noites de sábado, vestiam roupas que tinham sido

guardadas especialmente para essa escapada. Os sapatos sociais dele não tinham saído do fundo do armário provavelmente desde o enterro do pai ou o casamento do irmão. Ela usava pela primeira vez as luvas novas — as luvas que ganhara no Natal fazia dez anos. O alfinete de colarinho encardido dele, o prendedor de gravata rubricado e preso a uma correntinha dourada, as meias chiques, o lenço de viscose no bolso interno do paletó e o cravo de plumas na lapela haviam sido preservados na gaveta de cima da cômoda durante anos com a firme convicção de que um dia a vida o arrancaria de Wentworth.

Alice Malloy tinha cabelos escuros e embaraçados e até mesmo o marido, que a amava mais do que sabia, às vezes olhava seu rosto esguio e lembrava da entrada de um conjunto habitacional num dia de chuva, pois seu semblante era alongado, vago e mal iluminado, um lugar de passagem para as suaves dores e delícias da pobreza. Evarts Malloy era muito magro. Trabalhara como motorista de ônibus e andava meio encurvado. Sua filha dormia chupando o dedo. Os cabelos dela eram escuros e seu rosto encardido era alongado como o da mãe. Quando um movimento brusco do trem a despertava, ela sugava ruidosamente o dedão até perder a consciência de novo. Não tivera oportunidade de guardar tantos adereços quanto seus pais, pois tinha apenas cinco anos, mas vestia um casaco de pele branco. O chapéu e o regalo que completavam o conjunto tinham se perdido havia muitas gerações; as peles do casaco estavam ressequidas e gastas, mas ela as alisava enquanto dormia como se tivessem a extraordinária propriedade de lhe garantir que tudo estava bem, tudo estava bem.

O condutor que percorreu o carro recolhendo bilhetes depois de Albany reparou nos Malloy e algo na aparência deles o preocupou. Quando estava voltando pelo vagão, parou no assento deles e puxou conversa primeiro sobre Mildred-Rose, depois sobre o destino da família.

"É a primeira vez que vão a Nova York?", perguntou.

"Sim", disse Evarts.

"Estão indo ver as belezas da cidade?"

"Oh, não", disse Alice. "Estamos indo a negócios."

"Procurando emprego?", quis saber o condutor.

"Oh, não. Conta pra ele, Evarts."

"Bem, não é exatamente um emprego", disse Evarts. "Não estou procurando

emprego, na verdade. Na verdade, meio que já tenho um." Seu jeito era amistoso e humilde e ele contou sua história com entusiasmo, pois o condutor era a primeira pessoa a se interessar por ela. "Estive no exército, sabe, e, depois que saí do exército, voltei pra casa e comecei a dirigir o ônibus de novo. Sou motorista do ônibus noturno. Mas eu não gostava. Vivia tendo dor de barriga e meus olhos doíam de dirigir à noite, por isso comecei a escrever uma peça durante as tardes. É que na rota 7, perto de Wentworth, onde moramos, tem uma velha chamada Mama Finelli que tem um posto de gasolina e um viveiro de cobras. É uma figura conhecida, muito geniosa e marcante, e então decidi escrever uma peça sobre ela. Ela é cheia de frases geniosas e marcantes. Bem, eu escrevi um primeiro ato — e daí Tracey Murchison, o produtor, veio de Nova York pra dar uma palestra no Clube Feminino sobre os problemas do teatro. Bem, Alice foi a essa palestra e, quando ele começou a reclamar, quando Murchison começou a reclamar da falta de jovens dramaturgos, Alice levantou a mão e disse a Murchison que seu marido era um jovem dramaturgo e que ele deveria ler a peça dele. Não foi, Alice?"

"Sim", disse Alice.

"Bem, aí ele se fez de louco", seguiu Evarts, "Murchison se fez de louco, mas Alice pegou ele de jeito porque toda aquela gente estava ouvindo, e, quando ele terminou a palestra, ela não teve dúvidas, subiu no palco e entregou a peça pra ele — ela havia trazido no bolso do casaco. Bom, e depois ela foi junto com ele até o hotel onde ele estava hospedado e ficou sentada a seu lado até que ele terminasse de ler a peça — o primeiro ato, quer dizer. Só escrevi até aí. Bem, e na peça tem um papel que, de cara, ele já quis dar pra mulher dele, Madge Beatty. Imagino que saiba quem é Madge Beatty. E sabe o que ele fez depois? Sentou na mesma hora, preencheu um cheque de trinta e cinco dólares e disse que era pra Alice e eu irmos a Nova York! Aí a gente sacou toda a poupança, cortamos as amarras e aqui estamos."

"Bem, parece que tem muita grana envolvida nisso", disse o condutor. Desejou sorte aos Malloy e foi embora.

Evart quis pegar as malas em Poughkeepsie e novamente em Harmon, mas Alice conferia cada lugar na tabela de horários e o fazia aguardar. Nenhum deles tinha visto Nova York na vida e eles observaram avidamente os arredores da cidade, pois Wentworth era uma cidade deplorável e naquela tarde, aos olhos deles, até os

cortiços de Manhattan pareciam formidáveis. Quando o trem mergulhou na escuridão debaixo da Park Avenue, Alice se sentiu cercada por inventos de gigantes. Acordou Mildred-Rose e amarrou o gorro da menina com dedos trêmulos.

Quando os Malloy estavam desembarcando do trem, Alice percebeu que o piso nas profundezas da estação tinha um brilho glacial e imaginou que podiam ter misturado diamantes ao concreto. Ela proibiu Evarts de pedir orientações. "Se perceberem que somos novatos, vão nos depenar", sussurrou. Vagaram pelo saguão de mármore seguindo o ruído do tráfego e das buzinas como se a vida dependesse disso. Alice, que havia estudado um mapa de Nova York, sabia que direção tomar ao saírem da estação. Caminharam pela rua 42 até a Quinta Avenida. Todos os rostos com que cruzavam pareciam concentrados e resolutos, como se pertencessem a pessoas envolvidas no destino de grandes projetos. Evarts nunca tinha visto tantas mulheres bonitas, rostos jovens com a promessa de uma conquista fácil. Era uma tarde de inverno e a luz da cidade estava clara e matizada de violeta, igual à luz dos campos ao redor de Wentworth.

Seu destino, o hotel Mentone, ficava numa rua secundária a oeste da Sexta Avenida. Era um lugar escuro com recintos malcheirosos e péssima comida, e o teto do saguão tinha tanto gesso e detalhes dourados que não faria feio diante das capelas do Vaticano. Era um hotel popular entre os idosos e atraente às más reputações, e os Malloy tinham ido parar lá porque o Mentone anunciava nos painéis das estações de trem por todo o oeste. Muitos inocentes tinham ido parar lá antes deles, e sua doçura e simplicidade haviam triunfado sobre a atmosfera aparente de esplendor decrépito e de pequenos vícios, deixando nas áreas de uso comum uma fragrância de humildade que lembrava uma loja interiorana de rações para animais numa tarde de inverno. Um carregador os acompanhou até o quarto. Assim que ele foi embora, Alice examinou a banheira e abriu as cortinas da janela. A janela dava para uma parede de tijolos, mas, ao abri-la, Alice escutou o barulho do tráfego e ele soava, da mesma forma que na estação, como a voz titânica e irresistível da própria vida.

Os Malloy foram parar, aquela tarde, no Automat da Broadway. Gritaram de prazer diante das torneiras mágicas de café e das portas de vidro que abriam

sozinhas. "Amanhã vou experimentar os feijões", bradou Alice, "e depois de amanhã a torta de frango e depois os bolinhos de peixe." Quando terminaram a refeição, foram para a rua. Mildred-Rose andava entre os pais, segurando suas mãos calosas. Começava a escurecer e as luzes da Broadway atendiam às suas preces singelas. Imagens grandes e bem iluminadas de heróis ensanguentados, amantes criminosos, monstros e marginais armados pendiam das alturas. Os nomes de filmes, refrigerantes, restaurantes e cigarros formavam um amontoado de luzes e à distância, além do rio Hudson, dava para ver o impiedoso crepúsculo do inverno. Os prédios altos a leste estavam iluminados e pareciam queimar, como se o fogo tivesse caído sobre suas silhuetas escuras. O ar estava repleto de música e a luz era mais clara que a do dia. Deixaram-se levar pela multidão durante horas.

Mildred-Rose ficou cansada e começou a chorar, fazendo com que seus pais por fim a levassem de volta ao Mentone. Alice tinha começado a despi-la quando bateram de leve na porta.

"Entre", gritou Evarts.

Um carregador ficou ali parado. Tinha o porte de um garoto, mas seu rosto era cinza e enrugado. "Só queria ver se vocês estavam bem", disse. "Só queria ver se não gostariam de um ginger ale ou de um pouco de água gelada."

"Oh, não, muito obrigada", disse Alice. "Mas foi bondade sua ter vindo perguntar."

"Vocês estão vindo para Nova York pela primeira vez?", perguntou o carregador. Ele fechou a porta e sentou no braço de uma poltrona.

"Sim", respondeu Evarts. "Saímos de Wentworth — isso fica em Indiana — ontem às nove e quinze, rumo a South Bend. Depois fomos para Chicago. Jantamos em Chicago."

"Comi a torta de frango", disse Alice. "Estava uma delícia." Ela enfiou a camisola de Mildred-Rose por cima da cabeça da menina.

"E depois viemos para Nova York", disse Evarts.

"O que vieram fazer aqui?", quis saber o carregador. "Aniversário de casamento?" Pegou um cigarro de um maço que estava sobre a cômoda e escorregou para o assento da poltrona.

"Oh, não", disse Evarts. "Tiramos a sorte grande."

"Chegou a nossa vez", disse Alice.

"Um concurso?", perguntou o carregador. "Algo assim?"

"Oh, não", disse Evarts.

"Conta pra ele, Evarts."

"Isso", disse o carregador. "Conta pra mim, Evarts."

"Bem, veja só", disse Evarts, "começou assim." Ele sentou na cama e acendeu um cigarro. "Estive no exército, entendeu, e, depois que saí do exército, voltei pra Wentworth…" Repetiu ao carregador a mesma história que tinha contado ao condutor.

"Oh, que sorte vocês têm!", exclamou o carregador assim que Evarts terminou seu relato. "Tracey Murchison! Madge Beatty! Que sorte vocês têm." Passou os olhos pelo quarto quase sem mobília. Alice estava acomodando Mildred-Rose no sofá, onde a menina dormiria. Evarts estava sentado na beira da cama, balançando as pernas. "O que vocês precisam agora é de um bom agente", disse o carregador. Escreveu um nome e um endereço num pedaço de papel e o entregou a Evarts. "A Hauser Agency é a maior do mundo", falou, "e Charlie Leavitt é o melhor cara da Hauser Agency. Quero que fiquem à vontade pra levar seus problemas ao Charlie e, se ele perguntar quem o indicou, digam que foi o Bitsey." Foi em direção à porta. "Boa noite, sortudos. Boa noite. Sonhem com os anjos. Sonhem com os anjos."

Os Malloy eram filhos trabalhadores de uma geração empreendedora e já estavam em pé às seis e meia da manhã seguinte. Esfregaram o rosto e as orelhas e escovaram os dentes com sabonete. Às sete, partiram para o Automat. Evarts não tinha dormido aquela noite. O barulho do tráfego o mantivera acordado e ele passara a madrugada sentado ao lado da janela. Sentia a boca chamuscada pela fumaça do tabaco e a falta de sono o deixava nervoso. Ficaram todos surpresos ao encontrar uma Nova York ainda adormecida. Ficaram chocados. Tomaram o café da manhã e retornaram ao Mentone. Evarts ligou para o escritório de Tracey Murchison, mas ninguém atendeu. Ligou várias outras vezes para o escritório. Às dez horas, uma garota atendeu o telefone. "O sr. Murchison o receberá às três", ela disse, e desligou. Já que não havia nada a fazer a não ser esperar, Evarts levou a esposa e a filha à Quinta Avenida. Ficaram olhando as vitrines das lojas. Às onze, quando as portas do Radio City Music Hall se abriram, eles entraram.

Foi uma escolha feliz. Rondaram as salas de espera e os toaletes durante uma hora antes de se acomodarem em seus assentos, e na hora do espetáculo, quando

um enorme samovar subiu do fosso da orquestra e despejou quarenta homens vestindo uniformes cossacos e cantando "Dark eyes", Alice e Mildred-Rose berraram de alegria. O espetáculo parecia ocultar, detrás do esplendor, uma inteligência simples e familiar, como se os ventos que agitavam os quilômetros de cortinas douradas soprassem direto de Indiana. A apresentação deixou Alice e Mildred-Rose distraídas de tanto prazer e Evarts precisou guiá-las pela calçada no caminho de volta para o Mentone, para que não colidissem com os hidrantes. Eram quinze para as três quando retornaram ao hotel. Evarts se despediu da esposa e da filha com um beijo e foi ao encontro de Murchison.

Ele se perdeu. Ficou com medo de se atrasar. Começou a correr. Pediu orientação a alguns policiais e finalmente chegou ao prédio de escritórios.

A sala de recepção do escritório de Murchison era lúgubre — intencionalmente lúgubre, esperava Evarts —, mas não fazia feio, pois lá estavam diversos homens e mulheres bonitos aguardando para falar com o sr. Murchison. Ninguém estava sentado e eles batiam papo, como se encantados por essa demora que os forçava a esperar. A recepcionista acompanhou Evarts a um escritório mais interno. Esse também estava lotado, mas a atmosfera era de pressa e inquietação, como se o local estivesse sendo cercado. Murchison estava lá e cumprimentou Evarts ardorosamente. "Estou com seu contrato bem aqui", ele disse, entregando uma caneta a Evarts e empurrando uma pilha de contratos na sua direção. "Agora quero que vá correndo conhecer Madge", Murchison disse, assim que Evarts tinha assinado os contratos. Deu uma olhada em Evarts, arrancou o cravo de plumas da sua lapela e o atirou na lixeira. "Vamos, vamos, vamos", falou. "Ela está no 400 da Park Avenue. Está louca pra te conhecer. Está esperando. Nos vemos mais tarde, hoje à noite — acho que Madge planejou algo —, mas vá correndo."

Evarts disparou até o corredor e ficou chamando o elevador com impaciência. Assim que saiu do prédio, se perdeu e foi parar no distrito das lojas de peles. Um policial explicou a ele o caminho de volta até o Mentone. Alice e Mildred-Rose estavam à espera no saguão e ele contou a elas o que tinha acontecido. "Vou sair para encontrar Madge Beatty agora", disse. "Preciso correr!" Bitsey, o carregador, escutou de longe essa conversa. Soltou as malas que estava carregando e se juntou ao grupo. Explicou a Evarts como chegar à Park Avenue. Evarts beijou Alice e Mildred-Rose mais uma vez. Elas acenaram em despedida e ele saiu correndo porta

afora.

Evarts tinha visto a Park Avenue em tantos filmes que agora contemplava sua imensidão e seu desolamento com uma sensação de familiaridade. Subiu pelo elevador até o apartamento dos Murchison e foi acompanhado pela empregada até uma bonita sala de estar. O fogo crepitava e havia flores no consolo da lareira. Ele se pôs de pé num salto quando Madge entrou. Ela era frágil, faceira e dourada, e sua voz rouca e cerimoniosa fez com que ele se sentisse exposto. "Li a sua peça, Evarts", ela disse, "e adorei, adorei, adorei." Transitou com leveza pela sala, falando ora voltada para ele ora por cima do ombro. Não era tão jovem quanto dera a impressão de ser num primeiro momento, e à luz das janelas parecia quase encarquilhada. "Você vai desenvolver mais o meu papel quando escrever o segundo ato, espero. Vai fazer ele crescer, crescer e crescer."

"Farei tudo que você desejar, sra. Beatty."

Ela sentou, e entrelaçou as belas mãos. Seus pés eram enormes, Evarts reparou. As canelas eram finas e isso fazia os pés parecerem muito grandes. "Oh, nós adoramos a sua peça, Evarts", disse. "Adoramos ela, queremos ela, precisamos dela. Tem ideia do quanto precisamos dela? Temos dívidas, Evarts, temos dívidas pavorosas." Ela pôs a mão no peito e sussurrou: "Devemos um milhão, novecentos e sessenta e cinco mil dólares". Deixou a luz preciosa inundar de novo sua voz. "Mas agora estou impedindo você de escrever a sua peça maravilhosa", disse. "Estou distraindo você do trabalho e quero que volte e escreva, escreva e escreva, e quero que você e sua esposa venham aqui quando quiserem, depois das nove horas de hoje, pra conhecer alguns de nossos amigos mais queridos."

Evarts perguntou ao porteiro como se voltava para o Mentone, mas entendeu mal as indicações e se perdeu de novo. Caminhou pelo East Side até encontrar um policial que lhe explicou como retornar ao hotel. Quando chegou, era tão tarde que Mildred-Rose estava chorando de fome. Os três se lavaram, foram ao Automat e caminharam para cima e para baixo na Broadway até perto das nove. Voltaram para o hotel. Alice pôs seu vestido de festa e ela e Evarts deram um beijo de boa-noite em Mildred-Rose. No saguão, cruzaram com Bitsey e disseram a ele aonde iam. Ele prometeu ficar de olho em Mildred-Rose.

A caminhada até o lar dos Murchison era mais demorada do que Evarts podia lembrar. O casaco de Alice era fino. Quando chegaram ao edifício residencial, ela já estava azulada de frio. Ao descerem do elevador, puderam ouvir, à distância, alguém tocando piano e uma mulher cantando *"A kiss is but a kiss, a sigh is but a sigh…"*. Uma mulher recolheu os seus casacos e o sr. Murchison os cumprimentou de uma porta distante. Alice se recompôs e ajeitou a peônia de tecido presa na frente do vestido, e então eles entraram.

A sala estava cheia, as luzes eram fracas e a cantora estava quase terminando a música. Havia um odor intoxicante de peles de animais e perfumes adstringentes no ar. O sr. Murchison apresentou os Malloy a um casal parado ao lado da porta e os abandonou. O casal deu as costas aos Malloy. Evarts estava tímido e calado, mas Alice estava empolgada e começou a especular, baixinho, sobre a identidade das pessoas ao redor do piano. Tinha certeza de que todos eram estrelas de cinema, e tinha razão.

A cantora terminou a música, levantou do piano e se afastou. Houve uma pequena rodada de aplausos seguida por um silêncio curioso. O sr. Murchison chamou outra mulher para cantar. "Não vou entrar depois *dela*", disse a mulher. A situação, fosse qual fosse, tinha interrompido as conversas. O sr. Murchison pediu a várias pessoas que fossem à frente, mas todas se recusaram. "Quem sabe a sra. Malloy não pode cantar para nós", ele disse com má vontade.

"Tá bom", disse Alice. Ela foi até o centro da sala. Assumiu sua posição, entrelaçou os dedos e, mantendo as mãos na altura do peito, começou a cantar.

A mãe de Alice a ensinara a cantar sempre que o anfitrião pedisse, e Alice jamais violara nenhum dos ensinamentos da mãe. Quando era pequena, teve lições de canto com a sra. Bachman, uma viúva idosa que morava em Wentworth. Tinha cantado em eventos da escolinha e do colégio. Nos feriados em família, sempre chegava um momento, no fim da tarde, em que pediam a ela que cantasse; ela levantava de seu lugar no sofá duro que ficava perto do fogão a lenha, ou chegava da cozinha, onde estava lavando pratos, para cantar as músicas que a sra. Bachman havia lhe ensinado.

O convite daquela noite fora tão inesperado que Evarts não tivera a chance de impedir que a esposa o aceitasse. Havia detectado a má vontade na voz de Murchison e a teria impedido de aceitar o convite, mas, no instante em que ela

começou a cantar, ele esqueceu o assunto. Sua voz era afinada, sua postura era austera e comovente, e ela estava cantando para aquela gente em obediência aos bons modos que tinha no coração. Assim que superou a perplexidade, ele reparou no respeito e na atenção que os convidados dos Murchison estavam dedicando à música. Muitos deles tinham vindo de cidades tão pequenas quanto Wentworth; eram uma gente de boa índole, e o ar de simplicidade transmitido pela voz de Alice os fazia pensar em suas origens. Ninguém sussurrava nem sorria. Muitos tinham baixado a cabeça, e ele viu uma mulher tocar os olhos com um lenço. Alice havia triunfado, pensou, mas então ele percebeu que a canção era "Annie Laurie".

Anos antes, quando a sra. Bachman tinha ensinado essa canção a Alice, ela a tinha ensinado a encerrar o número com um procedimento que fez sucesso na infância, na adolescência e no ensino médio, mas que, até mesmo na aborrecida sala de estar de Wentworth, com seus cheiros inexoráveis de comida e pobreza, havia começado a cansar e a preocupar sua família. Ela fora ensinada a desabar no chão assim que cantasse o último verso da música, "*Lay me doun and dee*". Caía com menos vontade agora que estava mais velha, mas continuava caindo, e Evarts viu que naquela noite, por sua expressão serena, uma queda fazia parte de seus planos. Pensou em ir até ela, abraçá-la e soprar em seu ouvido que o hotel estava pegando fogo ou que Mildred-Rose estava doente. Em vez disso, virou-se de costas.

Alice inspirou rapidamente e investiu no último verso. Evarts tinha começado a suar tão profusamente que o sal entrava em seus olhos. "*I'll lay me doun and dee*", ouviu-a cantar; ouviu o tremendo estrondo de quando ela desabou no chão; ouviu as gargalhadas descontroladas, a tosse dos fumantes e os palavrões de uma mulher que riu com tanta força que acabou arrebentando seu peitilho de pérolas. Os convidados dos Murchison pareciam ter caído vítimas de um feitiço. Choravam, se sacudiam, se dobravam, batiam nas costas uns dos outros e andavam em círculos como lunáticos. Quando Evarts enfrentou a cena, Alice estava sentada no chão. Ele a ajudou a levantar. "Venha, querida", falou. "Venha." Com o braço ao seu redor, foi com ela até o vestíbulo.

"Eles não gostaram da minha canção?", ela perguntou. Começou a chorar.

"Não importa, querida", disse Evarts, "não importa, não importa." Pegaram seus casacos e voltaram caminhando no frio até o Mentone.

Bitsey estava à espera deles no corredor, em frente à porta do quarto. Queria

saber tudo a respeito da festa. Evarts fez Alice entrar no quarto e conversou sozinho com o carregador. "Acho que não quero mais ter relação nenhuma com os Murchison", disse. "Vou arranjar outro produtor."

"Esse é o meu garoto, esse é o meu garoto", disse Bitsey. "Agora gostei de ver. Mas primeiro quero que vá à Hauser Agency falar com Charlie Leavitt."

"Está bem", disse Evarts. "Está bem, vou falar com Charlie Leavitt."

Alice chorou até adormecer. Evarts não conseguiu dormir, de novo. Ficou sentado numa cadeira ao lado da janela. Deu uma cochilada pouco antes do amanhecer, mas por pouco tempo. Às sete da manhã, levou a família ao Automat.

Bitsey veio ao quarto dos Malloy depois do café da manhã. Estava muito animado. Um colunista de um dos jornais por assinatura tinha noticiado a chegada de Evarts a Nova York. Um membro de gabinete e um rei balcânico eram mencionados no mesmo parágrafo. Então o telefone começou a tocar. Primeiro, ligou um homem que pretendia vender a Evarts um casaco de pele de marta usado. Depois ligaram um advogado e uma lavanderia, uma costureira, uma creche, várias agências e um homem que dizia poder lhes arranjar um bom apartamento. Evarts disse não a todas essas importunações, mas em todos os casos precisou discutir antes de bater o telefone. Bitsey havia marcado um encontro dele com Charlie Leavitt ao meio-dia e, quando chegou a hora, Evarts beijou Alice e Mildred-Rose e saiu.

A Hauser Agency ficava num dos prédios do Radio City. Dessa vez, o assunto que vinha resolver permitia que ele cruzasse as formidáveis portas do edifício como se fosse qualquer outra pessoa, Evarts disse consigo. Os escritórios da Hauser ficavam no vigésimo sexto andar. Ele não informou o andar antes que o elevador começasse a subir. "Agora é tarde", disse o ascensorista. "Precisa me dizer o número do andar assim que entrar." Evarts sabia que isso o estigmatizava como um novato diante de todos os outros passageiros do elevador, e enrubesceu. Subiu até o sexagésimo andar antes de retornar ao vigésimo sexto. Quando ele saiu do elevador, o ascensorista soltou um risinho de escárnio.

No fim de um corredor comprido havia duas portas de bronze cerradas por uma águia bifurcada. Evarts girou as asas da majestosa ave e adentrou o grandioso salão de uma mansão. Os painéis das paredes estavam corroídos por vermes e esbranquiçados pela podridão. À distância, detrás de uma pequena janela

envidraçada, avistou uma mulher usando fones de ouvido. Foi até ela, disse a que viera e recebeu ordens para sentar. Sentou num sofá de couro e acendeu um cigarro. A magnificência do recinto lhe causou uma profunda impressão. Mas aí percebeu que o sofá estava coberto de pó. O mesmo valia para a mesa, para as revistas em cima dela, para a luminária, para o molde em bronze do *Le baiser* de Rodin — tudo no vasto salão estava coberto de pó. Ao mesmo tempo, reparou na estranha quietude do lugar. Nem sinal de todos os ruídos característicos de um escritório. No meio dessa quietude, chegava dos confins da Terra a música gravada do rinque de patinação, onde um carrilhão estava tocando *"Joy to the world! The Lord is come!"*. As revistas na mesinha ao lado do sofá eram de cinco anos antes.

Depois de um tempo, a recepcionista apontou para uma porta dupla no fim do salão e Evarts caminhou timidamente até ela. O escritório do outro lado era menor que o salão de onde tinha acabado de sair, porém mais escuro, majestoso e imponente, e ele ainda podia escutar, vinda de longe, a música do rinque de patinação. Havia um homem sentado atrás de uma escrivaninha antiquada. Ficou em pé assim que percebeu a presença de Evarts. "Bem-vindo, Evarts, bem-vindo à Hauser Agency!", ele bradou. "Ouvi dizer que tem uma propriedade valiosa em mãos, e Bitsey me contou que você não quer mais saber de Tracey Murchison. Não li sua peça, é claro, mas, se Tracey quer, eu também quero, e Sam Farley também. Tenho um produtor pra você, tenho uma estrela pra você, tenho um teatro pra você e acho que tenho um esquema de pré-produção encaminhado. Cem mil, num teto de quatrocentos mil. Sente-se, sente-se."

O sr. Leavitt parecia estar comendo alguma coisa ou tinha algum problema nos dentes, pois no fim de cada frase ele ficava mexendo os lábios de maneira ruidosa e compenetrada, como um gourmet. Pelas migalhas que tinha nos cantos da boca, era possível que estivesse comendo algo até minutos antes. Ou podia ter algum problema nos dentes, já que os ruídos labiais continuaram por toda a entrevista. O sr. Leavitt usava muito ouro. Tinha vários anéis, um bracelete de identificação dourado e um relógio com pulseira de ouro, e carregava uma cigarreira de ouro incrustada de joias. A cigarreira estava vazia, e Evarts lhe forneceu cigarros durante a conversa.

"Agora quero que volte ao hotel, Evarts", berrou o sr. Leavitt, "e não quero que esquente com nada. Charlie Leavitt está tomando conta da sua propriedade. Quero

que prometa que não vai se preocupar. Mas vejamos, pelo que entendi você já assinou um contrato com Murchison. Vou declarar esse contrato nulo e inválido, e meu advogado vai declarar esse contrato nulo e inválido e, se Murchison contestar, nós o arrastaremos para o tribunal e faremos o juiz declarar esse contrato nulo e inválido. Porém, antes de irmos em frente", disse com a voz mais branda, "quero que assine esses papéis, que me dão autoridade para representar você." Empurrou alguns papéis e uma caneta-tinteiro de ouro para cima de Evarts. "Basta assinar os papéis", disse em tom lastimoso, "e ganhará quatrocentos mil dólares. Oh, vocês autores!", exclamou. "Sortudos são os autores!"

Assim que Evarts assinou os papéis, a atitude do sr. Leavitt mudou e ele voltou a berrar. "O produtor que te arranjei é Sam Farley. A estrela é Susan Hewitt. Sam Farley é irmão de Tom Farley. É casado com Clarissa Douglas e é tio de George Howland. Pat Levy é seu cunhado e Mitch Kababian e Howie Brown são parentes dele por parte de mãe. A mãe era Lottie Mayes. São uma família muito unida. São um time e tanto. Quando seu espetáculo estrear em Wilmington, Sam Farley, Tom Farley, Clarissa Douglas, George Howland, Pat Levy, Mitch Kababian e Howie Brown estarão todos lá naquele hotel escrevendo o seu terceiro ato. Quando seu espetáculo chegar em Baltimore, Sam Farley, Tom Farley, Clarissa Douglas, George Howland, Pat Levy, Mitch Kababian e Howie Brown irão junto com ele para Baltimore. E, quando seu espetáculo estrear na Broadway com uma produção de alto nível, quem estará ali na primeira fila, torcendo por você?" O sr. Leavitt tinha forçado muito a voz e concluiu com um sussurro rouco: "Sam Farley, Tom Farley, Clarissa Douglas, George Howland, Pat Levy, Mitch Kababian e Howie Brown".

"Agora, quero que volte ao hotel e se divirta", gritou, depois de ter limpado a garganta. "Te ligo amanhã para dizer quando Sam Farley e Susan Hewitt vão poder falar com você, e vou ligar agora para Hollywood e dizer a Max Rayburn que poderá ter você por cem mil até um teto de quatrocentos mil, e nem um centavo a menos." Deu tapinhas nas costas de Evarts e o acompanhou gentilmente até a porta. "Divirta-se, Evarts."

Refazendo seu caminho pelo salão, Evarts percebeu que a recepcionista estava comendo um sanduíche. Ela acenou para ele.

"Quer arriscar a sorte com um Buick conversível novinho?", cochichou. "Dez

centavos a tentativa."

"Oh, não, obrigado", disse Evarts.

"Ovos frescos?", ela perguntou. "Eu os trago de Jersey toda manhã."

"Não, obrigado", disse Evarts.

Evarts atravessou com pressa a multidão até chegar de volta ao Mentone, onde Alice, Mildred-Rose e Bitsey o aguardavam. Descreveu a reunião que tivera com Leavitt. "Quando eu receber aqueles quatrocentos mil", disse, "vou mandar uma parte para Mama Finelli." Alice lembrou de várias outras pessoas em Wentworth que estavam precisando de dinheiro. Naquela noite, para comemorar, eles foram a uma cantina italiana em vez de ir ao Automat. Depois do jantar, foram ao Radio City Music Hall. Evarts não conseguiu de novo dormir durante a noite.

Em Wentworth, Alice tinha ficado conhecida como o membro mais prático da família. Havia uma certa jocosidade nisso. Ela botava o orçamento no papel e gerenciava o dinheirinho da feira, e as pessoas costumavam dizer que Evarts trocaria os pés pelas mãos se não fosse por Alice. O traço administrativo de sua personalidade fez com que ela lembrasse a Evarts, no dia seguinte, que ele tinha parado de trabalhar na peça. Ela assumiu o controle da situação. "Sente e escreva a peça", disse, "e eu e Mildred-Rose vamos ficar andando pela Quinta Avenida para que você possa ficar aqui sozinho."

Evarts tentou trabalhar, mas o telefone começou a tocar de novo e ele foi interrompido regularmente por vendedores de joias, advogados da área teatral e serviços de lavanderia. Perto das onze, atendeu o telefone e ouviu uma voz enfurecida. Era Murchison. "Eu trouxe você de Wentworth", berrava ele, "e fiz de você o que é hoje. E agora me dizem que você violou meu contrato e me traiu com Sam Farley. Vou te destruir, vou te arruinar, vou te processar, vou…" Evarts desligou e não atendeu quando o telefone voltou a tocar um minuto depois. Deixou um bilhete para Alice, botou o chapéu e foi caminhando até o escritório da Hauser na Quinta Avenida.

Nessa manhã, quando girou a águia bifurcada da porta dupla e entrou no salão da mansão, ele deu de cara com o sr. Leavitt em mangas de camisa, varrendo o chão. "Oh, bom dia", disse Leavitt. "Terapia ocupacional." Ele escondeu a vassoura

e a pá de lixo atrás de uma cortina de veludo. "Entre, entre", disse, enquanto vestia o paletó e conduzia Evarts para o escritório interno. "Hoje à tarde você conhecerá Sam Farley e Susan Hewitt. Você é um dos homens mais sortudos de Nova York. Alguns homens nunca encontram Sam Farley. Nem uma única vez na vida — não chegam a conhecer a sua espirituosidade, nunca sentem a força de sua personalidade incomparável. Quanto a Susan Hewitt…" Por um momento, ele ficou sem palavras. Disse que a reunião estava marcada para as três. "Você os encontrará na belíssima casa de Sam Farley", falou, passando a Evarts o endereço.

Evarts tentou descrever a conversa telefônica que tivera com Murchison, mas Leavitt o interrompeu. "Só te pedi uma coisa", gritou. "Te pedi pra não esquentar. É pedir demais? Peço que converse com Sam Farley e dê uma boa olhada em Susan Hewitt pra me dizer se acha que ela serve pro papel. É pedir demais? Trate de se divertir agora. Vá assistir a um cinejornal. Vá ao zoológico. Vá encontrar Sam Farley às três." Deu tapinhas nas costas de Evarts e o empurrou para a porta.

Evarts almoçou no Mentone com Alice e Mildred-Rose. Estava com dor de cabeça. Depois do almoço, ficaram caminhando pela Quinta Avenida, e perto das três Alice e Mildred-Rose foram andando com ele até a casa de Sam Farley. Era um prédio imponente, com fachada de pedra bruta, como um presídio espanhol. Deu um beijo de despedida em Alice e em Mildred-Rose e tocou a campainha. Um mordomo abriu a porta. Soube que era um mordomo pelas calças listradas. O mordomo o conduziu até uma sala de visitas no segundo andar.

"Vim ver o sr. Farley", disse Evarts.

"Eu sei", respondeu o mordomo. "Você é Evarts Malloy. Tem uma reunião marcada. Mas ele não poderá atendê-lo. Está preso num jogo de dados clandestino na Acme Garage, na rua 100 com a 64, e só volta amanhã. Mas Susan Hewitt virá. Querem que você a conheça. Oh, se você fizesse ideia do que acontece aqui neste lugar!" Ele diminuiu a voz até sobrar um sussurro e chegou perto do rosto de Evarts. "Se essas paredes falassem! Não tem bandalheira nesta casa desde que voltamos de Hollywood e ele não me paga desde 21 de junho. Eu não me importaria tanto, mas o filho da puta nunca aprendeu a esvaziar a banheira. Ele toma banho e deixa a água suja lá parada. Estagnando. Como se não bastasse, ontem cortei meu dedo lavando a louça." Havia um curativo sujo no indicador do mordomo e ele começou a desfazer rapidamente as várias camadas de gaze

ensanguentada. "Olha", disse, e enfiou a ferida na cara de Evarts. "Foi até o osso. Ontem dava pra ver o osso. Sangue. Sangue por todo lado. Levei meia hora para limpar tudo. É um milagre não ter infeccionado." Comentou o milagre balançando a cabeça. "Quando a garota chegar, mando ela subir." O mordomo saiu da sala com um andar perdido, arrastando atrás de si um rabo de curativo ensanguentado.

Os olhos de Evarts estavam ardendo de cansaço. Estava tão cansado que teria caído no sono ao encostar a cabeça em qualquer coisa. Ouviu o toque da campainha e o mordomo cumprimentando Susan Hewitt. Ela subiu as escadas correndo e entrou na sala de visitas.

Era jovem e entrou na sala como se esta fosse a casa dela e ela tivesse acabado de voltar da escola. Era leve, seus traços eram delicados e muito juvenis, e seus cabelos claros, arrumados num penteado simples, tinham começado a escurecer naturalmente e exibiam riscos marrons como madeira de pinho. "Estou muito feliz de te conhecer, Evarts", ela disse. "Quero dizer que amo a sua peça." Evarts não fazia ideia de como ela podia ter lido a peça, mas estava confuso demais com aquela beleza para conseguir pensar nisso ou falar. Sua boca estava seca. Podia ser o ritmo maluco dos últimos dias, podia ser a falta de sono — ele não sabia —, mas era como se estivesse apaixonado.

"Você me lembra uma garota que conheci", ele disse. "Ela trabalhava num trailer de lanches nos arredores de South Bend. Você nunca trabalhou num trailer de lanches nos arredores de South Bend, trabalhou?"

"Não."

"Não é só isso. Você me lembra de todo o resto. Estou falando dos trajetos noturnos. Fui motorista de ônibus. É disso que você me lembra. Das estrelas, quero dizer, e das passagens de nível, e do gado enfileirado ao longo das cercas. E das garotas que serviam lanches. Eram sempre tão lindas. Mas você nunca trabalhou servindo lanches."

"Não."

"A minha peça é sua", ele disse. "Quer dizer, acho que você serve para o papel. Sam Farley pode ficar com a peça. Com tudo."

"Obrigada, Evarts", disse ela.

"Pode me fazer um favor?", ele perguntou.

"Qual?"

"Oh, sei que é uma bobagem." Ele levantou e andou pela sala. "Mas não tem ninguém aqui, ninguém vai ficar sabendo. Odeio pedir isso."

"O que você quer?"

"Você deixa eu te erguer?", ele disse. "Só quero te erguer. Quero sentir como você é leve."

"Tudo bem", ela disse. "Quer que tire o casaco?"

"Sim, sim, sim. Tire o casaco."

Ela ficou em pé. O casaco caiu sobre o sofá.

"Pode ser agora?", ele perguntou.

"Sim."

Ele pôs as mãos ao redor dos braços dela. Ergueu-a e depois a pôs com cuidado de volta no chão. "Nossa, você é tão leve!", gritou. "É tão leve, tão frágil, não pesa mais que uma mala. Caramba, eu poderia te carregar, poderia te carregar pra qualquer lugar, poderia te carregar de uma ponta de Nova York até a outra." Ele pegou o chapéu e o casaco e foi embora correndo da casa.

Evarts se sentia perplexo e exausto quando retornou ao Mentone. Bitsey estava no quarto com Mildred-Rose e Alice. Ficou fazendo perguntas sobre Mama Finelli. Queria saber onde ela morava e qual era o número do seu telefone. Evarts perdeu a paciência com o carregador e o mandou embora. Deitou na cama e adormeceu enquanto Alice e Mildred-Rose faziam perguntas. Quando acordou, uma hora mais tarde, estava se sentindo muito melhor. Foram ao Automat e depois ao Radio City Music Hall, e depois foram para a cama cedo para que Evarts pudesse trabalhar na peça pela manhã. Ele não conseguiu dormir.

Após o café da manhã, Alice e Mildred-Rose o deixaram sozinho no quarto e ele tentou trabalhar. Não conseguiu, mas naquele dia não era o telefone que o importunava. A dificuldade que obstruía sua peça era profunda e, depois de fumar fitando a parede de tijolos, ele a reconheceu. Estava apaixonado por Susan Hewitt. Isso poderia ter motivado o trabalho, mas ele havia abandonado a energia criativa em Indiana. Fechou os olhos e tentou lembrar da voz potente e desabusada de Mama Finelli, mas as palavras se perdiam nos ruídos vindos da rua antes que ele pudesse capturá-las.

Se alguma coisa tivesse aparecido para liberar sua memória — um apito de trem, um instante de silêncio, os odores de um celeiro —, talvez ele tivesse se inspirado. Deu voltas no quarto, fumou, cheirou as cortinas encardidas das janelas e encheu os ouvidos de papel higiênico, mas tinha a impressão de que era impossível evocar Indiana no Mentone. Passou o dia todo ao lado da escrivaninha. Ficou sem almoçar. Quando a esposa e a filha voltaram do Radio City Music Hall, onde haviam passado a tarde, disse a elas que ia dar uma volta. Puxa, pensou ao sair do hotel, se eu pudesse pelo menos ouvir o barulho de um corvo!

Percorreu a Quinta Avenida a passos largos, de cabeça erguida, tentando discernir no meio da confusão sonora uma voz capaz de guiá-lo. Andou depressa até chegar ao Radio City e escutou, à distância, a música do rinque de patinação. Algo o deteve. Acendeu um cigarro. Nesse momento, ouviu alguém chamando por ele. "Abre alas pro rei dos alces, Evarts", gritou uma mulher. Era a voz áspera e desabusada de Mama Finelli, e ele achou que tinha enlouquecido de desejo até que se virou e a avistou sentada num dos bancos, ao lado de um laguinho seco. "Abre alas pro rei dos alces, Evarts", ela gritou, erguendo as mãos sobre a cabeça como se fossem galhadas. Era assim que ela cumprimentava a todos em Wentworth.

"Abre alas pro rei dos alces, Mama Finelli", gritou Evarts. Correu até ela e sentou ao seu lado. "Oh, Mama Finelli, que bom te ver", falou. "Não vai acreditar, mas pensei em você o dia todo. Passei o dia querendo poder falar com você." Olhou para ela, buscando se comprazer com suas feições astutas e com seu queixo cabeludo. "Como é que você veio parar aqui em Nova York, Mama Finelli?"

"Cheguei numa máquina voadora", berrou ela. "Cheguei numa máquina voadora hoje. Coma um sanduíche." Ela estava comendo sanduíches tirados de um saco de papel.

"Não, obrigado", ele disse. "Que está achando de Nova York?", perguntou. "Que acha daquele prédio alto?"

"Bem, eu não sei", ela disse, mas ele reparou que ela sabia, sim, e viu seu rosto se configurando para dar uma resposta. "Acho que só tem esse um aí, porque, se tivesse dois, eles iam fecundar e dar cria!" Ela se contorceu dando risada e bateu nas próprias pernas.

"O que você está fazendo em Nova York, Mama Finelli? Como é que veio parar aqui?"

"Bem", ela disse, "um homem chamado Tracey Murchison me faz uma chamada de longa distância e diz que é pra eu ir para Nova York e te processar por calúnia. Diz que você escreveu uma peça sobre mim e que posso te processar por calúnia e ganhar um montão de dinheiro e dividir com ele, meio a meio, ele diz, e aí não preciso mais cuidar do posto de gasolina. Aí ele me manda dinheiro pra máquina de voar e eu chego aqui e falo com ele e vou te processar por calúnia e dividir com ele, sessenta-quarenta. É isso que eu vou fazer", ela disse.

Mais tarde, naquela noite, os Malloy voltaram à sala de espera marmórea da Grand Central e Evarts começou a procurar um trem que fosse para Chicago. Ele encontrou um trem que ia para Chicago, comprou bilhetes e eles entraram num vagão. Era uma noite chuvosa e o piso escuro e molhado das profundezas da estação não estava brilhando, mas Alice ainda acreditava que ele havia sido cravejado de diamantes e ela contaria a história desse jeito. Tinham aprendido rápido as lições do viajante e se distribuíram habilmente em vários assentos. Depois que o trem partiu, Alice fez amizade com um casal que sentara do outro lado do corredor; eles falavam com franqueza e estavam viajando com um bebê rumo a Los Angeles. A mulher tinha um irmão que morava lá e que enviara cartas descrevendo com entusiasmo o clima e as oportunidades.

"Vamos para Los Angeles", Alice disse a Evarts. "Ainda temos algum dinheiro e podemos comprar bilhetes em Chicago, aí você vende sua peça em Hollywood, onde ninguém nunca ouviu falar de Mama Finelli e dos outros."

Evarts disse que tomaria sua decisão em Chicago. Estava abatido e adormeceu. Mildred-Rose pôs o dedo na boca e logo ela e a mãe também tinham perdido a consciência. Mildred-Rose alisou as peles ressequidas de seu casaco e elas lhe garantiram que tudo estava bem, tudo estava bem.

Os Malloy podem ter descido do trem em Chicago e voltado para Wentworth. Não é difícil imaginar seu retorno para casa, pois eles seriam bem recebidos pelos amigos e conhecidos, embora estes pudessem duvidar das suas histórias. Ou pode ser que tenham feito a conexão em Chicago e embarcado num trem rumo ao oeste, e isso, para dizer a verdade, é ainda mais fácil de imaginar. Eles jogam copas no vagão-restaurante e comem sanduíches de queijo nas estações ferroviárias,

passando pelo Kansas e por Nebraska — cruzando as montanhas até o litoral.

"O city of broken dreams"
Trad. Daniel Galera

Os Hartley

O sr. e a sra. Hartley chegaram com a filha Anne à pousada Pemaquoddy numa noite de inverno, após o jantar, bem na hora em que começavam as partidas de bridge. O sr. Hartley carregou as malas através da ampla varanda até o saguão, seguido pela esposa e pela filha. Os três pareciam muito cansados e olhavam a seu redor na sala iluminada e acolhedora com a gratidão dos que escaparam da tensão e do perigo, pois estavam viajando de carro desde cedo, sem visibilidade, no meio de uma nevasca. Tinham partido de Nova York e a neve caíra por todo o caminho, disseram. O sr. Hartley largou as malas e retornou ao carro para buscar os esquis. A sra. Hartley sentou numa das poltronas do saguão e sua filha, cansada e tímida, se aninhou junto a ela. Havia um pouco de neve nos cabelos da menina e a sra. Hartley os limpou com os dedos. A sra. Butterick, a viúva que era dona da pousada, foi até a varanda e gritou para o sr. Hartley que ele não precisava subir com o carro. Um dos rapazes cuidaria disso. Ele voltou para o saguão e assinou o registro.

O sr. Hartley dava a impressão de ser um homem simpático com uma voz contundente e um ar profundo e cordial. Sua esposa era uma bela mulher de

cabelos escuros que estava zonza de cansaço e sua filha era uma menina de uns sete anos. A sra. Butterick perguntou ao sr. Hartley se eles já tinham se hospedado alguma vez na Pemaquoddy. "Quando fiz a reserva", ela disse, "o nome não me pareceu estranho."

"A sra. Hartley e eu estivemos aqui num mês de fevereiro, há oito anos", disse o sr. Hartley. "Chegamos no dia 23 e ficamos dez dias. Lembro bem da data porque tivemos uma estadia maravilhosa." Eles subiram para o quarto. Desceram de novo pelo tempo necessário para jantar algumas sobras que permaneciam aquecidas no canto do fogão a lenha. A criança estava tão cansada que por pouco não dormiu à mesa. Depois do jantar, subiram novamente.

Durante o inverno, a vida da Pemaquoddy girava totalmente ao redor dos esportes da neve. Os bêbados e os adoentados não eram bem recebidos, pois a maioria dos hóspedes levava o esqui a sério. De manhã, pegavam um ônibus que cruzava o vale até as montanhas e, se o clima estava bom, levavam uma quentinha e permaneciam nas rampas até o fim da tarde. Ocasionalmente, para variar, esquiavam no rinque próximo à pousada, um pátio que fora inundado com esse propósito. Atrás da pousada havia um morro que, às vezes, quando as condições na montanha não estavam boas, podia ser usado para esquiar. Esse morro estava equipado com um reboque para esquiadores improvisado que tinha sido construído pelo filho da sra. Butterick. "Ele comprou o motor que puxa o cabo quando estava cursando o último ano em Harvard", a sra. Butterick dizia sempre que falava do reboque. "Pertencia a um velho automóvel Mercer que ele dirigiu de Cambridge até aqui numa só noite, sem as placas!" Ao dizer isso, punha a mão sobre o coração, como se os perigos da viagem ainda lhe causassem uma vívida impressão.

Os Hartley aderiram à rotina de ar fresco e exercícios da Pemaquoddy na manhã seguinte à sua chegada.

A sra. Hartley era uma mulher distraída. Naquela manhã, embarcou no ônibus que ia à montanha, sentou e estava conversando com outro passageiro quando se deu conta de que tinha esquecido de trazer os esquis. Seu marido foi buscá-los enquanto todos esperavam. Ela usava uma parca de cor clara, adornada com pele e modelada para alguém com um rosto mais jovem, o que lhe dava um aspecto cansado. Seu marido usava alguns apetrechos da marinha nos quais estavam gravados seu nome e sua patente. A filha, Anne, era bonita. Seus cabelos estavam

trançados com firmeza e capricho, seu nariz pequeno era coberto por uma sela de sardas e ela olhava em volta com o escrutínio soturno e racional que é típico da sua idade.

O sr. Hartley era bom esquiador. Ficou subindo e descendo a rampa, esquis paralelos, joelhos fletidos, ombros gingando em semicírculos elegantes. Sua esposa não era tão entendida, mas sabia o que estava fazendo e apreciava o ar frio e a neve. Vez ou outra ela caía e, quando alguém ia ajudá-la a levantar, via a cor de seu rosto avivada pelo contato com a neve e tinha a impressão de que ela era uma mulher muito mais jovem.

Anne não sabia esquiar. Ficou na base da rampa observando os pais. Eles a chamaram, mas ela não se movia e em pouco tempo começou a tremer de frio. A mãe foi até ela e tentou incentivá-la, mas a menina se irritou e virou a cara. "Não quero que *você* me ensine", disse. "Quero que o papai me ensine." A sra. Hartley chamou o marido.

Bastou o sr. Hartley voltar a atenção para a menina que ela perdeu todo o embaraço. Subiu e desceu o morro atrás dele e, desde que o pai estivesse por perto, ela parecia feliz e confiante. O sr. Hartley ficou ao lado de Anne até depois do almoço e então foi falar com um instrutor profissional que estava levando uma turma de iniciantes para a rampa. O sr. e a sra. Hartley acompanharam o grupo até a base da rampa e o sr. Hartley puxou a filha para o canto. "Agora eu e a sua mãe vamos esquiar nas trilhas", ele disse, "e eu quero que você participe da aula do sr. Ritter e aprenda o máximo que puder com ele. Se quiser aprender a esquiar, Anne, terá que aprender sem mim. Voltaremos lá pelas quatro e quero que me mostre o que aprendeu quando eu voltar."

"Tá bom, papai."

"Agora vá participar da aula."

"Tá bom, papai."

O sr. e a sra. Hartley esperaram até que Anne tivesse subido a rampa e se juntado à turma. Partiram em seguida. Anne prestou atenção no instrutor por alguns minutos, mas, assim que percebeu que os pais tinham sumido, separou-se do grupo e desceu a encosta do morro em direção à cabana. "Mocinha", chamou o instrutor. "Mocinha…" Ela não respondeu. Entrou na cabana, tirou a parca e as luvas, estendeu-as com cuidado para secar sobre uma mesa e sentou ao lado do

fogo, mantendo a cabeça baixa para que não pudessem ver seu rosto. Ficou ali sentada a tarde toda. Pouco antes de escurecer, quando os pais chegaram à cabana batendo a neve das botas, ela foi correndo até o pai. Seu rosto estava inchado de tanto chorar. "Oh, papai, achei que vocês nunca mais iam voltar", choramingou. "Achei que nunca mais iam voltar!" Ela o envolveu com os braços e afundou o rosto em suas roupas.

"Pronto, pronto, pronto, Anne", ele disse, batendo de leve nas costas dela e sorrindo para as pessoas que tinham reparado na cena. No ônibus de volta, ela ficou sentada ao lado do pai, segurando seu braço.

Naquela noite, na pousada, os Hartley foram ao bar antes do jantar e sentaram a uma mesa encostada à parede. A sra. Hartley e a filha beberam suco de tomate e o sr. Hartley pediu três Old-Fashioneds. Ele deu a Anne as rodelas de laranja e as cerejas em calda que vieram com os drinques. Tudo que o pai fazia a interessava. Ela acendia seus cigarros e assoprava os fósforos. Examinava seu relógio e ria de todas as suas piadas. Sua risada era aguda e cativante.

A família conversava em voz baixa. O sr. e a sra. Hartley falavam mais com Anne do que entre si, como se tivessem chegado a um ponto do casamento em que não havia mais nada a dizer. Travaram uma conversa truncada a respeito da neve e das montanhas e, em determinada altura de seu esforço em manter o diálogo, o sr. Hartley, por algum motivo, foi ríspido com a esposa. A sra. Hartley levantou depressa da mesa. Talvez estivesse chorando. Atravessou com rapidez o saguão e subiu as escadas.

O sr. Hartley e Anne permaneceram no bar. Quando soou a campainha do jantar, ele pediu ao recepcionista que enviasse uma bandeja à sra. Hartley. Comeu com a filha na sala de jantar. Depois da refeição, ficou sentado na área de convívio lendo um velho exemplar da *Fortune* enquanto Anne brincava com algumas outras crianças que estavam hospedadas na pousada. Eram todas um pouco mais novas e Anne lidou com elas de maneira segura e afetuosa, imitando um adulto. Ensinou-lhes um jogo simples de cartas e em seguida leu uma história. Depois que as crianças menores foram mandadas para a cama, ela leu um livro. O pai a levou para o quarto por volta das nove.

Ele desceu sozinho mais tarde e foi para o bar. Bebeu desacompanhado e conversou com o garçom a respeito de várias marcas de bourbon. "Meu pai

costumava beber bourbon trazido do Kentucky em barricas", disse o sr. Hartley. Um toque rascante na voz se somava ao seu ar profundo e cordial para dar uma aparência de importância ao que ele dizia. "Eram pequenos, se bem me lembro. Acho que podiam conter no máximo um galão. Meu pai os encomendava duas vezes por ano. Quando minha avó perguntava o que eram, ele sempre dizia que estavam cheios de sidra doce." Depois de conversar sobre bourbons, conversaram sobre o vilarejo e as mudanças ocorridas na pousada. "Só viemos aqui uma vez antes", disse o sr. Hartley. "Foi há oito anos, num mês de fevereiro, há oito anos." E então ele repetiu, palavra a palavra, o que tinha dito no saguão na noite anterior. "Chegamos no dia 23 e ficamos dez dias. Lembro bem da data porque tivemos uma estadia maravilhosa."

Os dias subsequentes dos Hartley foram quase todos iguais ao primeiro. O sr. Hartley passava as horas iniciais dando lições à filha. A menina aprendia rápido e, quando estava ao lado ao pai, agia com ousadia e graça, mas, assim que ele a abandonava, ela ia para a cabana e ficava sentada perto do fogo. Todo dia, depois do almoço, chegava a hora em que ele tentava inculcar-lhe um pouco de autoconfiança. "Eu e sua mãe vamos sair agora", ele dizia, "e quero que você esquie sozinha, Anne." Ela balançava a cabeça e concordava, mas bastava ele sumir que ela voltava à cabana para esperar. Uma ocasião — foi no terceiro dia — ele perdeu a calma. "Escuta aqui, Anne", gritou, "se quer aprender a esquiar, vai ter que aprender sozinha." O tom elevado de voz a atingiu, mas não foi suficiente para colocá-la num rumo mais independente. Ela se tornou uma figura conhecida de todas as tardes, sempre ali sentada ao lado do fogo.

Às vezes o sr. Hartley alterava a rotina de aprendizado. Os três voltavam juntos à pousada no primeiro ônibus e ele levava a filha ao rinque para ter lições de patinação. Nessas ocasiões, ficavam fora até tarde. De vez em quando a sra. Hartley os observava da janela da área de convívio. O rinque ficava aos pés do reboque improvisado que tinha sido construído pelo filho da sra. Butterick. Os postes de onde partia o reboque lembravam cadafalsos na hora do crepúsculo e o sr. Hartley e a filha pareciam símbolos da paciência e da contrição. Circulavam pelo rinque incontáveis vezes, sérios e compenetrados, como se as explicações que ele dava a ela tratassem de algo mais misterioso que um esporte.

Todo mundo na pousada gostava dos Hartley, embora eles dessem aos outros

hóspedes a impressão de que tinham acabado de sofrer uma perda — uma perda financeira, quem sabe, ou talvez o sr. Hartley tivesse perdido o emprego. A sra. Hartley estava sempre distraída, mas os outros hóspedes tinham a impressão de que essa característica era o resultado de um infortúnio que minara seu autodomínio. Parecia ansiosa para fazer amigos e se metia, como uma mulher solitária, em todas as conversas. Seu pai tinha sido médico, dizia. Referia-se a ele como alguém muito poderoso e falava com muito prazer da sua infância. "A sala de estar da minha mãe em Grafton tinha quase catorze metros de comprimento", dizia. "Havia lareiras nas duas pontas. Era uma daquelas casas vitorianas maravilhosas." No guarda-louça da sala de jantar havia louças parecidas com as louças da mãe da sra. Hartley. No saguão havia um peso para papéis parecido com o peso para papéis que a sra. Hartley ganhara na infância. O sr. Hartley também falava de suas origens de vez em quando. Certa ocasião, a sra. Butterick pediu a ele que fatiasse um pernil de cordeiro e ele disse, afiando a faca: "Sempre que faço isso acabo pensando no meu pai". Na coleção de bengalas do corredor, havia uma bengala de abrunheiro enfeitada com prata. "Essa é igualzinha à bengala de abrunheiro que o sr. Wentworth trouxe da Irlanda para o meu pai", disse o sr. Hartley.

Anne tinha devoção ao pai, mas era evidente que também gostava da mãe. À noite, cansada, ela deitava no sofá ao lado da sra. Hartley e descansava a cabeça no seu ombro. Aparentemente, era apenas no ambiente estranho da montanha que o pai se tornava para ela a única pessoa do mundo. Certa noite, enquanto os Hartley jogavam bridge — era bem tarde e Anne fora dormir —, a filha começou a chamar o pai. "Deixa que eu vou, querido", disse a sra. Hartley, pedindo licença e subindo. "Quero o papai", os integrantes da mesa puderam ouvir a menina gritar. A sra. Hartley a aquietou e desceu de novo. "Anne teve um pesadelo", explicou, e seguiu jogando cartas.

O dia seguinte foi de vento e calor. No meio da tarde começou a chover e todos, com exceção dos esquiadores mais intrépidos, voltaram para seus hotéis. O bar da Pemaquoddy encheu mais cedo. Ligaram o rádio para escutar os boletins do clima e um hóspede mais diligente pegou o telefone do saguão e ligou para as outras estações de esqui. Está chovendo em Pico? Está chovendo em Stowe? Está chovendo em Ste. Agathe? O sr. e a sra. Hartley estavam no bar aquela tarde. Ela pedira um drinque pela primeira vez desde a chegada, mas parecia não estar

gostando. Anne estava brincando na área de convívio com as outras crianças. Pouco antes do jantar, o sr. Hartley foi à recepção e perguntou à sra. Butterick se eles poderiam ter seu jantar servido no quarto. A sra. Butterick respondeu que isso poderia ser providenciado. Quando soou a campainha do jantar, os Hartley subiram para o quarto e uma empregada levou suas bandejas. Após a refeição, Anne reapareceu na área de convívio para brincar com as outras crianças e a empregada, depois de ter limpado a sala de jantar, subiu para buscar as bandejas dos Hartley.

A janelinha em cima da porta dos Hartley estava aberta e, ao entrar no corredor, a empregada escutou a voz da sra. Hartley, uma voz tão descontrolada, tão gutural e repleta de sofrimento, que ela parou e escutou como se a vida da mulher corresse perigo. "Por que precisamos voltar?", gritava a sra. Hartley. "Por que precisamos voltar? Por que temos que fazer essas viagens de volta a esses lugares em que a gente pensou que era feliz? Que bem isso vai nos fazer? Que bem isso já nos fez? Voltamos aos restaurantes, às montanhas, voltamos às casas, até mesmo aos bairros, voltamos pro meio dos cortiços achando que isso nos trará felicidade, mas nunca traz. Por que, em nome de Deus, nos metemos nessa desgraça? Por que não há um fim para isso? Por que não podemos nos separar de novo? Era melhor. Não era melhor? Foi melhor pra Anne — não me importa o que você diz, pra ela era melhor do que isto. Vou levar Anne de novo e você pode morar na mesma cidade. Por que não posso fazer isso, por quê, por quê, por quê…" A empregada recuou no corredor, assustada. Quando desceu, Anne estava sentada na área de convívio, lendo para as outras crianças.

Naquela noite, as nuvens foram embora e o frio chegou. Tudo congelou. Pela manhã, a sra. Butterick anunciou que todas as trilhas da montanha estavam fechadas e que o teleférico permaneceria desativado. O sr. Hartley e alguns outros hóspedes quebraram a crosta de gelo no morro que ficava atrás da pousada e um dos empregados acionou o reboque improvisado. "Meu filho comprou o motor que puxa o cabo quando estava cursando o último ano em Harvard", disse a sra. Butterick ao escutar as tímidas explosões do motor. "Pertencia a um velho automóvel Mercer que ele dirigiu de Cambridge até aqui numa só noite, sem as

placas!" A rampa havia restado como única alternativa para o esqui na região, e depois do almoço começaram a chegar vários hóspedes de outros hotéis. Eles rasparam a neve que ficava embaixo do reboque até expor uma superfície de rocha áspera e foram necessárias pás para recobrir as trilhas de neve. A corda estava gasta e o filho da sra. Butterick tinha planejado tão mal o reboque que ele proporcionava aos esquiadores uma subida árdua e irregular. A sra. Hartley tentou convencer Anne a usar o reboque, mas ela se recusou a subir até ser acompanhada pelo pai. Ele lhe ensinou como ficar em pé, como agarrar a corda, como dobrar os joelhos e arrastar os bastões. Assim que ele começou a ser puxado morro acima, ela foi toda alegre atrás dele. Passou aquela tarde subindo e descendo junto com o pai, contente porque nesse dia, pelo menos, ele podia estar perto dela. Depois de quebrada e compactada, a crosta da rampa propiciou um bom deslizamento e logo se estabeleceu aquele ritmo esquisito e quase compulsivo de subir e esquiar, subir e esquiar.

Foi uma bela tarde. Havia nuvens de neve, mas elas eram trespassadas por uma luz viva e contagiante. A paisagem vista do topo do morro era preta e branca. As cores que tinha eram as cores de um incêndio apagado e isso causava uma certa impressão — como se a desolação não se devesse apenas ao inverno, mas fosse o resultado de uma grande conflagração. As pessoas conversam, obviamente, enquanto esquiam, enquanto aguardam a sua vez de agarrar a corda, mas elas dificilmente se ouvem. Há o escapamento do motor, o ranger da roda de ferro por onde passa a corda, mas os próprios esquiadores parecem meio lesados, perdidos no ritmo de subir e deslizar. Aquela tarde foi um ciclo contínuo de movimento. Havia uma fila única, à esquerda da rampa, de pessoas que se prendiam à corda gasta e a soltavam, uma por uma, no topo do morro para escolher o caminho a descer, percorrendo de novo e de novo a mesma superfície como alguém que, tendo perdido um anel ou uma chave na praia, vasculha a mesma porção de areia repetidas vezes. Nessa placidez, a pequena Anne começou a gritar. Seu braço tinha ficado preso na velha corda; ela havia sido arremessada ao chão e estava sendo arrastada brutalmente morro acima em direção à roda de ferro. "Parem o reboque!", berrou o pai. "Parem o reboque! Parem o reboque!" E todo mundo que

estava no morro começou a gritar: "Parem o reboque! Parem o reboque!". Mas não havia ninguém para fazê-lo parar. Os gritos dela eram roucos e terríveis e, quanto mais ela lutava para se livrar da corda, com mais força era arremessada ao chão. O espaço e o frio pareciam diminuir as vozes — e até mesmo a aflição nas vozes — das pessoas que estavam berrando para que alguém parasse o reboque, mas os gritos da menina continuaram soando, penetrantes, até seu pescoço quebrar na roda de ferro.

Os Hartley partiram para Nova York na mesma noite, assim que escureceu. Iam dirigir a noite toda atrás do carro fúnebre. Várias pessoas se ofereceram para dirigir seu carro, mas o sr. Hartley disse que preferia dirigir e a esposa parecia preferir que ele o fizesse. Quando tudo estava pronto, o casal abalado percorreu a varanda vendo a beleza desnorteante da noite ao redor, pois a noite estava muito fria e límpida e as constelações pareciam brilhar mais que as luzes da pousada ou do vilarejo. Ele ajudou a esposa a entrar no carro, cobriu as pernas dela com um cobertor, e então eles iniciaram a sua longuíssima viagem.

"The Hartleys"
Trad. Daniel Galera

O camponês de verão

O Nor'easter é um trem batizado numa época em que os diretores da via férrea estavam embevecidos com os mistérios da viagem. A memória é com frequência mais interessante do que os fatos, e é possível que um passageiro que já viajasse há muito tempo nesse trem não reparasse no barulho e na sujeira toda vez que entrasse na Grand Central Station e lesse o nome daquela chuva de três dias que descia do norte. Ou pelo menos era esse o caso de Paul Hollis, que viajava no Nor'easter quase todas as noites de quinta ou sexta durante o verão. Ele era um homem corpulento que sofria em quase todos os vagões-leito, mas os daquela linha eram os piores. Via de regra, permanecia no vagão-restaurante até as dez, bebendo Scotch. O uísque costumava mantê-lo adormecido até chegarem aos atrasos tumultuosos de Springfield, depois da meia-noite. Ao norte de Springfield, o trem entrava no ritmo moroso e empacado imposto por uma antiga estrada de ferro regional e Paul permanecia no leito, perdido entre o sono e a vigília, como um paciente parcialmente anestesiado. O suplício tinha fim quando, após o café da manhã, ele deixava o Nor'easter em Meridian Junction e era recebido com carinho pela esposa. Era um aspecto da jornada que não podia ser negado: a viagem o

deixava plenamente consciente da distância terrestre que separava a cidade tórrida das ruas singelas e cobertas de folhas naquele vilarejo ao redor do entroncamento.

A conversa entre Paul e Virginia Hollis durante o trajeto do entroncamento até sua fazenda no norte de Hiems se limitava aos afetos e bens materiais modestos que os dois compartilhavam; mais que isso, era como se a conversa procurasse manter uma irrelevância deliberada, como se uma menção ao saldo bancário ou à guerra pudesse arruinar a magia de uma manhã amena dentro de um carro conversível. O ralo do chuveiro do andar de baixo estava vazando, Virginia disse a Paul numa certa manhã de julho; a irmã dele, Ellen, estava exagerando na bebida, os Marston haviam aparecido para almoçar e chegara a hora de as crianças terem um bicho de estimação. Esse era um assunto sobre o qual ela obviamente tinha refletido bastante. Nenhum cachorro de fazenda suportaria um apartamento em Nova York quando eles voltassem para casa no outono, ela disse, e gatos eram um incômodo, por isso ela concluíra que coelhos eram a melhor saída. Havia uma casa no meio da estrada com uma gaiola de coelhos no pátio e eles podiam parar naquela manhã e adquirir um par. Seria um presente de Paul para as crianças, o que tornaria os coelhos ainda mais especiais. A compra transformaria aquele fim de semana no fim de semana em que compraram os coelhos, o que o distinguiria do fim de semana em que transplantaram a samambaia de Natal ou do fim de semana em que removeram o zimbro morto. Os coelhos podiam morar na velha casinha dos patos, disse Virginia, e, quando eles voltassem para casa no outono, Kasiak poderia comê-los. Kasiak era o caseiro.

Estavam subindo. Indo em direção ao norte a partir do entroncamento, era permanente uma certa sensação de aclive gradual. Os morros bloqueavam a paisagem frágil e adulterada de New Hampshire, com sua ruína onipresente, mas a cada punhado de quilômetros um afluente do Merrimack abria um amplo vale repleto de olmos, fazendas e cercas de pedra. "É em algum lugar por aqui", disse Virginia. Paul não entendeu do que ela estava falando até que foi lembrado dos coelhos. "Pode ir diminuindo aqui… Aqui, Paul, *aqui*." Ele entrou no acostamento com um solavanco e parou. No gramado de uma casa branca e bem cuidada, sombreada por bordos, havia uma gaiola de coelhos. "Olá", Paul gritou, "olá", e um homem de macacão saiu de uma porta lateral mastigando alguma coisa, como se tivesse sido interrompido no meio de uma refeição. Coelhos brancos custavam dois

dólares, ele disse. Marrons e cinza eram um dólar e cinquenta. O homem engoliu e limpou a boca com o dorso da mão. Tinha uma certa aflição na voz, como se pretendesse esconder de alguém aquela transação banal, e, depois que Paul escolheu um coelho marrom e outro cinza, ele correu até o celeiro à procura de uma caixa. Quando Paul estava manobrando o carro de volta à estrada, eles escutaram um grito desconsolado. Um menino saiu correndo da casa em direção à gaiola dos coelhos e eles por fim compreenderam a aflição do camponês.

O mercadinho, a loja de antiguidades, o canhão da Guerra Civil e a agência de correio de Hiems ficaram para trás e Paul pisou no acelerador com satisfação quando as ruas estreitas do vilarejo foram dando lugar à brisa fresca que vinha do lago. A estrada os levou primeiro à parte do lago que era menos badalada, ou mais sociável; depois as casas foram rareando e, mais para o norte, dando lugar a bosques de pinheiros e campos abertos. A sensação de uma volta às origens — de um retorno ao lugar onde passara o verão durante toda a sua vida — tinha se tornado tão violenta para Paul que a diferença entre o ritmo da sua imaginação e a velocidade do carro o incomodou até que tivessem trocado a estrada pelos sulcos na grama e por fim, literalmente no fim da estrada, avistado a fazenda.

A sombra suave de uma nuvem estava passando em frente à casa dos Hollis. Na beira do gramado havia uma peça de mobília da varanda que tinha sido abandonada de cabeça para baixo num temporal e parecia estar ali secando desde que Paul era menino. A luz e o calor se intensificaram e o escuro aumentou à medida que a sombra da nuvem foi cobrindo o celeiro e o varal, até se desfazer nas árvores. "Olá, irmão." Era a irmã de Paul, Ellen, gritando para ele de uma das janelas abertas. Paul sentiu o terno apertando nos ombros ao sair do carro, como se tivesse ganhado altura, pois nesse lugar ele se sentia dez anos mais jovem; os bordos, a casa, as meras montanhas lhe informavam isso. Seus dois filhos pequenos surgiram correndo de trás do celeiro e bateram em suas pernas. Mais altos, mais bronzeados, mais saudáveis, mais bonitos, mais inteligentes — pareciam tudo isso quando os revia a cada fim de semana. O galho seco de um bordo chamou sua atenção. Precisava ser cortado. Curvou-se para abraçar o menino e a menina, desarmado e, aparentemente, despreparado para lidar com aquela torrente escaldante de amor.

A casinha dos patos, onde puseram os coelhos aquela manhã, tinha ficado

desocupada por anos, mas oferecia uma gaiola e um teto e isso bastava. "Escutem, esses bichinhos de estimação pertencem a vocês, agora vocês são os donos desses coelhos", Paul disse aos filhos. Seu tom severo os petrificou e o menino começou a chupar o dedo. "Eles estão sob a responsabilidade de vocês dois e, se cuidarem bem deles, pode ser que ganhem um cachorro quando voltarmos para Nova York. Vocês precisam dar comida pra eles e limpar a casinha." O amor que sentia pelos filhos e sua vontade de esboçar para eles, mesmo que de maneira aproximada, os contornos misteriosos da responsabilidade o obrigavam a soar como um palerma, e ele tinha consciência disso. "Não quero que fiquem achando que os outros vão ajudar", disse. "Vocês têm que dar água pra eles duas vezes por dia. Ouvi dizer que eles gostam de alface e de cenoura. Vocês mesmos podem pôr eles na casinha agora. O papai tem que cuidar de outras coisas."

Paul Hollis era um camponês de verão. Capinava, plantava e chiava de ódio com o preço do farelo das aves, mas, assim que os ventos plangentes do Dia do Trabalho começavam a soprar, ele deixava a foice sem fio enferrujando no quartinho dos fundos, onde ficava armazenado o querosene, e alegremente desviava seu interesse para os apartamentos quentinhos de Nova York. Naquele dia — o dia em que comprou os coelhos — ele foi para o quarto depois de doutrinar as crianças e vestiu um macacão que ainda trazia as estampas desbotadas com seu nome, patente e número. Virginia ficou sentada na beira da cama enquanto ele se trocava e falou sobre Ellen, a irmã dele, que estava passando um mês na fazenda. Ellen precisava daquele descanso; Ellen bebia além da conta. Mas não havia insinuações de correção ou mudança no que Virginia dizia a respeito de Ellen e, ao olhar brevemente para a esposa, Paul se admirou com sua graciosidade e tolerância. O quarto era antigo e agradável — tinha pertencido a seus pais — e toda a luz que chegava até ele era filtrada pelas folhas. Conversaram sem pressa sobre Ellen e as crianças, degustando o sabor adstringente da satisfação e do mérito, mas não demoraram a ponto de se sentirem à toa. Paul queria ajudar Kasiak a roçar o campo alto e Virginia pretendia colher flores.

A propriedade dos Hollis ficava num terreno alto e tinha sido o falecido pai de Paul que batizara de Elísio o pasto mais elevado, por causa da sua quietude

sobrenatural. Um ano sim, outro não, o pasto era roçado para que o mato não tomasse conta. Quando Paul chegou, Kasiak estava lá e Paul calculou que ele já devia estar trabalhando fazia umas três horas; Kasiak recebia por hora. Os dois homens conversaram brevemente — o caseiro e o veranista — e estabeleceram aquele elo tácito de quem precisa unir forças no trabalho. Paul roçou abaixo e um pouco à direita de Kasiak. Sabia usar bem a foice, mas não dava para confundir, nem à distância, a figura diligente de Kasiak com a de Paul.

Kasiak tinha nascido na Rússia. Paul fora informado disso e de todo o resto que sabia a respeito dele enquanto os dois trabalhavam juntos. Kasiak desembarcara em Boston, trabalhara numa fábrica de sapatos, estudara inglês à noite, alugara e posteriormente comprara a fazenda abaixo da propriedade dos Hollis. Eram vizinhos fazia vinte anos. Aquele era o primeiro ano que ele trabalhava para os Hollis. Até então, tinha sido apenas um personagem curioso e resistente naquela paisagem. Ele vestia a esposa surda com sacos de sal e de batatas. Era avarento. Era amargurado. Mesmo naquela manhã de verão, passava uma imagem de desgosto e decepção. Mantinha seus bosques limpos e armazenava o feno no momento ideal, e seus campos, jardins, montes de adubo e o cheiro azedo do leite na sua cozinha imaculada transmitiam a sensação de segurança que uma agricultura doméstica inteligente pode proporcionar. Ele roçava e caminhava como um prisioneiro no pátio de um presídio. Do momento em que ele entrava no celeiro, uma hora antes do amanhecer, até o fim de seu dia, não havia um traço sequer de hesitação no seu pensamento e nos seus passos, e esse elo impecável de afazeres fazia parte de uma corrente maior de responsabilidades e aspirações que vinha desde a sua infância na Rússia e que terminaria, ele acreditava, com o nascimento de um mundo justo e pacífico num parto de sangue e fogo.

Virginia achou graça quando Paul lhe contou que Kasiak era comunista. O próprio Kasiak havia contado a Paul. Duas semanas depois de começar a trabalhar para eles, ele adotou o hábito de recortar editoriais de um jornal comunista e entregá-los a Paul ou enfiá-los por baixo da porta da cozinha. Paul gostava de pensar que a prudência era o seu lema com relação a Kasiak. Em duas ocasiões, na loja de rações, quando as convicções políticas de Kasiak foram a debate, Paul defendera o direito de Kasiak de tirar suas próprias conclusões a respeito do futuro, e nas conversas que os dois tinham ele sempre perguntava, de maneira

descontraída, se a sua revolução ainda tardaria a chegar.

Aquele dia caiu no final da temporada de colheita do feno. Quando a manhã ia chegando ao fim, eles começaram a ouvir o estouro abafado de trovões. O vento começou a soprar na região, mas naquele campo ainda não havia sinal dele. Kasiak deixava atrás de si um odor penetrante de citronela e vinagre e os dois homens estavam cobertos de moscas. Não permitiram que o risco de um temporal alterasse o ritmo de suas foices. Era como se concluir o trabalho naquele campo guardasse um significado que certamente estava além da compreensão dos dois. O vento molhado veio galgando o morro atrás deles e Paul soltou uma das mãos do cabo da foice e endireitou as costas. Enquanto ele trabalhava, as nuvens tinham pretejado o céu do horizonte até o alto da sua cabeça, dando a ilusão de que a paisagem fora dividida igualmente entre as luzes da catástrofe e da calmaria. A sombra da tempestade vinha subindo pelo morro tão depressa quanto um homem, mas o feno que ela ainda não alcançara continuava amarelo e não havia presságio nenhum da tempestade no céu delicado à sua frente, tampouco nas nuvens mais adiante ou em nada que ele pudesse enxergar, exceto no verde da floresta, que a tempestade já começava a escurecer. Então ele sentiu na pele um frio que não combinava com nada naquele dia e ouviu, às suas costas, pingos de chuva começando a cair entre as árvores.

Paul correu em direção ao bosque. Kasiak o seguiu devagar, com a tempestade em seu encalço. Sentaram em cima de pedras, lado a lado, ao abrigo da folhagem densa, e ficaram assistindo ao avanço da cortina de chuva. Kasiak tirou o chapéu — pela primeira vez em todo o verão, até onde Paul sabia. Seus cabelos e a testa eram cinzentos. Um rubor aparecia no alto das maçãs do rosto e ia cedendo lugar a um marrom-escuro que se alastrava da mandíbula até o pescoço.

"Quanto você me cobraria se eu usasse o seu cavalo para arar o jardim?", perguntou Paul.

"Quatro dólares." Kasiak não elevou a voz e Paul não conseguiu escutá-lo com o barulho da chuva desabando no campo.

"Quanto?"

"Quatro dólares."

"Vamos tentar amanhã cedo, se o tempo abrir. Pode ser?"

"Tem que ser cedo. À tarde o calor é demais pra ela."

"Seis horas."

"Vai querer levantar tão cedo?" Kasiak sorriu, troçando da família Hollis e de seus hábitos desleixados. Relâmpagos passaram raspando nas árvores, tão perto que eles puderam sentir o cheiro da descarga galvânica, e um segundo depois houve um estrondo de trovão que pareceu ter destruído toda a região. O grosso da tempestade passou, o vento esmoreceu e agora a água caía à volta deles com a melancolia insistente de uma chuva de outono.

"Tem notícias recentes da sua família, Kasiak?", perguntou Paul.

"Faz dois anos — nada em dois anos."

"Você gostaria de voltar?"

"Sim, sim." O objetivo iluminou seu rosto. "Na fazenda do meu pai tem campos grandes. Meus irmãos ainda moram lá. Queria ir pra lá de avião. Eu ia pousar o avião nos campos grandes e todos iam ver quem era e eles iam ver que era eu."

"Você não gosta daqui, gosta?"

"É um país capitalista."

"Por que veio, então?"

"Não sei. Acho que lá eles me forçavam a trabalhar demais. Lá, nós cortamos centeio à noite, quando o ar fica um pouco úmido. Me puseram pra trabalhar no campo quando eu tinha doze anos. Levantamos às três da manhã pra cortar centeio. Minhas mãos ficam sangrando e inchadas e eu não consigo dormir. Meu pai me surrava como se eu fosse um prisioneiro. Na Rússia, costumavam surrar os prisioneiros. Ele me batia com um chicote de cavalo até minhas costas sangrarem." Kasiak passou a mão nas costas, como se os vergões ainda sangrassem. "Depois disso, decidi ir embora. Esperei seis anos. Foi por isso que eu vim, acho — me botaram pra trabalhar no campo cedo demais."

"Quando a sua revolução vai acontecer, Kasiak?"

"Quando os capitalistas fizerem outra guerra."

"O que vai acontecer comigo, Kasiak? O que vai acontecer com pessoas como eu?"

"Depende. Se você trabalhar numa fazenda ou numa fábrica, acho que vai ficar tudo bem. Vão se livrar somente das pessoas inúteis."

"Então tá, Kasiak", disse Paul com entusiasmo, "eu vou trabalhar pra você", e deu um tapa nas costas do camponês. Franziu o cenho para a chuva. "Acho que vou

descer e almoçar alguma coisa. Hoje não podemos roçar mais nada, né?" Desceu correndo pelo campo molhado até o celeiro. Kasiak fez o mesmo alguns minutos depois, mas sem correr. Entrou no celeiro e começou a consertar uma estufa de mudas, como se a tempestade tivesse se encaixado perfeitamente em seus planos.

Naquela noite, antes do jantar, Ellen, a irmã de Paul, bebeu demais. Ela se atrasou para vir à mesa e, quando Paul foi à despensa buscar uma colher, a encontrou lá, bebendo direto da coqueteleira de prata. Sentada à mesa, do alto do firmamento do gim, ela lançava olhares críticos ao irmão e à esposa dele e lembrava de alguma injustiça real ou fabricada que sofrera na infância, pois nas constelações de certas famílias basta uma pequena aproximação para fazer surgir um amargor impossível de adoçar. Ellen era uma mulher de feições severas que mantinha semicerrados seus vibrantes olhos azuis. Tinha se divorciado pela segunda vez naquela primavera. Para o jantar, havia enrolado um lenço claro em torno da cabeça e pusera um velho vestido que encontrara num dos baús do sótão, e agora, depois que aquelas roupas desbotadas tinham trazido à sua mente uma época mais simples da vida, ela falava ininterruptamente sobre o passado e em especial sobre o pai — o pai isso, o pai aquilo. O vestido surrado e seu surto de reminiscências estavam acabando com a paciência de Paul, e ele tinha a impressão de que uma enorme rachadura havia aparecido no coração de Ellen, como num passe de mágica, na noite em que o pai deles morrera.

Um vento noroeste tinha afastado as chuvas com trovoadas da região e deixara um frio penetrante no ar e, quando eles foram à varanda depois do jantar para ver o sol se pôr, havia uma centena de nuvens no oeste — nuvens de ouro, nuvens de prata, nuvens lembrando osso, palha e sujeira embaixo da cama. "É muito *bom* pra mim estar aqui", disse Ellen. "Me faz tão bem." Ela sentou no parapeito, contra a luz, e não dava para Paul ver seu rosto. "Não consigo achar o binóculo do pai", ela prosseguiu, "e os tacos de golfe dele também desapareceram." Da janela aberta do quarto das crianças, Paul ouviu a filha cantar: "Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante…". A voz da menina saindo pela janela fez cair sobre ele uma ternura e uma felicidade infinitas.

Aquele lugar era muito bom para eles, como dizia Ellen; fazia bem a todos. Paul ouvia a frase ser dita naquela mesma varanda desde que sua memória se tornara retentiva. Ellen era a mancha naquela noite perfeita. Havia alguma coisa errada, algum mal parcialmente oculto na veneração da cena bucólica por parte da irmã — uma medida da inadequação dela, e também, ele suspeitava, da sua própria.

"Vamos tomar um brandy", disse Ellen. Entraram em casa para beber. Na sala de estar, houve muita discussão para decidir o que beber — brandy, licor de menta, Cointreau, Scotch. Paul foi até a cozinha e dispôs copos e garrafas numa bandeja. A porta de tela foi sacudida por alguma coisa — o vento, ele presumiu, até que a batida se repetiu e ele viu Kasiak parado no escuro. Pensou em lhe oferecer um drinque. Iria acomodá-lo na poltrona mais confortável e representar aquela farsa da igualdade entre o veranista e o caseiro que é uma das principais ilusões da época de calor. "Trouxe uma coisa que você devia ler", Kasiak disse antes que Paul pudesse abrir a boca, e lhe entregou um recorte de jornal. Paul reconheceu o tipo de letra do jornal comunista que enviavam de Indiana pelo correio para Kasiak. A manchete era HÁBITOS LUXUOSOS ENFRAQUECEM OS EUA, e a matéria descrevia com júbilo traidor os soldados russos fortes e resolutos. Paul sentiu o rosto esquentar não só de raiva contra Kasiak, mas também por causa do ataque de chauvinismo que o acometeu. "Foi só isso que veio fazer aqui?" Sua voz saiu seca. Kasiak fez que sim com a cabeça. "Te vejo amanhã cedo às seis", disse Paul, o patrão para o caseiro, e em seguida trancou a porta de tela e virou as costas.

Paul gostava de pensar que sua paciência com aquele homem era inesgotável — afinal, além de acreditar em Bakunin, ele acreditava que as pedras crescem e que o trovão faz o leite coalhar. Para interagir com Kasiak, Paul tinha sacrificado inconscientemente parte da sua liberdade e, para estar no jardim às seis horas, ele saiu da cama às cinco. Preparou um café da manhã e às cinco e meia ouviu o barulho de uma carroça na estrada. Era o início de uma corrida pueril para provar a virtude e a disposição para o trabalho. Paul estava no jardim quando Kasiak chegou com a carroça. Kasiak ficou desapontado.

Paul vira a égua somente no pasto e, independentemente do fato de que ela estava lhe custando quatro dólares, tinha uma certa curiosidade pelo animal, já que, assim como a vaca e a esposa, ele fazia parte da família de Kasiak. Reparou que o pelo da égua estava encardido; a barriga estava inchada; os cascos estavam

desferrados e compridos, e descascando como se fossem de papel. "Como ela se chama?", perguntou, mas Kasiak não respondeu. Prendeu a égua ao arado. Ela suspirou e começou a subir o morro. Paul foi conduzindo a égua pelas rédeas enquanto Kasiak empurrava o arado.

Na metade da primeira fileira do jardim, uma pedra interrompeu o trabalho. Depois de tê-la removido e rolado para longe, Kasiak gritou "Upa" para a égua. Ela não se mexeu. "Upa", ele gritou. Sua voz era áspera, mas ocultava uma certa ternura. "Upa, upa, upa." Bateu de leve com as rédeas nas ancas do animal. Lançou olhares aflitos para Paul, como se tivesse vergonha de que o outro pudesse notar o estado decrépito da égua e tirar conclusões equivocadas sobre um animal que ele amava. Quando Paul sugeriu que usassem um chicote, Kasiak se recusou. "Upa, upa, upa", gritou de novo. Ela continuou sem reagir e ele bateu no lombo dela com as rédeas. Paul tentou puxá-la pelo freio. Ficaram dez minutos gritando e puxando no meio da fileira, mas era como se a vida tivesse abandonado a égua. Por fim, quando eles já estavam roucos e desanimados, ela começou a se mexer e a botar ar nos pulmões. Sua carcaça fez o movimento de um fole, o fôlego assobiou em suas narinas e, como a sacola que Éolo entregou a Ulisses, ela pareceu se encher de tempestades. Sacudiu as moscas da cabeça e puxou o arado por mais alguns metros.

Isso tudo atrasou o trabalho e, quando eles terminaram, o sol já estava forte. Paul escutou vozes na sua casa quando ele e Kasiak estavam levando a égua doente de volta até a carroça e viu seus filhos ainda de pijama dando de comer aos coelhos no canteiro de alfaces. Quando Kasiak prendeu novamente a égua à carroça, Paul voltou a perguntar o nome dela.

"Ela não tem nome."

"Nunca ouvi falar de um cavalo de fazenda sem nome."

"Dar nome aos animais é um sentimentalismo burguês", disse Kasiak, indo embora com a carroça.

Paul deu risada.

"Você não volta mais!", gritou Kasiak por cima do ombro. Era a única arma que tinha à disposição para atingi-lo; ele sabia o quanto Paul adorava aquela terra. Sua expressão era sombria. "Você não volta mais ano que vem. Você vai ver só."

Há um momento, na manhã de domingo, em que a maré do verão começa a empurrar inexoravelmente em direção ao trem da noite. Você pode nadar, jogar tênis, tirar um cochilo ou dar uma caminhada, mas não faz muita diferença. Logo depois do almoço, Paul se deparou com a relutância em partir. Ela ganhou tanta força que ele acabou lembrando do vigor e da apreensão que sentia durante as licenças do serviço militar. Às seis, vestiu seu terno apertado e tomou um drinque com Virginia na cozinha. Ela lhe pediu que comprasse uma tesoura de unhas e também guloseimas em Nova York. Estavam ali quando ele ouviu o som mais apavorante que conhecia na vida — o de seus filhos lindos e inocentes gritando de dor.

Saiu correndo de casa e deixou a porta de tela bater na cara de Virginia. Em seguida, deu meia-volta e abriu a porta para a esposa, que subiu o morro correndo ao lado dele. As crianças vinham descendo pela estrada, por baixo das árvores mais altas. Perdidas em seu sofrimento cristalino, cegas pelas lágrimas, elas vieram embaralhando as pernas e correram até a mãe, procurando no meio da saia escura uma forma na qual pudessem afundar a cabeça. Estavam uivando. Mas não era nada sério, no fim das contas. Os coelhos tinham morrido.

"Pronto, pronto, pronto, pronto…" Virginia desceu com os filhos na direção da casa. Paul continuou subindo a estrada e encontrou os coelhos desfalecidos na gaiola. Foi até a beira do jardim com eles e cavou um buraco. Kasiak chegou trazendo água para as galinhas e, ao tomar conhecimento da situação, manifestou o seu pesar. "Por que fez um buraco?", perguntou. "Os gambás vão desenterrar à noite. Jogue no terreno do Cavis. Os gambás vão desenterrar…" Prosseguiu na direção do galinheiro. Paul pisoteou a cova. A terra entrou nos seus sapatos de cano baixo. Ele voltou à casinha dos coelhos para ver se encontrava alguma pista do que os havia matado, e na bandeja de comida, por baixo de uns vegetais murchos que as crianças tinham colhido, encontrou cristais de um veneno mortífero que era usado para matar ratos no inverno.

Paul fez um esforço honesto para lembrar se ele mesmo podia ter deixado o veneno ali. O calor sufocante da coelheira aumentou e o suor começou a escorrer por seu rosto. Será que Kasiak podia ter feito aquilo? Ele era assim tão maldoso, tão perverso? Será que, apoiado na crença de que numa noite de outono as labaredas no alto da montanha avisariam aos homens diligentes e confiáveis que era chegada

a hora de tomar o poder das mãos dos bebedores de martínis, ele tinha se tornado arguto o bastante para identificar a única coisa importante no futuro de Paul?

Kasiak estava no galinheiro. As sombras começavam a cobrir o chão e algumas galinhas felizes e estúpidas já estavam em seus poleiros. "Você envenenou os coelhos, Kasiak?", gritou Paul. "Foi você? Foi você?" Os berros levaram as aves à loucura. Elas abriam as asas pesadas e cacarejavam. "Foi você, Kasiak?" Kasiak continuava quieto. Paul o agarrou pelos ombros e o sacudiu. "Faz ideia de como esse veneno é forte? E se os meus filhos tivessem tocado nele? Sabia que eles podiam ter morrido?" Os galináceos se envolveram no deus nos acuda. Sinais eram trocados entre o galinheiro e o pátio; as aves se empurravam pela abertura congestionada e batiam as asas. Kasiak não oferecia nenhuma resistência aparente, como se a vida dele tivesse o bom-senso de se esconder da violência detrás da cartilagem e dos ossos, e Paul o sacudiu até desmontá-lo. "Foi você?", Paul gritava. "Foi você? Meu Deus, Kasiak, se você encostar nos meus filhos, se os ferir de qualquer maneira — qualquer maneira —, eu racho a sua cabeça ao meio." Empurrou o homem com força e ele se estatelou na terra.

Não havia ninguém na cozinha quando Paul entrou e ele bebeu dois copos d'água. Ouvia os filhos desolados na sala de estar enquanto sua irmã, Ellen, que não tivera filhos, tentava distraí-los desajeitadamente com uma história sobre o gato que tivera anos antes. Virginia entrou na cozinha e fechou a porta. Perguntou se os coelhos tinham sido envenenados, e ele disse que sim. Ela sentou numa cadeira ao lado da mesa da cozinha. "Fui eu que botei o veneno lá", ela disse. "Botei no outono passado. Nunca imaginei que fôssemos usar aquela casinha de novo e queria manter os ratos afastados. Esqueci. Nunca imaginei que fôssemos usar aquela casinha de novo. Esqueci completamente."

Vale para todos nós, por melhores que sejamos: se um observador nos flagrar embarcando no trem na estação; se ele puder dar uma boa olhada em nosso rosto quando a ansiedade já o tiver despido de todo o autodomínio; se puder ouvir as palavras duras ou carinhosas que diremos caso estejamos com a família, ou se reparar no modo como botamos a mala no bagageiro, verificamos a localização da carteira ou do molho de chaves e limpamos o suor da nuca; se souber julgar com

sabedoria a pompa, o acanhamento ou a tristeza com que nos acomodamos no lugar, ele saberá de nossas vidas muito mais do que gostaríamos de compartilhar.

Paul quase não alcançou o trem a tempo naquela noite de domingo. O fôlego lhe faltava quando subiu nos degraus altos do vagão. Ainda havia um pouco de palha em seus sapatos, um resquício da cena violenta no galinheiro. O trajeto de carro não fora suficiente para acalmar seu ânimo e o rosto dele ainda estava vermelho. Nada de mais tinha acontecido, ele pensou. "Não foi nada", disse consigo, enquanto atirava a mala no bagageiro — um homem de quarenta anos denunciando sua mortalidade com um tremor na mão direita, denunciando sua obsolescência na fronte confusa, um camponês de verão com calos nas palmas das mãos, uma queimadura de sol e ombros estreitos, tão visivelmente abalado por uma recente perda de princípios que ela não teria passado despercebida a um desconhecido do outro lado do corredor.

"The summer farmer"
Trad. Daniel Galera

Lamento amoroso

Alguns anos depois de ter conhecido Joan Harris em Nova York, Jack Lorey passou a pensar nela como A Viúva. Estava sempre vestida de preto e a curiosa desordem em seu apartamento lhe dava sempre a sensação de que os papa-defuntos haviam acabado de sair. Essa impressão não brotava de nenhuma malícia da sua parte, pois ele estimava muito Joan. Tinham vindo da mesma cidade em Ohio e chegaram a Nova York quase ao mesmo tempo em meados dos anos 30. Tinham a mesma idade e durante o primeiro verão na cidade costumavam se encontrar após o trabalho para beber martínis em lugares como o Brevoort e o Charles' ou jantar e jogar damas no Lafayette.

Joan se inscreveu num curso de modelo quando se fixou na cidade, mas acabou descobrindo que fotografava mal, e assim, depois de seis semanas aprendendo a caminhar com um livro em cima da cabeça, conseguiu um emprego de hostess num restaurante da rede Longchamps. Passou o resto do verão em pé ao lado do porta-chapéus, banhada por uma forte luz rosa e pela música de cordas para os corações partidos, balançando sua crina de cabelos escuros e a saia preta quando se adiantava para receber os clientes. Naquela época, ela era uma garota alta, bela e com uma voz adorável, e seu rosto e toda a sua presença pareciam sempre insuflados de um prazer leve e saudável por tudo que estava à sua volta, não importava o lugar. Era de uma sociabilidade inocente e incorrigível e seria capaz de

sair da cama e se vestir às três da manhã caso alguém telefonasse chamando-a para sair e beber algo, como Jack não raro fazia. No outono, ela arranjou alguma espécie de emprego administrativo de iniciante numa loja de departamentos. Passaram a se ver cada vez menos e depois deixaram de se ver por completo durante um bom tempo. Jack estava morando com uma garota que havia conhecido numa festa e nunca lhe ocorria procurar saber que fim tinha levado Joan.

A namorada de Jack tinha amigos na Pensilvânia, portanto ele passou muitos fins de semana lá com ela durante a primavera e o verão de seu segundo ano na cidade. Tudo isso — o apartamento compartilhado no Village, o relacionamento ilícito, o trem da sexta à noite até a casa de campo — era como ele imaginava que a vida seria em Nova York, e ele estava muito feliz. Certa noite de domingo, ele estava voltando para Nova York com a namorada pela linha Lehigh. Era um daqueles trens que percorrem vagarosamente a face de New Jersey trazendo centenas de pessoas de volta à cidade como se fossem as vítimas de um imenso e exaustivo piquenique, com o rosto ardendo e os músculos frouxos. Jack e sua namorada, como a maioria dos outros passageiros, estavam sobrecarregados de flores e vegetais. Quando o trem parou na Pennsylvania Station, eles acompanharam a multidão pela plataforma em direção à escada rolante. Passavam pelas janelas amplas e iluminadas do restaurante quando Jack virou a cabeça e avistou Joan. Era a primeira vez que a via desde o Dia de Ação de Graças, ou desde o Natal. Ele não lembrava.

Joan estava acompanhada de um homem que tinha obviamente desmaiado. Sua cabeça estava caída entre os braços sobre a mesa e próximo ao seu cotovelo havia um copo derrubado de uísque com soda. Joan sacudia os ombros dele com delicadeza e falava com ele. Parecia vagamente aflita, vagamente entretida. Os garçons tinham esquecido de todas as outras mesas e estavam em pé ao redor de Joan, esperando que ela ressuscitasse o seu acompanhante. Era perturbador para Jack ver nessa situação difícil uma garota que o fazia lembrar das árvores e jardins da sua cidade natal, mas não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar. Joan continuou sacudindo os ombros do homem e a multidão forçou Jack a passar por todas as janelas do restaurante e pela cozinha malcheirosa até alcançar a escada rolante.

Voltou a ver Joan naquele verão quando foi jantar num restaurante do Village.

Ele estava com uma nova namorada, uma sulista. Havia muitas garotas vindas do sul na cidade aquele ano. Jack e sua beldade tinham entrado de improviso no restaurante apenas por uma questão de conveniência, mas a comida era terrível e o ambiente era à luz de velas. No decorrer do jantar, Jack reparou em Joan sentada do outro lado do salão e, assim que terminou de comer, cruzou o recinto e foi falar com ela. Joan estava acompanhada de um homem alto que usava um monóculo. Ele se levantou, curvou rigidamente a cintura e disse a Jack: "Estamos muito felizes em conhecê-lo". Em seguida, pediu licença e foi ao banheiro. "Ele é conde, um conde sueco", disse ela. "Está no rádio, nas tardes de sexta, às quatro e quinze. Não é emocionante?" Parecia encantada com o conde e com o péssimo restaurante.

A certa altura do inverno seguinte, Jack se mudou do Village para um apartamento no East Thirties. Estava atravessando a Park Avenue numa manhã gelada, a caminho do trabalho, quando identificou no meio da multidão uma mulher que ele tinha visto algumas vezes no apartamento de Joan. Foi falar com ela e perguntou pela amiga. "Não ficou sabendo?", ela disse. Fez uma cara azeda. "Talvez seja melhor eu te contar. Talvez você possa ajudar." Os dois tomaram café juntos numa loja de conveniência na Madison Avenue e ela se aliviou do peso da história.

O conde tinha um programa de rádio chamado *A Canção dos Fiordes*, ou algo parecido, e cantava música popular sueca. Todo mundo suspeitava que ele fosse um farsante, mas Joan não se importava com isso. Ele a conheceu numa festa e, farejando um coração mole, se mudou para o apartamento dela na noite seguinte. Cerca de uma semana depois, reclamou de dores nas costas e disse que precisava de um pouco de morfina. Não demorou para que estivesse precisando de morfina o tempo todo. Se não a obtinha, ficava agressivo e violento. Joan começou a se aproximar daqueles médicos e farmacêuticos que traficam narcóticos e, quando eles não forneciam o que ela precisava, ela se enfiava nos buracos da cidade. Seus amigos temiam encontrá-la na sarjeta a qualquer momento. Ela engravidou. Ela abortou. O conde a abandonou e se mudou para um hotel pulguento perto da Times Square, mas àquela altura Joan estava tão afetada pelo desespero dele, tão receosa de que ele morresse na sua ausência, que foi atrás dele, dividiu o quarto com ele e continuou a comprar seus narcóticos. Ele a abandonou de novo, e Joan ficou esperando seu retorno por uma semana antes de voltar para casa e para seus

amigos do Village.

Era chocante para Jack pensar na garota inocente de Ohio vivendo com um viciado violento e negociando com criminosos e, quando chegou ao escritório naquela manhã, telefonou para ela e marcou um jantar para a mesma noite. Encontraram-se no Charles'. Ao entrar no bar, ela parecia tranquila e sadia como sempre. Sua voz era doce e, ao ouvi-la, ele pensava em olmos, na grama e naqueles arranjos de vidro que as pessoas costumavam pendurar no teto das varandas para tilintar na brisa do verão. Ela contou a história do conde. Falou dele com generosidade e sem traços de rancor, como se sua voz e seu temperamento fossem incapazes de registrar qualquer coisa além do afeto e do prazer mais simples. Ela caminhou na frente dele quando foram para a mesa e seu andar era leve e gracioso. Comeu um jantar farto e falou com entusiasmo sobre o trabalho. Foram ver um filme e se despediram diante do prédio residencial onde ela morava.

Naquele inverno, Jack conheceu uma garota com quem decidiu se casar. O noivado foi anunciado em janeiro e eles estavam planejando o casamento para julho. Na primavera, ele recebeu pelo correio do escritório um convite para uma festa na casa de Joan. Seria num sábado em que sua noiva iria a Massachusetts para visitar os pais e, como não tinha nada melhor para fazer quando a data chegou, ele acabou pegando um ônibus até o Village. Joan tinha o mesmo apartamento. Era um prédio sem elevador. Você tocava a campainha sobre a caixa de correio no vestíbulo e a resposta era um clangor de morte na tranca. Joan morava no terceiro andar. Seu cartão de visita estava numa fenda da caixa de correio, e em cima de seu nome estava escrito o nome Hugh Bascomb.

Jack subiu os dois lances de degraus acarpetados e, ao chegar ao apartamento de Joan, ela estava diante da porta aberta, de vestido preto. Depois de cumprimentar Jack, pegou no seu braço e o conduziu pela sala. "Quero que conheça Hugh, Jack", disse.

Hugh era um homem grandalhão com o rosto vermelho e olhos azul-claros. Seus modos eram refinados e os olhos estavam acesos pela bebida. Jack conversou um pouquinho com ele e depois foi falar com um conhecido que estava perto do consolo da lareira. Foi então que reparou, pela primeira vez, na desordem indescritível do apartamento de Joan. Os livros estavam nas prateleiras e a mobília era razoavelmente boa, mas de alguma forma tudo ali estava errado. Era como se

ela tivesse posto tudo no lugar sem pensar, ou sem nenhum verdadeiro interesse, e pela primeira vez, também, ele teve a impressão de que alguém morrera ali recentemente.

Andando pela sala, Jack teve a impressão de conhecer de outras festas aqueles dez ou doze convidados. Havia uma executiva com um chapéu chique, um homem que sabia imitar Roosevelt, um casal mal-encarado cuja peça de teatro estava sendo ensaiada e um jornalista que não parava de ligar o rádio à espera de notícias da Guerra Civil Espanhola. Jack bebeu martínis e conversou com a mulher do chapéu chique. Viu pela janela os pátios de fundo e as lorantáceas e ouviu o estouro de trovoadas distantes nos penhascos do Hudson.

Hugh Bascomb ficou muito bêbado. Começou a esparramar destilados como se beber, para ele, fosse uma espécie de massacre feliz e ele adorasse o derramamento de sangue e a sujeira. Derramou uísque de uma garrafa. Derramou uma bebida na própria camisa e em seguida derrubou a bebida de outra pessoa. O volume da festa não era baixo, mas a voz rasgada de Hugh começou a dominar as demais. Ele acossou um fotógrafo que estava num canto explicando técnicas de câmera a uma mulher sem graça. "Por que veio para a festa se tudo que pretende fazer é ficar aí sentado encarando seus sapatos?", bradou Hugh. "Por que se deu ao trabalho de vir? Por que não fica em casa?"

O fotógrafo ficou sem saber o que dizer. Ele não estava encarando os sapatos. Joan se aproximou de Hugh de mansinho. "Por favor, não se meta numa briga agora, querido", ela disse. "Não esta tarde."

"Cala a boca", ele disse. "Me deixa em paz. Vá cuidar da sua vida." Perdeu o equilíbrio e, tentando se recompor, derrubou uma luminária.

"Oh, a sua linda luminária, Joan", suspirou uma mulher.

"Luminárias!", rugiu Hugh. Ergueu os braços no ar e os agitou em volta da cabeça como se estivesse golpeando a si próprio. "Luminárias. Copos. Maços de cigarros. Pratos. Isso tudo está me matando. Está me matando, pelo amor de Deus. Vamos todos para a montanha caçar e pescar e viver como homens, pelo amor de Deus."

As pessoas se puseram a debandar como se tivesse começado a chover dentro da sala. Tinha, de fato, começado a chover lá fora. Alguém ofereceu a Jack uma carona para o centro e ele não desperdiçou a oportunidade. Joan ficou parada ao lado da

porta dando adeus a seus amigos afugentados. Sua voz permaneceu suave e seu comportamento, ao contrário do daquelas mulheres cristãs capazes de evocar novas e formidáveis fontes de compostura em face do desastre, parecia genuinamente simples. Era como se ela ignorasse o bêbado enfurecido às suas costas, que andava de um lado para outro esmagando copos no tapete e dando discurso para um dos sobreviventes da festa a respeito de como ele, Hugh, havia certa vez aguentado três semanas sem comida.

Em julho, Jack se casou num pomar em Duxbury e foi passar algumas semanas com a esposa em West Chop. Quando retornaram à cidade, seu apartamento estava abarrotado de presentes, incluindo um jogo de xícaras de café para depois do jantar enviado por Joan. Sua esposa agradeceu com o bilhete adequado, mas não fizeram nada além disso.

No final do verão, Joan ligou para Jack no escritório e perguntou se ele não gostaria de trazer a esposa para visitá-la; ela propôs uma noite da semana seguinte. Ele se sentiu culpado por não ter ligado para ela e aceitou o convite. Isso irritou sua esposa. Ela era uma moça ambiciosa que preferia ter uma vida social que trouxesse recompensas, e foi contra a vontade que o acompanhou ao apartamento de Joan no Village.

Em cima do nome de Joan na caixa de correio estava escrito o nome Franz Denzel. Jack e a esposa subiram as escadas e foram recebidos por Joan com a porta aberta. Entraram no apartamento e se depararam com um grupo de pessoas no meio das quais Jack, pelo menos, foi incapaz de se situar.

Franz Denzel era um alemão de meia-idade. Seu rosto era retorcido pela amargura ou pela doença. Cumprimentou Jack e a esposa com aquela cortesia elaborada e espirituosa que visa impor aos convidados a sensação de que chegaram cedo ou tarde demais. Insistiu teimosamente para que Jack sentasse na poltrona em que ele próprio estivera sentado até então e em seguida foi sentar em cima do aquecedor. Havia outros cinco alemães acomodados ao redor da sala, bebendo café. No canto havia outro casal americano parecendo pouco à vontade. Joan entregou a Jack e à esposa pequenas xícaras de café com chantilly. "Essas xícaras pertenciam à mãe de Franz", disse. "Não são lindas? Foi a única coisa que ele trouxe da

Alemanha quando fugiu dos nazistas."

Franz se virou para Jack e disse: "Talvez você possa nos dar sua opinião sobre o sistema educacional americano. Era o que estávamos discutindo antes de você chegar".

Antes que Jack pudesse abrir a boca, um dos convidados alemães disparou um ataque contra o sistema educacional americano. Os outros alemães se uniram a ele e aproveitaram para descrever cada vulgaridade que lhes chamara a atenção na vida americana, contrapondo a vida na Alemanha e nos Estados Unidos de uma forma geral. Onde na América, eles perguntavam exaltados um ao outro, você podia encontrar qualquer coisa parecida com os vagões-restaurante Mitropa, a Floresta Negra, os quadros em Munique, a música em Bayreuth? Franz e seus amigos começaram a conversar em alemão. Nem Jack, nem sua esposa, nem Joan entendiam alemão e o outro casal americano não tinha aberto a boca desde que foram apresentados. Joan circulava alegremente pela sala reabastecendo de café todas as xícaras, como se a musicalidade de um idioma estrangeiro bastasse para completar sua noite.

Jack bebeu cinco xícaras de café. Sentia um desconforto desesperador. Joan entrou na cozinha enquanto os alemães davam risada de suas piadas alemãs e ele torceu para que ela retornasse com uma bebida qualquer, mas o que ela trouxe ao voltar foi uma bandeja com sorvete e amoras.

"Não é delicioso?", perguntou Franz, adotando de novo o inglês.

Joan recolheu as xícaras de café e, quando estava prestes a levá-las de volta à cozinha, foi detida por Franz.

"Não tem uma lasca numa dessas xícaras?"

"Não, querido", disse Joan. "Nunca deixo a empregada encostar nelas. Eu mesma as lavo."

"O que é isso?", perguntou, apontando para a borda de uma das xícaras.

"Essa é a xícara que sempre esteve lascada, querido. Estava lascada quando você as desembrulhou. Você percebeu na hora."

"Essas coisas estavam perfeitas quando chegaram neste país."

Joan entrou na cozinha e ele foi atrás dela.

Jack tentou puxar conversa com os alemães. Da cozinha vieram o som de um golpe e um grito. Franz voltou e começou a devorar com sofreguidão suas amoras.

Joan retornou com seu prato de sorvete. Sua voz continuava suave. Suas lágrimas, se é que havia chorado, tinham secado rápido como as de uma criança. Jack e a esposa terminaram seus sorvetes e trataram de escapulir. Aquela noite tensa e desperdiçada enfureceu a esposa de Jack e ele achou que nunca mais veria Joan.

A esposa de Jack engravidou no começo do outono e recorreu a todas as prerrogativas de uma gestante. Tirava longos cochilos, comia pêssegos em lata no meio da madrugada e falava sobre a insuficiência renal. Ela quis conviver apenas com outros casais que estivessem esperando filhos e as festas que dava com Jack eram comportadas. O bebê, um menino, nasceu em maio, e Jack ficou muito orgulhoso e contente. A primeira festa a que compareceram depois da convalescença dela foi o casamento de uma moça de uma família que Jack conhecia de Ohio.

O casamento foi na igreja de St. James, e após a cerimônia houve uma grande recepção no River Club. Havia uma orquestra em trajes húngaros e muito champanhe e Scotch. Rumo ao final da tarde, Jack caminhava por um corredor escuro quando ouviu a voz de Joan. "Por favor, não faça isso, querido", ela dizia. "Você vai quebrar o meu braço. *Por favor*, não faça isso, querido." Estava sendo prensada contra a parede por um homem que dava a impressão de estar torcendo o braço dela. Assim que viram Jack, o enfrentamento cessou. Os três ficaram extremamente constrangidos. O rosto de Joan estava molhado e ela fez o esforço de sorrir para Jack de trás das lágrimas. Ele disse olá e seguiu em frente sem parar. Quando voltou, ela e o homem tinham sumido.

Pouco antes de o filho de Jack completar dois anos, sua esposa foi de avião com o bebê até Nevada para pedir o divórcio. Jack lhe entregou o apartamento com toda a mobília e se mudou para um quarto de hotel próximo à Grand Central. Sua esposa obteve a sentença no tempo devido e a notícia foi parar nos jornais. Jack recebeu um telefonema de Joan alguns dias depois.

"Fiquei muito sentida com a notícia do seu divórcio, Jack", ela disse. "Ela parecia ser uma moça *tão* boa. Mas não foi por isso que te liguei. Quero a sua ajuda, e gostaria de saber se não pode vir ao meu apartamento hoje à noite, perto das seis. É algo que prefiro não tratar por telefone."

Obediente, ele foi até o Village aquela noite e subiu as escadas. O apartamento estava de pernas para o ar. Os quadros e cortinas estavam no chão e os livros tinham sido encaixotados. "Vai se mudar, Joan?"

"É por isso que eu queria falar com você, Jack. Primeiro, vou te servir uma bebida." Ela preparou dois Old-Fashioneds. "Jack, estou sendo despejada", disse. "Estou sendo despejada porque sou uma mulher imoral. O casal que mora no apartamento de baixo — são queridos, sempre achei — disse ao corretor de imóveis que sou uma bêbada e uma prostituta e todo tipo de coisa. Não é fantástico? Esse corretor sempre foi tão legal comigo que não pensei que fosse acreditar neles, mas ele cancelou meu contrato e, se eu causar problemas de qualquer tipo, ameaçou levar a questão para a loja, e não quero perder meu emprego. O corretor que era tão legal nem quer mais falar comigo. Quando vou à imobiliária, a recepcionista me olha de soslaio como se eu fosse um tipo de mulher abominável. Claro, muitos homens passaram por aqui e às vezes fazíamos barulho, mas não podem esperar que eu vá dormir às dez toda noite. Podem? Bem, parece que o corretor que administra este prédio espalhou para todos os outros corretores do bairro que sou uma mulher bêbada e imoral, e agora nenhum deles quer me dar um apartamento. Fui falar com um homem — ele parecia ser um cavalheiro tão correto — e ele me fez uma proposta indecente. Não é fantástico? Preciso sair daqui até quinta-feira e estou literalmente sendo despejada na rua."

Joan parecia serena e inocente como sempre enquanto descrevia o açoite dos corretores e dos vizinhos. Jack escutou com atenção à procura de sinais de indignação, rancor ou até mesmo de exaltação em seu relato, mas não havia nada disso. Um lamento amoroso veio à sua mente, uma daquelas baladas comoventes e desamparadas que não foram cantadas nem para ele nem para ela, e sim para seus irmãos e irmãs mais velhos, por Marion Harris. Era como se Joan estivesse cantando seus pesares.

"Eles transformaram a minha vida num inferno", ela continuou em voz baixa. "Se deixo o rádio ligado depois das dez, telefonam para o corretor pela manhã e dizem que fiz algum tipo de orgia aqui. Uma noite, quando Philip — acho que você não conheceu Philip; ele está na Força Aérea Real; voltou para a Inglaterra —, uma noite, quando Philip e umas outras pessoas estavam aqui, eles chamaram a polícia. A polícia entrou chutando a porta e falou comigo como se eu fosse sei lá o quê, e

depois foram olhar o meu quarto. Se eles acham que tem um homem aqui comigo depois da meia-noite, ligam no meu telefone e dizem coisas revoltantes. Claro, eu posso colocar toda a minha mobília num depósito e me mudar para um hotel, acho. Acho que um hotel aceitará uma mulher com esse tipo de reputação, mas pensei que talvez você soubesse de algum apartamento. Pensei que…"

Jack sentiu raiva ao saber que aquela garota alta e esplêndida estava sendo molestada pelos vizinhos e prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance. Convidou-a para jantar com ele, mas ela disse que estava ocupada.

Sem nada melhor para fazer, Jack decidiu caminhar até seu hotel, rumo ao centro. Era uma noite quente. O céu estava encoberto. No meio do caminho, ele avistou uma manifestação numa rua lateral escura que dava na Broadway, perto da Madison Square. Todos os prédios do bairro estavam às escuras. Estava tão escuro que ele só pôde ler o que estava escrito nas placas carregadas pelos manifestantes quando se aproximou de um poste. As placas incitavam os Estados Unidos a entrar na guerra, e cada pelotão representava um país que fora subjugado pelas forças do Eixo. Marchavam pela Broadway sem nenhum acompanhamento musical, tendo como único som de fundo os próprios passos sobre o calçamento de pedras. Em sua maior parte, era um exército de homens e mulheres idosos — poloneses, noruegueses, dinamarqueses, judeus, chineses. Algumas pessoas à toa como ele se aglomeravam nas calçadas vendo os manifestantes avançar pela rua com a disposição típica de prisioneiros inimigos. Entre eles, havia crianças usando as mesmas fantasias que tinham vestido diante do prefeito, a quem presentearam com um saquinho de chá, um abaixo-assinado, um protesto formal, uma constituição, um cheque ou um par de ingressos em frente às câmeras dos cinejornais. Capengavam todos pela escuridão da rua de sobrados como um povo humilhado e destruído, em direção à Greeley Square.

De manhã, Jack delegou à sua secretária o problema de encontrar um apartamento para Joan. Ela começou a telefonar para corretores de imóveis e à tarde havia encontrado alguns apartamentos disponíveis no West Twenties. Joan ligou para Jack na manhã seguinte para agradecer e dizer que tinha ficado com um dos apartamentos.

Jack não voltou a ver Joan até o verão seguinte. Era uma noite de domingo; ele havia saído de uma festa num apartamento da Washington Square e decidira

caminhar alguns quarteirões pela Quinta Avenida antes de tomar o ônibus. Quando estava passando pela frente do Brevoort, Joan o chamou. Estava acompanhada de um homem numa das mesas da calçada. Parecia tranquila e viçosa, e o homem aparentava ser respeitável. Ficou sabendo que seu nome era Pete Bristol. Ele convidou Jack para sentar e se unir a eles na comemoração. A Alemanha tinha invadido a Rússia naquele fim de semana, e Joan e Pete bebiam champanhe para celebrar a mudança de posição russa na guerra. Os três beberam champanhe até escurecer. Jantaram e beberam champanhe no jantar. Depois beberam mais champanhe e foram ao Lafayette, e depois a outros dois ou três lugares. Joan sempre havia sido incansável, com a suavidade que lhe era típica. Odiava ver a noite terminar, por isso já passava das três quando Jack entrou tropeçando no apartamento dele. Na manhã seguinte, acordou desmilinguido e enjoado, sem lembrança nenhuma das últimas horas da noite anterior. Seu paletó estava sujo e ele tinha perdido o chapéu. Só chegou ao escritório às onze. Joan já lhe telefonara duas vezes e telefonou de novo depois que ele chegou. Não havia sinal de rouquidão em sua voz. Ela disse que precisava vê-lo e ele concordou em encontrá-la para o almoço num restaurante de frutos do mar no Fifties.

Ele estava em pé no bar quando ela entrou tranquilamente, parecendo não ter tomado parte naquela noite calamitosa. O conselho que procurava tinha a ver com a venda das suas joias. Sua avó lhe deixara umas joias e ela pretendia levantar algum dinheiro com elas, mas não sabia aonde ir. Tirou alguns anéis e pulseiras da bolsa e os mostrou a Jack. Ele disse que não entendia nada de joias, mas que poderia lhe emprestar um pouco de dinheiro. "Oh, Jack, eu não poderia aceitar dinheiro de você", ela disse. "É que eu quero arranjar algum dinheiro para Pete. Quero ajudá-lo. Ele pretende abrir uma agência de propaganda e precisa de uma quantia bem grande para começar." Depois disso, Jack não insistiu para que ela aceitasse sua proposta de empréstimo e o projeto não foi mais mencionado durante o almoço.

A próxima vez que ele teve notícias de Joan foi por meio de um médico de quem ambos eram amigos. "Tem visto Joan?", o médico perguntou a Jack uma noite em que foram jantar juntos. Ele disse que não. "Fiz um checkup nela semana passada", disse o médico, "e, embora ela tenha passado pelo suficiente para dar cabo de um reles mortal — e você não faz ideia de tudo que ela passou —, ela continua tendo a

constituição de uma mulher regrada e saudável. Soube da última? Ela vendeu as joias para que ele abrisse alguma espécie de negócio e, assim que pôs as mãos no dinheiro, ele a abandonou por outra garota que tinha um carro — um conversível."

Jack foi convocado pelo exército na primavera de 1942. Ficou retido em Fort Dix por cerca de um mês, e nesse período vinha a Nova York à noite sempre que obtinha uma permissão. Essas noites tinham, para ele, a agudeza profunda do adiamento de uma sentença, uma sensação aumentada pelo fato de que, no trem que partia de Trenton, as mulheres não raro empurravam para cima dele exemplares amassados da *Life* e caixas de chocolate parcialmente consumidas, como se as roupas marrons que ele vestia não pudessem ser outra coisa senão uma mortalha. Uma noite, ligou da Pennsylvania Station para Joan. "Venha agora mesmo, Jack", ela disse. "Venha agora mesmo. Quero que conheça Ralph."

Ela estava morando naquele lugar em West Twenties que Jack tinha encontrado para ela. A vizinhança era uma favela. Havia latões de lixo em frente à sua casa e uma velha estava catando restos de lixo e socando-os num carrinho de bebê. A casa em que ficava o apartamento de Joan era decadente, mas o apartamento em si era familiar. A mobília era a mesma. Joan era a mesma garota alta e despreocupada. "Adorei você ter me ligado", ela disse. "Que bom te ver. Vou preparar um drinque pra você. Eu mesma estava bebendo um. Ralph já devia ter chegado. Ele prometeu me levar para jantar." Jack se ofereceu para levá-la ao Cavanagh's, mas ela disse que Ralph poderia chegar enquanto ela estivesse fora. "Se ele não chegar até as nove, farei um sanduíche. Não estou com muita fome."

Jack falou sobre o exército. Ela falou sobre a loja. Trabalhava no mesmo lugar desde — fazia quanto tempo? Ele não sabia. Nunca a tinha visto no posto de trabalho e era incapaz de imaginar o que ela fazia. "Lamento muito que Ralph não esteja aqui", ela disse. "Tenho certeza que ia gostar dele. Não é um homem jovem. É um médico especializado no coração e adora tocar viola." Ela acendeu algumas luzes, pois o céu de verão já escurecera. "Ele tem uma esposa abominável em Riverside Drive e quatro filhos ingratos. Ele…"

Foi interrompida pelo barulho de uma sirene antiaérea lúgubre que lembrava a reação a uma dor, como se toda a angústia e a indecisão da cidade tivessem ganhado uma voz. Outras sirenes soaram em bairros distantes até que seu barulho preenchesse a atmosfera sombria. "Deixa eu preparar outro drinque pra você antes

que precise apagar as luzes", disse Joan, pegando o copo dele. Ela trouxe o copo de volta e desligou os interruptores. Foram até a janela e, como crianças que assistem a uma tempestade, viram o escuro tomar conta da cidade. Todas as luzes nas proximidades se apagaram com exceção de uma. Fiscais de ataque aéreo começaram a apitar na rua. Um berro áspero de raiva soou num pátio afastado. "Desliguem as luzes, fascistas!", gritou uma mulher. "Desliguem as luzes, alemães fascistas e nazistas. Apaguem as luzes. Apaguem as luzes." A última luz se apagou. Eles saíram de perto da janela e sentaram na sala às escuras.

Na penumbra, Joan começou a falar de seus amantes passados e, pelo que Jack pôde entender, todos haviam enfrentado dificuldades. Nils, o conde suspeito, morrera. Hugh Bascomb, o bêbado, tinha entrado para a marinha mercante e estava desaparecido no Atlântico Norte. Franz, o alemão, tinha tomado veneno na noite em que os alemães bombardearam Varsóvia. "Ouvimos as notícias no rádio", contou Joan, "e então ele voltou para o hotel e tomou veneno. A empregada o encontrou morto no banheiro na manhã seguinte." Quando Jack quis saber sobre aquele que pretendia abrir a agência de propaganda, num primeiro momento ela pareceu ter esquecido dele. "Ah, o Pete", disse, após uma pausa. "Bem, ele vivia muito doente, sabe. Era pra ter se mudado pra Saranac, mas ficava adiando, adiando e…" Parou de falar ao escutar passos na escada, esperando, imaginou ele, tratar-se de Ralph, mas, fosse lá quem fosse, a pessoa deu a volta no patamar e seguiu até o andar de cima. "Seria bom se Ralph chegasse", ela disse suspirando. "Quero que o conheça." Jack a convidou novamente para sair, mas ela recusou e, quando soou o toque de encerramento do ataque aéreo, ele se despediu.

Jack foi transferido de Fort Dix para um campo de treinamento de infantaria nas Carolinas, e de lá para uma divisão de infantaria baseada na Geórgia. Estava na Geórgia fazia três meses quando se casou com uma moça da aristocracia hoteleira de Augusta. Cerca de um ano mais tarde, cruzou o continente num vagão comum com a ideia sentenciosa de que a última visão que teria do país seriam as cidades do deserto como Barstow, de que a última coisa que ouviria em seu território seriam os apitos dos bondes na Bay Bridge. Foi enviado ao Pacífico e retornou aos Estados Unidos após vinte meses, sem ferimentos e aparentemente inalterado. Assim que recebeu a licença, foi para Augusta. Presenteou a esposa com lembranças que trouxera das ilhas, brigou violentamente com ela e com toda a sua família, e, depois

de tomar providências para que ela obtivesse um divórcio em Arkansas, foi embora para Nova York.

Jack foi dispensado do exército num quartel da Costa Leste poucos meses depois. Tirou férias e então retornou ao emprego que havia abandonado em 1942. Parecia ter retomado a vida mais ou menos no mesmo instante em que ela fora interrompida pela guerra. Com o tempo, tudo passou a ter a mesma aparência e a mesma sensação. Reencontrou a maioria dos velhos amigos. Somente dois dos homens que conhecia tinham morrido na guerra. Não telefonou para Joan, mas a encontrou numa tarde de inverno numa linha de ônibus.

Seu rosto viçoso, suas roupas pretas e a voz suave destruíram imediatamente a noção — se é que ele chegara a ter essa noção — de que alguma coisa tivesse mudado ou transcorrido desde o último encontro deles, três ou quatro anos antes. Ela o convidou para tomar um coquetel e ele foi ao apartamento dela na tarde do sábado seguinte. A sala de estar e os convidados lembravam as festas que ela dava quando tinha acabado de chegar a Nova York. Havia uma mulher com um chapéu chique, um médico de idade avançada e um homem que permanecia ao lado do rádio ouvindo as notícias da península Balcânica. Jack tentou adivinhar qual dos homens pertencia a Joan e optou por um inglês que ficava tossindo num lenço que retirava da manga. Jack acertou. "Stephen não é o máximo?", Joan perguntou pouco mais tarde, quando estavam sozinhos num canto. "Ele sabe mais sobre os polinésios do que qualquer outra pessoa no mundo."

Jack retornara não apenas ao velho emprego, mas também ao velho salário. Como o custo de vida dobrara e ele pagava pensão alimentícia para duas esposas, teve que apelar para suas economias. Pegou outro emprego que prometia um salário maior, mas não durou muito, e ele ficou desempregado. Isso não o incomodava nem um pouco. Ainda tinha dinheiro no banco, e de qualquer forma era fácil pedir emprestado aos amigos. Sua indiferença não se devia à exaustão nem ao desespero, e sim a um excesso de esperança. Ele tinha a sensação de ter acabado de sair de Ohio para chegar a Nova York. Essa sensação de que ainda era muito jovem e de que os melhores anos da sua vida ainda estavam por vir era uma ilusão da qual parecia incapaz de se livrar. Tinha todo o tempo do mundo pela frente. Morou em hotéis nessa época, mudando de um para outro a cada cinco dias.

Na primavera, Jack se mudou para um quarto mobiliado nos terrenos erodidos a

oeste do Central Park. Seu dinheiro estava acabando. Quando se deu conta de que um emprego era uma necessidade premente, adoeceu. No início parecia ter contraído apenas um forte resfriado, mas não conseguiu combatê-lo e passou a ter febre e a tossir sangue. A febre o mantinha prostrado a maior parte do tempo, mas de vez em quando ele se animava a fazer uma refeição numa cafeteria. Tinha a certeza de que nenhum de seus amigos sabia onde ele estava e dava graças a isso. Só não contava com Joan.

No fim de uma manhã, ouviu Joan conversando com a proprietária no vestíbulo. Poucos instantes depois, ela bateu à sua porta. Ele estava deitado na cama vestindo calças e uma camisa suja de pijama e não atendeu. Ela bateu de novo e entrou. "Jack, andei procurando você por toda parte", falou com a voz suave. "Quando descobri que estava num lugar desses, achei que devia estar falido ou doente. Passei no banco e peguei um pouco de dinheiro, para o caso de estar falido. Trouxe um pouco de Scotch. Achei que um traguinho não faria mal. Quer um traguinho?"

O vestido de Joan era preto. Sua voz era baixa e mansa. Ela sentou numa cadeira ao lado da cama como se tivesse ido lá todos os dias para cuidar dele. Seus traços estavam um pouco mais grosseiros, ele achou, mas o rosto ainda apresentava pouquíssimas rugas. Ela ganhara peso. Pegou dois copos e serviu doses de Scotch. Ele bebeu seu uísque com sofreguidão. "Só fui dormir depois das três ontem", ela disse. A voz dela o tinha feito pensar, certa vez, numa canção suave e angustiada, mas agora, talvez por causa da doença, a delicadeza de Joan, seu traje de luto e sua graça furtiva lhe traziam aflição. "Foi uma noite daquelas", ela disse. "Fomos ao teatro. Depois, alguém nos convidou pra subir. Não sei quem era. Era um daqueles lugares. São tão estranhos. Havia plantas carnívoras e garrafas de rapé chinesas. Por que as pessoas colecionam garrafas de rapé chinesas? Todos nós assinamos o nome num abajur, até onde lembro, mas não consigo lembrar de muita coisa."

Jack tentou sentar na cama, como se precisasse se defender de algo, e em seguida caiu de novo sobre os travesseiros. "Como foi que me encontrou, Joan?"

"Foi simples", ela disse. "Liguei pro hotel. Aquele onde você ficava. Me deram este endereço. Minha secretária descobriu o número do telefone. Tome mais um traguinho."

"Sabe, você nunca veio na minha casa antes — nunca", ele disse. "Por que resolveu vir agora?"

"Por que resolvi vir, querido? Que pergunta! Conheço você há trinta anos. É meu amigo mais antigo em Nova York. Lembra daquela noite no Village em que nevou e nós ficamos acordados até o amanhecer e bebemos whisky sours no café da manhã? Nem parece que se passaram doze anos. E aquela noite…"

"Não gosto que me veja num lugar assim", ele declarou com firmeza. Passou a mão no rosto e alisou a barba.

"E todas aquelas pessoas que imitavam o Roosevelt", ela disse, como se não o tivesse escutado, como se fosse surda. "E aquele lugar em Staten Island onde gostávamos de ir jantar quando Henry tinha o carro. Pobre Henry. Comprou uma casa em Connecticut e foi pra lá sozinho num fim de semana. Pegou no sono com um cigarro aceso e a casa queimou, o celeiro também, tudo. Ethel levou as crianças pra Califórnia." Ela derramou mais Scotch no copo de Jack. Acendeu um cigarro e o colocou nos lábios dele. A intimidade desse gesto, que dava não apenas a impressão de que ele estava condenado mas também de que eram amantes, foi perturbadora.

"Assim que eu melhorar", ele disse, "vou arranjar um quarto num bom hotel. E então telefonarei pra você. Foi muita gentileza sua ter vindo."

"Oh, não tenha vergonha deste quarto, Jack. Quartos nunca me incomodam. Acho que nunca me importei muito com o lugar onde estou. Stanley tinha um quartinho imundo em Chelsea. Ou pelo menos outras pessoas me disseram que era imundo. Nunca reparei. Os ratos devoravam a comida que eu levava pra ele. Ele precisava pendurar a comida no teto, na corrente do lustre."

"Te ligo assim que melhorar", disse Jack. "Acho que vou dormir um pouco agora, se ficar sozinho. Ando precisando dormir muito."

"Você está doente *mesmo*, querido. Deve estar com febre." Ela sentou na beira da cama e pôs a mão na testa dele.

"Joan, como vai aquele inglês?", ele perguntou. "Tem visto ele?"

"Que inglês?", ela disse.

"Você sabe. Conheci ele na sua casa. Ele guardava um lenço na manga. Tossia o tempo todo. Você sabe de quem estou falando."

"Você deve estar pensando em outra pessoa", ela disse. "Não tive nenhum inglês morando comigo desde a guerra. Não posso lembrar de todo mundo, é claro." Virou-se, pegou na mão de Jack e entrelaçou seus dedos com os dele.

"Ele morreu, não é?", disse Jack. "Aquele inglês morreu." Empurrou-a da cama e se pôs de pé. "Saia."

"Você está doente, querido. Não posso te deixar sozinho aqui."

"Saia", ele repetiu, e, como ela não se movesse, gritou: "Que tipo de obscenidade você é pra conseguir farejar a doença e a morte dessa maneira?".

"Pobrezinho."

"Você se sente mais jovem velando a morte dos outros?", ele berrou. "É essa indecência que te mantém jovem? É por isso que se veste como um corvo? Oh, eu sei que nada que eu disser vai te atingir. Sei que não resta nada imundo, deturpado, depravado, grosseiro ou baixo que os outros já não tenham tentado dizer, mas desta vez você está enganada. Não estou pronto. Minha vida não está acabando. Minha vida está começando. Tenho anos maravilhosos pela frente. Tenho, tenho anos maravilhosos, maravilhosos, maravilhosos pela frente e, quando eles tiverem passado, quando chegar a hora, eu vou te chamar. Então, como um velho amigo, eu vou te ligar e te proporcionar esse prazer imundo, seja lá qual for, que você tira de ver a morte alheia, mas até lá você e essa sua figura disforme e horrorosa vão ter que me deixar em paz."

Ela terminou de beber seu drinque e consultou o relógio de pulso. "Acho que é melhor eu dar as caras no trabalho", disse. "Vejo você mais tarde. Voltarei hoje à noite. Até lá você estará se sentindo melhor, pobrezinho." Ela fechou a porta ao sair e ele escutou seus passos leves descendo a escada.

Jack esvaziou a garrafa de uísque na pia. Começou a se vestir. Enfiou as roupas sujas numa sacola. Tremia e chorava de doença e de medo. Podia ver o céu azul pela janela e, amedrontado como estava, parecia um milagre que o céu estivesse azul, que as nuvens brancas pudessem lembrar a neve, que da calçada ele pudesse escutar as vozes estridentes das crianças gritando: "Eu sou o rei da montanha, eu sou o rei da montanha, eu sou o rei da montanha". Esvaziou no vaso o cinzeiro contendo suas lascas de unha e bitucas de cigarro e esfregou o chão com uma camisa para que não restasse traço da sua vida e do seu corpo quando aquela figura indecente e faminta de morte viesse à sua procura naquela noite.

"Torch song"

Trad. Daniel Galera

O pote de ouro

Seria injusto dizer que Ralph e Laura Whittemore tinham os defeitos e as características de inveterados caçadores de tesouros, mas não estaria mentindo quem dissesse que o brilho, o cheiro e a força peculiar do dinheiro, a promessa de tê-lo, exerciam uma influência nociva na vida deles. Estavam sempre no limiar da fortuna; pareciam sempre ter algo engatilhado. Ralph era um homem jovem e atraente com uma imaginação comercial incansável e uma crença evangélica no romance e na feitiçaria do sucesso empresarial e, embora tivesse um emprego obscuro numa fábrica de roupas, isso era para ele um ponto de partida e nada mais.

Os Whittemore não eram pessoas insolentes nem arrogantes e tinham uma lealdade inflexível aos modos comedidos da classe média. Laura era uma garota simpática mas sem nenhuma beleza especial que viera do Wisconsin para Nova York quase ao mesmo tempo que Ralph se mudara do Illinois para a mesma cidade, mas foram necessários dois anos de idas e vindas para que cruzassem seus caminhos, um dia, no saguão de um prédio comercial no começo da Quinta Avenida. O coração de Ralph era tão fiel, atendia tão bem ao dono naquele tempo, que, no instante em que ele viu os cabelos claros e o rosto belo e emburrado de

Laura, ficou extasiado. Seguiu-a até fora do saguão, abrindo caminho entre as pessoas, e, como ela não deixara nada cair, como não havia uma desculpa legítima para falar com ela, saiu no seu encalço gritando: *"Louise! Louise! Louise!"*, e a urgência da sua voz a convenceu a parar. Ele disse que tinha se enganado. Pediu desculpas. Disse que ela era a cara de uma garota chamada Louise Hatcher. Era uma noite de janeiro em que havia um sabor de fumaça no ar escuro e, como ela era uma garota sensata e solitária, deixou que ele lhe pagasse uma bebida.

Isso aconteceu nos anos 30 e o galanteio foi rápido. Casaram três meses depois. Laura transferiu suas coisas para o apartamento no prédio sem elevador da Madison Avenue em que Ralph morava, em cima de uma passadeira e de uma floricultura. Ela trabalhava como secretária e seu salário, somado ao que ele trazia para casa do ramo do vestuário, mal dava para pagar as contas, mas eles nunca pareceram suscetíveis à monotonia de uma vida de muita economia e poucos rendimentos. Jantavam em lojas de conveniência. Ela pendurou acima do sofá uma reprodução dos *Girassóis* de Van Gogh que havia comprado com parte de uma pequena quantia deixada pelos pais. Quando seus tios e tias vinham à cidade — seus pais já tinham falecido —, eles jantavam no Ritz e iam ao teatro. Ela costurava as cortinas e engraxava os sapatos dele, e nos domingos eles ficavam na cama até o meio-dia. Pareciam viver no limiar da abundância; e Laura sempre dizia que estava extremamente empolgada com um certo emprego fabuloso que Ralph estava prestes a conseguir.

No primeiro ano de casamento, Ralph trabalhava à noite num projeto que prometia um emprego bem remunerado no Texas, mas por motivos fora de seu alcance essa promessa nunca se realizou. Surgiu uma oportunidade em Syracuse no ano seguinte, mas acabaram optando por um candidato mais velho. Surgiram muitas outras oportunidades rentáveis, porém evasivas, entre uma coisa e outra. No terceiro ano de casamento, uma empresa quase idêntica em tamanho e perfil à empresa em que Ralph trabalhava passou por uma mudança de proprietários e Ralph foi sondado acerca de seu interesse em ir trabalhar na empresa reformulada. Seu emprego prometia pouquíssima segurança depois de uma série de resultados negativos e ele recebeu com gratidão essa chance de escapar. Foi apresentado aos novos donos e o entusiasmo por ele pareceu elevado. Estavam dispostos a colocá-lo na chefia de um departamento e pagar o dobro do que ele ganhava então. O

combinado foi não tocar no assunto por um ou dois meses, até que os novos donos firmassem posição, mas eles trocaram um aperto de mão vigoroso e brindaram ao acordo, e naquela noite Ralph levou Laura para jantar num restaurante caro.

Sentados à mesa frente a frente, decidiram procurar um apartamento maior, ter um filho e comprar um carro usado. Encararam os bons ventos com total serenidade, pois era isso que esperavam desde o começo. A cidade aparentava ser para eles um lugar generoso onde as pessoas eram recompensadas ou por um avanço repentino e merecido como o deles ou pelo prêmio imprevisível de ações judiciais, empreendimentos excêntricos e periféricos, heranças inesperadas e outros frutos do acaso. Depois do jantar, caminharam pelo Central Park sob o luar enquanto Ralph fumava um charuto. Mais tarde, quando Laura já estava dormindo, ele sentou de pijama ao lado da janela aberta do quarto.

A agitação peculiar que parece tomar conta do ar da cidade depois da meia-noite, quando sua vida cai nas mãos dos vigias e dos bêbados, sempre o agradara. Conhecia intimamente os sons da rua à noite: o freio dos ônibus, as sirenes distantes e um som como de água circulando nas alturas — o som de água girando a roda de um moinho — que era a soma, ele imaginava, de incontáveis ecos, embora nunca tivesse chegado a uma conclusão quanto a sua origem, por mais que o escutasse. Agora ele ouvia tudo isso com uma avidez ainda maior, pois a noite lhe parecia prodigiosa.

Ele tinha vinte e oito anos de idade; na sua experiência, a pobreza e a juventude eram inseparáveis, e elas estavam terminando juntas. A vida que estavam prestes a abandonar não tinha sido dura, e ele pensou, comovido, na toalha de mesa encardida do restaurante italiano a que costumavam ir quando havia uma celebração e no espírito alegre de Laura correndo da estação de metrô até o ponto de ônibus numa noite chuvosa. Mas estavam prestes a deixar tudo isso para trás. Liquidações de camisas nos porões das lojas de departamentos, filas no balcão do açougue, drinques aguados, as rosas que comprava para ela no metrô durante a primavera, quando as rosas eram mais baratas — todas essas rememorações pertenciam sem dúvida nenhuma ao mundo dos pobres e, embora ele as considerasse boas e honradas, estava contente por saber que em breve não passariam de lembranças.

Laura se demitiu do emprego quando engravidou. A reorganização da empresa e

o novo cargo de Ralph tardavam a chegar, mas os Whittemore falavam disso abertamente na presença dos amigos. "Estamos *terrivelmente* felizes com o jeito que as coisas estão andando", Laura dizia. "Só precisamos ter um pouco de paciência." Houve vários atrasos e adiamentos e eles esperaram com a paciência dos que aguardam justiça. Chegou uma hora em que os dois estavam precisando de roupas novas, e certa noite Ralph propôs gastarem uma parte do dinheiro que guardavam como reserva. Laura se recusou. Quando ele tocava no assunto, ela não respondia e fingia não ouvi-lo. Ele elevou a voz e perdeu a calma. Ele gritou. Ela chorou. Ele pensou em todas as outras garotas com quem poderia ter casado — a de cabelos castanhos, a cubana devota, a outra rica e bonita, com o olho direito um pouco vesgo. Todos os seus desejos pareciam existir fora do pequeno apartamento que Laura havia montado. Pela manhã continuaram sem se falar e, para fortalecer sua posição, ele telefonou para seus potenciais empregadores. A secretária disse que os dois tinham saído. Isso o deixou apreensivo. Ligou várias vezes da cabine telefônica do saguão do prédio onde trabalhava e foi informado de que eles estavam ocupados, que tinham saído, que estavam em reunião com advogados ou no meio de um interurbano. Ficou aflito com a variedade das desculpas. Não disse nada a Laura aquela noite e tentou ligar de novo na manhã seguinte. No fim da tarde, após várias tentativas, um deles veio ao telefone. "Demos o emprego pra outro cara, garoto." Como um pai entristecido, ele falou com Ralph numa voz embargada e suave. "Pare de tentar falar conosco no telefone. Temos mais o que fazer além de atender o telefone. Esse outro cara parecia se encaixar melhor, garoto. É tudo que posso dizer, e pare de tentar falar comigo no telefone."

Naquela noite, Ralph caminhou os vários quilômetros entre o escritório e o apartamento na expectativa de que isso o auxiliasse a se livrar de parte do peso de sua decepção. Estava tão despreparado para o choque que foi acometido por uma espécie de vertigem e seu andar se tornou senil e cauteloso, como se a calçada fosse feita de areia movediça. Ficou parado na entrada do prédio onde morava tentando decidir como comunicar o desastre a Laura, mas, assim que entrou, foi logo desembuchando. "Oh, sinto muito, querido", ela disse baixinho, e o beijou. "Sinto muito mesmo." Afastou-se dele e começou a endireitar as almofadas do sofá. Sua frustração era tão pungente, ele era tão refém de seus estratagemas e expectativas, que ficou espantado com a serenidade da esposa diante do fracasso. Não havia nada

com que se preocupar, ela disse. Ela ainda tinha algumas centenas de dólares no banco, do dinheiro que os pais lhe deixaram. Não havia nada com que se preocupar.

Quando a filha nasceu, ganhou o nome de Rachel, e uma semana depois do parto Laura retornou ao apartamento sem elevador na Madison Avenue. Ela cuidava sozinha do bebê e continuou cozinhando e limpando a casa.

⋆ ⋆ ⋆

A imaginação de Ralph continuou fértil e resiliente, mas ele parecia incapaz de chegar a um plano que estivesse de acordo com a falta de tempo e de capital. Ele e Laura, como as legiões de pobres em toda parte, levavam uma vida simples. Continuaram indo ao teatro com os parentes que os visitavam e de vez em quando iam a festas, mas o único contato contínuo de Laura com o brilho das luzes ao redor era vicário e vinha trazido por uma amiga que ela fez no Central Park.

Ela passou muitas tardes num banco do parque durante o primeiro ano de vida de Rachel. Era uma tirania e um prazer. Ela lamentava o acorrentamento, mas apreciava o céu limpo e a atmosfera. Numa tarde de inverno, reconheceu uma mulher que tinha conhecido numa festa e, pouco antes de escurecer, quando Laura e as outras mães estavam recolhendo os bichinhos de pelúcia e preparando os filhos para o gélido trajeto até em casa, a mulher atravessou o parquinho e veio falar com ela. Disse que se chamava Alice Holinshed. Haviam se conhecido na casa dos Galvin. Era bonita e simpática e foi andando com Laura até a borda do parque. Tinha um menino quase da mesma idade de Rachel. As duas se encontraram de novo no dia seguinte. Tornaram-se amigas.

A sra. Holinshed era mais velha que Laura, mas tinha uma beleza mais jovial e minuciosa. Seus cabelos e olhos eram pretos, o rosto branco e perfeitamente oval tinha tonalidades delicadas e sua voz era pura. Acendia os cigarros com fósforos Stork Club e falava da inconveniência de morar num hotel com uma criança. Se Laura tinha qualquer arrependimento com relação à vida, ele se manifestava na amizade com essa bela mulher que frequentava tão livremente as lojas e restaurantes caros.

Era uma amizade circunscrita, com exceção da casa dos Galvin, à paisagem

bucólica, chorosa e comovente do Central Park. As mulheres falam sobretudo a respeito de seus maridos, e esse era um jogo que Laura podia jogar mesmo sem um tostão na bolsa. Economizando detalhes e contando vantagem, as duas mulheres falavam sobre as balas que os maridos tinham na agulha. Ficavam sentadas lado a lado com os filhos no transcorrer dos crepúsculos fuliginosos, quando a cidade ao sul queima como uma fornalha de Bessemer, o ar cheira a carvão, as rochas úmidas brilham como escória e o próprio parque faz lembrar uma fileira de árvores junto a uma carvoaria. E então a sra. Holinshed lembrava que estava atrasada — vivia atrasada para algo misterioso e esplêndido — e as duas iam caminhando juntas até os limites do bosque. Esse contato vicário com o conforto dava prazer a Laura, e o prazer a acompanhava quando ela ia empurrando o carrinho de bebê até a Madison Avenue e depois começava a preparar o jantar, ouvindo as batidas do ferro a vapor e sentindo o cheiro do produto de limpeza que vinham da passadeira no andar de baixo.

Certa noite, quando Rachel já tinha cerca de dois anos, a frustração da busca infrutífera pela trilha de cabras que permitiria a Ralph guiar a família para um reino de razoável satisfação acabou tirando o sono dele. Precisava dormir com urgência, mas, quando viu que essa bênção não estava ao alcance, saiu da cama e ficou sentado no escuro. Já não era afetado pelo encanto e pela agitação das ruas após a meia-noite. Deu um pulo com a freada explosiva de um ônibus na Madison Avenue. Fechou a janela, mas o barulho do tráfego continuava entrando. Percebeu que a voz penetrante da cidade tinha um efeito mortífero sobre a vida de seus habitantes e decidiu que ela precisava ser abafada.

Pensou numa veneziana cuja superfície externa fosse tratada com uma substância que refletisse ou absorvesse as ondas sonoras. Com uma veneziana dessas, os amigos que viessem fazer visita numa noite de primavera não precisariam gritar para serem ouvidos por cima do barulho dos caminhões na rua. Os dormitórios poderiam ser protegidos da mesma forma — os dormitórios, sobretudo, pois lhe parecia que o sono era justamente o que todos na cidade desejavam e não podiam obter a contento. Todos os semblantes estressados que podiam ser vistos na rua ao cair da tarde, quando até as moças bonitas começam a

falar sozinhas, estavam em busca de sono. Cantores de boate e seus amistosos clientes, as pessoas que aguardavam táxis em frente ao Waldorf numa noite chuvosa, policiais, operadores de caixa, limpadores de janelas — o sono escapava a todos.

Conversou sobre essa veneziana com Laura na noite seguinte e ela achou a ideia sensata. Ele comprou uma veneziana que se encaixava na janela do dormitório deles e experimentou várias misturas de tinta. Por fim, chegou a uma mistura que secava com a consistência do feltro e era porosa. As tintas tinham um cheiro enjoativo que tomou conta do apartamento durante os quatro dias que ele levou para pintar e repintar a face externa das lâminas. Quando a tinta secou, Ralph pendurou a veneziana e eles abriram as janelas para fazer um teste. O silêncio — um relativo silêncio — afagou seus ouvidos. Ele anotou a fórmula e a levou no horário do almoço até um escritório de patentes. O advogado demorou várias semanas para descobrir que uma fórmula semelhante havia sido patenteada alguns anos antes. O dono da patente — um homem chamado Fellows — tinha um endereço em Nova York, e o advogado sugeriu a Ralph que o contatasse e procurasse firmar alguma espécie de acordo.

A busca pelo sr. Fellows teve início numa noite depois de Ralph sair do trabalho e o levou primeiramente ao sótão de uma pensão na rua Hudson, onde a proprietária lhe mostrou o par de meias deixado para trás pelo sr. Fellows. Dali, Ralph foi para o sul até outra pensão e depois para o oeste, num bairro ocupado por fornecedores do setor naval e albergues para marinheiros. A busca noturna se estendeu por uma semana. Ele seguiu a trilha dos movimentos do sr. Fellows até o Bowery, ao sul, e acabou chegando ao Upper West Side. Subiu as escadas passando em frente à porta aberta de quartos que abrigavam aulas de dança espanhola, prostitutas, e mulheres praticando o Concerto Imperador até que, certa noite, encontrou o sr. Fellows sentado à beira da cama num quarto de sótão, esfregando as manchas da gravata com um trapo embebido em gasolina.

O sr. Fellows era ganancioso. Queria cem dólares em dinheiro e cinquenta por cento dos royalties. Ralph conseguiu fazer com que aceitasse vinte por cento dos royalties, mas não pôde convencê-lo a reduzir o pagamento inicial. O advogado redigiu um documento definindo os interesses de Ralph e do sr. Fellows. Algumas noites mais tarde, Ralph foi até o Brooklyn e encontrou uma fábrica de venezianas

que já havia fechado as portas mas mantinha acesas as luzes do escritório. O gerente aceitou fabricar algumas venezianas de acordo com as especificações de Ralph, mas não podia aceitar um pedido de menos de cem dólares. Ralph concordou e também se dispôs a fornecer o composto para a face externa das lâminas. Esses gastos já tinham exaurido mais de três quartos do capital dos Whittemore e agora a questão do tempo se somava ao problema financeiro. Publicaram um pequeno anúncio no jornal em busca de um vendedor de utensílios domésticos, e durante uma semana, após o jantar, Ralph entrevistou candidatos na sala de estar. Escolheu um jovem que estava de partida para o Meio-Oeste no fim da semana. Ele queria um adiantamento de cinquenta dólares e explicou que Pittsburgh e Chicago eram tão barulhentas quanto Nova York. A agência de cobrança de uma loja de departamentos estava ameaçando levá-los ao juizado de pequenas causas a essa altura, e eles tinham chegado a um ponto em que as consequências de qualquer doença, queda ou dano a si próprios ou às poucas roupas que possuíam seriam críticas. O vendedor prometeu escrever de Chicago no fim da semana e eles contavam com boas notícias, mas não veio notícia alguma de Chicago. Ralph enviou dois telegramas ao vendedor e eles provavelmente foram reencaminhados, pois o vendedor respondeu de Pittsburgh: "Não consigo negociar venezianas. Devolvendo amostras correio". Publicaram outro anúncio no jornal em busca de vendedor e pegaram o primeiro que tocou a campainha, um senhor de idade com uma centáurea-azul na lapela. Trabalhava numa série de outros ramos — cestos de lixo espelhados, espremedores de laranja — e disse conhecer intimamente todos os compradores de utensílios domésticos em Manhattan. Gostava de falar e, quando se viu incapaz de vender as venezianas, veio ao apartamento dos Whittemore e discutiu o produto em detalhes, dirigindo a ele uma combinação de censura e benevolência que costumamos reservar aos seres humanos.

Ralph precisava tomar dinheiro emprestado, mas nem seu salário nem sua patente foram considerados garantia suficiente para um empréstimo que não tivesse taxas proibitivas, e um dia, no escritório, ele recebeu uma intimação da agência de cobrança da loja de departamentos. Foi ao Brooklyn e propôs vender as venezianas de volta ao fabricante. O homem lhe deu sessenta dólares pelo que havia custado cem e Ralph conseguiu pagar a loja de departamentos. Eles

penduraram as amostras em suas próprias janelas e tentaram tirar da cabeça o empreendimento.

Agora estavam mais pobres do que nunca e comiam lentilhas no jantar toda segunda, e às vezes também às terças. Depois do jantar, Laura lavava os pratos enquanto Ralph lia para Rachel. Quando a menina dormia, ele ia para a escrivaninha na sala de estar e trabalhava em algum de seus projetos. Sempre tinha algo aparecendo. Teve o emprego em Dallas e o emprego no Peru. Teve a palmilha de plástico para proteção da sola dos pés, o dispositivo de fechamento automático de portas de geladeira e o esquema de piratear especificações navais e vendê-las a um preço inferior ao da agência Jane's. Passou um determinado mês planejando comprar alguns acres inaproveitados no norte do estado e plantar árvores de Natal e depois, junto com um de seus amigos, projetou um negócio de venda de produtos de luxo pelo correio para o qual não conseguiram o apoio necessário. Quando os Whittemore encontraram o tio George e a tia Helen no Ritz, pareciam contentes com o rumo que as coisas estavam tomando. Tinham ficado terrivelmente empolgados, disse Laura, com uma posição de vendas em Paris que fora oferecida a Ralph, mas acabaram recusando diante da ameaça de guerra.

Os Whittemore passaram dois anos separados durante a guerra. Laura achou um emprego. Levava Rachel a pé para a escola de manhã e a buscava no fim do dia. Trabalhando e economizando, Laura conseguiu comprar algumas roupas para si e para Rachel. Quando Ralph voltou para casa no fim da guerra, as contas estavam em ordem. A experiência parecia tê-lo renovado e, embora ele tivesse reassumido o antigo emprego só por via das dúvidas, para ter uma carta na manga, as conversas sobre novos empregos nunca tinham sido tantas — empregos na Venezuela, empregos no Irã. Retomaram todos os antigos hábitos e economias. Continuaram pobres.

Laura se demitiu do trabalho e voltou a passar as tardes com Rachel no Central Park. Alice Holinshed estava lá. A conversa era a mesma. Os Holinshed estavam morando num hotel. O sr. Holinshed era vice-presidente de uma nova empresa que fabricava um refrigerante, mas Laura reparou que o vestido que a sra. Holinshed estava usando aquele dia era anterior à guerra. Seu filho era magricela e malcomportado. Usava roupas de sarja, como um aluno de escola inglesa, mas a sarja, como o vestido da mãe, parecia gasta e pequena demais para o seu tamanho.

Uma tarde, quando a sra. Holinshed e o filho chegaram ao parque, o menino estava chorando. "Fiz uma coisa horrorosa", a sra. Holinshed disse a Laura. "Fomos ao médico e esqueci de trazer dinheiro, e queria saber se pode me emprestar uns dólares para que eu possa pegar um táxi até o hotel." Laura disse que seria um prazer. Tinha apenas uma nota de cinco dólares e a entregou à sra. Holinshed. O menino continuou chorando e a mãe o arrastou em direção à Quinta Avenida. Laura nunca mais os viu no parque.

A vida de Ralph estava, como sempre, dominada pela expectativa. Nos anos imediatamente posteriores à guerra, a cidade aparentava possuir uma riqueza imensa. O dinheiro se mostrava em toda parte, e os Whittemore, que no inverno, para não passar frio, dormiam cobertos pelos casacos puídos, pareciam necessitar apenas de mais um pouquinho de paciência, sabedoria e sorte para obter seu quinhão dessa prosperidade. Aos domingos, quando o tempo estava bom, eles caminhavam em meio à multidão próspera do alto da Quinta Avenida. Ralph tinha a impressão de que devia faltar só mais um mês, no máximo mais um ano, para que ele encontrasse a chave da prosperidade que eles tanto mereciam. Caminhavam pela Quinta Avenida até a tarde terminar e depois iam para casa jantar uma lata de feijões, e de sobremesa, para balancear a refeição, uma maçã.

Certo domingo, estavam voltando de uma dessas caminhadas, subindo as escadas de acesso ao apartamento, quando ouviram o telefone tocar. Ralph subiu na frente e atendeu.

Escutou a voz de seu tio George, homem de uma geração ainda apegada à noção de distância, que falava no telefone como se gritasse do porto para um navio que passava. "Aqui é o tio George, Ralphie!", ele berrou, e Ralph presumiu que ele e tia Helen estavam fazendo uma visitinha surpresa à cidade, mas depois entendeu que o tio estava ligando do Illinois. "Está me escutando?", berrou tio George. "Está me escutando, Ralphie?... Estou ligando pra falar de um trabalho, Ralphie. Caso esteja procurando emprego. Paul Hadaam passou por aqui — está escutando, Ralphie? —, Paul Hadaam passou por aqui a caminho do leste semana passada e parou para nos fazer uma visita. Ele tem muito dinheiro, Ralphie — ele é rico — e está abrindo um negócio no oeste para fabricar lã sintética. Está me escutando, Ralphie?... Falei de você pra ele, e ele está ficando no Waldorf, então vá falar com ele. Salvei a vida dele uma vez. Eu o tirei de dentro do lago Erie. Vá falar com ele no Waldorf amanhã,

Ralphie. Sabe onde fica? O hotel Waldorf… Espera aí, tia Helen está aqui. Ela quer falar com você."

A voz agora era de uma mulher e chegava fraquinha a seus ouvidos. Todos os primos tinham ido lá jantar, ela contou. Tinham jantado um peru. Todos os netos estavam lá e se comportaram muito bem. George levou todos para passear depois do jantar. Estava quente, mas eles ficaram sentados na varanda para não sentir muito o calor. Seu relato do domingo foi interrompido pelo marido, que deve ter tomado o aparelho de suas mãos para continuar sua ladainha sobre ir falar com o sr. Hadaam no Waldorf. "Vá falar com ele amanhã, Ralphie — décimo nono andar — no Waldorf. Ele está esperando você. Está me escutando?... O hotel Waldorf. Ele é milionário. Vou dizer tchau agora."

O sr. Hadaam tinha uma sala e um quarto nas torres Waldorf e, quando Ralph foi visitá-lo no fim da tarde seguinte, no caminho de casa após o trabalho, o sr. Hadaam estava sozinho. Deu a Ralph a impressão de ser um homem muito idoso porém obstinado, e no seu aperto de mão e no modo como puxava os lóbulos da orelha, se espreguiçava e dava passos ao redor da sala com suas pernas arqueadas, Ralph identificou um espírito conservado, independente e ambicioso. Serviu uma bebida forte para Ralph e uma fraca para si próprio. Estava entrando no ramo da fabricação de lã sintética na Costa Oeste, explicou, e tinha vindo ao leste procurar homens com experiência no comércio da lã. George havia indicado o nome de Ralph e ele queria alguém com a experiência de Ralph. Providenciaria uma residência adequada aos Whittemore, ofereceria o transporte e pagaria a Ralph um salário inicial de quinze mil. Foi o valor do salário que fez Ralph compreender que a proposta era uma tentativa oblíqua de retribuição a seu tio, que salvara a vida do sr. Hadaam, e o velho pareceu captar essa suspeita. "Isso não tem nada a ver com o fato do seu tio ter salvado a minha vida", disse bruscamente. "Sou grato a ele — quem não seria? —, mas isso não tem nada a ver com o seu tio, se é o que está pensando. Quando se fica velho e rico como eu, é difícil conhecer gente. Todos os meus velhos amigos morreram — todos menos George. Vivo cercado por uma droga de um cordão de isolamento de sócios e parentes que é praticamente impenetrável e, se não fosse por George me indicar um nome de vez em quando,

eu jamais veria um rosto novo. Ano passado, sofri um acidente de carro. Foi culpa minha. Sou um péssimo motorista. Bati no carro de um rapaz e desci na mesma hora, fui até ele e me apresentei. Tivemos que esperar uns vinte minutos pelo guincho e começamos a bater papo. Bem, hoje ele trabalha pra mim e é um dos melhores amigos que tenho e, se não tivesse batido nele, nunca o teria conhecido. Quando se chega na minha idade, essa é a única forma de conhecer gente — acidentes de carro, incêndios, essas coisas."

Ele se endireitou no encosto da poltrona e deu um gole na bebida. Seus aposentos ficavam muito acima do barulho do tráfego e o ambiente era silencioso. A respiração do sr. Hadaam era alta e ritmada, e durante uma pausa ela lembrou a respiração pesada de uma pessoa dormindo. "Bem, não quero que tome uma decisão precipitada", ele disse. "Volto para a Costa depois de amanhã. Pense no assunto e depois eu te telefono." Pegou uma agenda de compromissos e anotou o nome e o telefone de Ralph. "Te ligo terça à noite, no dia 27, perto das nove horas — nove horas no horário local. George me disse que você tem uma bela esposa, mas não terei tempo de conhecê-la desta vez. Eu a verei na Costa." Começou a falar de beisebol e em seguida trouxe a conversa de volta ao tio George. "Ele salvou a minha vida. A droga do barco virou, depois se endireitou e começou a afundar comigo em cima. Ainda lembro da sensação dele afundando sob os meus pés. Eu não sabia nadar. Nunca aprendi. Bem, adeus." Trocaram um aperto de mão e, assim que a porta se fechou, Ralph ouviu o sr. Hadaam começar a tossir. Era a tosse profana e martelante de um homem idoso, investida de males e moléstias lancinantes, e essa tosse golpeou Ralph sem misericórdia durante toda a espera pelo elevador que o traria de volta ao chão.

No caminho para casa, Ralph sentiu que agora era para valer, que aquela corrente disparatada de coincidências que começava com seu tio puxando um amigo para fora do lago Erie era a salvação da sua família. Nada na sua experiência fazia isso parecer improvável. Sabia que a proposta era o capricho de um homem idoso e que ela se originava da dívida de gratidão que o sr. Hadaam tinha com seu tio — uma dívida que a idade parecia ter aumentado. Relatou os detalhes do encontro para Laura ao chegar em casa, expôs sua própria opinião a respeito da conduta do sr. Hadaam e, para sua leve surpresa, Laura disse que pelo jeito estavam mesmo diante da mina de ouro. Os dois permaneceram extraordinariamente

calmos, dada a mudança que os confrontava. Não se falou em comemoração e ele a ajudou a lavar a louça. Ele procurou a localização da fábrica do sr. Hadaam num atlas e o lugar de nome espanhol situado na costa ao norte de San Francisco lhes ofereceu o vislumbre de uma vida de razoável satisfação.

Oito dias se interpunham entre a entrevista de Ralph e a ligação telefônica e ele percebeu que nada seria definitivo até a terça-feira, e que existia uma possibilidade de que, ao cruzar o país, o velho sr. Hadaam, sob o sutil efeito da viagem, mudasse de ideia. Ele poderia passar mal comendo um sanduíche de atum, ser retirado do trem e morrer numa clínica geriátrica de Chicago. Entre as pessoas que logo encontraria em San Francisco podia estar seu advogado trazendo a notícia de que ele estava arruinado ou de que sua esposa havia ido embora. Por fim, Ralph perdeu a capacidade de inventar novos desastres e de acreditar nos que já tinha inventado.

Essa incapacidade de desacreditar a própria sorte por muito tempo revelava uma certa fraqueza de caráter. Raros tinham sido os dias da sua vida em que ele não se vira compelido a sentir a força do dinheiro, mas acabou descobrindo que a força do dinheiro era mais irresistível quando vinha revestida de uma promessa e que os anos de autonegação, em vez de recompensá-lo com reservas de constância, o deixaram mais suscetível que o normal às tentações. Já que a transformação da vida deles ainda dependia de uma ligação telefônica, ele se privou de falar — de pensar, até onde era possível — sobre a vida que poderiam ter na Califórnia. Podia chegar ao ponto de dizer que gostaria de comprar algumas camisas brancas, mas não ousava ir além desse desejo intencionalmente contrito, e desse modo, pensando exercitar o comedimento e a inteligência, ele estava na verdade começando a respeitar o leque de superstições que supostamente conduzem à riqueza, e o desejo de novas camisas brancas era menos um desejo genuinamente modesto do que um lembrete — ele próprio não saberia definir em palavras — de que os deuses da fortuna eram ciumentos e facilmente ludibriados pela falsa modéstia. Nunca fora um homem supersticioso, mas na terça-feira ele recolheu o dinheiro da mesinha de centro e sorriu ao ver uma joaninha no peitoril da janela do banheiro. Não lembrava onde ouvira dizer que esse inseto era associado ao dinheiro, tampouco tinha explicação para os demais presságios pelos quais começou a pautar seus movimentos.

Laura acompanhou a súbita mudança que a expectativa provocava em seu

marido, mas não havia nada que ela pudesse dizer. Ele não mencionava o sr. Hadaam nem a Califórnia. Permanecia calado; era carinhoso com Rachel; chegou a adquirir uma certa palidez. Cortou o cabelo na quarta-feira. Vestiu seu melhor terno. No sábado, cortou o cabelo de novo e fez as unhas. Tomava dois banhos por dia, vestia uma camisa limpa para o jantar e ia com frequência ao banheiro para lavar as mãos, escovar os dentes e molhar as pontas rebeldes do cabelo. O cuidado sobrenatural que ele dedicava ao corpo e à aparência lembrava a Laura um adolescente surpreendido pelo amor precoce.

Os Whittemore foram convidados para uma festa na noite de segunda-feira e Laura insistiu que fossem. Os convidados da festa eram os sobreviventes de um grupo que se formara dez anos antes e, se alguém tivesse feito a chamada das primeiras festas naquela mesma sala, como na cerimônia de retirada de um regimento derrotado e dizimado, alguém diria: "Ausente… Ausente… Ausente" em nome do esquadrão que se mudara para Westchester; diriam: "Ausente… Ausente… Ausente…" em nome do pelotão abatido ou ferido pelos divórcios, pela bebida, pelos distúrbios nervosos e pelas adversidades. Como Laura tinha comparecido à festa com um espírito de indiferença, as ausências chamaram sua atenção.

Fazia menos de uma hora que ela estava na festa quando escutou a chegada de novos convidados, olhou para trás e avistou Alice Holinshed e seu marido. A sala estava lotada e ela deixou para falar com Alice outra hora. Bem mais tarde, Laura foi ao banheiro e, ao sair, se deparou com Alice sentada na cama do quarto. Parecia estar à sua espera. Laura sentou em frente à penteadeira para arrumar o cabelo. Via a imagem da amiga no espelho.

"Ouvi dizer que estão indo para a Califórnia", disse Alice.

"Estamos torcendo. Vamos saber amanhã."

"É verdade que o tio de Ralph salvou a vida do cara?"

"É verdade."

"Vocês têm sorte."

"Acho que sim."

"Vocês têm mesmo sorte." Alice levantou da cama, atravessou o quarto, fechou a porta, voltou e sentou de novo na cama. Laura a observou pelo espelho, mas Alice não estava olhando para Laura. Estava curvada. Parecia nervosa. "Vocês têm

sorte", disse. "Têm tanta sorte. Tem ideia de quanta sorte vocês têm? Vou contar uma história sobre uma barra de sabonete", continuou. "Tenho uma barra de sabonete. Quer dizer, tinha uma barra de sabonete. Alguém me deu de presente quando me casei, há quinze anos. Não sei quem foi. Uma empregada, uma professora de música — alguém assim. Era um sabonete de qualidade, um bom sabonete inglês, do tipo que eu gosto, e decidi guardá-lo pro grande dia em que Larry ganhasse uma bolada, pra quando me levasse para as Bermudas. Primeiro, pensei em usar o sabonete quando ele conseguiu o emprego na Bound Brook. Depois achei que poderia usá-lo quando fôssemos para Boston, e depois para Washington, e então, quando ele conseguiu o emprego novo, pensei que talvez fosse agora, era *agora* que eu ia poder tirar o menino daquela escola imprestável e pagar as contas e sair daqueles hotéis de mendigo em que estávamos vivendo. Faz quinze anos que planejo usar a barra de sabonete. Bem, semana passada estava mexendo nas gavetas da minha cômoda e encontrei o sabonete. Estava todo rachado. Joguei fora. Joguei fora porque sabia que nunca ia ter a chance de usá-lo. Entende o que isso significa? Sabe qual é a sensação? Viver quinze anos de promessas, expectativas, empréstimos e crédito em hotéis que não prestam pra morar, dia após dia devendo dinheiro a alguém, e ainda assim fingir, sentir que cada ano, cada inverno, cada emprego, cada reunião será a última. Viver assim por quinze anos e então perceber que nunca vai acabar. Sabe qual é a sensação?" Ela levantou, foi até a penteadeira e se postou diante de Laura. As lágrimas brotavam de seus grandes olhos e sua voz tinha ficado alta e agressiva. "Nunca irei para as Bermudas", ela disse. "Não vou nem botar os pés na Flórida. Nunca vou recuperar o que penhorei, nunca, nunca, *nunca*. Sei que nunca vou ter uma casa decente e que todas as coisas quebradas, esfarrapadas e vagabundas que tenho vão continuar assim. Sei que pelo resto da vida, pelo resto da vida, vou ter que usar calcinhas velhas e camisolas rasgadas e roupa de baixo rasgada e sapatos que machucam meus pés. Sei que pelo resto da vida ninguém virá me dizer que estou usando um vestido bonito, porque nunca vou ter dinheiro pra comprar um vestido desses. Sei que pelo resto da vida todos os taxistas e porteiros e garçons da cidade vão levar instantes pra saber que não tenho cinco dólares naquela bolsa preta de imitação de camurça que vivo escovando e escovando e escovando e carregando por aí faz dez anos. Onde você consegue? Quanto você cobra? O que você tem de tão especial pra

conseguir uma vantagem dessas?" Ela passou os dedos pelo braço nu de Laura. Seu vestido cheirava a benzina. "Posso te esfregar pra ver se pego um pouco? Será que te esfregar vai me dar sorte? Juro por Deus que mataria uma pessoa se achasse que isso pudesse nos trazer um pouco de dinheiro. Eu torceria o pescoço de alguém — o seu, o de qualquer pessoa —, juro por Deus que faria…"

Alguém começou a bater na porta. Alice se adiantou, abriu e saiu. Uma mulher entrou, uma desconhecida procurando o banheiro. Laura acendeu um cigarro e esperou uns dez minutos no quarto antes de retornar à festa. Os Holinshed tinham ido embora. Ela pegou uma bebida, sentou e tentou conversar, mas não conseguia mais se concentrar no que dizia.

A caça, a busca pelo dinheiro que lhe parecia natural, agradável e justa quando se entregaram a ela pela primeira vez, ganhava agora os contornos de uma jornada perigosa e ilícita. No começo da noite, tinha pensado nas ausências. Voltou a pensar nelas. A adversidade e o fracasso eram responsáveis por mais da metade das ausências, como se detrás das amenidades daquela bela sala se disputasse uma corrida encarniçada com consequências extremas para os perdedores. Laura sentiu frio. Retirou o gelo da sua bebida com os dedos e o colocou num vaso de flores, mas o uísque não foi capaz de aquecê-la. Pediu a Ralph que a levasse para casa.

Após o jantar de terça-feira, Laura lavou a louça e Ralph secou. Ele leu o jornal e ela foi costurar um pouco. Às oito e quinze, o telefone do quarto tocou e ele foi atender calmamente. Era alguém oferecendo dois ingressos de teatro para ver uma peça que estava saindo de cartaz. O telefone não voltou a tocar, e às nove e meia Ralph disse a Laura que ia ligar para a Califórnia. A conexão não demorou a ser feita e a voz vigorosa de uma jovem mulher atendeu no número do sr. Hadaam. "Oh, sim, sr. Whittemore", ela disse. "Tentamos ligar para o senhor mais cedo esta noite, mas a linha estava ocupada."

"Posso falar com o sr. Hadaam?"

"Não, sr. Whittemore. Quem fala é a secretária do sr. Hadaam. Sei que ele pretendia ligar para o senhor porque seu nome estava na agenda dele. A sra. Hadaam me pediu para cancelar o maior número possível dos compromissos que ele tinha marcado, e tentei dar conta de todas as anotações na agenda. O sr.

Hadaam teve um derrame no domingo. Há pouca esperança de recuperação. Imagino que tenha feito algum tipo de promessa ao senhor, mas temo que será incapaz de mantê-la."

"Sinto muito", disse Ralph, e desligou.

Laura tinha entrado no quarto enquanto a secretária falava. "Oh, querido!", ela disse. Pôs o cesto de costura em cima da cômoda e se aproximou do armário. Em seguida voltou, procurou alguma coisa no cesto de costura e o deixou na penteadeira. Tirou os sapatos, inseriu a fôrma neles, tirou o vestido por cima da cabeça e o pendurou com muito cuidado. Foi até a cômoda procurando o cesto de costura. Encontrou o cesto em cima da penteadeira, levou-o até o armário e o guardou numa das prateleiras. Levou a escova e o pente para o banheiro e abriu a torneira para tomar um banho.

O açoite da frustração veio com tudo e a dor deixou Ralph atordoado. Ele não viu o tempo passar enquanto permaneceu sentado ao lado do telefone. Ouviu Laura sair do banheiro. Virou-se ao ouvir a voz dela.

"Me sinto terrivelmente mal pelo sr. Hadaam", ela disse. "Seria bom se pudéssemos fazer alguma coisa." Ela estava de camisola e sentou diante da penteadeira como uma mulher habilidosa e paciente se acomodando em frente a um tear, pegando e largando alfinetes, frascos, pentes e escovas com a destreza inata de uma exímia tecelã, como se o tempo que gastava ali fizesse parte de uma operação contínua. "Pareceu mesmo que tínhamos achado o tesouro…"

A palavra o surpreendeu e por um instante ele viu a quimera, o pote de ouro, o velocino, o tesouro enterrado na luz tênue de um arco-íris, e de repente o primitivismo da caçada ficou nítido. Armado com uma espada afiada e uma vara de vedor improvisada, ele havia transposto montanhas e vales, secas e borrascas, cavando nos locais onde os mapas desenhados por ele mesmo indicavam o ouro prometido. Seis passos a leste do tronco de pinheiro, seis painéis contados a partir da porta da biblioteca, debaixo da tábua rangente, nas raízes do pé de pera, debaixo da videira, aí está escondido o pote de cerâmica cheio de dobrões e barras de ouro.

Ela mudou de posição no banquinho e estendeu os braços finos na direção de Ralph, como tinha feito milhares de vezes. Já não era jovem e estava mais abatida e mais magra do que poderia estar caso ele tivesse encontrado os dobrões para poupá-la da ansiedade e do trabalho incessante. Em seu sorriso e em seus ombros

nus começavam a eclodir as formas e símbolos que são a pedra de toque do desejo, e a luz do abajur pareceu se intensificar, irradiando calor e desprendendo aquela indecifrável complacência, aquela benevolência que a luz do sol derrama, na primavera, sobre toda forma de fadiga e desespero. O desejo que sentia por ela o arrebatava e confundia. Ali estava, ali estava tudo, e agora ele tinha a impressão de que todo o brilho do ouro estava ao redor dos braços dela.

"The pot of gold"
Trad. Daniel Galera

O Natal é uma época triste para os pobres

O Natal é uma época triste. A frase passou pela cabeça de Charlie um instante depois de ele ter sido acordado pelo despertador e justificou a depressão amorfa que o tinha perturbado na noite anterior. O céu pela janela estava preto. Ele sentou na cama e puxou o cordão da lâmpada pendurado em frente ao seu nariz. O Natal é um dia muito triste do ano, pensou. De todos os milhões de habitantes de Nova York, sou um dos únicos que precisa acordar na escuridão gelada das seis horas da manhã do dia de Natal; sou praticamente o único.

Vestiu-se e, enquanto descia do último andar pelas escadas da pensão onde morava, tudo que ouviu foi o ruído grosseiro dos adormecidos; as únicas luzes acesas eram as luzes que alguém havia esquecido. Charlie tomou o café da manhã numa carrocinha de comida que ficava aberta a noite toda e pegou um trem elevado até a parte nobre da cidade. Da Terceira Avenida, caminhou até Sutton Place. O bairro estava escuro. As casas, uma depois da outra, formavam um muro de janelas pretas que enfrentava o brilho da luz dos postes. Milhões e milhões de pessoas dormiam e essa perda geral de consciência dava uma impressão de abandono, como se aquilo fosse a queda da cidade, o fim dos tempos. Abriu a porta

de ferro e vidro do prédio residencial onde trabalhava fazia seis meses como ascensorista e cruzou o saguão elegante até o vestiário nos fundos. Vestiu o colete listrado com botões metálicos, uma gravata plastrom falsa, calças com uma listra azul-clara nas costuras, e um casaco. O ascensorista noturno estava cochilando na banqueta do elevador. Charlie o acordou. O ascensorista noturno informou abruptamente que o porteiro diurno tinha ficado doente e não compareceria ao trabalho aquele dia. Com o porteiro doente, Charlie não teria pausa para o almoço e muita gente contaria com ele para chamar um táxi.

Charlie estava em seu posto fazia poucos minutos quando o 14 chamou — uma certa sra. Hewing, que, conforme ele estava a par, era meio depravada. A sra. Hewing ainda não tinha dormido e entrou no elevador usando um vestido longo por baixo do casaco de pele. Veio seguida pelos dois cachorros esquisitos. Ele desceu com ela e a viu sair na escuridão para passear com os cachorros na calçada. Ela permaneceu na rua somente alguns minutos. Voltou em seguida e ele a levou novamente até o 14. Saindo do elevador, ela disse: "Feliz Natal, Charlie".

"Bem, de festa, pra mim, não tem nada, sra. Hewing", ele disse. "Acho o Natal uma época muito triste do ano. Não que o pessoal daqui não seja generoso — quer dizer, recebi muita gorjeta —, mas é que eu moro sozinho num quartinho mobiliado e não tenho família nem nada parecido, e o Natal não é nada festivo pra mim."

"Lamento, Charlie", disse a sra. Hewing. "Eu também não tenho família. É meio triste pra quem vive sozinho, não é?" Ela chamou os cachorros e entrou com eles no apartamento. Ele desceu.

Tudo ficou parado e Charlie acendeu um cigarro. Àquela hora, o aquecedor no subsolo envolvia o prédio numa vibração profunda e regular e o som arrastado da chegada do vapor quente começou a ressoar primeiro no saguão para depois reverberar em todos os dezesseis andares, mas era um despertar mecânico, incapaz de abrandar sua solidão e sua petulância. A escuridão do outro lado das portas de vidro tinha começado a ficar azul, mas a luz azul dava a impressão de não ter uma fonte definida; brotava em pleno ar. Era uma luz lacrimosa e, ao vê-la tomar conta da rua vazia, ele sentiu vontade de chorar. Um táxi encostou e os Walser desceram,

bêbados e vestindo roupas de festa, e ele os levou até a cobertura. Depois dos Walser, ele ficou remoendo as diferenças entre a sua vida num quartinho mobiliado e a vida daquelas pessoas que estavam acima da sua cabeça. Era terrível.

O pessoal que ia cedo à igreja começou a chamar o elevador, mas naquela manhã foram apenas três. Mais alguns foram para a igreja às oito, mas a maior parte do prédio permaneceu inconsciente, embora o cheiro de bacon e de café já começasse a invadir o poço do elevador.

Pouco depois das nove, uma babá desceu com uma criança. Tanto a babá como a criança exibiam um bronzeado intenso e ele sabia que tinham acabado de voltar das Bermudas. Ele nunca havia ido para as Bermudas. Ele, Charlie, era um prisioneiro, confinado oito horas por dia numa jaula de dois metros quadrados, que por sua vez estava confinada num poço de dezesseis andares. De um prédio a outro, fazia dez anos que ele ganhava a vida como ascensorista. Estimava que a média de cada viagem era de duzentos metros e, quando pensava nos milhares de quilômetros que já tinha viajado, quando pensava que poderia ter guiado o elevador pelas névoas do Caribe e desembarcado num recife de corais nas Bermudas, jogava a culpa pela limitação de seu deslocamento nos passageiros, como se fosse a pressão da vida deles, e não a natureza do próprio elevador, a causa do seu confinamento. Era como se eles tivessem cortado suas asas.

Estava pensando nisso quando os DePaul, do 9, chamaram. Desejaram-lhe um feliz Natal.

"Bem, é muita gentileza lembrarem de mim", disse, enquanto os descia, "mas de festa, pra mim, não tem nada. O Natal é uma época triste pra quem é pobre. Moro sozinho num quartinho mobiliado. Não tenho família."

"Com quem você compartilha a ceia, Charlie?", perguntou a sra. DePaul.

"Não faço ceia de Natal", disse Charlie. "Como só um sanduíche."

"Oh, Charlie!" A sra. DePaul era uma mulher corpulenta e de coração impulsivo, e a lamúria de Charlie atingiu em cheio seu ânimo festivo, como se ela tivesse sido surpreendida por um aguaceiro. "Queria muito poder te convidar pra nossa ceia de Natal, sabe, Charlie", ela disse. "Sou de Vermont, sabe, e, quando eu era pequena, sabe, sempre tinha um montão de gente na mesa. O carteiro, sabe, e o professor da escola, e quase todo mundo que não tinha uma família própria, sabe, e eu gostaria de poder te convidar pra nossa ceia como a gente fazia naquele tempo, sabe, e não

vejo motivo pra não fazermos isso. Não podemos te convidar pra mesa, sabe, porque você não pode abandonar o elevador — pode? —, mas, assim que o sr. DePaul tiver fatiado o ganso, vou chamar o elevador e preparar uma bandeja pra você, sabe, e gostaria que você subisse e pelo menos provasse um pouco da nossa ceia."

A generosidade deles pegou Charlie de surpresa e ele agradeceu, mas depois ficou pensando que o convite seria esquecido assim que chegassem os amigos e parentes.

A velha sra. Gadshill chamou o elevador e, quando ela desejou um feliz Natal, ele baixou a cabeça.

"De festa, pra mim, não tem nada, sra. Gadshill", ele disse. "O Natal é uma época triste pra quem é pobre. Não tenho família, sabe. Moro sozinho num quartinho mobiliado."

"Também não tenho família, Charlie", disse a sra. Gadshill. Falava sem traço nenhum de petulância, mas sua boa vontade era forçada. "Melhor dizendo, não tenho nenhum dos meus filhos comigo hoje. Tenho três filhos e sete netos, mas nenhum deles pode dar um jeito de vir ao leste passar o Natal comigo. Claro, eu entendo os problemas deles. Sei que é complicado viajar com crianças durante o período de festas, embora eu sempre tenha conseguido quando tinha a idade deles, mas as pessoas encaram as coisas de outro jeito e não devemos condenar ninguém por aquilo que não compreendemos. Mas sei como se sente, Charlie. Também não tenho família a meu lado. Sou tão solitária quanto você."

O discurso da sra. Gadshill não o comoveu. Talvez ela fosse solitária, mas tinha um apartamento de dez cômodos, três empregados e grana e diamantes para tudo quanto era lado, e os bairros pobres estavam cheios de crianças que agradeceriam a chance de receber a comida que o cozinheiro dela botava no lixo. Então ele pensou nas crianças pobres. Sentou numa cadeira do saguão e ficou pensando nelas.

O pior sobrava para elas. A partir do outono, começava toda a empolgação em torno do Natal e de como esse era o dia especial delas. Depois do Dia de Ação de Graças, elas já não podiam ignorar. Era tudo preparado para que não ignorassem. As coroas e decorações por toda parte, os sinos tocando, as árvores do parque, Papai Noel em cada esquina, as imagens nas revistas e nos jornais e todas as paredes e janelas da cidade dizendo que, se elas se comportassem, teriam seu desejo

atendido. Mesmo que não soubessem ler, não podiam ignorar. Não podiam ignorar mesmo que fossem cegas. O Natal contaminava o ar que as crianças pobres respiravam. Toda vez que iam dar uma volta, elas viam os presentes caros nas vitrines das lojas e escreviam ao Papai Noel cartas que as mães prometiam pôr no correio mas queimavam no fogão a lenha depois que as crianças iam dormir. E, quando a manhã de Natal chegava, como é que se podia explicar, como é que se podia dizer que o Papai Noel só visitava os ricos, que ele não dava atenção pros bonzinhos? Como encarar uma criança quando tudo que se tem pra dar é um balão ou um pirulito?

Algumas noites antes, indo a pé para casa, Charlie avistou uma mulher e uma garotinha percorrendo a rua 59. A garotinha estava chorando. Achou que ela estava chorando, teve certeza de que ela estava chorando porque tinha visto aquele monte de coisas nas vitrines das lojas de brinquedos e não conseguia entender por que ela não tinha direito a nada daquilo. A mãe era uma empregada doméstica, ele chutou, ou talvez fosse uma garçonete, e imaginou as duas retornando para um quarto semelhante ao dele, com paredes esverdeadas e sem aquecimento, na véspera de Natal, para comer uma lata de sopa. E viu a garotinha pendurar a meia esfarrapada antes de dormir e a mãe vasculhar a bolsa à procura de algo para colocar dentro da meia… Esse devaneio foi interrompido por uma chamada do 11. Ele subiu e o sr. e a sra. Fuller estavam esperando. Quando desejaram feliz Natal, ele disse: "Bem, de festa, pra mim, não tem nada, sra. Fuller. O Natal é uma época triste pra quem é pobre".

"Você tem filhos, Charlie?", perguntou a sra. Fuller.

"Quatro vivos", ele disse. "Dois no cemitério." Ficou chocado com a grandiosidade de sua própria mentira. "A sra. Leary é aleijada", acrescentou.

"Que triste, Charlie", disse a sra. Fuller. Saiu do elevador no saguão, mas em seguida deu meia-volta. "Gostaria de dar presentes pros seus filhos, Charlie", ela disse. "Eu e o sr. Fuller vamos visitar uma pessoa agora, mas, quando voltarmos, quero dar algo pros seus filhos."

Ele agradeceu. Veio um chamado do 4 e ele subiu para buscar os Weston.

"De festa, pra mim, não tem nada", disse, quando desejaram um feliz Natal. "O Natal é uma época triste pra quem é pobre. Moro sozinho num quartinho mobiliado, sabe."

"Pobre Charlie", disse a sra. Weston. "Sei bem como se sente. Durante a guerra, quando o sr. Weston estava longe, eu passei os Natais sozinha. Não fazia ceia de Natal, nem montava o pinheiro nem nada. Preparava uns ovos mexidos e ficava sentada chorando." O sr. Weston, que já estava no saguão, chamou a esposa num tom impaciente. "Sei bem como se sente, Charlie", disse a sra. Weston.

Ao meio-dia, o aroma de bacon e de café no poço do elevador mudara para o de aves e carnes de caça e o prédio, como uma enorme e complexa granja, foi sendo tomado pelos preparativos de um banquete doméstico. As crianças e suas babás já tinham voltado do parque. Avós e tias chegavam de limusine. A maioria das pessoas que entrava no saguão carregava pacotes de papel colorido e vestia suas melhores roupas e casacos de pele. Charlie continuou se lamentando para a maior parte dos moradores que desejavam feliz Natal, alternando a história do solteirão abandonado com a do pai pobre ao capricho de suas mudanças de ânimo, mas esse transbordamento de melancolia e a compaixão que suscitava em nada ajudaram para que ele se sentisse melhor.

À uma e meia, o 9 chamou, e lá em cima ele encontrou o sr. DePaul na porta do apartamento com uma coqueteleira e um copo. "Um brindezinho de Natal, Charlie", disse, servindo um drinque ao ascensorista. Em seguida, apareceu uma empregada com uma bandeja cheia de pratos com tampa e a sra. DePaul veio da sala. "Feliz Natal, Charlie", ela disse. "Pedi ao sr. DePaul que fatiasse o ganso mais cedo para que você pudesse provar um pouco, sabe. Não quis colocar a sobremesa na bandeja porque tive medo que ela derretesse, sabe, mas a gente chama você de novo quando chegar a hora da sobremesa."

"E o que é o Natal sem os presentes?", disse o sr. DePaul, trazendo do vestíbulo uma caixa grande e achatada e pondo-a por cima dos pratos com tampa.

"Graças a vocês, agora este é um Natal de verdade pra mim", disse Charlie. Lágrimas brotaram em seus olhos. "Obrigado, obrigado."

"Feliz Natal! Feliz Natal!", eles gritaram, enquanto ele levava o jantar e o presente até o elevador. Levou a bandeja e a caixa para o vestiário quando desceu. Na bandeja havia uma sopa, alguma espécie de peixe com molho cremoso e uma fatia de ganso. A campainha do elevador soou novamente, mas, antes de atender,

ele rasgou a caixa de DePaul e viu que continha um roupão. A generosidade e o coquetel começaram a agir sobre o seu cérebro e ele subiu feliz da vida até o 12. A empregada da sra. Gadshill estava diante da porta com uma bandeja, com a sra. Gadshill em pé logo atrás. "Feliz Natal, Charlie!", ela disse. Ele agradeceu e as lágrimas voltaram a encher seus olhos. Ao descer, bebeu o copo de xerez da bandeja da sra. Gadshill. A contribuição da sra. Gadshill era um grelhado misto. Comeu com os dedos a costeleta de cordeiro. A campainha tocou de novo e ele limpou o rosto com uma toalha de papel e subiu até o 11. "Feliz Natal, Charlie", disse a sra. Fuller, postada em frente à porta com os braços carregados de pacotes de papel prateado, igualzinha a uma foto de anúncio, e o sr. Fuller estava a seu lado com o braço ao redor da esposa, os dois parecendo prestes a chorar. "Aqui tem umas coisinhas que eu gostaria que você levasse pra casa e desse de presente pros seus filhos", disse a sra. Fuller. "E aqui tem algo pra sra. Leary, e aqui algo para você. E, se não se importar de ir levando isso tudo pro elevador, num instante traremos um jantar pronto pra você." Ele carregou tudo para o elevador e voltou para buscar a bandeja. "Feliz Natal, Charlie!", gritou o casal Fuller quando ele estava fechando a porta. Levou os presentes e o jantar dos Fuller para o vestiário e rasgou a caixa marcada com o seu nome. Era uma carteira de couro de crocodilo com as iniciais do sr. Fuller no canto. O jantar também era ganso. Ele comeu com os dedos um pedaço da carne e estava tomando um coquetel para ajudar tudo a descer quando a campainha tocou. Subiu novamente. Dessa vez eram os Weston. "Feliz Natal, Charlie!", disseram, entregando a ele uma xícara de gemada, peru com acompanhamentos e um presente. O presente deles também era um roupão. Depois chamaram do 7 e, quando ele subiu, recebeu mais um jantar e alguns brinquedos. Depois foi o 14, onde encontrou a sra. Hewing no corredor, usando uma espécie de négligé, com um par de botas de montaria numa das mãos e um punhado de gravatas na outra. Estava bêbada e com cara de quem tinha chorado. "Feliz Natal, Charlie", disse com afeto na voz. "Queria te dar um presente, passei a manhã toda pensando em você. Revirei o apartamento e a única coisa que encontrei e que poderia interessar a um homem foi isto. Foi tudo que o sr. Brewer deixou pra trás. Acho que as botas de montaria não te servem pra nada, mas que tal ficar com as gravatas?" Charlie aceitou as gravatas, agradeceu e voltou rapidamente para o elevador, pois a campainha já havia tocado três vezes.

Às três da tarde, Charlie já tinha catorze jantares dispostos na mesa e no chão do vestiário, e a campainha não parava de tocar. Assim que começava a comer um prato, tinha que subir para buscar outro, e estava no meio do rosbife dos Parson quando precisou subir para pegar a sobremesa dos DePaul. Manteve a porta do vestiário trancada, pois intuía que a natureza da caridade era exclusiva e que seus amigos ficariam decepcionados se descobrissem que não tinham sido os únicos a tentar remediar a solidão dele. Havia ganso, peru, frango, faisão, tetraz e pombo. Havia truta e salmão, vieiras e ostras ao creme, lagosta, caranguejo, manjubas e mariscos. Havia pudim de ameixa, empadas de carne, musses, poças de sorvete derretido, bolos, tortas, bombas e duas fatias de creme bávaro. Ganhara roupões, gravatas, abotoaduras, meias e lenços, e um dos moradores tinha perguntado o número do seu colarinho e aparecido com três camisas esverdeadas. Havia uma jarra de vidro cheia de mel de jasmim, de acordo com o rótulo, além de quatro frascos de loção pós-barba, suportes de alabastro para livros e uma dúzia de facas de carne. A avalanche caridosa que ele desencadeara já preenchia o vestiário e por vezes lhe causava um pouco de hesitação, como se a abertura das comportas do coração feminino pudesse soterrá-lo sob uma pilha de quitutes e roupões. Não tinha feito quase nenhum progresso com a comida, pois todas as porções eram descomunais, como se fosse esperado que a solidão despertasse nele um apetite bárbaro. Também não desembrulhara nenhum dos presentes que recebera para dar aos filhos imaginários, mas tinha secado toda a bebida e a seu redor jaziam os restos de martínis, manhattans, Old-Fashioneds, coquetéis de champanhe com framboesa, gemadas, Bronxes e Side Cars.

Seu rosto estava radiante. Ele amava o mundo e o mundo o amava. Quando ele pensava na vida que passara, ela surgia diante de seus olhos iluminada por uma luz intensa e maravilhosa e vinha repleta de experiências surpreendentes e amizades extraordinárias. Concluiu que seu emprego de ascensorista — viajar para cima e para baixo numa altura arriscada de várias dezenas de metros — exigia o sangue-frio e o intelecto de um aviador. Todas as limitações da sua vida — as paredes esverdeadas de seu quarto e os meses de desemprego — tinham se dissolvido. Mesmo não havendo nenhuma chamada, ele entrou no elevador, subiu a toda a

velocidade até a cobertura e depois desceu de novo, subiu e desceu, apenas para testar seu prodigioso domínio do espaço.

No meio do sobe e desce houve uma chamada no 12 e ele parou para que a sra. Gadshill entrasse. Quando o elevador começou a descer, ele tirou as mãos dos controles num paroxismo de alegria e gritou: "Aperte os cintos, sra. Gadshill! Vamos dar um looping!". A sra. Gadshill deu um berro. Em seguida, por algum motivo, sentou no chão do elevador. Ele não entendia por que o rosto dela estava tão pálido; e por que ela havia sentado no chão? Ela berrou mais uma vez. Ele parou o elevador suavemente e, pelo menos na opinião dele, com muita destreza, e então abriu a porta. "Desculpe se a assustei, sra. Gadshill", disse, acanhado. "Era só brincadeira." Ela berrou de novo. Depois saiu correndo pelo saguão, gritando o nome do zelador.

O zelador demitiu Charlie e assumiu o elevador. A notícia de que tinha perdido o emprego doeu por um momento. Era seu primeiro contato com a ruindade humana naquele dia. Sentou no chão do vestiário e deu uma dentada numa coxinha de frango. O efeito da bebida começava a diminuir e, embora ela ainda não tivesse chegado, ele já sentia a aproximação iminente de uma sofrida sobriedade. O excesso de comida e de presentes à sua volta começou a trazer uma sensação de culpa e inutilidade. Arrependia-se amargamente de ter mentido a respeito dos filhos. Era um homem solteiro com necessidades muito simples. Havia explorado a bondade das pessoas lá em cima. Ele não merecia nada daquilo.

No meio desse trem de pensamentos embriagados apareceu a imagem nítida da proprietária do seu quarto e seus três filhos magricelas. Ele os imaginou sentados no quartinho do porão. A festa natalina tinha passado longe deles. A imagem o pôs em pé. Quando ele se deu conta de que estava numa posição de doar, de que poderia facilmente levar a felicidade aos outros, a embriaguez passou. Pegou um grande saco de pano que era usado para coletar o lixo e começou a enchê-lo primeiro com seus presentes e depois com os presentes enviados aos seus filhos imaginários. Trabalhou com a pressa de um homem cujo trem se aproxima da estação, pois mal podia esperar para ver aqueles rostos tristonhos se iluminarem ao vê-lo na porta. Trocou de roupa e, animado por uma formidável e pouco conhecida sensação de poder, jogou o saco por cima do ombro como um Papai Noel comum, saiu pela porta dos fundos e pegou um táxi para o Lower East Side.

A proprietária e os filhos tinham acabado de comer o peru que o Clube Democrático local mandara para eles e estavam empanturrados e indispostos quando Charlie começou a espancar a porta gritando "Feliz Natal!". Ele entrou arrastando o saco atrás de si e despejou os presentes das crianças no chão. Entre eles havia bonecas, brinquedos musicais, blocos para montar, estojos de costura, uma fantasia de índio e um tear, e ele teve a impressão, como já esperava, de que a melancolia do recinto estava sumindo com sua chegada. Quando cerca de metade dos presentes estava aberta, ele deu um roupão de banho à proprietária e subiu até seu quarto para dar uma olhada nos seus próprios presentes.

Acontece que a proprietária já tinha recebido tantos presentes antes da chegada de Charlie que ela e seus filhos já estavam atordoados de tanto receber, e fora somente por causa da sua compreensão intuitiva da natureza da caridade que a proprietária deixara os filhos abrir alguns dos presentes na presença de Charlie, mas, assim que ele foi embora, ela separou os filhos dos presentes que ainda estavam fechados. "Pronto, vocês já ganharam o suficiente, crianças", ela disse. "Já receberam a sua parte. Olha só quanta coisa tem aqui. Ainda não brincaram nem com a metade, ora bolas. Mary Anne, você nem olhou pra boneca que o Corpo de Bombeiros te deu. Uma coisa bonita que a gente podia fazer era levar tudo isso que sobrou praquela gente pobre da rua Hudson — os Deckker. Eles não têm nada." Uma luz beatífica recobriu seu semblante quando ela percebeu que poderia doar, levar alegria aos outros, remediar um caso pior que o dela, e — assim como a sra. DePaul e a sra. Weston, como o próprio Charlie e como a sra. Deckker, que pensaria mais tarde nos Shannon, pobrezinhos — o que a moveu foi primeiro o amor, depois a caridade e, por fim, uma sensação de poder. "Crianças, me ajudem a recolher todas essas coisas. Vamos, vamos, vamos", ela disse, pois já estava escuro e ela sabia que essa generosidade irrestrita nos une por um único dia, e esse dia já estava chegando ao fim. Ela estava cansada, mas não podia descansar, não podia descansar.

"Christmas is a sad season for the poor"

Trad. Daniel Galera

A temporada do divórcio

Minha mulher tem cabelos castanhos, olhos pretos e um temperamento bondoso. Por causa do temperamento bondoso, às vezes acho que ela mima as crianças. Não consegue lhes negar nada. Sempre levam a melhor em cima dela. Ethel e eu estamos casados há dez anos. Nós dois viemos de Morristown, New Jersey, e não consigo nem lembrar como nos conhecemos. Nosso casamento sempre me pareceu feliz e desimpedido. Moramos num prédio sem elevador no East Fifties. Nosso filho, Carl, de seis anos, frequenta um bom colégio particular, e nossa filha, de quatro, só começa a estudar ano que vem. Sempre botamos defeito na educação que recebemos, mas parece que estamos começando a criar nossos filhos da mesma maneira que fomos criados e, quando chegar a hora, creio que eles estudarão no mesmo colégio e nas mesmas faculdades em que nós estudamos.

Ethel se formou numa faculdade para mulheres no leste e depois esteve um ano na universidade de Grenoble. Trabalhou durante um ano em Nova York depois de retornar da França e então nos casamos. Uma vez ela pendurou o diploma em cima da pia da cozinha, mas foi uma piada que teve vida curta e não sei onde aquele diploma foi parar. Ethel é animada e versátil, além de bondosa, e nós dois

pertencemos àquela enorme camada da classe média que se distingue pela capacidade de relembrar os bons tempos. A perda de dinheiro é tão presente em nossas vidas que às vezes me faz pensar nos expatriados, num grupo que se adaptou com tenacidade a um solo estrangeiro mas que se recorda, de tempos em tempos, das falésias de seu litoral nativo. Como nossas vidas são delimitadas pelo meu parco salário, a superfície da vida de Ethel é fácil de descrever.

Ela levanta às sete e liga o rádio. Depois de se vestir, acorda as crianças e prepara o café da manhã. Nosso filho precisa ser acompanhado até o ônibus da escola às oito horas. Quando Ethel retorna desse trajeto, precisa fazer as tranças nos cabelos de Carol. Saio de casa às oito e meia, mas sei que cada movimento de Ethel pelo restante do dia será pautado pelo trabalho doméstico, pela cozinha, pelas compras e pelas necessidades das crianças. Sei que às terças e quintas ela vai ao supermercado entre as onze e o meio-dia, que em todas as tardes de tempo bom ela senta no mesmo banco do parquinho entre as três e as cinco, que limpa a casa às segundas, quartas e sextas e que lustra a prataria quando chove. Quando chego em casa às seis, em geral ela está lavando as verduras ou preparando qualquer outra coisa para o jantar. Então, quando as crianças já comeram e tomaram banho, quando o jantar está pronto, quando a mesa está com os pratos em ordem e a comida posta, ela fica parada no meio da sala como se tivesse perdido ou esquecido alguma coisa, e esse instante de reflexão é tão profundo que ela não me escuta se eu falar com ela, tampouco escuta as crianças se a chamarem. E de repente termina. Ela acende as quatro velas brancas em seus castiçais de prata e sentamos para comer um picadinho de carne enlatada ou qualquer outra refeição modesta.

Saímos uma ou duas vezes por semana e buscamos entretenimento em média uma vez por mês. Por motivos práticos, quase todo mundo que conhecemos mora no bairro. É comum virarmos a esquina para comparecer às festas do generoso casal Newsome. As festas dos Newsome são grandes e confusas e permitem que os impulsos arbitrários da amizade ajam com liberdade.

Numa dessas noites na casa dos Newsome, nos aproximamos, por razões que nunca compreendi, de um casal chamado dr. e sra. Trencher. Acho que foi a sra. Trencher quem tomou a iniciativa, e depois de nosso primeiro encontro ela ligou

para Ethel três ou quatro vezes. Fomos jantar na casa deles e eles vieram à nossa casa, e às vezes, à noite, quando o dr. Trencher estava passeando com seu velho dachshund, ele aparecia para nos fazer uma visitinha. Dava a impressão de ser uma presença agradável. Ouvi outros médicos dizerem que ele é um bom profissional. Os Trencher têm cerca de trinta anos; ele, pelo menos, tem. Ela é mais velha.

Eu diria que a sra. Trencher é uma mulher insípida, mas sua insipidez é difícil de especificar. Ela é baixa, tem uma boa postura e traços genéricos, e suspeito que a impressão de insipidez surge de uma modéstia interior, uma espécie de visão desnecessariamente estreita das suas capacidades. O dr. Trencher não fuma nem bebe, e não sei se há alguma relação com isso, mas a cor de seu rosto delgado é muito viva — suas bochechas são rosadas e seus olhos azuis são límpidos e intensos. Tem o otimismo singular de um médico bem de vida — a sensação de que a morte é uma infelicidade aleatória e de que o mundo físico não passa de um palco para a conquista. Na mesma medida em que a esposa parece insípida, ele parece jovem.

Os Trencher moram numa casa confortável e despretensiosa do nosso bairro. A casa é antiga; as salas de estar são amplas, os corredores são sombrios e os Trencher parecem não gerar calor humano suficiente para animar o local, de modo que se guarda deles, no fim da noite, a imagem de muitos quartos vazios. A sra. Trencher tem um apego óbvio aos seus pertences — às suas roupas, às joias e aos enfeites que comprou para a casa — e a Fräulein, o velho dachshund. Alimenta Fräulein com os restos da mesa, discretamente, como se tivesse sido proibida de fazê-lo, e depois do jantar Fräulein se deita ao lado dela no sofá. Com a luz verde do televisor a brincar em seu rosto abatido enquanto ela acaricia Fräulein com as mãos finas, a sra. Trencher me deu a impressão de ser, numa dessas noites, uma alma caridosa e sofredora.

A sra. Trencher começou a ligar para Ethel de manhã a fim de bater papo ou de convidá-la para um almoço ou uma matinê. Ethel não pode sair durante o dia e alega não gostar de longas conversas telefônicas. Reclamou que a sra. Trencher era uma fofoqueira incansável e agressiva. Até que, certa tarde, o dr. Trencher apareceu no parquinho onde Ethel leva nossos dois filhos para brincar. Ele estava passando a pé por ali, a avistou e sentou ao seu lado até a hora de ela trazer as crianças de volta para casa. Apareceu de novo uns dias depois, e Ethel me contou

que a partir daí seus encontros com ela no parquinho se tornaram regulares. Ethel achou que talvez ele não tivesse muitos pacientes e, como ficava sem nada para fazer, aproveitava a chance de conversar com qualquer pessoa. Uma noite, quando estávamos lavando a louça, Ethel pensou bem no assunto e disse que o comportamento de Trencher com ela parecia um tanto estranho. "Ele fica me encarando", ela disse. "Suspira e fica me encarando." Sei qual é a aparência da minha mulher no parquinho. Ela usa um velho casaco de tweed, galochas e luvas do exército, e vai com um lenço amarrado sob o queixo. O parquinho é um terreno cercado e calçado que fica entre uma vizinhança pobre e o rio. Era difícil levar a sério a imagem daquele médico bem-vestido e de bochechas rosadas se derretendo por Ethel num cenário daqueles. Depois disso ela ficou vários dias sem falar nele e achei que as visitas tinham cessado. O aniversário de Ethel caiu no fim do mês e não lembrei da data, mas, quando cheguei em casa aquela noite, havia rosas por toda a sala de estar. Um presente de aniversário de Trencher, ela me disse. Fiquei decepcionado comigo mesmo por ter esquecido o aniversário, e as rosas de Trencher me enfureceram. Perguntei se ela o vira recentemente.

"Oh, sim", ela disse, "continua aparecendo no parquinho quase todas as tardes. Não te contei, né? Ele se declarou. Ele me ama. Não pode viver sem mim. Ele andaria sobre brasas pra poder escutar a melodia da minha voz." Riu. "Foi o que ele disse."

"Quando foi que ele disse isso?"

"No parquinho. E no caminho pra casa. Ontem."

"Há quanto tempo ele sente isso?"

"Essa é a parte engraçada", ela disse. "Ele sabia mesmo antes de me conhecer na casa dos Newsome aquela noite. Me viu esperando um ônibus umas três semanas antes daquele dia. Apenas me viu e disse que então soube, no mesmo minuto. Claro, ele é maluco."

Eu estava cansado aquela noite, preocupado com impostos e dívidas, e só pude pensar na declaração de Trencher como um erro cômico. Ele me parecia um homem prisioneiro de compromissos financeiros e emocionais, como todos os homens que conheço, e tão livre para se apaixonar por uma mulher estranha que viu na rua quanto para atravessar a Guiana Francesa a pé ou recomeçar a vida em Chicago com um nome fictício. Sua declaração, a cena do parquinho, tudo isso me

lembrava um daqueles encontros ao acaso que fazem parte do cotidiano de toda cidade grande. Um cego pede ajuda para atravessar a rua e, quando você está prestes a se despedir, ele agarra o seu braço e retribui o favor com um relato emotivo sobre a crueldade e a ingratidão dos filhos; ou o ascensorista que está levando você para o andar de uma festa se vira de repente e diz que o neto tem paralisia infantil. A cidade é repleta de revelações acidentais, pedidos abafados de ajuda e estranhos dispostos a contar tudo ao primeiro sinal de empatia, e Trencher me parecia ser como o cego ou o ascensorista. Sua declaração de amor pesava tanto em nossas vidas quanto interrupções desse tipo.

As conversas telefônicas da sra. Trencher tinham cessado e nós paramos de ir à casa dos Trencher, mas às vezes eu o avistava pela manhã no ônibus, quando me atrasava para ir trabalhar. Parecia compreensivelmente constrangido ao me ver, mas o ônibus estava sempre lotado àquela hora do dia e não era preciso esforço para que nos evitássemos. Além disso, naquela mesma época cometi um erro nos negócios e causei uma perda de vários milhares de dólares para a empresa em que trabalho. Não havia muita chance de que eu perdesse o emprego, mas a possibilidade nunca me saía totalmente da cabeça, e diante disso, e da contínua urgência em ganhar mais dinheiro, a lembrança do excêntrico médico acabou enterrada. Passaram três semanas sem que Ethel tocasse no nome dele, até que uma noite, quando eu estava lendo, percebi que Ethel estava diante da janela, olhando a rua.

"Ele está mesmo ali."

"Quem?"

"Trencher. Venha aqui ver."

Fui até a janela. Havia apenas três pessoas na calçada do outro lado da rua. Estava escuro e teria sido difícil reconhecer alguém, mas uma das pessoas estava caminhando em direção à esquina com um dachshund na coleira, e poderia muito bem ser Trencher.

"Bom, e daí?", eu disse. "Ele só está levando o cachorro pra passear."

"Mas ele não estava passeando com o cachorro quando vim olhar pela janela. Estava ali parado, olhando pro nosso prédio. É isso que ele diz que faz. Ele vem

aqui e fica olhando as nossas luzes acesas."

"Quando ele disse isso?"

"No parquinho."

"Achei que você estava indo em outro parquinho."

"Oh, eu estou, estou, sim, mas ele me seguiu. Ele é louco, querido. Sei que é louco, mas tenho pena dele. Diz que passa uma noite após a outra olhando as nossas janelas. Diz que me vê em toda parte — minha nuca, minhas sobrancelhas —, diz que ouve a minha voz. Diz que nunca abriu mão de nada na vida e que não vai abrir mão disso. Tenho pena dele, querido. Não consigo evitar de ter pena dele."

Pela primeira vez a situação me pareceu séria, pois soube que, movido por seu desamparo, ele poderia acabar tocando num sentimento imensurável e volúvel que Ethel tem em comum com certas mulheres — a incapacidade de resistir a qualquer pedido de ajuda, de rechaçar qualquer voz digna de pena. Não é um sentimento racional, e teria sido quase preferível que ela sentisse desejo em vez de pena dele. Aquela noite, quando estávamos nos preparando para deitar, o telefone tocou e ninguém respondeu quando eu atendi dizendo alô. Quinze minutos depois, o telefone tocou novamente e, como o silêncio se repetiu, comecei a berrar e a xingar Trencher, mas ele não respondeu — não houve sequer o clique da ligação sendo encerrada — e fiquei me sentindo um idiota. Como me senti um idiota, acusei Ethel de ter lhe dado motivos, de tê-lo incentivado, mas as acusações não a afetaram e, quando terminei, estava me sentindo pior ainda, pois sabia que ela era inocente e que precisava sair para fazer compras e soltar um pouco as crianças, e que não havia força de lei que pudesse impedir Trencher de permanecer lá à espera dela ou de ficar observando nossas luzes.

Fomos à casa dos Newsome uma noite da semana seguinte e, quando estávamos tirando os casacos, eu escutei a voz de Trencher. Ele foi embora poucos minutos após nossa chegada, mas sua atitude — o olhar triste que lançou a Ethel, o modo como se esquivou de mim, a maneira lamentável como recusou o pedido dos Newsome para que ficassem mais e os galanteios que dedicou à coitada da esposa — me enfureceu. Então reparei em Ethel e vi que estava ruborizada, os olhos brilhando, e que, enquanto elogiava os sapatos da sra. Newsome, seus pensamentos estavam em outro lugar. Ao chegarmos em casa, a babá nos disse, contrariada, que

nenhuma das crianças havia dormido. Ethel tirou a temperatura delas. Carol estava bem, mas o menino tinha uma febre de quarenta graus. Nenhum de nós conseguiu dormir muito aquela noite, e de manhã Ethel me telefonou no escritório para dizer que Carl estava com bronquite. Três dias depois, a irmã adoeceu da mesma coisa.

Nas duas semanas seguintes, as crianças doentes ocuparam a maior parte do nosso tempo. Precisavam tomar remédio às onze da noite e de novo às três da manhã, e isso nos fez perder um bom período de sono. Era impossível arejar e limpar a casa e, quando eu chegava do trabalho, depois de vir caminhando no frio desde o ponto de ônibus, encontrava um fedor de xarope contra tosse, tabaco, restos de fruta e leitos enfermos. Havia cobertores, travesseiros, cinzeiros e vidros de remédio por todo lado. Fizemos uma divisão razoável do combate à doença e nos revezávamos para acordar no meio da noite, mas eu caía no sono com frequência na minha mesa ao longo do dia e Ethel apagava numa poltrona da sala após o jantar. O cansaço parece diferir para adultos e crianças somente no sentido de que os adultos o reconhecem, e com isso não são derrubados por algo indefinível; por mais definido que ele fosse, porém, o fato era que nos derrubava e, quando ficávamos cansados, acabávamos nos tornando irracionais, briguentos e suscetíveis a depressões transcendentes. Uma noite, quando o pior da doença tinha passado, cheguei em casa e encontrei rosas na sala. Ethel disse que haviam sido trazidas por Trencher. Ela não o deixara entrar. Tinha batido a porta na cara dele. Peguei as rosas e joguei no lixo. Não brigamos. As crianças foram dormir às nove, e pouco depois das nove eu fui me deitar. Mais tarde, algo me despertou.

Havia uma luz acesa no corredor. Levantei. O quarto das crianças e a sala estavam às escuras. Encontrei Ethel na cozinha, sentada à mesa, bebendo café.

"Preparei um café fresquinho", ela disse. "Carol começou a tossir forte de novo, fiz uma nebulização. Agora os dois estão dormindo."

"Há quanto tempo está acordada?"

"Desde meia-noite e meia. Que horas são?"

"Duas."

Servi-me de uma xícara de café e sentei. Ela levantou da mesa, enxaguou a xícara e se olhou no espelho pendurado em cima da pia. Era uma noite de ventania. Um cachorro estava uivando num dos apartamentos abaixo do nosso e uma antena de rádio solta ficava raspando na janela da cozinha.

"Parece um galho", ela disse.

Na luz fraca da cozinha, apropriada para descascar batatas e lavar louça, ela parecia muito cansada.

"Será que as crianças já vão poder sair amanhã?"

"Oh, espero que sim", ela disse. "Já se deu conta de que faz duas semanas que não consigo sair deste apartamento?" Seu comentário foi áspero e isso me pegou desprevenido.

"Não chegam a ser duas semanas."

"Foram mais que duas semanas", ela disse.

"Bem, vamos calcular", falei. "As crianças adoeceram numa noite de sábado. Era dia 4. Hoje é dia…"

"Pare, pare", ela disse. "Eu sei há quanto tempo foi. Faz duas semanas que não calço os sapatos."

"Você fala como se fosse uma coisa horrível."

"E é. Não vesti algo decente nem arrumei o cabelo esse tempo todo."

"Podia ser pior."

"Os cozinheiros da minha mãe tinham uma vida melhor."

"Duvido."

"Os cozinheiros da minha mãe tinham uma vida melhor", ela repetiu alto.

"Você vai acordar as crianças."

"Os cozinheiros da minha mãe tinham uma vida melhor. Dormiam em quartos agradáveis. Ninguém podia entrar na cozinha sem a permissão deles." Ela despejou a borra do café na lata de lixo e começou a lavar o bule.

"Quanto tempo Trencher ficou aqui hoje à tarde?"

"Um minuto. Já disse."

"Não acredito. Ele entrou na casa."

"Não entrou. Não deixei ele entrar. Não deixei ele entrar porque eu estava com uma aparência horrorosa. Não queria desagradar ele."

"Por que não?"

"Não sei. Ele pode ser um idiota. Pode ser maluco, mas me senti maravilhosa com as coisas que ele me disse, ele fez eu me sentir maravilhosa."

"Você quer ir embora?"

"Ir embora? Ir embora pra onde?" Ela tirou o dinheiro da carteira que fica na

cozinha para pagar as compras e contou dois dólares e trinta e cinco centavos. "Ossining? Montclair?"

"Com Trencher, quero dizer."

"Não sei, não sei", ela disse, "mas quem poderia dizer que não devo? Que mal faria? Que bem faria? Vai saber. Amo as crianças, mas isso não é o bastante, está longe de ser o bastante. Seria incapaz de machucar elas, mas será que eu as machucaria tanto assim se abandonasse você? Será que o divórcio é mesmo algo tão medonho? E, das coisas que mantêm um casamento, quantas são boas?" Sentou-se à mesa.

"Em Grenoble", ela disse, "escrevi um longo estudo sobre Charles Stuart em francês. Um professor da universidade de Chicago me escreveu uma carta. Hoje eu não conseguiria nem ler um jornal em francês sem a ajuda de um dicionário, e não tenho tempo de acompanhar jornal nenhum, e tenho vergonha da minha incompetência e vergonha da minha aparência. Oh, acho que te amo, e amo as crianças, mas eu me amo, amo a minha vida, ela tem valor e tem futuro para mim, e as rosas de Trencher me fazem sentir que estou perdendo isso, que estou perdendo o respeito por mim mesma. Sabe do que estou falando, entende do que estou falando?"

"Ele é louco", eu disse.

"Sabe do que estou falando? Entende do que estou falando?"

"Não", falei. "Não."

Carl acordou e começou a chamar a mãe. Mandei Ethel voltar para a cama. Apaguei a luz da cozinha e entrei no quarto das crianças.

As crianças estavam se sentindo melhor no dia seguinte e, já que era domingo, eu as levei para um passeio. O sol da tarde estava brando e puro e somente as sombras matizadas me faziam lembrar que estávamos no meio do inverno, que os navios de cruzeiro estavam voltando para casa e que dali a uma semana os narcisos estariam custando vinte e cinco centavos o buquê. Caminhando pela Lexington Avenue, ouvimos no céu um som grave e repetitivo como o de um órgão de igreja, e junto com todos os outros na calçada olhamos para o alto com piedade e arrebatamento, como uma congregação devota e estúpida, e vimos uma formação

de bombardeiros pesados avançando em direção ao mar. O dia foi ficando cada vez mais frio, límpido e plácido, e em meio a essa placidez a fumaça das chaminés ao longo do East River parecia articular, com a clareza do avião da Pepsi-Cola, palavras e frases inteiras. Sossego. Desastre. Era difícil discerni-las. Parecia ser a vazante do ano — um dia mortal para gastrites, sinusites e doenças respiratórias — e, lembrando outros invernos, a marcação das luzes me convenceu de que essa era a temporada do divórcio. Foi uma tarde longa. Levei as crianças de volta para casa antes que escurecesse.

Acho que a seriedade do dia afetou as crianças e, ao chegar em casa, elas ficaram quietas. Essa seriedade me voltava à mente o tempo todo, trazendo a sensação de que a mudança, tal qual um fenômeno da velocidade, estava afetando tanto nossos relógios como nossos corações. Tentei lembrar da disposição com que Ethel acompanhou meu regimento durante a guerra, de West Virginia até as Carolinas e Oklahoma, dos vagões de passageiros e quartos em que ela havia morado, da rua de San Francisco onde nos despedimos antes de eu sair do país, mas nada disso podia ser colocado em palavras e nenhum de nós encontrou nada para dizer. Algum tempo depois de escurecer, as crianças tomaram banho e foram postas na cama, e então nos sentamos para jantar. Perto das nove, a campainha tocou e, quando atendi e reconheci a voz de Trencher no interfone, pedi a ele que subisse.

Ele surgiu dando a impressão de estar atormentado e exaltado. Ficou hesitando na beirada do nosso carpete. "Sei que não sou bem-vindo aqui", disse com a voz firme, como se fôssemos surdos. "Sei que não gosta de minha presença aqui. Respeito seus sentimentos. Este é o seu lar. Respeito o que um homem sente por seu lar. Não costumo ir à casa de um homem a não ser que tenha recebido um convite. Respeito o seu lar. Respeito o seu casamento. Respeito os seus filhos. Acho que tudo deve ficar às claras. Vim aqui dizer que amo a sua esposa."

"Saia", falei.

"Você precisa me escutar", ele disse. "Amo a sua esposa. Não posso viver sem ela. Tentei, mas não consigo. Cheguei a pensar em ir embora — em me mudar para a Costa Oeste —, mas sei que não faria diferença alguma. Quero me casar com ela. Não sou romântico. Tenho os pés no chão. Tenho os pés firmes no chão. Sei que vocês têm dois filhos e que não têm muito dinheiro. Sei que há problemas de custódia, propriedade e coisas assim a serem resolvidos. Não sou romântico. Sou

realista. Já tratei do assunto todo com a sra. Trencher e ela concordou em me conceder o divórcio. Não sou dissimulado. Sua mulher poderá lhe dizer isso. Tenho consciência de todos os aspectos práticos a serem considerados — custódia, propriedade e tudo mais. Tenho muito dinheiro. Posso dar a Ethel tudo que ela precisa, mas tem as crianças. Vocês terão que decidir entre vocês o que será feito delas. Trouxe um cheque. Está preenchido para Ethel. Quero que ela pegue o cheque e vá para Nevada. Sou um homem prático e entendo que nada pode ser decidido até que ela obtenha o divórcio."

"Vá embora daqui!", falei. "Vá pro inferno!"

Ele começou a sair pela porta. Havia um gerânio no vaso em cima do consolo da lareira. Arremessei o vaso contra ele. Eu o atingi na parte de baixo das costas e quase o derrubei. O vaso se espatifou no chão. Ethel gritou. Trencher continuava saindo. Eu o segui, peguei um castiçal e mirei na sua cabeça, mas errei e acertei a parede. "Suma já daqui!", gritei, e ele bateu a porta. Voltei para a sala. Ethel estava pálida, mas não estava chorando. Bateram forte no aquecedor, um apelo dos vizinhos de cima por decoro e silêncio — urgente e inexpressivo como as comunicações que os presos trocam através do encanamento da penitenciária. A noite sossegou.

Fomos dormir e a uma certa altura da noite eu despertei. Não consegui ver o relógio no criado-mudo, portanto não sei que horas eram. Não havia ruído no quarto das crianças. A vizinhança estava totalmente parada. Nenhuma janela iluminada em lugar nenhum. Então entendi que Ethel tinha me acordado. Estava deitada no seu lado da cama. Estava chorando.

"Por que está chorando?", perguntei.

"Por que estou chorando?", ela disse. "Por que estou chorando?" Ao ouvir a minha voz e falar, ela desatou a chorar de novo, agora com soluços cruéis. Sentou, enfiou os braços nas mangas de um roupão e tateou a mesa à procura de um maço de cigarros. Vi seu rosto úmido quando acendeu o cigarro. Ouvi seus movimentos na escuridão.

"Por que está chorando?"

"Por que estou chorando? Por que estou chorando?", ela perguntou, impaciente. "Estou chorando porque vi uma velha esbofeteando um garotinho na Terceira Avenida." Recolheu a colcha que estava nos pés da nossa cama e foi andando com

ela até a porta. "Estou chorando porque meu pai morreu quando eu tinha doze anos e porque minha mãe casou com um homem que eu detestava, ou achava que detestava. Estou chorando porque tive que usar um vestido feio — um vestido de segunda mão — numa festa há vinte anos e não me diverti. Estou chorando por causa de alguma grosseria da qual não me lembro muito bem. Estou chorando porque estou cansada — porque estou cansada e não consigo dormir." Ouvi-a se acomodar no sofá, e depois tudo ficou em silêncio.

Gosto de pensar que os Trencher foram embora, mas ainda o vejo de vez em quando no ônibus quando estou indo atrasado para o trabalho. Também vi a esposa dele entrando na biblioteca do bairro com Fräulein. Ela parece envelhecida. Não sou bom em estimar idades, mas não me surpreenderia se descobrisse que a sra. Trencher é quinze anos mais velha que o marido. Agora, quando chego em casa à noite, Ethel continua sentada num banco em frente à pia, lavando verduras. Vou com ela ao quarto das crianças. A luz lá dentro é muito clara. Elas construíram alguma coisa usando uma caixa de laranjas, algo ascendente e sem sentido, e sua doçura, sua compulsão para construir coisas e a intensidade da luz são perfeitamente refletidas e ampliadas no rosto de Ethel. Então ela dá comida para as crianças, dá banho nelas, põe a mesa e fica parada um instante no meio da sala, tentando fazer alguma conexão entre a noite e o dia. E de repente termina. Ela acende as quatro velas e sentamos para jantar.

"The season of divorce"
Trad. Daniel Galera

A cura

Tudo isso aconteceu no verão. Lembro que fazia muito calor, tanto em Nova York como no subúrbio onde moramos. Rachel e eu brigamos e ela foi embora com as crianças na caminhonete. O intruso só apareceu — ou ao menos só tomei consciência dele — duas semanas depois que elas se foram, mas as duas coisas me parecem estar conectadas. A partida de Rachel era para ser definitiva. Ela já havia me deixado duas vezes — na segunda nos divorciamos, voltando a casar mais tarde — e, ao vê-la partir, nunca me senti feliz, embora esse sentimento viesse acompanhado daquela renovação da autoestima e da coragem com que somos recompensados ao aceitarmos uma verdade dolorosa. Como disse antes, foi no verão e, de certo modo, fiquei contente por ela ter escolhido aquela época do ano para brigar. Isso nos poupava da necessidade imediata de legalizar a separação. Vivêramos juntos — contando os períodos de afastamento — por treze anos: tínhamos três filhos e um relacionamento financeiro intrincado. Acho que, como eu, ela ficou satisfeita de deixar as coisas correrem até setembro ou outubro.

Gostei que a separação houvesse ocorrido no verão porque meu trabalho é mais intenso nesses meses, me deixando em geral cansado demais para pensar em

qualquer outra coisa à noite; além disso, já havia notado que o verão era a estação do ano em que eu podia viver sozinho com mais facilidade. Também esperava que Rachel ficasse com a casa quando acertássemos nossas vidas, e, como gosto dela, decidi aproveitar bem meus últimos dias ali. Alguns sintomas de desordem doméstica se tornaram visíveis. Primeiro, o cachorro fugiu, e depois o gato. Voltei certa noite e encontrei Maureen, a empregada, totalmente bêbada. Ela me disse que seu marido, quando servia no Exército de Ocupação na Alemanha, tinha se apaixonado por outra mulher. Ela chorou, se ajoelhou. Aquela cena num fim de tarde de verão, com nós dois sozinhos numa casa estranhamente desprovida de mulheres e crianças, era grotesca, e é esse tipo de coisa absurda, bem sei, que pode descambar para algo pior. Fiz café para ela, dei-lhe duas semanas de salário e a levei de carro para casa; ao nos despedirmos, parecia recomposta e sóbria, o que me fez esquecer o que tinha havido de grotesco na situação. Depois disso, planejei um esquema simples que tencionava seguir até o outono.

Decidi que era possível me curar de um casamento romântico, carnal e desastroso, mas, como todo viciado em meio às dores do tratamento, cumpria ser exageradamente cuidadoso ao dar qualquer passo. Resolvi não atender o telefone, pois sabia que Rachel poderia se arrepender e, àquela altura, eu conhecia perfeitamente o tamanho e a natureza das coisas que podiam nos unir de novo. Se chovesse durante cinco dias, se uma das crianças tivesse uma febre passageira, se ela recebesse más notícias numa carta — qualquer dessas coisas poderia ser suficiente para levá-la ao telefone, e eu não queria ser tentado a retomar uma relação que fora tão sofrida. Os primeiros meses serão como uma cura, pensei, e planejei meus dias em função disso. Pegava o trem das oito e dez da manhã para a cidade e voltava no das seis e meia. Como queria evitar a casa vazia ao anoitecer, dirigia do estacionamento da estação ferroviária diretamente para um bom restaurante chamado Orpheo's. Lá costumava encontrar alguém com quem podia conversar enquanto tomava alguns martínis e comia um bife. Mais tarde, seguia para o cinema drive-in de Stonybrook e pegava uma sessão dupla. Tudo isso — os martínis, o bife e o cinema — tinha o propósito de gerar uma espécie de anestesia, e a coisa funcionava. Eu não tinha vontade de ver ninguém além de meus colegas de trabalho.

Entretanto, como não durmo muito bem numa cama vazia, logo passei a ter de

lidar com a insônia. Depois de voltar do cinema, caía no sono, mas só dormia durante algumas poucas horas. Tentava aproveitar a insônia da melhor maneira possível. Se estivesse chovendo, ouvia a chuva e os trovões. Se não estivesse chovendo, ouvia o barulho distante dos caminhões na autoestrada, um som que me fazia lembrar da Depressão, quando passei uns tempos rodando de um lado para outro. Os caminhões passavam velozes, carregados de galinhas, enlatados, sabão em pó ou móveis. Aquele som significava para mim a escuridão, escuridão e faróis acesos — e, talvez, a juventude, porque me dava prazer. Às vezes o ruído da chuva, do tráfego ou de outra coisa qualquer conseguia me distrair e eu voltava a dormir. Certa noite, porém, quando nada funcionou, às três da manhã decidi ir ler no andar de baixo.

Acendi uma luz na sala de visitas e passei os olhos pelos livros de Rachel. Escolhi um de Lin Yutang e sentei no sofá sob uma luminária. Nossa sala de visitas é confortável. O livro parecia interessante. Eu morava numa área onde as portas da frente não costumam ser trancadas à chave, numa rua muito tranquila nas noites de verão. Todos os animais são domesticados e os únicos pássaros noturnos que jamais ouvi foram umas corujas lá para os lados da linha férrea. Por isso, o silêncio era grande. O cachorro dos Barstow latiu algumas vezes, como se houvesse sido despertado por um pesadelo, e logo parou. Tudo voltou a ficar quieto. Então ouvi, bem perto de mim, um passo e uma tosse.

Senti a pele se arrepiar — você sabe como é —, mas não levantei os olhos do livro apesar de ter a impressão de que estava sendo observado. Existe a intuição e todo esse tipo de coisas, mas fico mais feliz quando não apelo para isso; no entanto, sem tirar os olhos do livro, eu sabia não apenas que estava sendo observado, mas também que era observado através da janela panorâmica, que fica numa das extremidades da sala, por alguém desejoso de violar minha privacidade. O fato de estar sentado sob uma luz forte e cercado de sombras fez com que me sentisse indefeso. Virei uma página e fingi que continuava a ler. Então fui acometido por um medo muito pior do que aquele causado pelo idiota do outro lado da janela. Senti medo de que a tosse, o passo e a sensação de estar sendo observado fossem fruto de minha imaginação. Ergui a vista.

Eu o vi, realmente o vi, e acho que ele queria que o visse: estava rindo. Apaguei a luz, porém estava muito escuro do lado de fora e meus olhos tinham se

acostumado demais à luz intensa de leitura para que eu pudesse distinguir a figura situada atrás do vidro. Corri para o vestíbulo e acendi as lanternas de carruagem que ladeiam a porta da frente. A luz que elas emitem não é muito forte, mas me permitiria ver alguém atravessando o gramado. Entretanto, quando voltei para a janela, o gramado estava vazio e não havia mais ninguém onde eu o vira. Ele poderia ter se escondido em vários lugares: além dos bordos, um grande arbusto de lilases no início do caminho serviria para ocultar um homem. Eu não ia pegar a velha espada de samurai para persegui-lo. Eu não. Apaguei as lanternas e fiquei em pé, no escuro, pensando quem poderia ter sido.

Nunca tive nada a ver com essa gente que troca o dia pela noite, mas sei que eles existem. Imaginei que pudesse se tratar de algum velho louco que morava nos casebres próximos à linha férrea; e, talvez por minha determinação, minha necessidade, de dar a tudo uma interpretação agradável, ou ao menos calma, cheguei até a sentir pena do velho que, senil, saía de casa para vagar à noite por uma área desconhecida, à mercê de cachorros e policiais, para ser premiado no final com a visão de um homem lendo Lin Yutang, de uma mulher dando comprimidos a uma criança doente ou de alguém comendo chili com carne diretamente da geladeira. Subindo as escadas escuras, ouvi trovões: um segundo depois, toda a vizinhança foi açoitada por uma tempestade de verão — e pensei no pobre voyeur e em sua longa caminhada sob a chuva de volta para casa.

Já passava das quatro e, deitado na cama, escutei a chuva e os trens matinais. Eles vêm de Buffalo, de Chicago e de cidades ainda mais a oeste, passam por Albany e descem pela margem do rio nas primeiras horas da manhã. Já viajei em quase todos eles e, deitado no escuro, relembrei o ar gélido dos vagões-dormitório, o cheiro dos pijamas, o gosto da água no vagão-restaurante e a sensação de acabar um dia em Cleveland ou Chicago e começar o outro em Nova York, sobretudo quando se esteve fora por alguns anos e em especial no verão. Fiquei no escuro imaginando os carros de luzes apagadas sob a chuva, as mesas postas para o café da manhã, os cheiros.

Senti-me muito sonolento no dia seguinte, porém cumpri todas as minhas obrigações e cochilei no trem de volta para casa. Talvez pudesse ter dormido logo, mas, como não queria correr nenhum risco, segui a rotina de ir ao Orpheo's e depois ao cinema. Vi dois filmes horríveis, que me causaram um verdadeiro

estupor. Caí no sono tão logo me deitei, mas fui acordado pelo telefone. Eram duas da madrugada. Continuei na cama até que o telefone parou de tocar. Estava desperto demais para que qualquer som noturno — o vento ou o tráfego — me fizesse voltar a dormir, e por isso fui para o andar de baixo. Não esperava que o voyeur voltasse, mas, como minha lâmpada de leitura chamava muita atenção na vizinhança às escuras, acendi as lanternas da porta e me sentei de novo com o livro de Lin Yutang. Quando ouvi o cachorro dos Barstow latir, pus o livro de lado e fiquei olhando para a janela panorâmica a fim de me certificar de que o intruso não viria ou, se viesse, que eu o veria antes que ele me visse.

Não vi nada, nada mesmo, porém após alguns minutos senti aquele terrível arrepio da pele, a certeza de que estava sendo observado. Peguei o livro de novo, não porque tencionasse lê-lo, mas porque queria mostrar ao intruso que não me importava com seu retorno. Obviamente, há muitas outras janelas na sala e me perguntei qual delas ele escolhera naquela noite. De repente, senti que se encontrava atrás de mim — e o fato de estar às minhas costas me assustou e exasperou tanto que dei um salto sem apagar a lâmpada, quando então vi seu rosto na janela estreita que fica acima do piano. "Saia daqui!", gritei. "Ela foi embora! Rachel foi embora! Não há nada para ver! Me deixe em paz!" Corri para a janela, mas ele se fora. E então, como tinha gritado a plenos pulmões numa casa vazia, pensei que talvez estivesse ficando louco. Pensei, de novo, que poderia ter imaginado o rosto na janela. Peguei a lanterna e fui lá fora.

Há um canteiro de flores sob a janela estreita. Iluminei-o com a lanterna e, de fato, ele estivera lá. Havia pegadas na terra, algumas flores tinham sido pisoteadas. Segui os rastros do canteiro até a beira do gramado, onde encontrei um pé de chinelo masculino de couro envernizado. Estava bastante gasto e o couro tinha pequenas rachaduras. Achei que poderia ter pertencido a um homem idoso, embora certamente não a algum empregado. Concluí que o voyeur devia ser um dos vizinhos. Atirei o chinelo por cima da cerca na direção do local onde os Barstow fazem a compostagem. Entrei em casa, apaguei as luzes e subi.

No dia seguinte, pensei uma ou duas vezes em chamar a polícia, porém não fui capaz de tomar uma decisão. Voltei a refletir sobre o assunto enquanto esperava no

bar do Orpheo's que aprontassem meu bife. Não me escapava que, à primeira vista, a situação era ridícula, mas o terror de me deparar com seu rosto outra vez na janela era real e cumulativo. Não via por que eu deveria suportar aquilo, em especial no momento em que tentava reformar toda a minha vida. Estava escurecendo. Fui até o telefone público e liguei para a polícia. Atendeu Stanley Madison, que às vezes orienta o tráfego na estação. Disse "Oh!" quando lhe falei que queria dar parte de um voyeur. Perguntou-me se Rachel estava em casa. Em seguida disse que a cidadezinha, desde sua fundação em 1916, nunca havia registrado uma reclamação daquele tipo. Falou com o orgulho compreensível que todos temos pelo lugar. Já previa ficar numa situação incômoda, mas Stanley reagiu como se eu estivesse deliberadamente tentando derrubar o valor das propriedades locais. Queixou-se depois de que o efetivo de cinco policiais era insuficiente, que ganhavam pouco e trabalhavam demais, e que, se eu quisesse contar com um guarda nas imediações da minha casa, devia propor o aumento dos quadros da polícia na próxima reunião da associação de moradores. Esforçou-se para não parecer inamistoso e terminou a conversa perguntando por Rachel e pelas crianças, mas, ao sair da cabine telefônica, percebi que tinha cometido um erro.

Naquela noite uma grande tempestade, acompanhada de raios e trovões, desabou no meio do filme, e choveu até de manhã. Acho que a chuvarada manteve o intruso em casa, porque não o vi nem ouvi. Mas ele retornou na noite seguinte. Ouvi-o chegar por volta das três e ir embora uma hora depois, porém não levantei os olhos do livro. Convenci-me de que ele era um aborrecimento inofensivo, que me bastaria saber quem era — ou seu nome — para deixar de me sentir irritado e retomar em paz meu programa de cura. Subi refletindo ainda sobre sua identidade. Estava certo de que morava por ali. Perguntei-me se algum dos meus amigos ou vizinhos não tinha um parente louco a quem hospedava no verão. Rememorei os nomes de todos os conhecidos, tentando associá-los a algum tio ou avô excêntrico. Imaginei que tudo ficaria bem caso pudesse extrair o estranho da noite, das trevas.

Pela manhã, ao chegar à estação, caminhei entre as pessoas que se apinhavam na plataforma e procurei por algum estranho que pudesse ser o culpado. Embora não tivesse visto seu rosto com clareza, acreditava que poderia reconhecê-lo. E então o vi. Foi simples assim. Ele estava esperando pelo trem das oito e dez como todos os outros, porém não se tratava de nenhum estranho.

Era Herbert Marston, que mora numa grande casa amarela na Blenhollow Road. Se houvesse alguma dúvida em minha mente, ela teria se dissipado devido ao modo como ele me olhou ao perceber que o reconhecera. Tinha uma expressão de medo e culpa. Atravessei a plataforma para lhe falar. "Não me importo que olhe pelas minhas janelas à noite, sr. Marston", ia dizer num tom de voz suficientemente alto para envergonhá-lo, "mas gostaria que não pisasse nas flores de minha mulher." Então parei, porque vi que ele não estava só. A esposa e a filha o acompanhavam. Passei por trás deles e me postei no canto da sala de espera, observando a família.

Não havia nada de irregular nas feições do sr. Marston ou — quando ele viu que eu não o importunaria — em seu comportamento. Tinha cabelos grisalhos, altura um pouco superior à média e um rosto ossudo que deveria ter sido bonito quando mais jovem. É difícil admitir que um coração pervertido não se manifestará sob a forma de paralisias, cacoetes ou outros defeitos. Senti-me frustrado ao procurar algum sinal externo em seu rosto. Ele dava a impressão de estar bem de vida, descansado e seguro de si — muito mais do que Chucky Ewing, que procurava emprego, ou Larry Spencer, cujo filho tinha poliomielite, ou dezenas de homens que esperavam pelo trem. Olhei depois para sua filha, Lydia. Lydia é uma das moças mais bonitas do lugar. Já viajara com ela uma ou duas vezes e sabia que trabalhava como secretária voluntária para a Cruz Vermelha. Naquela manhã, usando um vestido azul que deixava os braços nus, ela transmitia tanto frescor, beleza e meiguice que eu não a teria humilhado ou ferido por nada neste mundo. Enfim me detive na sra. Marston e, se havia algum sinal, ele estava em *seu* rosto, conquanto eu não possa compreender por que razão ela devesse sofrer por conta das transgressões do marido. Apesar do calor intenso, ela usava um tailleur marrom e uma pele puída. Seu rosto amarelado e de traços simples era emoldurado, mesmo enquanto ela esperava pelo trem, por um sorriso artificial. Muito tempo antes, aquele rosto teria prenunciado paixões violentas e até malevolentes. Mas, segundo me pareceu, anos de orações e abstinência haviam eliminado os impulsos agressivos, deixando apenas algumas feias rugas em torno da boca e dos olhos e conferindo à sra. Marston um ar de doçura inflexível e repugnante. Ela deve rezar pelo marido, imaginei, enquanto ele vaga pelos quintais vestindo um roupão de banho. Eu queria saber quem era o voyeur, mas, agora que sabia, não me sentia em nada melhor. O homem grisalho, a linda moça e a mulher, juntos na plataforma,

fizeram com que eu me sentisse ainda pior.

Naquela noite, decidi ficar na cidade e comparecer a um coquetel. O apartamento era no último andar de um grande hotel e, tão logo cheguei, fui para o terraço, procurando alguém que pudesse levar para jantar. Queria achar uma garota bonita que usasse sapatos novos, porém aparentemente todas as garotas bonitas tinham ficado em casa. Havia uma mulher de cabelos grisalhos, outra com um chapéu de abas moles e Grace Harris, uma atriz que eu já encontrara algumas vezes. Grace Harris é uma bela mulher, de uma beleza desbotada, e nunca tivemos muita coisa para conversar, mas naquela noite ela me deu um sorriso bastante cordial. Cordial porém muito triste, e logo me ocorreu que devia estar sabendo que Rachel me abandonara. Sorri de volta e caminhei até o bar, onde encontrei Harry Purcell. Tomei alguns drinques enquanto conversava com ele. Olhei ao redor da sala algumas vezes e, a cada vez, vi Grace Harris me lançando aquele olhar muito triste. Surpreso, pensei que talvez ela estivesse me confundindo com outra pessoa. Sei que muitas dessas lindas mulheres de idade indeterminada e olhos cor de violeta são praticamente cegas, e imaginei que talvez ela não conseguisse me ver bem do outro lado da sala. Foi ficando tarde, mas, como eu não tinha nada para fazer, continuei a beber. Então Harry foi ao banheiro e fiquei sozinho junto ao bar por alguns minutos, mas isso se revelou um tempo longo demais. Grace Harris, que estava num grupo na outra extremidade da sala, caminhou na minha direção. Chegou perto de mim e pousou a mão branca como a neve em meu braço. "Pobre menino", ela murmurou. "Pobre menino."

Não sou nenhum menino, não sou pobre e desejei ardentemente que ela fosse embora. Seu rosto é inteligente, mas, naquela noite, enxerguei nele a força de uma grande tristeza e de uma grande maldade. "Vejo uma corda em volta de seu pescoço", ela disse lugubremente. Afastou então a mão da manga do meu terno e saiu da sala. Acho que foi para casa, porque não voltei a vê-la. Depois que Harry retornou, não lhe disse o que havia acontecido e tentei não pensar muito sobre a coisa. Fiquei demasiado tempo na festa e peguei, já bem tarde, um trem para casa.

Lembro que tomei banho, vesti o pijama e me deitei. Tão logo fechei os olhos, vi uma corda. Tinha na extremidade o nó corredio usado pelos carrascos, mas eu já sabia desde o começo o que Grace Harris queria me dizer: ela tivera a premonição de que eu ia me enforcar. A corda pareceu penetrar lentamente na minha

consciência. Abri os olhos e pensei sobre o trabalho que tinha de fazer pela manhã, mas, quando voltei a cerrar os olhos, houve um clarão e a corda, como se tivesse sido empurrada de uma trave, caiu e ficou balançando no ar. Abri os olhos e pensei mais sobre o escritório, porém, ao fechá-los de novo, lá estava a corda, balançando ainda. Todas as vezes em que fechei os olhos e tentei dormir naquela noite, tive a impressão de que o sono se combinava com a angústia da cegueira. E, afastado o mundo visível, nada podia impedir que a corda arbitrária ocupasse a escuridão. Levantei-me da cama, fui para o andar de baixo e abri o Lin Yutang. Mal começara a ler quando ouvi o sr. Marston no canteiro de flores. Por fim entendi o que ele esperava ver. Isso me assustou. Apaguei a luz e me pus de pé. Como estava escuro do lado de fora, eu não podia vê-lo. Perguntei-me se havia alguma corda na casa. Lembrei-me então do cabo no bote de meu filho, que estava no porão. Desci até lá. O bote fora posto sobre cavaletes, e dentro dele havia um longo cabo. Suficientemente longo para permitir que um homem o usasse para se enforcar. Peguei na cozinha uma faca e cortei o cabo. Recolhi alguns jornais, coloquei-os no forno que aquecia a casa, abri as tiragens e queimei o cabo. Depois subi e me deitei. Senti-me salvo.

Não sei quanto tempo fazia que eu não tinha uma boa noite de sono. Mas acordei com uma sensação estranha e, embora pudesse ver pela janela que o dia estava bonito, não tive vontade de encará-lo. O céu, a luz e tudo mais pareciam opacos e remotos, como se vistos a uma grande distância. A ideia de encontrar de novo a família Marston me repugnou, e por isso não quis pegar o trem das oito e dez, indo mais tarde para a cidade. A imagem da corda ainda perdurava no fundo da minha mente, e a vi uma ou duas vezes durante a viagem. Aguentei bem a manhã, mas, ao deixar o escritório ao meio-dia, disse à minha secretária que não voltaria. Tinha um almoço marcado com Nathan Shea no University Club e, chegando antes da hora, tomei um martíni no bar. A meu lado estava um senhor de idade que descreveu para um amigo a regularidade de seus hábitos, e tive de resistir ao forte impulso de coroá-lo com uma tigela de pipocas. Mas tomei meu drinque e fiquei olhando para o relógio de pulso do barman, pendurado numa garrafa de gargalo longo de crème de menthe branco. Quando Shea chegou, tomei mais dois drinques em sua companhia. Anestesiado pelo gim, consegui atravessar o almoço.

Despedimo-nos na Park Avenue. Lá, meus martínis me abandonaram e vi a

corda outra vez. Eram duas horas de uma tarde ensolarada, mas tudo me pareceu escuro. Fui até o Corn Exchange Bank e saquei quinhentos dólares. Dali segui para a Brooks Brothers e, depois de comprar algumas gravatas e uma caixa de charutos, subi alguns andares para ver os ternos. Havia poucos fregueses na loja e, entre eles, reparei numa jovem mulher que dava a impressão de estar sozinha. Imaginei que procurava roupas para o marido. Era loura e tinha aquele tipo de pele branca que faz lembrar papel fino. Embora fizesse muito calor, ela irradiava frescor, como se tivesse sido capaz de preservar, durante a viagem de trem de Rye ou de Greenwich, o refrigério de seu banho. Os braços e as pernas eram bonitos, porém seu rosto transmitia uma tamanha sensação de sensatez e humor, de boa dona de casa, que isso até contribuía para acentuar a beleza de seus braços e pernas. Ela caminhou para os elevadores e apertou o botão. Postei-me perto dela. Descemos juntos e saímos para a Madison Avenue. A calçada estava entupida de gente e caminhei a seu lado. Ela me olhou uma vez e compreendeu que estava sendo seguida, mas eu tinha certeza de que não era o tipo de mulher que pede ajuda à toa. Esperou na esquina que o sinal ficasse verde. Esperei junto a ela. Contive-me para não lhe dizer bem baixinho: "Minha senhora, por favor, posso pegar em seu tornozelo? Isso é tudo que quero fazer, minha senhora. Vai salvar minha vida". Ela não voltou a olhar para mim, porém pude ver que estava assustada. Atravessou a rua enquanto eu me mantinha a seu lado, e uma voz dentro de mim continuava a implorar. "Por favor, me deixe pegar em seu tornozelo. Vai salvar minha vida. Só quero pegar em seu tornozelo. Terei muito prazer em lhe pagar." Tirei do bolso a carteira e peguei algumas notas. Ouvi então alguém atrás de mim chamando meu nome. Reconheci a voz calorosa de um agente publicitário que costuma frequentar nosso escritório. Guardei a carteira no bolso, atravessei a rua e tentei me perder em meio aos transeuntes.

Caminhei até a Park Avenue e de lá para a Lexington, onde entrei num cinema. Recebi uma baforada de ar frio e viciado do aparelho de refrigeração, semelhante ao ar daqueles carros-dormitório que eu ouvia descendo pela margem do rio de manhã ao voltarem de Chicago ou de cidades mais a oeste. O vestíbulo estava deserto, era como se eu houvesse entrado num palácio ou numa basílica. Subi por uma escada estreita que depois fazia uma curva abrupta, afastando o esplendor. Os patamares eram sujos, as paredes, nuas. Eu havia chegado ao balcão e lá fiquei

sentado, no escuro, pensando que agora nada mais me salvaria, que nenhuma garota bonita com sapatos novos cruzaria meu caminho a tempo.

Peguei um trem de volta para casa, porém estava cansado demais para ir ao Orpheo's e depois assistir a um filme. Dirigi da estação para casa e guardei o carro na garagem. Ouvi o telefone tocar e esperei no jardim até que parasse. Tão logo pisei na sala de visitas, reparei em algumas marcas feitas na parede pelas mãos sujas das crianças antes de irem embora. Ficavam perto do rodapé e tive de me abaixar para beijá-las.

Sentei-me na sala de visitas e lá permaneci por um bom tempo. Dormi e, quando acordei, já era tarde; as luzes haviam sido apagadas em todas as outras casas. Acendi uma lâmpada. Imaginei que o voyeur estaria vestindo o roupão e calçando os chinelos a fim de iniciar sua incursão pelos quintais e jardins. A sra. Marston estaria de joelhos, rezando. Peguei o Lin Yutang e comecei a ler. Ouvi o cachorro dos Barstow latir. O telefone começou a tocar.

"Ah, minha querida!", gritei quando ouvi a voz de Rachel. "Ah, minha querida! Ah, minha querida!" Ela estava chorando. Haviam ido para Seal Harbor, tinha chovido durante uma semana e Tobey estava com uma febre de quarenta graus. "Estou saindo agora mesmo", eu disse. "Dirijo a noite toda e chego aí amanhã. Chego ainda pela manhã. Ah, minha querida!"

Isso foi tudo. Tudo terminado. Fiz a mala, desliguei a geladeira da tomada e dirigi a noite toda. Temos sido felizes desde então. Pelo que sei, o sr. Marston nunca voltou a se postar do lado de fora de nossa casa no escuro, conquanto eu o tenha visto com bastante frequência na plataforma da estação ou no clube local. Sua filha, Lydia, vai se casar no próximo mês e sua pálida esposa foi recentemente enaltecida por uma das principais instituições de caridade do país pelos serviços prestados. Todos aqui vão bem.

"The cure"
Trad. Jorio Dauster

Os males do gim

Era uma tarde de domingo e, do seu quarto, Amy ouviu os Bearden chegando, seguidos logo depois pelos Farquarson e pelos Parminter. Continuou a ler *Beleza Negra* até sentir nos ossos que todos podiam estar comendo algo muito bom. Então fechou o livro e desceu as escadas. A porta da sala de visitas estava fechada, mas através dela podiam se ouvir vozes altas e risos. Deviam estar fofocando ou fazendo coisa pior, porque todos se calaram quando ela entrou na sala.

"Oi, Amy", disse o sr. Farquarson.

"O sr. Farquarson falou com você, Amy", disse seu pai.

"Olá, sr. Farquarson", ela disse. Plantando-se fora do grupo por um minuto até que retomassem a conversa, ela se esgueirou junto à sra. Farquarson e conseguiu atacar o prato de nozes, pegando um punhado de uma vez.

"Amy!", exclamou o sr. Lawton.

"Desculpe, papai", ela disse, retirando-se do círculo em direção ao piano.

"Ponha essas nozes de volta", ele comandou.

"Agora já peguei nelas, papai."

"Está bem, minha querida, sirva as nozes", disse sua mãe com doçura. "Talvez

alguém mais queira comer nozes."

Amy encheu a boca com as que havia apanhado, voltou à mesinha de centro e ofereceu o prato aos convidados.

Todos agradeceram, pegando uma ou duas nozes.

"Amy, você está gostando da nova escola?", perguntou a sra. Bearden.

"Estou. Prefiro as escolas particulares às escolas públicas. Não parecem tanto com uma fábrica."

"Em que ano você está?", perguntou a sra. Bearden.

"Quarto ano."

Seu pai pegou o copo do sr. Parminter e o dele, levando-os para reencher na sala de jantar. Ela se deixou cair na cadeira que ele desocupara.

"Não sente na cadeira de seu pai, Amy", disse sua mãe, sem levar em conta que as pernas de Amy estavam cansadas porque ela havia andado de bicicleta, ao passo que seu pai ficara sentado o dia todo.

Enquanto caminhava até as porta-janelas, ouviu sua mãe começar a falar sobre a nova cozinheira. Era um bom exemplo do tipo de coisa interessante que eles arranjavam para conversar.

"É melhor você pôr sua bicicleta na garagem", disse seu pai ao voltar com os drinques renovados. "Está com jeito que vai chover."

Amy foi até o terraço e olhou para o céu, que não estava muito nublado. Não ia chover, e o conselho dele, como todos os que lhe dava, era supérfluo. Estavam sempre a azucrinando. "Guarde sua bicicleta." "Abra a porta para a vovó, Amy." "Dê comida para o gato." "Vá fazer a lição de casa." "Sirva as nozes." "Ajude a sra. Bearden com os embrulhos." "Amy, por favor, cuide melhor da sua aparência."

Todos se levantaram e, chegando à porta, seu pai a chamou. "Vamos jantar na casa dos Parminter", ele disse. "A cozinheira está aqui, por isso você não vai ficar sozinha. Não se esqueça de ir para a cama às oito como uma boa menina. E venha me dar um beijo de boa-noite."

Depois que os carros partiram, Amy atravessou sem pressa a cozinha e chegou ao quarto da empregada, batendo à porta. "Pode entrar", disse a cozinheira, que se chamava Rosemary. Ela vestia um roupão de banho e lia a Bíblia. Sorriu para Amy. O sorriso era bondoso, os olhos, azuis. "Seus pais saíram outra vez?", perguntou. Amy disse que sim, e a mulher, já idosa, a convidou a sentar-se. "Eles se divertem

muito, não é mesmo? Nos quatro dias que estou aqui, todas as noites saíram ou receberam alguém." Pousou a Bíblia no colo, com as páginas para baixo, e sorriu, mas não para Amy. "Sem dúvida, o que se bebe aqui é comum nesses encontros sociais e o que seus pais fazem não é da minha conta, não é mesmo? Eu me preocupo com bebida mais do que os outros por causa da minha pobre irmã. Minha pobre irmã bebia demais. Durante dez anos fui visitá-la nas tardes de domingo, e quase sempre ela estava totalmente bêbada. Às vezes eu a encontrava encolhida no chão com uma ou duas garrafas vazias de xerez ao seu lado. Outras vezes, ela podia até parecer sóbria para algum estranho, mas, pelo jeito que pronunciava as palavras, eu sabia num segundo que já estava fora de si. Agora minha pobre irmã partiu, não tenho mais ninguém para visitar."

"O que aconteceu com sua irmã?", Amy perguntou.

"Ela era uma pessoa encantadora, com uma pele de pêssego e cabelos louros", disse Rosemary. "O gim faz algumas pessoas ficarem alegres, elas riem e gritam, mas, com minha irmã, a deixava triste e distante. Quando bebia, ela se fechava dentro de si mesma, ficava do contra. Se eu dissesse que o dia estava bonito, ela dizia que não. Se eu dissesse que estava chovendo, ela dizia que já estava clareando. Me corrigia o tempo todo, por qualquer bobaginha. Morreu no hospital Bellevue, no verão, enquanto eu trabalhava no Maine. Era a única pessoa que restava da minha família."

A franqueza com que Rosemary lhe falava fez com que Amy se sentisse mais madura, permitindo com isso que se mostrasse atenciosa. "Você deve sentir muito a falta de sua irmã", ela disse.

"Agora mesmo estava sentada aqui pensando nela. Ela também trabalhava como empregada doméstica, é um trabalho solitário. Você está sempre cercada por uma família, mas nunca participa dela. Muitas vezes seu orgulho é ferido. As patroas se fazem de superiores, não têm consideração conosco. Não me queixo das patroas com quem trabalhei. É mesmo da natureza da relação. Elas pedem salada de galinha, e você acorda ainda de madrugada para adiantar o serviço. Quando acaba de preparar a salada de galinha, elas mudam de ideia e dizem que querem sopa de caranguejo."

"Minha mãe muda de ideia o tempo todo", disse Amy.

"Às vezes você está numa casa no campo, sem ninguém para ajudar. Está

cansada, mas não tão cansada que não se sinta solitária. Depois de lavar as panelas, vai até a varanda dos fundos pensando em admirar a criação de Deus e, mesmo quando a frente da casa tem uma vista linda de um lago ou das montanhas, o que se vê lá atrás não tem nada de bonito. Mas sempre tem o céu, as árvores, as estrelas, os passarinhos cantando e o prazer de descansar os pés. Aí você ouve o pessoal na frente da casa, rindo e conversando com os convidados, com seus filhos e filhas. Se é nova na casa e eles falam baixinho, pode ter certeza que estão falando de você. Isso acaba com todo o prazer da noite."

"Ah", disse Amy.

"Já trabalhei em todo tipo de casa — onde havia oito ou nove empregados ou onde eu mesma tinha de queimar o lixo ou limpar a neve nas noites de inverno. Nas casas com grande criadagem, quase sempre um dos empregados — o velho mordomo ou a copeira — é um demônio que desde o começo tenta infernizar sua vida. Ficam falando: 'A patroa não gosta disso assim' e 'A patroa não gosta disso assado' ou 'Estou com a patroa faz vinte anos'. A gente precisa de muita diplomacia para ir levando. Outro problema são os quartos que dão para a gente. Todos os que tive eram deprimentes. Se você tem uma garrafa na mala, no começo é muito forte a tentação de tomar um gole para levantar o moral. Mas eu tenho um temperamento forte. Era diferente com minha irmã. Ela costumava se queixar do nervosismo, mas, sentada aqui e pensando nela hoje à noite, me pergunto se sofria mesmo de nervosismo. Me pergunto se ela não inventava tudo aquilo. Me pergunto se simplesmente ela não tinha condições de ser empregada doméstica. Perto do fim, só arranjava trabalho no campo, onde ninguém queria ir, e nunca durava mais do que uma ou duas semanas. Tomava um pouco de gim para combater o nervosismo, um pouquinho mais para combater o cansaço e, depois que ela entornava sua própria garrafa e tudo mais que conseguisse roubar, os patrões se davam conta do que estava acontecendo. Em geral havia uma cena, minha irmã sempre gostava de ter a última palavra. Ah, se eu pudesse, faria uma lei contra a bebida! Não cabe a mim aconselhá-la a tirar nada do seu pai, mas eu ficaria orgulhosa de você se de vez em quando esvaziasse a garrafa de gim dele na pia, jogando fora aquela porcaria! Mas me fez bem conversar com você, minha querida. Diminuiu a saudade da minha pobre irmã. Agora vou ler um pouco mais da minha Bíblia antes de preparar seu jantar."

Os Lawton haviam tido um ano ruim em matéria de cozinheiras — cinco ao todo. A chegada de Rosemary trouxe à mente de Marcia Lawton a vaga ideia de uma provação religiosa: ela sofrera e agora recebia a compensação devida. Além de limpa, trabalhadeira e alegre, a sua mesa era como a do Chambord. Na quarta-feira à noite, depois de servir o jantar, ela tomou o trem para Nova York, prometendo voltar no final da tarde seguinte. Na manhã de quinta, Marcia foi inspecionar o quarto da cozinheira. Precaução desagradável porém necessária. A falta de qualquer coisa de caráter pessoal no quarto — um maço de cigarros, uma caneta-tinteiro, um despertador, um rádio ou qualquer outro objeto que pudesse ligá-la ao lugar — deixou Marcia com a sensação incômoda de que estava sendo enganada, como já tinha sido enganada por outras cozinheiras no passado. Abriu a porta do armário e viu um único uniforme pendurado no cabide; no chão do armário havia uma velha mala de Rosemary e os sapatos brancos que usava na cozinha. A mala estava trancada à chave, mas pareceu quase vazia quando Marcia a levantou.

Na quinta-feira após o jantar, o sr. Lawton e Amy foram de carro à estação para esperar o trem das oito e dezesseis. A capota estava arriada e a menina se sentiu em paz com o mundo por conta do ar fresco, do reluzir das estrelas e da companhia de seu pai. A estação ferroviária em Shady Hill lembrava as que ela vira em velhos filmes na televisão, nos quais detetives e espiões ou assassinos e suas vítimas inocentes são apanhados para serem levados a grandes mansões isoladas de tudo. Amy gostava da estação, em especial quando começava a escurecer. Imaginava que as pessoas que viajavam no trem parador tinham missões mais urgentes e sinistras do que simplesmente voltar para casa do trabalho. Exceto quando ocorria um forte nevoeiro ou uma nevada, o vagão-bar em que seu pai viajava parecia ter o brilho superficial e a monotonia de todas as outras coisas na vida dele. Os trens paradores que circulavam fora das horas de pico pertenciam a um mundo de contrastes mais marcados, onde ela gostaria de viver.

Como haviam chegado alguns minutos antes da hora, Amy desceu do carro e caminhou até a plataforma. Perguntou-se para que serviam as cordas penduradas acima dos trilhos nas duas extremidades da estação, porém não se deu ao trabalho de indagar a seu pai por saber que ele não seria capaz de explicar. Ouviu o trem

antes de vê-lo, sentindo-se feliz e excitada pelo barulho. Quando o trem parou na estação, ela procurou em vão por Rosemary nos vagões iluminados. O sr. Lawton saiu do carro e se juntou a Amy na plataforma. Viram que o condutor se curvava sobre um assento, até que conseguiu fazer com que a cozinheira se levantasse. Agarrada a ele, Rosemary caminhou até a plataforma do vagão, chorando e soluçando: "Pele de pêssego, uma pessoa muito, muito boa". O condutor lhe falou de forma carinhosa, abraçou seus ombros e a ajudou a descer os degraus. O trem partiu e ela lá ficou, enxugando as lágrimas. "Não diga uma palavra, sr. Lawton", foi falando, "e eu também fico calada." Mostrou um pequeno saco de papel. "Isto aqui é um presente para você, minha menina."

"Obrigada, Rosemary", disse Amy. Olhou dentro do saco e viu que continha vários pacotinhos de flores de tecido japonesas para pôr na água.

Rosemary andou até o carro com o cuidado de quem, no lusco-fusco, mal consegue ver o caminho à sua frente. Exalava um cheiro azedo. Seu casaco estava manchado de lama e rasgado nas costas. O sr. Lawton mandou Amy sentar atrás e fez a cozinheira se acomodar no banco ao lado dele. Bateu com raiva sua porta e, contornando o carro, sentou-se ao volante e dirigiu para casa. Rosemary pegou na bolsa uma garrafa de Coca-Cola com uma rolha de cortiça e tomou um gole. Amy percebeu pelo cheiro que a garrafa de Coca-Cola estava cheia de gim.

"Rosemary!", exclamou o sr. Lawton.

"Estou me sentindo muito só", disse a cozinheira. "Sozinha, com medo, e só tenho isto."

Ele nada mais falou até estacionar diante da porta dos fundos. "Entre e pegue sua mala, Rosemary", disse. "Espero aqui no carro."

Tão logo a cozinheira entrou aos tropeços na casa, ele mandou Amy usar a porta da frente. "Suba para o seu quarto e se apronte para dormir."

Quando Amy entrou, sua mãe perguntou do alto da escada se Rosemary tinha voltado. Amy não respondeu. Foi até o bar, pegou uma garrafa de gim já aberta e a esvaziou na pia da copa. Estava quase chorando quando encontrou a mãe na sala de visitas e lhe disse que seu pai levara a cozinheira de volta para a estação.

Ao chegar da escola no dia seguinte, Amy encontrou uma mulher corpulenta de cabelos pretos limpando a sala de visitas. Como o carro que o sr. Lawton costumava usar para ir à estação estava na oficina, sua mãe foi buscá-lo levando

Amy. Pela palidez de seu pai ao atravessar a plataforma, percebeu que ele tivera um dia difícil. O sr. Lawton beijou a esposa, deu um leve toque na cabeça de Amy e assumiu o volante.

"Você sabe", disse sua mãe, "tem alguma coisa muito errada com o chuveiro no quarto de hóspedes."

"Poxa, Marcia", ele retrucou, "eu gostaria muito que você não me recebesse sempre com alguma notícia ruim."

Sua voz áspera oprimiu Amy, que começou a brincar com o botão que baixava e subia a janela.

"Pare com isso, Amy!", ele ordenou.

"Ah, bem, o chuveiro não tem importância", disse sua mãe, dando uma risadinha chocha.

"Quando eu voltei de San Francisco na semana passada, você não esperou um minuto para me contar que precisamos de um novo aquecedor a óleo para a casa."

"Bom, arranjei uma cozinheira em tempo parcial. Essa é uma boa notícia."

"Ela também bebe?", seu pai perguntou.

"Não seja desagradável, meu querido. Ela vai preparar nosso jantar e, depois de lavar os pratos, segue de ônibus para casa. Nós vamos visitar os Farquarson."

"Estou realmente cansado demais para ir a qualquer lugar."

"Quem vai tomar conta de mim?", Amy perguntou.

"Você sempre se diverte na casa dos Farquarson", disse sua mãe.

"Está bem, saímos cedo de lá", ele concordou.

"Quem é que vai tomar conta de mim?", Amy insistiu.

"A sra. Henlein", respondeu sua mãe.

Ao chegarem em casa, Amy caminhou até o piano.

Seu pai lavou as mãos no banheiro contíguo ao vestíbulo e foi direto para o bar. Entrou na sala de visitas segurando a garrafa de gim vazia. "Como é que ela se chama?", perguntou.

"Ruby", disse sua mãe.

"Ela é excepcional. Bebeu quase um litro de gim no seu primeiro dia."

"Ah, meu Deus! Mas não vamos criar nenhum caso agora."

"Todo mundo toma minhas bebidas", seu pai berrou, "e já estou por aqui com isso!"

"Tem muitas garrafas de gim no armário", disse sua mãe. "Abra outra."

"Pagamos ao jardineiro três dólares por hora e tudo que ele fez foi entrar aqui escondido para beber meu uísque. Aquela mulher que tomava conta da Amy antes da sra. Henlein completava com água as garrafas de bourbon que ia esvaziando. Nem preciso lembrar a você sobre a Rosemary, mas a cozinheira antes dela, além de traçar tudo que havia no meu armário de bebidas, também deu cabo do rum, do kirsch, do xerez e do vinho que tínhamos na cozinha para usar na comida. Ainda teve aquela polonesa no verão passado e até a velha passadeira. e os pintores. Quem sabe não puseram algum tipo de sinal aí na porta. Ou vai ver a agência de empregos acha que eu sou um trouxa."

"Bom, vamos tratar de jantar e depois você fala com ela."

"Depois o diabo! Não vou encorajar as pessoas a me roubarem. *Ruby!*" Gritou o nome dela várias vezes, mas ela não respondeu. Quando apareceu na porta da sala de jantar, já estava de chapéu e casaco.

"Estou doente", ela disse. Amy podia ver que ela estava assustada.

"Já imaginava que você ia estar", disse seu pai.

"Estou doente", a cozinheira balbuciou, "não consigo encontrar nada nesta casa e vou embora."

"Muito bem", ele disse. "Ótimo! Cansei de pagar as pessoas para virem aqui tomar minhas bebidas."

A cozinheira caminhou em direção à porta da frente e Marcia Lawton a seguiu até o vestíbulo para lhe dar algum dinheiro. Amy assistira a toda a cena sentada no banco do piano, uma posição mais afastada mas que oferecia uma boa visão da sala. Viu seu pai pegar uma nova garrafa de gim e preparar uma coqueteleira de martínis. Dava a impressão de estar muito infeliz.

"Bem", disse sua mãe ao voltar, "se você quer saber, ela não parecia nada bêbada."

"Por favor, não discuta comigo, Marcia", disse seu pai. Encheu dois copos, disse "Saúde" e bebeu um gole. "Podemos encomendar alguma coisa no Orpheo's", ele continuou.

"Acho que sim", disse sua mãe. "Vou preparar alguma coisa para Amy." Foi para a cozinha e Amy abriu a partitura de "Reflets d'automne". "CONTE", sua professora de música havia escrito. "CONTE e toque suavemente, muito suavemente..." Amy

começou a tocar. Sempre que cometia um erro, dizia "Droga" e começava de novo. No meio de "Reflets d'automne", ocorreu-lhe que *ela* própria tinha esvaziado a garrafa de gim. A perplexidade foi tão intensa que ela parou de tocar, mas seus sentimentos não foram além da mera perplexidade, embora não tivesse forças para seguir tocando. Sua mãe lhe trouxe alívio. "Minha querida, seu jantar está na cozinha", ela disse. "E pode pegar um picolé no congelador como sobremesa. Só um."

Marcia Lawton mostrou o copo vazio para o marido, que o encheu com o martíni que havia na coqueteleira. Depois disso, ela subiu. O sr. Lawton continuou na sala e, examinando de perto o rosto do pai, Amy notou que sua expressão tensa começara a se abrandar. Já não parecia tão infeliz e, ao passar por ele a caminho da cozinha, recebeu um sorriso carinhoso e um afago no alto da cabeça.

Depois de jantar, chupar o picolé e estourar o plástico que o embalava, Amy voltou para o piano e tocou "O bife" durante algum tempo. Seu pai desceu vestido para sair, pôs o copo sobre o consolo da lareira e foi até as portas-balcão contemplar o terraço e o jardim. Amy reparou que a transformação, iniciada com o abrandamento de sua expressão facial, estava mais adiantada. Finalmente ele parecia feliz. Amy se perguntou se estava bêbado, apesar de andar com firmeza. Para dizer a verdade, até com mais firmeza.

Seus pais nunca haviam atingido aquela espécie de andar balançante que o equilibrista executa no circo e que ela própria às vezes imitava. Rodopiava velozmente no jardim até que, trôpega e meio enjoada, gritava: "Estou bêbada! Sou um bêbado!", se curvava sobre o gramado e, só quando estava prestes a cair, aprumava o corpo, feliz por haver perdido por um segundo as referências espaciais. Mas nunca vira seus pais daquele jeito. Nunca os vira se agarrar a um poste cantando e cambaleando, embora os tivesse visto cair. Eles jamais agiam de modo indigno — na verdade ficavam mais decorosos e formais à medida que continuavam a beber —, porém vez por outra seu pai se levantava para reencher os copos e andava numa linha bem reta mas seus sapatos pareciam grudados no tapete. Em outras ocasiões, ao se aproximar da porta da sala de jantar, ele errava a direção por uns trinta centímetros ou mais. Certa noite, Amy o vira esbarrar na parede com tanta força que caiu no chão e quebrou quase todos os copos que carregava. Conquanto uma ou duas pessoas houvessem achado graça, o riso não foi

geral nem intenso, e a maior parte dos convidados fez de conta que ele nem tinha caído. Ao se levantar, seguiu direto para o bar, como se nada houvesse acontecido. Amy vira também a sra. Farquarson errar por uns trinta centímetros a cadeira em que ia sentar; ela desabou no chão, porém ninguém riu e todos se comportaram como se a mulher não tivesse caído. Pareciam atores numa peça de teatro. Na peça da escola, quando alguém esbarrava numa árvore de papel, tinha de apanhá-la do chão sem chamar atenção a fim de não estragar a ilusão de se encontrarem no meio de uma floresta — e era assim que *eles* faziam quando alguém caía.

Seu pai agora estava andando daquele jeito tenso e engraçado que era bem diferente do modo como, de manhã, percorria com passos firmes a plataforma. Amy percebeu que ele procurava algo. Procurava por seu copo, que estava em cima do consolo da lareira. Mas, em vez de olhar para lá, ele vistoriou todas as mesas da sala de visitas. Depois de rodar pelo terraço, retornou à sala de visitas e examinou outra vez todas as mesas. Foi de novo ao terraço e voltou à sala de visitas, repassando os mesmos lugares três vezes embora sempre lhe dissesse para procurar pelas coisas com inteligência quando ela não encontrava os tênis ou a capa de chuva. "Pense bem, Amy", ele dizia. "Tente se lembrar onde você deixou a capa. Não posso te comprar uma nova cada vez que chove." Por fim, desistiu e serviu o martíni em outro copo. "Vou apanhar a sra. Henlein", disse a Amy, como se isso fosse alguma grande novidade.

Amy sentia apenas indiferença pela sra. Henlein e, quando seu pai retornou com ela, pensou no número de noites que haviam passado juntas nos últimos anos. A sra. Henlein era muito educada e ficava lhe dizendo o que uma moça fina devia ou não fazer. Queria saber também aonde iam os pais de Amy e que tipo de festa era, conquanto isso não fosse de sua conta. Sempre sentava no sofá como se mandasse na casa e falava sobre pessoas às quais nunca fora apresentada, pedindo a Amy que lhe trouxesse o jornal, embora não tivesse o direito de fazer isso.

Quando Marcia Lawton desceu, a sra. Henlein lhe desejou uma boa noite. "Divirtam-se", disse para o casal a caminho da porta. Voltou-se então para Amy. "Aonde é que eles vão, minha querida? Você deve saber. Pense bem, tente se lembrar. Eles vão ao clube?"

"Não", respondeu Amy.

"Quem sabe vão visitar os Trencher", disse a sra. Henlein. "A casa deles estava

toda iluminada quando passamos por lá."

"Não vão visitar os Trencher", disse Amy. "Eles odeiam os Trencher."

"Bom, então aonde é que eles estão indo, minha querida?"

"Na casa dos Farquarson", Amy respondeu.

"Isso era tudo que eu queria saber, minha querida. Agora apanhe o jornal e me entregue com delicadeza. Com *delicadeza*", ela repetiu quando Amy se aproximou trazendo o jornal. "Se você vai fazer alguma coisa para alguém mais idoso, precisa fazer com delicadeza", disse, pondo os óculos e começando a ler.

Amy subiu para seu quarto. Num copo sobre a mesinha de cabeceira estavam as flores japonesas que Rosemary lhe dera, vicejando na água que ficara rosada devido ao corante. Desceu pelas escadas dos fundos e, atravessando a cozinha, chegou à sala de jantar. Os apetrechos que seu pai usara para preparar os coquetéis estavam espalhados em cima do bar. Ela esvaziou a garrafa de gim na pia da copa e a pôs de volta onde a havia encontrado. Era tarde demais para andar de bicicleta e cedo demais para se deitar, mas ela sabia que, se achasse alguma coisa interessante para ver na televisão, como um assassinato, a sra. Henlein a obrigaria a desligar o aparelho. Lembrando-se então de que seu pai tinha lhe trazido da viagem à Costa Oeste um livro sobre cavalos, subiu correndo as escadas dos fundos para lê-lo.

Os Lawton voltaram depois das duas. Deitada no sofá da sala de visitas, a sra. Henlein sonhava com um sótão coberto de poeira ao ser acordada pelas vozes do casal no vestíbulo. Marcia Lawton lhe pagou e agradeceu; depois de perguntar se alguém havia telefonado, subiu para seu quarto. O sr. Lawton, na sala de jantar, mexia nas garrafas, fazendo-as tilintar. A sra. Henlein, ansiosa para dormir em sua própria cama, rezou para que ele não se servisse de mais bebida, como era hábito naquelas paragens: noite após noite, ela era levada de volta para casa por senhores bêbados. Ele apareceu na porta, trazendo na mão a garrafa vazia de gim. "A senhora deve estar fedendo", disse.

"Como?", ela balbuciou. Não havia entendido suas palavras.

"É isso mesmo, bebeu um litro inteiro de gim", ele respondeu.

A velha senhora, já normalmente pouco brilhante, ainda não havia despertado de todo. Rearranjou os ossos e ajeitou os cabelos grisalhos. Se dependesse apenas de suas inclinações naturais, ela recolheria gatos abandonados nas ruas; encheria o banheiro até o teto com interessantes e valiosos jornais; passaria ruge no rosto;

falaria sozinha; dormiria com a roupa de baixo para o caso de haver um incêndio; brigaria no açougue por causa do preço dos ossos usados na sopa; e faria circular na vizinhança o boato de que, quando enfim morresse em sua empoeirada casa entupida de lixo, o colchão estaria cheio de cadernetas bancárias e o travesseiro abarrotado de notas de cem dólares. Tendo resistido a todas essas saborosas tentações a fim de ser vista como uma senhora fina, alguém vinha, como retribuição, lhe dizer agora que ela era uma ladra vulgar. Começou a berrar com ele.

"Sr. Lawton, retire o que disse! Retire cada palavra que acabou de dizer! Nunca roubei nada em toda a minha vida, ninguém na minha família jamais roubou nada e não estou aqui para ser insultada por um bêbado. Falando em bebida, nos últimos vinte e cinco anos tudo que bebi caberia num dedal. Há vinte e cinco anos meu marido me levou a um bar e, depois de beber dois manhattans, fiquei tão enjoada e tão tonta que nunca mais quis tocar em álcool. Como o senhor ousa falar assim comigo! Me chamando de ladra e de bêbada! Ah, o senhor me dá nojo, nem sabe as dificuldades que eu tenho de enfrentar! Sabe qual foi minha ceia de Natal no ano passado? Um sanduíche de bacon. Seu filho da puta!" Ela começou a chorar. "Que bom que eu disse isso!", exclamou. "É a primeira vez que digo um palavrão em toda a minha vida e estou feliz por ter feito isso. Filho da puta!" Invadiu-a um sentimento de libertação, como se estivesse na proa de um grande navio. "Vivo aqui desde que nasci. Lembro quando ainda havia muitas famílias boas de fazendeiros e peixes nos rios. Meu pai tinha quatro acres de prados e um nome conhecido por todo mundo nesta região. Do lado da minha mãe, sou descendente de holandeses, grandes proprietários de terras. Minha mãe era a cara da rainha Guilhermina. O senhor acha que pode me insultar, mas está muito enganado, muito mesmo!" Encaminhou-se para o telefone e, levantando o fone, gritou: "Polícia! Polícia! Polícia! Aqui quem está falando é a sra. Henlein e estou na casa dos Lawton. Ele está bêbado e me insultou, quero que venham aqui prendê-lo!".

O vozerio acordou Amy, que, deitada na cama, percebeu vagamente a triste condição do mundo adulto, quão tosco e frágil ele era, como um tecido roto de aniagem costurado com erros e idiotices, feio e inútil. E, apesar de tudo, as pessoas mais velhas nunca se davam conta de que seu mundo não valia nada e, quando alguém lhes dizia isso, ficavam indignadas. No entanto, as vozes não se calavam e

ela se assustou ao ouvir "Polícia! Polícia!". Não temeu que a prendessem, embora fosse possível encontrar suas impressões digitais na garrafa vazia, porém não era seu risco pessoal que a amedrontava, e sim o colapso, no meio da noite, da casa de seu pai. Era tudo culpa dela e, ao ouvir o pai falando na extensão telefônica da biblioteca, seu sentimento de culpa se aprofundou. Ele até procurava ser bondoso e, lembrando-se do livro sobre cavalos caro e ilustrado que trouxera de San Francisco para ela, Amy teve de cerrar os dentes para não chorar. Cobriu a cabeça com um travesseiro e concluiu, penalizada, que teria de ir embora. Ainda possuía muitos amigos do tempo em que haviam morado em Nova York, ou iria passar a noite no Central Park, ou se esconderia num museu. Mas tinha de ir embora.

"Bom dia", seu pai disse na hora do café da manhã. "Estou pronto para ter um dia muito agradável." Animado pela luz radiosa do céu, pela lembrança de como lidara com a sra. Henlein e impedira a polícia de vir, renovado pelo sono da noite e contente com a perspectiva de jogar golfe, o sr. Lawton falou com sinceridade, mas as palavras pareceram a Amy risíveis e ofensivas. Roubaram-lhe o apetite, fazendo com que ela se debruçasse sobre o prato de cereal, mexendo sem parar com a colher. "Não fique assim tão curvada, Amy", ele disse. Ela então se recordou da noite, dos gritos, da decisão de partir. A alegria dele refrescou sua memória. A decisão estava tomada. Tinha uma aula de balé às dez e almoçaria com Lillian Towele. Depois disso iria embora.

As crianças se preparam para fazer uma viagem marítima levando uma escova de dentes e um ursinho de pelúcia; equipam-se para uma viagem de volta ao mundo com um par de meias descasadas, uma concha e um termômetro; livros, pedras, penas de pavão, balas, bolas de tênis, lenços sujos e meadas de barbante velho parecem ser, para elas, artigos necessários nesses deslocamentos — e Amy, naquela tarde, fez a mala com esse tipo de impulsividade. Chegou tarde do almoço e teve de retardar a hora da partida, mas não se importou. Pegaria um dos trens paradores do fim da tarde, daqueles usados pelas cozinheiras. Seu pai estava jogando golfe, e sua mãe estava sabe-se lá onde. Uma diarista limpava a sala de visitas. Quando acabou de fazer a mala, Amy foi até o quarto de seus pais e puxou a descarga. Enquanto a água murmurava, ela pegou uma nota de vinte dólares na mesinha de sua mãe.

Feito isso, desceu as escadas, saiu de casa e caminhou ao redor de Blenhollow Circle e pela Alewives Lane até a estação. Sua mente não registrou nenhum sentimento de perda, nenhuma despedida. Repassou os nomes dos amigos que tinha na cidade caso não decidisse passar a noite num museu. Ao abrir a porta da sala de espera, o chefe da estação, sr. Flanagan, estava avivando o aquecedor a carvão.

"Quero comprar uma passagem para Nova York", disse Amy.

"Só de ida ou ida e volta?"

"Só de ida, por favor."

O sr. Flanagan entrou no cubículo onde eram vendidas as passagens e levantou a portinhola de vidro. "Infelizmente, não tenho uma meia para você, Amy", ele disse. "Vou ter que preparar uma."

"Está bem", ela disse. Depositou a nota de vinte dólares sobre o balcão.

"E, para trocar isso, vou ter que ir até o outro lado da linha. O trem das quatro e trinta e dois está chegando agora, mas você pode pegar o das cinco e dez." Ela não protestou e foi sentar junto à sua mala de papelão, onde estavam impressos os nomes de cidades e hotéis europeus. Depois que o parador partiu, o sr. Flanagan fechou a portinhola e atravessou a passarela para a plataforma onde paravam os trens que seguiam rumo ao norte. De lá telefonou para a casa dos Lawton. O sr. Lawton havia acabado de chegar do jogo de golfe e estava preparando um drinque. "Acho que sua filha está planejando fazer uma viagem", disse o sr. Flanagan.

Já havia escurecido quando o sr. Lawton chegou à estação. Viu a filha através da janela. A menina sentada no banco e os nomes famosos na malinha de papelão o comoveram, pois ela só tinha o poder de comovê-lo quando parecia desamparada ou quando estava muito doente. Um calafrio percorreu sua espinha. Ele sentiu o estremecimento de uma perda irreparável e sua pele se crispou como quando, ao dirigir para casa sozinho tarde da noite, uma cascata de folhas secas tangidas pelo vento cruzava o clarão dos faróis, liberando-o, durante um mero segundo, dos símbolos literais de sua vida — as camisas sem botões, os recibos e extratos bancários, os formulários a serem preenchidos, os copos vazios. Ele dava então a impressão de aguçar os ouvidos, Deus sabe para ouvir o quê. Ordens, tambores, o crepitar dos foguetes de sinalização de emergência no mar, a música do carrilhão — como é doce seu som no ar alpino! — vinda de uma taverna num desfiladeiro, o

grasnar dos cisnes selvagens; ele parecia sentir o cheiro de maresia nas igrejas de Veneza. E então, assim como acontecia com as folhas, o poder que a filha tinha de perturbá-lo se desvaneceu; passou o arrepio na pele. Ele voltara a ser o que era. Ah, por que ela iria querer fugir? Viajar — e ninguém sabia disso melhor do que uma pessoa obrigada a passar três dias na estrada a cada quinzena — era uma sucessão de cabines de avião superaquecidas e de revistas que tratavam dos mesmos assuntos, onde o café e até o champanhe tinham gosto de plástico. Como lhe ensinar que o lar, doce lar era o melhor lugar do mundo?

"The sorrows of gin"
Trad. Jorio Dauster

Oh, juventude e beleza!

No final de quase toda longa festa de sábado no subúrbio de Shady Hill, quando a maioria dos que iam jogar tênis ou golfe de manhã já tinha voltado para casa havia horas e as dez ou doze pessoas remanescentes pareciam incapazes de encerrar a noite embora o gim e o uísque já escasseassem; quando alguma mulher que não estava acompanhada do marido começava a tomar leite; quando todos haviam perdido a noção do tempo e as baby-sitters fazia muito dormiam a sono solto nos sofás sonhando com prêmios nos concursos culinários, com viagens marítimas e casos de amor; quando já se tinham feito ouvir o bêbado belicoso, o jogador de dados, o pianista e a mulher confrontada com a morte de suas esperanças; quando qualquer proposta — tomar o café da manhã na casa dos Farquarson, nadar, acordar os Townsend, ir para ali ou para acolá — fenecia no momento mesmo em que era formulada, nessa hora Trace Bearden começava a gozar Cash Bentley por estar ficando velho e perdendo cabelo. Essa caçoada precedia o deslocamento da mobília da sala de visitas. Trace e Cash moviam as mesas e cadeiras, os sofás e a grade da lareira, a caixa de lenha e o pufe. Quando terminavam, a sala ficava irreconhecível. Se o anfitrião possuía um revólver, era

instado a trazê-lo. Cash tirava os sapatos e, se agachando, assumia a posição de largada atrás de um sofá. Trace disparava a arma através de uma janela aberta e, caso você fosse novo na vizinhança e não houvesse compreendido a razão dos preparativos, verificaria então que estava presenciando uma corrida de obstáculos. Cash saltava por cima do sofá, das mesas, da grade da lareira e da caixa de lenha. Não se tratava exatamente de uma corrida, uma vez que ele não competia com ninguém, mas era extraordinário ver aquele homem de quarenta anos superar tantas barreiras com tamanha graça. Não havia uma única peça de mobiliário em Shady Hill que Cash não fosse capaz de transpor num salto veloz. A corrida terminava com os aplausos da plateia, e pouco depois a festa chegava ao fim.

Cash era, obviamente, um ex-atleta de escol, porém nunca falava de seu passado de forma agressiva ou enfadonha. A universidade em que havia brilhado na juventude lhe oferecera um cargo remunerado no conselho de ex-alunos, que ele recusou por entender que aquela parte de sua vida ficara para trás. Cash e a esposa, Louise, tinham dois filhos e moravam numa casa relativamente modesta na Alewives Lane. Eram sócios do clube de campo embora não pudessem arcar com as mensalidades, mas, no caso dos Bentley, ninguém se importava com isso porque Cash era um dos homens mais benquistos de Shady Hill. Ainda esbelto — tomava cuidado com o peso —, caminhava até o trem todas as manhãs com passadas leves e vigorosas, que atestavam sua condição de atleta. Os cabelos eram ralos e havia manhãs em que os olhos estavam injetados de sangue, mas isso não afetava muito a encantadora qualidade de uma juventude que teimava em acompanhá-lo.

Nos negócios, Cash sofrera derrotas e desapontamentos, motivo pelo qual os Bentley tinham muitas preocupações financeiras. Estavam sempre atrasados no pagamento dos impostos e da hipoteca, enquanto a gaveta da mesa do vestíbulo vivia abarrotada de contas a pagar e a relação com o banco era bastante delicada. Louise se apresentava bem bonita nas noites de sábado, porém levava uma vida cansativa e monótona. Nos bolsos de seus tailleurs, casacos e vestidos havia pedacinhos de papel onde estava escrito: "Margarina, espinafre congelado, lenços de papel, biscoito para cachorro, hambúrguer, pimenta, banha...". Pela manhã, ainda semiadormecida, tinha de verter a água para o café e diluir o concentrado congelado de suco de laranja. Depois era chamada pelas crianças. Arrastava-se de quatro para debaixo da escrivaninha a fim de pegar uma meia para Toby. Rastejava

para debaixo da cama (enchendo o nariz de poeira) a fim de encontrar o sapato de Rachel. Vinha então todo o trabalho da casa, lavar roupa, cozinhar, atender às exigências das crianças. Parecia sempre haver sapatos a serem tirados e sapatos a serem calçados, roupas de neve com o zíper a ser fechado, traseiros a serem limpos, lágrimas a serem secas e, quando o sol se punha (ela o via da janela da cozinha), cumpria preparar o jantar, dar banhos, contar histórias na cama e rezar o Padre-Nosso. Com as palavras sonoras da oração no quarto escurecido, chegava ao fim o dia das crianças, mas o de Louise Bentley ainda ia longe. Faltava cerzir, remendar, passar a ferro: após dezesseis anos de trabalhos domésticos, ela não era capaz de escapar deles nem dormindo. As roupas de neve, os sapatos, os banhos e as compras de supermercado pareciam permear seu subconsciente. Vez por outra, falava dormindo — tão alto que acordava o marido. "Não tenho *dinheiro* para comprar as costeletas de vitela!", ela disse certa noite. Depois suspirou, inquieta, e voltou a ficar em silêncio.

Pelos padrões de Shady Hill, os Bentley formavam um casal feliz, porém tinham seus bons e maus momentos. Cash às vezes era muito mal-humorado. Se chegasse em casa após um dia ruim no escritório e visse que Louise, por alguma boa razão, não havia começado a preparar o jantar, perdia as estribeiras. "Ah, que diabo!", dizia, indo para a cozinha esquentar alguma comida congelada. Bebia umas doses de uísque para relaxar, geralmente queimava o fundo da panela e, quando sentavam para comer à mesa da copa, o ambiente estava empestado de fumaça. Era uma questão de tempo até mergulharem numa briga para valer. Louise subia correndo as escadas, se jogava na cama e soluçava. Cash pegava a garrafa de uísque e tomava um pileque. Esses pegas, apesar do vigor com que Cash e Louise entravam na porfia, eram uma fonte de muita dor para ambos. Cash dormia no sofá do andar de baixo, mas, uma vez iniciada a confusão, o sono nunca servia para consertar o estrago: caso se encontrassem de manhã, num segundo a gritaria recomeçava. Cash então ia pegar o trem e, tão logo as crianças saíam para o jardim de infância, Louise vestia o casaco e atravessava o gramado rumo à casa dos Bearden. Chorava enquanto bebia um café requentado e contava a Lucy Bearden seus problemas. Qual era o sentido do casamento? Qual o sentido do amor? Lucy sempre sugeria que Louise arranjasse um emprego. Isso lhe traria independência emocional e financeira, justamente o que ela mais necessitava.

Na noite seguinte, as coisas pioravam. Não tendo vindo jantar em casa, Cash chegava cambaleante por volta das onze e as discussões sórdidas se repetiam até que Louise ia se deitar aos prantos e ele mais uma vez se esticava no sofá da sala de visitas. Após alguns dias e noites desse jeito, Louise achava que tinha chegado ao fim da linha. Decidia ir para a casa de sua irmã casada, em Mamaroneck. Em geral, escolhia partir no sábado, quando Cash se encontrava em casa. Fazia a mala e pegava seus Bônus de Guerra na escrivaninha. Tomava banho e vestia sua melhor combinação. Cash a via ao passar diante da porta do quarto de dormir. Como a combinação era transparente, de repente ele se desmanchava em mil demonstrações de arrependimento, ternura, charme, sabedoria e amor. "Ah, minha querida!", gemia e, quando desciam uma hora depois para comer alguma coisa, suspiravam e trocavam olhares apaixonados: era o casal mais feliz em toda a Costa Leste dos Estados Unidos. Em geral, justo nessa hora Lucy Bearden chegava com a bela notícia de que tinha encontrado um emprego para Louise. Lucy tocava a campainha e Cash, vestindo um roupão de banho, abria a porta para ela, que, naturalmente, só trocava algumas poucas palavras com ele, pois queria correr para a sala de jantar a fim de contar a boa-nova à sua pobre amiga. "Olhe, você foi muito boazinha de ter procurado", Louise dizia sem grande entusiasmo, "mas acho que não quero mais trabalhar fora. Acho que o Cash não quer que eu trabalhe, não é, querido?" Fixava então seus olhos grandes e negros em Cash, e praticamente se podia sentir a carga elétrica no ar. Lucy pedia desculpas e escapava correndo daquela cena de depravação, embora nunca saísse aborrecida porque ela própria estava casada havia dezenove anos e sabia que todo casamento tem seus altos e baixos. Mas também não aprendia a lição: na próxima vez que os Bentley brigavam, lá estava ela empenhada em encontrar um emprego para Louise. No entanto, essas brigas e reconciliações, assim como a corrida de obstáculos, não pareciam perder o interesse por conta da repetição.

Numa noite de sábado, na primavera, os Farquarson deram uma festa em homenagem aos dezessete anos de casamento dos Bentley. À tarde, Louise entregou-se a preparativos quase tão árduos quanto a lavagem de roupas às segundas-feiras. Durante uma hora contada no relógio, descansou com os pés para

cima, o queixo amarrado e os olhos banhados numa solução adstringente. As compressas de lama, a cinta apertada demais, o arrancar de pelinhos, o enrolar dos cabelos e a maquiagem tinham como objetivo rejuvenescê-la. Sentindo, no final, que não havia obtido um êxito absoluto, ela cobriu os olhos com um véu — porém era uma mulher encantadora, e todos os cosméticos com que lutara pareciam, assim como o véu, encobrir de forma transparente um rosto em que eram indisfarçáveis tanto a beleza madura como a capacidade de rir e de se apaixonar. A festa dos Farquarson foi muito animada e os Bentley se divertiram à grande. A única pessoa que bebeu demais foi Trace Bearden. Lá pelas tantas, ele começou a gozar Cash porque seu cabelo estava ficando ralo e Cash, aceitando a brincadeira, passou a deslocar os móveis. Harry Farquarson tinha uma pistola e Trace foi até o terraço dispará-la. Cash ultrapassou o sofá, a mesinha lateral, os braços da poltrona de espaldar alto e a grade da lareira. Foi a escultura de madeira sobre uma arca que o derrubou, e ele caiu como uma tonelada de tijolos.

Louise soltou um grito e correu para onde Cash se encontrava caído. Como ele tinha um corte fundo na testa, alguém fez uma bandagem para conter o sangue. Quando tentou se pôr de pé, ele tropeçou e voltou a cair, e seu rosto ganhou uma terrível coloração esverdeada. Harry ligou para os médicos Parminter, Hopewell, Altman e Barnstable, mas eram duas da madrugada e nenhum deles atendeu o telefone. Por fim, um certo dr. Yerkes — desconhecido de todos — concordou em ir. Era muito moço, não parecendo ter idade bastante para ser médico. Correu os olhos pela sala desarrumada e pelos rostos ansiosos dos presentes como se a cena tivesse algo de estranho. Começou mal com Cash: "Qual é o problema, coroa?", ele perguntou.

A perna de Cash estava quebrada. Depois que ela foi entalada, Harry e Trace levaram o acidentado até o carro do médico. Louise os acompanhou em seu próprio carro até o hospital, onde Cash foi internado numa enfermaria. O médico lhe deu um sedativo e Louise, depois de beijá-lo, dirigiu para casa enquanto amanhecia.

Cash ficou duas semanas no hospital e, ao voltar para casa, usava uma muleta porque a perna estava engessada de cima a baixo. Só dez dias depois foi capaz de ir

capengando pegar o trem da manhã. "Nunca mais vou poder fazer a corrida de obstáculos, minha querida", disse com tristeza a Louise. Ela respondeu que isso não tinha importância, mas, embora não tivesse importância para ela, parecia ter importância para Cash. Ele tinha perdido peso no hospital. Estava de moral baixo, deprimido, sem compreender o que ocorrera. Ele, ou tudo à sua volta, parecia ter se modificado sutilmente para pior. Até seus sentidos davam a impressão de conspirar para perverter o mundo generoso de que desfrutara por tantos anos. Certa noite, bem tarde, foi à cozinha fazer um sanduíche e, ao abrir a geladeira, notou um cheiro azedo. Jogou no lixo a carne deteriorada, porém o cheiro ficou grudado em seu nariz. Dias depois, foi ao sótão procurar seu suéter da universidade. Lá não havia janelas e a luz da lanterna estava fraca. Ajoelhando-se no chão para destrancar um baú, rompeu uma teia de aranha com os lábios. Embora tênue, a teia cobriu sua boca como se uma mão a houvesse tapado. Afastou-a num gesto impaciente, mas ficou a sensação de que fora amordaçado. Algumas noites mais tarde, caminhava sob a chuva por uma rua de pouco movimento em Nova York quando viu uma velha prostituta num vão de porta. Ela era tão feia e devassa que se assemelhava a uma caricatura da Morte, porém, antes que pudesse avaliá-la — no instante mesmo em que divisou sua silhueta encurvada —, os lábios de Cash intumesceram, a respiração se acelerou e ele experimentou todos os outros sintomas da excitação erótica. Lendo a revista *Time* na sala de visitas algumas noites depois, reparou que as rosas murchas que Louise trouxera do jardim cheiravam mais a terra do que a qualquer outra coisa. Era um cheiro pútrido, insinuante. Jogou as rosas num cesto de papéis, mas não antes que lhe lembrassem a carne podre, a prostituta e a teia de aranha.

Conquanto houvesse voltado a frequentar as festas, sem a corrida de obstáculos elas lhe pareciam enfadonhas e intermináveis. Escutava as piadas indecentes com uma irritação difícil de ocultar. Até mesmo a aparência dos amigos e vizinhos o repugnava e, jogado numa cadeira, observava com desgosto a pele e os dentes deles, como se ele próprio fosse um homem muito mais moço.

O grosso de sua irritação era dirigido a Louise, a quem parecia que, ao fracassar na corrida, Cash perdera aquilo que mantinha seu equilíbrio emocional. Era grosseiro com os amigos quando apareciam para tomar um drinque. Era grosseiro e sorumbático quando os dois saíam. Se Louise lhe perguntasse qual era o

problema, ele apenas murmurava: "Nada, nada, nada", servindo-se de bourbon. Maio e junho se foram, assim como a primeira parte de julho, sem que ele mostrasse nenhuma melhora.

Eis que chega uma noite de verão, uma noite maravilhosa de verão. Os passageiros no trem das oito e quinze veem Shady Hill — se é que a notam — banhada numa plácida luz dourada. O barulho da composição é abafado pela densa folhagem, e as longas janelas dos vagões surgem como uma sucessão de aquários iluminados antes de desaparecerem num piscar de olhos. Na colina, as senhoras dizem umas às outras: "Sente só o cheiro da grama! Sente o cheiro das árvores!". Os Farquarson estão dando outra festa e Harry, de avental e chapéu branco de cozinheiro, pendurou no caramanchão de rosas um cartaz onde se lê RAVINA DO UÍSQUE. Os convivas ainda estão bebendo, e a fumaça do churrasco, nessa noite sem vento, sobe em linha reta em direção à copa das árvores.

Na sede do clube, que fica no alto da colina, as primeiras danças formais para os jovens começam por volta das nove. Na Alewives Lane, os irrigadores de jardim continuam a girar depois que o sol se põe. Dá para sentir o cheiro da água. O ar parece tão perfumado quanto escuro — é uma delícia caminhar por ali — e quase todas as janelas na Alewives Lane estão abertas para recebê-lo. Passando pela calçada, você pode ver o sr. e a sra. Bearden diante do aparelho de televisão. Joe Lockwood, o jovem advogado que mora na esquina, ensaia um discurso para o júri na frente de sua esposa. "Tenciono lhes mostrar", diz ele, "que um cidadão probo, um homem cuja reputação em matéria de honestidade e confiabilidade..." Gesticula com os braços nus ao falar. A esposa continua a tricotar. A sra. Carver — sogra de Harry Farquarson — olha para o céu e pergunta: "De *onde* vieram todas as estrelas?". Ela é idosa e meio desmiolada, porém está coberta de razão: as estrelas da noite anterior parecem ter atraído uma série de novas galáxias, e o céu noturno só não brilha onde há um rasgão na membrana de luz. Nos terrenos baldios perto da linha férrea canta um tordo eremita.

Os Bentley estão em casa. Cash vem sendo tão rude e melancólico que os Farquarson não o convidaram para a festa. Sentado no sofá ao lado de Louise, que costura elásticos nas roupas de baixo das crianças, ele escuta, através da janela

aberta, os sons agradáveis da noite de verão. Há outra festa, no jardim dos Rogers, nos fundos do jardim dos Bentley. Da colina vem a música do baile. O conjunto é precário — saxofone, bateria e piano —, todas as canções têm pelo menos vinte anos. Tocam "Valencia" e Cash olha com ternura para Louise, mas, naquela noite, ela é uma figura desencorajadora. A lâmpada acentua os fios grisalhos em seu cabelo. O avental está manchado. Seu rosto parece sem cor e tenso. De repente, batendo freneticamente com o pé no chão, Cash começa a marcar o ritmo da música. Canta coisas sem nexo — Jabajabajabajaba — acompanhando o longínquo saxofone. Suspira e vai para a cozinha.

Um leve cheiro de ranço o recebe na cozinha às escuras. Da janela, ele pode ver as luzes e silhuetas na festa dos Rogers. Os convidados são gente moça. A filha dos Rogers chamou alguns amigos para jantar antes do baile e agora todos começam a ir embora. Os carros se afastam. "Meu vestido ficou cheio de manchas de grama", diz uma moça. "Espero que o velho tenha se lembrado de botar gasolina", diz um rapaz, provocando uma risada da companheira. Só há lugar na mente deles para as noites de verão. Impostos e elásticos nas roupas de baixo — todos os fatos lamentáveis que ameaçam sufocar Cash — não tocaram um só dos presentes naquele jardim. E então a inveja toma conta dele, uma inveja tão amarga e violenta que o faz se sentir mal.

Ele não compreende o que o separa daqueles adolescentes no jardim vizinho. Foi jovem também. Foi um herói. Foi adorado, feliz e cheio de vigor animal, mas agora lá está, numa cozinha às escuras, privado de sua destreza atlética, de sua impetuosidade, de suas feições bonitas — de tudo que significa alguma coisa para ele. Tem a impressão de que as pessoas no outro quintal são fantasmas de alguma festa naquele passado onde ficaram todas as suas afeições e desejos, uma festa da qual ele foi cruelmente excluído. Sente-se como um espectro da noite de verão. A sensação de perda dói em sua alma. Ouve então vozes na frente da casa e Louise acende a luz da cozinha. "Ah, você está aqui", ela diz. "Os Bearden acabam de chegar, acho que querem beber alguma coisa."

Cash foi receber os Bearden. Eles queriam ir ao clube para dançar um pouco. Perceberam de imediato que Cash estava no fundo do poço e insistiram em que os Bentley fossem também. Louise arranjou alguém para tomar conta das crianças e subiu para se arrumar.

Chegando ao clube, encontraram uns poucos amigos da idade deles em torno do bar, porém Cash não ficou por lá. Dava a impressão de estar inquieto e talvez bêbado. Esbarrou violentamente numa mesa ao atravessar o saguão a caminho do salão de baile. Cortou um casal e tirou a moça para dançar. Pegou-a com excessiva veemência e saiu dando passos antigos. Ela fez um sinal ostensivo pedindo a ajuda de um rapaz à beira da pista, o qual a tomou dos braços de Cash. Ele saiu raivoso do salão para o terraço. Alguns casais que lá estavam se separaram quando a porta de tela foi aberta num repelão. Caminhou até o fim do terraço, onde tinha a esperança de ficar sozinho, porém surpreendeu outro casal: os dois jovens se levantaram da grama, onde aparentemente estavam deitados, e caminharam no escuro em direção à piscina.

Louise permaneceu no bar com os Bearden. "É uma pena, mas o Cash está no maior pileque", ela disse. "Hoje à tarde me falou que ia pintar as janelas de proteção. Misturou as tintas, lavou os pincéis, vestiu um macacão velho e foi para o porão. Alguém telefonou para ele por volta das cinco e, quando desci para avisá-lo, sabe o que ele estava fazendo? Estava sentado no escuro com uma coqueteleira. Nem tinha tocado nas janelas. Só ficou lá sentado no escuro, bebendo martínis."

"Coitado dele", disse Trace.

"Você devia arranjar um emprego", disse Lucy. "Isso lhe daria independência emocional e financeira." Enquanto ela falava, ouviram o som de móveis sendo arrastados no saguão.

"Ah, meu Deus!", disse Louise. "Ele vai correr. Faça ele parar, Trace, não deixe ele fazer isso! Vai se machucar. Vai se matar!"

Foram todos para a porta do saguão. Louise voltou a pedir a Trace que interferisse, mas ela podia ver, pela expressão de Cash, que nada seria capaz de demovê-lo. Alguns casais abandonaram a pista de dança e vieram acompanhar os preparativos. Trace não tentou fazer Cash parar — ele o ajudou. Como ali não havia pistola, bateu com força dois livros para dar a largada.

Cash pulou por cima do sofá, da mesa de centro, da mesinha lateral, da grade da lareira e do almofadão que servia de pufe. Parecia ter recuperado toda a força e elegância. Ultrapassou o grande sofá na extremidade da sala e, em vez de parar por ali, deu meia-volta e reiniciou o percurso de trás para a frente. Seu rosto refletia o esforço que vinha fazendo, a boca aberta, os tendões saltando horrivelmente do

pescoço. Venceu o almofadão, a grade da lareira, a mesinha lateral, a mesa de centro. Os espectadores suspenderam a respiração quando se aproximou do último sofá, mas ele o ultrapassou e aterrissou de pé. Ouviram-se alguns aplausos. Então ele gemeu e caiu. Louise correu para seu lado. As roupas dele estavam empapadas de suor, a respiração era difícil. Ela se ajoelhou junto a Cash e, acomodando no colo sua cabeça, lhe acariciou os cabelos ralos.

Cash teve uma ressaca tremenda no domingo e Louise deixou que ele dormisse até quase a hora de ir à igreja. A família toda foi à Igreja de Cristo às onze, como sempre faziam. Cash cantou, rezou e se ajoelhou, mas tudo que ele até então havia sentido numa igreja é que estava fora do reino da infinita bondade de Deus e, para dizer a verdade, não acreditava nem um pouquinho no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Voltaram para casa à uma para comer a carne cozida demais e as batatas duras como pedras que constituíam o almoço costumeiro de domingo. Por volta das cinco, os Parminter telefonaram e os convidaram para um drinque. Como Louise não queria ir, Cash foi sozinho. (Ah, essas noites de domingo nos subúrbios, essa melancolia dominical! Esses hóspedes que partem terminado o fim de semana, esses drinques sem gosto, essas flores semimortas, essas idas a Harmon para pegar o Century, esses jantares feitos de sobras de comida!) O tempo estava abafado, o céu, encoberto. Começavam os dias de canícula. Ele bebeu gim na companhia dos Parminter durante uma ou duas horas e depois foi tomar outro drinque na casa dos Townsend. Os Farquarson telefonaram para os Townsend e os convidaram para visitá-los, levando Cash junto. Lá beberam mais e comeram o que tinha restado da festa. Os Farquarson ficaram felizes ao ver que Cash parecia ser outra vez o homem de sempre. Deviam ser dez e meia ou onze horas quando ele chegou em casa. Louise estava no andar de cima, recortando do número da *Life* daquela semana as cenas de crueldade, desastre e mortes violentas que poderiam corromper seus filhos. Cash subiu, falou com ela e voltou a descer. Pouco depois, ela o ouviu empurrando os móveis da sala de visitas. Então a chamou e, ao descer, ela o encontrou no pé da escada, sem os sapatos, lhe passando a pistola. Ela nunca a usara antes, e as instruções que ele deu não foram de grande ajuda.

"Depressa", ele disse. "Não posso esperar a noite toda."

Como Cash se esquecera de lhe falar sobre a trava de segurança, nada aconteceu quando ela apertou o gatilho.

"É aquela alavanca pequena", ele disse. "Aperte a alavanca." E então, impaciente, saltou sobre o sofá sem esperar por nada.

A pistola disparou e Louise o atingiu em pleno ar, matando-o com um tiro.

"O youth and beauty!"
Trad. Jorio Dauster

Só mais uma vez

Não há razão para procurar encrenca, mas, em qualquer retrato abrangente e verdadeiro da cidade em que vivemos, sem dúvida haverá lugar para mais um comentário acerca dessas pessoas obstinadas que nunca desistem ou fogem do jogo, os insaciáveis que já encontramos em algum momento de nossas vidas. Refiro-me em especial aos aristocratas empobrecidos que moram no Upper East Side — os homens elegantes, charmosos e dilapidados que trabalham para corretoras e suas pretensiosas esposas, com casacos de marta comprados em brechós e peles puídas, com sapatos de couro de crocodilo e modos arrogantes ao lidar com porteiros e caixas de supermercados, com suas joias de ouro e restinhos de Je Reviens ou Chanel. Penso sobretudo nos Beer — Alfreda e Bob —, que moram no edifício do East Side que pertenceu ao pai dele, cercados de troféus de iatismo, fotografias autografadas do presidente Hoover, móveis espanhóis e outras relíquias da época das vacas gordas. Na verdade, não se tratava de um apartamento espetacular, apenas grande e escuro, porém acima da capacidade financeira do casal, o que se podia notar pela cara dos porteiros e ascensoristas quando você dizia a quem ia visitar. Acredito que estivessem sempre atrasados dois ou três meses no

pagamento do aluguel, não tendo sobras para oferecer gorjetas. Naturalmente, Alfreda estudara em Fiesole. Seu pai, como o de Bob, havia perdido milhões e milhões de dólares. Todas as suas memórias eram ricamente incrustadas com pátinas de ouro reluzente, apostas astronômicas nos jogos de bridge, a dificuldade de ligar o motor do Daimler nos dias de chuva e piqueniques na margem do Brandywine com as filhas dos Du Pont.

Ela era uma mulher bem-apanhada — com um rosto comprido e aquela compleição delicada dos nascidos na Nova Inglaterra que parece lhes conferir, por natureza, uma posição social privilegiada. Dava a impressão de ser imperturbável. Quando estavam por cima, ela trabalhava — primeiro na loja de cristais Steuben, na Quinta Avenida, e depois na Jensen, onde criou um problema ao insistir no direito de fumar. De lá foi para a Bonwit e, mais tarde, para a Bendel. Contratada pela Schwarz durante um Natal, estava na seção de luvas do térreo da Saks na Páscoa seguinte. Nos intervalos dos empregos teve dois filhos e costumava deixá-los aos cuidados de uma velha escocesa que servia a família desde os tempos áureos e, tanto quanto os Beer, parecia incapaz de se adaptar de forma positiva às mudanças.

Eles eram o tipo de gente que você sempre encontra em estações ferroviárias ou em coquetéis. Mais precisamente, em estações ferroviárias nas noites de domingo; nos fins de semana ou nos fins de temporada, em lugares como Hyannis ou Flemington; no início da primavera, em Lake George, Aiken ou Greenville; em Westhampton, Stonington, Bar Harbor e no barco a vapor de Nantucket; ou, indo mais longe, na estação Paddington, em Roma e no barco noturno que sai de Antuérpia. "Olá! Olá!", diziam em meio à multidão de passageiros, e lá estava ele, envergando uma capa de chuva branca, de bengala e chapéu de feltro, e lá estava ela, usando um casaco de marta ou alguma pele. E, de certo modo, os coquetéis em que eles eram vistos não se diferenciavam tanto, em última análise, das gares e dos barcos. Naquelas recepções, o número de convidados nunca era muito grande e a bebida, nunca muito boa. Enquanto todos bebiam e falavam, dava para sentir que a compreensível animação social era aos poucos substituída por uma letargia palpável, como se os laços de família, grupo social, escola e origem geográfica que mantinham o grupo coeso se dissolvessem como o gelo em seus copos. Não que houvesse uma atmosfera de dissolução social, mas sim de transformação social, de realinhamento — na verdade, a atmosfera das viagens. Os convidados pareciam

estar reunidos num terminal ferroviário ou marítimo, esperando que partisse o trem ou o navio. Mais além do empregado que recolhia os casacos de pele, mais além do saguão e da porta de incêndio, se abria uma vastidão de águas escuras, às vezes borrascosas — o guinchar do vento, o ranger das tabuletas de ferro, as luzes, as vozes dos tripulantes, o apito lancinante de um barco que terminava a travessia do Canal.

Uma razão pela qual você via com tanta frequência os Beer nos coquetéis e nas estações ferroviárias era que eles estavam sempre procurando por alguém. Não por alguém como você ou eu — procuravam pela marquesa de Bath —, mas, num aperto, qualquer um servia. O modo como costumavam chegar a uma festa e passar em revista os presentes é compreensível — todos nós fazemos isso —, porém o jeito como examinavam os outros passageiros numa estação de trem era algo bem diverso. Em qualquer lugar onde precisassem esperar ao menos por quinze minutos, eles viravam as pessoas pelo avesso, esquadrinhando sob as abas dos chapéus e detrás dos jornais para ver se encontravam alguém conhecido.

Estou falando das décadas de 30 e 40, antes e depois da Grande Guerra — anos em que os problemas financeiros dos Beer devem ter se complicado ainda mais porque seus filhos já estavam na idade de frequentar colégios caros. Eles andaram fazendo algumas coisas indecorosas; por exemplo, passaram cheques sem fundos e, tendo tomado emprestado um carro para o fim de semana, caíram numa vala e abandonaram a cena do acidente como se nada tivessem a ver com aquilo. Esses golpes tornaram algo precário o status social e econômico de ambos, mas eles continuaram a operar com o que lhes restava em matéria de charme e expectativa — pois havia a tia Margaret na Filadélfia e a tia Laura em Boston —, porém, para dizer a verdade, eles eram mesmo encantadores. As pessoas sempre se alegravam ao vê-los porque, embora não passassem de patéticos gafanhotos sobreviventes de um glorioso verão econômico, eles tinham o poder de relembrar aos circundantes coisas boas — bons lugares, jogos, comida e companhia. Além disso, o ardor com que procuravam por amigos nas plataformas das estações ferroviárias talvez pudesse ser explicado pelo fato de que estavam simplesmente em busca de um mundo que compreendiam.

Então tia Margaret morreu, como vim a saber por acaso na primavera. Meu chefe e sua esposa iam de navio para a Inglaterra, e fui me despedir deles certa manhã levando uma caixa de charutos e um romance histórico. Se bem me lembro, o transatlântico era novo, com muitíssimos curiosos examinando os livros de Edna Ferber trancados nas estantes da biblioteca ou admirando as piscinas e bares ainda secos. Os corredores estavam entupidos de gente, cada cabine da primeira classe, cheia de flores e de amigos que se despediam e bebiam champanhe às onze da manhã de um dia lúgubre, enquanto a grossa sopa verde do porto de Nova York lançava seus eflúvios trágicos em direção às nuvens. Tendo dado os presentes a meu chefe e sua esposa, eu procurava o convés principal quando, ao passar por uma cabine, ouvi a risada de colegial de Alfreda. A sala estava apinhada, um garçom servia champanhe e, depois que cumprimentei o casal, Alfreda me puxou para o lado. "Tia Margaret foi desta para a melhor", ela disse, "e estamos *podres* de ricos outra vez..." Bebi champanhe até soar o apito para que todos desembarcassem — um apito veemente, ensurdecedor, o rouco chamamento da própria vida e, de certo modo, assim como o cheiro da água do porto, também trágico. E isso porque, vendo a festa acabar, me perguntei por quanto tempo a fortuna de tia Margaret iria durar nas mãos daqueles dois. Como tinham dívidas enormes e hábitos perdulários, nem mesmo com cem mil dólares iriam muito longe.

A ideia deve ter ficado no fundo de minha mente, pois, no outono, durante uma luta de pesos-pesados no Yankee Stadium, pensei ver Bob andando de um lado para outro com uma bandeja de binóculos de aluguel. Chamei-o — tive de gritar — e não era ele, mas a semelhança era tão notável que senti como se de fato o *tivesse* visto ou, ao menos, entrevisto a amplitude dos vívidos contrastes sociais e econômicos que o casal poderia ter de enfrentar.

Quisera poder dizer que, saindo do teatro numa noite de nevada, vi Alfreda vendendo lápis na rua 46, e que ela voltaria para algum porão do West Side onde Bob morria num catre, porém isso apenas refletiria a pobreza de minha imaginação.

Ao dizer que os Beer eram o tipo de gente que você encontra nas estações

ferroviárias e nos coquetéis, me esqueci das praias. Eles eram *muito* aquáticos. Você sabe como é. Nos meses de verão, a costa nordeste de Long Island até boa parte do Maine, incluindo todas as ilhas oceânicas, parece se transformar num vasto empório social e, sentado na areia enquanto o Atlântico Norte ruge à sua frente, você vê figuras que pertencem ao seu passado social surgirem da espuma, gordas como uvas-passas em cima de um bolo. Uma onda se forma, acelera ao se aproximar da areia, entra em fervura e quebra, revelando Consuelo Roosevelt e o casal Dundas Vanderbilt, com os filhos dos dois casamentos. Outra onda vem da direita tal qual uma carga de cavalaria, empurrando Lathrope Macy e a segunda esposa de Emerson Crane em direção ao continente em cima do bote de borracha e trazendo para a praia o bispo de Pittsburgh boiando numa câmara de pneu. Pouco depois, uma onda quebra a seus pés, fazendo o barulho de uma tampa de baú ao ser fechada, e lá estão os Beer. "Mas que bom encontrá-lo, que *satisfação* revê-lo..."

Por isso, o verão e o mar constituirão o cenário para a última aparição deles — pelo menos, para os fins deste relato. Estamos numa cidadezinha do Maine, digamos assim, e decidimos levar a família para dar um passeio de barco e fazer um piquenique. O gerente da hospedaria nos diz onde se pode alugar um barco e, depois de pegar os sanduíches, seguimos as instruções para chegar ao cais. Encontramos um velho num casebre com um barquinho à vela para alugar. Fazemos o depósito e assinamos um papel todo sujo, reparando que o velho já está bêbado às dez da manhã. Ele nos leva num bote a remo até o barco, nos despedimos e, ao verificar o estado lamentável em que se encontra a embarcação, o chamamos, porém ele já vai longe rumo ao cais.

As tábuas do piso estão cobertas de água, o pino do leme, torto, um dos parafusos do leme, enferrujado. As polias estão quebradas e, quando conseguimos bombear para fora toda a água e içar a vela, verificamos que ela está rota e apodrecida. Finalmente, nos lançamos ao mar — atendendo aos apelos das crianças — e velejamos até uma ilha para fazer o piquenique. Na volta, o vento, agora mais intenso, nos empurra para o sudoeste. Ao nos afastarmos da ilha, o estai de bombordo se rompe e fica enroscado no mastro. Baixamos a vela e o remendamos com uma corda. Vemos então que, com a maré vazante, estamos sendo levados rapidamente para o mar alto. Consertado o estai de bombordo, velejamos por dez minutos até que se rompe o de estibordo. Agora a coisa está preta. Só o velho no

casebre, bêbado como um gambá, sabe de nosso paradeiro. Tentamos remar com as tábuas do piso, porém não conseguimos vencer a força da maré. Quem nos salvará? Os Beer!

Ao anoitecer, eles surgem no horizonte num desses lanchões que ostentam um banco alto no passadiço, abajures e vasos de rosas na cabine. Um marinheiro segura o timão enquanto Bob nos joga uma corda. Esse não é um mero encontro casual de velhos amigos — nossas vidas foram salvas! Estamos em estado de graça. O marinheiro passa para o barquinho à vela e, dez minutos depois de sermos arrancados da mandíbula da Morte, estamos bebendo martínis no passadiço. Dizem que nos levarão para a casa deles e que podemos passar a noite lá. E, conquanto o cenário e os acessórios não estejam tão diferentes, a relação do casal com as coisas que os circundam se alterou de forma radical. A casa *pertence a eles*, a lancha *pertence a eles*. Ficamos perplexos, boquiabertos, mas Bob é suficientemente educado para nos dar uma explicação em voz baixa, quase balbuciando, como se os fatos pudessem ser postos entre parênteses. "Pegamos a maior parte do dinheiro da tia Margaret e todo o dinheiro da tia Laura, além de uma coisinha que o tio Ralph nos deixou, e investimos a bolada inteira no mercado e, você sabe, mais do que triplicou nos últimos dois anos. Comprei de volta tudo que papai perdeu — quer dizer, tudo que eu queria. Aquele lá é meu veleiro. Naturalmente, a casa é nova. Aquelas luzes são nossas." O fim de tarde e o oceano, que pareciam tão ameaçadores no barquinho, naquele momento se estendiam a nosso redor com uma tranquilidade milagrosa. Relaxamos a fim de poder aproveitar melhor a companhia deles, pois os Beer são encantadores — sempre foram — e agora se revelam também inteligentes: pensando bem, eles foram ou não inteligentes o bastante para saber que o verão iria retornar?

"Just one more time"
Trad. Jorio Dauster

O invasor de Shady Hill

Meu nome é Johnny Hake. Tenho trinta e seis anos, meço um metro e oitenta descalço, peso sessenta e quatro quilos sem roupas e no momento estou, por assim dizer, nu e falando com o escuro. Fui concebido no Hotel St. Regis, nasci no Hospital Presbiteriano, fui criado em Sutton Place, batizado e confirmado na igreja de São Bartolomeu, treinei com os Knickerbocker Greys, joguei futebol americano e beisebol no Central Park, aprendi a fazer flexão com barras na armação dos toldos dos prédios residenciais do East Side e conheci minha mulher (Christina Lewis) num daqueles grandes cotilhões do Waldorf. Servi quatro anos na marinha e hoje tenho quatro filhos e moro numa *banlieue* chamada Shady Hill. Temos uma bela casa com jardim e uma área externa para fazer churrasco e, nas noites de verão, a emoção que sinto sentado ali com meus filhos, olhando o decote do vestido de Christina quando ela se abaixa para salgar a carne na grelha ou apenas contemplando as luzes no céu, é a mesma emoção que sinto em investidas mais ousadas e perigosas, e acho que esse é o propósito da dor e da doçura em nossas vidas.

Logo depois da guerra, fui trabalhar para um fabricante de parablendeno e

parecia estar me encaminhando para viver disso. A empresa era patriarcal; ou seja, o velho começava te botando numa função e depois te trocava para outra, e metia o dedo no bolo todo — a usina em Jersey e a unidade de processamento em Nashville —, e se comportava como se tivesse maquinado a empresa inteira durante um breve cochilo. Eu saía da frente do caminho do velho o mais rápido que podia e na sua presença me comportava como se ele tivesse me moldado em argila com as próprias mãos e depois soprado em mim a chama da vida. Era o tipo de déspota que precisava de um testa de ferro, e essa era a função de Gil Bucknam. Ele era braço direito, testa de ferro e pacificador do velho, e era capaz de compensar todos os vínculos com a humanidade que faltavam ao chefe, mas Gil começou a se afastar do escritório — no início por um ou dois dias, depois por duas semanas e depois por mais tempo. Quando voltava, reclamava de dores estomacais ou vista cansada, embora estivesse na cara para todo mundo que ele estava bebaço. Não era de estranhar muito, já que se afundar no trago era uma das coisas que ele tinha que fazer pela empresa. O velho tolerou a situação por um ano, até que numa determinada manhã veio à minha sala e me disse para ir ao apartamento de Bucknam e pô-lo na rua.

Isso era tão equivocado e sujo quanto mandar um auxiliar de escritório demitir o presidente da empresa. Bucknam era meu superior e era muitos anos mais velho, um homem que se rebaixava a mim toda vez que me pagava uma bebida, mas era assim que o velho funcionava e eu sabia o que tinha de fazer. Telefonei para o apartamento de Bucknam e a sra. Bucknam disse que eu poderia vê-lo naquela tarde. Almocei sozinho e fiquei ali perto do escritório até por volta das três, e então fui *a pé* de nosso escritório no centro da cidade até o apartamento de Bucknam no East Seventies. Era o começo do outono — as partidas do campeonato de beisebol estavam em curso — e uma tempestade avançava sobre a cidade. Eu escutava os grandes canhões e sentia o cheiro da chuva quando cheguei na casa dos Bucknam. A sra. Bucknam me deixou entrar e todos os problemas do ano anterior pareciam estampados em seu rosto, escondidos apressadamente por uma grossa camada de pó. Nunca vi olhos tão inconsoláveis. Ela estava usando um daqueles vestidos antiquados de festa ao ar livre, cheios de flores enormes. (Eles tinham três filhos na faculdade, eu sabia, e uma escuna com um empregado, além de várias outras despesas.) Gil estava deitado e a sra. Bucknam me acompanhou até o quarto. A

tempestade já estava prestes a cair e tudo pairava numa suave penumbra tão reminiscente do amanhecer que se tinha vontade de estar dormindo e sonhando, e não dando más notícias uns aos outros.

Gil estava faceiro, simpático e condescendente, e disse que estava *muito* feliz em me ver; havia comprado um monte de presentes para os meus filhos na última viagem às Bermudas e tinha esquecido de enviá-los. "Pode buscar aquelas coisas, querida?", ele pediu. "Se lembra onde guardamos?" Ela voltou ao quarto com cinco ou seis pacotes grandes que pelo jeito tinham custado caro e os descarregou no meu colo.

Quase sempre penso em meus filhos com imenso prazer e adoro presenteá-los. Era tudo uma armação, é claro — presumi que tinha partido dela —, e devia ser mais uma entre tantas que ela havia bolado no decorrer do ano anterior para evitar que o mundo deles desabasse de vez. (As embalagens não eram novas, pude notar, e, quando cheguei em casa e tirei das caixas uns suéteres de caxemira usados que as filhas de Gil não tinham levado à universidade e um boné escocês com a proteção de suor manchada, meu sentimento de solidariedade pela situação dos Bucknam apenas se intensificou.) Com aquela pilha de presentes para os meus filhotes no colo e um sentimento de solidariedade vazando pelos poros, não consegui transmitir a má notícia. Conversamos sobre o campeonato de beisebol e sobre algumas questões menores do escritório e, quando a chuva e o vento chegaram, ajudei a sra. Bucknam a fechar as janelas do apartamento e em seguida fui embora e peguei um trem mais cedo para casa em meio ao temporal. Cinco dias depois, Gil Bucknam limpou a cara de vez e retornou ao escritório para sentar novamente do lado direito do velho, e minha cabeça foi uma das primeiras que ele cortou. Eu tinha a impressão de que, se o destino tivesse me levado a ser um dançarino do balé russo, a criar joias artesanais ou a pintar dançarinos de *Schuhplattler* em gavetas de cômoda e paisagens em conchas de marisco, vivendo num lugar bem perto do mar, como Provincetown, mesmo assim eu não teria conhecido um bando de homens e mulheres tão esquisitos como os que conheci na indústria do parablendeno, e com isso decidi seguir meu próprio caminho.

Minha mãe me ensinou a nunca falar de dinheiro com os bolsos forrados, e

sempre relutei muito em tocar no assunto nos momentos de escassez, portanto fica difícil dar uma ideia do que aconteceu nos seis meses seguintes. Aluguei uma sala de escritório — ela se resumia a um cubículo com uma escrivaninha e um telefone — e enviei cartas, mas as cartas raramente eram respondidas e o telefone podia muito bem ter sido desligado da parede e, quando chegou a hora de pedir dinheiro emprestado, eu não tinha ninguém a quem recorrer. Minha mãe odiava Christina, e de qualquer modo não creio que ela possua muito dinheiro, pois nunca me comprou um casaco ou um sanduíche de queijo na infância sem me avisar que estava saindo do dinheiro dela. Eu tinha amigos de sobra, mas, ainda que minha vida dependesse disso, não seria capaz de pedir a um homem que me pagasse uma bebida ou me descolasse quinhentas pratas — e eu precisava de mais. O pior de tudo era que minha mulher não estava sabendo nem a metade da história.

Pensei nisso uma noite, quando estávamos nos vestindo para ir jantar logo ali na casa dos Warburton. Christina estava pondo os brincos, sentada em frente à penteadeira. É uma mulher bonita, no vigor da idade, e sua ignorância das dificuldades financeiras é completa. Seu pescoço é adorável, seus seios fulgiam erguendo-se detrás do pano do vestido e, ao ver o prazer digno e saudável que a própria imagem lhe causava, não fui capaz de contar que estávamos falidos. Ela havia adoçado boa parte da minha vida e, ao observá-la, era como se dentro de mim se renovassem as nascentes de uma energia limpa que dava vigor e alegria ao quarto, às fotos penduradas na parede e à lua que eu podia ver pela janela. A verdade a faria chorar e arruinaria sua maquiagem e o jantar festivo na casa dos Warburton, e ela iria dormir no quarto de hóspedes. Parecia haver tanta verdade em sua beleza e na força que ela exercia sobre os meus sentidos quanto no fato de que estávamos devendo ao banco.

Os Warburton são ricos, mas não se misturam; pode ser que nem estejam interessados. Ela é uma ratazana envelhecida e ele é o tipo de homem que você não gostava na época da escola. Ele tem a pele esburacada, a voz áspera e uma ideia fixa — a devassidão. Os Warburton vivem gastando dinheiro, e é sobre isso que eles conversam. O piso de seu corredor de entrada é de mármore preto e branco do antigo Ritz, suas cabanas em Sea Island estão sendo preparadas para o inverno e eles estão pegando um avião para passar dez dias em Davos, comprando um par de cavalos de montaria e construindo uma nova ala na casa. Nós nos atrasamos

naquela noite e os Meserve e os Chesney já tinham chegado, mas Carl Warburton não tinha voltado para casa e Sheila estava aflita. "Carl tem que cruzar a pé uma favela horrorosa para chegar à estação", ela disse, "e ele sempre está com milhares de dólares no bolso, e tenho medo de que seja *vitimizado*…" Então Carl chegou em casa e contou uma história suja para os presentes, e em seguida entramos para jantar. Era o tipo de festa em que todo mundo tomou banho e vestiu as melhores roupas e em que o cozinheiro está desde o raiar do dia descascando cogumelos e retirando a carne da casca dos caranguejos. Eu queria me divertir. Esse era o meu desejo, mas o meu desejo não foi um empurrão suficiente naquela noite. Eu me senti como se estivesse numa das horrendas festas de aniversário da minha infância, arrastado por minha mãe à base de ameaças e promessas. A festa se desmanchou lá pelas onze e meia e fomos para casa. Fiquei um tempo no jardim terminando um dos charutos de Carl Warburton. Era uma noite de quinta-feira e meus cheques só iam voltar na terça, mas eu precisava tomar logo uma atitude. Quando subi para o quarto, Christina estava dormindo e eu também fui dormir, mas acordei de novo ao redor das três.

Eu estava sonhando sobre embalar pão com Filmex de parablendeno colorido. Havia sonhado com um anúncio de página dupla numa revista de circulação nacional: TRAGA COR À SUA CESTA DE PÃO! A página estava coberta de pães coloridos como pedras preciosas: pão turquesa, pão rubi e pão cor de esmeralda. Dormindo, a ideia tinha me parecido boa; tinha me entusiasmado, e foi decepcionante me deparar com o quarto escuro. Desanimado, pensei em todas as pontas soltas da minha vida e isso me trouxe à minha velha mãe, que mora sozinha num hotel em Cleveland. Eu a imaginei se vestindo e descendo para jantar no restaurante do hotel. Era digna de pena, da forma como a imaginei — solitária e cercada de desconhecidos. Mesmo assim, quando ela virou a cabeça, vi que ela ainda tinha dentes bons para morder.

Ela me sustentou durante a faculdade, providenciou férias para mim em belas paisagens e alimentou minhas humildes ambições, mas se opôs ferrenhamente ao meu casamento e desde então nossas relações se desgastaram. Eu a convidei muitas vezes para vir morar conosco, mas ela sempre se recusa, e sempre com rancor. Envio-lhe flores e presentes e escrevo para ela toda semana, mas esses gestos parecem apenas fortalecer sua convicção de que meu casamento foi um desastre

para ela e para mim. Então pensei na barra da sua saia, porque, quando eu era pequeno, ela parecia ser uma mulher cuja barra da saia atravessava o oceano Atlântico e o Pacífico; parecia se desenrolar como uma trilha de fumaça na própria membrana do céu. Pensava nela agora sem rebeldia nem ansiedade — somente triste ao ver que tanto esforço da nossa parte tinha sido recompensado com tão pouca emoção desimpedida, que não podíamos tomar um chá juntos sem remexer em toda espécie de amargura. Eu ansiava por corrigir isso, por reencenar toda a relação com a minha mãe num cenário mais simples e humano em que o custo da minha educação viria livre de tantos sentimentos mórbidos. Queria começar tudo de novo em alguma espécie de Arcádia emocional em que nos comportaríamos de outra maneira, de modo que eu poderia pensar nela às três da manhã sem culpa e ela seria poupada da solidão e da negligência na sua velhice.

Eu me aproximei um pouco mais de Christina, adentrei o espaço de seu calor e de súbito me senti cheio de amor para dar, encantado com tudo que existe, mas ela se afastou de mim, ainda dormindo. Então tossi. E tossi de novo. Tossi alto. Não consegui parar de tossir, portanto saí da cama, entrei no banheiro às escuras e bebi um copo d'água. Fiquei parado próximo à janela do banheiro e olhei o jardim. Ventava um pouco. O vento parecia estar mudando de quadrante. Soava como um vento matinal — o ar repleto de um som como o da água caindo — e causava uma sensação boa no meu rosto. Havia alguns cigarros atrás do vaso e acendi um deles para trazer o sono de volta. Quando inalei a fumaça, contudo, ela agrediu meus pulmões e tive a certeza repentina de que morreria de câncer bronquial.

Já sofri toda espécie tola de melancolia — tive nostalgia de países que não conheci e desejei ser quem não era —, mas todos esses estados de espírito eram triviais se comparados a essa premonição da morte. Joguei o cigarro no vaso (fsss) e endireitei as costas, mas a dor no peito só aumentou e não tive dúvidas de que uma degradação estava em curso. Eu tinha amigos que pensariam em mim com afeto, isso eu sabia, e Christina e as crianças certamente manteriam vivas as boas lembranças. Mas então voltei a pensar em dinheiro, nos Warburton e nos meus cheques sem fundo sendo compensados e tive a impressão de que o dinheiro sempre levava a melhor em cima do amor. Eu tinha desejado algumas mulheres — desejado à loucura —, mas pensava agora que jamais tinha desejado alguém tanto quanto desejava dinheiro aquela noite. Entrei no closet do quarto, calcei uns tênis

azuis velhos, e vesti calças e um blusão escuro. Desci e saí de casa. A lua tinha sumido e não havia muitas estrelas, mas acima das árvores e dos arbustos o ar era preenchido por uma luz diáfana. Dei a volta pelo jardim dos Trenholme andando na ponta dos pés e cruzei o gramado da casa dos Warburton. Escutei pelas janelas abertas para verificar se havia algum ruído e tudo que ouvi foi o tique-taque de um relógio. Subi os degraus da frente, abri a porta de tela e andei pelo piso do velho Ritz. Na tênue luz noturna que penetrava pelas janelas, a casa parecia uma concha, um náutilo, moldada para conter a si mesma.

Ouvi o barulho da medalha de identificação de um cão e o velho cocker de Sheila veio trotando no corredor. Cocei atrás de suas orelhas e então ele voltou para onde quer que ficasse a sua cama, bufou e adormeceu. Eu conhecia a planta da casa dos Warburton tão bem quanto a minha. A escadaria era acarpetada, mas primeiro testei um degrau com o pé para ver se havia rangido. Comecei a subir a escada. As portas de todos os quartos estavam abertas, e do interior do quarto de Carl e Sheila, onde deixara muitas vezes meu casaco em festas de arromba, vinham sons pesados de respiração. Fiquei um segundo parado na porta para me orientar. Na penumbra, era possível divisar a cama e um par de calças e uma jaqueta pendurados no encosto de uma cadeira. Com movimentos ligeiros, entrei no quarto, peguei uma carteira grande do bolso interno da jaqueta e comecei a percorrer o caminho de volta para o corredor. A violência das minhas emoções deve ter me tornado imprudente, pois Sheila despertou. Eu a ouvi dizer: "Escutou esse barulho, querido?". "Vento", ele resmungou, e então os dois voltaram ao silêncio. Eu estava a salvo no corredor — a salvo de tudo, exceto de mim mesmo. Era como se eu estivesse sofrendo um ataque de nervos bem ali. Minha saliva tinha desaparecido, os lubrificantes pareciam ter escoado do meu coração e o fluido que mantinha minhas pernas eretas, fosse qual fosse, estava se esgotando. Eu tinha que me apoiar nas paredes para realizar o menor progresso. Agarrei-me ao corrimão descendo as escadas e saí da casa com passos trôpegos.

Na minha cozinha às escuras, bebi três ou quatro copos d'água. Devo ter ficado parado na frente da pia por meia hora ou mais antes de me ocorrer checar a carteira de Carl. Desci a escadinha do porão e fechei a porta antes de acender a luz. Havia

pouco mais de novecentos dólares. Apaguei a luz e voltei à cozinha sem luzes. Oh, nunca pensei que um homem pudesse ser tão desprezível e que a mente pudesse abrir tantos compartimentos e enchê-los de remorso! Onde tinham ido parar os córregos de trutas da minha infância e tantos outros prazeres inocentes? O cheiro de couro úmido das águas ruidosas e o viço do mato depois de uma chuva esmagadora; ou, na abertura da temporada de pesca, a brisa de verão recendendo ao hálito gramíneo do gado — você sentia a cabeça boiar — e os riachos todos cheios (pelo menos na minha cabeça, ali na cozinha escura) de trutas, o nosso tesouro submerso. Comecei a chorar.

Shady Hill é, como costumo dizer, uma *banlieue*, e está aberta a críticas de engenheiros urbanos, mas, se você trabalha na cidade e tem filhos para criar, não consigo pensar num lugar melhor para viver. Meus vizinhos são ricos, é verdade, mas nesse caso rico significa ocioso e eles sabem usar o seu tempo. Viajam pelo mundo, ouvem boa música e diante de uma variedade de livros de bolso no aeroporto escolhem Tucídides e, às vezes, São Tomás de Aquino. Incitados a construir abrigos antibombas, plantam árvores e roseiras em jardins esplêndidos e luminosos. Se na manhã seguinte, ao olhar pela janela do meu banheiro, eu tivesse me deparado com as ruínas fétidas de uma grande cidade qualquer, o choque causado pela lembrança do meu ato talvez não tivesse sido tão violento, mas o chão moral do meu mundo tinha desmoronado sem alterar uma única partícula da luz do sol. Vesti-me furtivamente — que filho das trevas, afinal, gostaria de ouvir as vozes risonhas da sua família? — e peguei o trem mais cedo. Meu terno de gabardine visava transmitir asseio e probidade, mas eu era uma criatura miserável cujos passos tinham sido confundidos com o barulho do vento. Dei uma olhada no jornal. Haviam roubado trinta mil dólares de folha de pagamento num assalto no Bronx. Uma matrona de White Plains chegara em casa depois de uma festa e descobrira o sumiço de seus casacos de pele e joias. Sessenta mil dólares em medicamentos foram levados de um depósito no Brooklyn. Eu me senti melhor ao descobrir que meu ato havia sido banal. Mas só um pouco melhor, e só por pouco tempo. Depois fui mais uma vez acometido pelo entendimento de que eu era um ladrão ordinário e um impostor, e que tinha feito uma coisa tão condenável que violava os preceitos de todas as religiões conhecidas. Eu tinha roubado e, ainda por cima, entrado criminosamente na casa de um amigo e rompido todas as leis

subentendidas que mantinham a comunidade unida. Minha consciência agia de tal forma sobre o meu espírito — como o bico afiado de um pássaro carnívoro — que meu olho esquerdo começou a tremer, e mais uma vez me vi às raias de um colapso nervoso generalizado. Quando o trem chegou na cidade, fui ao banco. Ao sair do banco, quase fui atropelado por um táxi. Minha ansiedade não vinha dos meus ossos, mas do medo de que a carteira de Carl Warburton pudesse ser encontrada no meu bolso. Quando julguei não haver ninguém olhando, esfreguei a carteira nas calças (para remover impressões digitais) e a joguei na lata de lixo.

Pensei que um café pudesse fazer com que eu me sentisse melhor e fui a um restaurante, onde sentei numa mesa ao lado de um desconhecido. Os apoios para copos, feitos de papel rendado, e os copos d'água cheios pela metade ainda não tinham sido retirados e em frente ao assento do desconhecido havia uma gorjeta de trinta e cinco centavos deixada por um cliente anterior. Abri o cardápio, mas pelo canto do olho pude ver o desconhecido passando a mão na gorjeta. Que pilantra! Levantei e fui embora do restaurante.

Entrei no meu cubículo, pendurei o chapéu e o casaco, sentei diante da escrivaninha, sacudi as mangas, suspirei e mirei o espaço, como se um dia repleto de desafios e decisões estivesse começando. Eu não tinha acendido a luz. Pouco depois, o escritório ao lado do meu foi ocupado e ouvi meu vizinho limpar a garganta, tossir, riscar um fósforo e se acomodar para enfrentar as tarefas do dia.

As paredes eram finas — parte vidro fosco, parte compensado — e não havia privacidade acústica nesses escritórios. Meti a mão no bolso para pegar um cigarro com a mesma dissimulação praticada na casa dos Warburton e esperei um caminhão passar pela rua para somente então riscar um fósforo. A emoção da escuta às escondidas se apoderou de mim. Meu vizinho estava tentando vender ações de urânio por telefone. Sua abordagem era a seguinte: Primeiro ele era cortês. Depois ele pegava pesado. "Qual é o problema, sr. X? Não tá a fim de ganhar dinheiro?" Depois apelava para o *profundo* desdém. "Lamento tê-lo incomodado, sr. X. Achei que *teria* sessenta e cinco dólares para investir." Ligou para dezesseis números sem convencer ninguém. Fiquei parado como um camundongo. Depois ele telefonou para o balcão de informações da Idlewild e checou os aviões que estavam chegando da Europa. Londres estava no horário. Roma e Paris estavam atrasados. "Não, ele ainda não chegou", ouvi-o dizer a alguém no telefone. "Está

escuro aqui." Meu coração batia acelerado. Meu telefone começou a tocar e contei doze toques até que parasse. "Tenho certeza, tenho certeza", disse o homem no escritório ao lado. "Estou escutando o telefone dele tocar e ninguém atende, e ele não passa de um filho da puta solitário tentando arranjar emprego. Vá em frente, vá em frente, estou dizendo. Não tenho tempo de ir até lá. Vá em frente… Sete, oito, três, cinco, sete, sete…" Quando ele desligou, me levantei, abri e fechei a porta, acendi a luz, balancei os cabides, assobiei uma musiquinha, larguei o corpo na cadeira da escrivaninha e disquei o primeiro número de telefone que me veio à mente. Era um velho amigo — Burt Howe — e ele vibrou ao ouvir minha voz. "Hakie, estive à sua procura por toda parte! Você conseguiu levantar acampamento e dar no pé."

"Sim", falei.

"Deu no pé", repetiu Howe. "Simplesmente deu no pé. Mas eu queria falar com você sobre um esquema que pode te interessar. É uma oportunidade única, mas não vai te tomar mais que duas ou três semanas. É quase um roubo. Eles são novos no ramo, são burros, estão cheios da grana e será praticamente como roubá-los."

"Sim", falei.

"Bem, então, que tal almoçarmos juntos no Cardin, meio-dia e meia, e eu te passo os detalhes?", perguntou Howe.

"Tá bom", eu disse roucamente. "Muito obrigado, Burt."

"Fomos à cabana no domingo", o homem do escritório ao lado estava dizendo quando desliguei. "Louise foi picada por uma aranha venenosa. O médico aplicou algum tipo de injeção nela. Ela vai ficar bem." Discou outro número e começou a falar: "Fomos à cabana no domingo. Louise foi picada por uma aranha venenosa…".

Era possível que um homem cuja mulher tivesse sido picada por uma aranha, dispondo de algum tempo livre, se dedicasse a ligar para três ou quatro amigos apenas para contar a história, e era igualmente possível que a aranha fosse um código de alerta ou de consentimento para uma transação ilegal qualquer. O que me assustava era que, ao me tornar um ladrão, eu parecia ter me cercado de ladrões e especuladores. Meu olho esquerdo tinha começado a tremer de novo, e a incapacidade de uma parte da minha consciência em resistir à censura cumulativa imposta pela outra parte me forçava a uma busca desesperada por alguém que

pudesse levar a culpa. Já havia lido muitas vezes no jornal que o divórcio, às vezes, gerava uma tendência ao crime. Meus pais se divorciaram quando eu tinha cinco anos. Era uma boa pista, que logo me conduziu a algo ainda melhor.

Meu pai foi morar na França após o divórcio e passei dez anos sem vê-lo. Um dia ele escreveu à minha mãe pedindo permissão para me ver e ela me preparou para esse reencontro explicando que ele era um velho bêbado, cruel e depravado. Foi no verão, estávamos em Nantucket, e eu peguei o vapor sozinho e fui para Nova York de trem. Encontrei meu pai no Plaza de manhã cedo, mas não cedo o bastante para que ele ainda não tivesse começado a beber. Com o nariz potente e sensível de um adolescente, farejei o gim em seu hálito e percebi que ele esbarrou numa mesa e que ficava se repetindo. Mais tarde, entendi que esse reencontro deve ter exigido bastante de um homem de sessenta anos, que era a idade dele. Jantamos e depois fomos assistir a *The Roses of Picardy*. Assim que o coral entrou, meu pai disse que eu podia escolher qualquer uma delas; estava tudo acertado. Podia escolher até mesmo uma das bailarinas em destaque. Pois então, se eu tivesse concluído que ele havia cruzado o Atlântico para me prestar esse serviço, as coisas poderiam ter acontecido de outro modo, mas senti que ele tinha feito a viagem para prestar um desserviço à minha mãe. Tive medo. O espetáculo estava sendo encenado num daqueles teatros antiquados que parecem se manter em pé com a ajuda dos anjos. Anjos de um marrom dourado seguravam o teto; seguravam os camarotes; pareciam segurar até mesmo o mezanino que abrigava umas quatrocentas pessoas. Passei muito tempo fitando aqueles anjos de ouro empoeirados. Se o teto do teatro tivesse caído em cima da minha cabeça, teria sido um alívio. Depois do espetáculo, voltamos ao hotel para tomar um banho antes de ir ao encontro das garotas e meu velho se esparramou por um momento na cama e começou a roncar. Roubei cinquenta dólares da sua carteira, passei a noite na Grand Central e peguei um trem bem cedo para Woods Hole. E isso explicava tudo, inclusive a força da emoção que me acometeu no corredor da casa dos Warburton; eu tinha revivido aquela cena no Plaza. Naquela ocasião, o roubo não havia sido culpa minha, e o mesmo valia para a casa dos Warburton. A culpa era do meu pai! Lembrei então que meu pai tinha sido enterrado em Fontainebleau quinze anos antes e nada devia restar dele, somente pó.

Entrei no banheiro masculino, lavei as mãos e o rosto e penteei o cabelo com

muita água. Hora de sair para almoçar. Pensei com ansiedade no almoço que me aguardava e, refletindo sobre isso, descobri com espanto que o motivo era o uso livre que Burt Howe tinha feito do verbo *roubar*. Seria bom que ele não insistisse nisso.

Bastou esse pensamento passar voando pela minha cabeça no banheiro para que o tremor no olho esquerdo se espalhasse pelo rosto; era como se aquele verbo tivesse sido cravado na língua inglesa tal qual um anzol envenenado. Eu havia cometido adultério e a palavra *adultério* não me causava reação alguma; tinha me embriagado e a palavra *embriaguez* não surtia nenhum efeito extraordinário. Era apenas *roubar* e todos os seus substantivos, verbos e advérbios aliados que tinham o poder de tiranizar meu sistema nervoso, como se eu tivesse desenvolvido, inconscientemente, uma doutrina em que o ato de roubar precedesse todos os outros pecados do decálogo e fosse um sinal de aniquilamento moral.

O céu estava escuro quando saí à rua. Luzes acesas por toda parte. Fitei o rosto das pessoas pelas quais passava em busca de sinais encorajadores de honestidade nesse mundo corrompido, e na Terceira Avenida avistei um jovem com uma caneca de lata, cerrando os olhos para simular cegueira. Aquele signo da cegueira, a marcante inocência da metade superior do rosto, era traída pelos vincos na testa e pelos pés de galinha de um homem capaz de enxergar seu copo no bar. Havia outro mendigo cego na rua 41, mas não examinei suas órbitas por concluir que era inútil tentar verificar a autenticidade de todos os mendigos da cidade.

O Cardin é um restaurante para homens no Forties. O tumulto e a agitação no saguão de entrada me deixaram retraído e a moça que guardava os chapéus, creio que reparando no tremor do meu olho, me lançou um olhar muito enfastiado.

Burt estava no bar e, assim que pedimos as bebidas, foi direto ao assunto. "Para um esquema desses, o melhor seria nos encontrarmos no beco dos fundos", ele disse, "mas dinheiro de tolo é patrimônio do avisado *e* coisa e tal. São três garotos. P. J. Burdette é um deles, e juntos eles têm um bom milhão pra jogar fora. Alguém vai roubar isso deles, então pode muito bem ser você." Cobri o lado esquerdo do rosto com a mão para esconder o tique. Ao tentar levar o copo à boca, derramei gim no paletó. "Os três acabam de sair da faculdade", disse Burt. "E os três estão com o rabo tão cheio de grana que, se você rapasse tudo, eles não iriam nem sentir. Agora, para levar a cabo essa rapinagem, você precisa apenas…"

O banheiro ficava do outro lado do restaurante, mas cheguei a tempo. Depois enchi uma pia de água gelada e enfiei a cabeça e a cara lá dentro. Burt tinha me seguido até o banheiro. Enquanto eu me secava com uma toalha de papel, ele disse: "Sabe, Hakie, eu nem ia comentar, mas, agora que você passou mal, me sinto na obrigação de dizer que a sua aparência está horrível. Quer dizer, foi bater o olho em você pra perceber que algo estava errado. Só queria dizer que, seja lá o que for — birita, droga ou problemas em casa —, já passou dos limites faz muito tempo e talvez esteja na hora de tomar uma atitude. Não me leva a mal, tá?". Falei que estava enjoado e esperei no banheiro por tempo suficiente para que Burt se mandasse. Depois recebi meu chapéu e outro olhar enfastiado da moça na entrada e fiquei sabendo pelo jornal vespertino deixado sobre uma cadeira no guarda-volumes que assaltantes tinham se safado com dezoito mil dólares no Brooklyn.

Vaguei pelas ruas imaginando como seria o meu futuro de batedor de carteiras e ladrão de bolsas, e os arcos e torres da catedral de São Patrício só me faziam pensar em caixinhas de coleta. Peguei o trem de sempre para casa, vendo pela janela uma paisagem pacífica e uma noite de primavera, e no caminho fui pensando que os pescadores, os banhistas solitários, os vigias das passagens de nível, os jogadores de bola nos terrenos de areia, os amantes que não tinham vergonha nenhuma de se expor, os donos dos barquinhos à vela e os velhos jogando pinocle nos quartéis de bombeiros eram as pessoas que costuravam os buracos enormes abertos no mundo por gente como eu.

Pois então, Christina é o tipo de mulher que, ao ser questionada pela secretaria de ex-alunos da faculdade acerca da sua situação atual, fica tonta só de pensar na variedade de suas atividades e interesses. E o que ela precisa fazer todo dia, com uma ou outra exceção à regra? Dar carona para mim até a estação. Mandar consertar os esquis. Agendar uma quadra de tênis. Comprar o vinho e a comida para o jantar mensal da Société Gastronomique du Westchester Nord. Procurar alguns verbetes na Larousse. Comparecer a um simpósio sobre saneamento básico realizado pela Liga de Eleitoras. Comparecer a um almoço formal para ajudar a tia de Bobsie Neil. Remover as ervas daninhas do jardim. Passar a ferro o uniforme da diarista. Datilografar duas páginas e meia de sua tese sobre os primeiros romances

de Henry James. Esvaziar os cestos de lixo. Ajudar Tabitha a preparar o jantar das crianças. Treinar as tacadas de Ronnie. Fazer cachos nos cabelos. Chamar a cozinheira. Esperar a chegada do trem. Tomar banho. Vestir-se. Receber os convidados em francês às sete e meia. Dizer *bon soir* às onze. Deitar em meus braços até a meia-noite. Eureca! Você pode dizer que ela é orgulhosa, mas acho que é somente uma mulher que aproveita a vida num país próspero e jovem. Mesmo assim, quando ela me buscou no trem aquela noite, foi difícil me colocar à altura de tamanha vitalidade.

Tive o azar de ser eleito para fazer a coleta da comunhão no domingo de manhã, sendo que não estava em condições para isso. Respondi aos olhares devotos de meus amigos com um sorriso completamente torto e depois ajoelhei diante de um vitral em forma de arco ogival que parecia construído com fundos de garrafas de vermute e borgonha. Ajoelhei num genuflexório de couro falso que tinha sido doado por alguma associação ou ajudante para substituir um daqueles velhos genuflexórios cor de rapé que já estava com as costuras arrebentando e a palha saltando para fora e que dava ao lugar um cheiro de manjedoura velha. O cheiro de palha e de flores, as velas de oração, as chamas tremulando com o bafo do pároco e a umidade das paredes de pedra no prédio mal aquecido eram muito familiares para mim e remetiam aos meus primeiros anos de vida tanto quanto o cheiro das panelas e do quarto do bebê, e mesmo assim, naquela manhã, havia tanta potência nisso tudo que fiquei tonto. Então escutei, no rodapé à minha direita, o dente de um rato atacando o carvalho duro como se fosse uma broca. "Santificado seja", falei bem alto, com a intenção de espantar o rato. "Grandioso Senhor da hóstia santa, o Céu e a terra estão REPLETOS da Vossa Glória!" A pequena congregação murmurou seus améns com um som que lembrava uma pisada no chão e o rato seguiu roendo o rodapé. E então — talvez porque eu estivesse concentrado no som do dente do rato, ou porque o cheiro de umidade e palha tinha um efeito soporífero —, quando tirei os olhos da concha que havia formado com as mãos, vi o pároco bebendo do cálice e percebi que eu tinha perdido a comunhão.

Em casa, procurei outros assaltos no jornal de domingo e encontrei vários. Bancos saqueados, cofres de hotel esvaziados de joias, empregadas e mordomos amarrados a cadeiras de cozinha, peles e diamantes artificiais roubados de lotes negociáveis, delicatessens, lojas de charutos e casas de penhor arrombadas, e

alguém tinha roubado um quadro do Instituto de Arte de Cleveland. No fim da tarde, fui varrer as folhas. Podia haver algo mais penitente do que limpar um pátio tomado pela sujeira escura do outono debaixo de um céu de primavera opaco e semiencoberto?

Enquanto eu varria as folhas com o ancinho, meus filhos apareceram. "Os Tobler estão organizando uma partida de softbol", disse Ronnie. "Tá *todo mundo* lá."

"Por que não vão jogar?", perguntei.

"Só pode jogar quem foi convidado", disse Ronnie por cima do ombro, e então eles se foram. Notei então que dava para escutar dali as torcidas do jogo de softbol para o qual eles não haviam sido convidados. Os Tobler moravam no mesmo quarteirão. As vozes animadas pareciam ficar cada vez mais nítidas com o cair da noite; cheguei a escutar o barulho do gelo nos copos e as vozes das moças se elevaram numa débil vibração.

Por que não tinham me convidado para jogar softbol na casa dos Tobler? Fiquei pensando nisso. Por que havíamos sido excluídos desses prazeres banais, dessa alegre confraternização cujos risos, vozes e portas batendo à distância pareciam reluzir no escuro à medida que sua posse me era negada? Por que *eu* não fui convidado para jogar softbol na casa dos Tobler? Por que o desnível social — o *alpinismo* social, na verdade — deveria excluir um cara legal como eu de uma partida de softbol? Que espécie de mundo era esse? Por que eu devia ser deixado sozinho com minhas folhas mortas no crepúsculo — como era o caso — para me sentir renegado, solitário e desamparado a ponto de ser tomado por um calafrio?

Se há um tipo de gente que detesto são os bobalhões sentimentais — essas pessoas melancólicas que, por excesso de compaixão pelo próximo, desconsideram o ímpeto de sua própria essência e se deixam levar pela vida sem uma identidade própria, como uma névoa humana, sentindo pena de todo mundo. O mendigo sem pernas da Times Square expondo sua coleção minguada de lápis, a velhinha toda maquiada do metrô que fica falando sozinha, o exibicionista no banheiro público e o bêbado que rolou na escada da estação de metrô fazem mais do que excitar a piedade dessa gente; basta um olhar para que elas se transformem nesses pobres coitados. A humanidade desvalida parece pisotear essas almas frustradas, deixando-as no fim do dia numa condição que lembra muito o cenário de uma rebelião num

presídio. Decepcionadas consigo mesmas, estão sempre prontas para se decepcionar por todos nós e constroem cidades inteiras, criações inteiras, firmamentos e principados feitos dessa decepção lacrimosa. Deitadas na cama, à noite, elas pensam com ternura no grande vencedor que perdeu o bilhete da aposta, no grande romancista cujo *magnum opus* foi confundido com lixo e incinerado e em Samuel Tilden, que perdeu a Presidência dos Estados Unidos por causa de manobras do colégio eleitoral. Como eu detestava esse tipo de companhia, me misturar a ela era duplamente doloroso para mim. Fiquei olhando um corniso sem folhas iluminado pelas estrelas e pensando em como tudo era triste.

Quarta-feira foi meu aniversário. Lembrei disso no meio da tarde, no escritório, e a ideia de que Christina pudesse estar planejando uma festa surpresa me arrancou da cadeira e me pôs em pé no mesmo segundo, me deixando sem fôlego. Logo em seguida, concluí que ela não estava planejando nada. Mas o que meus filhos deviam estar preparando já bastava para acarretar um dilema emocional que eu não me julgava pronto para enfrentar.

Saí mais cedo do trabalho e tomei dois drinques antes de embarcar no trem. Christina parecia contente com tudo ao me receber na estação e eu disfarcei muito bem minha ansiedade. As crianças tinham vestido roupas limpas e vieram me desejar um feliz aniversário com tanto fervor que me senti terrível. Sobre a mesa havia uma pilha de presentinhos, na maior parte coisas que as crianças tinham feito — abotoaduras de punho com botões, um bloco de notas e coisa e tal. Até que eu estava bem faceiro, dadas as circunstâncias. Sufocando o impulso de soltar os cachorros, botei o chapeuzinho ridículo na cabeça, soprei as velas do bolo e agradeci a todos, mas entendi que havia outro presente — o meu *grande* presente —, e depois do jantar Christina e as crianças me mandaram ficar dentro de casa e saíram. Juney voltou, me puxou até a rua e me obrigou a dar a volta até os fundos da casa, onde estava todo mundo. Havia uma escada articulada de alumínio apoiada contra a casa, com um cartão e uma fita amarrados, e eu disse, como se tivesse recebido um golpe: "Mas que *diabo* significa isso?".

"Pensamos que você precisava de uma escada, papai", disse Juney.

"Por que eu precisaria de uma escada? Que pensam que eu sou — um pedreiro

que arruma telhados?"

"Janelas de proteção", disse Juney. "Telas…"

Virei-me para Christina. "Ando falando dormindo?"

"Não", disse Christina. "Você não anda falando dormindo."

Juney começou a chorar.

"Você pode tirar as folhas da calhas", disse Ronnie. Os dois meninos estavam fazendo beicinho e me encarando.

"Bem, você tem que admitir que é um presente bem incomum", eu disse a Christina.

"*Deus!*", disse Christina. "Venham, crianças. Venham." Ela os arrebanhou e entrou pela porta do terraço.

Fiquei chutando os cantos do jardim até escurecer. As luzes acenderam no andar de cima. Juney continuava chorando e Christine estava cantando para ela. Pouco depois, ela parou. Esperei as luzes de nosso quarto serem acesas e subi. Christina estava de camisola, sentada em frente à penteadeira, e havia lágrimas grossas caindo de seus olhos.

"Você precisa entender", falei.

"Não há como entender. As crianças estão economizando há meses para comprar esse maldito utensílio."

"Você não sabe o que passei."

"Mesmo que você tenha passado pelo inferno, eu não vou te perdoar", ela disse. "Você não passou por nada que pudesse justificar o seu comportamento. Eles esconderam a escada na garagem por uma semana. Eles são tão *queridos*."

"Sinto que não me conheço mais", falei.

"Não venha dizer *a mim* que não se conhece mais", ela disse. "Tenho aguardado ansiosa a sua partida toda manhã, e aguardo com pesar a sua chegada toda noite."

"Não posso ter agido tão mal assim."

"Tem sido um inferno", ela disse. "Você tem sido ríspido com as crianças, grosso comigo, rude com seus amigos e malicioso nas costas deles. É pavoroso."

"Quer que eu vá embora?"

"Oh, Deus, quero tanto! Eu poderia finalmente respirar."

"E as crianças?"

"Pergunte ao meu advogado."

"Então vou embora."

Segui o corredor até o armário onde guardamos as malas. Quando peguei minha mala, descobri que o cachorrinho das crianças tinha soltado com os dentes todo o revestimento de couro num dos lados. Tentando encontrar outra mala, fiz a pilha inteira cair em cima de mim, esmurrando minhas orelhas. Arrastei a mala com a faixa de couro solta até o quarto. "*Olha*", falei. "Olha só isso, Christina. O cachorro mastigou o revestimento da minha mala." Ela nem levantou a cabeça. "Botei vinte mil dólares por ano nesta residência", gritei, "e, quando chega a minha hora de partir, não tenho sequer uma mala decente! Todo mundo tem uma mala. Até o gato tem uma bela malinha de viagem." Escancarei minha gaveta de camisas e encontrei somente quatro camisas limpas. "Não tenho camisas limpas nem pra uma semana!", gritei. Reuni alguns pertences, enfiei o chapéu com força na cabeça e saí pisando firme. Cheguei a pensar em pegar o carro e fui à garagem dar uma olhada. Então encontrei a placa de VENDE-SE que estava pendurada na casa na época em que a compramos, muito tempo antes. Tirei a poeira da placa, peguei um prego e uma pedra, dei a volta até a frente da casa e preguei a placa de VENDE-SE no tronco de um bordo. Depois fui andando até a estação. Dá cerca de um quilômetro e meio. A faixa de couro comprida ia sendo arrastada atrás de mim. Parei e tentei arrancá-la, mas ela não arrebentava. Quando cheguei na estação, descobri que o próximo trem era só às quatro da manhã. Decidi esperar. Sentei em cima da mala e esperei cinco minutos. Depois fui caminhando de volta para casa. No meio do caminho, vi Christina chegando pelo meio da rua, vestindo um suéter, uma saia e tênis — é o que se pode vestir mais rápido, mas eram roupas mais adequadas ao verão —, e voltamos juntos para casa e nos deitamos.

No sábado fui jogar golfe e, embora o jogo tenha terminado tarde, tive vontade de nadar na piscina do clube antes de ir para casa. Não havia ninguém na piscina além de Tom Maitland. Ele é um homem de pele escura e boa aparência, muito rico porém taciturno. Parece recolhido. Sua esposa é a mulher mais gorda de Shady Hill e ninguém vai muito com a cara dos filhos dele, e acho que ele é do tipo de homem cujas festas, amizades, casos extraconjugais e negócios constroem uma intrincada superestrutura — uma torre de palitos de fósforo — em cima da melancolia de sua tenra juventude. Um sopro podia fazer tudo vir abaixo. Estava quase escuro quando terminei de nadar; o salão estava iluminado e dava para ouvir

os sons do jantar na varanda. Maitland estava sentado na beira da piscina, balançando os pés na água azul-clara, com seu cheiro de cloro lembrando o mar Morto. Eu estava me secando e, ao passar por ele, perguntei se não ia entrar. "Não sei nadar", ele disse. Sorriu e desviou o olhar da minha pessoa para a água parada e lustrosa da piscina no meio da paisagem escura. "A gente tinha uma piscina em casa", ele disse, "mas nunca tive oportunidade de nadar nela. Vivia praticando o violino." Ali estava ele, aos quarenta e cinco anos, no mínimo um milionário, e, no entanto, incapaz de boiar, e creio que ele não tinha muitas oportunidades de se expressar com a franqueza que acabara de demonstrar. Enquanto eu me vestia, foi se infiltrando na minha mente — sem minha ajuda — a ideia de que os Maitland seriam minhas próximas vítimas.

Algumas noites depois, acordei às três da manhã. Pensei nas pontas soltas da minha vida — minha mãe em Cleveland, o parablendeno — e fui ao banheiro acender um cigarro, até lembrar que estava morrendo de câncer bronquial e que deixaria minha viúva e os órfãos sem nenhum tostão. Calcei os tênis azuis e vesti o restante do traje, dei uma olhada nas portas abertas dos quartos das crianças, e então saí. Estava nublado. Andei por trás das casas até chegar na esquina. Cruzei a rua e entrei no acesso da garagem da casa dos Maitland, pisando sobre a grama que fazia fronteira com o cascalho. A porta estava aberta e entrei me sentindo tão excitado e assustado quanto na primeira vez na casa dos Warburton, um ser imaterial em meio à penumbra — um fantasma. Eu sabia onde o quarto deles ficava e fui andando sem ver nada. Escutei respirações pesadas, avistei uma jaqueta e um par de calças sobre uma cadeira e tentei achar os bolsos da jaqueta, mas ela não tinha bolsos; era uma daquelas jaquetas claras de cetim que os garotos pequenos usam. Não fazia sentido procurar uma carteira *naquelas* calças. Ele não devia ganhar muita coisa cortando a grama dos Maitland. Saí correndo dali.

Não consegui mais dormir aquela noite, mas fiquei sentado no escuro pensando em Tom Maitland e Gracie Maitland, nos Warburton, em Christina, no meu próprio destino sórdido e em como Shady Hill ficava diferente à noite.

Mas fui de novo na noite seguinte — dessa vez até a casa dos Pewter, que eram não somente ricos, mas também pinguços, e bebiam tanto que não escutavam nem um trovão depois que as luzes se apagavam. Saí, como sempre, pouco depois das três.

Fui pensando com tristeza nas minhas origens — em como eu fora concebido por um casal libertino num hotel do centro depois de um jantar completo com vinhos, e minha mãe tinha me dito muitas vezes que, se ela não tivesse bebido tantos Old-Fashioneds antes desse famigerado jantar, eu ainda seria uma estrelinha esperando para nascer. Pensei no meu velho pai e naquela noite no Plaza, nas coxas machucadas das garotas camponesas de Picardia, em todos aqueles anjos de cor marrom dourada que mantinham em pé o teatro e no terrível destino que me aguardava. Quando estava quase chegando na casa dos Pewter, um forte alvoroço agitou as árvores e os jardins, como uma corrente de ar sobre o fogo, e fiquei imaginando o que podia ser aquilo até sentir a chuva caindo em minhas mãos e no meu rosto, e então comecei a rir.

Gostaria de poder dizer que um leão bondoso me pôs de volta no rumo, ou que foi uma criança inocente, ou os ecos distantes da música de uma igreja, mas não foi nada além da chuva caindo na minha cabeça — o cheiro da chuva invadindo minhas narinas — que me fez entender até que ponto eu estava livre dos ossos enterrados em Fontainebleau e da sina de ladrão. Havia meios para escapar daquela situação, bastava que eu me desse ao trabalho de buscá-los. Eu não estava encurralado. Estava aqui na Terra porque escolhi estar. E pouco me interessava saber como ou por que eu recebera o dom da vida, desde que eu o possuísse, e naquele momento eu o possuía — o elo entre as raízes úmidas da grama e os pelos que brotavam do meu corpo, a palpitação da minha própria mortalidade assomando nas noites de verão, e amar as crianças e olhar o decote do vestido de Christina. A essa altura eu já estava na frente da casa dos Pewter. Olhei a casa às escuras, dei a volta e fui embora. Voltei para a cama e tive sonhos prazerosos. Sonhei que estava velejando no Mediterrâneo. Vi degraus gastos de mármore entrando na água e vi a própria água — azul, salina e suja. Subi no mastro, icei a vela e segurei o timão. Mas por que, eu me perguntava no sonho, à medida que o barco se afastava, eu tinha que parecer ter apenas dezessete anos? Mas não se pode ter tudo.

Alguém já escreveu que não é o cheiro de pão de milho que nos traz de volta à vida; são as luzes e os gestos de amor e de amizade. Gil Bucknam me telefonou no dia seguinte, disse que o velho estava morrendo e perguntou se eu não gostaria de ter meu emprego de volta. Fui vê-lo. Ele me explicou que fora o velho que tinha

me botado na rua da outra vez, e eu, obviamente, tive o maior prazer em retornar ao ramo do parablendeno.

O que eu não entendia, caminhando aquela tarde pela Quinta Avenida, era como um mundo que parecia tão sombrio podia se tornar, em questão de minutos, tão maravilhoso. As calçadas pareciam reluzir e eu sorria no trem para aquelas moças tontas que anunciam espartilhos nas placas do Bronx. Na manhã seguinte, recebi um adiantamento do meu salário e, depois de tomar as devidas precauções com relação a impressões digitais, enfiei novecentos dólares num envelope e caminhei até a casa dos Warburton depois que as últimas luzes do bairro se apagaram. Tinha chovido o dia todo, mas agora estava parando. As estrelas começavam a aparecer. Não fazia mais sentido exagerar na prudência, portanto dei a volta até os fundos da casa, encontrei a porta da cozinha aberta e deixei o envelope em cima de uma mesa no escuro. Estava me afastando da casa quando uma viatura de polícia encostou do meu lado e um policial que conheço baixou o vidro e perguntou: "O que está fazendo na rua a essa hora da noite, sr. Hake?".

"Estou passeando com o cachorro", eu disse alegremente. Não havia nenhum cachorro à vista, mas eles nem procuraram. "Aqui, Toby! Aqui, Toby! Aqui, Toby! *Bom* cachorrinho!", gritei, e lá fui eu, assobiando faceiro no meio da escuridão.

"The housebreaker of Shady Hill"
Trad. Daniel Galera

O bicho da maçã

Os Crutchman eram tão, mas tão felizes, e tinham hábitos tão moderados e se encantavam tanto com tudo que surgia em seu caminho que você era levado a suspeitar que a maçã vermelha deles estava bichada e que a extraordinária vermelhidão da fruta servia apenas para dissimular a gravidade e a profundidade da infecção. Tomemos a casa, por exemplo, situada na rua Hill, com todas aquelas janelas enormes. Você tinha que sofrer de algum complexo de culpa para desejar tanta luz invadindo os cômodos. Os carpetes iam de parede a parede, como se um centímetro de chão exposto (não havia nenhum) pudesse tocar numa recordação enterrada de desencontro e solidão. E havia um certo furor necrófilo no jardim. Por que tanto afã de cavar buracos, plantar sementes e vê-las brotar? Por que esse cuidado mórbido com o solo? Ela era uma mulher bonita dotada da alvura marcante que se vê muito nas ninfomaníacas. Larry era um grandalhão que tinha o costume de trabalhar sem camisa no jardim, o que podia denunciar uma tendência ao exibicionismo infantil.

Eles se mudaram rapidamente para Shady Hill depois da guerra. Larry tinha servido na marinha. Tinham dois filhos felizes: Rachel e Tom. Mas já surgiam

nuvens em seu horizonte. O navio de Larry fora afundado na guerra e ele havia passado quatro dias à deriva num bote no Mediterrâneo, uma experiência que certamente lhe dava uma visão cética dos confortos e dos passarinhos cantantes de Shady Hill e lhe causava pesadelos apavorantes. Mais sério que tudo isso, talvez, era o fato de que Helen era rica. Era a filha única do velho Charlie Simpson — um dos últimos bucaneiros industriais —, que lhe deixara uma renda superior ao que Larry jamais tiraria de seu emprego na Melcher & Thaw. Os perigos de uma situação desse tipo são bem conhecidos. Como Larry não precisava sustentar a família — como lhe faltava o incentivo —, ele podia ficar numa boa, passar tempo demais nos campos de golfe e ter sempre um copo cheio na mão. Helen poderia confundir a independência financeira com a emocional e danificar o delicado equilíbrio do casamento. Mas Larry aparentava não ter pesadelos e Helen distribuía sua renda a projetos de caridade e levava uma vida confortável porém modesta. Larry saía para o trabalho toda manhã com um entusiasmo tão grande que se poderia pensar que ele estava fugindo de alguma coisa. Sua participação na vida da comunidade era tão vigorosa que não devia sobrar quase nenhum tempo para ele pensar em si próprio. Ele estava em toda parte: no púlpito da igreja, na linha das cinquenta jardas, tocando oboé com o Clube de Música de Câmara, dirigindo o caminhão dos bombeiros, no conselho escolar e pegando o trem das oito e três para Nova York toda manhã. Que desgosto o movia?

Talvez ele desejasse ter uma família maior. Por que tinham apenas dois filhos? Por que não três ou quatro? Será que o nascimento de Tom tinha provocado alguma crise na relação? Rachel, a mais velha, foi terrivelmente gorda na infância e um tanto agressiva em suas tendências mercenárias. Toda primavera, arrastava uma velha penteadeira da garagem até a calçada e punha um aviso dizendo: LimONaDA GelaDA. 15 ¢. Tom teve pneumonia aos seis anos e quase morreu, mas se recuperou e não restaram complicações visíveis. As crianças podiam ter se rebelado contra o conformismo dos pais, pois eles eram conformistas rigorosos. Dois carros? Sim. Iam à igreja? Ajoelhavam todo domingo e rezavam ardorosamente. Roupas? Não podiam ser mais meticulosos em seu zelo pelas leis suntuárias. Clubes do livro, arte regional e associações de amantes da música, esportes e cartões — estavam mergulhados até o pescoço em tudo. Mas, se os filhos eram mesmo rebeldes, disfarçavam sua rebeldia e pareciam amar os pais de bom

grado e receber de bom grado o amor deles, mas pode ser que esse amor carregasse o fardo de uma profunda decepção. Talvez ele fosse impotente. Talvez ela fosse frígida — improvável, com aquela alvura. Todo mundo que estava sobrando na comunidade havia arriscado alguma coisa com eles, mas todo mundo foi rechaçado. De onde vinha essa constância? Eles tinham medo? Eram recatados? Eram monogâmicos? O que sustentava essa aparência de felicidade?

À medida que os filhos cresciam, alguém poderia procurar neles o bicho da maçã. Seriam ricos, herdariam a fortuna de Helen, e poderíamos ver assomar sobre eles aquela sombra que encobre, com frequência, filhos que têm uma vida de estabilidade financeira assegurada. Além disso, Helen amava em excesso o filho. Comprava tudo que ele queria. Quando levou o filho vestido em seu primeiro terno de sarja azul até a escola de dança, ficou tão absorvida na figura viril subindo os degraus que acabou batendo o carro de frente no tronco de um olmo. Uma paixão cega dessas só podia dar problema. E, se ela favorecia o filho, era inevitável que tratasse pior a filha. Podemos imaginar o que ela dizia. "Os pés de Rachel são imensos, simplesmente imensos. Nunca acho sapatos que caibam nela." Agora encontramos o bicho da maçã, quem sabe. Como a maioria das mulheres bonitas, ela é ciumenta. Ciúme da própria filha! Não suporta concorrência. Vestirá a garota com roupas horrendas, mandará fazer um penteado indecente no seu cabelo e continuará comentando o tamanho de seus pés até que a pobre garota se recuse a ir aos bailes ou, se forçada a ir, acabe se escondendo no banheiro feminino, cabisbaixa, fitando os pés monstruosos. Será tão miserável e solitária que se expressará apaixonando-se por um poeta desequilibrado e fugindo com ele de avião para Roma, onde viverão num exílio atormentado e etílico. Mas, quando a garota entra em qualquer lugar, está sempre bela e bem-vestida e sorri para a mãe com um amor irretocável. Seus pés são bem grandes, para dizer a verdade, mas o decote também é. Se queremos encontrar problemas, talvez seja melhor dar uma olhada no filho.

E há problemas. Ele fracassa no primeiro ano do ensino médio e precisa repetir a série, e como resultado dessa repetência ele se sente alienado dos colegas de classe e é colocado, por acaso, na carteira ao lado de Carrie Witchell, que é o prato mais apetitoso de Shady Hill. Todo mundo está informado sobre os Witchell e sua filha linda e jovial. Eles bebem demais e moram numa daquelas casas de madeira pré-

fabricadas em Maple Dell. A garota é realmente linda e todos sabem que seus pais indecentes pretendem explorar sua pele branquíssima para sair de Maple Dell e galgar posições sociais. Que situação perfeita! Já devem estar sabendo das riquezas de Helen. Na escuridão de seu quarto, calcularão o acordo que estarão na posição de exigir e, na cozinha malcheirosa onde fazem todas as suas refeições, eles instruirão a linda filha a permitir que o garoto avance até onde bem desejar. Mas Tom se desapaixonou de Carrie tão rápido quanto havia se apaixonado e em seguida se apaixonou por Karen Strawbridge, Susie Morris e Anna Macken, e alguém poderia concluir que ele era um rapaz muito instável, mas no segundo ano da faculdade ele anunciou o noivado com Elizabeth Trustman, com quem se casou logo depois da formatura, e, já que em seguida ele precisou prestar serviço militar, ela o acompanhou ao seu posto na Alemanha, onde os dois estudaram, aprenderam o idioma, fizeram amizade com as pessoas e deram orgulho ao seu país.

O percurso de Rachel não foi tão fácil. Quando a gordura se foi, ela ficou muito bonita rápido demais. Fumava, bebia e provavelmente fornicava, e o abismo que se abre diante de uma jovem bonita e destemperada é incomensurável. Só o acaso a impediria de se tornar hostess num salão de dança da Times Square. E o que pensaria o pobre pai ao ver o rosto da filha, vestida com um tecido transparente que mal lhe cobria os seios, dirigindo a ele um olhar mudo do alto de uma dessas vitrines numa manhã chuvosa? Mas o que ela fez foi se apaixonar pelo filho do jardineiro alemão dos Farquarson. Ele tinha vindo com a família para os Estados Unidos depois da guerra, na cota de refugiados. Chamava-se Eric Reiner e, para ser honesto, ele era um jovem excepcional que encarava os Estados Unidos como um verdadeiro Novo Mundo. Os Crutchman devem ter ficado tristes com a escolha de Rachel — para não dizer magoados —, mas eles ocultaram seus sentimentos. Os Reiner não. O casal de alemães trabalhadores acharam que o casamento era impróprio e fadado ao fracasso. A uma certa altura, o pai bateu na cabeça do filho com um tição da lareira. Mas o jovem casal continuou se vendo e agora eles fugiram. Foram obrigados a fugir. Rachel estava grávida de três meses. Nessa época, Eric era um calouro na Tufts, onde recebera uma bolsa. O dinheiro de Helen se provou útil nesse momento e ela conseguiu alugar um apartamento em Boston para o casal e pagar suas despesas. O fato de o primeiro neto ter sido prematuro não pareceu perturbar os Crutchman. Quando Eric se formou na

faculdade, conquistou uma bolsa no MIT, obteve Ph.D. em física e foi contratado como funcionário do departamento. Poderia ter trabalhado na indústria por um salário maior, mas gostava de dar aulas e Rachel era feliz em Cambridge, onde eles permaneceram.

Com a partida de seus queridos filhos, seria natural esperar que os Crutchman fossem padecer da privação espiritual típica da sua época e posição social — o bicho da maçã estaria, enfim, desmascarado —, embora a visão daquele simpático casal recebendo os amigos em casa ou lendo os livros que tanto adoravam pudesse nos fazer suspeitar que o bicho da maçã estava mesmo é no olho do observador, que, protegido pela timidez ou pela covardia moral, era incapaz de aceitar aquela vasta gama de entusiasmos naturais e de admitir que, apesar de Larry não tocar Bach nem jogar futebol americano muito bem, o prazer que ele obtinha fazendo as duas coisas era genuíno. Você esperaria encontrar neles, pelo menos, a notória destrutividade do tempo, mas, fosse sorte ou resultado da vida comedida e saudável que tinham levado, o fato é que nenhum dos dois perdeu os dentes nem os cabelos. A pedra de toque da sua euforia manteve a potência, e, apesar de Larry já ter abandonado o caminhão dos bombeiros, ele ainda era visto no púlpito da igreja, na linha das cinquenta jardas, no trem das oito e três e no Clube de Música de Câmara, e graças à prudência e à astúcia do corretor de Helen eles foram ficando mais e mais e mais ricos e viveram felizes, felizes, felizes, felizes.

"The worm in the apple"
Trad. Daniel Galera

O caminhão de mudanças vermelho

Adeus ao tédio mortal de repartir um frango mirrado entre uma família de sete pessoas e todos os outros ritos de uma cidade de encosta. Não falo das verdadeiras cidades de encosta — Assisi, Perugia ou Saracinesco, encravadas num precipício de novecentos metros, com paredes daquele cinza deprimente de papelão para dobrar camisas e liquens cor de mostarda recobrindo os telhados tortos. O terreno na verdade era plano, e as casas eram pré-fabricadas. Falo do leste dos Estados Unidos e do tipo de lugar em que a maioria das pessoas vive. Era no município não incorporado de B_____, com uma população de talvez duzentos casais unidos pelo matrimônio, todos com cães e filhos, muitos com empregados; cidade de encosta era só um modo de dizer, havendo semelhança somente no sentido de que os aflitos, os desanimados e os pobres eram incapazes de subir a íngreme estrada moral que agia como uma defesa natural, e, se um habitante era contaminado pela infelicidade ou pela insatisfação, pressentia no mesmo instante a inadequação de viver a uma altitude espiritual tão elevada e se mudava para as planícies. A vida era de um conforto e uma tranquilidade sem precedentes. B_____ era feita exclusivamente para os afortunados. As donas de casa

beijavam os maridos com carinho pela manhã e com paixão à noitinha. Em quase todas as casas havia amor, gentileza e grandes esperanças. As escolas eram excelentes, as ruas eram bem pavimentadas, os bueiros e demais serviços públicos eram ideais, e, no entardecer de um dia de primavera, um imenso caminhão de mudanças vermelho com letras douradas nas laterais apareceu na rua e estacionou em frente à casa dos Marple, que estava desocupada havia três meses.

Brilhantes até mesmo no crepúsculo, o ouro e o vermelho do caminhão eram uma tentativa inspirada de disfarçar o verdadeiro sofrimento de uma vida errante. "Levamos Cargas Inteiras e Parciais aos Lugares Mais Remotos", diziam as letras douradas nas laterais, uma legenda que tinha o efeito de um apito de trem distante. Martha Folkestone, que morava ao lado, ficou olhando pela janela enquanto os móveis de seus novos vizinhos eram carregados pela varanda. "Aquilo ali parece um Chippendale legítimo", ela disse, "embora seja difícil dizer com certeza no escuro. Eles têm dois filhos. Parecem boa gente. Oh, queria ter algo para levar de presente, para fazer com que se sintam em casa. Você acha que eles vão gostar de flores? Talvez a gente possa convidá-los pra beber algo. Acha que vão aceitar uma bebida? Que tal ir lá perguntar se eles aceitam uma bebida?"

Mais tarde, quando toda a mobília já estava dentro da casa e o caminhão tinha partido, Charlie Folkestone atravessou o gramado entre as duas casas e se apresentou a Peaches e Gee-Gee. O que ele viu foi o seguinte. Peaches era mesmo um pêssego — loura e afetuosa, com um vestido curto e um rosto luminoso. Gee-Gee havia sido um homem bonito, e talvez ainda fosse, apesar de seus cachos amarelos terem rareado. Seu rosto era ao mesmo tempo angelical e ameaçador. Nunca fora boxeador (Charlie soube mais tarde), mas seus olhos eram um pouco fechados e sua testa bela e quadrada tinha uma textura que lembrava camadas de cicatrizes. Alguns diriam que ele tinha um ar pensativo, mas logo se percebia que ele não era um homem pensativo. Aquele era o ar compenetrado e contido de quem não escuta bem ou é meio burro.

Eles teriam um imenso prazer em beber algo com os vizinhos. Iriam num segundinho. Peaches queria passar batom e dar boa-noite às crianças, e em seguida eles iam dar uma passadinha. Deram uma passadinha em seguida e teve início o que dava sinais de ser uma noite extraordinariamente agradável. Os Folkestone estavam preocupados com os novos vizinhos que logo teriam, e receber um casal

tão simpático quanto Gee-Gee e Peaches os encheu de ânimo. Como todo mundo, eles adoravam dar opinião a respeito dos vizinhos, e Gee-Gee e Peaches ficaram naturalmente interessados. Era o início de uma amizade, e os Folkestone deixaram de lado sua habitual preocupação com a hora e a sobriedade. Ficou tarde — passou da meia-noite — e Charlie não prestou atenção na quantidade de uísque que foi servida nem na embriaguez de Gee-Gee. Gee-Gee ficou muito calado — saiu fora da conversa — e de repente interrompeu Martha com uma voz arrastada, monocórdia e repelente.

"Meu Deus, como vocês são fúteis", ele disse.

"Oh, não, Gee-Gee!", disse Peaches. "Não na primeira noite!"

"Você bebeu demais, Gee-Gee", disse Charlie.

"Bebi uma ova." Ele se curvou e começou a desamarrar os sapatos. "Mal comecei."

"Por favor, Gee-Gee, por favor", disse Peaches.

"Tenho que ensinar pra eles, meu bem", disse Gee-Gee. "Eles têm que aprender."

Então ele se levantou e, com a manha e a destreza de um bêbado, tirou quase toda a roupa antes que pudessem impedi-lo.

"Saia daqui", disse Charlie.

"O prazer será todo meu, vizinho", disse Gee-Gee. A caminho da porta, chutou um suporte para guarda-chuvas feito de latão.

"Ai, eu lamento tanto!", disse Peaches, "me sinto péssima com tudo isso!"

"Não se preocupe, querida", disse Martha. "Ele deve estar muito cansado, e todos nós bebemos um pouco além da conta."

"Ai, não", disse Peaches. "É sempre assim. Em todos os lugares. Nos mudamos oito vezes nos últimos oito anos, e ninguém nunca veio nos dar tchau. Nenhuma alma sequer. Ai, ele era um homem lindo quando o conheci! Era o cara mais bonito, forte e generoso que todo mundo já tinha visto. Chamavam ele de Deus Grego na faculdade. Por isso chamam ele de Gee-Gee.* Foi eleito duas vezes entre os melhores atletas do país, mas nunca jogou por dinheiro — só jogava por coração. Todos adoravam ele. Agora tudo se acabou, mas digo pra mim mesma que já tive o amor de um homem bom. Acho que poucas mulheres chegaram a conhecer um amor desse tipo. Ai, como eu queria que ele voltasse. Queria que

voltasse a ser o que era. Duas noites atrás, quando estávamos empacotando a louça lá na outra casa, ele ficou bêbado e eu dei um tapa na cara dele e gritei: 'Volta! Volta! Volta pra mim, Gee-Gee!'. Mas ele não ouviu. Não me escutou. Já não escuta mais ninguém — nem a voz dos filhos. Todo dia me pergunto o que fiz de errado pra ser punida dessa maneira."

"Lamento, querida!", disse Martha.

"Vocês não vão aparecer pra nos dar tchau quando formos embora", disse Peaches. "Vamos durar um ano. Vocês vão ver. Algumas pessoas recebem festas carinhosas de despedida, mas até o lixeiro gostou de nos ver ir embora da última vez." Com uma boa vontade e uma resignação que transcendiam a noite arruinada, ela começou a recolher as roupas que o marido havia espalhado sobre o tapete. "Toda vez que nos mudamos, acho que a troca de ares vai fazer bem a ele", disse. "Quando chegamos aqui hoje à noite, tudo pareceu tão bonito e sossegado que pensei que ele poderia mudar. Bem, vocês não precisam nos convidar de novo. Já sabem como é."

Alguns dias depois, talvez uma semana, Charlie encontrou Gee-Gee de manhã na plataforma da estação e viu como o vizinho ficava totalmente tratável quando estava sóbrio. B_____ não era um lugar fácil de conquistar, mas Gee-Gee já parecia ter ganhado o respeito afetuoso dos vizinhos. Charlie já sabia, ao vê-lo em pé debaixo do sol entre os demais passageiros, que ele seria convidado a participar de tudo. Gee-Gee cumprimentou Charlie efusivamente e não havia traço da hostilidade que manifestara na outra ocasião. Pelo contrário, era impossível acreditar que aquele homem belo e cativante tinha agido de modo tão ultrajante. Na luz matinal, cercado de novos amigos, ele praticamente negava aquela outra memória. Quase como se tivesse a capacidade de transferir a culpa para Charlie.

As providências para a recepção social do novo casal foram tomadas com rapidez e esmero fora do comum e começaram com um jantar festivo na casa dos Waterman. Charlie já estava na festa quando Gee-Gee e Peaches entraram, e foi uma entrada digna da realeza. De braço dado, radiantes e lindos, os dois deram a impressão de dominar a noite já na chegada. Era uma festa grande e Charlie mal os avistou antes do jantar. Sentou perto de Peaches, mas Gee-Gee estava na outra

ponta da mesa. Estavam no meio da sobremesa quando a voz arrastada, monocórdia e repelente de Gee-Gee se elevou, como uma ordem num desfile, acima da conversa geral.

"Que bando desgraçado de gente fútil!", ele disse. "Vamos botar um pouco de vitalidade na conversa, que tal?" Pulou no meio da mesa e começou a cantar uma música obscena e a fazer uma dancinha. As mulheres berraram. Pratos foram agitados e quebrados. Vestidos ficaram arruinados. Peaches fez súplicas ao marido enlouquecido. O resultado dessa performance escandalosa foi o esvaziamento completo da sala de jantar, com a exceção de Gee-Gee e Charlie.

"Desça daí, Gee-Gee", disse Charlie.

"Tenho que ensinar pra eles", disse Gee-Gee. "Preciso ensinar pra eles."

"Você não está ensinando nada a ninguém, fora o fato de que está caindo de bêbado."

"Eles têm que aprender", disse Gee-Gee. "Tenho que ensinar pra eles." Desceu da mesa quebrando mais alguns pratos, foi cambaleando até a cozinha, abraçou a cozinheira, e depois saiu na noite.

Seria normal achar que esse aviso tinha sido suficiente numa comunidade tão vivida quanto aquela, mas Gee-Gee era agraciado com doses incomuns de perdão. Era fácil gostar dele e sempre havia alguma chance de que ele não se comportasse mal. Sua figura cativante aparecia todos os dias na luz matinal para confundir os inimigos, mas com o tempo ela foi parecendo cada vez mais uma isca para que ele entrasse na casa dos outros e tivesse a oportunidade de estraçalhar a louça. Não era perdão o que ele buscava e, se a primeira tentativa de ofender a anfitriã fracassasse, ele piorava e aprimorava ainda mais seu ultraje. Ninguém nunca tinha visto uma coisa daquelas. Ele tirou a roupa na casa dos Bilker. Na casa dos Levy, mandou uma tigela de queijo cremoso para o teto com um pontapé. Praticou a dança escocesa só de cueca, tacou fogo em cestos de lixo e se pendurou no candelabro dos Townsend — o famoso candelabro. Em seis semanas, não havia casa em B_____ onde ele fosse bem-vindo.

Os Folkestone continuavam a vê-lo, é claro — viam Gee-Gee no jardim à noite e conversavam com ele por cima da cerca viva. O espetáculo de uma pessoa se

afundando naquela velocidade perturbava muito Charlie e ele queria ajudar. Ele e Martha conversavam com Peaches, mas Peaches havia perdido as esperanças. Não compreendia o que tinha acontecido com o seu Adônis e sua inteligência parava por aí. De vez em quando, um desconhecido inocente de uma cidade próxima ou quem sabe um novo morador se dava bem com Gee-Gee e o convidava para jantar. A performance era sempre a mesma e os pratos sempre terminavam quebrados. Os Folkestone eram vizinhos — havia esse elo primitivo — e talvez Charlie pensasse que a salvação daquele homem estava ao seu alcance. Quando Gee-Gee e Peaches brigavam, às vezes ela ligava para Charlie e pedia sua proteção. Ele foi até a casa deles numa noite do verão, depois que ela ligou. A briga terminara; Peaches estava lendo uma história em quadrinhos na sala e Gee-Gee estava sentado à mesa de jantar com um drinque na mão. Charlie se postou na frente do amigo.

"Gee-Gee."

"Quê."

"Vai largar a bebida?"

"Não."

"Você larga a bebida se eu largar a bebida?"

"Não."

"Aceita ir a um psiquiatra?"

"Pra quê? Eu me conheço. Só preciso continuar no papel."

"Aceita ir a um psiquiatra se eu for junto com você?"

"Não."

"Aceita fazer qualquer coisa pra se ajudar?"

"Tenho que ensinar pra eles." Jogou a cabeça para trás e começou a soluçar. "Ah, Jesus…"

Charlie deu a volta para ir embora. Parecia que naquele instante Gee-Gee tinha escutado chegar de algum lugar inóspito dentro de si mesmo o som de uma corneta distante anunciando como e quando ele morreria. Aquele homem bêbado parecia imbuído de uma veracidade extrema. Algo se revirou no espírito de Folkestone. Ele julgou entender a mensagem do bêbado; era algo que havia intuído desde o começo. Era a base da amizade dos dois. Gee-Gee era um partidário dos ineptos, dos pobres, dos doentes, de todos que vivem suas vidas na dor e no sofrimento sem ter culpa disso. Aos felizes, aos ricos e aos bem-nascidos ele tinha isto a dizer —

que, mesmo com todos os seus afetos, confortos e privilégios, eles não seriam poupados dos surtos da raiva e do desejo nem das agonias da morte. Só queria que estivessem preparados para o golpe quando o golpe viesse. Mas não havia um jeito de aceitar essa verdade sem que ele precisasse fazer dancinhas na sala da tua casa? Ele era o porta-voz de uma visão acerca do sofrimento da vida, mas era mesmo necessário que todos sofressem para aceitar sua mensagem? Aparentemente, sim.

"Gee-Gee?", perguntou Charlie.

"Quê."

"*O que* você está tentando ensinar pra eles?"

"Você nunca vai saber. Você é fútil demais."

Não duraram nem um ano. Em novembro, alguém fez uma boa oferta pela casa e eles venderam. O caminhão de mudanças dourado e vermelho voltou e eles cruzaram a fronteira estadual até a cidade de Y_____, onde compraram uma casa nova. Os Folkestone ficaram satisfeitos em vê-los partir. Um jovem casal bem-comportado tomou o lugar deles e tudo voltou a ser como era antes. Os dois raramente eram lembrados. Por meio de uma corrente de amigos em comum, porém, Charlie ficou sabendo no inverno seguinte que Gee-Gee tinha fraturado a bacia jogando futebol americano um ou dois dias antes do Natal. Esse fato, por algum motivo, não saiu da sua cabeça, e numa tarde de domingo, sem nada melhor para fazer, ele conseguiu o número de telefone de Gee-Gee na lista e ligou para o antigo vizinho informando que daria uma passada na casa dele para beber algo. Gee-Gee rugiu de entusiasmo e deu a Charlie instruções de como chegar na casa.

A viagem de carro era comprida e no meio do caminho Charlie tentava entender por que estava se dando ao trabalho. Y_____ era de um nível bem mais baixo que B_____. A casa ficava num conjunto habitacional e a construtora não havia se contentado com a mera feiura; a comunidade que construíram lembrava, com suas janelas retilíneas, uma colônia penal. As ruas tinham nomes de universidades — rua Princeton, rua Yale, rua Rutgers, e por aí vai. Só uma porção pequena das casas fora vendida e a casa de Gee-Gee estava cercada de moradias desabitadas. Charlie tocou a campainha e ouviu Gee-Gee gritar para que ele entrasse. A casa estava uma bagunça e, quando ele começou a tirar o casaco, Gee-Gee veio devagar

pelo corredor, montado num carrinho de criança que empurrava com uma muleta. Seu quadril e a perna direita estavam cobertos por um gesso imenso.

"Onde está Peaches?", perguntou Charles.

"Em Nassau. Ela e as crianças foram passar o Natal em Nassau."

"E deixaram você aqui sozinho?"

"Eu queria que eles fossem. Insisti. Nada mais se pode fazer por mim. Eu me viro bem nesse carrinho. Quando fico com fome, preparo um sanduíche. Queria que eles fossem. Insisti. Peaches estava precisando de férias e eu gosto de ficar sozinho. Venha até a sala e prepare um drinque pra mim. Não consigo retirar as fôrmas de gelo — e essa é basicamente a única coisa que eu não consigo fazer. Consigo me barbear, subir na cama e coisa e tal, mas não consigo retirar as fôrmas de gelo."

Charlie buscou um pouco de gelo. Era bom poder ajudar de alguma forma. Havia ficado chocado com a imagem de Gee-Gee no carrinho e sentia uma quietude aterradora pairando na casa. Pela janela da cozinha, viu sucessivas fileiras de casas feias e vazias. Era como se um melodrama horrendo estivesse chegando ao clímax. Na sala, porém, Gee-Gee estava mais cativante do que nunca e seu sorriso e sua voz davam à tarde um equilíbrio momentâneo. Charlie perguntou se Gee-Gee não tinha como contratar uma enfermeira para cuidar dele. Não era possível achar alguém que lhe fizesse companhia? Não podia pelo menos alugar uma cadeira de rodas? Gee-Gee riu com desdém de todas essas sugestões. Estava satisfeito. Peaches enviara uma carta de Nassau. Estavam se divertindo à beça.

Charlie acreditava que Gee-Gee os forçara a viajar. Era esse o detalhe que, acima de tudo, configurava o horror da situação. Peaches teria gostado, naturalmente, de ir a Nassau, mas nunca teria insistido na viagem. Ela era inocente demais para sonhos de viagem ambiciosos. Gee-Gee devia ter insistido para que fossem; devia ter pintado a viagem como algo tão tentador que ela, em sua inocência, não foi capaz de resistir. Então ele queria ser abandonado naquela situação, bêbado e aleijado, numa casa isolada? Sentia necessidade de ser maltratado? Era o que parecia. A desordem da casa e a imagem da sua esposa e dos seus filhos correndo sem parar numa praia de corais pareciam se combinar numa maquinação bem-sucedida — numa espécie de triunfo.

Gee-Gee acendeu um cigarro, mas logo esqueceu dele e acendeu outro, se

embaralhando tanto com os fósforos que não foi difícil para Charlie imaginar que ele poderia morrer queimado. Quase caiu ao se transferir do carrinho para a poltrona e, se caísse quando estivesse sozinho, poderia facilmente morrer de fome ou de sede sentado no próprio tapete. Mas podia haver um pouco da malícia de um bêbado nessa falta de jeito, nesse brincar com o fogo. Deu um sorriso sacana quando viu a expressão no rosto de Charlie. "Não se preocupe comigo", disse. "Vou ficar bem. Tenho o meu anjo da guarda."

"É o que todo mundo pensa", disse Charlie.

"Ah, mas eu tenho."

Começou a nevar lá fora. O céu de inverno estava encoberto e logo ficaria escuro. Charlie disse que precisava ir embora. "Senta aí", disse Gee-Gee. "Senta aí e bebe mais uma." A consciência de Charlie o manteve ali por mais alguns momentos. Como podia abandonar abertamente um amigo — um vizinho, no mínimo — aos riscos da morte? Mas ele não tinha escolha; sua família estava esperando em casa e ele precisava voltar. "Não se preocupe comigo", disse Gee-Gee quando Charlie estava vestindo o casaco. "Tenho o meu anjo."

Era mais tarde do que Charlie pensava. A neve já estava grossa e ele tinha pela frente duas horas de viagem por estradas secundárias e sinuosas. Havia um pequeno aclive na saída de Y_____ e a neve recente estava tão escorregadia que ele enfrentou dificuldades na subida. Mais adiante, as colinas ficavam ainda mais íngremes. Somente um dos limpadores de para-brisa estava funcionando e a neve logo tapou o vidro, deixando restar apenas uma pequena abertura para o mundo. A neve passava pela frente dos faróis numa velocidade estonteante, e num pedaço estreito da estrada o carro deslizou para o acostamento e ele teve que forçar o motor por dez minutos até conseguir retornar à pista firme. Era um trecho isolado — a quilômetros de distância de qualquer casa — e seus mocassins não se prestavam para uma caminhada. O carro derrapava e dançava em todas as subidas e dava a impressão de chegar ao topo graças a uma ínfima margem de sorte.

Depois de duas horas na estrada, ele continuava longe de casa. A neve estava tão profunda que guiar o carro era um esforço de navegação dos mais complicados. Levou três horas para voltar e estava muito cansado quando entrou na escuridão e na paz da sua garagem — cansado e infinitamente grato. Martha e as crianças já haviam jantado e ela queria visitar os Lissom para discutir algum assunto do

conselho escolar. Ele contou como a viagem fora árdua e ela decidiu ir a pé, pois a distância era curta. Ele acendeu a lareira e preparou um drinque, e as crianças sentaram com ele à mesa enquanto ele jantava. Aos domingos, depois do jantar, os Folkestone tocavam trios, ou pelo menos tentavam. Charlie tocava clarinete, a filha tocava piano e o filho mais velho tinha uma flauta doce tenor. O bebê ficava saracoteando entre as pernas deles. Naquela noite de domingo, tocaram arranjos simples de músicas do século XVIII na mais agradável atmosfera familiar — trocando elogios quando conseguiam se espremer por uma passagem difícil e imprimindo à música tudo que a relação deles tinha de melhor. Estavam tocando uma sonata de Vivaldi quando o telefone tocou. Charlie sabia quem era.

"Charlie, Charlie", disse Gee-Gee. "Jesus. Estou em sérios apuros. Logo depois que você foi embora, eu caí do carrinho. Levei duas horas pra alcançar o telefone. Você tem que vir pra cá. Não há mais ninguém. Você é meu único amigo. Tem que vir pra cá. Charlie? Está me ouvindo?"

Deve ter sido a estranheza da expressão no rosto de Charlie que fez o bebê começar a chorar. A menina pegou o bebê no colo e ficou encarando o pai junto com o menino. As duas crianças pareciam estar cientes de toda a situação, de cada detalhe, e olhavam para o pai calmamente, como se aguardassem que ele tomasse uma decisão que não tinha relação nenhuma com a viabilidade de uma noite agradável numa casa cercada de neve — mas também uma decisão que teria um efeito profundo no que conheciam a respeito dele e na sua felicidade futura. Seus olhares, ele pensou, eram transparentes e convidativos, e, fosse qual fosse a sua decisão, ela seria definitiva.

"Está me ouvindo, Charlie? Está me ouvindo?", perguntava Gee-Gee. "Levei quase duas malditas horas pra me arrastar até o telefone. Você tem que me ajudar. Ninguém mais fará isso."

Charlie desligou. Gee-Gee deve ter escutado o som de sua respiração e o choro do bebê, mas Charlie não tinha dito uma palavra. Não deu nenhuma explicação aos filhos, e eles também não pediram. Eles sabiam. A filha voltou ao piano e, quando o telefone tocou de novo e ele não atendeu, ninguém fez perguntas sobre o telefone estar tocando. Pareciam contentes e aliviados quando o toque cessou e se dedicaram a Vivaldi até as nove horas, quando Charlie pôs os filhos na cama.

Ele preparou um drinque para minimizar a sensação de que tinha acabado de

sofrer uma explosão emocional, de que algum tipo de violência havia sacudido a atmosfera. Não entendia o que tinha feito e não sabia como enfrentar sua consciência. Contaria tudo a Martha quando ela chegasse em casa, pensou. Seria um passo rumo à compreensão. Mas, quando ela voltou, ele não disse nada. Temia que, ao trazer sua inteligência para o problema, ela pudesse confirmar sua culpa. "Mas por que não ligou pra casa dos Lissom e falou comigo?", ela podia perguntar. "Eu podia ter voltado pra casa e você poderia ter ido lá." Era uma mulher condolente demais para aceitar de maneira passiva, como ele estava fazendo, a ideia de um amigo ou vizinho abandonado em casa, estirado e agonizante. Ela subiu para o quarto. Ele serviu um pouco mais de uísque no copo. Se ele tivesse ligado para a casa dos Lissom, se ela tivesse voltado para cuidar das crianças, deixando-o livre para socorrer Gee-Gee, será que ele teria conseguido fazer a viagem de volta naquela neve tão pesada? Poderia ter posto correntes nos pneus, mas onde estavam as correntes? No carro ou no porão? Ele não sabia. Não as tinha usado aquele ano. Mas pode ser que àquela altura as estradas já tivessem sido limpas. A tempestade podia ter parado. Esta última e penosa possibilidade provocou nele um mal-estar. Será que fora enganado pelo céu? Acendeu a luz de fora e andou com hesitação, contra a sua vontade, em direção à janela.

A neve cintilava, limpa e insinuante, e um raio de luz brilhava no ar vazio e calmo. A neve devia ter parado instantes depois de ele entrar em casa. Mas como ele podia saber? Como podiam exigir dele que levasse em conta os caprichos do clima? E quanto ao olhar que as crianças haviam lhe dirigido — tão grave, tão direto, uma declaração patente de que seu lugar naquele instante era junto a elas, e não socorrendo bêbados que tinham abdicado da chance de ser levados a sério?

Então a imagem de Gee-Gee retornou trazendo consigo uma dor esmagadora e ele lembrou de Peaches no corredor da casa dos Waterman gritando: "Volta! Volta!". Ela chamava de volta uma juventude que Charlie nunca havia conhecido, mas era fácil imaginar como Gee-Gee devia ter sido — belo, bem-humorado, generoso e forte — e por que aquilo tudo tinha que terminar em ruínas? *Volta! Volta!* Ela parecia chamar os encantos de um dia de verão — roseiras floridas, todas as portas e janelas abertas para o jardim. Sua voz continha tudo isso; era como a ilusão de uma casa abandonada nos últimos raios de sol. Um lugar grande, desmoronado, mal-assombrado para as crianças, uma dor de cabeça para a polícia e

para os bombeiros, mas as janelas flamejantes ao pôr do sol nos fazem pensar que todo mundo voltou. A cozinheira está esticando a massa na cozinha. O cheiro de frango sobe pela escada dos fundos. Os quartos da frente estão preparados para as crianças e seu bando de amigos. As brasas crepitam na lareira. E, quando a luz abandona as janelas, a feiura da carranca do lugar ganha força redobrada na escuridão, assim como as notas daquele verão distante, abandonando a voz de Peaches, nos permitiam ver o desespero confuso e irremediável estampado em seu rosto inocente. *Volta! Volta!* Ele serviu mais um pouco de uísque e, quando levava o copo à boca, escutou o vento mudar subitamente de direção e viu — pois a luz externa continuava acesa — a neve cair de novo em espiral com o rodopio vingativo de uma nevasca. A estrada estava intransponível; teria sido impossível completar a viagem. A mudança de tempo proporcionou uma doce absolvição e ele ficou admirando a neve com um sorriso amoroso, mas permaneceu acordado até as três da manhã com a garrafa.

Na manhã seguinte, estava trêmulo e com os olhos vermelhos, e às onze deu uma escapadinha do serviço e bebeu dois martínis. Bebeu mais dois antes do almoço, mais um às quatro da tarde e outros dois no trem, e chegou em casa para o jantar trocando as pernas. Todos nós conhecemos os detalhes clínicos do consumo excessivo de bebida; apenas o componente humano nos interessa aqui, e Martha finalmente se viu obrigada a conversar com ele. Sua abordagem foi a mais suave possível.

"Você está bebendo demais, meu bem", ela disse. "Faz três semanas que tem bebido demais."

"O que eu bebo", ele disse, "é problema meu e de mais ninguém, droga. Cuide dos seus problemas que eu cuido dos meus."

As coisas só pioraram, e ela precisou tomar uma atitude. Acabou indo ao pároco — um solteiro jovem e bonito que praticava a psicologia tanto quanto a liturgia — em busca de conselhos. Ele foi todo ouvidos. "Fui à paróquia hoje à tarde", ela disse quando ele chegou em casa aquela noite, "e conversei com o padre Hemming. Ele quer saber por que você não tem ido à igreja e quer conversar com você. É um homem tão bonito", ela acrescentou, tentando diminuir a aparência de discurso pronto do que estava dizendo, "que acho estranho ele nunca ter se casado." Charlie — bêbado, como sempre — foi ao telefone e ligou para o pároco. "Escuta aqui,

padre. Minha mulher disse que você anda passando o tempo com ela durante a tarde. Bem, eu não gosto nem um pouco disso. Mantenha as mãos longe da minha mulher. Está me ouvindo? Essa merda de terno preto que você usa não me impressiona. Mantenha as mãos longe da minha mulher ou esmago seu lindo narizinho."

No fim, ele perdeu o emprego e eles tiveram que se mudar, e deram início às suas andanças, como Gee-Gee e Peaches, no caminhão de mudanças dourado e vermelho.

E o que aconteceu com Gee-Gee — que fim levou ele? Aquele anjo da guarda beberrão, com os cabelos desgrenhados e as cordas da harpa arrebentadas, aparentemente ainda pairava sobre ele. Depois de ligar para Charlie aquela noite, ele ligou para o corpo de bombeiros. Eles chegaram em oito minutos cravados, com sirenes berrando e luzes piscando. Puseram-no na cama, prepararam um drinque novinho em folha e um dos bombeiros, que não tinha nada melhor para fazer, ficou por lá até que Peaches voltasse de Nassau. Eles se divertiram à beça, comendo todos os filés do congelador e bebendo uma garrafa de bourbon por dia. Gee-Gee já podia andar quando Peaches e as crianças chegaram, e ele seguiu levando aquela vida desordenada para a qual parecia tão melhor preparado que seu vizinho, mas precisaram se mudar no fim do ano e, a exemplo dos Folkestone, desapareceram para sempre das cidades de encosta.

"The scarlet moving van"
Trad. Daniel Galera

---

* *Gee-Gee* (Gê-Gê) são as iniciais de *Greek God* (Deus Grego). (N. T.)

Só quero saber quem foi

Will Pym tinha começado do nada e vencera na vida; quer dizer, tinha entrado na vida adulta sem um tostão e sem contatos além da cordialidade genérica que existe entre os homens, e chegara à vice-presidência de uma fábrica de cobertores de viscose. Doava uma grande soma anual ao centro de assistência social que o pusera no caminho certo e tinha algumas anedotas para contar a respeito da época muito, muito distante em que fora trabalhador agrícola, mas sua aparência e conduta eram as de um membro bem estabelecido da classe média alta, quase sem nenhum traço — nenhum traço das ansiedades típicas de um homem que travara uma batalha árdua para ter um pouco de dinheiro no banco. É verdade que mendigos, velhos maltrapilhos, homens e mulheres em trajes sumários comendo mal sob as luzes penitenciárias de uma cafeteria, favelas e cidades industriais depauperadas e os rostos nas janelas de uma pensão — até mesmo um furo na meia da sua filha — podiam fazê-lo lembrar da juventude e provocar um certo desconforto. Jamais gostava de ver sinais de pobreza. A casa em estilo colonial alemão em que morava — com suas várias janelas iluminadas, a solidez do telhado e do sistema de aquecimento —, o calor das roupas de seus filhos e o sucesso que

obtivera na construção de algo plausível e coerente, apesar da origem miserável, tudo isso lhe dava muita satisfação. Guardava sempre a consciência, e às vezes um leve ressentimento, do fato de que a maioria de seus sócios e todos os seus amigos e vizinhos tinham feito farra nos gramados da Groton, da Deerfield ou de alguma dessas escolas enquanto ele tomava emprestado, na biblioteca pública, livros sobre como aprimorar a gramática e o vocabulário. Todavia, nesse ligeiro ressentimento que experimentava por aqueles que haviam sido criados num contexto mais fácil que o seu, ele identificava uma certa maldade do seu próprio caráter. Se levássemos em conta apenas seu porte físico, era espantoso que ele pudesse ter preservado essa imagem de si próprio como um jovem passando fome e exposto à chuva na frente de uma janela iluminada. Era um homem robusto e animado, com um rosto redondo e exatamente igual a um pudim. Todos adoravam vê-lo chegar, da mesma forma que se adora ver chegar, no fim da refeição, uma sobremesa suave, perfumada e nutritiva feita de ovos frescos, noz-moscada e creme de leite.

Will só se casou depois que passou dos quarenta e se mudou para Nova York. Antes disso, não teve dinheiro nem tempo, e o amor natural tinha feito falta para amenizar a perda da juventude. Sua madrasta — usando uma camisola em nome do conforto e um chapéu florido em nome do visual — passava os dias sentada na frente da janela da sala da sua casa em Baltimore, bebendo xerez numa xícara de café. Ela não era uma daquelas coroas bêbadas de bem com a vida e as coisas que dizia costumavam ser maldosas. A imagem que ela passava pode ter marcado Will com um certo ceticismo quanto à riqueza emocional dos relacionamentos humanos. Pode ter postergado o seu casamento. Quando enfim se casou, escolheu uma mulher bem mais jovem que ele — uma garota amável, ruiva e de olhos verdes. Às vezes ela o chamava de Papai. Will tinha tanto orgulho dela e se referia à sua beleza e ao seu gênio de maneira tão exagerada que todos sempre se decepcionavam quando a viam pela primeira vez. Mas Bill fora pobre e solitário, e havia passado frio, e, quando chegava em casa no fim do dia e encontrava uma mulher adorável que o adorava, ele literalmente gemia de felicidade. Cada farpa de mobília adquirida por Maria parecia consagrada pelo seu gosto e pelo seu charme. Um banquinho para os pés ou um conjunto de panelas o encantava a tal ponto que ele cobria o rosto e o pescoço dela de beijos. Ela era extravagante, mas ele parecia mesmo desejar uma esposa infantil e caprichosa, e as desculpas implausíveis que ela

dava por ter comprado algo desnecessário e caro suscitavam nele a mais profunda ternura. Maria não era lá grande cozinheira, mas, quando a empregada estava de folga e ela punha diante dele um prato de sopa enlatada, ele dava a volta na mesa e ia abraçá-la de tanta gratidão.

No início, tiveram um apartamento grande no East Seventies. Saíam bastante. Will não gostava de festas, mas disfarçava essa aversão em benefício da jovem esposa. Nos jantares, ele a admirava do outro lado da mesa sob a luz de velas — rindo, falando e exibindo os anéis que ele lhe dera de presente — e suspirava profundamente. Sempre ficava impaciente para que a festa acabasse logo e eles pudessem estar sozinhos de novo no táxi ou na rua vazia, onde poderia beijá-la. Quando Maria engravidou pela primeira vez, ele não conseguia descrever sua alegria. Ficava maravilhado com cada nova etapa. Ficava fascinado com os preparativos dela à espera do bebê. Quando o primeiro filho deles nasceu, quando o leite fluiu dos seios dela, quando viu a filhinha despertar na mãe a mais natural das ternuras, ele ficou extasiado.

Os Pym tinham três meninas. Quando a terceira filha nasceu, se mudaram para o subúrbio. Will já havia passado dos cinquenta, mas cruzou a soleira carregando Maria no colo, acendeu um fogo na lareira e seguiu todo tipo de ritual sentimental e amoroso para assumir a posse da casa. Para dizer a verdade, de vez em quando ele dava a impressão de falar em excesso de Maria. Ansiava por vê-la brilhar. Nas festas, interrompia a conversa de todos para anunciar: "Agora Maria vai nos contar uma coisa muito engraçada que aconteceu esta tarde no Clube Feminino". No trem diário para o centro, transmitia as opiniões dela a respeito da temporada de beisebol ou dos impostos sobre bens de consumo. Se estivesse jantando sozinho num hotel de Rochester ou Toledo — pois viajava frequentemente a trabalho —, ele mostrava uma foto de Maria à garçonete. Quando participava do júri de instrução, todos os outros jurados ficavam sabendo da existência de Maria muito antes do fim da sessão. Quando ia pescar salmão em Newfoundland, passava o tempo querendo saber se Maria estava bem em casa.

Num sábado do começo da primavera, comemoraram seu décimo aniversário de casamento com uma festa na sua residência em Shady Hill. Vinte e cinco ou trinta pessoas vieram brindar à saúde deles com champanhe. A maioria dos convidados tinha a idade de Maria. Will não gostava de vê-la cercada de homens jovens e

supervisionava suas idas e vindas com um escrutínio quase paternal. Quando ela ia dar uma olhada na varanda, ele ia logo atrás. Mas era um bom anfitrião e mantinha em equilíbrio admirável o prazer de receber os convidados e o prazer que lhe dava a ideia de que, dali a pouco, todos iriam embora. Observou Maria conversar com Henry Bulstrode do outro lado da sala. Seria natural que dez anos de casamento tivessem produzido rugas no rosto dela, mas aos olhos dele sua beleza tinha somente aumentado. Uma mulher jovem e bela estava conversando com ele, mas a admiração por Maria deixava a sua cabeça em outro lugar. "Você precisa pedir a Maria para te contar o que aconteceu na floricultura hoje cedo", ele disse.

No final da tarde de domingo, os Pym foram passear com as filhas, como tinham o hábito de fazer nos dias de tempo bom. Era aquela época do ano em que os bosques ainda estão sem folhas, quando uma doçura inexplicável — um perfume intenso como o de rosas — se soma ao cheiro de tudo que apodrece e se transforma, apesar de as flores ainda não terem começado a aparecer. As meninas iam na frente. Will e Maria andavam de braço dado. O sol estava quase se pondo. Corvos davam gritos roucos no alto dos enormes pinheiros. Era aquele momento de um dia de primavera — ou do anoitecer — em que a escuridão do bosque e o frio e a umidade de um laguinho ou riacho próximos são percebidos de súbito, quando você se dá conta de que o mundo estava iluminado até agora há pouco somente graças ao fogo do sol e sente que suas roupas não bastam para proteger do frio.

Will parou, tirou um canivete do bolso e começou a marcar suas iniciais na casca de uma árvore. De que adiantaria destacar o fato de que seus cabelos já eram ralos? Ele queria expressar o amor. A juventude e a beleza de Maria tinham estimulado seus sentidos a tal ponto que a terra parecia se estender diante dos seus olhos como um vasto mapa de motivação e sensualidade. Era a companhia dela que tornava o canto dos corvos tão agradável de ouvir. As vozes das suas filhas ecoavam pelo caminho e ele podia oferecer a elas um futuro cheio de esperanças e facilidades. Tudo de que fora privado a vida inteira agora lhe pertencia.

Mas Maria estava com frio, cansada e com fome. Só tinham conseguido dormir às duas da manhã e ela se esforçava para manter os olhos abertos ao longo da caminhada no meio do bosque. Quando chegassem em casa, ela teria que preparar o jantar. Frios sortidos ou costeletas de cordeiro, ela teorizava enquanto Will

contornava suas iniciais com o desenho de um coração atravessado por uma flecha. "Oh, eu adoro tanto você!", ela o ouviu murmurar no momento em que completava sua obra. "É tão jovem e linda!" Ele gemeu, tomou-a nos braços e a beijou com fervor. Ela continuou pensando no que ia preparar para o jantar.

⋆ ⋆ ⋆

Numa noite de segunda-feira não muito depois disso, Maria sentou na sala e começou a decorar ramos de árvore com flores de macieira feitas de papel. Ela fazia parte do comitê encarregado da decoração da Festa da Flor de Macieira, um baile a fantasia com fins de caridade realizado todo ano no clube de campo. Will lia uma revista enquanto aguardava que ela terminasse o trabalho. Calçava pantufas e vestia um paletó vermelho brocado — presente de Maria — que sobrava em dobras largas ao redor da barriga, dando-lhe uma aparência ainda mais corpulenta. As mãos de Maria se moviam com rapidez. Ao terminar de cobrir um ramo com flores, ela o erguia e dizia: "Não fica bonito?". Em seguida, apoiava o ramo em pé num canto onde começava a surgir uma floresta de galhos floridos. No andar de cima, as três meninas dormiam.

O cargo no comitê decorativo era o tipo de coisa em que Maria era especialista. Ela não gostava de comparecer muito cedo a reuniões sobre a reforma do ensino primário nem de meter o nariz numa cozinha suja de hospital ou de se encontrar com outras mulheres no fim da tarde para debater os rumos da ficção moderna. Tinha tentado ser secretária do Clube Feminino, mas suas atas eram tão desconexas que precisou ser substituída — não sem um certo ressentimento. Na noite do dia em que ela foi destituída do cargo, Will a encontrou em lágrimas e muitas horas de consolo foram necessárias. Ele tirava proveito dessas adversidades. Ela era jovem e bonita, e tudo que a forçasse a procurá-lo em busca de auxílio assegurava um pouco mais sua posição. Tempos depois, quando Maria foi encarregada da rifa de uma estola de pele de marta para angariar fundos para o hospital, seu controle do sorteio foi tão malfeito que Will teve que faltar ao emprego e permanecer em casa um dia inteiro para dar um jeito na situação. Ela chorou e ele a consolou, ao passo que um marido mais jovem teria manifestado, provavelmente, uma certa impaciência. Will não encorajava a ineficiência dela, mas era um traço de personalidade que ele

associava aos seus belos olhos e à alvura da sua pele.

Ela ia falando sobre a festa enquanto prendia as flores de papel. Haveria uma orquestra de doze instrumentos. A decoração era a mais bonita de todos os tempos. Esperavam angariar dez mil dólares. O costureiro tinha trazido a fantasia dela. Will perguntou como era a fantasia, e ela disse que ia subir e vesti-la para ele ver. Ela geralmente ia à Festa da Flor de Macieira vestida como algum personagem da história francesa, e no fundo Will não estava muito interessado.

Meia hora depois, ela desceu e foi até o espelho ao lado do piano. Usava sapatinhos dourados, meia-calça rosa e um diminuto corpete de veludo, decotado o suficiente para mostrar a divisão entre os seios. "Meu cabelo vai estar bem diferente, é claro", ela disse. "E ainda não decidi que joias vou usar."

Will foi tomado por uma tristeza terrível. A fantasia justa ao corpo — ele precisou esfregar as lentes dos óculos para ver melhor — exibia toda aquela beleza tão idolatrada por ele e ao mesmo tempo expressava sua total inocência da perversidade do mundo. A visão encheu Will de desejo e pavor. Não suportaria decepcioná-la, mas ao mesmo tempo não podia permitir que ela provocasse abertamente os vizinhos — homens que naquele momento, em sua mente desordenada, surgiam como um grupo voraz, juvenil, bestial e lascivo. Ao vê-la posar alegremente diante do espelho, pensou que ela lembrava um pouco uma criança — uma virgem, no mínimo — caminhando na direção de uma catástrofe obscena. Naquele rosto doce e gracioso e no seu peito seminu, ele vislumbrou toda a tristeza da existência.

"Você não pode vestir isso, Benzinho."

"Quê?" Ela se virou do espelho para ele.

"Benzinho, você vai morrer de tanto que vão te beliscar."

"Todas as outras também vão usar meia-calça, Willy. Helen Benson e Grace Heatherstone vão usar meia-calça."

"Elas são diferentes, Benzinho", ele disse com pesar. "São muito diferentes. São mulheres endurecidas, teimosas, cínicas e mundanas."

"E o que eu sou?"

"Você é linda e inocente", ele disse. "Não entende que os homens não passam de um bando de cachorros."

"Não quero ser linda e inocente o tempo todo."

"Ah, Benzinho, você não pode estar falando sério! Não pode ser sério! Você não sabe do que está falando."

"Só quero me divertir."

"Não se diverte comigo?"

Ela começou a chorar. Atirou-se no sofá e afundou o rosto nas mãos. Suas lágrimas corroeram a convicção de Will como um ácido enquanto ele se curvava sobre o corpo esguio e sofredor. Muitos anos antes, ele tinha se perguntado se uma esposa muito jovem não acabaria lhe trazendo problemas. Agora, com os óculos embaçados e o paletó brocado fazendo dobras na barriga, ele se via frente a frente com a questão. Como — mesmo que estivessem correndo um enorme perigo — ele poderia reprimir a inocência e a beleza? "Está bem, Benzinho, está bem", ele disse. Também estava prestes a chorar. "Pode usar."

Na manhã seguinte, Will partiu numa viagem que o levaria a Cleveland, Chicago e Topeka. Ligou para Maria nas noites de terça e quarta e a empregada disse que ela saíra. Devia estar trabalhando na decoração do clube, concluiu. As panquecas que comeu no café da manhã de quinta caíram mal na mesma hora e lhe deram uma dor de estômago que nenhum dos vários remédios que trazia na mala foi capaz de curar. Sexta, no Kansas, havia neblina e o avião dele ficou em solo até tarde da noite. No aeroporto, comeu uma torta de frango; seu estado piorou. Chegou a Nova York na manhã de domingo e teve que ir direto para o escritório, e só voltou para Shady Hill no fim da tarde de sábado. Era o dia da festa e Maria ainda estava no clube. Ele ficou uma hora varrendo as folhas mortas dos canteiros de flores ao lado da casa. Quando Maria chegou, ele achou a aparência dela esplêndida. Estava corada e com os olhos brilhando.

Ela mostrou a Will a fantasia que havia alugado para ele. Era um traje de cota de malha com um capacete. Will ficou satisfeito com a fantasia, pois era um disfarce. Estava exausto e irritadiço e achou que seria uma boa ir disfarçado ao baile. Depois que ele tomou banho e se barbeou, Maria o ajudou a vestir a cota de malha. Ela cortou algumas penas de avestruz de um velho chapéu e as espetou, alegre, no capacete dele. Will se aproximou do espelho para ver como tinha ficado, mas, assim que chegou lá, o capacete fechou sozinho e ele não conseguiu mais mantê-lo

aberto. Foi para o andar de baixo segurando firme no corrimão — a cota de malha era pesada —, enfiou uma tabela de horários dobrada na fenda ao lado do visor para mantê-lo aberto e sentou para tomar um drinque. Quando Maria desceu usando sua meia-calça rosa e os sapatinhos dourados, Will se levantou para admirá-la. Ela disse que não poderia voltar cedo do baile porque era integrante do comitê; se Will quisesse voltar para casa, ela pegaria uma carona mais tarde com alguém. Ele nunca tinha saído de uma festa sem ela e a ideia lhe pareceu detestável. Maria vestiu um casaco e beijou as meninas, e então eles foram jantar na casa dos Bearden.

A festa nos Bearden foi grande e durou até tarde. Ficaram bebendo coquetéis até depois das nove. Quando entraram para jantar, Will sentou ao lado de Ethel Worden. Era uma jovem muito bonita, mas tinha passado duas horas bebendo martínis; seu rosto estava caído e os olhos estavam avermelhados. Ela disse que amava Will, que sempre havia amado, mas Will estava olhando para Maria na outra ponta da mesa. Mesmo àquela distância, ele teve a impressão de captar algo crucial no jogo de sombras que cobria o rosto dela. Queria estar próximo o bastante para escutar o que ela estava dizendo.

Ethel Worden não estava ajudando. "Somos pobres, Will", ela disse com pesar. "Sabia que somos pobres? Ninguém percebe quando há gente como nós numa comunidade como esta. Não temos como pagar os ovos do café da manhã. Não temos como pagar uma faxineira. Não temos como pagar uma máquina de lavar. Não temos como pagar…"

Antes de terminar a sobremesa, vários casais levantaram para ir ao clube. Will viu Trace Bearden entregando o casaco a Maria e levantou com um salto. Queria chegar ao clube a tempo de dançar a primeira dança com ela. Quando saiu, Trace e Maria tinham sumido. Pediu a Ethel Worden que o acompanhasse no carro. Ela ficou encantada. Quando ele estava manobrando no estacionamento do clube de campo, Ethel começou a chorar. Ela era pobre, solitária e carente de amor. Puxou Will para perto e chorou no ombro de sua cota de malha enquanto ele olhava pela janela traseira da caminhonete para ver se reconhecia o carro de Trace Bearden. Será que Maria já estava no salão de festas ou também estava passando por apuros no interior de um carro estacionado? Enxugou as lágrimas de Ethel, disse-lhe algumas palavras carinhosas e depois os dois entraram.

Já estava tarde agora — passava da meia-noite — e aquele baile era sempre uma

barafunda. A pista estava lotada, e plumas, coroas, cabeças de animais e turbantes balançavam no ambiente escuro. Tinha chegado aquela hora em que a banda acelera o ritmo e o som da bateria fica mais forte, quando os dançarinos de mais idade deixam escapar berros de luxúria e empolgação, agarram os parceiros pela cintura e saem requebrando com passos brincalhões e juvenis de tudo que é tipo — o shimmy, o charleston, saltos e danças do ventre. Will dançava desajeitadamente sob o peso da malha. De vez em quando, avistava Maria à distância, mas nunca conseguia alcançá-la. Quando foi buscar uma bebida no bar, pôde vê-la na extremidade oposta do salão, mas a multidão estava compacta demais para que conseguisse ir ao seu encontro. Ela estava cercada de homens. Foi procurá-la no salão social no intervalo seguinte, mas não a encontrou. Quando a música voltou, ele entregou dez dólares a alguém da banda e pediu que tocassem "I could write a book". Era a música deles. Ela certamente a ouviria no meio de todo o barulho. Lembraria do casamento deles, pediria licença ao parceiro e sairia à sua procura. Ele ficou esperando sozinho na beira da pista de dança até a música terminar.

Desanimado e cansado de andar a esmo com o peso da cota de malha, ele foi para o salão social, tirou o capacete e adormeceu. Cerca de meia hora depois, quando acordou, viu Larry Helmsford saindo com Ethel Worden pela porta da varanda em direção ao estacionamento. Ela estava trocando as pernas. Will voltou ao salão de baile, atraído pelos gritos de empolgação. Alguém tinha tacado fogo num enfeite de cabeça cheio de penas. O fogo estava sendo combatido com champanhe. Passava das três da manhã. Will pôs o capacete, segurou o visor na posição aberta com uma cartela de fósforos dobrada e foi para casa.

Maria ficou até a última dança. Bebeu um gole da última garrafa de vinho. Já era manhã. A banda tinha ido embora, mas um pianista continuou tocando e alguns casais dançavam à luz do dia. Estavam começando a se formar grupos para o café da manhã, mas ela recusou os convites e preferiu voltar para casa de carona com os Bearden. Will podia ficar preocupado. Depois de se despedir dos Bearden, ficou um tempo parada nos degraus da porta de casa para tomar um pouco de ar. Perdera a bolsa. Sua meia-calça tinha sido rasgada pelas escamas de um dragão. Suas roupas cheiravam a vinho derramado. A suavidade do ar e a delicadeza da luz a comoviam. A festa parecia agora uma baboseira. Dançou com todos os parceiros que quis, mas não escolheu os certos. As centenas de flores de macieira que havia afixado nos

ramos e que pareciam tão reais à distância seriam logo varridas para o lixo.

As árvores de Shady Hill estavam cheias de pássaros — cotovias, tordos, sabiás-laranjeira, corvos — e o ar começava a vibrar com o seu canto. A luz imaculada e o canto estridente evocavam para ela um tipo de ideal — um modo de vida simples em que ela secava as mãos num avental e Will retornava do mar para casa — que ela havia traído. Não sabia exatamente onde tinha se equivocado, mas a luz suave da manhã iluminava sem dó o seu erro. Começou a chorar.

Will estava dormindo, mas acordou quando ela abriu a porta da frente. "Benzinho?", chamou, enquanto ela subia as escadas. "Benzinho?... Oi, Benzinho. Bom dia!" Ela não respondeu.

Ele viu as lágrimas dela, o rasgo na meia-calça e as manchas na frente da roupa. Ela sentou diante da penteadeira, deitou o rosto no vidro e continuou chorando. "Oh, não chore, Benzinho!", ele disse. "Não chore! Não me importo, Benzinho. Achei que me importaria, mas acho que no fundo não tem importância. Nunca tocarei no assunto, Benzinho. Deite na cama agora. Deite na cama e durma um pouco."

Seus soluços aumentaram de intensidade. Ele levantou, foi até a penteadeira e a envolveu nos braços. "Eu te disse o que ia acontecer se você usasse a fantasia, não disse? Mas agora já não importa. Nunca vou fazer nenhuma pergunta a respeito. Vou esquecer de tudo. Mas deite na cama agora e durma um pouco."

A cabeça dela estava boiando e a voz dele era uma ladainha repetitiva que encobria os sons da manhã. Naquele momento, o amor ansioso de Will, a sua paixão descabida, estava além do que ela podia suportar. "Não me importo. Estou disposto a esquecer tudo", ele disse.

Ela fugiu de seu abraço, saiu correndo para o corredor e bateu a porta do quarto de hóspedes na cara dele.

Bebendo uma xícara de café no andar de baixo, Will percebeu que sua supervisão da vida de Maria estava longe de ser completa. Se ela quisesse traí-lo, a vida dela não poderia ter sido planejada de forma mais conveniente. No verão, ela ficava sozinha a maior parte do tempo, exceto nos fins de semana. Ele viajava a trabalho uma semana por mês. Ela ia a Nova York quando bem entendia — às vezes à noite.

Apenas uma semana antes do baile, ela havia ido à cidade para jantar com velhos amigos. Tinha planejado retornar para casa num trem que chegava em Shady Hill às onze. Will foi buscá-la de carro na estação. Era uma noite chuvosa, e ele se lembrava de ter ficado esperando, com o ânimo muito abatido, na plataforma. Assim que ele avistou as luzes do trem à distância, seu estado de espírito foi transformado pela expectativa de encontrá-la e levá-la para casa. Quando o trem parou e somente Charlie Curtin — meio bêbado — desembarcou, Will ficou decepcionado e preocupado. Pouco depois de ele ter chegado em casa, o telefone tocou. Era Maria ligando para dizer que perdera o trem e que só chegaria em casa depois das duas. Às duas, Will voltou à estação. O tempo continuava chuvoso. Maria e Henry Bulstrode eram os únicos passageiros. Ela cruzou a plataforma com passos ligeiros para beijar Will. Ele lembrou que havia lágrimas em seus olhos, mas na ocasião não tinha tirado nenhuma conclusão daquilo. Agora as lágrimas davam o que pensar.

Algumas noites antes daquela, ela avisara, antes do jantar, que pretendia assistir a um filme na cidade. Will se ofereceu para levá-la, embora estivesse cansado, mas ela disse que sabia muito bem o quanto ele desprezava o cinema. Ele tinha achado estranho, na ocasião, que ela tivesse tomado um banho pouco antes de sair para a sessão das nove horas, e, quando ela desceu as escadas, ele ouviu o farfalhar de um vestido novo por baixo do casaco de pele. Caiu no sono antes que ela voltasse, e era bem possível que ela tivesse chegado em casa já ao amanhecer. Sempre parecera uma generosidade da parte dela não insistir que ele a acompanhasse nas reuniões da Associação para o Desenvolvimento da Cidadania, mas como ter certeza de que ela havia realmente saído para debater a fluoração da água, e não para ir ao encontro de um amante?

Lembrou de algo que havia ocorrido em fevereiro. O Clube Feminino tinha promovido uma peça para recolher doações de caridade. Antes de ir, ele sabia que Maria apresentaria uma dança expressando a visão que o Comitê de Temas Atuais tinha da tarifa. Ela entrou no palco ao som de "A pretty girl is like a melody". Trajava um longo vestido de festa, luvas e uma pele — o visual típico de uma dançarina de striptease — e, para o seu horror, foi recebida com barulho pela plateia. Maria andou pelo palco e atirou longe a pele, o que arrancou aplausos, palmas e alguns assobios. No refrão seguinte, tirou as luvas. Will fingiu estar se

divertindo, mas estava suando. No terceiro refrão, ela tirou o cinto. Não passou disso, mas o aplauso estrondoso que ela recebeu continuava ecoando e esquentava suas orelhas.

Algumas semanas antes, Will tinha ido ao centro almoçar — algo que raramente fazia. Caminhando pela Madison Avenue, julgou ter visto Maria pouco mais adiante, ao lado de outro homem. O casaquinho vermelho escuro, a pele e o chapéu eram dela. Não reconheceu o homem. Agindo de forma impulsiva, quando o ideal teria sido a discrição, ele gritou o nome dela — "Maria! Maria! Maria!". A rua estava lotada e uma distância de meia quadra os separava. Antes que conseguisse alcançar a mulher, ela desapareceu. Podia ter entrado num táxi ou numa loja. Naquela noite, quando foi dizer a Maria, todo animado, que a vira de longe na Madison Avenue, a resposta foi um áspero "Não me viu coisa nenhuma". Depois do jantar ela alegou estar com dor de cabeça. Pediu permissão para dormir no quarto de hóspedes.

Na tarde seguinte ao baile, Will foi levar as meninas para passear sem Maria. Ensinou a elas, como era hábito, o nome de cada árvore. "Aquele é um ginkgo… aquela é uma faia… esse cheiro forte vem do buxo no oco do caule." Gostava de dar um tom educativo ao tempo que passava com as filhas, talvez pelo fato de ele próprio não ter recebido educação quando pequeno. Eles recitavam os estados da União na mesa do almoço, discutiam geologia em algumas caminhadas e nomeavam as estrelas no céu quando ficavam na rua depois do entardecer. Will havia decidido se manter animado no decorrer da tarde, mas a imagem das filhas caminhando à sua frente o entristeceu, porque elas pareciam símbolos vivos da sua inquietação. Não tinha chegado a pensar em deixar Maria — não permitira que a ideia começasse a ganhar forma —, mas tinha a sensação de respirar numa atmosfera de separação. Ao passar pela árvore onde havia inscrito seus nomes, o mundo lhe pareceu tomado de uma estupenda perversidade.

A casa estava escura quando eles voltaram do passeio e subiram pelo acesso da garagem. Escura e fria. Will acendeu algumas luzes e esquentou o café que tinha passado pela manhã. O telefone tocou, mas ele não atendeu. Levou uma xícara de café para o quarto de hóspedes, onde Maria estava. Primeiro, achou que ela ainda estava dormindo. Quando acendeu a luz, viu que estava sentada e apoiada nos travesseiros. Ela sorriu, mas ele reagiu aos seus encantos com uma certa precaução.

"Trouxe um café, Benzinho."

"Obrigada. Fizeram um bom passeio?"

"Sim."

"Estou me sentindo melhor", ela disse. "Que horas são?"

"Cinco e meia."

"Não estou com forças para ir à casa dos Townsend."

"Então eu não vou também."

"Oh, gostaria que você fosse, Willy. Por favor, vá na festa, volte pra casa e me conte tudo. Vá, por favor."

Com o incentivo dela, a festa começou a parecer uma boa ideia.

"Você tem que ir", disse Maria. "Vão fazer um monte de fofocas sobre o baile e você pode ir, escutar tudo e me contar na volta. Por favor, vá na festa, querido. Vou me sentir culpada se você ficar em casa por minha causa."

Na casa dos Townsend, os carros estavam estacionados dos dois lados da rua e havia uma luz forte saindo por todas as janelas da enorme casa. Will penetrou na luz das lâmpadas e da lareira e no vozerio animado dos convidados trazendo o desejo sincero de aliviar o peso em seu espírito. Foi ao andar de cima deixar o casaco. Bridget, uma velha irlandesa, o guardou para ele. Era uma diarista que trabalhava em boa parte das festanças de Shady Hill. Seu marido era caseiro no clube de campo. "Quer dizer que a sua senhora não veio com você", ela disse naquele amável sotaque irlandês. "Ah, bem, não posso culpar ela por isso." Ela soltou uma risada inesperada. Pôs as mãos nos joelhos e balançou para a frente e para trás. "Não era pra eu contar, sabe, então que Deus me perdoe, mas, quando Mike estava varrendo o estacionamento hoje de manhã, encontrou um par de sapatinhos dourados e um espartilho de lacinho azul."

No andar de baixo, Will foi falar com a anfitriã e ela disse que lamentava muito a ausência de Maria. Quando estava atravessando a sala de estar, foi interceptado por Pete Parsons, que o puxou até a lareira e contou uma piada. Era para isso que Will viera e seu ânimo começou a melhorar. Mas, quando pediu licença a Pete Parsons e se dirigiu à entrada do bar, teve o caminho bloqueado por Biff Worden. A história de privações contada por Ethel, as lágrimas e seu passeio com Larry Helmsford no estacionamento continuavam vívidos em sua memória. Não queria conversar com Biff Worden. Não gostava de ver Biff ostentando uma cara alegre e inocente

sabendo que a esposa dele tinha sido seduzida na caminhonete dos Helmsford.

"Viu o que Mike Reilly encontrou no estacionamento hoje cedo?", perguntou Biff. "Um par de sapatos e um espartilho." Will falou que ia buscar uma bebida e passou direto por Biff, mas a passagem entre a sala de estar e o bar foi bloqueada pelos Chesney.

Em quase todos os subúrbios há um casal simpático que, graças a seus dons, é eleito o par de embaixadores. São eles que recebem John Mason Brown no trem e lhe dão uma carona até o auditório. São eles que organizam os populares torneios de tênis, lidam com os casos mais difíceis na campanha de levantamento de fundos e assumem, em nome dos anfitriões, a missão de animar os entediados, passar a bandeja de aipo recheado, soprar vida nas conversas moribundas e expulsar os bêbados. Suas conexões sociais e familiares são indescritivelmente amplas e variadas, e em termos físicos eles são modelos de aparência e acompanhamento da moda — são diretos, contidos e bem-arrumados, e a confiança e a amizade cintilam em seu olhar. Os Chesney eram esse jovem casal.

"Que bom te ver", disse Mark Chesney, tirando o cachimbo da boca e pondo a mão no ombro de Will. "Não nos cruzamos no baile ontem à noite, apesar de eu ter visto Maria caindo na gandaia. Mas o que tenho pra falar com você é algo bem mais importante. Tem um minuto? Não sei se você sabe, mas estou encarregado do programa de educação adulta no colégio este ano. Tivemos uma adesão decepcionante, e na quinta virá uma palestrante para a qual pretendo agitar uma plateia considerável. O nome dela é Mary Bickwald, e ela vai falar sobre problemas do casamento — casos extraconjugais, esse tipo de coisa. Se você e Maria estiverem livres na quinta, acho que valerá a pena." Os Chesney foram para a sala e Will prosseguiu para o bar.

O bar estava todo ocupado por um grupo barulhento e alegre, e Will se juntou a eles com prazer para pegar uma bebida. Estava começando a ficar à vontade quando o pároco da Igreja de Cristo o abordou, apertou sua mão e o arrastou para longe dos outros.

O pároco era um homem de grande estatura e, ao contrário de vários de seus colegas suburbanos, não muito afeito ao preto eclesiástico. Quando ele e Will se encontravam em festas particulares, costumavam conversar sobre cobertores. Will tinha doado muitos cobertores à igreja. Tinha doado cobertores às missões e tinha

doado cobertores aos abrigos. Quando os pastores se ajoelhavam na palha aos pés de Maria na peça da Natividade, estavam vestindo os cobertores de Will. Como esperava ouvir um pedido de doação de cobertores, ele ficou surpreso quando o pároco disse: "Quero que se sinta livre para fazer uma visita ao meu gabinete, Will, pra conversar sobre qualquer problema que esteja te incomodando". Enquanto Will agradecia ao pároco pelo convite, Herbert McGrath juntou-se a eles.

Herbert McGrath era banqueiro, um homem abastado e irritadiço. Na base de seu pensamento parecia residir a apreensão — o pesadelo — de que, privado do tipo de ordem que ele próprio representava, o mundo se desmancharia no ar. Desprezava os homens que corriam atrás do trem de manhã cedo. No carro para não fumantes, era comum as pessoas acenderem os cigarros quando o trem estava se aproximando da Grand Central Station e essa infração irritava tanto Herbert que ele batia no ombro das pessoas em volta para dizer que a área de fumantes ficava nos fundos do vagão. Misturada a essa insistência na boa conduta, havia também uma curiosa tendência à superstição. Ele ficava olhando o chão a seu redor quando caminhava pela plataforma da estação pela manhã. Se via uma moeda, abria caminho às cotoveladas e se abaixava para pegá-la. "Dá sorte, sabe", explicava ao meter a moeda no bolso. "A gente precisa de sorte *e* de inteligência." Agora ele queria conversar sobre as imoralidades que tinham acontecido na festa, e Will decidiu ir para casa.

Deixou o copo em cima do bar e seguiu com convicção pela passagem que conduzia à sala. Ele estava olhando para baixo e deu de frente com a sra. Walpole, uma mulher bem sem graça. "Parece que a sua mulher não se recuperou o suficiente pra encarar o público hoje", ela disse toda contente.

Um destino peculiar parece recair sobre as mulheres do lar no fim de uma festa — ou de uma jornada. Seus cachos e lacinhos se desmancham, partículas de comida ficam presas nos seus dentes, os óculos embaçam e o sorriso amplo com que pretendiam enfeitiçar o mundo esmorece e dá lugar a um semblante habitual de insatisfação e amargura. A sra. Walpole tinha se recomposto com bravura para a festa dos Townsend, mas o próprio tempo — ela estava bebendo xerez — destruíra a impressão que ela tentava passar. Parecia que alguém tinha sentado em cima do chapéu dela, sua voz estava estridente e a camélia pregada ao seu ombro já havia murchado.

"Mas imagino que Maria tenha mandado você vir para conferir o que estão falando dela."

Will passou direto pela sra. Walpole e subiu as escadas para pegar o casaco. Bridget tinha ido embora e Helen Bulstrode estava sentada sozinha no corredor, trajando um vestido vermelho. Helen era uma pinguça. Era bem tratada em Shady Hill. Seu marido era simpático, rico e indulgente. Agora Helen estava muito bêbada e o que ela pretendia esquecer aquele dia ao servir a primeira dose, fosse lá o que fosse, já tinha se perdido havia muito tempo no meio do tumulto. Ela se remexeu um pouco na cadeira enquanto Will vestia o casaco, e de uma hora para outra começou a falar desenfreadamente com ele em francês. Will não entendeu nada. A voz dela foi ficando cada vez mais alta e furiosa, e, depois que ele desceu até o vestíbulo, ela apareceu no topo da escada para chamá-lo. Will foi embora sem se despedir de ninguém.

Maria estava na sala lendo uma revista quando Will chegou. "Olha só, Benzinho", ele disse. "Pode me dizer uma coisa? Você perdeu os sapatos ontem à noite?"

"Perdi a bolsa", disse Maria, "mas acho que não perdi os sapatos."

"Tente se lembrar", ele disse. "Não é a mesma coisa que um casaco ou um guarda-chuva. As pessoas em geral se lembram quando perdem os sapatos."

"O que há de errado com você, Willy?"

"Você perdeu os sapatos?"

"Não sei."

"Estava usando espartilho?"

"Do que você está falando, Will?"

"Por Deus, eu preciso descobrir!"

Ele subiu as escadas até o quarto do casal, que estava às escuras. Acendeu a luz do closet e abriu o baú onde ela guardava os sapatos. Havia uma porção de pares, e entre eles sapatos dourados, prateados e cor de bronze, e ele estava remexendo na coleção quando viu Maria na porta. "Oh, meu Deus, Benzinho, me perdoa!", ele disse. "Me perdoa!"

"Ai, Willie!", ela exclamou. "Olha só o que você fez com os meus sapatos."

Will acordou se sentindo bem e teve um dia agradável na cidade. Às cinco, tomou o metrô para o centro e cruzou a estação automaticamente para embarcar no seu trem. No trem, pegou um assento do corredor e passou os olhos pelas baboseiras do jornal vespertino. Um homem idoso estava exigindo o divórcio da jovem esposa, sob alegação de adultério; o fato de essa matéria não ter sido capaz de perturbá-lo deixou Will não apenas satisfeito, mas se sentindo excepcionalmente em forma e feliz. O trem rumou para o norte debaixo de um céu ainda pintado de luz.

Tinha começado a cair uma chuva fina quando Will desceu na plataforma em Shady Hill. "Olá, Trace", ele disse. "Olá, Pete. Olá, Herb." Ao seu redor, os vizinhos iam ao encontro de suas esposas e filhos. Tomou o caminho da Alewives Lane até Shadrock Road, passando por fileiras e mais fileiras de casas com as luzes acesas. Pôs o carro na garagem, deu a volta até a frente da casa e foi olhar as tulipas que reluziam na chuva sob a luz da varanda. Deixou o gato manhoso entrar para se abrigar da chuva e Flora, sua caçula, veio correndo pela sala para lhe dar um beijo. Era como se a criança afetuosa e os cômodos iluminados provocassem uma reação em algum recôndito profundo do seu espírito. Teve a sensação de que sua vida nunca seria menos do que aquilo. Em pouco tempo, estaria sentado numa cadeira dobrável, no sol de junho, vendo Flora se formar na Smith.

Maria entrou na sala usando um vestido de seda cinza — um tecido e uma cor que lhe caíam bem. Seus olhos estavam brilhantes e muito abertos e ela o beijou com carinho. O telefone começou a tocar, pois tinha chegado aquela hora em que, nos subúrbios, o telefone toca ininterruptamente com avisos de reuniões de conselhos, fragmentos de fofocas, pedidos de doação e convites. Maria atendeu. Ele a ouviu dizer: "Sim, Edith".

Will foi à sala preparar um coquetel e poucos minutos depois a campainha tocou. Edith Hastings, boa vizinha e uma mulher amigável, veio entrando na frente de Maria, censurando a si mesma: "Eu realmente não tinha nada que invadir a casa de vocês assim". Sem parar de se censurar, sentou e aceitou o copo oferecido por Will. Ele nunca a tinha visto tão ruborizada e com os olhos tão brilhantes. "Charlie está no Oregon", ela disse. "Essa viagem dele vai durar três semanas. Ele queria que

eu falasse com você, Will, sobre as macieiras. Ele pretendia falar com você antes de partir, mas não teve tempo. Ele consegue comprar macieiras pela dúzia num viveiro em New Jersey e queria saber se você não estaria interessado em adquirir seis."

Edith Hastings era uma daquelas mulheres — e não havia falta delas em Shady Hill — cujos maridos viajavam a trabalho de uma a três semanas por mês. Viviam — em termos conjugais — a vida de uma esposa de um pescador da Grand Banks, mas sem poder recorrer ao folclore do mundo da pesca. Nenhuma — ou quase nenhuma — dessas viúvas podia ser acusada de não ter enfrentado corajosamente seus problemas. Pediam doações para o combate ao câncer, doenças cardíacas, deficiências físicas, surdez e problemas mentais. Cultivavam plantas tropicais num clima instável, teciam, faziam potes de cerâmica, mimavam os filhos e faziam de tudo para compensar a ausência irremediável de seus homens. Mantinham-se na condição de mulheres solitárias com uma inclinação natural para a fofoca.

"Mas é claro que não tem que decidir agora", prosseguiu Edith diante da falta de resposta de Will. "Acho que não precisa decidir até que Charlie volte do Oregon. Quer dizer, não há uma época especial para plantar macieiras, não é mesmo? E, falando em macieiras, como foi a festa?"

Will deu-lhe as costas e abriu uma janela. A chuva caía firme lá fora, mas ele duvidava que a chuva fosse a responsável pelo rubor e pelo brilho no olhar de Edith. Ele ouviu a resposta de Maria, e depois Edith perguntou: "Que horas vocês foram embora?". Ela não conseguia conter a animação em sua voz. "E fiquei sabendo que um par de sapatos e um espartilho…"

Will se virou de súbito. "É sobre isso que veio falar?", perguntou com aspereza.

"Quê?"

"É sobre isso que veio falar?"

"Na verdade, vim falar sobre macieiras."

"Faz seis meses que dei um cheque a Charlie para que comprasse essas macieiras."

"Charlie não me contou."

"Por que contaria? Está tudo acertado."

"Bem, acho melhor eu ir embora."

"Faça o favor de ir", disse Will. "Faça o favor de ir. E, se alguém perguntar como

estamos, diga que estamos muito bem."

"Ai, Will, Will, Will!", disse Maria.

"Parece que não vim num momento adequado", disse Edith.

"E, quando telefonar pros Trencher, pros Farquarson, pros Abbott e pros Bearden, diga que estou pouco me lixando pro que aconteceu na festa. Diga pra inventarem uma fofoca sobre outra pessoa. Diga pra imaginarem alguma imundície sobre o homem de Fuller Brush, sobre o panaca que entrega ovos na sexta-feira ou sobre o jardineiro dos Slater, mas diga que nos deixem em paz."

Ela se foi. Maria, chorando, lançou-lhe um olhar tão fulminante que ele quase engasgou. Ela subiu as escadas com seu vestido de seda cinza e bateu a porta do quarto do casal. Ele foi atrás dela e a encontrou deitada na cama, no escuro. "Quem foi, Benzinho?", perguntou. "Só quero saber quem foi, e então vou esquecer isso pra sempre."

"Não foi ninguém", ela disse. "Não teve ninguém."

"Escuta só, Benzinho", ele disse com firmeza. "Eu sei que não é verdade. Não quero te acusar. Não é por isso que estou perguntando. Só quero saber pra conseguir esquecer."

"Por favor, me deixe sozinha!", ela choramingou. "Por favor, me deixe um pouco aqui sozinha."

Ao acordar de manhã no quarto de hóspedes, Will viu tudo com clareza. Espantou-se ao perceber até que ponto a intensidade de seus sentimentos havia obstruído sua visão. O vilão era Henry Bulstrode. Era Henry quem estava com ela no trem quando ela voltou para casa às duas da manhã naquela noite chuvosa. Foi Henry que assobiou na apresentação de dança no Clube Feminino. Foram a cabeça e os ombros de Henry que ele viu na Madison Avenue quando reconheceu Maria à distância. E agora ele recordava do rosto abatido de Helen Bulstrode na festa dos Townsend — o rosto de uma mulher que tinha se casado com um libertino. Era a incorrigibilidade do marido que ela estava tentando esquecer. O dilúvio de francês alcoolizado que derramara nele devia se referir a Maria e Henry. O rosto de Henry Bulstrode, estampando um sorriso de deboche franco e lascivo, se materializou no meio da sala de estar. Só havia uma coisa a fazer.

Will tomou banho, se vestiu e tomou café. Maria continuava dormindo. Ainda era cedo quando ele terminou o café, de modo que decidiu ir a pé até a estação. Percorreu a Shadrock Road com aquela pressa peculiar dos idosos. Quando chegou, ainda eram poucas as pessoas que tinham se agrupado para aguardar o trem das oito e dezenove. Trace Bearden e depois Biff Worden se juntaram a ele. Até que Henry Bulstrode apareceu na porta da sala de espera, mostrou os dentes brancos num sorriso e começou a ler o jornal com uma cara séria. Sem nenhuma espécie de aviso, Will foi até ele e o derrubou com um soco. Mulheres gritaram e a briga que se seguiu foi bastante confusa. Herbert McGrath, que perdera a cena, presumiu que Henry havia começado e ficou em cima dele dizendo: "Basta disso, jovem! Basta disso!". Trace e Biff imobilizaram os braços de Will ao lado do corpo e o carregaram rapidamente para a outra extremidade da plataforma, perguntando: "Tá louco, Will? Você ficou louco?". E então o trem das oito e dezenove surgiu na curva, o tumulto se dissolveu na procura por assentos e, quando o chefe da estação chegou correndo na plataforma para ver o que se passava, o trem já tinha partido levando todos embora.

O mais incrível era como Will estava se sentindo bem ao embarcar no trem. Agora sua vida frutífera ao lado de Maria poderia prosseguir do ponto em que havia parado. Eles caminhariam juntos novamente nas tardes de domingo, poderiam voltar a se divertir com jogos de palavras na frente da lareira, regar as roseiras novamente, se amar embalados pelo som da chuva novamente e escutar o canto dos corvos; e naquela tarde ele ia comprar para ela um presente que simbolizaria o amor e o perdão. Ia comprar pérolas, ouro ou safiras — algo que custasse caro; quem sabe esmeraldas; algo que um homem jovem não teria condições de pagar.

"Just tell me who it was"
Trad. Daniel Galera

A cômoda

Detesto homens pequenos e nunca mais escreverei sobre eles, mas, já que estamos no assunto, gostaria de dizer que meu irmão Richard é isso: pequeno. Tem mãos pequenas, pés pequenos, uma cintura pequena, filhos pequenos, uma esposa pequena e, quando comparece às nossas festas em casa, senta numa cadeira pequena. Se abrir um livro dele, encontrará o seu nome, "Richard Norton", escrito na guarda com sua pequeníssima caligrafia. Dele emana, em minha opinião, uma revoltante *aura* de pequenez. Além disso, ele é mimado, e, quando você vai à casa dele, você come a comida *dele*, na louça *dele*, com os talheres de prata *dele*, e, caso você siga as regras caprichosas e vulgares da casa, pode ser que tenha a sorte de provar um pouco do brandy *dele*, assim como muitos anos antes você entrava no quarto dele para brincar com os brinquedos *dele* com a permissão *dele*, para então ser recompensado com um copo do ginger ale *dele*. Algumas pessoas preferem tratar suas paixões mais como uma exibição do que como uma aventura. Em vez de se apaixonar ou de fazer amigos, dão a impressão de escolher homens, mulheres, crianças e cães para o elenco de um drama envolvente que se comprometeram a produzir no instante de seu nascimento. Isso

se faz notar especialmente em quem trabalha com um elenco limitado por um baixo orçamento emocional. As atuações grosseiras chamam a nossa atenção para a peça. O papel de menina ingênua foi dado a uma mulher velha demais. O mesmo vale para a protagonista. O cão é da raça errada, os móveis não combinam entre si, o figurino é surrado e, quando o café é servido, não sai nada do bule. Mas o drama se desenrola com o mesmo terror e piedade que se espera das produções mais magníficas. Vendo meu irmão, sinto que ele arregimentou um elenco de segunda linha e que assumiu, talvez até a eternidade, o papel de uma criança mimada.

Temos, em nossa família, a tradição de dedicar nossas maiores energias emocionais à disputa de relíquias familiares — adonar-se de um jogo de pratos antes que o inventário esteja concluído, fazer cabo de guerra por causa de um tapete e romper relações de sangue em função de uma cadeira bamba. Histórias e lendas relacionadas ao apego extravagante por um objeto — uma sopeira ou uma cômoda — parecem se reduzir à textura do objeto em si, ao brilho da porcelana ou ao acabamento da madeira, e também gerar aquele tipo de frustração que eu, pelo menos, sinto ao escutar música tocada no cravo. Nossa mãe faleceu repentinamente e, como havia uma cláusula ambígua no testamento, a prima Mathilda passou a mão em parte das nossas relíquias de família. Na época, ninguém teve forças para contestar suas reivindicações. Agora ela tem mais de noventa anos e a idade parece ter curado sua mesquinhez. Escreveu a Richard e a mim para dizer que teria prazer em nos dar qualquer coisa que possuísse e fosse de nosso interesse. Escrevi para avisar que gostaria de ficar com a cômoda. Lembrava dela como um móvel gracioso, de pernas arqueadas, com peças de metal pesadas e um verniz muito lustroso, de um tom semelhante ao do cordovão. Meu pedido não foi taxativo. Eu não fazia questão dele, mas parece que meu irmão fazia. Prima Mathilda lhe escreveu para dizer que me entregaria a cômoda, e ele me telefonou para dizer que queria ficar com ela — que a queria bem mais do que eu, tanto que nem havia sentido em discutir o assunto. Perguntou se podia me visitar no domingo — moramos a uns oitenta quilômetros de distância um do outro — e eu, obviamente, o convidei.

Não era a casa dele nem o uísque dele dessa vez, mas era o charme dele que estava sendo oferecido a mim, que merecia desfrutá-lo, e, ao reparar que as roseiras que ele tinha dado à minha mulher muitos anos antes ainda estavam no jardim, ele

disse: "*Minhas* roseiras vão bem, pelo jeito". Bebemos no jardim. Era um dia de primavera — um daqueles domingos verdes e dourados que despertam a nossa incredulidade. Tudo estava florindo, se abrindo, desabrochando. Era mais do que se podia enxergar — luzes prismáticas, odores prismáticos, algo que fazia os dentes rangerem de prazer —, mas o mais misterioso e excitante era a sombra, a luz que não se podia definir. Sentamos debaixo de um grande bordo cujas folhas ainda não haviam crescido completamente mas já o bastante para reter a luz, e sua beleza era acachapante, como se não fosse uma só árvore e sim uma entre milhões, um elo numa longa corrente de árvores frondosas que começava na infância.

"E a cômoda?", perguntou Richard.

"O que é que tem? Prima Mathilda escreveu perguntando se eu queria alguma coisa, e essa era a única coisa que eu queria."

"Você nunca deu valor a essas coisas."

"Eu não diria isso."

"Mas é a *minha* cômoda."

"Tudo sempre foi seu, Richard."

"Não briguem", disse minha mulher, e tinha muita razão. Eu havia dito uma besteira.

"Terei prazer em comprar a cômoda de você", disse Richard.

"Não quero o seu dinheiro."

"O que você quer?"

"Quero saber por que deseja tanto assim essa cômoda."

"É difícil dizer, mas desejo ela, e desejo terrivelmente!" Havia uma franqueza e uma emoção atípicas na sua voz. Não parecia ser apenas mais um de seus conhecidos casos de possessividade. "Não tenho certeza do motivo, sinto que ela era o centro da nossa casa, o centro da nossa vida antes da mãe falecer. Se eu tivesse que apontar uma peça sólida de mobília, um objeto, que pudesse me fazer lembrar de como éramos felizes, de como a nossa vida era…"

Eu o entendi (quem não entenderia?), mas suspeitei dos seus motivos. A cômoda era um móvel elegante, e me perguntei se ele não pretendia fazer dela um distintivo, uma espécie de brasão familiar, algo que atestasse a riqueza do seu passado e confirmasse que ele descendia dos mais aristocráticos colonizadores do século XVII. Era fácil imaginá-lo em pé ao lado do móvel, orgulhoso, com um

drinque na mão. *Minha* cômoda. Ela apareceria no fundo do cartão de Natal de sua família, pois era uma dessas peças de marcenaria que nos dão a impressão de reter as feições dos mais nobres antepassados. Seria a peça final no quebra-cabeça de respeitabilidade em que ele havia transformado a sua vida. Tínhamos vivido juntos um passado de altos e baixos, problemático e por vezes doloroso, e Richard emergira desse caos para atingir uma respeitabilidade estonteante e resplandecente, mas talvez a cômoda fosse capaz de incrementar ainda mais essa imagem que ele fazia de si mesmo; talvez a imagem não pudesse estar completa sem ela.

Eu disse que ele podia ficar com a cômoda e seus agradecimentos foram efusivos. Escrevi a Mathilda e Mathilda me escreveu. Ficou de me mandar, a título de consolo, a caixa de costura da vó DeLancey com seu interessante conteúdo — o leque chinês, o cavalo-marinho de Veneza e o convite para o Palácio de Buckingham. Havia um problema na entrega. O prestativo sr. Osborn estava disposto a entregar a cômoda na minha casa, mas não mais longe que isso. Ele a entregaria na quinta-feira, e depois, quando fosse conveniente, eu poderia levá-la até a casa de Richard na minha caminhonete. Liguei para Richard e expliquei o combinado, e ele ficou, como tinha ficado desde o início, nervoso e agitado. Minha caminhonete era espaçosa o suficiente? Ela estava em boas condições? E onde eu armazenaria a cômoda entre quinta e domingo? Eu não deveria guardá-la na garagem.

Quando cheguei em casa na quinta, a cômoda estava lá, e estava na garagem. Richard ligou no meio do jantar para saber se ela havia chegado e se pronunciou de forma reveladora, do fundo de seus sentimentos peculiares.

"Você vai mesmo me dar a cômoda, né?", perguntou.

"Não entendi."

"Não vai *ficar* com ela?"

Fiquei me perguntando o que podia haver por trás disso. Por que razão ele nutria ciúme, além de amor, por um pedaço de madeira? Falei que entregaria a cômoda no domingo, mas ele não confiava em mim. Ele queria pegar seu carro e vir pessoalmente no domingo de manhã, junto com Wilma, sua esposa pequena, e depois retornar comigo.

No sábado, meu filho mais velho me ajudou a carregar a coisa da garagem para o corredor e dei uma boa olhada nela. Prima Mathilda cuidara do móvel com carinho

e o verniz rubro tinha um lustro muito intenso, mas no topo havia um círculo escuro — que brilhava através do polimento como algo visto embaixo d'água —, no local onde, desde que me conheço por gente, havia ficado um velho jarro de prata cheio de flores de macieira, peônias, rosas ou, quando o verão estava chegando ao fim, crisântemos e folhas coloridas. Eu me lembrava do conteúdo das gavetas, que era como um acúmulo dos sedimentos de nossas vidas: as coleiras de cão, fitas das coroas natalinas, bolas de golfe, baralhos, o anjo alemão, o abridor de cartas com que o primo Timothy tinha se espetado, o tinteiro de cristal e as chaves de tantas portas esquecidas. Era uma poderosa recordação.

Richard e Wilma vieram no domingo trazendo uma pilha de cobertores macios para proteger o verniz contra a aspereza de minha caminhonete. Richard e a cômoda se uniram como dois amantes e, considerando todas as possibilidades de magnificência e páthos do amor, achei trágico que ele acabasse se enamorando justamente de um baú com gavetas. Ele deve ter desenterrado as mesmas lembranças que eu ao ver o círculo escuro brilhando através do polimento e ao abrir as gavetas manchadas de tinta. Já vi jardineiros apegados a seus gramados, violinistas a seus instrumentos, apostadores a seus talismãs da sorte e velhas senhoras a seus bordados, e era nesse mesmo domínio emocional, impiedoso como o amor, que Richard estava agora. Acompanhou com ansiedade enquanto eu e meu filho carregávamos a coisa envolta em cobertores até a caminhonete. Era um pouco grande demais. Os pés com garras entalhadas ficavam alguns centímetros para fora do para-choque. Richard retorceu as mãos, mas não havia alternativa. Quando a cômoda estava firme no lugar, partimos. Ele não me pediu que dirigisse com cuidado, mas sei que não parava de pensar nisso.

Quando o acidente ocorreu, eu fui o culpado em tese, mas não na prática. Não vejo como eu podia ter evitado. Estávamos parados numa cabine de pedágio, esperando o troco, quando um conversível cheio de adolescentes bateu na traseira do meu carro e estilhaçou uma das pernas arqueadas da cômoda.

"Ah, seus idiotas desmiolados!", bradou Richard. "Doidos, criminosos inconsequentes!" Ele saiu do carro, agitando as mãos e xingando. O estrago não me pareceu muito grande, mas Richard ficou inconsolável. Com lágrimas nos olhos, ele repreendeu os adolescentes pasmos. A cômoda tinha um valor inestimável. Tinha mais de duzentos anos. Nenhum valor em dinheiro, nenhum seguro poderia

compensar o estrago. Algo de raro e maravilhoso se perdera para sempre. Enquanto ele destilava sua ira, carros foram se enfileirando atrás de nós, buzinas começaram a soar e o cobrador do pedágio nos mandou seguir. "Isto é *sério*", Richard disse a ele. Quando já tínhamos anotado o nome e a carteira de motorista do criminoso que estava dirigindo, fomos em frente, mas Richard continuou terrivelmente abalado. Na sua casa, carregamos carinhosamente a antiguidade danificada até a sala de jantar e a pusemos no chão ainda embrulhada. A essa altura seu choque parecia ter dado lugar a uma centelha de esperança, e, ao vê-lo passar o dedo na perna estilhaçada, dava para notar que ele havia começado a imaginar um futuro em que a perna já estaria consertada. Ele me serviu um drinque sem álcool e ficou falando do seu jardim, se esforçando para agir como todo homem de bons modos às voltas com uma tragédia pessoal, mas dava para sentir que seu coração estava junto à vítima na sala ao lado.

Richard e eu não nos vemos muito e passamos cerca de um mês sem nos encontrarmos, e, quando o encontro veio, foi na forma de um jantar no aeroporto de Boston, onde por acaso esperávamos nossos voos. Era verão — o auge da estação, acho, porque eu estava a caminho de Nantucket. Fazia calor. Escurecia. Havia um cardápio especial aquele dia envolvendo espadas flamejantes. A comida pronta — shish kebab, rim de vitela ou meio frango grelhado — era trazida até uma mesinha lateral e empalada numa pequena espada. Então o garçom colocava algo parecido com algodão na ponta da espada, acendia, e servia a comida num resplendor de chamas e cortesias. Menciono isso não por ter sido cômico ou vulgar, mas porque comovia ver aquela gente boa e modesta de Boston se maravilhando com o espetáculo naquele entardecer de verão. Com as espadas flamejantes passando de um lado para outro, Richard me contou da cômoda.

Que aventura! Que história! Primeiro ele tinha investigado todos os marceneiros da região até encontrar um homem em Westport a quem o conserto da perna poderia ser confiado, mas, quando o marceneiro viu a cômoda, ele também se apaixonou. Quis comprá-la e, com a recusa de Richard, quis conhecer sua história. Uma vez consertada, tiraram uma foto dela e a enviaram a um especialista em mobília do século XVIII. A cômoda famosa, era notório, era a cômoda de Barstow,

construída pelo célebre marceneiro Sturbridge em 1780 e que se supunha perdida num incêndio. Havia pertencido aos Poole (nossa trisavó era uma Poole) e apareceu nos inventários até 1840, quando a casa da família foi destruída, mas o que tinha se perdido era apenas a informação sobre seu paradeiro. O móvel em si havia chegado em segurança até nós. E agora fora reabilitado, como um filho pródigo, pelos mais nobres colecionadores. Um curador do Metropolitan insistira para que Richard emprestasse a cômoda ao museu. Um colecionador lhe oferecera dez mil dólares. Ele estava saboreando a deliciosa experiência de descobrir que algo que adorava e possuía era adorado pela maior parte da humanidade.

Fiquei mordido quando ele mencionou os dez mil dólares — afinal, eu podia ter ficado com aquela coisa —, mas eu não a queria, nunca realmente a quis, e pressenti, no restaurante do aeroporto, que Richard corria algum tipo de perigo. Em seguida nos despedimos e embarcamos em voos para direções opostas. No outono ele me ligou para tratar de algum assunto e mencionou novamente a cômoda. Queria saber se eu lembrava do tapete em cima do qual ela repousava na casa. Eu lembrava. Era um velho tapete turco, multicolorido e repleto de símbolos arcanos. Bem, ele havia encontrado quase o mesmo tapete numa loja de Nova York e agora as garras da cômoda estavam apoiadas nos mesmos símbolos geométricos marrons e amarelos. Dava para ver que ele estava encaixando as peças — estava completando o quebra-cabeça — e, embora não tenha me revelado qual seria o passo seguinte, era fácil imaginar. Ele comprou um jarro de prata, o encheu de folhas e ficou ali sentado, sozinho, num entardecer de outono, bebendo uísque e admirando sua criação.

Estaria chovendo nessa noite que imaginei; nenhum outro som faz Richard viajar de volta no tempo com tanta velocidade. Finalmente, tudo estaria perfeito — o jarro, o polimento das peças grossas de metal, o tapete. Mais que ter sido deslocado para o presente, o baú com gavetas daria a impressão de trazer consigo o passado até a sala de estar. Não era isso que ele queria? Ele ia admirar o círculo escuro no verniz da cômoda e a fragrância das gavetas vazias, e sob a influência de dois líquidos — a chuva e o uísque — veria surgir da escuridão as mãos das pessoas que a haviam tocado, polido, que deixaram copos sobre o seu tampo, arranjaram

flores no seu jarro e socaram quinquilharias em suas gavetas. Veria o lustro acumular as marcas mortiças daqueles dedos, como se com isso elas estivessem se agarrando à vida. Ao recordá-las, ao dar esse passo adiante, ele as evocaria e elas invadiriam a sala num ímpeto — voando — como se tivessem passado todos aqueles anos aguardando, impacientes, seu convite.

A primeira a retornar dos mortos foi a vó DeLancey, toda vestida de preto e recendendo a gengibre. Bonita, inteligente e vitoriosa, ela rompeu com seu passado e a empolgação desse gesto a arrastou com a força de uma onda por todos os dias da sua vida até chegar a nada menos que os portões do paraíso, era o que pensávamos. Sua educação, ela dizia com desdém, havia consistido em aprender a fazer a bainha de um lenço de bolso e a falar um pouco de francês, mas ela deixou para trás um mundo onde era inadequado que uma mocinha expressasse uma opinião para entrar em outro onde podia expressar suas opiniões num palanque, bater na mesa com o punho, andar sozinha no escuro e gritar (como sempre fazia) para os bombeiros quando o caminhão vermelho passava em disparada pela rua. Sua postura era firme e oracular, pois ela viajara para lugares distantes como Cleveland dando palestras sobre os direitos das mulheres. Uma moça tinha o direito de ser qualquer coisa! Médica! Advogada! Engenheira! Tinha o direito, como tia Louisa, de fumar charutos.

Tia Louisa estava fumando um charuto quando chegou voando e se uniu ao grupo. A franja de um xale espanhol se abriu atrás dela no ar e seus brincos de argola balançaram quando ela fez, como sempre, sua entrada triunfante e decidida, passando a mão na cômoda e se instalando na poltrona azul. Ela era uma artista. Tinha estudado em Roma. A crueza, o exibicionismo, a paixão e o desastre a seguiam de perto. Ela abordava todos os grandes temas — o Rapto das Sabinas, o Saque de Roma. Homens e mulheres nus povoavam suas gigantescas telas, mas sempre faltavam traços, as cores eram fracas e até mesmo as nuvens sobre os campos de batalha pareciam desanimadas. Seu fracasso ficou evidente até que fosse tarde demais. Ela despejou suas ambições no filho mais velho, Timothy, que saiu andando do túmulo de ombros caídos, carregando um volume das sonatas de Beethoven, com o rosto coberto por uma sombra de rancor.

Timothy seria um grande pianista. Foi o que ela decidiu. Ele passou por todos os sofrimentos, privações e humilhações típicas dos prodígios. Foi uma vida solitária e

cheia de amargura. Apresentou seu primeiro recital aos sete anos. Tocou com uma orquestra aos doze. Fez uma turnê no ano seguinte. Vestia roupas esquisitas, passava brilhantina nos longos cachos e se matou aos quinze anos. A mãe o pressionara sem misericórdia. E como uma mulher tão passional e dedicada pôde cometer esse erro? Pode ser que tenha desejado sanar ou revidar a sensação de que, por berço ou azar, ela fora privada da venturosa companhia de homens e mulheres satisfeitos com a vida. Pode ter acreditado que a fama poria um fim nisso — que bastaria que ela fosse uma pintora famosa, ou ele um pianista famoso, para que jamais sentissem de novo o gosto da solidão ou fossem vítimas de escárnio.

Richard não poderia ter evitado a chegada do tio Tom nem se quisesse. Não tinha poder nenhum para impedi-lo. Demorou a entender que o fascínio exercido pela cômoda era o fascínio da dor e agora estava comprometido com ela. Tio Tom surgiu com a graça de um velho atleta. Era o tio galanteador. Ninguém havia sido capaz de acompanhar todos os seus casos. Suas garotas mudavam de uma semana para outra — às vezes no meio da semana. Houve dezenas, centenas, pode ser que tenha havido milhares. Veio carregando nos braços o filho caçula, Peter, cujas pernas estavam presas a aparelhos. Peter ficou aleijado pouco antes de nascer, depois que uma briga entre os pais levou tio Tom a empurrar a tia Louisa nas escadas.

Tia Mildred chegou rígida no ar, cobriu os joelhos com a saia azul ao se acomodar e encarou a vó com desconforto. A velhinha havia lhe transmitido a emancipação obtida e era como se ela tivesse herdado uma nação protegida por tratados e acordos, bandeiras e hinos. Mildred sabia que a passividade, o bordado e os serviços domésticos não eram para ela. Reduzir-se à posição de dona de casa satisfeita significava entregar ao tirano os territórios que a mãe tinha conquistado para a eternidade no fio da espada. Sabia muito bem o que não devia fazer, mas nunca conseguiu escolher o que devia fazer. Escreveu peças históricas. Escreveu versos. Trabalhou durante seis anos numa peça sobre Cristóvão Colombo. Seu marido, tio Sidney, empurrava o carrinho de bebê e às vezes passava a vassoura mágica no tapete. Enquanto ele limpava a casa, ela o observava com raiva. Ele tinha usurpado os direitos dela, a sua utilidade. Arranjou um amante e, nos primeiros três ou quatro encontros que tiveram num hotel, ela sentiu que finalmente se encontrara. Essa não era uma das oportunidades que a mãe havia lhe

estendido, mas era melhor que Cristóvão Colombo. O amor furtivo era a contribuição que lhe cabia. O caso foi sórdido e teve um final sórdido, com flagrantes, cartas anônimas e lágrimas doloridas. O amante caiu fora e tio Sidney começou a beber.

Tio Sidney veio cambaleando da cova e sentou no sofá ao lado de Richard, fedendo a bebida. Vivia bêbado desde que desmascarou a safadeza da esposa. Seu rosto estava inchado. A barriga havia ficado tão grande que estourou um botão da camisa. Sua mente e seu olhar estavam turvos. Embriagado, deixou cair um cigarro aceso no sofá e o veludo começou a soltar fumaça. A posição de Richard parecia restrita à mera observação. Ele não conseguia falar nem se mover. Tio Sidney percebeu o fogo e derramou o conteúdo de seu copo de uísque no estofado. O uísque e o sofá se incendiaram. A vó, que estava sentada na velha cadeira Windsor com pinos, se pôs de pé num salto, mas os pinos prenderam sua roupa e rasgaram a parte de trás do vestido. Os cães começaram a latir e Peter, o pequeno aleijado, começou a cantar com sua voz fininha — e obscenamente sarcástica — "Alegria no mundo! O Senhor chegou. Cantem o Céu e a natureza", pois o que Richard tinha reconstruído era uma ceia de Natal.

Em algum momento — talvez quando comprou o jarro de prata — Richard se comprometeu com os horrores do passado, e sua vida, como tantas coisas na natureza, assumiu a forma de um arco. Devia haver alguma felicidade, alguma pureza em seus sentimentos por Wilma, mas, depois de a cômoda ter atingido uma posição de controle na casa, ele pareceu regredir à infância traumática. Fomos jantar lá — deve ter sido no Dia de Ação de Graças. A cômoda estava na sala de jantar, em cima do tapete de símbolos misteriosos, e o jarro de prata estava cheio de crisântemos. Richard se dirigia à esposa e aos filhos com um tom irritado do qual eu já havia me esquecido. Discutia com todo mundo; discutiu inclusive com meus filhos. Por que a vida precisa ser um requintado privilégio para alguns enquanto outros devem pagar por seus assentos na peça um resgate de cóleras, infecções e pesadelos? Fugimos o mais rápido possível.

Quando cheguei em casa, tirei do guarda-louça o enfeite de centro de mesa que havia pertencido a tia Mildred e o esmigalhei com um martelo. Depois joguei no

lixo a caixa de costura da vó, botei fogo e abri um buraco imenso na sua toalha de mesa rendada e enterrei seus utensílios de peltre no jardim. Lá se vão — as moedas romanas, o cavalo-marinho de Veneza e o leque chinês. Devemos prezar acima de tudo nossa compreensão aleatória da morte e o amor retumbante que nos aproxima. Abaixo a coruja empalhada no andar de cima e a estátua de Hermes no pilar da escada! É preciso pôr no prego o colar de rubis, jogar fora o convite do Palácio de Buckingham, pisotear o borrifador de perfume de Murano e os pratos cantoneses. Rejeitar tudo que agride e afronta o nosso intento, no sono ou na vigília. As senhas de passagem serão o desapego e a coragem. Só elas nos levarão além da sentinela armada e da fronteira montanhosa.

"The lowboy"
Trad. Daniel Galera

Miscelânea de personagens que ficarão de fora

1. A garota bonita da partida de rúgbi entre Princeton e Dartmouth. Ela ficava andando de um lado para outro atrás do público enfileirado perto da linha de falta. Parecia não ter namorado e estar desacompanhada, mas pelo jeito era conhecida de todo mundo. Todos a chamavam pelo nome (Florrie) e todos ficavam felizes ao vê-la, e, quando ela parou para conversar com alguns amigos, um homem pôs a palma da mão na curva das suas costas e uma expressão sombria e pensativa cobriu o rosto dele no momento do toque (apesar do clima agradável e da grama verdejante do campo), como se ele tivesse sido dominado por uma nostalgia infinita. Os cabelos tinham um lindo tom dourado escuro e ela deixava um cacho cair por cima dos olhos e espiava através dele. O nariz era um pouco abrupto demais, mas o efeito era sensual e aristocrático; os braços e as pernas eram redondos e bonitos, mas nada femininos, e ela cerrava as pálpebras nos olhos cor de violeta. O jogo estava no primeiro tempo e ninguém havia marcado, e o Dartmouth chutou a bola para fora da lateral. Foi um chute fracassado que foi parar bem nas mãos dela. A bola foi recebida com elegância; ela parecia ter sido escolhida para receber a bola e ficou um instante ali parada, sorrindo, fazendo reverências, sendo observada por todos, antes de arremessá-la de volta com charme e falta de

jeito. Houve aplausos. As atenções foram desviadas novamente para o campo e logo em seguida ela caiu de joelhos e cobriu o rosto com as mãos, reagindo violentamente à emoção. Parecia muito tímida. Alguém abriu uma lata de cerveja e ofereceu a ela, e em seguida ela levantou, voltou a zanzar perto da linha de falta e saiu do meu romance, pois nunca mais a vi.

2. Todos os papéis de Marlon Brando.

3. Todas as descrições depreciativas de paisagens americanas contendo conjuntos habitacionais arruinados, ferros-velhos, rios poluídos, casas térreas desleixadas, campos de minigolfe abandonados, desertos de cinzas, tapumes horrendos, torres de petróleo feiosas, olmos doentes, fazendas destruídas pela erosão, postos de gasolina espalhafatosos e extravagantes, motéis insalubres, salões de chá iluminados por velas e riachos pavimentados de latas de cerveja, pois essas coisas não são, ainda que possam parecer, as ruínas da nossa civilização, e sim acampamentos e postos temporários da civilização que nós — eu e você — construiremos um dia.

4. Todas as cenas deste tipo: "Clarissa entrou no quarto e _____". Tirem da minha frente essa e todas as outras descrições explícitas de relações sexuais, pois quem poderia descrever a experiência mais elevada da nossa existência física como se estivesse descrevendo — macaco, chave, calota, parafusos — a troca de um pneu furado?

5. Todos os beberrões. Por exemplo: A cortina sobe na sala de copidesque de uma agência de publicidade da Madison Avenue onde X, nosso protagonista, está trabalhando nos planos de exploração comercial de uma nova marca de uísque de centeio. Na mesa de desenho ao lado da escrivaninha de cerejeira há uma pilha de sugestões do departamento de arte. Foram sugeridos, para o rótulo, insígnias e brasões monárquicos e baroniais. Para os anúncios, a proposta é uma cena da vida rural em que membros da extinta aristocracia algodoeira bebem uísque numa esplêndida varanda. X não fica satisfeito com isso e examina em seguida uma aquarela da América dos pioneiros. O córrego que corta a floresta é fresco, gelado e melodioso. As vozes do riacho falam ao silêncio melancólico de uma natureza perdida, e o que é aquilo riscando a borda do céu azul? Parece que é mesmo o voo de um pombo-correio. Em primeiro plano, em cima de uma pedra, um jovem forte e magro, vestindo roupas de couro rústicas e usando um chapéu de guaxinim, bebe uísque de centeio num jarro de pedra. Essa opção acaba deprimindo X e ele passa à

proposta seguinte, baseada no conceito de que o uísque de centeio serve para entreter convidados; você convida à sua casa uma celebridade literária decadente, uma atriz desempregada, a sobrinha-neta de um presidente dos Estados Unidos, um chato qualquer que foi destruído pela vida e um crítico literário ferino e rabugento. Todos se agrupam ao redor de uma enorme garrafa de uísque de centeio. Essa cena deixa X enojado e ele procede à última, onde vê um jovem e belo casal vestido para a noite numa muralha medieval ao crepúsculo (aquelas luzes e torres à distância parecem ser Siena), brindando com o uísque que não pesa muito no seu bolso ao que só pode ser uma conquista hábil e demorada.

X não fica satisfeito. Sai da mesa de desenho e se aproxima da escrivaninha. É um homem magro de idade indefinível, embora as marcas do tempo tenham atacado ao redor dos olhos e na nuca. Esta última ficou toda manchada e riscada, como um mapa geodésico desalinhado. Há um corte fundo como uma cicatriz de sabre percorrendo seu pescoço na diagonal da esquerda para a direita, com galhos e afluentes tão fundos e numerosos que o efeito é desanimador. Mas é nos olhos que a repercussão do tempo é mais perceptível. Aqui vemos que as forças da euforia e do sofrimento, dos desejos e das aspirações imprimiram, como a ação de duas marés numa faixa de areia, uma paisagem de rugas na pele escura e empapuçada. Pode ser que ele tenha cansado os olhos de tanto admirar Vega pelo telescópio ou ler Keats a meia-luz, mas seu olhar parece derrotado e impuro. Esses detalhes dariam a entender que ele é um homem já de certa idade, mas de repente ele abaixa o ombro com enorme destreza e projeta o punho da camisa de seda como se tivesse apenas dezoito anos — dezenove no máximo. Ele espia o relógio-calendário italiano. São dez da manhã. Seu escritório é à prova de som e está sobrenaturalmente quieto. A voz da cidade chega débil à janela do alto. Ele pousa o olhar na valise escurecida por chuvas da Inglaterra, França, Itália e Espanha. Sente as pontadas de uma melancolia trucidante que faz as paredes pintadas do escritório (amarelo-claro e azul-claro) parecerem falsificações de papel erguidas para esconder os vulcões e enchentes que dão termo à sua miséria. Tem a impressão de estar cada vez mais próximo do instante da morte, do instante da concepção, de um ponto crucial do tempo. Cabeça, ombros e mãos começam a tremer. Ele abre a valise, tira uma garrafa de uísque de centeio, se põe de joelhos e bebe todo o seu conteúdo com sofreguidão.

Ele está nas últimas, é claro, e vamos nos dar ao trabalho de ver só mais uma cena. Depois de ter sido demitido da empresa em que o vimos há pouco, ele recebe uma oferta de emprego em Cleveland, onde os rumores a respeito do seu problema aparentemente ainda não chegaram. Ele foi a Cleveland acertar os últimos detalhes e alugar uma casa para a família. Agora a família está na estação de trem, esperando-o chegar com boas notícias. A bela esposa, os três filhos e os dois cachorros vieram todos dar as boas-vindas ao papai. É noitinha no subúrbio em que moram. Essa família já foi submetida, a essa altura, a mais contratempos do que merecia, mas, quando viram escapar recentemente as promessas e recompensas típicas de seu estilo de vida — o carro novo, a bicicleta nova —, eles descobriram a existência de um afeto melancólico porém firme que não tem nada a ver com bens materiais. Vislumbraram no amor atormentado que sentem pelo papai a motivação de um destino. O trem local chega chacoalhando. Uma rajada suave de faíscas douradas sai da caixa de freio à medida que o trem reduz a velocidade e para. Com a intensidade de sua expectativa, eles se sentem quase incorpóreos. Sete homens e duas mulheres desembarcam, mas cadê o papai? É preciso o auxílio de dois condutores para carregá-lo na escada. Ele perdeu o chapéu, a gravata e o sobretudo, e alguém deixou um roxo no seu olho direito. A valise continua debaixo do braço. Ninguém diz nada, ninguém chora quando ele é colocado no carro e tirado de cena, e ele já não é da nossa jurisdição nem da nossa conta. Lá se vão eles, homens e mulheres, os beberrões; a luz que lançam sobre o modo como vivemos é muito pouca.

6. E, aproveitando o ensejo, vamos retirar daqui os homossexuais que assumiram uma posição tão dominante na ficção recente. Já não está na hora de aceitarmos a indiscriminação e a inconstância da carne e seguirmos em frente? A cena agora é em Hewitt's Beach, na tarde do Quatro de Julho. A sra. Ditmar, esposa do governador, e seu filho Randall carregaram as provisões de piquenique pela praia até uma enseada deserta, embora a bandeira americana da sede do clube ainda possa ser vista tremulando detrás das dunas. O garoto tem dezesseis anos e uma boa constituição, possui a pele dourada e refinada da juventude e é tão lindo aos olhos da mãe solitária que ela o admira com apreensão. Nos últimos dez anos o marido, o governador, a renegou em troca da bela e inteligente secretária executiva. A sra. Ditmar suportou com a acomodabilidade extraordinária da

natureza humana uma carga quase diária de humilhações. É claro que ela ama o filho. Não vê traço do marido na aparência dele. Acha que ele possui as melhores qualidades da família *dela*, e ela tem idade suficiente para pensar que coisas como um pé fino ou cabelos lisos são marcas hereditárias, como de fato podem ser. Os ombros do filho são quadrados. Seu corpo é compacto. Quando ele arremessa uma pedra no mar, não é a força do arremesso que chama a atenção da mãe, e sim a elegância graciosa do braço completando o movimento circular depois que a mão esquerda soltou a pedra — como se todos os seus gestos fossem encadeados. Como toda amante, ela é imoderada e não quer que essa tarde ao lado dele chegue ao fim. Não ousa desejar a eternidade, mas deseja que o dia tenha mais horas do que pode ter. Tateia suas pérolas com as mãos envelhecidas, admira seus tons oceânicos e imagina como elas ficariam em contraste com a pele dourada do filho.

Ele está meio entediado. Preferia estar na companhia de homens e garotas da sua idade, mas a mãe sempre o apoiou e defendeu, portanto a companhia traz uma certa segurança. Ela foi uma protetora leal e fora de série. Tem o poder de intimidar e de fato intimidou o diretor e a maioria dos professores do colégio. Vê, em alto-mar, as velas da frota de competição e deseja por um instante estar ao lado deles, mas ele recusou um convite de tripulante e não tem confiança suficiente para ser capitão, de modo que, num certo sentido, acabou optando por estar sozinho na praia ao lado da mãe. É tímido com relação a esportes competitivos e a todo o jogo de aparências da sociedade organizada, como se ela guardasse uma força oculta capaz de despedaçá-lo; mas por que isso? Será que ele é um covarde, e será que isso existe? Será que se nasce covarde, assim como se nasce com a pele clara ou escura? Será que a supervisão da mãe é excessiva; que ela se esforçou tanto em protegê-lo que ele ficou vulnerável e mórbido? Mas, levando em conta seu íntimo conhecimento da infelicidade dela, como poderia abandoná-la antes que ela encontrasse outros amigos?

Sofre ao pensar no pai. Tentou conhecer e amar o pai, mas todos os planos deram em nada. A viagem de pesca foi cancelada pela visita inesperada do governador de Massachusetts. No estádio, um mensageiro trouxe um bilhete informando que o pai não poderia comparecer. Quando despencou da pereira e quebrou o braço, o pai sem dúvida o teria visitado no hospital, caso não estivesse em Washington. Aprendeu a pescar com mosca imaginando que os arremessos de

linha poderiam abrir terreno na afeição e na estima do pai, só que o pai nunca teve tempo para admirá-lo. Tem noção do alcance da sua própria decepção. Essa emoção o envolve como uma massa de energia, mas uma energia sem rodas para serem guiadas, sem pedras para serem movidas. Esses pensamentos tristes podem ser detectados na sua postura. Os ombros se curvam. Ele tem uma aparência infantil e desamparada e a mãe o chama para perto de si.

Ele senta na areia em frente aos pés dela e ela corre os dedos em seus cabelos finos. E então ela faz uma coisa horrorosa. Dá vontade de desviar os olhos, mas não antes de ver a mãe tirar o colar de pérolas e prendê-lo no pescoço dourado do filho. "Olha como elas brilham", ela diz, consumando um enlace tão irrevogável quanto a algema na canela do prisioneiro.

Podem ir embora; podem ir; pois, assim como Clarissa e o beberrão, a luz que lançam não é muita.

7. Para encerrar — quer dizer, para encerrar por hoje (preciso ir ao dentista e depois cortar o cabelo), gostaria de examinar a carreira do meu velho e lacônico amigo Royden Blake. Podemos, para fins de conveniência, dividir a obra dele em quatro períodos. Primeiro vieram as anedotas morais cáusticas — ele deve ter escrito uma centena — que provavam que a maioria de nossos atos são pecaminosos. Sobreveio, como todos devem lembrar, quase uma década inteira de esnobismo, durante a qual ele jamais escreveu sobre personagens que ganhassem menos de sessenta e cinco mil dólares por ano. Memorizou os nomes do corpo docente da Groton e dos garçons do '21'. Todos os seus personagens eram servidos impecavelmente por criados devotos, mas, quando ia jantar na casa dele, você percebia que as cadeiras estavam amarradas com fios de náilon, comia ovos fritos num prato rachado, as maçanetas saíam na sua mão e, se quisesse puxar a descarga, você precisava tirar a tampa do reservatório de água, arregaçar a manga e mergulhar a mão fundo na água gelada e ferruginosa para manipular as válvulas. Quando ele cansou do esnobismo, cometeu o erro que mencionei no item 4 e inaugurou o período romântico, durante o qual escreveu "O colar de Malvio d'Alfi" (com aquela cena memorável do parto no passo da montanha), "O naufrágio do S.S. *Lorelei*", "O rei dos troianos" e "O espartilho perdido de Vênus", para citar apenas alguns. Ficou bem doente nessa época e sua incompetência só parecia aumentar. Seu trabalho era caracterizado por tudo que já mencionei. Em suas

páginas encontrávamos alcoólatras, descrições depreciativas da paisagem americana e papéis adiposos para Marlon Brando. Podemos dizer que ele perdeu o dom de evocar os perfumes da vida: a água do mar, a fumaça de um pinheiro queimando e os seios de uma mulher. Tinha danificado, por assim dizer, a câmara mais interna do ouvido, lá onde escutamos o som pesado da cauda do dragão se arrastando nas folhas mortas. Jamais gostei dele, mas ele era um colega de profissão e um companheiro de copo, e, quando recebi a notícia, em meu lar em Kitzbühel, de que ele estava morrendo, fui de carro até Innsbruck e peguei o expresso para Veneza, onde ele vivia na época. Foi no final do outono. Frio e luminoso. Os palácios com as fachadas cobertas por tábuas no Grande Canal — desolados, rebuscados e ornamentados — lembravam os rostos emaciados daquele gênero da nobreza que dá as caras nos casamentos da realeza em Hesse. Ele estava morando numa *pensione* num canal secundário. A maré estava alta, a sala de recepção tinha inundado e só consegui alcançar a escada pisando numa passarela de pranchas improvisadas. Trouxe uma garrafa de gim turinês e um pacote de cigarros austríacos, mas vi que ele estava mal demais para isso tão logo sentei numa cadeira pintada (quebrada) que estava ao lado da cama. "Estou trabalhando", ele exclamou. "Estou trabalhando. Posso ver tudo. Me escute!"

"Sim", falei.

"Começa assim", ele disse, alterando o volume da voz para corresponder, presumo, à gravidade da sua narrativa. "O Transalpini para em Kirchbach à meia-noite", disse, olhando na minha direção para se certificar de que eu tinha absorvido todo o impacto desse fato poético.

"Sim", falei.

"Nesse ponto os passageiros que vão para Viena seguem em frente", ele disse sonoramente, "e os que vão a Pádua precisam aguardar uma hora. A estação permanece aberta e aquecida para atendê-los, e há um bar onde se pode comprar café e vinho. Numa noite nevada de março, três estrangeiros nesse bar entabularam conversa. O primeiro era um homem alto e calvo, vestindo um casaco de listras negras que ia até os tornozelos. A segunda era uma linda mulher americana que estava indo a Isvia para comparecer ao enterro de seu filho único, que havia morrido num acidente de escalada. A terceira era uma italiana corpulenta e de cabelos brancos, vestindo um xale preto, que foi tratada com grande reverência

pelo garçom. Ele curvou o tronco ao servir seu copo de vinho barato e a tratou por 'Vossa Majestade'. Alertas de avalanche tinham sido emitidos horas antes…" E então ele deitou a cabeça de volta no travesseiro e morreu — na verdade, essas foram suas últimas palavras, as mesmas últimas palavras de muitas gerações de narradores, pensei, pois de que forma essa estação montanhosa forjada, com sua neve e seu trio de viajantes, poderia pretender celebrar um mundo que se espalha ao nosso redor como um sonho estupendo e desconcertante?

"A miscellany of characters that will not appear"
Trad. Daniel Galera

O general de brigada e a viúva do golfe

Não quero ser um desses escritores que começam a manhã bradando: "Ó Gogol, Ó Tchekhov, Ó Thackeray e Dickens, o que vocês teriam feito com um abrigo antibombas enfeitado com quatro patinhos de gesso, uma banheira para passarinhos e três anões de jardim de barba comprida e gorro vermelho?". Digo que não gostaria de começar meu dia assim, mas com frequência me pergunto o que os mortos teriam feito. O abrigo, porém, pertence à paisagem que me cerca tanto quanto as faias e os castanheiros-da-índia que crescem nas montanhas. Posso vê-lo da janela de onde escrevo. Foi construído pelos Pastern e está no acre de terra adjacente ao nosso terreno. Avoluma-se sob um véu de grama fina e recente como se fosse um embaraçoso sintoma físico, e acho que a sra. Pastern colocou as estátuas para amenizar seu significado. Teria sido do feitio dela. A sra. Pastern era uma mulher opaca. Sentada na varanda, sentada na sala de visitas, sentada em qualquer lugar, vivia botando para fora as garras da autoestima. Você lhe oferecia uma xícara de chá e ela dizia: "Nossa, essas xícaras são bem parecidas com um jogo que doei ao Exército da Salvação ano passado". Você lhe mostrava a piscina nova e ela dizia: "Então é aqui que fica a sua criação de mosquitos gigantes". Você lhe

oferecia uma cadeira para sentar e ela dizia: "Puxa, é uma bela imitação daquelas cadeiras Queen Anne que herdei da vó Delancy". Essas bravatas davam mais pena do que qualquer outra coisa e pareciam informar que as noites eram longas, que seus filhos eram ingratos e que seu casamento era de uma banalidade entorpecente. Vinte anos antes, ela teria sido rotulada como uma viúva do golfe e seu comportamento podia ser descrito, em resumo, como o de uma mulher que perdeu o marido. Costumava usar trajes de luto e um desconhecido que a visse embarcar no trem poderia pensar que o sr. Pastern havia falecido, mas o sr. Pastern estava tudo menos morto. Andava de um lado para outro no vestiário do clube de golfe Grassy Brae gritando: "Bomba pra cima de Cuba! Bomba pra cima de Berlim! Temos que despejar um pouco de armamento nuclear em cima deles e mostrar quem é que manda". Era o general de brigada da infantaria leve do vestiário do clube, e até o momento já tinha declarado guerra à Rússia, à Tchecoslováquia, à Iugoslávia e à China.

Tudo começou numa tarde de outono — e quem, passados tantos séculos, é capaz de descrever o esplendor de um dia de outono? Podemos fingir nunca ter visto um dia como aquele, ou, com mais efeito, que jamais haverá outro dia igual. O sol passava vasculhando os gramados, fazendo pensar que as luzes do ano tinham atingido seu auge. Havia folhas queimando em algum lugar e a fumaça, apesar da acidez amoníaca, recendia a recomeços. O ilimitado ar azul se esticava cobrindo o zênite como a pele de um tambor. Ao sair de casa num fim de tarde, a sra. Pastern parou para admirar a luz de outubro. Era dia de coletar doações contra a hepatite infecciosa. A sra. Pastern tinha recebido uma lista com dezesseis nomes, um pacote de livros sobre o assunto e um talão de recibos. Seu trabalho era ir de vizinho em vizinho recolhendo cheques. Sua casa estava construída numa elevação do terreno e, antes de entrar no carro, ela deu uma olhada nas casas mais abaixo. A caridade, de acordo com sua experiência, era complexa e recíproca, e quase todos os telhados que enxergava eram sinônimo de caridade. A sra. Balcolm batalhava pelo cérebro. A sra. Ten Eyke lidava com saúde mental. A sra. Trenchard se dedicava aos cegos. A sra. Horowitz se encarregava das doenças do nariz e da garganta. A sra. Trempler era tuberculose, a sra. Surcliffe era paralisia infantil, a sra. Craven era câncer e a sra. Gilkson cuidava dos rins. A sra. Hewlitt liderava a liga do controle de natalidade, a sra. Ryerson era artrite, e bem ao longe se avistava o telhado de ardósia da casa de

Ethel Littleton, um telhado que significava gota.

A sra. Pastern executou a tarefa de ir de casa em casa com a resignação alheada de um trabalhador comum. Era o seu destino; era a sua vida. Sua mãe havia feito o mesmo antes dela, e até sua velha avó tinha coletado dinheiro para combater a varíola e ajudar as mães solteiras. A sra. Pastern tinha telefonado antecipadamente para todos os vizinhos, e a maior parte deles estava preparada para recebê-la. Ela não vivia o suspense de um pobre desconhecido vendedor de enciclopédias. Aqui e ali, parava para fazer uma visitinha e beber um copo de xerez. As contribuições vinham superando as que recolhera no ano anterior e, embora o dinheiro obviamente não lhe pertencesse, era excitante encher o envelope de cheques gordos. Fez uma parada na casa dos Surcliffe depois que o sol se pôs e bebeu um Scotch com soda. Ficou até muito tarde e já estava escuro quando ela saiu. Era hora de voltar para casa e preparar o jantar para o marido. "Consegui cento e sessenta dólares para o fundo contra a hepatite", disse, animada, quando ele entrou em casa. "Falei com todos da lista, menos os Blevin e os Flannagan. Queria entregar o meu envelope amanhã cedo — se importa de falar com eles enquanto termino o jantar?"

"Mas eu não conheço os Flannagan", disse Charlie Pastern.

"Ninguém conhece, mas eles doaram dez ano passado."

Ele estava cansado, tinha as preocupações do trabalho, e a visão da esposa dispondo costeletas de porco sobre a grelha parecia somente a continuação de um dia aborrecido. Não se importou nem um pouco de pegar o conversível e subir o morro pisando fundo até a casa dos Blevin, torcendo para ser recebido com um drinque. Mas os Blevin tinham ido viajar; a empregada entregou um envelope contendo um cheque e fechou a porta. Ao entrar no acesso da casa dos Flannagan, ele tentou lembrar se já os vira alguma vez. O nome o encorajava, pois ele sempre achou que sabia bem como *lidar* com os irlandeses. Havia um painel de vidro na porta da frente, e através dele enxergou um corredor de entrada onde uma mulher roliça e ruiva estava arrumando flores em vasos.

"Hepatite infecciosa", ele gritou com entusiasmo.

Ela deu uma boa ajeitada em si mesma no espelho antes de se virar e caminhar em direção à porta com passinhos bem curtos. "Oh, entre, por favor", disse. Sua voz de menina era quase um sussurro. Não era uma menina, reparou. Seus cabelos eram tingidos, seu viço estava murchando e ela devia estar beirando os quarenta,

mas dava a impressão de ser uma dessas mulheres que conservam a atitude e a graça de uma garotinha de oito anos. "Sua mulher acaba de ligar", ela disse, separando uma palavra da outra exatamente como faria uma criança. "E não sei se tenho grana — *dinheiro*, quer dizer —, mas, se esperar um instante, posso preencher um cheque, se encontrar o meu talão. Por que não vem até a sala, que é mais aconchegante?"

Percebeu que a lareira tinha sido acesa havia pouco e que os utensílios para servir bebidas estavam à disposição, e sua reação a esses préstimos, como a de todo sacana, foi instantânea. Por onde andava o *sr.* Flannagan?, perguntou-se. Voltando para casa num trem noturno? Trocando de roupa no andar de cima? Tomando banho? No canto da sala havia uma escrivaninha coberta de papéis e ela começou a revirá-los, emitindo suspiros e gemidos de exasperação infantil. "Lamento muito fazê-lo esperar", ela disse, "mas que tal servir algo para beber enquanto espera? Deixei tudo na mesa."

"Em que trem chega o sr. Flannagan?"

"O sr. Flannagan foi viajar", ela disse. Baixou o volume da voz. "O sr. Flannagan está viajando faz seis semanas…"

"Vou beber algo, então, caso você me acompanhe."

"Só se prometer que vai me servir um bem fraquinho."

"Sente aqui", ele disse, "beba seu drinque com calma e procure esse talão de cheques mais tarde. A única maneira de encontrar as coisas é relaxando."

No total, tomaram seis drinques. Ela falou de si mesma e de suas circunstâncias sem hesitar. O sr. Flannagan fabricava abaixadores de língua feitos de plástico. Viajava ao redor do mundo. Ela não gostava de viajar. Aviões a deixavam enjoada, e em Tóquio, para onde haviam ido no verão passado, tinham lhe servido peixe cru no café da manhã, o que a fez voltar imediatamente para casa. Ela e o marido tinham vivido antes em Nova York, onde ela possuía muitos amigos, mas o sr. Flannagan achava que o interior ia ser mais seguro em caso de guerra. Ela preferia viver em perigo a morrer de solidão e tédio. Não tinha filhos; não fizera amizades. "Mas já te vi antes", ela disse com tremendo pudor, dando um tapinha em seu joelho. "Te vi passeando com os cachorros no domingo e dirigindo o conversível aqui perto…"

A ideia daquela mulher solitária vendo o dia passar pela janela o comoveu,

embora seu corpo roliço o comovesse mais ainda. A gordura em si, sabia ele, não é parte vital do corpo e não tem função procriadora. É apenas um forro de excesso para o resto da carcaça. E, sabendo daquela sua posição humilde na escala das coisas, por que será que ele, a essa altura da vida, parecia quase disposto a vender a alma por uma gordinha? Os comentários que ela fazia a respeito dos sofrimentos de uma mulher solitária pareciam tão genéricos no início que ele não se apressou em tirar uma conclusão com base neles, mas depois do sexto drinque ele a envolveu com o braço e sugeriu que subissem ao quarto para ver se o talão de cheques não estava lá.

"Nunca fiz isso antes", ela disse mais tarde, quando ele estava se arrumando para ir embora. A voz dela veio carregada de sentimento e ele achou isso bonito. Não duvidou da honestidade dela, embora tivesse ouvido essas palavras uma centena de vezes. "Nunca fiz isso antes", diziam ao escorregar o vestido pelos ombros alvos. "Nunca fiz isso antes", diziam esperando o elevador no corredor do hotel. "Nunca fiz isso antes", diziam ao servir mais uma dose de uísque. "Nunca fiz isso antes", diziam vestindo a meia-calça. Em navios em alto-mar, nos trens de viagem, nos hotéis de verão com vista para a montanha, elas sempre diziam: "Nunca fiz isso antes".

"Por onde andou?", perguntou a sra. Pastern, triste, quando ele entrou em casa. "Já passa das onze."

"Tomei um drinque com os Flannagan."

"Ela me disse que ele estava na Alemanha."

"Ele voltou antes pra casa sem avisar."

Charlie jantou na cozinha e foi para a sala da TV assistir ao noticiário. "Bomba pra cima deles!", gritou. "Despejem um pouco de armamento nuclear em cima deles! Mostrem quem é que manda!" Na cama, porém, teve dificuldade em pegar no sono. Primeiro pensou no filho e na filha, que estavam morando na universidade. Ele os amava. Era o único significado da palavra que já tinha feito sentido para ele. Depois jogou nove buracos imaginários de golfe, escolhendo em detalhes o handicap, os tacos, a postura, os adversários e o clima, mas o verde dos campos parecia desbotado à luz de seus problemas financeiros. Seu capital estava

atrelado a um hotel em Nassau, a uma fábrica de cerâmicas em Ohio e a um detergente para lavar janelas, e a sorte andava agindo contra ele. Suas preocupações o forçaram a levantar da cama e ele acendeu um cigarro e se aproximou da janela. Viu as árvores desfolhadas sob a luz das estrelas. Durante o verão, havia tentado recuperar algumas de suas perdas nas corridas de cavalos, e os galhos expostos lembravam os bilhetes de aposta que ainda deviam estar caídos, como folhas, nas sarjetas dos arredores de Belmont e Saratoga. Bordos e freixos, faias e olmos, cem dólares no Três pra vencedor no quarto páreo, cinquenta no Seis pra vencedor no terceiro, cem no Dois pra vencedor no oitavo. As crianças indo para a escola pisoteariam aquilo que, de certa forma, era a sua folhagem. Por fim, de volta à cama, ele pensou desavergonhadamente na sra. Flannagan, planejando onde seria o próximo encontro e o que iriam fazer. Se as opções que temos para realmente esquecer um pouco da vida são tão poucas, ele pensou, por que abrir mão do remédio mesmo quando o remédio parecia ser, como naquele caso, de qualidade um pouco menor?

Toda nova conquista surtia um efeito maravilhoso em Charlie. Da noite para o dia ele se tornava generoso, compreensivo, inesgotavelmente bem-humorado, relaxado, gentil com gatos, cães e estranhos, expansivo e altruísta. Havia, é claro, a figura repreensiva da sra. Pastern à sua espera todas as noites, mas ele achava que a tinha servido muito bem durante vinte e cinco anos e, se ele a tocasse com carinho hoje em dia, ela provavelmente diria: "Ui. Foi bem aí que me machuquei no jardim". Nas noites que passavam juntos, tinha a impressão de que ela optava por salientar os ângulos mais cortantes da sua personalidade; ela mostrava as garras. "Sabe", ela dizia, "Mary Quested trapaceia no baralho." Os comentários esbarravam nele. Se eram manifestações indiretas de desapontamento, era um desapontamento que já não o comovia.

Encontrou a sra. Flannagan para o almoço na cidade e passaram a tarde juntos. Quando saíram do hotel, a sra. Flannagan parou diante de uma vitrine de perfumes. Disse que gostava de perfumes, mexeu os ombros e o chamou de "Danadinho". Levando em conta seu jeito de menina e sua autoproclamada fidelidade, ele achou que havia um teor nítido de prática naquele pedido, mas mesmo assim acabou

comprando um frasco de perfume para ela. Na segunda vez que se encontraram, ela ficou admirando um penhoar na vitrine de uma loja e ele o comprou. No terceiro encontro, ela ganhou uma sombrinha de seda. Enquanto a aguardava no restaurante para o quarto encontro, ele torceu para que ela não pedisse nenhuma joia, porque suas reservas de dinheiro andavam escassas. Ela prometera encontrá-lo à uma, e por ora ele se deleitava com sua situação e com os cheiros dos molhos, do gim e dos carpetes vermelhos. Ela sempre se atrasava, e à uma e meia ele pediu um segundo drinque. Às quinze para as duas, flagrou seu garçom sussurrando algo para outro garçom — sussurrando, rindo e apontando com a cabeça na direção de Charlie. Foi o primeiro indício da possibilidade de que ela tivesse dado o cano nele. Mas quem era ela — quem ela pensava que era para submetê-lo àquilo? Ela não passava de uma dona de casa solitária; não era nada além disso. Às duas, pediu seu almoço. Estava arrasado. Nos últimos anos, sua vida emocional não tinha passado de uma série de encontros de uma noite só, não raro desprezíveis, mas sem eles sua vida ficaria intolerável.

Há algo de universal em levar o cano num restaurante urbano entre uma e duas da tarde — uma terra de ninguém espiritual cujas árvores derrubadas, trincheiras e casamatas todos nós compartilhamos, desarmados pela credulidade de nossos corações. O garçom sabia, e o riso e as conversas agradáveis nas mesas ao redor de Charlie intensificavam seus sentimentos. Ele parecia ter sido alçado contra a vontade às alturas da decepção como alguém sentado no topo de um mastro, e seu isolamento ia crescendo e crescendo no salão lotado. Então ele se deparou com a própria imagem dilatada num espelho, os cabelos grisalhos presos à careca como os destroços de uma paisagem romântica, seu corpo volumoso semelhante em formato ao de um Papai Noel de quartel de bombeiros, a pança parecendo aumentada por uma ou duas almofadas de sofá de segunda categoria. Afastou a mesa e partiu em direção ao telefone público no corredor.

"Há algo de errado com o seu almoço, monsieur?", perguntou o garçom.

Ela atendeu o telefone e disse na sua voz mais infantil: "Não podemos continuar com isso. Pensei muito sobre o assunto e não podemos continuar. Não é que eu não queira, porque você é um homem muito viril, mas minha consciência não me permite".

"Posso passar aí hoje à noite para conversarmos a respeito?"

"Bem…", ela disse.

"Irei direto da estação."

"Pode me fazer um favor?"

"Qual?"

"Direi qual quando nos virmos hoje à noite. Mas, por favor, estacione o carro atrás da casa e entre pela porta dos fundos. Não quero dar assunto a essas velhas fofoqueiras daqui. Você precisa lembrar que nunca fiz isso antes."

É claro que ela estava certa, ele pensou. Tinha uma autoestima a preservar. O orgulho dela era tão infantil, tão elevado! Às vezes, passando de carro por dentro de uma cidade industrial de New Hampshire no fim do dia, ele pensou, você avista em alguma viela ou entrada de terreno do lado do rio uma criança vestindo uma toalha de mesa, sentada num banquinho quebrado, brandindo o cetro sobre um reino de ervas daninhas, cinzas e um punhado de galinhas magricelas. O que nos comove é a pureza e a ironia de seu orgulho; e era isso que ele sentia pela sra. Flannagan.

Ela o recebeu na porta dos fundos aquela noite, mas na sala de estar a cena era idêntica. A lareira estava acesa e ela preparou um drinque, e em sua companhia ele tinha a sensação de ter se livrado de uma mochila que estava pesando nos ombros. Mas ela estava evasiva, aceitando seus braços e fugindo deles, provocando-o para logo em seguida saltitar até o outro lado da sala e se olhar no espelho. "Quero o meu favor primeiro", ela disse.

"O que é?"

"Adivinha."

"Não posso te dar dinheiro. Não sou rico, sabia?"

"Oh, eu nunca pensaria em pedir dinheiro." Ficou indignada.

"O que é, então?"

"Uma coisa que você está usando."

"Mas o meu relógio não vale nada, e minhas abotoaduras são de metal comum."

"Outra coisa."

"Mas o quê?"

"Só vou dizer se você prometer me dar."

Ele a afastou de si, consciente de que ela não teria dificuldade em fazê-lo de

bobo. "Não posso fazer uma promessa sem saber o que você quer."

"É uma coisa bem pequena."

"Pequena como?"

"Pequenina. Coisinha de nada."

"Por favor, me diga o que é." Ele a tomou nos braços, e era nesses momentos que se sentia mais à vontade: solene, viril, sábio e imperturbável.

"Não vou dizer, a não ser que me prometa."

"Mas não posso prometer."

"Então vá embora", ela disse. "Vá embora e não volte nunca mais, nunca mais."

Ela era infantil demais para dar ênfase suficiente a essa ordem, mas de qualquer maneira o esforço não foi em vão. Como ele poderia voltar para a sua casa vazia, ocupada apenas por uma esposa que estava sempre mostrando as garras? Como poderia ir para casa esperar que o tempo e o acaso lhe concedessem outra amiga?

"Me diga, por favor."

"Prometa."

"Eu prometo."

"Eu quero", ela disse, "uma chave do seu abrigo antibombas."

A exigência o atingiu como um golpe de marreta, e de repente ele sentiu por todo o corpo o peso enorme da decepção. Todas as especulações generosas que tinha feito a respeito dela — uma garota de uma cidadezinha industrial reinando sobre suas galinhas — se voltaram amargamente contra ele. Ela devia ter isso em mente desde o começo, quando acendeu o fogo pela primeira vez, perdeu o talão de cheques e lhe ofereceu um drinque. A exigência corroeu seu desejo, mas foi só por um instante, pois em seguida ela estava de volta a seus braços, caminhando com os dedos por suas costelas, dizendo: "Que malvado esse ratinho, na casa de Charlie fez seu ninho". Seu ardor por ela era paralisante; era como uma pancada cruel atrás dos joelhos. Em algum recôndito de sua cabeça dura, contudo, ele enxergava a tolice e a obsolescência de seu corpo sôfrego. Mas como reformar os ossos e músculos para se adaptarem a esse novo mundo; como instruir a carne sinuosa e voraz em política, geografia, holocaustos e cataclismos? O busto dela era redondo, perfumado e macio, e ele tirou a chave do aro — uma pecinha de metal de quatro centímetros, aquecida pelo calor das suas mãos, um genuíno talismã da salvação, uma defesa contra o fim do mundo — e largou-a dentro do decote do

vestido.

O abrigo antibombas dos Pastern havia ficado pronto naquela primavera. Se fosse possível, o teriam mantido em segredo; teriam pelo menos abafado sua existência; mas os caminhões e tratores entrando e saindo de sua propriedade tinham chamado a atenção de todos. Custara trinta e dois mil dólares e estava equipado com dois banheiros químicos, um estoque de oxigênio e uma biblioteca, compilada por um professor da Columbia, constituída de livros que visavam inspirar esperança, bom humor e tranquilidade. Havia depósitos de mantimentos para três meses de sobrevivência e várias caixas de destilados com elevado teor alcoólico. A sra. Pastern tinha comprado os patinhos de gesso, a banheira para passarinhos e os anões de jardim numa tentativa de conferir um aspecto inocente ao calombo; de torná-lo aceitável — pelo menos a seus olhos. Pois, ao vê-lo se avolumando daquela forma num cenário tão formoso e doméstico, coberto pela grama, e remetendo inevitavelmente à morte de pelo menos metade da população mundial, ela o considerava inconciliável com o céu azul e as nuvens brancas. Preferia deixar as cortinas naquele lado da casa fechadas, mas elas foram abertas, na manhã seguinte, quando ela foi servir gim ao bispo.

A visita do bispo foi inesperada. O pastor tinha telefonado para avisar que o bispo estava na vizinhança e que gostaria de agradecer a ela pelos serviços prestados à igreja, e que tal se ele fizesse uma visitinha agora? Ela ajeitou a louça para o chá às pressas, trocou de vestido e desceu as escadas no instante em que tocaram a campainha.

"Como está, Vossa Graça?", ela disse. "Por que não entra, Vossa Graça? Gostaria de um chá, Vossa Graça — ou prefere logo uma bebida?"

"Gostaria de um martíni", disse o bispo.

Ele fora abençoado com uma voz limpa e carregada. Era um homem de porte grande, de cabelos pretos como tinta, com uma pele firme e clara, cheia de rugas ao redor da boca, e olhos cintilantes e ferozes que a faziam pensar numa pessoa dopada. "Com a sua licença, Vossa Graça…"

O pedido do coquetel a confundiu; era Charlie quem sempre preparava as bebidas. Deixou cair gelo no piso da copa, derramou cerca de uma medida de gim

na coqueteleira e tentou consertar o que já estava parecendo um drinque letal com um pouco mais de vermute.

"O sr. Ludgate aqui estava me contando que você tem sido indispensável à vida da paróquia", disse o bispo, recebendo sua bebida.

"Faço o possível", disse a sra. Pastern.

"Você tem dois filhos."

"Sim. Sally está na Smith, Carkie na Colgate. A casa parece muito vazia agora. Eles foram confirmados pelo bispo antigo. Bispo Tomlinson."

"Ah, sim", disse o bispo. "Ah, sim."

A presença do bispo a enervava. Ela gostaria de poder impor um ar mais natural à visita; gostaria de, ao menos, fazer com que sua presença na sala de visitas da sua própria casa parecesse mais real. Estava sofrendo o imenso desconforto que por vezes a acometia nas reuniões de conselho, quando a atmosfera parlamentar exercia um efeito desintegrador na sua personalidade. Sentada na cadeira dobrável, ela parecia estar engatinhando ao redor da sala, recolhendo fragmentos de si mesma e colando-os com algum tipo de virtude, tal como Sou uma Boa Mãe ou Sou uma Esposa Tolerante.

"Vocês dois são velhos amigos?", ela perguntou ao bispo.

"Não!", exclamou o bispo.

"O bispo só estava passando de carro pelas proximidades", disse o pastor, sem muita convicção.

"Posso dar uma olhada no seu jardim?", perguntou o bispo.

Tomando o cuidado de levar o copo de martíni, o bispo a acompanhou pela porta lateral até a varanda. A sra. Pastern era uma jardineira dedicada, mas a situação era desanimadora. O ciclo abundante de florescência tinha quase terminado; não havia nada a ser visto além dos crisântemos. "Gostaria que pudesse vê-lo na primavera, especialmente no *fim* da primavera", ela disse. A magnólia é a primeira a florescer. Depois vêm as flores das cerejeiras e ameixeiras. Assim que elas terminam, tem as azaleias, o loureiro e o rododendro híbrido. Tenho tulipas cor de bronze debaixo das glicínias. Os lilases são brancos."

"Vejo que possuem um abrigo."

"Sim." Seus patos e anões de jardim a tinham denunciado. "Sim, temos, mas não é nada de mais. Esse canteiro é todo de lírios-do-vale, daqui até ali. Prefiro cultivar

rosas como mudas do que como plantas ornamentais, por isso eu as cultivo nos fundos da casa. O contorno é de *fraises des bois*. São docinhos, deliciosos."

"Faz tempo que vocês têm o abrigo?"

"Nós o construímos na primavera", disse a sra. Pastern. "Aquela sebe é de marmeleiros de flor. E lá na frente fica nossa hortinha. Alface e ervas. Esse tipo de coisa."

"Gostaria de ver o abrigo", disse o bispo.

Ela ficou magoada — uma mágoa que parecia reverberar no passado até sua infância, quando ficara arrasada com a descoberta de que os amigos que vinham visitar nos dias de chuva não o faziam porque gostavam dela, e sim porque gostavam de comer biscoitos e disputar seus brinquedos. Nunca foi capaz de manter muito bem a compostura diante do egoísmo, de modo que conservou uma cara feia ao passarem pela banheira para passarinhos e pelos patinhos pintados. Os anões de jardim e seus gorros ficaram observando do alto enquanto ela destrancava a porta corta-fogo com a chave que levava no pescoço.

"Encantador", disse o bispo. "Encantador. Nossa, vejo que possuem inclusive uma biblioteca."

"Sim", ela disse. "Os livros foram escolhidos para proporcionar bom humor, tranquilidade e esperança."

"A arquitetura eclesiástica tem a infeliz característica", disse o bispo, "de confinar o porão a um pequeno espaço embaixo da capela. Isso nos deixa muito pouco espaço para a salvação dos devotos — uma peculiaridade, talvez eu deva acrescentar, da nossa denominação. Algumas igrejas têm porões confortáveis. Mas não quero mais tomar o seu tempo." Ele voltou pisando firme pelo gramado em direção à casa, deixou o copo de coquetel no murinho da varanda e lhe deu a bênção.

Ela se deixou cair sentada nos degraus da varanda e observou o carro indo embora. Ele não tinha vindo até lá para elogiá-la, isso ela sabia. Era ímpio da parte dela pensar que ele só estava viajando por seus domínios para escolher e selecionar refúgios? Era possível que ele tivesse intenção de explorar sua santidade de tal forma? O fardo da vida moderna, mesmo que cheirasse a plástico — como parecia ser o caso —, forçava com crueldade os pilares de Deus, da Família e da Nação. O fardo, aparentemente, era pesado demais no alto, e ela parecia ouvir as fundações

cedendo. Durante a vida toda, acreditara na santidade da classe sacerdotal e, se essa crença era legítima, por que ela não havia oferecido ao bispo, logo de cara, a proteção do seu abrigo? Mas, se ele acreditava na ressurreição dos mortos e na vida do outro mundo, por que teria necessidade de um abrigo?

O telefone tocou e ela o atendeu com uma despreocupação fingida. Era uma mulher chamada Beatrice, que vinha limpar a casa da sra. Pastern duas vezes por semana.

"Aqui é Beatrice, sra. Pastern", ela disse, "e tem uma coisa que eu acho que você devia ficar sabendo. Como sabe, não sou fofoqueira. Não sou como aquela tal de Adele, que vai de vizinha em vizinha dizendo que fulano e beltrana não estão dormindo juntos, que sicrano tinha seis garrafas de uísque vazias no cesto de lixo e que ninguém compareceu à festinha de não sei quem. Não sou como essa tal de Adele. Não sou fofoqueira, e você sabe disso, sra. Pastern. Mas tem uma coisa que você precisa ficar sabendo. Trabalhei na casa da sra. Flannagan hoje, e ela me mostrou uma chave e disse que a chave era do seu abrigo antibombas, e que o seu marido tinha dado a chave pra ela. Não sei se era verdade ou não, mas achei que você devia ficar sabendo."

"Obrigada, Beatrice."

Ele tinha arrastado o nome dela consigo em centenas de aventuras, tinha vilipendiado a excelência dela e jogado no lixo o seu amor, mas ela nunca imaginara que ele seria capaz de traí-la em seus planos conjuntos para o fim do mundo. Derramou num copo o que havia sobrado do coquetel do bispo. Odiava o gosto do gim, mas suas aflições acumuladas cresciam dentro dela como a dor de uma moléstia e o gim a aliviou um pouco, embora também tenha atiçado sua indignação. Lá fora, o céu escureceu, o vento mudou de direção e a chuva começou a cair. O que ela podia fazer? Podia voltar para a casa da mãe. Sua mãe não possuía um abrigo. Não podia buscar orientação rezando. A mundanidade indisfarçada do bispo tinha minguado os confortos do paraíso. Não conseguia encarar a devassidão tola do marido sem beber mais gim. E então lembrou da noite — a noite do julgamento — em que haviam concordado em abandonar a tia Ida e o tio Ralph às chamas, em que ela havia sacrificado a sobrinha de três anos e o sobrinho de cinco; em que haviam conspirado como assassinos e decidido negar misericórdia até mesmo à velha mãe dele.

Ela já estava bastante bêbada quando Charlie chegou em casa. "Eu não ia conseguir passar nem duas semanas num buraco dentro do chão com aquela sra. Flannagan", ela disse.

"Do que você está falando?"

"Levei o bispo para dar uma olhada no abrigo e ele…"

"Que bispo? O que um bispo foi fazer lá?"

"Pare de me interromper e escute o que tenho a dizer. A sra. Flannagan tem uma chave do nosso abrigo, e foi você quem a entregou a ela."

"Quem te disse isso?"

"A sra. Flannagan", ela disse, "tem uma chave do nosso abrigo, e foi você quem a entregou a ela."

Ele voltou debaixo da chuva até a garagem e cravou os dedos na porta. Na pressa e na fúria, acabou afogando o carro e, enquanto esperava o carburador se esvaziar, deparou-se, na luz dos faróis, com os bastidores de sua esbanjadora vida doméstica acumulados na garagem. Havia ali uma fortuna em utensílios de jardinagem e ferramentas danificadas. Quando o carro pegou, ele saiu em disparada pelo acesso da garagem e ultrapassou um sinal vermelho no primeiro cruzamento, onde, por um instante, sua vida esteve por um fio. Ele não estava nem aí. Subindo o morro a toda, agarrou o volante como se já tivesse nas mãos aquele pescoço fofo e palerma. Ela agredira a honra e a paz de espírito de seus filhos. Eram os seus filhos, seus adorados filhos, quem ela havia prejudicado.

Parou o carro na porta. A casa estava iluminada e ele sentiu cheiro de lenha acesa, mas tudo estava em silêncio e, espiando pelo painel de vidro, não viu nenhum sinal de vida nem escutou nada além da chuva. Tentou abrir a porta. Estava trancada. Bateu com o punho na moldura. Demorou muito tempo até que ela chegasse da sala e ele imaginou que ela devia estar dormindo. Vestia o penhoar que ele lhe dera de presente. Arrumou os cabelos. Assim que ela abriu a porta, ele a empurrou para o vestíbulo e gritou: "Por que fez isso? Como foi fazer uma besteira desse tamanho?".

"Não sei do que você está falando."

"Por que foi dizer à minha mulher que eu tinha te dado a chave?"

"Eu não disse nada à sua mulher."

"Quem disse, então?"

"Não contei pra ninguém."

Ela mexeu os ombros e encarou a ponta dos chinelos. Como todos os mentirosos incorrigíveis, tinha um apreço extravagante pela verdade, que expressava enviando sinais cujo propósito era indicar que estava mentindo. Diante disso, ele percebeu que não conseguiria extrair dela a verdade, que não conseguiria fazê-la confessar nem que a sacudisse com todas as suas forças, e que a confissão dela, caso a obtivesse, de nada lhe serviria.

"Me dê algo para beber", ele disse.

"Acho melhor você ir embora agora e voltar mais tarde, quando estiver se sentindo melhor."

"Estou cansado", ele disse. "Estou cansado. Meu Deus, como estou cansado. Não sentei o dia todo."

Ele foi até a sala e serviu uma dose de uísque. Olhou as próprias mãos, escurecidas pelos trens e corrimões, pelas maçanetas e papéis de um dia longo, e viu no espelho que seu cabelo estava ensopado de chuva. Saiu da sala, atravessou a biblioteca e desceu até o banheiro. Ela soltou um ruído, não chegou a ser um grito. Quando ele abriu a porta do banheiro, se viu diante de um desconhecido completamente nu.

Fechou a porta, e então se seguiu aquela quietude quase metronômica que antecede um confronto escandaloso. Foi ela quem rompeu o silêncio. "Não sei quem ele é, e estou tentando fazer com que vá embora… sei o que está pensando, e não estou nem aí. A casa é minha, afinal de contas, e não te convidei pra entrar, e não tenho que explicar pra você tudo que acontece."

"Saia da minha frente", ele disse. "Saia da minha frente ou eu quebro o seu pescoço."

Dirigiu na chuva até em casa. Ao entrar, percebeu o barulho e o cheiro de comida vindos da cozinha. Acreditava que esses sinais e odores deviam ter sido um dos primeiros sinais de vida no planeta, e seriam um dos últimos. O jornal da noite estava passando na sala e, sem dar-lhe muita atenção, gritou: "Despejem um pouco de armamento nuclear em cima deles! Mostrem quem é que manda!". Em seguida, largando-se numa poltrona, perguntou baixinho: "Jesus amado, quando é que isso

vai terminar?".

"Estava esperando você dizer isso", disse calmamente a sra. Pastern, vindo da copa. "Faz uns três meses que espero ouvir exatamente isso. Comecei a me preocupar quando vi que você tinha vendido as abotoaduras e alfinetes. Na ocasião, fiquei imaginando qual seria o problema. Depois, quando você assinou o contrato pra construir o abrigo sem ter um tostão pra pagar por isso, comecei a entender o seu plano. Você *quer* que o mundo acabe, não quer? É isso que você quer, Charlie, não é? Eu sempre soube, mas não conseguia admitir pra mim mesma, parecia tão cruel da minha parte — mas todo dia a gente aprende uma coisa nova." Passou por ele, entrou no corredor e subiu as escadas. "Tem um hambúrguer na frigideira", ela disse, "e umas batatas no forno. Se quiser uma verdura, pode esquentar a sobra de brócolis. Vou telefonar pras crianças."

Viajamos tão rápido ultimamente que o máximo que podemos fazer é lembrar de alguns nomes de lugares. A carga de especulação metafísica tem de nos alcançar num trem vagaroso, se é que alcança. O resto da história foi contado pela minha mãe, cuja carta chegou a mim em Kitzbühel, onde me hospedo de vez em quando. "Foram tantas mudanças nas últimas seis semanas", ela escreveu, "que mal sei por onde começar. Em primeiro lugar, os Pastern foram embora, e embora pra valer. Ele está na cadeia, cumprindo pena de dois anos por estelionato. Sally largou a faculdade e está trabalhando na Macy's e o garoto continua atrás de emprego, pelo que ouvi dizer. Está morando com a mãe em algum lugar do Bronx. Alguém comentou que eles estavam recebendo assistência familiar. Parece que Charlie torrou todo o dinheiro deixado pela mãe dele cerca de um ano atrás e eles estavam vivendo de crédito. O banco levou tudo e eles se mudaram para um motel em Tansford. Depois foram mudando de um motel para outro, viajando num carro alugado sem jamais pagar as contas. O pessoal dos motéis e o pessoal das locadoras de automóveis foram os primeiros a chegar neles. Um pessoal bacana, os Willoughby, comprou a casa do banco. E os Flannagan se divorciaram. Lembra dela? Ela vivia andando pelo jardim com uma sombrinha de seda. Ele nem precisou dividir os bens com ela, e alguém a viu no Central Park West, vestindo um casaco fininho numa noite gelada. Mas ela acabou voltando. Foi muito estranho. Voltou

na quinta-feira passada. Tinha acabado de começar a nevar. Foi pouco depois do almoço. Sua velha mãe é uma bobona, mas ainda me emociono com o milagre de uma tempestade de neve. Tinha muito trabalho a fazer, mas resolvi deixar pra lá e ficar um pouco na janela vendo a neve cair. O céu estava muito escuro. Era uma neve seca e fina que cobriu tudo em instantes, como um foco de luz. E então vi a sra. Flannagan subindo a rua. Deve ter chegado no trem das duas e trinta e três e vindo a pé da estação. Duvido que tenha muito dinheiro, já que não pode pagar um táxi, né? Suas roupas não eram muito quentes e ela estava de salto alto, sem calçados de borracha. Bem, ela subiu a rua e passou direto pelo gramado da casa dos Pastern, quer dizer, o que antes era o gramado dos Pastern, e foi até o abrigo antibombas e ficou ali parada, olhando para ele. Vai saber no que ela estava pensando, mas o abrigo lembra um pouco um túmulo, sabe, ela parecia uma viúva ali parada, com a neve cobrindo seus ombros e a cabeça, e me deu uma tristeza pensar que ela mal conheceu os Pastern. Daí a sra. Willoughby me ligou e disse que tinha uma mulher estranha parada na frente de seu abrigo antibombas, querendo saber se eu a conhecia, e eu disse que sim, que era a sra. Flannagan, que morava antigamente no alto do morro, e então ela perguntou o que eu achava que ela devia fazer e eu disse que a única coisa que se podia fazer, acho, era mandar ela embora. Então a sra. Willoughby enviou a empregada e eu vi a empregada dizendo pra sra. Flannagan ir embora, e pouco depois a sra. Flannagan voltou andando pela neve rumo à estação."

"The brigadier and the golf widow"
Trad. Daniel Galera

Uma visão do mundo

Isto está sendo escrito em mais uma cabana à beira-mar de mais um litoral. O gim e o uísque morderam anéis na mesa em que estou sentado. A luz é fraca. Na parede, uma litografia colorida de um gatinho usando um chapéu de flores, um vestido de seda e luvas brancas. O ar cheira a mofo, mas é um cheiro agradável para mim — caloroso e lascivo, como o de água estagnada ou o do vento terral. A maré está alta e o mar no fundo do penhasco esmurra seus tabiques e portas e sacode suas correntes com tanta força que o abajur pula em cima da minha mesa. Estou aqui sozinho para me restabelecer de uma série de acontecimentos que tiveram início numa tarde de sábado, quando eu estava cavoucando meu jardim. A cerca de meio metro da superfície, encontrei uma latinha redonda que talvez fosse de graxa para sapatos. Forcei a tampa da lata com uma faca. Dentro havia um pedaço de linóleo, que por sua vez protegia um bilhete escrito em folha pautada. Dizia: "Eu, Nils Jugstrum, prometo a mim mesmo que, se não me tornar membro do clube de campo Gory Brook até os vinte e cinco anos, vou me enforcar". Eu sabia que, vinte anos antes, o bairro em que eu morava era uma zona rural, e imaginei um filho de fazendeiro contemplando os lisos campos de golfe de Gory Brook, rabiscando esse

juramento e enterrando o papel no chão. Sempre me deixo comover por essas linhas de comunicação quebradas por meio das quais expressamos nossos sentimentos mais pungentes. Tive a sensação de que o bilhete, como um impulso de amor romântico, me fez entrar mais fundo no entardecer.

O céu estava azul. Parecia música. Eu havia acabado de cortar a grama e o cheiro dela impregnava o ar. Isso me fez lembrar das declarações e promessas de amor que conhecemos na juventude. No fim de uma corrida, você se joga na grama ao lado da pista de saibro, quase sem fôlego, e o ardor com que abraça o gramado do colégio é uma promessa que seguirá pelo resto de seus dias. Pensando em coisas pacas, notei que as formigas pretas tinham vencido as formigas vermelhas e estavam retirando os corpos do campo de batalha. Um sabiá passou voando, perseguido por dois gaios. O gato estava espreitando um pardal nos arbustos de groselha. Uma dupla de papa-figos passou se bicando e em seguida, a uns trinta centímetros dos meus pés, me deparei com uma cobra cabeça de cobre descascando o último pedaço da pele escura de inverno. O que senti não foi medo nem pavor; foi o choque da minha falta de preparo diante dessa variedade da morte. De repente surgia esse veneno mortal, tão pertencente à natureza quanto a água límpida correndo no riacho, mas era como se eu não tivesse espaço para ele em minhas considerações. Entrei em casa para buscar a espingarda, mas tive então o azar de topar com o mais velho dos meus dois cães, uma cadela que tem medo de armas de fogo. Assim que viu a arma, ela começou a latir e a ganir, atormentada sem dó por seus instintos e anseios. Seus latidos atraíram o outro cão, um caçador nato, que veio saltando da escada pronto para ir buscar uma lebre ou pássaro, e, seguido pelos dois cães, um latindo de alegria e outro de horror, voltei ao jardim bem a tempo de flagrar a víbora sumindo dentro de um muro de pedra.

Depois disso, fui de carro à cidade, comprei um pouco de semente de grama e então fui ao supermercado da rota 27 para buscar os pãezinhos que minha mulher tinha encomendado. Acho que hoje em dia é bom ter uma câmera para gravar um supermercado numa tarde de sábado. Nossa linguagem é tradicional, um acúmulo de séculos de diálogo. Tirando o formato dos pães, não havia nada de tradicional à vista no balcão de padaria em que precisei aguardar minha vez. Éramos seis ou sete pessoas sendo retidas por um velhinho com uma lista comprida, um pergaminho de compras. Espiando por cima de seu ombro, consegui ler:

6 ovos
hors-d'oeuvres

Ele notou que eu estava lendo o seu documento e o protegeu contra o peito, à maneira de um jogador de cartas cuidadoso. De repente, a música encanada mudou de uma canção romântica para um cha-cha-cha, e a mulher do meu lado começou a mexer timidamente os ombros e a executar uns passinhos de dança. "Gostaria de dançar, madame?", perguntei. Ela era bem sem graça, mas, quando estendi meus braços, ela se encaixou neles e dançamos por um ou dois minutos. Dava para ver que ela gostava de dançar, mas com uma cara daquelas não devia ter muitas oportunidades. Em seguida ela ficou muito vermelha, saiu dos meus braços e foi até o balcão de vidro, onde se pôs a analisar as bombas de creme. Senti que tínhamos dado um passo na direção correta e, depois de pegar os pãezinhos, dirigindo para casa, eu estava exultante. Um policial me parou na esquina da Alewives Lane para dar passagem a um desfile. A primeira a chegar foi uma jovem de botas e shorts que enfatizavam a formosura de suas coxas. Tinha um nariz enorme, usava um colbaque na cabeça e agitava um bastão de alumínio. Foi seguida por outra garota, de coxas ainda mais formosas e fornidas, que marchava com a pélvis tão projetada para a frente em relação ao resto do corpo que sua espinha fazia uma curva estranha. Usava óculos bifocais e parecia terrivelmente entediada pela projeção da pélvis. Uma banda de garotos, contendo aqui e ali um impostor grisalho, veio na retaguarda tocando "The caissons go rolling along". Não carregavam faixas, não possuíam nenhum objetivo ou rumo discernível e tudo me parecia terrivelmente cômico. Fui rindo no caminho todo até em casa.

Mas minha mulher estava triste.

"Qual o problema, meu bem?", perguntei.

"É só essa sensação horrorosa de que sou um personagem de um seriado cômico de televisão", ela disse. "Afinal, sou atraente, sei me vestir, tenho filhos bonitos e estou de bem com a vida, mas tenho uma sensação horrorosa de que existo em preto e branco e de que poderia ser desligada por qualquer um. É só essa sensação horrorosa de que podem me *desligar*." Minha mulher vive triste porque sua tristeza não é uma tristeza triste, infeliz porque sua infelicidade não é uma infelicidade

esmagadora. Ela sofre porque seu sofrimento não é um sofrimento dilacerante e, quando lhe digo que essa infelicidade trazida pela inadequação da infelicidade pode ser um matiz novo no espectro do sofrimento humano, ela não se sente consolada. Oh, às vezes penso em deixá-la. Seria totalmente concebível construir uma vida sem ela nem as crianças, e eu poderia seguir em frente sem o companheirismo de meus amigos, mas não seria capaz de abandonar meus canteiros e jardins, não poderia me separar das portas de tela da varanda, que tanto consertei e pintei, e não posso me divorciar do caminho sinuoso de tijolos que construí ligando a porta lateral da casa às roseiras; e assim, por mais que minhas correntes estejam presas à grama e à tinta da casa, elas me prenderão até que eu morra. Na ocasião, porém, fiquei grato a minha mulher por ter dito o que disse, por haver atestado que as aparências da sua vida tinham o caráter de um sonho. As energias irreprimidas da imaginação haviam criado o supermercado, a víbora e o bilhete dentro da lata de graxa para sapatos. Comparados a isso, meus devaneios tinham a literalidade de um registro contábil de partidas dobradas. Agradava-me pensar que a nossa vida aparente tem o caráter de um sonho e que dentro dos nossos sonhos encontramos as virtudes do conservadorismo. Entrei em casa e encontrei a faxineira fumando um cigarro egípcio roubado e reconstituindo cartas rasgadas que haviam sido jogadas no cesto de lixo.

Fomos jantar no Gory Brook aquela noite. Chequei a lista de membros à procura de Nils Jugstrum, mas ele não constava, e me perguntei se ele teria se enforcado. E a troco de quê? Era sempre assim. Gracie Masters, a filha única de um agente funerário milionário, estava dançando com Pinky Townsend. Pinky tinha saído da cadeia depois de pagar fiança de cinquenta mil dólares por manipulação da bolsa de valores. Quando a fiança foi definida, ele tirou os cinquenta mil da carteira. Dancei um bloco de músicas com Millie Surcliffe. As músicas foram "Rain", "Moonlight on the Ganges", "When the Red Red Robin comes Bob Bob Bobbin' along", "Five foot two, eyes of blue", "Carolina in the morning" e "The sheik of Araby". Era como se dançássemos em cima do túmulo da coerência social. Mas, apesar de a cena ser simplesmente revolucionária, onde estava o novo dia, o mundo de amanhã? O bloco seguinte foi "Lena from Palesteena", "I'm forever blowing bubbles", "Louisville Lou", "Smiles" e "The Red Red Robin" de novo. Esta última faz todo mundo chacoalhar o esqueleto, mas, quando a banda foi tirar o cuspe dos

instrumentos, reparei que os músicos estavam balançando a cabeça numa profunda reprovação moral daquela palhaçada. Millie retornou à sua mesa e eu fiquei parado próximo à porta, tentando entender por que meu coração ficava suspenso ao ver as pessoas abandonarem uma pista de dança no final da música — como fica suspenso quando vejo o povo recolhendo as coisas e indo embora da praia à medida que a sombra das falésias vai cobrindo a água e a areia, como se eu enxergasse nessas despedidas tranquilas as energias e as inconsequências da própria vida.

O tempo, pensei, é rude ao nos tirar o privilégio de ser um espectador não envolvido, e eis que aquele casal conversando aos gritos em péssimo francês no saguão do Grande Bretagne (Atenas) somos nós. Outras pessoas assumiram nosso posto ao lado dos vasos de palmeiras, nosso canto sossegado do bar, e agora, expostos, somos forçados a olhar ao redor em busca de outras avenidas de observação. O que eu pretendia identificar na ocasião não era uma cadeia de acontecimentos, e sim uma essência — algo como a colisão indecifrável de contingências que podem gerar exaltação e desespero. O que eu pretendia era, num mundo tão incoerente, garantir aos meus sonhos sua legitimidade. Nada disso me tirou o ânimo, e eu dancei, bebi e contei histórias no bar até perto da uma, quando fui para casa. Liguei a televisão e apareceu um comercial que, como tanta coisa que eu tinha visto aquele dia, era terrivelmente engraçado. Uma mulher jovem com sotaque de colégio interno perguntava: "Você se incomoda com o odor de um casaco de pele molhado? Depois de passar pela chuva, uma capa de zibelina que vale cinquenta mil dólares pode cheirar pior que um velho cão de caça que acaba de perseguir uma raposa no pântano. *Nada* cheira pior que uma pele de marta molhada. Basta uma garoa leve para deixar peles de carneiro, raposa, civeta, doninha e outras peles menos caras e duráveis malcheirosas como um leão numa jaula de zoológico sem ventilação. Proteja-se do constrangimento e da ansiedade aplicando pequenas quantidades de Elixircol antes de vestir suas peles…". Ela pertencia ao mundo dos sonhos, e foi isso que eu lhe disse logo antes de desligá-la. Adormeci sob a luz da lua e sonhei com uma ilha.

Eu estava na companhia de outros homens e aparentemente tinha chegado naquele lugar num barco à vela. Lembro de estar queimado de sol e, ao passar a mão no queixo, senti uma barba de três ou quatro dias. A ilha ficava no Pacífico. Havia no ar um odor de óleo de cozinha velho — um indício da costa chinesa.

Desembarcamos no meio da tarde e pelo jeito não tínhamos muito que fazer. Ficamos vagando pelas ruas. O lugar tinha sido ocupado pelo exército ou servira de posto de trânsito militar, pois muitos dos avisos nas janelas estavam redigidos em inglês aproximado. "Corts Militaris", li na placa de uma barbearia oriental. Muitas lojas tinham garrafas de uísque americano falsificado na vitrine. Escreviam uísque como "Whikky". Como não tínhamos nada melhor para fazer, fomos ao museu local. Havia arcos, anzóis primitivos, máscaras e tambores. Do museu, fomos a um restaurante e pedimos comida. Tive que brigar com o idioma local, mas o surpreendente é que parecia ser uma briga instruída. Era como se eu tivesse estudado o idioma antes de desembarcar. Lembro claramente de ter construído uma frase quando o garçom veio até a mesa. "*Porpozec ciebie nie prosze dorzanin albo zyolpocz ciwego*", falei. O garçom sorriu e me elogiou e, quando acordei do sonho, a existência da linguagem fez com que a ilha ensolarada, sua população e seu museu se tornassem reais, vívidos e persistentes. Tive saudade dos nativos calmos e amistosos e do ritmo tranquilo de suas vidas.

O domingo transcorreu de forma ligeira e prazerosa numa sequência de coquetéis festivos, mas aquela noite tive outro sonho. Sonhei que estava diante da janela do quarto de uma cabana em Nantucket que alugamos de vez em quando. Estava olhando para o sul, acompanhando a curva suave da praia. Já vi praias mais belas, brancas e esplêndidas do que aquela, mas, quando vejo o amarelo da areia e a curvatura, tenho sempre a sensação de que, se eu ficar olhando a enseada por tempo o bastante, ela me trará uma revelação. O céu estava nublado. A água estava cinzenta. Era domingo — embora seja impossível dizer como eu sabia disso. Era tarde, e da pousada vinha aquele barulho tão agradável dos pratos sendo manuseados por famílias que jantavam no domingo à noite, na velha sala de jantar com piso de tábuas. Nesse momento, vi uma figura se aproximando pela praia. Parecia ser um padre ou bispo. Carregava um bastão episcopal e usava a mitra, a veste, a batina, a casula e a alva para a missa votiva cantada. Seus trajes tinham rebuscados enfeites em ouro e de vez em quando eram levantados pela brisa marítima. Seu rosto estava bem barbeado. Não consegui discernir suas feições na luz que se esgotava. Ele me viu na janela, ergueu a mão e gritou: "*Porpozec ciebie nie prosze dorzanin albo zyolpocz ciwego*". Então saiu correndo pela areia, batendo o bastão no chão como uma bengala, com os passos dificultados pelo volume de suas

vestes. Passou pela janela onde eu estava e desapareceu ali onde a curva da falésia alcança a curva da água.

Trabalhei na segunda, e na manhã de terça acordei lá pelas quatro da manhã no meio de um sonho em que estava jogando *touch football*. Meu time estava ganhando. O placar estava 6 a 18. Era um jogo de fundo de quintal, jogado na casa de alguém numa tarde de domingo. Nossas esposas e filhos assistiam à partida na margem da grama, onde havia mesas, cadeiras e coisas para beber. A jogada vencedora foi um lançamento longo para a frente e, quando o *touchdown* foi marcado, uma loura grandona chamada Helene Farmer levantou e organizou as mulheres numa fileira de animadoras de torcida. "Rá, rá, rá", elas disseram. *"Porpozec ciebie nie prosze dorzanin albo zyolpocz ciwego*. Rá, rá, rá."

Não achei nada disso perturbador. Era o que eu desejava, de uma certa forma. A força irredutível do homem não é o seu amor pela descoberta? A repetição daquela frase me proporcionava a excitação da descoberta. O fato de que eu fazia parte do time vencedor me deixou contente e desci animado para tomar o café, mas nossa cozinha, veja só, faz parte da terra dos sonhos. Com suas paredes rosadas e laváveis, iluminação tenebrosa, televisão embutida (onde orações estavam sendo proferidas) e vasos de plantas artificiais, ela me fez sentir nostalgia pelo meu sonho e, quando minha mulher me entregou a caneta e a Lousa Mágica em que anotamos nossos pedidos para o café da manhã, escrevi: *"Porpozec ciebie nie prosze dorzanin albo zyolpocz ciwego"*. Ela riu e perguntou o que eu queria dizer. Quando repeti a frase — parecia ser, com efeito, a única coisa que me interessava dizer —, ela começou a chorar, e com a tristeza de suas lágrimas eu percebi que o melhor que tinha a fazer era descansar um pouco. O dr. Howland veio me dar um sedativo e peguei um voo para a Flórida naquela tarde.

Agora é tarde. Bebo um copo de leite e tomo um comprimido para dormir. Sonho que estou vendo uma bela mulher ajoelhada num campo de trigo. Seus cabelos castanhos são volumosos, como são também as saias de seu vestido. Suas roupas parecem antiquadas — de antes do meu tempo — e me pergunto como posso sentir um carinho tão grande por uma desconhecida que veste roupas que podiam ter pertencido à minha avó. E apesar disso ela parece ser real — mais real que a trilha Tamiami, seis quilômetros ao leste, com suas barracas da Smorgorama e da Giganticburger, mais real que as ruelas internas de Sarasota. Não pergunto

quem ela é. Sei o que ela vai dizer. Mas então ela sorri e começa a falar antes que eu tenha a chance de lhe dar as costas. *"Porpozec ciebie…"*, ela começa a dizer. E nisso acordo em desespero, ou sou acordado pelo som da chuva nas palmeiras. Penso num fazendeiro que escuta o som da chuva, espreguiça os ossos fracos e sorri, sentindo que a chuva está caindo sobre suas alfaces e repolhos, seu feno e sua aveia, sua pastinaca e seu milho. Penso num encanador que, despertado pela chuva, sorri diante de uma visão do mundo em que todos os ralos estão milagrosamente limpos e desobstruídos. Ralos em ângulo reto, ralos tortos, ralos esganados por raízes e ralos enferrujados, todos gorgolejando e despejando suas águas no mar. Penso que a chuva acabará acordando uma velha senhora que tentará lembrar se deixou seu exemplar de *Dombey and Son* no jardim. E o xale? Será que ela cobriu as cadeiras? E sei que o som da chuva despertará alguns amantes e que esse som parecerá fazer parte da força que os impeliu aos braços um do outro. Então sento na cama e grito bem alto para mim mesmo: "Valor! Amor! Virtude! Compaixão! Esplendor! Bondade! Sabedoria! Beleza!". É como se as palavras tivessem a cor da terra e, à medida que as recito, sinto a esperança se acumular até o ponto em que fico satisfeito e em paz com a noite.

"A vision of the world"
Trad. Daniel Galera

Reencontro

Vi meu pai pela última vez na Grand Central Station. Eu estava indo da casa da minha vó nos Adirondacks para uma cabana que minha mãe tinha alugado no Cape, e escrevi ao meu pai dizendo que passaria cerca de uma hora e meia em Nova York entre um trem e outro, perguntando se não podíamos almoçar juntos. A secretária dele me escreveu dizendo que ele me encontraria no balcão de informações ao meio-dia, e às doze horas em ponto eu o vi se aproximar no meio da multidão. Ele era um estranho para mim — minha mãe se divorciara dele três anos antes e eu não o vira desde então —, mas, assim que o vi, senti que era o meu pai, sangue do meu sangue, meu futuro e meu ocaso. Eu sabia que, depois de crescer, me tornaria algo parecido com ele; meus projetos teriam que caber dentro das suas limitações. Era um homem alto e bonito, e fiquei absurdamente feliz ao revê-lo. Ele me deu uma batidinha nas costas e um aperto de mão. "Oi, Charlie", ele disse. "Olá, garoto. Gostaria de te levar no meu clube, mas fica no Sixties e, se você vai pegar o primeiro trem, é melhor a gente almoçar por aqui mesmo." Ele pôs o braço no meu ombro e cheirei meu pai como minha mãe cheira uma rosa. Era uma mistura complexa de uísque, loção pós-barba, graxa para sapatos, lã e o

ranço de um homem adulto. Eu estava torcendo para que alguém nos visse. Queria que alguém tirasse nossa fotografia. Queria que o fato de estarmos juntos ficasse registrado.

Saímos da estação e pegamos uma rua lateral em direção a um restaurante. Ainda era cedo e o lugar estava vazio. O garçom do bar estava batendo boca com um entregador e havia outro garçom muito idoso, de casaco vermelho, ao lado da porta da cozinha. Sentamos e meu pai atacou o garçom em voz bem alta. "*Kellner!*", gritou. "*Garçon! Cameriere! Você!*" Seus berros pareciam fora de propósito no restaurante vazio. "Será que dá pra nos atender aqui?", ele gritou. "Pra hoje." Bateu palmas. Isso chamou a atenção do garçom, e ele se arrastou até a nossa mesa.

"Você estava batendo palmas pra mim?", perguntou.

"Calma aí, calma aí, *sommelier*", disse meu pai. "Se não for pedir demais — se não estiver muito além das suas obrigações, gostaríamos de dois Beefeater Gibsons."

"Não gosto que me chamem batendo palmas."

"Eu devia ter trazido o apito, então", disse meu pai. "Tenho um apito que só os garçons em idade avançada podem escutar. Agora, vê se pega o seu bloquinho e o seu lapisinho e tenta anotar isto: dois Beefeater Gibsons. Repita comigo: dois Beefeater Gibsons."

"Acho melhor você trocar de restaurante", o garçom disse baixinho.

"Essa", disse meu pai, "é a sugestão mais brilhante que já ouvi. Venha, Charlie, vamos dar o fora daqui."

Saí do restaurante atrás do meu pai e o segui até outro. Dessa vez ele não foi tão escandaloso. Nossas bebidas chegaram e ele me interrogou a respeito do campeonato de beisebol. Depois, bateu com a faca na borda do copo e começou a gritar de novo. "*Garçon! Kellner! Cameriere! Você!* Pode se dar ao trabalho de trazer mais dois desses?"

"Qual a idade do garoto?", perguntou o garçom.

"Isso", disse meu pai, "não é da sua maldita conta."

"Me desculpe, senhor", disse o garçom, "mas não posso servir outra bebida pro garoto."

"Bem, eu tenho uma notícia pra você", disse meu pai. "Tenho uma notícia muito interessante pra você. Este não é o único restaurante de Nova York. Abriram outro na esquina. Vamos, Charlie."

Ele pagou a conta e eu o acompanhei até outro restaurante. Neste, os garçons usavam jaquetas cor-de-rosa parecidas com casacos de caça e as paredes estavam repletas de apetrechos de montaria. Sentamos e meu pai começou a berrar de novo. "Ó mestre dos cães! Tallyhoo e aquela coisa toda. Queremos algo para brindar antes da caça. Mais especificamente, dois Bibson Geefeaters."

"Dois Bibson Geefeaters?", perguntou o garçom, sorrindo.

"Você sabe muito bem o que estou pedindo, droga", meu pai disse com raiva. "Quero dois Beefeater Gibsons, e caprichados. As coisas mudaram na boa e velha Inglaterra. Foi o que disse meu amigo, o duque. Vejamos o que a Inglaterra é capaz de oferecer em termos de coquetéis."

"Não estamos na Inglaterra", disse o garçom.

"Não discuta comigo", disse meu pai. "Apenas faça o que digo."

"Só achei que ia gostar de saber onde está", disse o garçom.

"Se tem uma coisa que não posso tolerar", disse meu pai, "é um serviçal abusado. Vamos, Charlie."

O quarto restaurante a que fomos era italiano. *"Buon giorno"*, disse meu pai. *"Per favore, possiamo avere due cocktail americani, forti, forti. Molto gin, poco vermut."*

"Não falo italiano", disse o garçom.

"Ah, sem essa", disse meu pai. "Você fala o maldito italiano e sabe muito bem disso. *Vogliamo due cocktail americani. Subito."*

O garçom se afastou e foi falar com o chefe, que veio à nossa mesa e disse: "Lamento, senhor, mas esta mesa está reservada".

"Tudo bem", disse meu pai. "Nos arranje outra mesa."

"Todas as mesas estão reservadas", disse o chefe.

"Entendi", disse meu pai. "Você está dispensando a clientela. É isso? Bem, vá pro inferno. *Vada all'inferno*. Vamos, Charlie."

"Preciso pegar o trem", falei.

"Desculpe, filhote", disse meu pai. "Peço mil desculpas." Abraçou-me e me apertou contra si. "Vou acompanhar você até a estação. Pena que não tivemos tempo de ir ao meu clube."

"Tudo bem, papai", eu disse.

"Vou te comprar um jornal", ele disse. "Vou te comprar um jornal pra ler no trem."

Ele foi até uma banca de jornais e disse: "Meu caro senhor, teria a bondade de me fornecer um desses malditos e imprestáveis jornalecos de dez centavos?". O atendente lhe deu as costas e se pôs a fitar a capa de uma revista. "Seria pedir demais, meu caro senhor", disse meu pai, "seria pedir demais que me vendesse um desses asquerosos exemplares de jornalismo sensacionalista?"

"Preciso ir, papai", falei. "Estou atrasado."

"Espera só um segundo, filhote", ele disse. "Só um segundo. Quero tirar esse sujeito do sério."

"Adeus, papai", eu disse, e então desci as escadas e peguei o trem, e foi a última vez que vi meu pai.

"Reunion"
Trad. Daniel Galera

Mene, Mene, Tekel, Upharsin

Voltando da Europa ano passado, viajei num velho DC-7 que sofreu um incêndio na turbina no meio do Atlântico. A maioria dos passageiros parecia estar dormindo ou sob o efeito de drogas, e na parte dianteira do avião ninguém viu as chamas, exceto uma garotinha, um velho e eu. Quando o fogo se apagou, o avião mudou bruscamente de direção e isso fez abrir a porta da área dos comissários. Ali dentro, vi a tripulação e as duas aeromoças vestindo coletes salva-vidas. Uma das aeromoças fechou a porta, mas o comandante apareceu alguns minutos depois e explicou, num sussurro paternal, que tínhamos perdido uma turbina e que pousaríamos na Islândia ou em Shannon. Pouco depois, apareceu de novo para dizer que pousaríamos em Londres dali a meia hora. Duas horas depois, pousamos em Orly, para espanto de todos que ficaram dormindo. Embarcamos em outro DC-7 e retomamos a travessia do Atlântico, e, quando finalmente pousamos em Idlewild, tínhamos viajado no aperto por um total de vinte e sete horas.

Peguei um ônibus até Nova York e um táxi para a Grand Central Station. O horário comercial terminara — eram sete e meia ou oito horas da noite. As bancas de jornal tinham fechado e as poucas pessoas que havia na rua estavam sozinhas e

pareciam solitárias. O trem para o meu destino só chegaria dali a uma hora, portanto fui a um restaurante próximo à estação e pedi o *plat du jour*. O dilema do americano expatriado defrontando-se com a primeira refeição num restaurante de seu país já foi explorado a contento, de modo que não o repetirei aqui. Depois de pagar a conta, desci uma escada qualquer em busca de lazer. O lugar em que entrei tinha divisões de mármore — uma providência, creio eu, cujo objetivo era enobrecer o ambiente. O mármore era marrom-claro — talvez fosse um *giallo antico*, mas então reparei nos fósseis paleozoicos por baixo do acabamento brilhante e percebi que a pedra era uma madrépora. O lado externo do acabamento estava todo rabiscado. A caligrafia era legível, ainda que destituída de qualquer estilo ou simetria. O que chamava a atenção era a prolixidade da escrita e o fato de que estava organizada em painéis, como as páginas de um livro. Eu nunca tinha visto nada parecido. Meu instinto mais forte era ignorar as anotações e analisar os fósseis, mas não é justo dizer que a escrita de um homem é mais duradoura e fascinante do que um coral paleozoico? Li:

> O dia em Capua fora triunfante. Lentulus, retornando com águias vitoriosas, tinha animado a população com os esportes do anfiteatro numa escala jamais vista, mesmo naquela cidade luxuosa. Os gritos da farra se desvaneceram; o rugido do leão havia cessado; o último valdevinos se retirou do banquete e as luzes no palácio do vitorioso se extinguiram. A lua, rasgando o pano de nuvens felpudas, tingiu de prata o orvalho no corselete da sentinela romana e roçou as águas escuras do Vulturno com uma luz trêmula e ondulada. Era uma daquelas noites de sagrada quietude em que o zéfiro balança as jovens folhas primaveris e cochicha sua melodia sonhadora no vazio dos juncos. Nada se ouvia além do soluço derradeiro de uma onda cansada contando sua história aos seixos lisos à beira do mar, e então tudo ficou calmo como o peito que se despede do espírito…

Parei de ler, embora não parasse ali. Eu estava cansado, e de certa forma vulnerabilizado pelo fato de ter passado muitos anos longe de casa. A cadeia de circunstâncias que podia levar um homem a transcrever aquela bobajada no mármore era inimaginável. Seria o efeito de alguma transformação no clima social, o resultado de uma nova força repressora? Ou era simplesmente um sintoma do fato de que o amor desse homem pela prosa ornamentada era irresistível? As sonoridades do texto tinham a tenacidade da música do pior tipo, e era difícil esquecê-las. Teria havido uma mudança profunda na psique dos meus conterrâneos durante a minha ausência? Teria havido uma quebra nas linhas normais de

comunicação, ou o surgimento de um amor desmedido pelo passado romântico?

Passei a semana ou os dez dias seguintes viajando pelo Meio-Oeste. Certa tarde, eu estava esperando um trem com destino a Nova York na Union Station de Indianápolis. O trem estava atrasado. Aquela estação — que tem as dimensões de uma catedral e é iluminada por uma rosácea — é um exemplo soturno e brilhante daquele gênero de arquitetura que pretende expressar o mistério e o drama da viagem e da separação. As cores da rosácea, límpidas como um caleidoscópio, tingiam as paredes de mármore e os passageiros. Uma mulher com uma sacola de compras estava parada em cima de um painel cor de lavanda. Um velho dormia numa poça de luz amarela. Vi uma placa apontando a direção do banheiro masculino e me perguntei se não acabaria encontrando lá outro exemplo da curiosa literatura que tinha descoberto nas primeiras horas de meu retorno. Desci uma escada até um subsolo cavernoso no qual dormia um engraxate sentado numa cadeira. As paredes novamente eram de mármore. Dessa vez era um calcário comum — silicato de cálcio e magnésio fundido com algum minério metálico cinzento. Meu pressentimento acabou se confirmando. A pedra estava toda coberta por inscrições e isso parecia, logo de cara, tremendamente adequado, pois fazia lembrar que as primeiras escrituras e profecias do homem tinham surgido em paredes como aquela. A caligrafia era legível e simétrica, obra de uma pessoa dotada de mente organizada e mão firme. Tentem, por favor, imaginar a luz perniciosa, o ar estagnado e o barulho de água corrente que estavam ao meu redor enquanto eu lia:

> O grande solar de Wallowyck ficava no alto de uma encosta acima da esfumaçada cidade industrial de X ———burgh, e suas incontáveis janelas com mainéis pareciam lançar olhares de censura sobre os becos escuros e estreitos das favelas que se estendiam dos portões do parque até as fábricas fumacentas à margem do rio. Foi nos arredores desse parque arborizado que passei, sem o conhecimento do sr. Wallow, as horas mais agradáveis da minha juventude, explorando o lugar com um estilingue e uma sacola para transportar minhas amostras geológicas. A encosta, com seu ornamento ameaçador, ficava no meio do caminho entre a escola que eu frequentava e o barraco em que vivia com minha mãe doente e meu pai bêbado. Todos os meus amigos tomavam o caminho público que contornava a encosta, e eu era o único que escalava os muros do Wallow Park e passava minhas tardes naqueles domínios proibidos.
>
> Os gramados, as árvores enormes, o som das fontes e a atmosfera solene de uma dinastia me são caros

até hoje. Os Wallow não tinham brasão de armas, é claro, mas os escultores contratados por eles improvisaram centenas de escudos e insígnias que pareciam baroniais à distância mas que, após exame aproximado, se reduziam modestamente a meras formas geométricas. Suas chaminés, portões, torres e bancos de jardim eram decorados desse modo. Outra tarefa dos escultores tinha sido criar representações da filha única dos Wallow, Emily. Havia Emily em bronze, Emily em mármore, Emily como as Quatro Estações, os Quatro Ventos, os Quatro Turnos do Dia e as Quatro Virtudes Principais. De certo modo, Emily era a minha única companhia. Eu caminhava por lá no outono, vendo a riqueza de cores que despencava das árvores e recobria os gramados. Caminhava por lá no inverno rigoroso. Ia lá observar os primeiros sinais da primavera e sentia o delicioso perfume da madeira queimada que vinha das diversas chaminés ornamentadas da enorme casa que ficava no alto. Foi caminhando sem rumo naquele parque, num dia de primavera, que ouvi a voz de uma menina pedindo ajuda. Segui a voz até as margens de um riacho, onde vi Emily. Seus lindos pezinhos estavam descalços, e preso a um deles, como uma espécie de algema diabólica, estava o corpo retorcido de uma víbora.

Arranquei a víbora do seu pé, perfurei a mordida com meu canivete e suguei o veneno de sua corrente sanguínea. Depois despi minha humilde camisa, costurada pela minha querida mãe com base num modelo de linho descartado que ela havia achado num de seus forrageamentos diários, na lata de lixo de um arquiteto. Quando a ferida estava limpa e amarrada, ergui Emily nos braços e subi correndo pelo gramado em direção às imponentes portas de Wallowyck, que abriram ruidosamente ao toque da campainha. Um mordomo apareceu e empalideceu com o que viu.

"O que você fez com a nossa Emily?", ele gritou.

"A única coisa que ele fez foi salvar a minha vida", disse Emily.

Da penumbra do vestíbulo emergiu o hirsuto e implacável sr. Wallow. "Obrigado por ter salvado a vida da minha filha", disse rispidamente. Então me olhou mais de perto e vi lágrimas em seus olhos. "Algum dia, você será recompensado", ele disse. "Chegará o dia."

A ruína de minha camisa de linho me obrigou, à noite, a contar minha aventura para os meus pais. Meu pai estava bêbado, como sempre. "Você não vai receber recompensa nenhuma daquele animal!", ele rugiu. "Não neste mundo, nem no céu ou no inferno!"

"Por favor, Ernest", suspirou minha mãe, e eu me aproximei dela e segurei suas mãos secas de febre.

Com bebedeira e tudo, parece que meu pai sabia a verdade, pois nos anos que se seguiram não veio nenhum gesto de gratidão, cortesia, lembrança insignificante ou sinal de reconhecimento da grande casa no alto da encosta.

No inverno severo de 19—, as fábricas foram fechadas pelo sr. Wallow, numa retaliação à minha luta pela organização de um sindicato de trabalhadores. A inatividade das fábricas — aquelas chaminés sem fumaça — foi um golpe no coração de X———burgh. Minha mãe estava no leito de morte. Meu pai ficava na cozinha bebendo Sterno. Sofrimento, fome, frio e doenças tomavam conta de cada barraco. A neve nas ruas, sem a mácula da fumaça industrial, era de uma brancura acusadora. Na véspera do Natal, liderei os integrantes da delegação do sindicato, muitos dos quais já mal podiam caminhar, até as grandes portas de Wallowyck e toquei a campainha. Quando as portas se abriram, quem estava ali parada era Emily. "Você!", ela gritou. "Você, que salvou a minha vida, por que está matando o meu pai?" As portas se fecharam com um estrondo.

Naquela noite, consegui arranjar alguns grãos e preparei um pouco de mingau para a minha mãe. Eu estava levando a colher aos seus lábios finos quando a nossa porta se abriu para a entrada de Jeffrey Ashmead, o advogado do sr. Wallow.

"Se você veio", eu disse, "para me processar por causa da manifestação desta tarde em Wallowyck, foi em vão. Não há dor maior na Terra do que essa que enfrento agora, vendo a minha mãe morrer."

"Vim tratar de outro assunto", ele disse. "O sr. Wallow morreu."

"Vida longa ao sr. Wallow!", meu pai gritou da cozinha.

"Por favor, me acompanhe", disse o sr. Ashmead.

"Que assunto posso ter para tratar com o senhor?"

"Você é o herdeiro de Wallowyck — as minas, as fábricas, os fundos."

"Não compreendo."

Minha mãe deu um soluço de cortar o coração. Ela segurou minhas mãos nas suas e disse: "A verdade do passado não é mais dura que a verdade de nossas vidas lamentáveis! Quis proteger você da verdade esses anos todos, mas você é o único filho dele. Quando garota, trabalhei servindo a mesa do solar, e ele se aproveitou de mim numa noite de verão. Isso contribuiu para a destruição do seu pai".

"Eu o acompanharei, senhor", falei para o sr. Ashmead. "A srta. Emily sabe disso?"

"A srta. Emily", disse ele, "fugiu."

Voltei aquela noite e adentrei as majestosas portas de Wallowyck na condição de seu amo. Mas a srta. Emily não se encontrava. Antes da virada do ano, enterrei meu pai e minha mãe, reabri as fábricas em regime de participação de lucros e trouxe prosperidade a X———burgh, mas viver sozinho em Wallowyck me trouxe uma solidão que jamais havia experimentado…

Fiquei abismado, é claro, me senti enjoado. A trivialidade do lugar em que me encontrava tornava nauseante a infantilidade da história. Voltei correndo para a nobre sala de espera, com seus límpidos painéis de luz colorida, e sentei ao lado de um estande de livros de bolso. As capas chamativas prometendo descrições explícitas de intercurso sexual pareciam condizentes com o que eu tinha acabado de ler. O que acontecia, imaginei, era que, conforme a pornografia vinha ocupando a esfera pública, aquelas paredes de mármore, repositórios imemoriais de tal prática, iam sendo forçadas, como forma de autodefesa, a assumir para si a tarefa mais refinada da literatura. Achei essa ideia revolucionária e desconcertante, e fiquei imaginando se dali a um ou dois anos eu não teria oportunidade de ler os poemas de Sara Teasdale num banheiro público enquanto o rei da Suécia fazia as honras a uma besta pervertida qualquer. Nisso meu trem chegou e senti alívio em poder sair de Indianápolis e deixar minha descoberta para trás no Meio-Oeste.

Fui até o vagão-restaurante e pedi um drinque. Cruzávamos Indiana a toda em direção ao leste, assustando os corvos e as galinhas, os cavalos e os porcos. As

pessoas acenavam para o trem ao vê-lo passar — uma menina segurando uma boneca de cabeça para baixo, um velho de cadeira de rodas, uma mulher na porta da cozinha com bobes no cabelo, um jovem sentado num caminhão de carga. Dava para sentir o trem saltando adiante nas retas, o apito soando, as campainhas de alerta nas passagens de nível estourando como uma trombose coronariana e os encaixes dos trilhos batendo uma base de jazz, versátil, contagiante e acelerada como um brilhante improviso nas batidas de um coração, e o ar nas caixas de freio lembrava as últimas gravações roucas feitas por Billie Holiday. Tomei mais dois drinques. Quando abri a porta do toalete no vagão-dormitório mais próximo e me deparei com paredes cobertas de palavras, tive a sensação de estar diante de uma péssima notícia.

Eu não queria ler mais nada — não naquele momento. Wallowyck tinha sido o bastante para um dia inteiro. Só queria voltar para o vagão-restaurante, tomar mais um drinque e manifestar minha saudável indiferença aos esforços de imaginação alheios. Mas as palavras estavam ali e eram irresistíveis — pareciam fazer parte do meu destino — e, apesar de eu as ter lido com uma dolorosa má vontade, fui até o fim do primeiro parágrafo. A caligrafia era a mais imponente de todas.

> Por que não há um gerânio na janela de todos que podem arcar com seu custo? É muito barato. Sua barateza chega perto de nada se você o cultiva a partir de uma semente ou muda. É uma beleza e uma companhia. Adocica o ambiente, regozija o olhar, nos põe em contato com a natureza e a inocência e recebe o nosso amor. E, se ele não pode amá-lo de volta, também não pode odiá-lo, é incapaz de dizer uma palavra de ódio mesmo que você o despreze, pois, apesar de ser pura beleza, ele não possui vaidade, e sendo esse o caso, considerando que ele vive somente pelo seu bem e para proporcionar prazer, como você será capaz de desprezá-lo? Mas, por favor, caso escolha um gerânio...

Quando me vi de volta ao vagão-restaurante, já anoitecia. Fiquei abalado com aqueles sentimentos ternos e deprimido com a tristeza geral da paisagem do campo àquela hora do dia. Será que o que eu tinha lido era a expressão de um amor irreprimível pela preciosidade e pela inocência? Fosse o que fosse, senti uma responsabilidade manifesta de proclamar o que eu havia descoberto. Nosso conhecimento dos outros e de nós mesmos tateia às cegas neste momento histórico de mudança desenfreada. Abafar nossas observações, curiosidades e reflexões com a indiferença seria absolutamente temeroso. Meus três encontros fortuitos provavam

que esse tipo de literatura era disseminado. Se esses frutos da imaginação fossem registrados e diagnosticados, poderiam lançar uma luz brilhante sobre nossa psique e nos trazer mais próximos do mundo secreto da verdade. Minha busca tinha lá seus aspectos pouco convencionais, mas, se deixamos de ser totalmente argutos, corajosos e honestos com nós mesmos, tornamo-nos desprezíveis. Eu tinha seis amigos trabalhando em fundações e decidi chamar a atenção deles para esse fenômeno da escrita nos banheiros públicos. Sabia que eles haviam financiado a poesia, pesquisas zoológicas, estudos sobre a história dos vitrais e a significância social do salto alto, e, naquele momento, a escrita nos banheiros públicos parecia ser um canal da verdade que precisava ser investigado.

Quando cheguei de volta a Nova York, marquei um almoço com os meus amigos num restaurante do Sixties que possui salão de jantar privativo. No final da refeição, fiz meu discurso. Meu melhor amigo presente foi o primeiro a responder. "Você passou tempo demais afastado", ele disse. "Está desatualizado. Não mexemos com esse tipo de coisa por aqui. Só posso falar em meu próprio nome, é claro, mas acho a ideia repulsiva." Dei uma olhada para baixo e vi que eu estava vestindo um colete bordado com duas fileiras de botões e sapatos amarelos de bico fino, e creio que eu havia falado com o sotaque monótono e afetado da maioria dos expatriados. Sua acusação de que meu raciocínio era exótico, estranho e indecente parecia invencível. Achei então, e ainda acho, que minha descoberta não o perturbou por ser inapropriada, mas por ser explosiva, e que durante a minha ausência ele engrossara as fileiras desses homens novos que pensam que a verdade já não pode ser útil na resolução dos nossos dilemas. Ele se despediu e foi seguido pelos outros, um de cada vez, todos alegando a mesma coisa — eu tinha ficado muito tempo afastado; eu tinha perdido a noção da decência e do senso comum.

Voltei à Europa poucos dias depois. O voo para Orly atrasou, de modo que fui matar um pouco de tempo no bar e em seguida dar uma olhada no banheiro masculino. Dessa vez, a mensagem estava escrita nos azulejos. "Tivesse eu", li, "tua imóvel cintilância, Estrela — Não sozinho na infinita noite…" Isso foi tudo. Meu voo foi anunciado e eu naveguei os beirais do firmamento voltando à cidade das luzes.

"Mene, Mene, Tekel, Upharsin"
Trad. Daniel Galera

Marito in città

Alguns anos atrás, havia uma canção popular na Itália chamada "Marito in città". O tom era simples e cativante como o de uma canção de rua. A letra dizia: *"La moglie ce ne va, marito poverino, solo in cittadina"*, e contava as agruras de um homem solitário daquele modo leve e farsesco que soa tradicional, como se estar sozinho fosse uma situação essencialmente cômica, semelhante a se enroscar numa linha de pesca. O sr. Estabrook tinha escutado essa canção durante uma viagem pela Europa com a esposa (catorze dias; dez cidades) e algum tecido caprichoso da sua memória havia guardado um registro indelével de sua letra e melodia. Nunca a esqueceu; na verdade, parecia incapaz de esquecê-la, por mais que ela entrasse em conflito com seu próprio ponto de vista a respeito das possibilidades da solidão.

A cena, o momento em que sua mulher foi embora para as montanhas levando os quatro filhos, tinha o encanto, a aparência metódica e a enganosa simplicidade de uma capa de revista antiga. Estava tudo ali — a manhã de verão, a caminhonete, as malas, as crianças de olhos atentos, o compartimento de moedas abastecido para os postos de pedágio, uma observação cerimoniosa da troca de estação, um anel a

mais marcando a idade do planeta. Ele apertou a mão dos filhos, beijou a mulher e as filhas e ficou olhando o carro sair em direção à rua com a sensação de que o momento era significativo, de que ele teria chegado a algo próximo de uma revelação caso tivesse recebido o poder de inspecionar as forças ali envolvidas. As mulheres e crianças de Roma, Paris, Londres e Nova York estavam, ele sabia, a caminho da serra ou do litoral. Era um dia de semana, de modo que trancou Scamper, o cachorro, na cozinha e dirigiu até a estação cantando: *"Marito in città, la moglie ce ne va"* et cetera, et cetera.

A gente sabe como a canção continua, é claro; ela nunca chegará a transcender os moldes farsescos de uma canção de rua, mas as ambições do sr. Estabrook eram sinceras, recentes e dignas de exame. Ele conhecia bem a vasta e evangélica literatura da solidão e pretendia explorar suas semanas de isolamento. Podia limpar o telescópio e estudar as estrelas. Podia ler. Podia praticar as variações de duas partes de Bach no piano. Podia — à maneira do expatriado que alega que a limpidez e por vezes a angústia de sua alienação prometem um elevado grau de autodescobrimento — aprender mais sobre si mesmo. Podia observar os hábitos migratórios dos pássaros, as mudanças no jardim, as nuvens no céu. Tinha uma imagem distinta de si próprio, agora com poderes de observação bastante aprimorados pela aventura da solidão. Ao chegar em casa na primeira noite, descobriu que Scamper havia escapulido da cozinha e dormira no sofá da sala, que estava coberto de barro e pelos. Scamper era um vira-lata, o bichinho de estimação das crianças. O sr. Estabrook censurou o cão e virou de lado as almofadas do sofá. A próxima questão que viu pela frente é uma da qual pouco se fala na literatura da solidão — a questão de seus apetites rudimentares. Isso fazia soar, contra a sua vontade, uma nota de comédia bufa, *O, marito in città*. Ele podia se imaginar vestindo calças cáqui limpinhas e montando o telescópio no jardim ao entardecer, mas não conseguia imaginar alguém cuidando de alimentar aquela figura tão autossuficiente.

Fritou alguns ovos, mas descobriu que não conseguia comê-los. Preparou um coquetel Old-Fashioned com cuidado especial e bebeu. Voltou aos ovos, mas ainda lhe pareciam revoltantes. Deu os ovos a Scamper e foi de carro até a rodovia estadual, onde havia um restaurante. O volume da música, quando ele entrou, parecia alto como o de um desfile, e havia uma garçonete em pé sobre uma cadeira

prendendo uma cortina à haste. "Já te atendo, um minutinho", ela disse. "Sente-se onde quiser." Ele escolheu um lugar numa das quarenta mesas vazias. No fundo não estava decepcionado com a sua situação, tinha se cercado propositalmente de um grande número de homens, mulheres e crianças, e agora era natural que se sentisse assim, não exatamente sozinho, mas solitário. Levando em conta as repercussões físicas e espirituais do seu estado, achava estranho que existisse somente uma palavra para descrevê-lo. Estava solitário e estava sofrendo. A comida não era apenas ruim; era inacreditável. Era caracterizada pela ausência total de reminiscências que está no âmago da insipidez. Não conseguiu comer nada. Deu umas bicadas no bife apimentado cheio de nervos e pediu um sorvete para não magoar a garçonete. A comida lhe trazia à mente todas aquelas pessoas que, por falta de jeito ou de sorte, precisam enfrentar a vida sozinhas e comer esse tipo de coisa toda noite. Era assustador, e ele foi assistir a um filme.

O longo entardecer do verão ainda se prendia ao ar com uma luz suave. A estrela vespertina pairava sobre a tela gigantesca, um pouco inclinada na direção da plateia, com um certo ar de catástrofe. Desbotadas pela luz que se esvaía, as figuras e os animais de um desenho animado perseguiam uns aos outros na tela, explodiam, dançavam, cantavam e caíam de bunda no chão. A abertura e os créditos do filme a que viera assistir findaram com o último vestígio de crepúsculo, e então, com o cair da noite, começou a se desdobrar um roteiro da mais suprema parvoíce. Sua indignação moral perante essa confluência de fome, tédio e solidão foi violenta e ele pensou com tristeza nos homens que tinham sido obrigados a escrever aquele filme e nos atores esforçados que tinham sido pagos para repetir aqueles diálogos toscos. Imaginou-os saindo de seus conversíveis em Beverly Hills no fim do dia, completamente desanimados. Quinze minutos foi o máximo que pôde suportar, e depois disso foi para casa.

Scamper tinha trocado o sofá desarrumado por uma poltrona cujo revestimento de seda fina estava coberto de barro e pelos. "Que feio, Scamper", disse o sr. Estabrook, e então, para proteger a mobília, tomou as precauções que deveria repetir toda noite. Pôs o pufe de cabeça para baixo em cima do sofá, virou as cadeiras de seda de cabeça para baixo, pôs um cesto de lixo em cima do sofazinho do corredor e pôs as cadeiras acolchoadas da sala de jantar em cima da mesa de ponta-cabeça, como fazem nos restaurantes quando estão esfregando o piso. Com

as luzes apagadas e tudo de ponta-cabeça, era como se a própria permanência de sua casa estivesse sendo contestada e ele se sentiu, por um instante, como um fantasma que tinha retornado para verificar a ruína do tempo.

Deitado na cama ele pensou, como era de esperar, na mulher. Já aprendera por experiência que suas separações tinham que ser passionais e, um dia antes de ela partir, ele tinha se declarado para ela; mas a sra. Estabrook estava cansada. Na noite seguinte, ele se declarou novamente. A sra. Estabrook pareceu anuir, mas o que fez em seguida foi descer até a cozinha, meter quatro cobertores grossos na máquina de lavar, queimar um fusível e inundar o piso. Parado na porta da cozinha, absolutamente contrariado, ele tentou entender por que ela havia feito aquilo. Ela só estava tentando se esquivar! Ao ver aquela mulher nobre mas um tanto pesada passar o rodo no piso da cozinha, ele pensou que o desejo dela, como o de qualquer ninfa, era sair correndo pelos bosques — manchas de luz nas costas, a água espirrando sob seus pés —, mas, como hoje em dia ela já não tinha muito fôlego, e como não havia bosques, ela se contentava em meter cobertores numa máquina de lavar. Nunca lhe passara pela cabeça que a paixão pela esquiva, no outro sexo, era intensa como a paixão pela captura no seu próprio. Esse relance da situação o deixou comovido; satisfeito, de certa forma; mas foi também, no fim das contas, a única satisfação que ele teve aquela noite.

A imagem de um homem imaculado e dono de si tirando proveito da sua solidão não era coisa fácil de achar, mas ele nunca achou que seria fácil. Na noite seguinte, praticou as variações de duas partes no piano até as onze. Na outra noite, pegou o telescópio. Não havia conseguido resolver o problema da alimentação, e no prazo de uma semana já tinha perdido cerca de sete quilos. Suas calças, quando ele apertava o cinto ao redor delas, se dobravam como uma camisa. Levou três pares de calças a uma tinturaria da cidade. A loja já tinha fechado, mas o proprietário continuava lá, um homem esmagado pela vida. Ele rasgara as fronhas rendadas da sra. Hazelton e perdera as camisas de seda do sr. Fitch. Suas máquinas estavam no prego, o sindicato exigia plano de saúde, e tudo que ele ingeria — até mesmo iogurte — parecia pegar fogo no seu esôfago. Falou com o sr. Estabrook num tom de desespero. "Não mantemos mais um alfaiate na loja, mas há uma mulher na Maple Avenue que faz ajustes. Sra. Zagreb. Fica na esquina da Maple Avenue com a rua Clinton. Tem uma placa na janela."

Era uma noite escura e tinha chegado a época do ano em que aparecem muitos vaga-lumes. A Maple Avenue fazia jus ao nome, e a densa folhagem dos bordos redobrava a escuridão da rua. A casa da esquina era de madeira e tinha uma varanda. Os bordos eram tão densos que a grama não crescia no jardim. Havia uma placa — AJUSTAMOS ROUPAS — na janela. Ele tocou a campainha. "Um minutinho", alguém gritou. A voz era enérgica e alegre. Uma mulher abriu a porta com uma das mãos enquanto usava a outra para esfregar os cabelos escuros com uma toalha. Parecia surpresa ao vê-lo. "Entre", ela disse, "entre. Acabei de lavar a cabeça." Ele a seguiu por um corredor curto até uma pequena sala de estar. "Queria deixar umas calças aqui", ele disse. "Você faz esse tipo de coisa?"

"Faço qualquer coisa", ela riu. "Mas por que você está perdendo peso? Está de dieta?"

Ela havia largado a toalha, mas continuava sacudindo os cabelos e alisando-os com os dedos. Falava e andava pela sala ao mesmo tempo e dava a impressão de injetar inquietude no ambiente — uma característica que normalmente o irritaria, se viesse de outra pessoa, mas que no caso dela parecia harmoniosa, fascinante, uma sugestão de algum anseio íntimo.

"Não estou de dieta", ele disse.

"Será que não está doente?" A preocupação dela era espontânea e genuína; era como se ele fosse seu amigo mais antigo.

"Oh, não. É que tenho tentado cozinhar pra mim mesmo."

"Oh, pobrezinho", ela disse. "Você sabe quais são as suas medidas?"

"Não."

"Bem, vamos ter que tirar."

Ela cruzou a sala se mexendo, agitando o ar e balançando os cabelos, e pegou uma fita métrica amarela numa gaveta. Para medir a cintura, teve que enfiar as mãos por baixo do seu casaco — um gesto que tinha algo de amoroso. Quando a fita estava ao redor da cintura, ele envolveu a cintura dela com os braços e a puxou contra si. Ela apenas riu e sacudiu os cabelos. Depois o afastou gentilmente, mais prometendo que rejeitando. "Oh, não", ela disse, "não esta noite, não esta noite, querido." Foi até o outro lado da sala e o encarou dali. Sua expressão era de um afeto turvado pela indecisão, mas, quando ele avançou em sua direção, ela virou a cabeça e a balançou vigorosamente. "Não, não, não", ela disse. "Não esta noite. Por

favor."

"Mas posso te ver de novo?"

"Claro, mas não esta noite." Ela atravessou a sala e pôs a mão no rosto dele. "Agora, vê se vai embora", disse, "e eu te ligo. Gosto de você, mas agora você tem que ir."

Ele se arrastou até a porta e saiu aturdido, mas também se sentindo maravilhosamente importante. Tinha ficado três minutos naquela sala, no máximo quatro, e o que era aquilo que acontecera entre eles, aquele reconhecimento instantâneo da sua afinidade como amantes? Tinha ficado excitado no primeiro instante em que a viu — excitado com a sua voz enérgica e alegre. Como haviam conseguido se aproximar com tão pouco esforço, de forma tão direta? E onde fora parar seu juízo do bem e do mal, seu desejo veemente de ser um homem respeitável, viril e, de acordo com os votos que fizera, casto? Era membro da Igreja de Cristo, era membro da sacristia, um devoto e um comungante assíduo, que tinha jurado sinceramente defender os preceitos da fé. Já havia cometido um pecado mortal. Mas, enquanto dirigia o carro sob as copas dos bordos pela noite de verão, ele submeteu os instintos a um exame meticuloso e não conseguiu encontrar nada além de bondade, magnanimidade e uma visão de mundo agora bastante ampliada. Encarou seus ovos mexidos, praticou as variações e tentou dormir. *"O, marito in città!"*

Era a lembrança do decote da sra. Zagreb que o atormentava. Sua maciez e fragrância ficaram pairando no ar enquanto ele aguardava a chegada do sono e o perseguiram em seus sonhos, e, quando ele acordou, foi como se seu rosto estivesse afundado no decote da sra. Zagreb, que cintilava como mármore e parecia, para os seus lábios sedentos, variegado e suave como os ares de uma noite de verão.

Tomou um banho frio pela manhã, mas o decote da sra. Zagreb permaneceu à sua espera do outro lado da cortina do boxe. Ficou roçando no seu rosto durante o trajeto de carro até a estação, lendo por cima do seu ombro no assento do trem das oito e trinta e três, sacolejando ao seu lado na conexão e no metrô, e o assombrou ao longo de um dia inteiro de trabalho. Ele achou que estava enlouquecendo. Assim que chegou em casa, procurou o nome dela no *Registro Social* que sua

mulher deixava ao lado do telefone. Era um erro, obviamente, mas ele encontrou o nome dela numa lista local e discou o número. "Suas calças estão prontas", ela disse. "Pode vir buscá-las quando for conveniente pra você. Agora, se quiser."

Ela gritou para que ele entrasse. Estava na sala e entregou-lhe as calças. Ele ficou tímido e se perguntou se a noite anterior não podia ter sido uma invenção sua. Ali, na sua timidez, estava a verdade, e todo o resto não tinha passado de imaginação. Ela era uma costureira viúva entregando uma pilha de calças a um homem solitário, que já deixara de ser jovem, numa casa de madeira da Maple Avenue que estava precisando de uma pintura. O mundo era governado pelo bom-senso, pelas paixões legítimas e pelos preceitos da fé. Ela balançou a cabeça. Era uma mania, então, e não tinha nada a ver com cabelos molhados. Ela afastou os cabelos da testa; correu os dedos pelos cachos escuros. "Se está com tempo para uma bebida", ela disse, "tudo que precisa está na cozinha."

"Adoraria beber alguma coisa", ele disse. "Me acompanha?"

"Quero um uísque com soda", ela disse.

Sentindo-se triste, agoniado e importante, e arrastado por aquelas correntes de sentimentos que nunca chegam à superfície, ele foi à cozinha preparar os drinques. Quando voltou para a sala, ela estava sentada no sofá, e ele sentou a seu lado; pareceu imergir em sua boca, como se ela fosse um redemoinho; deu três voltas para então ser engolido pelas profundezas de uma prodigiosa atemporalidade. O diálogo do amor repentino aparentemente não muda muito de um país para outro. Dizemos por cima do travesseiro, em qualquer idioma: "Alô, alô, alô, alô, alô", como se compenetrados numa interminável e carinhosa conversa telefônica transoceânica, e a adúltera, tomando o adúltero nos braços, chora dizendo: "Oh, meu amor, por que você é tão cruel?". Ela elogiou seu cabelo, seu pescoço, o declive das suas costas. Tinha um leve cheiro de sabonete — não estava usando perfume — e, quando ele disse isso, ela respondeu suavemente: "Mas eu nunca uso perfume quando vou fazer amor". Subiram lado a lado as escadas estreitas que conduziam ao quarto — o maior cômodo de uma casa pequena, também ele pequeno, e com mobília escassa, como o quarto de uma cabana de verão, com móveis velhos pintados de branco e um tapete branco puído. Para ele, a flexibilidade e os truques dela eram uma espantosa fonte de pureza. Nunca tinha conhecido um espírito tão puro, imponente, corajoso e tranquilo. Então eles

continuaram dizendo: "Alô, alô, alô, alô, alô" até as três da manhã, quando ela o forçou a ir embora.

Ele pisou em seu jardim às três e meia ou quatro da manhã. Havia uma lua crescente no céu, o ar estava leve e a luz vaporosa, e as nuvens lembravam uma praia em que as estrelas se esparramavam como conchas e pedrinhas. Alguma flor que se abre em julho — flox ou nicotiana — tinha perfumado o ar e o significado daquela luz vaporosa ainda permanecia intacto desde a adolescência; agora, como no passado, ela era um ensejo para o amor romântico. Mas e quanto às restrições impostas pela fé? Violara um mandamento sagrado, violara repetidas vezes, com todo o prazer, e o violaria de novo sempre que tivesse oportunidade; tinha, portanto, cometido um pecado mortal, e os sacramentos da Igreja lhe deviam ser negados. Mas não podia alterar a sensação de que a sra. Zagreb, com toda a sua proficiência, representava uma pureza e uma virtude incomuns. Se esses eram seus sentimentos genuínos, porém, ele deveria abdicar da sacristia e da Igreja, improvisar suas próprias noções do bem e do mal e sair à procura de uma vida além dos preceitos da fé. Se ele conhecia outros adúlteros que comungavam? Conhecia. Será que sua Igreja era somente uma conveniência social, um sinal de deliquescência e hipocrisia, um meio para ganhar vantagens? Será que todas as palavras emocionantes proferidas em casamentos e funerais não passavam de costumes tão religiosos quanto o hábito de tirar o chapéu no elevador da Brooks Brothers quando uma mulher entra? Batizado, criado e treinado no dogma da Igreja, não conseguia nem pensar na ideia de abrir mão da sua fé. Era sua melhor explicação para o milagre da vida, a receita para um amor vigoroso e onisciente, onipresente e incandescente como a luz do dia. Por que não pedir ao bispo sufragâneo que reavaliasse os Dez Mandamentos para incluir em suas orações uma referência especial aos sentimentos de magnanimidade e amor que sucedem a folgança sexual?

Andou pelo jardim consciente do fato de que ela havia pelo menos lhe concedido a ilusão de ter desempenhado um papel romântico importante na história, um papel principal, o que era um avanço animador com relação aos variados mensageiros, porteiros e palhaços da monogamia, e podia afirmar sem dúvida que os elogios dela o tinham enchido de confiança. Será que a excitação dela com o declive das suas costas era ardiloso, dissimulado, uma exploração insensível de uma

vaidade masculina enorme e profundamente oculta? O céu tinha começado a clarear e, depois de se despir para deitar, ele se olhou no espelho. Sim, os elogios que ela fizera eram mentiras. Seu abdômen era de uma flacidez abissal. Mas será mesmo? Ele o encolheu e soltou, o examinou de frente e de perfil, e foi dormir.

O dia seguinte foi um sábado e ele programou um roteiro. Cortar a grama, podar a cerca viva, rachar um pouco de lenha e pintar as janelas de proteção. Trabalhou alegremente até as cinco, quando tomou banho e preparou um drinque. Seu plano era fazer uns ovos mexidos e, já que o céu estava limpo, montar o telescópio, mas, assim que terminou o drinque, ele correu submisso até o telefone e ligou para a sra. Zagreb. Continuou ligando em intervalos de quinze minutos até escurecer, depois entrou no carro e dirigiu até a Maple Avenue. Havia uma luz acesa no quarto dela. O resto da casa estava às escuras. Um carro grande, com um selo do governo colado ao lado da placa, estava estacionado debaixo dos bordos e um motorista dormia no banco da frente.

Tinham pedido que ele recolhesse as doações na Santa Comunhão, e foi isso que ele fez, mas, quando se ajoelhou para confessar, não conseguiu admitir que seus atos haviam sido uma ofensa à glória divina; o peso de seus pecados não era intolerável; a memória deles podia ser qualquer coisa, menos dolorosa. Improvisou um agradecimento herético pela fidelidade e inteligência da sua esposa, pelos olhos límpidos de seus filhos e pela flexibilidade da sua amante. Não comungou e, quando o padre lançou um olhar inquiridor em sua direção, teve a tentação de dizer claramente: "Estou cometendo o adultério e não tenho vergonha". Leu os jornais até as onze e então ligou para a sra. Zagreb, que disse que ele podia vê-la quando desejasse. Chegou em dez minutos e foi para cima dela assim que entrou na casa. "Dei uma passada aqui ontem à noite", disse.

"Achei que fosse fazer isso", ela disse. "Conheço muitos homens. Se importa?"

"Nem um pouco", ele disse.

"Um dia, vou pegar uma folha de papel e escrever nela tudo que sei a respeito dos homens. Depois vou pôr a folha na lareira e queimar."

"Você não tem lareira."

"Pois é", ela disse, mas quase mais nada foi dito no resto da tarde e em boa parte

da noite, a não ser: "Alô, alô, alô, alô".

Quando ele chegou em casa na noite seguinte, havia uma carta da sua mulher na mesinha do vestíbulo. Teve a impressão de enxergar o conteúdo através do envelope. Na carta, ela explicaria com inteligência e serenidade que seu velho amante, Olney Pratt, voltara da Arábia Saudita e pedira sua mão em casamento. Ela desejava a liberdade e esperava que ele fosse capaz de compreender. Ela e Olney nunca tinham deixado de se amar e seriam desonestos, lá no fundo de si mesmos, caso negassem esse amor mais um único dia. Ela estava certa de que eles chegariam a um acordo sobre a guarda dos filhos. Ele tinha sido um bom provedor e um homem paciente, mas ela não queria vê-lo nunca mais.

Segurou a carta, pensando que a caligrafia da esposa expressava sua feminilidade, sua inteligência, sua profundidade; era a letra de uma mulher que pedia a liberdade. Rasgou o envelope totalmente preparado para ler a respeito de Olney Pratt, mas em vez disso leu: "Querido Amor-Urso, as noites estão *horrorosamente* frias e sinto *falta*…". Continuava desse jeito por duas páginas. Ainda estava lendo quando a campainha tocou. Era Doris Hamilton, uma vizinha. "Sei que você não atende o telefone e sei que não gosta de sair para jantar", ela disse, "mas estou determinada a fazer com que tenha pelo menos um jantar decente este mês, e vim te sequestrar."

"Bem", ele disse.

"Agora vê se sobe correndo essas escadas e toma um banho enquanto eu bebo alguma coisa", ela disse. "Vamos comer lagosta cozida. Tia Molly nos mandou um balde delas hoje cedo e você precisa nos ajudar a comer tudo. Eddie precisa ir ao médico depois do jantar e você pode voltar pra casa quando quiser."

Ele subiu as escadas e fez o que mandavam. Quando desceu depois de se trocar, ela estava tomando um drinque na sala, e em seguida eles foram até a casa dela em carros separados. Jantaram à luz de velas numa mesa colocada no jardim, e ele, de banho tomado e terno de linho, se viu contente no papel que havia dispensado tão recentemente e com tanto fervor. Não era um papel romântico principal, mas era dotado de uma sutil proeminência. Depois do jantar, Eddie pediu licença e saiu para se consultar com o psiquiatra, como fazia três vezes por semana, à noite. "Acho que você não tem falado com ninguém", disse Doris. "Acho que não está a par das

fofocas."

"De fato, não tenho falado com ninguém."

"Eu sei. Ouvi você praticando piano. Bem, Lois Spinner está processando Frank, pedindo até as cuecas dele."

"Por quê?"

"Bem, ele está enroscado com uma vagabunda asquerosa, uma mulher totalmente asquerosa. O filho mais velho deles, Ralph — é um garoto precioso —, flagrou os dois juntos num restaurante. Estavam dando comida *na boca* um do outro. Nenhum dos filhos quer vê-lo novamente."

"Não é o primeiro homem a ter uma amante", ele arriscou dizer.

"O adultério é um pecado mortal", ela disse faceira, "e era punido com a morte em muitas sociedades."

"Você se opõe com a mesma força ao divórcio?"

"Ah, ele não tinha intenção nenhuma de casar com aquela porca. Simplesmente achou que podia ir levando adiante esse jogo sujo, humilhando, envergonhando e agredindo a família, e depois voltar pro amor deles quando a brincadeira perdesse a graça. O divórcio não foi ideia dele. Ele implorou a Lois para que não se separassem. Creio que chegou a ameaçar se matar."

"Sei de homens", ele disse, "que conseguem dividir a atenção entre uma amante e a esposa."

"Ouso dizer que você nunca ouviu falar de um caso bem-sucedido", ela disse.

A verdade desumana dessa afirmação nunca tinha se apresentado a ele. "O adultério é uma coisa corriqueira", ele disse. "É tema da maior parte da nossa literatura, das nossas peças de teatro, dos nossos filmes. As canções populares tratam disso."

"Não seria uma boa ideia confundir a sua vida com uma farsa francesa, não é?"

A autoridade com que ela se expressou o surpreendeu. Ali estava a irresistibilidade do mundo obediente, do time universitário, do melhor clube. De repente a imagem do quarto da sra. Zagreb, cuja desolação lhe parecera tão tocante, reaparecia agora sob um prisma desfavorável. Lembrou que as cortinas das janelas estavam rasgadas e que as mãos que ele havia elogiado tantas vezes eram ásperas e grosseiras. A promiscuidade que tinha julgado ser a nascente de sua pureza ressurgia agora como uma doença incurável. Toda a ternura que ela lhe

dedicara parecia agora perversa e repulsiva. Ela havia rastejado diante de sua nudez. Repousando naquela noite de verão, vestindo roupas limpas, ele pensou na sra. Estabrook, tranquila e renovada, conduzindo seus quatro filhos belos e inteligentes por uma galeria na cabeça dele. O adultério era a matéria-prima das farsas, da música popular, da loucura e da autodestruição.

"Foi uma grande gentileza da sua parte me receber", ele disse. "E acho que agora vou indo. Quero tocar um pouco de piano antes de me deitar."

"Vou escutar", disse Doris. "Consigo ouvir muito bem deste lado do jardim."

O telefone estava tocando quando ele entrou em casa. "Estou sozinha", disse a sra. Zagreb, "e achei que talvez quisesse vir tomar alguma coisa." Ele chegou em poucos minutos, desceu mais uma vez ao fundo do oceano, mergulhando naquela prodigiosa atemporalidade, protegido das dores de estar vivo. Quando chegou a hora de partir, porém, ele disse que não poderia mais vê-la. "Não tem nenhum problema", ela disse. E depois: "Alguém já se apaixonou por você?".

"Sim", ele disse, "uma vez. Faz uns dois anos. Tive que ir a Indianápolis para implementar um programa de treinamento e tive que ficar na casa de umas pessoas — fazia parte do trabalho —, e entre elas havia uma mulher adorável e, toda vez que ela me via, começava a chorar. Chorava no café da manhã. Chorava o tempo todo nos coquetéis e nos jantares. Foi horrível. Tive que me mudar para um hotel e nunca pude contar isso pra ninguém, naturalmente."

"Boa noite", ela disse. "Boa noite e adeus."

"Boa noite, meu amor", ele disse, "boa noite e adeus."

Sua mulher telefonou na noite seguinte, quando ele estava montando o telescópio. Oh, quanta emoção! Viriam de carro no dia seguinte. Sua filha anunciaria o noivado com Frank Emmet. Queriam se casar antes do Natal. Era preciso tirar fotografias, enviar notas aos jornais, alugar uma tenda, encomendar vinhos et cetera. E seu filho tinha vencido as regatas segunda, terça e quarta-feira. "Boa noite, querido", disse a sua mulher, e ele se atirou na poltrona, profundamente grato por ter tantas aspirações retribuídas. Amava a filha e gostava de Frank Emmet, gostava até mesmo dos pais de Frank Emmet, que eram ricos, e a imagem de seu filho adorado segurando o timão, conduzindo o barco pelo último

trecho do percurso em direção à lancha do comitê, fazia uma enorme vibração se apoderar dele. E a sra. Zagreb? Ela não saberia velejar. Ela se enroscaria na escota da vela mestra, vomitaria contra o vento e cairia desmaiada na cabine quando já tivessem ultrapassado o promontório. Não saberia jogar tênis. Ora, nem esquiar ela saberia! Vigiado por Scamper, ele desarranjou a sala de estar. No corredor, pôs o cesto de lixo em cima do sofazinho. Na sala de jantar, pôs as cadeiras de ponta-cabeça em cima da mesa e apagou as luzes. Caminhando pela casa desarrumada, sentiu outra vez o calafrio e a perplexidade de alguém que retorna para verificar a ruína do tempo. Depois foi para o quarto dormir, cantando: *"Marito in città, la moglie ce ne va, o povero marito!"*.

"Marito in città"
Trad. Daniel Galera

O nadador

Era um daqueles domingos de verão em que fica todo mundo sentado dizendo: "Bebi *demais* ontem à noite". Você pode ter ouvido a frase murmurada por paroquianos ao saírem da igreja ou dos lábios do próprio padre ao lutar com a batina na sacristia; também pode tê-la ouvido nos campos de golfe e nas quadras de tênis, assim como na reserva natural onde o guia da Audubon estava na maior ressaca. "Bebi *demais*", disse Donald Westerhazy. "Todos nós bebemos *demais*", disse Lucinda Merrill. "Deve ter sido o vinho", comentou Helen Westerhazy. "Bebi *demais* daquele clarete."

Esse diálogo ocorreu na beira da piscina dos Westerhazy, cuja água, vinda de um poço artesiano com altos índices de ferro, tinha uma coloração verde-clara. Fazia um belo dia. No oeste, uma maciça estrutura de cúmulos se parecia tanto com uma cidade, vista ao longe da proa de um navio, que merecia ter um nome. Lisboa. Hackensack. O sol queimava. Neddy Merrill estava sentado na borda da piscina, com uma das mãos na água esverdeada e a outra segurando um copo de gim. Era um homem enxuto, que conservava aquela esbeltez especial da juventude, e, embora estivesse longe de ser um jovem, naquela manhã descera a escada

escorregando pelo corrimão e dera um tapa no traseiro de bronze de Afrodite ao passar trotando pelo vestíbulo a caminho da sala de jantar, onde o esperava o aroma do café. Ele próprio poderia ser comparado a um dia de verão, sobretudo ao entardecer, pois, conquanto lhe faltasse ali uma raquete de tênis ou uma sacola de velejador, definitivamente transmitia uma impressão de mocidade, esporte e tempo agradável. Tendo acabado de nadar, ele agora respirava fundo, ruidosamente, como se quisesse trazer para dentro dos pulmões os componentes daquele momento, o calor do sol, a intensidade de seu prazer. Tudo parecia fluir para dentro de seu tórax. Morava em Bullet Park, treze quilômetros ao sul, onde suas quatro belas filhas já teriam almoçado e poderiam estar jogando tênis. Então lhe ocorreu que, fazendo um percurso em forma de L rumo ao sudoeste, poderia chegar em casa por uma via aquática.

Como não era um homem de hábitos rígidos, o prazer que sentiu ao ter essa visão não podia ser confundido com nenhuma forma de escapismo. Ele parecia ver, com o olhar de um cartógrafo, a série de piscinas, aquele ribeirão quase subterrâneo que fazia uma grande curva na vizinhança. Havia feito uma descoberta, uma contribuição à geografia moderna, e daria o nome de Lucinda, sua mulher, àquele curso de água. Ned não gostava de pregar peças nos outros e não era nenhum bobo, porém tinha uma imaginação original e uma vaga (ainda que modesta) ideia de ser uma figura lendária. Pareceu-lhe que uma longa nadada poderia alargar e enaltecer a beleza do dia.

Tirou o suéter que lhe cobria os ombros e mergulhou. Ele tinha um desprezo incompreensível por homens que não se atiram na piscina. Partiu num nado livre de movimentos bruscos, respirando a cada braçada ou a cada quarta braçada e contando nos recessos da mente o um-dois, um-dois da batida de pés. Não era uma técnica apropriada para longas distâncias, mas a popularização do nado havia criado certos hábitos e, no lugar onde ele vivia, o crawl era dominante. Ser envolvido e sustentado pela água esverdeada lhe proporcionaria mais prazer caso ele tirasse o calção, porém isso não seria possível se quisesse realizar o projeto. Saiu da água na extremidade oposta — nunca usava a escada — e começou a cruzar o gramado. Quando Lucinda lhe perguntou aonde ia, disse que voltaria nadando para casa.

Os únicos mapas em que podia se basear estavam arquivados em sua memória ou eram imaginários, porém não deixavam de ser bastante claros. Primeiro, viriam

os Graham, os Hammer, os Lear, os Howland e os Crosscup. Atravessaria depois a rua Ditmar para chegar aos Bunker e, após um curto trecho em terra, passaria pelos Levy, pelos Welcher e pela piscina pública de Lancaster. A seguir, era a vez dos Halloran, dos Sachs, dos Biswanger, de Shirley Adams, dos Gilmartin e dos Clyde. O dia estava lindo, e o fato de que ele vivia num mundo tão generosamente suprido de água era uma indulgência, um ato filantrópico. Eufórico, cruzou correndo o gramado. Voltar para casa por um caminho incomum lhe dava a sensação de ser um peregrino, um explorador, um homem com um destino a cumprir — e ele sabia que iria encontrar amigos ao longo de todo o percurso, amigos que ocupariam toda a margem do rio Lucinda.

Tendo atravessado a cerca viva que separava os terrenos dos Westerhazy e dos Graham, passou debaixo de algumas macieiras em flor e, contornando a casinha onde ficavam a bomba e o filtro, desembocou na piscina dos Graham. "Nossa, Neddy", disse a sra. Graham, "que surpresa maravilhosa! Fiquei tentando ligar pra você a manhã toda. Venha, me deixe lhe trazer um drinque." Como qualquer explorador, ele se deu conta naquele momento de que seria necessário tratar com diplomacia os costumes e tradições de hospitalidade dos nativos se de fato pretendia chegar a seu destino. Não queria causar confusão na cabeça dos Graham ou ser rude, porém não tinha tempo para ficar por ali. Nadou de uma ponta à outra da piscina, sentou-se junto a eles sob o sol e foi salvo, alguns minutos mais tarde, pela chegada de dois carros cheios de amigos do casal vindos de Connecticut. Conseguiu escapar durante as efusivas demonstrações de alegria. Saiu pela frente da casa, pulou por cima de uma cerca de espinhos e cruzou um terreno baldio para chegar à casa dos Hammer. Erguendo os olhos do canteiro de rosas, a sra. Hammer viu alguém passar nadando, embora não soubesse ao certo quem era. Pela janela da sala de visitas, os Lear ouviram o barulho que ele fez ao mergulhar. Os Howland e os Crosscup haviam saído. Deixando o terreno dos Howland, ele atravessou a rua Ditmar a caminho da casa dos Bunker, de onde lhe chegou, mesmo à distância, a algazarra de uma festa.

A água refletia o som das vozes e das risadas, que pareciam suspensas no ar. Como a piscina dos Bunker ficava numa área mais elevada, ele subiu os degraus para o terraço, onde vinte e cinco a trinta homens e mulheres bebiam. A única pessoa na água era Rusty Towers, que boiava num colchão de borracha. Ah, como

eram belas e luxuriantes as margens do rio Lucinda! Gente próspera reunida em torno de águas cor de safira enquanto garçons de paletó branco serviam gim gelado. Acima deles, um avião de treinamento De Havilland vermelho circulava no céu com a alegria de uma criança num balanço. Ned sentiu uma afeição momentânea pela cena, certa ternura pela festa, como se fosse algo que ele pudesse tocar. Ouviu trovões ao longe. Tão logo o viu, Enid Bunker começou a gritar: "Ah! Vejam só quem está aqui! Que surpresa maravilhosa! Quase *morri* quando Lucinda disse que vocês não iam poder vir!". Dirigiu-se a ele através da massa de convidados e, quando acabaram de se beijar, o levou até o bar, embora lentamente porque Ned teve de parar para beijar de oito a dez mulheres, além de apertar a mão de um número equivalente de homens. Um garçom sorridente, a quem já vira numa centena de festas, lhe serviu um gim-tônica, e ele permaneceu diante do bar por algum tempo, ansioso para não entrar em nenhuma conversa que pudesse atrasar sua viagem. Quando parecia prestes a ser cercado por todos os lados, mergulhou e nadou próximo à borda para não colidir com o colchão de Rusty. Na outra extremidade da piscina, passou pelos Tomlinson com um largo sorriso e trotou pelo caminho do jardim. O cascalho machucou seus pés, porém essa foi a única coisa desagradável. Como a festa estava restrita à área da piscina, o vozerio reverberante foi perdendo intensidade à medida que ele avançou na direção da casa, sendo substituído pelo som vindo de um rádio na cozinha dos Bunker, onde alguém ouvia um jogo de beisebol. Tarde de domingo. Ele se esgueirou entre os carros estacionados e desceu pelo gramado até a Alewives Lane. Não queria ser visto de calção de banho, mas a rua estava deserta e ele venceu a pequena distância até a entrada de automóveis da casa dos Levy, assinalada por uma placa de PROPRIEDADE PRIVADA e um tubo verde para receber o *The New York Times*. Todas as portas e janelas da grande casa estavam abertas, mas não havia o menor sinal de vida, nenhum cachorro latiu. Ele passou pelo lado da casa até chegar à piscina e viu que os Levy tinham acabado de sair. Numa mesa próxima à parte mais funda da piscina, viam-se copos, garrafas e pratos de nozes sob o gazebo decorado com lanternas japonesas. Depois de atravessar a piscina, pegou um copo e serviu uma bebida. Era seu quarto ou quinto drinque, e ele havia nadado quase metade da extensão do rio Lucinda. Sentiu-se cansado, limpo e feliz de estar só naquele momento — feliz com tudo.

Uma tempestade se aproximava. A vasta parede de nuvens — aquela cidade — ficara mais alta e enegrecera. Ali sentado, de novo ouviu o ribombar de um trovão. O avião de treinamento De Havilland ainda fazia círculos no céu e Ned teve a sensação de que o piloto ria com o prazer que a tarde lhe proporcionava, porém partiu para sua base quando ressoou outro trovão. Um trem apitou e ele se perguntou que horas seriam. Quatro? Cinco? Pensou na estaçãozinha local àquela hora, quando estariam esperando pelo trem parador um garçom com o traje a rigor escondido sob a capa de chuva, um anão com flores embrulhadas em jornal e uma mulher que chorava até pouco antes. De repente, começou a escurecer: era aquele instante em que os passarinhos organizam seus cantos num reconhecimento agudo e facilmente compreensível de que a tempestade está para chegar. Ouviu então o som delicioso de água caindo da fronde de um carvalho às suas costas, como se uma torneira houvesse sido aberta. E, logo depois, das copas de todas as altas árvores veio aquele ruído de fontes jorrando. Por que ele gostava tanto das tempestades, qual o significado de sua excitação quando a porta era aberta por uma lufada e o vento de chuva subia com violência pelas escadas, por que a simples tarefa de fechar as janelas de uma velha casa lhe pareceu correta e urgente, por que as primeiras notas molhadas de uma ventania soavam para ele, de forma inconfundível, como o prenúncio de notícias boas e alegres? Houve então uma explosão, um cheiro de cordite, e a chuva castigou as lanternas japonesas que a sra. Levy comprara em Kyoto no ano retrasado — ou teria sido um ano antes?

Permaneceu no gazebo dos Levy até a tormenta passar. A chuva refrescara o ar e ele teve um calafrio. A força do vento arrancara de um bordo todas as folhas vermelhas e amarelas, espalhando-as sobre o gramado e a água. Como estavam em pleno verão, o bordo devia ter alguma doença, porém aquele sinal de outono lhe causou uma pontada aguda de tristeza. Abraçou os ombros, esvaziou o copo e partiu em direção à piscina dos Welcher. Isso implicava atravessar o picadeiro dos Lindley, e ele se surpreendeu ao vê-lo coberto de capim, com os obstáculos desmontados. Perguntou-se se os Lindley tinham vendido os cavalos ou se saíram para as férias de verão e os deixaram em algum haras. Lembrou-se vagamente de que alguém lhe falara algo sobre os Lindley e seus cavalos, mas não sabia o quê. Seguiu descalço pela grama úmida até a casa dos Welcher, onde descobriu que a piscina deles estava vazia.

Essa quebra no seu curso aquático o desapontou absurdamente, fazendo-o sentir-se como um explorador que busca uma nascente torrencial e encontra um riacho ressequido. Além de desapontado, ele estava perplexo. Era bastante comum as pessoas saírem no verão, mas ninguém esvaziava a piscina. Os Welcher sem dúvida haviam partido. As cadeiras da piscina tinham sido dobradas, empilhadas e cobertas com lona. O banheiro fora trancado à chave. Todas as janelas da casa estavam fechadas e, ao contorná-la, ele viu uma placa de VENDE-SE pregada numa árvore. Quando é que ele tinha ouvido falar dos Welcher pela última vez — quer dizer, quando é que ele e Lucinda haviam recusado pela última vez um convite para jantar na casa deles? Parecia ter sido apenas uma semana antes ou coisa parecida. Será que sua memória estava falhando ou ele a teria disciplinado tanto para reprimir fatos desagradáveis que acabara afetando sua percepção da verdade? E então ouviu, ao longe, o som de um jogo de tênis. Isso o alegrou, varrendo todas as apreensões e permitindo que encarasse com indiferença o céu encoberto e o ar frio. Esse era o dia em que Neddy Merrill atravessaria a vizinhança a nado! Esse era o dia! Ele foi enfrentar, então, sua mais difícil travessia por terra.

Se você tivesse saído para passear de carro naquele dia, poderia tê-lo visto, quase nu, no acostamento da rota 424 esperando uma oportunidade para atravessar. Talvez se perguntasse se ele fora vítima de um assalto, se seu carro tinha enguiçado ou se se tratava apenas de algum idiota. Descalço em meio ao lixo da beira da estrada — latas de cerveja, farrapos, pedaços de borracha de pneu —, exposto ao ridículo, era uma figura digna de pena. Desde o começo, ele sabia que aquela travessia fazia parte do trajeto, constava em seu mapa mental, mas, confrontado com as fileiras de carros que se arrastavam como minhocas sob o sol do verão, sentiu que não estava preparado para aquilo. Foi objeto de deboches e de vaias, lhe atiraram uma lata de cerveja, e ele não conseguia modificar a situação com algum toque de dignidade ou humor. Bem que poderia ter dado meia-volta e regressado à casa dos Westerhazy, onde Lucinda ainda estaria se bronzeando. Ele não havia assinado nenhum contrato ou assumido nenhum compromisso, não havia feito promessa alguma nem para si próprio. Como acreditava que a teimosia humana devia se curvar perante o bom-senso, por que então era incapaz de voltar atrás? Por

que estava decidido a completar o percurso mesmo pondo em risco sua vida? Em que ponto aquela brincadeira, aquela piada, aquela travessura se transformara numa coisa séria? Mas o fato é que não podia voltar, não podia nem mesmo se lembrar com clareza da água esverdeada na piscina dos Westerhazy, de haver aspirado todos os componentes do dia, das vozes amigas e tranquilas dizendo que tinham bebido *demais*. No espaço de mais ou menos uma hora, ele cobrira uma distância que tornava impossível seu regresso.

Dirigindo a menos de trinta quilômetros por hora, um velho permitiu que ele atingisse a faixa de grama no meio da estrada. Ali ficou exposto à ridicularização por parte dos carros que seguiam rumo ao norte, porém, após dez ou quinze minutos, conseguiu atravessar. De lá era uma curta caminhada até o centro de recreação da cidadezinha de Lancaster, onde havia algumas quadras esportivas e uma piscina pública.

O efeito da água sobre as vozes, a ilusão de limpidez e suspensão, era idêntico ao da casa dos Bunker, embora aqui os sons fossem mais altos, mais ásperos e estridentes. Tão logo ele entrou na área cercada, as regras disciplinares se fizeram presentes. "TODOS OS NADADORES DEVEM TOMAR UMA DUCHA ANTES DE ENTRAR NA PISCINA. TODOS OS NADADORES DEVEM UTILIZAR O TANQUE DE LAVAR OS PÉS. TODOS OS NADADORES DEVEM USAR SEUS DISCOS DE IDENTIFICAÇÃO." Ele tomou uma ducha, enfiou os pés numa solução opaca da qual se desprendia um odor acre e caminhou até a borda da piscina. A água tinha um cheiro forte de cloro e parecia suja. Dois salva-vidas, cada qual instalado numa torre, sopravam apitos de polícia a intervalos aparentemente regulares e destratavam os nadadores pelos alto-falantes. Neddy sentiu saudade da água cor de safira da piscina dos Bunker e temeu se contaminar, prejudicando seu charme e sua prosperidade, caso nadasse naquela imundície. No entanto, lembrou-se de que era um explorador, um peregrino, e que aquele era apenas um trecho de água estagnada do rio Lucinda. Com uma careta de nojo, mergulhou no banho de cloro e teve de nadar com a cabeça acima da água para evitar colisões, conquanto mesmo assim tenha sido abalroado, salpicado e sacudido. Quando chegou à parte mais rasa, os dois salva-vidas berraram para ele: "Ei, você aí, sem o disco de identificação! Saia da água!". Tratou de sair, mas eles não tinham como persegui-lo e ele atravessou os miasmas de cloro e óleo de bronzear, passou pelo alambrado e cruzou as quadras esportivas. Cruzou a rua e

entrou no bosque da propriedade dos Halloran. Como o chão do bosque não estava limpo, ele pisou com cuidado para não se machucar até alcançar o gramado e a sebe de faias aparadas que circundava a piscina.

Os Halloran eram bons amigos, um casal já idoso e extremamente rico que achava ótimo quando as pessoas suspeitavam que eles fossem comunistas. Na verdade, eram reformistas radicais, e não comunistas, mas, quando acontecia de serem acusados de subversivos, isso os agradava e excitava muito. Como a sebe estava amarelada, Ned imaginou que as faias tinham a mesma doença do bordo dos Levy. Gritou alô, alô, a fim de alertar os Halloran de sua chegada e amenizar assim aquela invasão de privacidade. Os Halloran, por razões que ele desconhecia, jamais usavam roupas de banho. Na realidade, não cabia nenhuma explicação. A nudez deles era apenas um pormenor no zelo reformista extremado que os caracterizava, e Ned cortesmente tirou o calção antes de passar pela abertura na sebe.

A sra. Halloran, uma mulher corpulenta de cabelos brancos e rosto sereno, lia o *Times* enquanto seu marido catava com uma peneira folhas de faia caídas na água. Não se mostraram nem surpresos nem aborrecidos ao vê-lo. A piscina deles era talvez a mais antiga da região, um retângulo de pedras abastecido por um riachinho. Sem filtro nem bomba, suas águas opacas tinham o tom dourado de uma fonte natural.

"Estou atravessando a vizinhança a nado", disse Ned.

"É mesmo? Não sabia que isso era possível", exclamou a sra. Halloran.

"Bem, estou vindo da casa dos Westerhazy", Ned respondeu. "Isso deve dar mais de seis quilômetros."

Ele deixou o calção na parte mais funda, caminhou até a mais rasa e voltou nadando. Ao sair da piscina, ouviu a sra. Halloran dizer: "Ficamos *muitíssimo* tristes ao saber dos seus problemas, Neddy".

"Meus problemas?", Ned perguntou. "Não sei do que você está falando."

"Soubemos que você vendeu a casa e que as pobres das suas filhas..."

"Não me lembro de ter vendido a casa", disse Ned, "e as meninas estão lá."

"Está bem", suspirou a sra. Halloran. "Está bem..." Sua voz ressoou com uma melancolia pouco apropriada para aquela época do ano, e Ned retrucou com vivacidade: "Muito obrigado pela nadada!".

"Faça uma boa viagem", disse a sra. Halloran.

Passada a sebe, ele vestiu o calção e o amarrou. Estava largo na cintura e ele se perguntou se, numa única tarde, era possível que tivesse perdido tanto peso. Sentiu frio e cansaço, o casal de nudistas, com suas águas escuras, o deprimira. A travessia das numerosas piscinas estava exigindo um esforço demasiado, mas como ele poderia ter previsto isso se, naquela manhã, havia descido pelo corrimão e sentado ao sol na casa dos Westerhazy? Seus braços pendiam frouxos. As pernas pareciam feitas de borracha, as juntas doíam. O pior de tudo era o frio nos ossos e a sensação de que talvez nunca mais voltasse a se aquecer. As folhas tombavam ao seu redor, o vento lhe trazia o cheiro de madeira queimada. Mas quem estaria queimando madeira àquela altura do ano?

Precisava de um drinque. O uísque o esquentaria e, encorajando-o a enfrentar a parte final do trajeto, lhe traria de volta o sentimento de que atravessar a vizinhança a nado era algo original e valoroso. Os nadadores que faziam a travessia do canal da Mancha tomavam conhaque. Ele necessitava de um estimulante. Cruzou o gramado em frente à residência dos Halloran e tomou o caminho bem curto que levava à casa que eles haviam construído para a filha única, Helen, e seu marido, Eric Sachs. A piscina deles era pequena e Ned os encontrou lá.

"Ah, *Neddy*", disse Helen. "Você almoçou na casa da mamãe?"

"Na verdade, *não*", Ned respondeu. "Só *passei* por lá para ver seus pais." Isso parecia bastar em matéria de explicação. "Sinto muito aparecer assim de surpresa, mas de repente me deu um frio e queria saber se vocês podiam me oferecer um drinque."

"Bem que eu *gostaria*", disse Helen, "mas não temos nenhuma bebida na casa desde que o Eric foi operado. Já faz três anos."

Será que ele estava perdendo a memória, será que seu dom de ocultar os fatos desagradáveis vinha fazendo com que se esquecesse de ter vendido a casa, de que suas filhas estavam em apuros, de que seu amigo havia ficado doente? Seus olhos escorregaram do rosto para o abdômen de Eric, onde ele viu três cicatrizes pálidas e suturadas, duas das quais com pelo menos trinta centímetros de comprimento. Como o umbigo dele tinha desaparecido, Neddy se perguntou o que a mão que passeia pelo corpo na cama, conferindo os próprios atributos às três da madrugada, pensaria de uma barriga sem umbigo, sem ligação com o momento da vinda ao mundo, rompendo assim sua linha sucessória?

"Tenho certeza que você vai arranjar um drinque na casa dos Biswanger", disse Helen. "Eles estão dando uma festança. Dá para ouvir daqui. Preste atenção!"

Ela ergueu a cabeça e Ned mais uma vez ouviu, do outro lado da rua, dos gramados, dos jardins, dos bosques e dos campos, as vozes límpidas refletidas na água. "Bom, vou dar uma caída", ele disse, sentindo ainda que não tinha escolha no tocante ao seu modo de locomoção. Mergulhou na água fria e, respirando com dificuldade, quase se afogando, conseguiu percorrer a piscina de ponta a ponta. "Lucinda e eu queremos *muito* ver vocês", disse por cima do ombro, com o corpo já apontando na direção da casa dos Biswanger. "Pena que não nos vemos há tanto tempo, mas vamos chamar vocês por *esses* dias."

Ele atravessou alguns campos para chegar à casa dos Biswanger, de onde vinham os sons da festa. Eles ficariam honrados em lhe servir um drinque, ficariam realmente felizes em lhe oferecer uma bebida. Os Biswanger os convidavam, a ele e a Lucinda, para jantar quatro vezes por ano com seis semanas de antecedência. Seus convites eram sempre recusados e, no entanto, eles continuavam a enviá-los por se recusarem a entender as realidades rígidas e não igualitárias da sociedade em que viviam. Eram o tipo de gente que discute o preço das coisas em coquetéis, que troca dicas sobre o mercado de ações durante o jantar, que conta piadas indecentes depois do jantar na presença das senhoras. Não pertenciam ao grupo de Neddy nem constavam da lista de cartões de Natal de Lucinda. Ele caminhou na direção da piscina deles com um misto de indiferença, comiseração e certo mal-estar, pois o sol já parecia estar se pondo quando aqueles eram os dias mais longos do ano. Ao chegar, verificou que a festa era de fato grande e barulhenta. Grace Biswanger pertencia ao gênero de anfitriã que convida o optometrista, o veterinário, o corretor de imóveis e o dentista. Ninguém estava nadando, e o lusco-fusco, refletido na água da piscina, tinha um brilho hibernal. Localizou o bar e seguiu para lá. Ao vê-lo, Grace Biswanger se aproximou com uma atitude belicosa, e não do modo afetuoso que ele tinha todo o direito de esperar.

"Vejam só, tem mesmo de tudo nesta festa", ela disse alto, "inclusive um penetra."

Ela não seria capaz de esnobá-lo, essa hipótese nem se colocava, e por isso ele não pestanejou. "Como penetra", perguntou com toda a cortesia, "será que eu não faço jus a um drinque?"

"Sirva-se", ela disse. "Você não parece mesmo se importar muito com convites."

Ela lhe deu as costas e foi se juntar a outros convidados, enquanto ele seguiu para o bar e pediu um uísque. O garçom o serviu, porém de maneira indelicada. Nos círculos que ele frequentava, como os serviçais tinham perfeita noção do status dos patrões, ser maltratado por um garçom empregado em tempo parcial significava que ele havia sofrido uma perda de posição social. Ou talvez o sujeito fosse novo e desinformado. Então, às suas costas, ouviu Grace dizer: "Eles quebraram da noite para o dia, só sobrou mesmo o salário. Apareceu bêbado um domingo e nos pediu cinco mil dólares emprestados...". Ela falava sempre sobre dinheiro. Era pior que mastigar de boca aberta. Ele pulou na piscina, nadou até a outra ponta e foi embora.

A piscina seguinte na lista, a antepenúltima, pertencia à sua antiga amante, Shirley Adams. Se ele sofrera algum dano na casa dos Biswanger, tudo seria compensado ali. O amor — de fato, uma violenta atração carnal — era o elixir supremo, o analgésico, a pílula vivamente colorida que lhe daria novas forças, que traria de volta a alegria de viver. Haviam tido um romance na semana anterior, no mês anterior, no ano anterior. Ele não conseguia lembrar. Quem tinha acabado com a coisa fora ele, sempre fora o dominante, e por isso atravessou com absoluta autoconfiança o portão que dava para a piscina dela. De certo modo, era como se ele fosse o proprietário da piscina, porque o amante, em especial o amante ilícito, desfruta das posses de sua companheira com uma autoridade inexistente no sagrado matrimônio. Ela estava lá, com os cabelos cor de cobre, mas seu corpo, pousado na borda da água clara e cerúlea, não despertou nele nenhuma memória profunda. Tinha sido, Ned pensou, um caso superficial, embora ela houvesse chorado quando ele anunciou o rompimento. Shirley pareceu atônita ao vê-lo, e ele se perguntou se ela ainda estava ressentida. Será possível que iria chorar de novo?

"O que é que você quer?", ela perguntou.

"Estou atravessando a vizinhança a nado."

"Deus meu! Quando é que você vai crescer?"

"Que que há?"

"Se veio aqui pedir dinheiro, não vou te dar nem mais um centavo."

"Você podia me dar um drinque."

"Podia, mas não vou dar. Não estou sozinha."

"Muito bem, então vou indo."

Ele mergulhou e atravessou a piscina, porém, quando tentou galgar a borda, viu que a força de seus braços e ombros desaparecera, obrigando-o a nadar cachorrinho até a escada para poder sair. Olhando por sobre o ombro, viu um rapaz no banheiro iluminado. Ao penetrar no gramado às escuras, sentiu no ar noturno o aroma de crisântemos ou cravos-de-defunto — alguma teimosa fragrância de outono —, tão forte quanto o cheiro de gás. Olhando para o céu, notou que as estrelas já brilhavam, mas como era possível ver Andrômeda, Cefeu e Cassiopeia? Onde estariam as constelações visíveis no meio do verão? Começou a chorar.

Talvez fosse a primeira vez que ele chorava em toda a sua vida adulta, sem dúvida a primeira vez na vida que se sentia tão infeliz, cansado e confuso, com tanto frio. Era incapaz de entender a estupidez do garçom ou a grosseria da amante, que se chegara a ele de joelhos e lhe molhara as calças com suas lágrimas. Ele havia nadado demais, ficara imerso por tempo demais, seu nariz e sua garganta estavam doloridos por causa da água. O que precisava agora era de um drinque, de alguma companhia, de roupas limpas e secas. E, embora pudesse atravessar a rua e seguir diretamente para casa, caminhou na direção da piscina dos Gilmartin. Lá, pela primeira vez em sua vida, não mergulhou: desceu os degraus para entrar na água frígida e nadou com um movimento lateral espasmódico que talvez tivesse aprendido na juventude. Cambaleou de cansaço até a casa dos Clyde e cruzou a piscina deles nadando cachorrinho, agarrando-se várias vezes à borda para descansar. Subiu pela escada e ficou em dúvida se tinha forças para andar até sua casa. Ele havia feito o que queria, atravessara a vizinhança a nado, porém estava tão exausto que seu triunfo parecia pouco claro. Encurvado, apoiando-se na cerca, tomou o caminho que levava à porta.

A casa estava às escuras. Será que já era tão tarde que todos haviam ido dormir? Será que Lucinda tinha ficado para jantar na casa dos Westerhazy? As meninas teriam decidido se encontrar com ela ou estavam em outro lugar? Mas, como costumavam fazer aos domingos, não haviam todos eles concordado em recusar qualquer convite e ficar em casa? Tentou abrir as portas da garagem para ver que carros se encontravam lá, porém estavam todas trancadas e suas mãos ficaram sujas de ferrugem ao pegar nos puxadores. Aproximando-se da casa, viu que a ventania derrubara uma das calhas: tombada sobre a porta da frente como uma vareta

quebrada de guarda-chuva, teria de ser consertada pela manhã. A casa estava trancada, e ele imaginou que o idiota do cozinheiro ou a idiota da arrumadeira teriam fechado todas as portas à chave, até que se lembrou de que havia muito tempo não tinham nenhum empregado doméstico. Ele gritou, esmurrou a porta da frente, tentou forçá-la com o ombro, e então, olhando através de uma janela, viu que a casa estava vazia.

"The swimmer"
Trad. Jorio Dauster

O mundo das maçãs

Asa Bascomb, o premiado ancião, estava circulando pela sua casa de trabalho ou estúdio — nunca tinha decidido que nome dar a uma casa onde se vai escrever poesia —, matando vespas com um exemplar do *La Stampa* e tentando entender por que nunca recebera o Prêmio Nobel. Recebera quase todos os outros emblemas de renome. Num baú no canto havia medalhas, condecorações, festões, ramalhetes, faixas e distintivos. A estufa que aquecia seu estúdio fora doada pelo Oslo PEN Club, a mesa era um presente da União dos Escritores de Kiev e o próprio estúdio fora construído por uma associação internacional de admiradores. Os presidentes da Itália e dos Estados Unidos tinham enviado seus cumprimentos por telegrama no dia em que ele recebeu a chave da casa. Onde estava o Nobel? Paf, paf. O estúdio lembrava um pouco um celeiro, com vigas no teto e uma grande janela do lado norte com vista para os Abruzzi. Ele teria preferido um lugar bem menor com janelas menores, mas não havia sido consultado. Era como se houvesse um conflito entre a altitude das montanhas e as disciplinas do verso. Na época sobre a qual escrevo, ele tinha oitenta e dois anos e morava numa villa na base da cidadela de Monte Carbone, ao sul de Roma.

Tinha cabelos brancos, grossos e cheios, com uma mecha caindo sobre a testa. No alto da cabeça, costumava haver dois ou três tufos saltados ou espetados. Ele os umedecia com sabão para as ocasiões formais, mas eles não ficavam comportados por mais de uma ou duas horas e em geral já tinham saltado de novo quando o champanhe começava a ser servido. Fazia parte da imagem que ele passava. Assim como recordamos um homem pelo nariz comprido, por um sorriso, por uma marca de nascença ou uma cicatriz, as pessoas lembravam de Bascomb por seus tufos de cabelo rebeldes. Era conhecido vagamente como o Cézanne dos poetas. Havia uma certa precisão linear na sua obra que, para alguns, poderia remeter a Cézanne, mas a visão subjacente na pintura de Cézanne diferia da dele. A comparação equivocada podia ter surgido porque o título de seu livro mais famoso era *O mundo das maçãs* — poemas em que seus admiradores encontravam a pungência, a diversidade, a cor e a nostalgia das maçãs do norte da Nova Inglaterra, que ele não visitava fazia quarenta anos.

Por que ele — um homem provinciano, famoso por sua simplicidade — escolhera trocar Vermont pela Itália? Teria sido escolha de sua amada Amelia, falecida havia dez anos? Muitas de suas decisões tinham sido tomadas por ela. Teria ele, um filho de fazendeiro, sido ingênuo a ponto de achar que uma vida em outro país poderia trazer alguma cor aos seus inícios austeros? Ou teria sido apenas uma questão de praticidade, uma fuga da publicidade que era um incômodo no país de origem? Os admiradores o encontravam em Monte Carbone, surgiam quase todo dia, mas em quantidades modestas. Era fotografado uma ou duas vezes por ano para a *Match* ou a *Epoca* — usualmente na data de seu aniversário —, mas, no geral, conseguia levar uma vida mais sossegada do que seria possível nos Estados Unidos. Caminhando pela Quinta Avenida em sua mais recente visita à terra natal, foi interceptado por estranhos que lhe pediam autógrafos em pedaços de papel. Nas ruas de Roma, ninguém sabia quem ele era nem dava a mínima, e era assim que ele preferia.

Monte Carbone era uma cidade sarracena construída no cume de um monte isolado de granito protuberante em formato de pão. No topo da cidade havia três nascentes puras e abundantes cuja água escorria em poças ou dutos pelas encostas da montanha. Sua villa estava situada embaixo da cidadela e ele tinha, no seu jardim, uma quantidade de fontes abastecidas pelas nascentes do cume. O som da

água escorrendo era alto e desarmônico — o som de algo batendo ou chacoalhando. A água doía de tão gelada, mesmo em pleno verão, e ele guardava o gim, o vinho e o vermute num tanque do terraço. Trabalhava no estúdio durante a manhã, fazia a sesta após o almoço e depois subia a escadaria até a cidade.

A tufa, os pepperoni e o líquen amargo enraizado nas paredes e telhados não fazem parte do imaginário de um americano, mesmo que ele tenha vivido por muitos anos, como Bascomb, cercado por esse amargor. A subida da escadaria o deixava sem fôlego. Ele parava seguidas vezes para respirar. Todo mundo falava com ele. *Salve, maestro, salve!* Quando avistava o transepto de tijolos da igreja do século XII, sempre murmurava a data consigo, como se explicasse as belezas do lugar a um acompanhante inexistente. As belezas do lugar eram tão numerosas quanto sombrias. Seria sempre um estranho ali, mas via essa sua estranheza como uma metáfora relacionada ao tempo, como se, ao galgar a estranha escadaria e passar pelas estranhas muralhas, ele galgasse as horas, os meses, os anos e as décadas. Na piazza, bebia um cálice de vinho e recolhia a correspondência. Recebia mais cartas por dia do que todo o resto da população da cidade. Eram cartas de admiradores e convites para ministrar palestras, fazer leituras ou simplesmente dar as caras, e aparentemente ele estava incluído nas listas de convites de todas as sociedades honoríficas do mundo ocidental, afora, é claro, a sociedade formada pelos agraciados com o Prêmio Nobel. Sua correspondência ficava guardada numa bolsa e, se ela estivesse pesada demais para que ele a carregasse, Antonio, o filho da *postina*, o acompanhava no caminho de volta até a villa. Cuidava da correspondência até as cinco ou seis horas. Duas ou três vezes por semana, peregrinos descobriam a localização da villa e, caso fosse com a cara deles, oferecia-lhes algo para beber enquanto autografava exemplares de *O mundo das maçãs*. Quase nunca traziam seus outros livros, embora tivesse publicado uma dúzia deles. Duas ou três noites por semana, jogava gamão com Carbone, o padrone local. Os dois acreditavam que o outro era um trapaceiro e nunca abandonavam o tabuleiro durante uma partida, mesmo que a bexiga estivesse estourando. Dormia um sono profundo.

Dos quatro poetas a quem Bascomb costumava ser associado, um tinha dado um tiro na própria cabeça, outro tinha se afogado, outro tinha se enforcado e o quarto tinha morrido de delirium tremens. Bascomb conhecera todos eles, adorava a

maioria deles e havia cuidado de dois na doença, mas a implicação genérica de que, ao escolher se dedicar à poesia, ele optara pela autodestruição era algo a que se opunha com vigor. Conhecia a tentação do suicídio da mesma forma que conhecia a tentação de todas as outras formas de pecado, e tomava o cuidado de manter armas de fogo, pedaços compridos de corda, venenos e comprimidos para dormir afastados da sua villa. Havia encontrado em Z — o mais próximo dos quatro — um vínculo inalienável entre uma imaginação prodigiosa e um dom prodigioso para a autodestruição, mas Bascomb, à sua maneira teimosa e campesina, estava determinado a romper ou ignorar esse vínculo — a vencer Mársias e Orfeu. A poesia era uma glória duradoura e ele estava convencido de que o ato final da vida de um poeta não deveria se dar — como fora o caso de Z — num quartinho sujo com vinte e três garrafas de gim vazias. Já que não podia negar o vínculo existente entre o brilhantismo e a tragédia, estava determinado a subjugá-lo.

Bascomb acreditava, como dizia Cocteau, que a escrita poética era o aproveitamento de um substrato de memória imperfeitamente compreendido. Sua obra parecia ser um ato recordatório. Ao escrever, não submetia a memória a tarefas práticas, mas era a memória, definitivamente, que entrava em jogo — a sua memória das sensações, paisagens e rostos e o imenso vocabulário da sua linguagem própria. Podia dedicar um mês ou até mais a um poema curto, mas disciplina e dedicação não eram as palavras que melhor descreviam seu trabalho. De certo modo nunca escolhia as palavras, e sim lembrava delas no meio dos bilhões de sons que havia escutado desde que começara a compreender a fala. E, ao depender dessa forma de memória para dar utilidade à vida, ele se perguntava às vezes se a sua memória não estaria falhando. Em conversas com amigos e admiradores, fazia muito esforço para não se repetir. Acordava às duas ou três da manhã ouvindo o chacoalhar desarmônico de suas fontes d'água e ficava uma hora se interrogando a respeito de nomes e datas. Quem era o adversário do lorde Cardigan na Batalha de Balaklava? Levou um minuto para o nome de lorde Lucan surgir do meio das trevas, mas por fim veio. Conjugava o passado remoto do verbo *esse*, contava até cinquenta em russo, recitava poemas de Donne, Eliot, Thomas e Wordsworth, descrevia os episódios do Risorgimento desde as rebeliões de 1812 em Milão até a coroação de Vittorio Emanuele, listava as épocas da pré-história, a quantidade de quilômetros que cabem numa milha, os planetas do sistema solar e a

velocidade da luz. Havia um retardo inegável na velocidade de resposta da sua mente, mas ele ainda se considerava em boas condições. A única anomalia era a ansiedade. Tinha visto o tempo destruir tanta coisa que agora questionava se a memória de um homem podia ter mais força e longevidade que um carvalho; mas o carvalho-dos-pântanos que tinha plantado no terraço trinta anos antes estava morrendo e ele ainda podia lembrar em detalhes do corte e da cor do vestido que sua amada Amelia estava usando no dia em que se conheceram. Forçava sua memória a percorrer trajetos no meio de cidades. Imaginava estar caminhando da estação de trem até o chafariz memorial em Indianápolis, do Hotel Europe até o Palácio de Inverno em Leningrado, do Eden de Roma até San Pietro in Montorio, passando pelo Trastevere. Estava fragilizado, duvidando de suas capacidades, e era a solidão desse interrogatório que fazia dele uma luta.

Certa noite ou manhã, a memória como que o despertou querendo saber o primeiro nome de Lord Byron. Não conseguiu lembrar. Decidiu se desligar temporariamente da memória para surpreendê-la mais tarde, já de posse do nome de Lord Byron, mas, quando se reaproximou cuidadosamente desse receptáculo, ele continuava vazio. Sidney? Percy? James? Saiu da cama — estava frio —, calçou os sapatos, vestiu um sobretudo e subiu as escadas do jardim até o estúdio. Pegou um exemplar de *Manfred*, mas o autor estava grafado apenas como Lord Byron. O mesmo valia para *Childe Harold*. Por fim descobriu, na enciclopédia, que o nome do lorde era George. Concedeu a si mesmo um perdão parcial pelo lapso de memória e voltou para a cama quentinha. Como a maioria dos homens idosos, tinha começado a montar um furtivo glossário de comidas que pareciam fazer sua pipa subir. Truta fresca. Azeitonas pretas. Cordeiro jovem assado com tomilho. Cogumelos silvestres, javali, cervo e coelho. Do outro lado da balança estavam todos os alimentos congelados, verduras cultivadas, massas cozidas em excesso e sopas enlatadas.

Na primavera, um admirador escandinavo escreveu perguntando se poderia ter a honra de levar Bascomb para um passeio de um dia pelas cidadelas. Bascomb, que na época não tinha um automóvel próprio, aceitou com prazer. O escandinavo era um jovem simpático e os dois partiram alegres para Monte Felici. Nos séculos XIV e XV, as nascentes que abasteciam de água o vilarejo haviam secado e a população havia se deslocado para o meio da encosta. Tudo que sobrara da cidade abandonada

no cume eram duas igrejas ou catedrais de um esplendor fora de série. Bascomb se apaixonou por elas. Estavam no meio de campos floridos, com murais ainda vívidos e fachadas enfeitadas de grifos, cisnes e leões com rostos e membros de homens e mulheres, dragões pontiagudos, serpentes aladas e outras maravilhas e metamorfoses. Essas amplas e extravagantes moradas de Deus trouxeram à mente de Bascomb a imensidade da imaginação humana e o encheram de bom humor e entusiasmo. De Monte Felici continuaram até San Giorgio, onde havia tumbas pintadas e um pequeno teatro romano. Fizeram uma parada num bosque abaixo do vilarejo para um piquenique. Bascomb foi se aliviar no meio do mato e se deparou com um casal fazendo amor. Não tinham se dado ao trabalho de tirar a roupa e a única carne exposta era o traseiro cabeludo do desconhecido. *Tanti, scusi*, murmurou Bascomb antes de se retirar para outro canto da floresta, mas ele estava inquieto quando voltou ao encontro do escandinavo. O casal em ação parecia ter embotado sua lembrança das catedrais. Quando chegou de volta à sua villa, freiras de um convento romano estavam à sua espera para pedir autógrafos em seus exemplares de *O mundo da maçãs*. Ele as atendeu e pediu à governanta, Maria, que lhes servisse um pouco de vinho. Elas fizeram os elogios costumeiros — ele havia criado um universo que parecia receber os homens de braços abertos; revelara a voz da beleza moral que há num vendaval —, mas a única coisa em que ele conseguia pensar era no traseiro do desconhecido. O traseiro parecia ter mais vigor e significado que sua aclamada busca pela verdade. Parecia dominar tudo que ele tinha visto naquele dia — castelos, nuvens, catedrais, montanhas e campos floridos. Quando as freiras partiram, ele voltou o olhar para as montanhas na esperança de melhorar o ânimo, mas agora as montanhas lembravam os seios de uma mulher. Sua mente estava impura. Era como se ele tivesse se afastado da recalcitrância da mente para observar, de longe, o curso que ela tomaria. Ouviu um trem apitar à distância e esperou para ver como a mente caprichosa reagiria. A emoção de uma viagem, o *prix fixe* do vagão-restaurante, o tipo de vinho que serviam nos trens? Tudo parecia bem inocente, até que ele pegou a mente escapulindo do vagão-restaurante para as cabines venéreas do vagão-dormitório e daí para a obscenidade torpe. Achou que sabia do que estava precisando e foi falar com Maria após o jantar. Ela sempre estava disposta a servi-lo, embora ele sempre insistisse que ela tomasse um banho antes. O banho e os pratos causaram uma certa demora, mas,

quando ela foi embora, apesar de ele estar definitivamente se sentindo melhor, definitivamente não estava curado.

À noite, seus sonhos foram obscenos e ele acordou diversas vezes tentando se livrar da mortalha ou torpor venéreo. A luz da manhã não trouxe nenhum alento. A obscenidade — obscenidade torpe — parecia ser o único fato da vida dotado de cor e alegria. Depois do café da manhã, ele subiu os degraus até o estúdio e sentou-se diante da mesa. O universo que nos recebia de braços abertos e o vendaval que ressoava no mundo das maçãs tinham desaparecido. A imundície era o seu destino, o que havia de melhor nele, e ele começou a trabalhar com gosto numa balada intitulada O Peido que Salvou Atenas. Terminou a balada aquela manhã e a queimou na estufa que ganhara de presente do PEN de Oslo. A balada era, ou havia sido antes de ser queimada, um exaustivo e revoltante exercício de escatologia, e ele desceu pela escadaria até o terraço sentindo-se verdadeiramente arrependido. Dedicou a tarde a escrever uma confissão asquerosa intitulada O Preferido de Tibério. Dois admiradores — um jovem casal — vieram louvá-lo às cinco. Tinham se conhecido no trem, cada um com seu exemplar do *Maçãs*. Tinham se apaixonado no embalo do amor puro e ardente descrito por ele. Pensando na produção daquele dia, Bascomb afundou a cabeça entre as mãos.

No dia seguinte, escreveu As Confissões do Diretor de um Colégio Público. Queimou o manuscrito ao meio-dia. Quando desceu cabisbaixo para o terraço, se deparou com catorze alunos da universidade de Roma que, ao vê-lo, começaram a entoar "Os pomares do Paraíso" — o soneto que abria *O mundo das maçãs*. Seus olhos se encheram de lágrimas. Pediu a Maria que lhes oferecesse um pouco de vinho enquanto autografava seus livros. Depois eles fizeram fila para apertar sua mão impura e voltaram para o ônibus que estava parado no meio do campo e que os trouxera de Roma. Olhou para as montanhas que já não tinham o poder de animá-lo — olhou para o céu desprovido de sentido. Onde fora parar a força da decência? Chegara a ser real algum dia? Será que a bestialidade torpe pela qual estava obcecado era uma verdade soberana? O aspecto mais angustiante da obscenidade, como ele descobriria antes de acabar a semana, era a sua tosquice. Por mais que se lançasse aos projetos indecentes com ardor, no fim restavam apenas o tédio e a vergonha. O roteiro do pornógrafo parece ser inflexível e tudo que ele podia fazer era repetir o conjunto da obra enfadonho que já circula entre os

imaturos e os obcecados. Escreveu As Confissões de uma Camareira, A Lua de Mel do Jogador de Beisebol e Uma Noite no Parque. Passados dez dias, atingiu o fundo do poço como pornógrafo; estava escrevendo *limericks* obscenos. Escreveu sessenta deles e os queimou. Na manhã seguinte, pegou o ônibus para Roma.

Hospedou-se no Minerva, onde sempre ficava, e telefonou para uma longa lista de amigos, mas sabia que chegar sem aviso numa cidade grande era como não ter amigos e não encontrou ninguém em casa. Vagou pelas ruas, entrou num banheiro público e se viu frente a frente com um michê exibindo seus dotes. Ficou encarando o homem com a ingenuidade ou a lerdeza de um velhinho. O rosto do homem era imbecilizado — dormente, drogado e feio — e mesmo assim, em sua pose de prece aviltante, aos olhos de Bascomb ele possuía algo de angelical, armado com sua espada flamejante capaz de vencer a banalidade e espatifar o vidro das convenções. Bascomb saiu às pressas. Estava ficando escuro e aquela irrupção infernal do barulho do trânsito que reverbera nos muros de Roma ao entardecer estava chegando ao ápice. Foi parar numa galeria de arte na Via Sistina na qual o pintor ou fotógrafo — ele era as duas coisas — parecia sofrer da mesma disfunção que Bascomb, porém numa versão mais aguda. De volta às ruas, ficou imaginando se não haveria uma universalidade nesse crepúsculo venéreo que se abatera sobre o seu espírito. Será que o mundo, e não apenas ele, tinha perdido o rumo? Passou por uma sala de concertos que anunciava uma programação musical e, pensando que a música talvez pudesse purificar os pensamentos no seu coração, comprou um ingresso e entrou. O público do concerto era reduzido. Quando o acompanhador chegou, só um terço da plateia estava ocupado. Depois chegou a soprano, uma esplêndida loura platinada com um vestido carmesim, e, enquanto ela cantava *Die Liebhaber der Brücken*, o velho Bascomb entregou-se à tarefa revoltante e lamentável de despi-la com os olhos. Botões?, tentou imaginar. Ou um zíper? Enquanto ela cantava *Die Feldspar* e continuava com *Le temps des lilas et le temps des roses ne reviendra plus*, ele se decidiu pelo zíper e imaginou que abria o vestido dela nas costas e o fazia deslizar delicadamente pelos ombros. Retirou a combinação por cima da cabeça dela enquanto ela cantava *L'amore nascondere* e abriu o fecho do sutiã durante *Les rêves de Pierrot*. Seu devaneio se interrompeu quando ela foi gargarejar nos bastidores, mas, assim que ela retornou ao piano, ele começou a trabalhar na cinta-liga e no seu recheio. Quando ela se curvou no intervalo, ele

aplaudiu esfuziantemente, mas não por causa do conhecimento musical ou dos dons vocais. Então a vergonha, límpida e implacável como toda paixão, se apoderou do seu ser e ele saiu da sala de concertos e voltou para o Minerva, mas o frenesi não deu trégua. Sentou na escrivaninha do hotel e escreveu um soneto à lendária Papisa Joana. Tecnicamente, era um avanço em relação aos *limericks* que vinha escrevendo, mas não havia nenhum avanço moral. De manhã, pegou o ônibus de volta para Monte Carbone e recebeu alguns admiradores agradecidos no terraço. No dia seguinte, subiu ao estúdio, escreveu uns *limericks* obscenos e depois pegou na estante alguns volumes de Petrônio e Juvenal para ver o que tinha sido feito antes dele nesse campo de atividade.

Encontrou relatos francos e inocentes de congraçamento sexual. Não havia sinal daquele sentimento de perversidade que experimentava ao queimar seu trabalho na estufa toda manhã. Seria simplesmente o fato de que o seu mundo tinha uma idade muito maior e responsabilidades sociais muito mais exigentes, sendo a lascívia a única resposta possível para o aumento da ansiedade? O que ele tinha perdido? Parecia ser, naquele momento, um certo senso de orgulho, uma auréola de luminosidade e valor, uma espécie de coroa. Era como se tivesse a coroa em mãos para análise, e o que ele descobriu? Seria apenas um medo primitivo da cinta do papai e da cara feia da mamãe, uma subserviência infantil a um mundo intimidador? Sabia muito bem que seus instintos eram turbulentos, abundantes e indiscretos, mas teria ele permitido que o mundo e suas línguas lhe impusessem uma estrutura de valores transparentes para a conveniência de uma economia conservadora, uma Igreja influente, e um exército e uma marinha belicosos? Era como se tivesse a coroa em mãos, como se a erguesse na luz, podia ser feita de luz e parecia representar o sabor legítimo e tonificante da exultação e da dor. Os *limericks* que acabara de escrever eram inocentes, factuais e alegres. Eram também obscenos, mas quando foi que os fatos da vida se tornaram obscenos e quais eram as realidades dessa virtude da qual ele tão dolorosamente se despia todas as manhãs? Pareciam ser as realidades da ansiedade e do amor: Amelia banhada pelo raio de luz diagonal, a noite tempestuosa em que seu filho nasceu, o dia em que sua filha se casou. Alguém poderia acusá-las de banalidade, mas eram o que ele conhecia de melhor na vida — ansiedade e amor — e estavam a um mundo de distância do *limerick* sobre a sua mesa que começava dizendo: "Chamava-se César, o cônsul

jovial/ Que tinha uma fissura descomunal". Queimou o poema na estufa e desceu a escadaria.

O dia seguinte foi o pior de todos. Ele simplesmente encheu seis ou sete folhas de papel com a palavra *F- - - r*. Foram para dentro da estufa ao meio-dia. No almoço, Maria queimou o dedo, soltou uma sequência de palavrões e depois disse: "Eu devia visitar o anjo sagrado de Monte Giordano". "O que é o anjo sagrado?", ele perguntou. "O anjo pode purificar os pensamentos no coração de um homem", disse Maria. "Ele fica na velha igreja de Monte Giordano. É feito de madeira de oliveira do monte das Oliveiras e foi esculpido pelas mãos de um dos santos. Se você faz uma peregrinação, ele purifica os seus pensamentos." Tudo que Bascomb sabia sobre peregrinações era que as pessoas caminhavam levando junto uma concha do mar, por alguma razão. Quando Maria subiu para fazer a sesta, ele vasculhou as relíquias de Amelia e encontrou uma concha. Imaginou que o anjo ia querer um presente, então abriu a caixa no estúdio e escolheu uma medalha de ouro recebida do governo soviético no Jubileu de Lermontov. Não acordou Maria nem deixou bilhete. Isso podia ser um sinal patente de senilidade. Ao contrário de muitos velhos, ele nunca tinha agido às escondidas com más intenções e deveria ter dito a Maria aonde estava indo, mas não disse. Saiu andando pelo meio dos vinhedos até a estrada principal no fundo do vale.

Quando ele estava se aproximando do rio, um pequeno Fiat saiu da estrada principal e estacionou no meio das árvores. Um homem, sua esposa e três filhas vestidas com esmero desceram do carro. Bascomb parou para observá-los e reparou que o homem estava levando uma espingarda. Que será que ele ia fazer? Ia cometer um assassinato? Um suicídio? Estaria Bascomb prestes a testemunhar um sacrifício humano? Sentou-se e observou, escondido pelo capim alto. A mãe e as três meninas estavam muito alegres. O pai agia como o soberano da situação. Falavam em dialeto e Bascomb não entendia quase nada do que diziam. O homem tirou a espingarda do estojo e colocou um único projétil na câmara. Depois alinhou a esposa e as filhas em fila e as fez pôr as mãos sobre as orelhas. Elas se esganiçavam. Quando tudo estava pronto, ficou de costas para elas, apontou a espingarda para o céu e disparou. As três meninas aplaudiram e comentaram aos gritos o barulho do tiro e a bravura de seu querido pai. O pai recolocou a arma no estojo e todos entraram de novo no Fiat e partiram, presumiu Bascomb, de volta para o

apartamento deles em Roma.

Bascomb se estirou no capim e adormeceu. Sonhou que tinha voltado a seu país. O que viu foi uma velha caminhonete Ford com quatro pneus murchos, parada no meio de um campo de botões-de-ouro. Uma criança usando uma coroa de papel e uma toalha de banho como manto passou correndo e sumiu detrás de uma casa branca. Um velho tirou um osso de um saco de papel e o entregou a um cachorro vadio. Folhas de outono jaziam numa banheira com pés de leão. Um trovão distante o acordou, e Bascomb imaginou que ele tinha o formato de uma cabaça. Chegou à estrada principal, onde ganhou a companhia de um cachorro. O cachorro estava tremendo. Imaginou que ele podia estar doente, ter raiva ou ser perigoso, até entender que o cachorro tinha medo de trovão. Cada estrondo punha a criatura num paroxismo de tremores, e Bascomb fez carinho em sua cabeça. Nunca vira um animal com medo da natureza. Então o vento agitou os galhos das árvores e ele ergueu seu velho nariz para sentir o cheiro da chuva minutos antes de cair. Tinha o cheiro de igrejas úmidas do interior, de quartos vazios em casas antigas, de latrina, de trajes de banho deixados ao sol para secar — um aroma tão penetrante de felicidade que ele o inspirou ruidosamente. Apesar desses enlevos, não perdeu de vista a necessidade prática de obter abrigo. À beira da estrada havia um pequeno abrigo para os passageiros de ônibus e ele se enfiou ali junto com o cachorro. As paredes estavam cobertas do tipo de sujeira da qual ele pretendia se livrar, portanto ele saiu. Mais adiante na estrada havia uma casa de fazenda — uma dessas improvisações esquizofrênicas que são muito comuns na Itália. Parecia ter sido bombardeada, enjambrada e assentada não de maneira aleatória, mas fazendo um ataque deliberado à lógica. Num dos lados havia um alpendre, e nele um velho sentado. Bascomb perguntou se ele faria a gentileza de compartilhar seu teto e o homem o convidou para entrar.

O velho parecia ter a idade de Bascomb, mas aos olhos de Bascomb parecia invejavelmente despreocupado. Seu sorriso era brando e seu rosto era franco. Era evidente que jamais sofrera por um desejo de escrever um *limerick* obsceno. Nunca seria forçado a fazer uma peregrinação com uma concha do mar no bolso. Tinha um livro no colo — um álbum de selos — e o alpendre estava repleto de vasos de plantas. Não pedia à própria alma que batesse palmas e cantasse, e mesmo assim parecia ter alcançado uma paz de espírito orgânica que Bascomb cobiçava. Será que

Bascomb deveria ter colecionado selos e cultivado plantas em vasos? De qualquer modo, era tarde demais. Então veio a chuva, o trovão sacudiu a terra, o cachorro ganiu e estremeceu e Bascomb passou a mão nele. A tempestade terminou em poucos minutos, e então Bascomb agradeceu ao anfitrião e pegou a estrada.

Tinha um passo largo para um homem velho como ele e caminhava, como todos nós, rememorando façanhas — amor ou futebol americano, Amelia ou um belo *dropkick* —, mas depois de dois ou três quilômetros percebeu que só chegaria a Monte Giordano bem depois de escurecer e, quando um carro lhe ofereceu carona até o vilarejo, ele aceitou, torcendo para que isso não comprometesse a sua cura. Ainda era dia quando chegou a Monte Giordano. O vilarejo tinha quase o mesmo tamanho que o dele, com as mesmas paredes de tufa e o líquen amargo. A igreja antiga ficava no centro da praça, mas a porta estava trancada. Perguntou pelo padre e o encontrou num vinhedo, queimando ramos podados. Explicou que pretendia fazer uma oferenda ao anjo sagrado e mostrou a medalha de ouro ao padre. O padre quis saber se era ouro de verdade e Bascomb se arrependeu da escolha. Por que não escolhera a medalha que ganhara do governo francês ou a medalha de Oxford? Os russos não haviam marcado a pureza do ouro e ele não tinha como provar seu valor. O padre notou então que a homenagem estava escrita em alfabeto russo. Não era apenas ouro falso; era ouro comunista, um presente inadequado para o anjo sagrado. Nesse instante, as nuvens se abriram e um único raio de luz incidiu sobre o vinhedo e iluminou a medalha. Era um sinal. O padre desenhou uma cruz no ar e eles fizeram o caminho até a igreja.

Era uma igreja de interior antiga, pequena e pobre. O anjo ficava numa capela à esquerda, iluminado por uma lâmpada que foi acionada pelo padre. A imagem, rodeada de joias, estava numa jaula de aço fechada com um cadeado. O padre a abriu e Bascomb acomodou a medalha Lermontov aos pés do anjo. Depois se ajoelhou e disse alto: "Deus abençoe Walt Whitman. Deus abençoe Hart Crane. Deus abençoe Dylan Thomas. Deus abençoe William Faulkner, Scott Fitzgerald e principalmente Ernest Hemingway". O padre trancou a relíquia sagrada e os dois saíram juntos da igreja. Na praça havia um café onde ele comprou algo para comer e alugou um quarto. A cama era um instrumento esquisito de ferro com anjos de ferro nos quatro cantos, mas eles pareciam dotados de uma ferrenha bem-aventurança, pois ele sonhou em paz e acordou no meio da noite tomado por um

esplendor que remetia à sua juventude. Era como se algo brilhasse em sua mente, membros, pensamentos e órgãos vitais, e ele adormeceu de novo e dormiu até o amanhecer.

No dia seguinte, quando caminhava de Monte Giordano para a estrada principal, escutou o rumor de uma cachoeira. Entrou na floresta e a encontrou. Era uma queda natural, uma bancada de pedra e uma cortina de água esverdeada, e, ao vê-la, lembrou de uma queda parecida que ficava nos limites da fazenda em Vermont onde ele tinha sido criado. Quando garoto, foi até lá numa tarde de domingo e sentou numa encosta que ficava acima do fosso. Lá, viu aparecer entre as árvores um velho de cabelos grossos e brancos como os que ele possuía agora. Observou o homem desamarrar os sapatos e tirar a roupa com a pressa de um amante. Primeiro ele molhou as mãos, os braços e os ombros, e depois mergulhou na água corrente, berrando de prazer. Depois se secou com a roupa de baixo, se vestiu e retornou para o meio do mato, e só quando ele já havia desaparecido é que Bascomb percebeu que o velho era o seu próprio pai.

Agora ele fez como o pai fizera — desamarrou os sapatos, rasgou os botões da camisa e, consciente de que uma pedra escorregadia ou a força da água poderiam ser seu fim, entrou na água corrente, nu, berrando igual ao pai. Suportou o frio só por um minuto, mas, ao sair da água, finalmente se sentia bem consigo mesmo. Continuou o caminho até a estrada principal e foi recolhido pela polícia montada, pois Maria tinha soado o alarme e toda a província estava à procura do maestro. Seu retorno a Monte Carbone foi triunfante e pela manhã ele começou a escrever um longo poema sobre a dignidade inalienável da luz e do ar que não lhe valeria o Prêmio Nobel mas enalteceria seus últimos meses de vida.

"The world of apples"
Trad. Daniel Galera

Três histórias

I

O assunto de hoje é a metafísica da obesidade e eu sou a barriga de um homem chamado Lawrence Farnsworth. Sou a cavidade de seu corpo situada entre o diafragma e a pélvis e contenho suas vísceras. Sei que você não vai acreditar em mim, mas, se pode aceitar um *cri de coeur*, por que não um *cri de ventre*? Tenho um papel tão grande na vida dele quanto qualquer outro órgão vital ou faculdade do intelecto e, apesar de eu não poder agir com independência, ele também vive, em seu ambiente, à mercê de forças tão díspares quanto o dinheiro ou a luz das estrelas. Nascemos no Meio-Oeste e ele foi educado em Chicago. Participou da equipe de atletismo (salto com vara) e depois da equipe de salto ornamental, dois esportes que tornaram minha existência arriscada e obscura. Não me descobri até que ele completasse os quarenta anos, quando minha presença foi apontada pelo médico e pelo alfaiate. Ele teimou em reconhecer meus direitos e por quase um ano continuou a usar roupas que me apertavam com força, causando-me muitas dores e desconforto. Minha única compensação é que eu podia abrir o fecho das calças dele quando bem entendesse.

Ouvi-o dizer muitas vezes que, depois de ter passado a primeira metade da vida correndo atrás de um mastro desgovernado, estava condenado agora a passar o resto da vida seguindo uma barriga tão independente e caprichosa quanto seus genitais. Estive, é claro, em posição de observar sua prática dos esportes carnais, mas acho que me privarei de descrever os milhares — ou milhões — de performances das quais participei. Apesar de ter uma reputação ligada a coisas nojentas, sou uma verdadeira visionária e gostaria de olhar além da ginástica envolvida e analisar suas consequências, que, pelo que ouço dizer, costumam ser arrebatadoras. Para ele, ao que parece, a vida erótica é um passaporte de entrada para o que há de verdadeiramente belo no mundo. Trepar no meio de uma tempestade — qualquer chuvinha serve — é a sua ideia de um relacionamento completo. Há registros de reclamações. Ouvi uma mulher dizer certa vez: "Será que um dia você vai entender que a vida é mais do que sexo e conexão com a natureza?". Uma ocasião, quando ele teceu loas à beleza das estrelas, sua *belle amie* não conseguiu conter o riso. Meu conhecimento aberto do mundo é dependente da incidência limitada da nudez: quartos, chuveiros, praias, piscinas, *rendez-vous* e banhos de sol nas Antilhas. Passo o resto da minha vida sendo uma espécie de divisória entre as calças e a camisa dele.

Depois de ter se recusado a admitir minha existência por um ano ou mais, ele finalmente subiu o número das calças de 30 para 34. Quando alcancei trinta e quatro polegadas e estava me esforçando para chegar a trinta e seis, sua postura em relação à minha existência se tornou obsessiva. O contraste entre o que ele tinha sido, o que pretendia ser e o que havia se tornado começou a ficar sério. Quando as pessoas me cutucavam com o dedo e faziam piadas sobre a sua Janela de Sacada, seu riso forçado não era incapaz de encobrir a raiva que ele sentia. Parou de julgar os amigos pela esperteza ou inteligência e começou a julgá-los pela cintura. Por que X era tão seco, e por que Y, com uma pochete de pelo menos quarenta polegadas, estava satisfeito com aquele estado de coisas? Quando os amigos ficavam em pé, seu olhar se desviava rapidamente do sorriso para a porção intermediária do corpo deles. Fomos certa noite ao Yankee Stadium assistir a uma partida de beisebol. Ele havia começado a curtir o momento, até perceber que o jardineiro direito tinha umas boas trinta e seis polegadas de cintura. Os outros jardineiros e os defensores de base estavam razoavelmente bem, mas o arremessador — um homem mais

velho — tinha uma protuberância inegável — e dois dos juízes — quando retiraram suas proteções — estavam em situação revoltante. O mesmo valia para o receptor. Quando ele se deu conta de que não estava mais assistindo a uma partida de beisebol — de que, por causa da minha influência, era incapaz de assistir a uma partida de beisebol —, nós fomos embora. Isso foi no topo da quarta entrada. Um ou dois dias mais tarde, ele deu início ao que seria um ano ou um ano e meio de inferno.

Começamos com uma dieta que priorizava água e ovos cozidos. Ele perdeu quatro quilos e meio em uma semana, mas só nos lugares errados, e, apesar de minha existência ter sido posta em risco, sobrevivi. A dieta desencadeou algum distúrbio metabólico que danificou seus dentes, e ele desistiu dela por sugestão do médico e se matriculou numa academia. Três vezes por semana, eu era torturada numa bicicleta ergométrica e numa máquina de remo, e em seguida sovada e espancada ruidosamente e com crueldade pelas mãos de um massagista. Depois ele comprou uma variedade de cintas e cuecões elásticos que tinham como objetivo me disfarçar ou me oprimir, mas, apesar de me causarem dores enormes, eles serviram apenas para desafiar minha invencibilidade. À noite, quando eram removidos, eu me reintegrava espaçosamente no mundo que tanto adoro. Pouco tempo depois, ele comprou um aparelho que garantia minha destruição. Era um calção de plástico dourado que podia ser inflado com uma bomba manual. A acidez das secreções que eu era obrigada a refinar me diziam o quanto aquilo era doloroso e ridículo para ele. Quando o calção estava inflado, ele lia um livro de instruções e realizava alguns exercícios. Essa era a pior dor já infligida a mim e, quando os exercícios acabavam, minhas diversas partes estavam retraídas e empedradas de uma forma tão anormal que nós passávamos a noite sem conseguir dormir.

A essa altura eu já tinha identificado dois fatos que garantiam minha sobrevivência. O primeiro era sua ojeriza aos exercícios solitários. Ele gostava bastante de jogos, mas não de ginástica. Toda manhã ia ao banheiro e tocava a ponta dos pés com as mãos dez vezes seguidas. Suas nádegas (é outra história) raspavam na pia e a testa roçava o assento do vaso sanitário. Pelas secreções que chegavam até mim, sei que essa experiência era espiritualmente demolidora. Tempos depois ele foi passar o verão no campo e começou a correr e a levantar pesos. Enquanto levantava pesos, aprendeu a contar em japonês e russo na

esperança de conferir uma certa dignidade ao ato, mas não obteve sucesso. Tanto a corrida como o levantamento de pesos lhe causavam intenso constrangimento. O segundo elemento a meu favor era sua convicção de que levávamos uma vida frugal. "Eu realmente levo uma vida muito frugal", ele costumava dizer. Se fosse verdade, a proeminência não seria uma opção para mim, mas não há, creio eu, nenhum restaurante de primeiro nível na Europa, Ásia, África e nas Ilhas Britânicas ao qual eu não tenha sido levada e posta à prova. Ele diz isso com frequência. Atracando-se com um prato de gafanhotos em Tóquio, ele deu umas batidinhas em mim e disse: "Dê o melhor de si, cara". Enquanto ele continuar chamando isso de uma vida frugal, meu lugar no mundo está garantido. Quando o deixo na mão, não é por malícia nem por intenção minha. Depois de um jantar homérico com catorze pratos principais no sul da Rússia, passamos a noite juntos no banheiro. Foi em Tbilisi. Aparentemente, eu estava ameaçando a vida dele. Eram três da manhã. Ele chorava de dor. As lágrimas caíam, e creio que eu, de todas as partes do seu corpo, sou a que conhece melhor a verdadeira solidão desse homem. "Vá embora", ele gritava para mim, "vá embora." O que poderia ser mais lamentável e absurdo do que um homem nu mandando embora os órgãos vitais num país estranho a altas horas da madrugada? Fomos até a janela escutar o vento nas árvores. "Oh, eu devia ter prestado mais atenção nas coisas do espírito", ele gritou.

Se eu fosse a barriga de um agente secreto ou de um príncipe governante, meu papel no conflito do tempo não teria sido diferente. Represento o tempo de forma mais acabada do que um espantalho com uma foice. Por que uma força tão banal como o tempo — marcada com precisão pelos relógios da casa — era capaz de arrancar dele gemidos e palavrões? Será que ele achava que a juventude fugidia era o seu principal ou único atrativo? Sei que eu o fazia lembrar do relacionamento sofrido que teve com o pai. Seu pai se aposentou aos cinquenta e cinco anos e passou o resto da vida polindo pedras, cuidando do jardim e tentando aprender francês instrumental com o auxílio de fitas. Tinha sido um homem flexível e atlético, mas, assim como o filho, foi surpreendido no meio do caminho por um abdômen independente. Parecia, como o filho, não ter a capacidade de envelhecer e engordar com elegância. Sua pança, seu abdômen, estraçalhava o seu espírito. O abdômen o forçou a se curvar, a andar torto, a suspirar e a usar calças de número maior. O abdômen era como um precursor do Anjo da Morte, e talvez Farnsworth

estivesse brigando com o mesmo anjo ao tocar a ponta dos pés no banheiro todas as manhãs.

Chegou então o ano das viagens. Não sei o que o motivou, mas demos a volta ao mundo três vezes em doze meses. Talvez ele tenha pensado que as viagens iam acelerar o metabolismo e diminuir minha importância. Não perderei tempo com as dificuldades envolvendo cintos de segurança e uma rotina alimentar caótica. Fomos a todos os lugares de sempre, e também a Nairóbi, Madagascar, Ilhas Maurício, Bali, Nova Guiné, Nova Caledônia e Nova Zelândia. Visitamos Madang, Goroka, Lee, Rabaul, Fiji, Reykjavik, Thingvellir, Akureyri, Narsarsuaq, Kagsiarauk, Bukhara, Irkutsk, Ulan Bator e o deserto de Gobi. Depois vieram as Ilhas Galápagos, a Patagônia, a selva de Mato Grosso e, é claro, as Ilhas Seychelles e as Ilhas Amirante.

Tudo terminou ou se decidiu certa noite no Passetto's. Ele iniciou a refeição com peixe e presunto de Parma acompanhados de dois pãezinhos com manteiga. Depois comeu espaguete à carbonara, um filé com fritas, uma porção de pernas de rã, um robalo inteiro assado no papel, alguns peitos de frango, uma salada com molho de azeite, três tipos de queijo e um zabaione bem servido. No meio da refeição, precisou me fornecer um pouco mais de espaço, mas não houve rancor e pressenti que a vitória estava próxima. Quando ele pediu o zabaione, eu soube que tinha vencido, ou que havíamos chegado a uma trégua amistosa. Ele já não estava tentando me esconder, me repudiar ou me esquecer, e suas secreções tinham se suavizado. Teve que me conceder mais duas polegadas de espaço depois de levantar da mesa, e agora, caminhando pela piazza, eu conseguia sentir a brisa noturna e escutar as fontes, e vivemos felizes juntos desde então.

II

Marge Littleton, nos idos tempos do jargão freudiano, teria sido taxada de maternal, embora ela não fosse mais maternal do que eu ou você. O que estava por trás disso era a suavidade encantadora da sua voz e de seus gestos e sua fragrância de verão, ou talvez seja o cheiro do verão que lembre o de uma mulher como ela, não o contrário. Ela ia à igreja regularmente e sempre senti que sua devoção era

mais profunda que a da maioria, embora seja impossível especular sobre uma coisa tão íntima. Adepta da liturgia, conformava-se com o Livro da Oração Comum e sempre que possível evitava os sermões. Não era nativa, é claro — o último nativo morreu junto com a última vaca vinte anos atrás —, e não me lembro de onde surgiram ela nem o marido. Ele era careca. Tinham três filhos e levavam uma vida rigorosamente convencional até uma certa manhã de outono.

Foi depois do Dia do Trabalho, ventava um pouco. Dava para ver as folhas caindo do outro lado das janelas. A família tomou o café da manhã na cozinha. Marge tinha assado um pão de milho. "Bom dia, sra. Littleton", disse o marido, dando um beijo na sua testa e uma palmadinha em seu traseiro. A voz e o gesto dele pareciam conter o equilíbrio perfeito do amor. Não sei o que um crítico virulento da família diria dessa cena. Será que os Littleton, ao moldar suas paixões de acordo com uma imagem social aceitável, estavam construindo uma espécie de prisão para si mesmos, ou será que tiveram a sorte de ser um homem e uma mulher que nutriam um pelo outro um afeto sensível, robusto e invencível? Até onde sei, era um casamento excepcional. Como eu mesmo nunca fui casado, posso estar sendo indevidamente suscetível ao componente de bufonaria presente no matrimônio sagrado, mas não é verdade que, ao comemorar o décimo ou décimo quinto aniversário de casamento, um casal parece tudo, menos triunfante? Na verdade, é como se eles tivessem sido enganados, enquanto o sacana do tio Harry, o devasso, é quem recebe todos os louros. Mas, no caso dos Littleton, tinha-se a impressão de que eles poderiam seguir vivendo juntos com entusiasmo e inteligência — dando e recebendo até que a morte os separasse.

Naquela manhã de sábado em particular, o plano dele era ir às compras. Depois do café da manhã, fez uma lista do que necessitavam da loja de ferragens. Uma lata de tinta acrílica branca, um pincel de quatro polegadas, ganchos para pendurar quadros, um rastelo e óleo para o cortador de grama. As crianças foram junto com ele. Não foram ao vilarejo, que estava definhando como todos os outros, e sim ao centro de compras lotado e um tanto festivo que ficava na rota 64. Deu dinheiro aos filhos para que comprassem uma Coca. Na volta, o tráfego no sentido sul estava pesado. Como eu disse, isso foi logo após o Dia do Trabalho e muitos carros estavam rebocando casas portáteis, reboques, barcos à vela, lanchas e trailers. Essa longa procissão de veículos e reboques domésticos não lembrava o espetáculo de

um povo retornando de férias, e sim algo como a evacuação trágica de uma grande cidade ou de um estado. Uma cegonha tentou ultrapassar um motor home mais largo que o usual, bateu de frente no carro dos Littleton e os matou. Não fui ao enterro, mas um de nossos vizinhos o descreveu para mim. "Ela ficou ali parada na beira da cova. Não chorou. Estava muito bonita e serena. Precisou ver quatro caixões descendo no buraco, um após o outro. Quatro."

Ela não foi embora. As pessoas a convidavam para jantar, é claro, mas numa comunidade tão doméstica é inevitável que os solteiros acabem sendo deixados de lado. Cerca de um mês após o acidente, o jornal local anunciou que a Comissão de Estradas Estaduais duplicaria as pistas da rota 64, de quatro para oito. Organizamos um comitê pela preservação da comunidade e coletamos dez mil dólares para as despesas legais. Marge Littleton participou bastante. Nós nos reuníamos quase toda semana. Os encontros aconteciam em casas paroquiais, tribunais, colégios e lares. No começo, esses encontros foram muito emotivos. A sra. Pinkham chorou num deles. Lavou-se em lágrimas. "Levei dezesseis anos para construir meu quarto pink e agora querem derrubá-lo." Foi levada embora da reunião, uma mulher realmente devastada. Fretamos um ônibus e fomos à capital. Marchamos pela 64 num domingo chuvoso, com motos fazendo a escolta. Acho que éramos menos de trinta e acabamos nos dispersando. Carregamos placas de protesto. Lembro de Marge. Algumas pessoas nascem com um dom congênito para o protesto e com talento para carregar placas, mas Marge não era dessas. Ela carregou uma placa enorme que dizia: ABAIXO A ROTA DA GASOLINA. Parecia muito constrangida. Quando a marcha se desfez, me despedi dela no morrinho que fica ao lado da estrada. Lembro de seu olhar inabalável, fixo no tráfego, talvez comparável ao de uma viúva de Nantucket contemplando o mar.

Quando já tínhamos gastado nossos dez mil dólares sem resultado, nossas reuniões passaram a ser cada vez menos frequentes e pouco prestigiadas. Só três pessoas apareceram na última, incluindo o orador. A estrada foi duplicada, o que levou à demolição de seis casas e tornou outras duas inabitáveis, apesar de os proprietários não terem recebido indenizações. Vários poços foram destruídos pelas detonações. Depois que o comitê se desmanchou, Marge quase desapareceu. Alguém me disse que ela viajara para o exterior. Quando voltou, veio acompanhada de um simpático jovem romano chamado Pietro Montani. Tinham

se casado.

Marge exibiu seu talento para a felicidade conjugal com Pietro, embora ele fosse bem diferente do primeiro marido. Era bonito, espirituoso e bem de vida — representava uma empresa fabricante de palmilhas —, mas falava o pior inglês que eu já tinha escutado. Era possível falar com ele, beber com ele e rir com ele, mas ao mesmo tempo era quase impossível se comunicar com ele. No fundo isso não importava. Ela parecia muito feliz e era agradável visitá-los em casa. Estavam casados fazia menos de dois meses quando Pietro, ao dirigir seu conversível pela 64, foi decapitado por um guindaste.

Ela enterrou Pietro junto com os outros, mas permaneceu em sua casa na Twin-Rock Road, de onde se podiam ouvir os ruídos de guerra do tráfego industrial. Acho que arranjou um emprego. Era vista nos trens. Três semanas após a morte de Pietro, uma jamanta de vinte e quatro rodas e oitenta toneladas, seguindo no sentido norte pela rota 64 por razões nunca averiguadas, invadiu a pista contrária e arrebentou dois carros, matando seus quatro passageiros. Depois o caminhão se chocou contra uma barreira de granito, tombou de lado e pegou fogo. A polícia e o corpo de bombeiros chegaram imediatamente ao local, mas a carga era inflamável e o incêndio só foi controlado às três da manhã. Todo o tráfego da rota 64 foi desviado. O efetivo feminino dos bombeiros ficou servindo café.

Duas semanas depois, às oito horas da noite, outra jamanta de vinte e quatro rodas com uma carga de blocos de cimento perdeu o controle no mesmo local, invadiu a pista de sentido sul e derrubou quatro árvores altas antes de colidir com a barreira. O impacto da batida foi tão forte que meio metro de granito foi arrancado do muro. Não houve incêndio, mas os dois motoristas foram esmagados de tal forma pela colisão que precisaram ser identificados pela arcada dentária.

No dia 3 de novembro, às oito e meia da noite, o tenente Dominic DeSisto relatou que um homem vestindo uniforme de trabalho invadiu o escritório principal da delegacia. Parecia histérico, drogado ou bêbado e alegava ter sido baleado. Estava tão incoerente, de acordo com o tenente DeSisto, que levou um bom tempo até conseguir explicar o que tinha acontecido. Estava dirigindo no sentido norte pela 64, mais ou menos na mesma altura em que os outros caminhões haviam perdido o controle, quando um projétil de rifle atravessou a janela esquerda da cabine, errou o motorista e saiu pela janela direita. A vítima potencial era Joe

Langston, de Baldwin, Carolina do Sul. O tenente examinou o caminhão e verificou as janelas quebradas. Ele e Langston foram numa viatura até o local de onde viera o disparo. No lado direito da estrada, havia um pequeno morro de granito com alguns trechos de solo. Durante a duplicação da estrada, o morro fora dinamitado ao meio e o morrinho à direita correspondia à barreira que tinha matado os demais motoristas. DeSisto examinou a encosta. A grama no morro estava amassada e havia duas bitucas de cigarro no chão. Langston foi levado ao hospital em estado de choque. A colina foi mantida sob vigilância durante um mês, mas faltava efetivo à polícia e era uma chatice ficar sentado sozinho na encosta desde o entardecer até a meia-noite. Assim que a vigilância foi retirada, um quarto caminhão perdeu o controle. Dessa vez o caminhão se desviou para a direita, derrubou uma dúzia de árvores e caiu num vale estreito e íngreme. Quando a polícia chegou até o motorista, ele já estava morto. Tinha levado um tiro.

Em dezembro, Marge casou com um viúvo rico e se mudou para North Salem, onde há somente uma via de pista única e o som do tráfego é suave como o zunido de um projétil.

III

Instalou-se no assento do corredor — 32 — no 707 com destino a Roma. O avião não chegava a estar lotado e havia um assento vago entre ele e a ocupante do assento da janela. Viu com satisfação que se tratava de uma mulher extremamente bonita — ela não era jovem, mas ele também não. Estava usando perfume, um vestido escuro e joias, e parecia pertencer àquela parte do mundo onde ele se movia com mais naturalidade. "Boa noite", ele disse, acomodando-se. Ela não respondeu. Soltou um grunhido desencorajador e abriu um livro de bolso diante do rosto. Ele tentou conferir o título, mas ela o cobriu com a mão. Não era a primeira vez que ele encontrava uma mulher tímida num avião — não era comum, mas já acontecera. Imaginava que elas tinham aprendido a cultivar uma cautela compreensível contra bêbados, conquistadores e chatos. Sacou seu exemplar do *The Manchester Guardian*. Havia notado que os jornais conservadores às vezes inspiravam um pouco de segurança às tímidas. Quando lia os editoriais, a página de

esportes e, principalmente, a seção de economia, às vezes uma tímida desconhecida se mostrava disposta a uma conversa. O avião decolou, o aviso de proibido fumar foi desligado e ele pegou uma cigarreira dourada e um isqueiro dourado. Não eram chamativos, mas eram dourados. "Se importa se eu fumar?", perguntou. "Por que me importaria?", ela respondeu. Ela não olhou na sua direção. "Algumas pessoas se importam", ele disse, acendendo o cigarro. Ela era quase tão bonita quanto hostil, mas por que precisava ser tão fria? Ficariam lado a lado durante nove horas e era mais que sensato dispor-se a um mínimo de conversa. Será que ele a fazia lembrar de alguém desagradável, alguém que a magoara? Estava de banho tomado, barbeado, corretamente vestido e acostumado a fazer amizades. Ela podia ser uma mulher infeliz que não aturava o mundo, mas, quando a aeromoça veio oferecer uma bebida, o sorriso que abriu para a jovem desconhecida foi ofuscante e generoso. Isso o animou a tal ponto que ele próprio sorriu, mas, quando ela percebeu que ele tinha se intrometido numa comunicação direcionada a outrem, voltou-se para ele, fez uma cara feia e retornou ao seu livro. A aeromoça trouxe um martíni duplo para ele e um xerez para a sua vizinha. Ocorreu-lhe que a bebida forte poderia agravar ainda mais o desconforto dela, mas era um risco a correr. Ela continuou lendo. Se ao menos pudesse descobrir qual era o título do livro, pensou, conseguiria dar o primeiro passo. Harold Robbins, Dostoiévski, Philip Roth, Emily Dickinson — qualquer coisa ajudaria. "Posso perguntar o que está lendo?", perguntou educadamente. "Não", ela disse.

Quando a aeromoça trouxe os jantares, ele passou a bandeja dela por cima do assento vazio. Ela não agradeceu. Ele se acomodou para comer, para se alimentar, para desfrutar esse hábito simples. A comida estava atipicamente ruim e ele enunciou essa opinião. "Não se pode exigir demais nessas circunstâncias", ela disse. Ele pensou ter ouvido um traço de cordialidade na sua voz. "Talvez o sal ajude", ela disse, "mas não me deram sal nenhum. Se incomoda de me dar o seu?" "Oh, com certeza", ele disse. As coisas estavam definitivamente melhorando. Ele abriu o pacotinho de sal e, ao estendê-lo na direção dela, deixou cair um pouco no carpete. "Sinto dizer que a má sorte será toda sua", ela disse. Não havia humor nenhum no tom da frase. Ela salgou o pedaço de carne e comeu tudo que veio na bandeja. Depois continuou lendo o livro com o título escondido. Ele sabia que cedo ou tarde ela precisaria ir ao banheiro, e então ele teria a oportunidade de checar o título do

livro, mas, quando chegou a hora, ela levou o livro junto ao toalete.

A tela do filme foi baixada. A não ser quando o filme era excepcionalmente interessante, ele nunca alugava o equipamento de áudio. Descobrira que a leitura labial e o jogo de adivinhação acrescentavam uma dimensão ao filme, e de qualquer modo os diálogos costumavam ser ofensivamente banais. Sua vizinha alugou o equipamento e deu sinais de estar se divertindo para valer. Tinha uma risada melodiosa e encantadora e interagia com os atores na tela da mesma maneira que havia interagido com a aeromoça e da mesma maneira que se recusava a interagir com seu companheiro de assento. O sol nasceu quando estavam se aproximando dos Alpes, embora o filme ainda não tivesse acabado. Aqui e ali, o brilho da manhã alpina podia ser visto por entre as fendas da cortina fechada, mas, enquanto eles navegavam no ar sobre o Mont Blanc e o Matterhorn, os personagens na tela continuavam seguindo o roteiro. Houve um desfile, uma perseguição, uma reconciliação e um final. Sua companheira, de novo carregando o livro misterioso, retirou-se mais uma vez para o toalete e voltou com uma espécie de touca de dormir na cabeça e o rosto coberto por uma grossa camada de unguento branco. Arrumou o travesseiro e o cobertor e se preparou para dormir. "Bons sonhos", ele ousou dizer. Ela suspirou.

Nunca dormia em aviões. Foi à cozinha e pediu um uísque. A aeromoça era bonita e conversadora e falou sobre suas origens, sua escala de trabalho, seu noivo e seus problemas com passageiros que tinham medo de voar. Passando dos Alpes, começaram a descer e ele espiou o Mediterrâneo pela janelinha e pediu outro uísque. Avistou Elba, Giglio e os iates na enseada de Porto Ercole, onde era possível enxergar as villas de seus amigos. Lembrava-se da sua chegada a Nantucket, tantos anos antes. As pessoas costumavam se alinhar na amurada e gritar: "Oh, os Perry estão aqui, e os Salton e os Greenough". Era parte verdadeiro, parte exibição. Quando ele voltou ao seu assento, a companheira tinha removido a touca e o unguento. Na luz matinal, sua beleza era intensa. Ele não conseguia diagnosticar o que tanto o cativava — uma nostalgia, talvez —, mas os traços dela, a alvura da pele, a posição dos olhos, tudo correspondia ao seu ideal de beleza. "Bom dia", ele disse, "dormiu bem?" Ela fechou a cara, parecendo achar a pergunta impertinente. "E alguém dorme?", perguntou elevando o tom. Colocou o livro misterioso dentro de uma bolsa com zíper e juntou suas coisas. Quando pousaram em Fiumicino, ele

cedeu a passagem e a seguiu pelo corredor. Passou logo atrás dela no guichê de passaporte, na imigração e no posto sanitário e depois a encontrou no lugar onde se pega a bagagem.

Mas olha só, olha só. Por que ele aponta a mala dela ao carregador e por que, quando já estão ambos de posse de suas bagagens, ele a segue até o ponto de táxi e pechincha com o motorista o preço da corrida até Roma? Por que ele entra com ela no táxi? Ele é o conquistador obstinado que ela tanto abomina? Não, não. Ele é o marido dela, ela é a sua esposa, a mãe de seus filhos, uma mulher que ele venera com paixão há quase trinta anos.

"Three stories"
Trad. Daniel Galera

As joias da sra. Cabot

O funeral do homem assassinado foi realizado na igreja unitarista da cidadezinha de St. Botolphs. A arquitetura da igreja era em estilo Bullfinch, com colunas e uma daquelas torres etéreas que devem ter dominado a paisagem um século atrás. A cerimônia consistiu numa seleção aleatória de citações bíblicas encerrada com um verso. "Amos Cabot, descanse em paz/ A dor termina onde teu corpo jaz…" A igreja estava cheia. O sr. Cabot tinha sido um membro destacado da comunidade. Chegara a concorrer para governador. Por cerca de um mês, durante a campanha, sua foto ficou à vista nos celeiros, muros, prédios e postes telefônicos. Acho que a sensação de viver num jogo de espelhos — ele dava de cara consigo mesmo em todas as esquinas — não o perturbava tanto quanto teria perturbado a mim. (Certa vez, por exemplo, quando eu estava num elevador em Paris, reparei numa mulher que trazia um livro meu na mão. Havia uma foto na sobrecapa, e uma imagem de mim enxergou a outra por cima do braço dela. Tive vontade de confiscar a foto, acho que para destruí-la. Pensar nela indo embora e levando a minha cara debaixo do braço era uma ameaça à minha autoestima. Ela saiu do elevador no quarto andar e a despedida das duas imagens foi confusa. Eu queria

segui-la, mas não teria conseguido explicar em francês — ou em qualquer outra língua — o que eu estava sentindo.) Amos Cabot era muito diferente disso. Dava a impressão de gostar de se ver e, quando perdeu a eleição, o sumiço de seu rosto (exceto por uns poucos celeiros mais afastados, onde passou meses descascando) não pareceu perturbá-lo.

Existem, é claro, os Lowell incorretos, os Hallowell incorretos, os Eliot, Cheever, Codman e English incorretos, mas hoje trataremos dos Cabot incorretos. Amos era da Costa Sul, e pode ser que nunca tenha ouvido falar do ramo da família que habitava a Costa Norte. Seu pai fora um leiloeiro, o que na época significava ser artista, comerciante de cavalos e, às vezes, vigarista. Amos era dono de imóveis, da loja de ferragens e da companhia de utilidades públicas, e era um dos diretores do banco. Tinha um escritório no Cartwright Block, em frente à área verde da cidade. Sua esposa era de Connecticut, que para nós, naquele tempo, era um descampado distante que fazia fronteira, a leste, com a Cidade de Nova York. Nova York era habitada por estrangeiros tensos, nervosos e gananciosos que não tinham caráter suficiente para tomar banho frio às seis da manhã e viver com serenidade uma vida de tédio massacrante. A sra. Cabot, quando a conheci, tinha provavelmente quarenta e poucos anos. Era uma mulher de baixa estatura com um rosto avermelhado de alcoólatra, embora fosse uma severa defensora da sobriedade. Seus cabelos eram brancos como a neve. Seu traseiro e seu busto eram avantajados e sua coluna fazia uma curva memorável que remetia a um espartilho cruel ou ao começo de uma lordose. Ninguém entendia muito bem por que o sr. Cabot havia se casado com essa excêntrica do longínquo Connecticut — ninguém tinha nada a ver com isso, afinal —, mas ela era a dona da maior parte dos conjuntos residenciais de madeira na Margem Leste do rio, onde viviam os operários da fábrica de talheres de prata. As moradias davam lucro, mas só uma simplificação injustificável permitiria concluir que ele havia se casado por interesse na propriedade. Ela própria coletava os aluguéis. Dava conta do trabalho doméstico, suponho, e se vestia de maneira simples, mas usava sete anéis grandes de diamante na mão direita. Era evidente que tinha lido em algum lugar que os diamantes eram um bom investimento e que as pedras reluzentes tinham o mesmo glamour que uma caderneta bancária. Havia diamantes redondos, quadrados, retangulares e alguns daqueles diamantes engastados numa forquilha. Nas manhãs

de quinta-feira, ela lavava os diamantes em alguma solução de joalheiro e os pendurava para secar no varal. Nunca deu uma explicação para isso, mas a incidência de excentricidades no vilarejo era tão elevada que não se via essa conduta como algo incomum.

A sra. Cabot falava uma ou duas vezes por ano na St. Botolphs Academy, onde muitos de nós tínhamos estudado. Seus assuntos eram três: Minha Viagem ao Alasca (slides), Os Males da Bebida e Os Males do Tabaco. A bebida era para ela um vício tão impensável que não conseguia atacá-lo com tanta veemência, mas o conceito do tabaco a enfurecia. Alguém pode imaginar Cristo na cruz fumando um cigarro?, ela nos perguntava. Alguém pode imaginar a Virgem Maria *fumando*? Uma gota de nicotina administrada por técnicos de laboratório a um porco tinha sido suficiente para matar o animal. Etc. Ela tornava o ato de fumar irresistível e, se eu morrer de câncer de pulmão, porei a culpa na sra. Cabot. Essas apresentações aconteciam no que chamávamos de Grande Salão de Estudos. Era uma sala grande, no segundo andar, onde havia espaço para todos. A academia fora construída na década de 1850 e tinha as janelas imponentes, espaçosas e lindas típicas daquele período da arquitetura americana. Na primavera e no outono, o prédio parecia graciosamente suspenso sobre o terreno, mas no inverno um frio glacial se sobrepunha à luz das janelas enormes. No Grande Salão de Estudos, era permitido usar casacos, chapéus e luvas. Essa situação era agravada pelo fato de que minha tia-avó Anna tinha comprado em Atenas uma grande coleção de estátuas de gesso, de modo que tremíamos de frio e memorizávamos verbos conativos na companhia de pelo menos uma dúzia de deuses e deusas nus em pelo. Assim, era diante de Hermes e Vênus, e não somente de nós, que a sra. Cabot vociferava contra os venenos do tabaco. Era uma mulher de preconceitos veementes e desagradáveis, e acho que não teria se importado nem um pouco de incluir os negros e os judeus na lista, mas havia somente uma família negra e uma família judia no vilarejo, e elas eram exemplares. A possibilidade da intolerância no vilarejo só me ocorreu bem mais tarde, quando minha mãe veio à nossa casa em Westchester passar o feriado de Ação de Graças.

Isso foi alguns anos atrás, quando as rodovias da Nova Inglaterra ainda não estavam prontas e a viagem entre Nova York e Westchester durava mais de quatro horas. Saí de casa bem cedo e primeiro fui de carro a Haverhill, onde parei na Miss

Peacock's School para buscar minha sobrinha. Depois fui à St. Botolphs, onde encontrei minha mãe no corredor, sentada na cadeira de um acólito. A cadeira tinha um encosto em forma de torre com uma flor-de-lis de madeira no topo. De que igreja mofada pela chuva teriam roubado aquele objeto? Ela vestia um casaco e sua bolsa estava a seus pés. "Estou pronta", ela disse. Devia fazer uma semana que estava pronta. Parecia terrivelmente sozinha. "Quer beber alguma coisa?", ela perguntou. Eu estava preparado para não morder essa isca. Se tivesse dito sim, ela teria ido à despensa e retornado com um sorriso triste, dizendo: "Seu irmão bebeu todo o uísque". Pegamos o caminho de volta para Westchester. O dia estava encoberto e frio e a viagem me cansou, embora eu creia que a fadiga não tenha pesado em nada no que aconteceu depois. Deixei minha sobrinha na casa do meu irmão em Connecticut e dirigi até a minha casa. Já estava escuro quando a viagem chegou ao fim. Minha mulher tinha feito todos os preparativos de praxe para a vinda da minha mãe. O fogo estava queimando e havia um vaso de rosas sobre o piano e chá com sanduíches de pasta de anchova. "Que lindo ter flores na casa", disse minha mãe. "Gosto tanto de flores. Não posso viver sem elas. Se eu sofresse de dificuldades financeiras e tivesse que escolher entre flores e comida, acho que escolheria as flores…"

Não quero passar a impressão de que era uma velha senhora elegante, pois havia lapsos em sua atuação. Trago à tona, com intensa relutância, um fato relatado a mim pela irmã da minha mãe, após a morte dela. Parece que em certo momento ela tentou obter um cargo na polícia de Boston. Minha mãe tinha muito dinheiro na época e não faço ideia do porquê disso. Acho que ela queria ser policial. Não sei de que órgão da corporação ela pretendia fazer parte, mas sempre a imaginei de uniforme azul-escuro com um molho de chaves na cintura e um cassetete na mão direita. Minha avó a dissuadiu de seguir esse caminho, mas a imagem de uma policial fazia parte daquela silhueta bebendo chá em frente à nossa lareira. Naquela noite, ela pretendia ser o que definia como Aristocrática. Nesse contexto, ela costumava dizer: "Deve haver ao menos uma gota de sangue plebeu na família. De que outra maneira se poderia explicar o seu gosto por roupas rasgadas e surradas? Você sempre teve roupas de sobra, mas prefere vestir trapos".

Preparei um drinque e disse que tinha adorado ver minha sobrinha.

"A Miss Peacock's mudou", minha mãe disse com tristeza.

"Eu não sabia", falei. "Como assim?"

"Abriram os portões."

"Não estou entendendo."

"Estão aceitando judeus", ela disse. A última palavra foi disparada.

"Podemos mudar de assunto?", pedi.

"Não vejo por quê", ela disse. "Foi você que começou a falar disso."

"Minha mulher é judia, mãe", falei. Minha mulher estava na cozinha.

"Não é possível", disse minha mãe. "O pai dela é italiano."

"O pai dela", eu disse, "é um judeu polonês."

"Bem", disse minha mãe, "eu sou de uma velha família de Massachusetts e não me envergonho disso, embora não goste de ser chamada de yankee."

"É diferente."

"Seu pai dizia que judeu bom é judeu morto, apesar de eu achar que Justice Brandeis era bem simpático."

"Acho que vai chover", falei. Era um de nossos recursos básicos para encerrar uma conversa, usado para expressar raiva, fome, amor e o medo da morte. Minha mulher apareceu e minha mãe seguiu a deixa. "Está um frio quase de nevar", ela disse. "Quando você era menino, rezava para que houvesse neve ou gelo. Dependia de você querer patinar ou esquiar. Você era muito específico. Se ajoelhava ao lado da cama e pedia a Deus que manipulasse os elementos. Nunca rezava por mais nada. Nunca ouvi você pedir algo de bom para os seus pais. No verão, você não rezava."

Os Cabot tinham duas filhas — Geneva e Molly. Geneva era a mais velha, e em geral considerada a mais bonita. Molly foi minha namorada por cerca de um ano. Era uma moça adorável com um ar sonolento que era rapidamente desfeito por um sorriso radiante. Seus cabelos eram castanho-claros e retinham a luz. Quando estava cansada ou exaltada, o suor se acumulava no seu lábio superior. À noite, eu ia a pé até a casa deles e me sentava ao lado dela na sala de visitas sob a mais rígida vigilância. A sra. Cabot, é claro, via o sexo com supremo pânico. Ficava nos vigiando da sala de jantar. Do andar de cima vinham pancadas fortes e regulares. Era a máquina de remo de Amos Cabot. Às vezes, recebíamos permissão para

passear juntos, desde que não saíssemos das ruas principais, e, quando eu já tinha idade para dirigir, eu a levava aos bailes do clube. Eu tinha um ciúme intenso — mórbido — e, quando ela aparentava estar se divertindo com outra pessoa, eu ficava no canto, contemplando o suicídio. Lembro que uma noite, na volta, eu a levei de carro até a casa da Shore Road.

Na virada do século, alguém havia decidido que St. Botolphs poderia ter futuro como estação de férias, e com isso foram construídas cinco mansões, ou elefantes brancos, no fim da Shore Road. Os Cabot moravam numa delas. Todas as mansões tinham torres. Eram redondas, com telhados cônicos, elevando-se cerca de um andar acima do resto dos prédios de madeira. As torres eram ostensivamente não militares, portanto suponho que eram feitas para exprimir romance. O que elas continham? Quartinhos, eu acho, quartos de empregada, móveis quebrados, baús, e deviam ser o lugar preferido das vespas. Estacionei o carro em frente à casa dos Cabot e desliguei as luzes. A casa acima de nós estava às escuras.

Foi há muito tempo, tanto tempo que a folhagem dos olmos fazia parte da noite de verão. (Faz tanto tempo que, se você quisesse virar à esquerda, abria a janela do carro e *apontava* naquela direção. Fora isso, era proibido apontar. A ordem era: não aponte. Não consigo imaginar o porquê, a menos que o gesto fosse considerado erótico.) Os bailes — as Reuniões Dançantes — eram formais e eu vestia um smoking que tinha passado do meu pai para o meu irmão e dele para mim como uma espécie de brasão ou tocha suntuária. Tomei Molly em meus braços. Ela correspondeu totalmente. Não sou um homem alto (às vezes tenho uma tendência a andar curvado), mas a convicção de que amo e sou amado me faz entrar em posição de sentido. Minha cabeça se ergue. Minhas costas se endireitam. Fico com dois metros de altura e me sinto sustentado por um barulhento alvoroço emocional. Às vezes escuto uma campainha no ouvido. Pode acontecer em qualquer lugar — numa loja de ginseng em Seul, por exemplo —, mas aconteceu naquela noite em frente à casa dos Cabot na Shore Road. Molly disse que precisava ir embora. A mãe dela devia estar espiando pela janela. Pediu que eu não subisse até a casa. Vai ver que não escutei. Eu a acompanhei pela calçada e pela escada que dava acesso à varanda, onde ela tentou abrir a porta e descobriu que estava trancada. Ela pediu mais uma vez que eu fosse embora, mas eu não podia abandoná-la ali, podia? Então uma luz acendeu e a porta foi aberta por um anão.

Ele era completamente deformado. A cabeça era hidrocefálica, o rosto era inchado e as pernas eram grossas e cruelmente tortas. Pensei no circo. A linda mocinha começou a chorar. Entrou em casa e fechou a porta, me deixando a sós com a noite de verão, os olmos e o sabor de uma brisa vinda do leste. Depois disso ela me evitou por cerca de uma semana e quem me pôs a par dos fatos foi Maggie, nossa velha cozinheira.

Antes, porém, mais fatos. Aconteceu no verão, e nos verões a maioria de nós frequentava um acampamento no Cape administrado pelo diretor da St. Botolphs Academy. Os meses eram tão apáticos, tão azuis, que não lembro nada deles. Eu dormia ao lado de um garoto chamado DeVarennes, que eu conheço desde que nasci. Passávamos a maior parte do tempo juntos. Jogávamos bolinha de gude juntos, dormíamos juntos, jogávamos bola juntos no mesmo campo de defesa e uma vez fizemos juntos uma viagem de canoa de dez dias na qual por pouco não nos afogamos juntos. Meu irmão jurava que estávamos ficando com a cara parecida. Era a relação mais gratificante e espontânea que eu tivera até então. (Ele ainda me liga uma ou duas vezes por ano lá de San Francisco, onde tem uma vida infeliz com a esposa e três filhas solteiras. Parece sempre bêbado. "A gente era feliz, não era?", ele pergunta.) Um dia, outro garoto, um desconhecido chamado Wallace, perguntou se queríamos atravessar o lago a nado. Eu poderia alegar não saber nada a respeito de Wallace, e sabia muito pouco, mas sabia ou intuía que ele era solitário. Era uma das coisas mais evidentes nele, ou talvez a mais evidente. Ele fazia o que se esperava dele. Jogava bola, arrumava a cama, ia às lições de vela e recebeu seu certificado de salva-vidas, mas tudo isso estava mais para uma impostura calculada do que para um envolvimento de qualquer espécie. Ele sofria, era sozinho e, cedo ou tarde, fizesse chuva ou fizesse sol, acabaria manifestando isso, e nesse ato de confissão terminaria por exigir de alguém uma lealdade impossível. As pessoas sabiam de tudo isso, mas fingiam não saber. Obtivemos permissão do professor de natação e nadamos de um lado ao outro do lago. Usávamos uma braçada lateral desajeitada que até hoje me parece mais eficiente que a braçada erguida por cima da cabeça que é obrigatória, hoje em dia, nas piscinas em que passo a maior parte do meu tempo. A braçada lateral é Classe Baixa. Eu a vi sendo usada uma vez na piscina e, quando perguntei quem era o nadador, me disseram que era o mordomo. Quando o navio naufragar ou quando o

avião cair, tentarei alcançar o bote salva-vidas com uma braçada erguida e me afogarei com estilo, ao passo que a braçada lateral da Classe Baixa me teria permitido viver para sempre.

Nadamos no lago, descansamos no sol — sem confidências — e nadamos de volta para casa. Quando cheguei na cabana, DeVarennes me puxou para o canto. "Nunca mais quero te ver ao lado desse Wallace", disse. Perguntei por quê. Ele me disse. "Wallace é o filho bastardo de Amos Cabot. A mãe dele é uma puta. Eles moram num dos conjuntos do outro lado do rio."

O dia seguinte estava quente e luminoso, e Wallace veio perguntar se eu não queria nadar no lago de novo. Claro, claro, eu disse, e fomos. Quando voltamos ao acampamento, DeVarennes se recusou a falar comigo. Naquela noite soprou um vento nordeste, e choveu durante três dias. Aparentemente, DeVarennes me perdoou e não lembro de ter voltado a nadar no lago com Wallace. Quanto ao anão, Maggie me contou que era filho de um casamento anterior da sra. Cabot. Trabalhava na fábrica de talheres de prata, mas saía para o trabalho bem cedo pela manhã e só voltava depois de escurecer. Sua existência devia ser mantida em segredo. Isso era incomum, mas não era — na época sobre a qual escrevo — inédito. Os Trumbull mantinham a irmã louca da sra. Trumbull escondida no sótão e o tio Piu-Piu Marshmallow — um exibicionista — costumava ficar meses escondido.

Era uma tarde de inverno, uma tarde do começo do inverno. A sra. Cabot lavou seus diamantes e os pendurou para secar. Depois subiu ao seu quarto para tirar uma soneca. Ela garantia nunca ter tirado uma soneca na vida e, quanto mais profundo o seu sono, mais veementes as garantias de que não dormia. Mais que uma excentricidade dela, isso era uma maneira indireta de apresentar os fatos que prevalecia naquela parte do mundo. Ela acordou às quatro e desceu para buscar as joias. Tinham desaparecido. Ligou para Geneva, mas ninguém atendeu. Passou o ancinho no mato ralo que havia embaixo do varal. Nada. Ligou para a polícia.

Como eu dizia, era uma tarde de inverno, e os invernos lá são muito frios. Nosso calor — e às vezes nossa sobrevivência — dependia de lenha na lareira e de grandes estufas a carvão que de vez em quando fugiam ao controle. Uma noite de inverno era um fato ameaçador, e isso pode ter contribuído em parte para o que sentíamos ao observar — no fim de novembro e em dezembro — a luz se esvaindo no oeste.

(Os diários do meu pai, por exemplo, estão repletos de descrições do pôr do sol no inverno, não porque meu pai tivesse algo de crepuscular, mas porque a chegada da noite podia significar perigo e sofrimento.) Geneva tinha feito a mala, recolhera os diamantes e embarcara no último trem que saía da cidade: o das quatro e trinta e sete. Deve ter sido emocionante. Os diamantes estavam ali para ser roubados. Eram uma isca a olhos vistos e ela fez o que tinha que fazer. Pegou um trem para Nova York aquela noite e depois viajou durante três dias até Alexandria num navio da Cunard Line — o S.S. *Serapis*. Pegou outro barco de Alexandria até Luxor, onde, no espaço de dois meses, aderiu à fé muçulmana e se casou com um nobre egípcio.

Li sobre o roubo no jornal vespertino do dia seguinte. Eu entregava jornais. Tinha começado meu percurso a pé, depois de bicicleta, até que, quando completei dezesseis anos, me delegaram uma velha caminhonete Ford. Eu dirigia uma caminhonete! Ficava esperando os jornais serem impressos na sala de linotipia e depois dirigia pelos quatro vilarejos vizinhos atirando pacotes nas portas das confeitarias e papelarias. Nas finais do campeonato de beisebol, saía uma segunda edição com as tabelas de resultados e, depois de escurecer, eu repetia o trajeto até Travertine e outras localidades ao longo da costa. As estradas eram escuras, o tráfego era muito reduzido e ainda não haviam proibido a queima de folhas, de modo que o ar ganhava um aspecto tânico, melancólico e excitante. Às vezes a gente atribui uma proporção misteriosa e desmedida de importância a uma simples jornada, e essa segunda viagem com as tabelas de resultados me enchia de felicidade. Eu lastimava o fim próximo do campeonato de beisebol da mesma forma que lastimamos o fim próximo de todo prazer e, se eu ainda fosse pequeno, teria rezado. JOIAS DOS CABOT ROUBADAS era a manchete, e o jornal nunca mais tocou no incidente. Ninguém tocou no assunto lá em casa, mas isso não era incomum. Quando o sr. Abbott se enforcou na árvore do vizinho, ninguém tocou no assunto também.

Molly e eu fomos passear na praia em Travertine naquela tarde de domingo. Eu estava atormentado, mas os tormentos de Molly eram muito mais graves. Não a perturbava o fato de que Geneva tivesse roubado os diamantes. Ela só queria saber que fim levara a irmã e ainda demoraria seis semanas para descobrir. Porém, algo havia acontecido na casa aquela noite. Seus pais tinham brigado e o sr. Cabot tinha saído de casa. Ela me contou tudo. Andávamos de pés descalços. Ela chorava.

Gostaria de ter esquecido da cena no mesmo instante em que ela terminou de descrevê-la.

Crianças se afogam, lindas mulheres ficam deformadas em acidentes de carro, navios de cruzeiro afundam e homens enfrentam mortes demoradas no interior de minas e submarinos, mas você não encontrará nada desse tipo nos meus relatos. No último capítulo, o navio chega ao porto, as crianças são salvas e os mineiros são resgatados. Devemos ver isso como uma fraqueza da alta sociedade ou como uma convicção de que há verdades morais discerníveis? O sr. X defecou na gaveta de cima da cômoda de sua esposa. Isso é um fato, mas declaro que não é uma verdade. Ao descrever St. Botolphs, eu teria preferido me ater à Margem Oeste do rio, onde as casas eram brancas e onde os sinos da igreja tocavam, mas do outro lado da ponte estava a fábrica de talheres de prata, os conjuntos habitacionais (de propriedade da sra. Cabot) e o Commercial Hotel. Na maré baixa, dava para sentir o odor dos gases marinhos chegando dos canais em Travertine. As manchetes do jornal vespertino tratavam de um corpo achado num baú. As mulheres na rua eram feias. Até os manequins numa vitrine de loja pareciam encurvados, deprimidos e vestidos com roupas que não lhes serviam nem combinavam com eles. Até mesmo a noite, em seu esplendor, parecia ter acabado de receber uma má notícia. A política era neofascista, a fábrica não tinha sindicato, a comida era intragável e o vento noturno era um castigo. Era um mundo provinciano e tradicional que pouco se beneficiava das recompensas da pequenez e do tradicionalismo, e, quando falo na bem-aventurança dos lugares pequenos, estou falando da Margem Oeste. Na Margem Leste estava o Commercial Hotel, os domínios de Doris, um michê que trabalhava como supervisor na fábrica durante o dia e à noite fazia do bar um prostíbulo, tirando proveito da extraordinária lassidão moral do lugar. Todo mundo conhecia Doris, e muitos de seus clientes tinham usufruído dele em algum momento. Não havia escândalo nem deslumbre nisso. Doris cobrava o máximo que podia de um caixeiro-viajante, mas fazia de graça com os frequentadores. A impressão que se tinha não era de tolerância, mas de uma desestimulante indiferença, uma ausência da visão, da fibra moral e da esplêndida Ambição do amor romântico. Em noite de espetáculo, Doris circula pelo bar. Você paga uma bebida para ele e a mão vem no seu braço, no seu ombro, na sua cintura, e, se você avança um centímetro, ele dá o bote. O técnico da caldeira, o rapaz que abandonou

o colégio, o homem que conserta relógios, todos pagam uma bebida para Doris. (Uma vez um cara de fora gritou para o garçom do bar: "Diga para esse filho da puta tirar a língua da minha orelha" — mas era um cara de fora.) Não é um mundo transitório, não estamos falando de gente errante, mais da metade desses homens jamais viverá em outro lugar, mas nisso parece estar a essência do nomadismo espiritual. O telefone toca e o garçom faz sinal com a cabeça para Doris. Há um cliente no quarto 8. Por que eu ia preferir estar na Margem Oeste, onde meus pais jogam bridge com o sr. e a sra. Eliot Pinkham à luz dourada de um enorme candelabro a gás?

Vou pôr a culpa no assado, no assado, no assado de domingo que era comprado de um açougueiro que usava um chapéu de palha com uma pena de faisão. Acho que o assado entrava na nossa casa embrulhado em papel ensanguentado na quinta ou na sexta, depois de viajar no bagageiro de uma bicicleta. Seria um exagero grosseiro dizer que a carne tinha o poder detonador de uma mina terrestre capaz de arrebentar os olhos e os genitais de alguém, mas seu poder era desproporcional. Sentávamos para almoçar depois da igreja. (Meu irmão estava morando em Omaha, portanto éramos apenas três.) Meu pai afiava a faca de corte e fatiava a carne. Meu pai era muito destro com o machado e o traçador e era capaz de botar abaixo uma árvore grande sem titubear, mas o assado de domingo era outra história. Depois que ele fazia o primeiro corte, minha mãe suspirava. Era um espetáculo extraordinário, tão alto, tão profundo, que se tinha a impressão de que a vida dela estava correndo risco. Parecia que a alma dela ia se esvair, desvairada, para fora da sua boca aberta. "Você nunca vai aprender, Leander, que o cordeiro deve ser cortado no sentido oposto das fibras?", ela perguntava. Uma vez que a batalha do assado tinha se iniciado, as falas eram tão rápidas, previsíveis e tediosas que não faria sentido reproduzi-las. Depois de cinco ou seis comentários ferinos, meu pai brandia a faca no ar e gritava: "Pode fazer o favor de cuidar da sua vida, pode fazer o favor de calar a boca?". Ela suspirava de novo e punha a mão no coração. Ia ser o seu último suspiro, não havia dúvida. E então ela contemplava o ar sobre a mesa e dizia: "Olha só que brisa refrescante".

Em geral não tinha brisa nenhuma, é claro. Podia estar abafado, fazendo o pior frio do inverno, chovendo, qualquer coisa. O comentário era o mesmo para todas as estações. Podia ser uma metáfora feliz para a esperança, para a serenidade do

amor (que, suspeito, ela jamais experimentou), ou a nostalgia de uma noite de verão em que, amorosos e compreensivos, tínhamos sentado alegremente na grama de frente para o rio? Podia ser algo nem melhor nem pior que o tipo de sorriso que um homem no mais completo desespero abre diante da estrela vespertina? Podia ser a profecia de uma geração vindoura tão hábil nas evasivas que os esplendores de um confronto apaixonado lhe seriam negados para sempre?

O cenário muda para Roma. É primavera, quando bandos de andorinhas espertas invadem a cidade para escapar dos caçadores de pássaros em Óstia. O barulho dos passarinhos vai parecendo ser luz à medida que a luz do dia perde o brilho. Então se ouve, do outro lado do pátio, a voz de uma mulher americana. Ela está gritando. "Você é um maldito de um merda fodido e louco que não serve pra porra nenhuma. Não consegue ganhar um centavo, não tem um amigo que seja, e é uma bosta na cama…" Não há resposta, e você se pergunta se ela não está berrando sozinha no escuro. Aí você escuta um homem tossir. É tudo que escutará da parte dele. "Oh, sei que estou com você faz oito anos, mas, se chegou a pensar que eu estava gostando de qualquer coisa, é porque não passa de um panaca que não ia nem se dar conta, caso fosse pra valer. Quando eu gozo de verdade, os quadros *caem* da parede. Com você é só fingimento…" Os sinos agudo-graves que tocam em Roma àquela hora do dia tinham começado a soar. Sorrio com esse som, embora ele não tenha relação nenhuma com a minha vida ou a minha fé, nenhuma harmonia verdadeira, nada que se compare às revelações da voz do outro lado do pátio. Por que eu preferiria descrever sinos de igreja e bandos de andorinhas? Seria isso pueril, uma espécie de mentalidade de cartão comemorativo, uma predisposição caprichosa e afeminada de não encarar os fatos? Ela continua e continua, mas deixarei de acompanhá-la. Ela investe contra o cabelo, o cérebro e o espírito dele enquanto eu reparo que uma chuva fina começou a cair e que o efeito disso é o aumento do ruído de tráfego na Via del Corso. Agora ela está histérica — sua voz começa a falhar — e penso que talvez, no auge de suas maledicências, ela começará a chorar e pedirá o perdão dele. Ela não fará isso, é claro. Ela irá atrás dele com uma faca de cozinha e ele acabará no setor de emergências do Policlinico, alegando ter se ferido sozinho, mas, enquanto saio para jantar, sorrindo para os mendigos, fontes, crianças e para as primeiras estrelas da noite, digo a mim mesmo que tudo acabará bem. Olha só que brisa refrescante.

Minhas lembranças dos Cabot são apenas uma nota de rodapé à minha obra principal, e vou ao trabalho cedo nessas manhãs de inverno. Ainda está escuro. Aqui e ali, paradas nas esquinas, esperando o ônibus, vejo mulheres vestidas de branco. Elas usam sapatos brancos e meias brancas, e uniformes brancos aparecem por baixo de seus casacos de frio. Seriam enfermeiras, esteticistas, auxiliares de dentista? Jamais saberei. Costumam carregar uma sacola de papel pardo contendo, eu acho, um sanduíche de presunto e uma garrafa térmica de leite magro. O tráfego é leve a essa hora do dia. Um caminhão de lavanderia entrega uniformes no Fried Chicken Shack e há um furgão de leite na Asburn Place — o último de sua geração. Falta meia hora para que os ônibus escolares amarelos comecem a dar suas voltas.

Trabalho num edifício de apartamentos chamado Prestwick. Tem sete andares e foi construído, creio, no final dos anos 20. É em estilo Tudor. Os tijolos são irregulares, há uma balaustrada no telhado e a placa que anuncia vagas é literalmente uma telha pendurada em correntes de ferro que rangem romanticamente ao vento. À direita da porta há uma lista de uns vinte e cinco nomes de médicos, mas não estamos falando de curandeiros bonzinhos com estetoscópios e martelinhos de borracha, e sim de psiquiatras, e esse é o país da cadeira de plástico e do cinzeiro cheio. Não sei por que teriam escolhido este lugar, mas eles são maioria entre os locatários. De vez em quando se vê uma mulher com um carrinho de feira e uma criança esperando o elevador, mas em geral o que se vê são os rostos atormentados de homens e mulheres com problemas. Às vezes eles sorriem; às vezes falam sozinhos. O negócio anda devagar ultimamente e o médico que ocupa o escritório ao lado do meu é visto com frequência no corredor, olhando pela janela. O que pensa um psiquiatra? Será que fica imaginando o que aconteceu com os pacientes que desistiram, que se recusaram a participar da Terapia de Grupo, que ignoraram suas advertências e reprimendas? Ele conhece os segredos dos pacientes. Tentei matar meu marido. Tentei matar minha mulher. Três anos atrás, tomei uma overdose de comprimidos para dormir. Um ano antes disso eu tinha cortado os pulsos. Minha mãe queria que eu fosse menina. Minha mãe queria que eu fosse menino. Minha mãe queria que eu fosse homossexual. Para onde haviam ido, o que estavam fazendo? Continuavam casados, discutindo à mesa do jantar, decorando o pinheiro de Natal? Teriam se divorciado, casado novamente, saltado de pontes, tomado Seconal, conquistado alguma espécie de trégua,

assumido a homossexualidade ou se mudado para uma fazenda em Vermont planejando plantar morangos e ter uma vida simples? Às vezes o médico fica uma hora diante da janela.

Meu verdadeiro trabalho, hoje em dia, é escrever uma edição do *The New York Times* que trará alegria ao coração dos homens. Haveria maneira melhor de me ocupar? O *Times* é um elo crucial, ainda que enferrujado, nos meus laços com a realidade, mas nos últimos anos suas notícias têm sido monótonas. Os profetas do apocalipse estão desempregados. Tudo que se pode fazer é juntar os pedaços. A manchete principal é a seguinte: TRANSPLANTE DE CORAÇÃO DO PRESIDENTE É CONSIDERADO UM SUCESSO. Há um quadro no canto inferior esquerdo: CUSTO DO MEMORIAL DE J. EDGAR HOOVER CONTESTADO. "O subcomitê de memoriais ameaça cortar pela metade os sete milhões de dólares destinados a homenagear o falecido J. Edgar Hoover com um Templo da Justiça…" Terceira coluna: LEI CONTROVERSA REVOGADA PELO SENADO. "A lei promulgada recentemente para transformar em crime grave os pensamentos maliciosos sobre o governo foi barrada nesta tarde por quarenta e três votos contra sete." E assim segue. Há editoriais robustos e comoventes, um empolgante noticiário esportivo, e o clima, obviamente, está sempre ensolarado e quente, a não ser que precisemos de chuva. Então chuva é o que temos. Os níveis de poluição estão zerados, e mesmo em Tóquio as pessoas usam máscaras cirúrgicas com frequência cada vez menor. Todas as rodovias, autoestradas e vias expressas serão fechadas para o feriadão. Felicidade no Mundo!

Mas voltando aos Cabot. A cena que eu gostaria de ignorar ou esquecer aconteceu uma noite depois de Geneva ter roubado os diamantes. Há encanamento envolvido. A maioria das casas do vilarejo tinha um encanamento relativamente pequeno. Em geral havia um lavabo no porão para a cozinheira e o faxineiro, e um único banheiro no segundo andar para o resto da família. Alguns desses banheiros eram muito grandes, e os Endicott tinham uma lareira no banheiro. Em algum momento, a sra. Cabot decidira que o banheiro era o seu domínio. Ela chamou um chaveiro para trocar a fechadura. O sr. Cabot tinha permissão para tomar seu banho de esponja toda manhã, mas depois disso o banheiro era trancado e a sra. Cabot guardava a chave no bolso. O sr. Cabot era obrigado a usar um penico no

quarto, mas, como ele vinha da Costa Sul, suponho que isso não fosse nenhum grande sacrifício. Talvez fosse até nostálgico. Ele estava fazendo uso do penico do seu quarto naquela noite quando a sra. Cabot apareceu na porta. (Eles dormiam em quartos separados.) "Pode fechar a porta?", ela gritou. "Pode fechar a porta? Preciso ouvir esse barulho horroroso pelo resto da minha vida?" Os dois deviam estar de camisola, ela com os cabelos brancos como neve presos em tranças. Ela pegou o penico e despejou seu conteúdo em cima dele. Ele derrubou a chutes a porta trancada do banheiro, tomou banho, se vestiu, fez a mala e cruzou a ponte até a casa da sra. Wallace, na Margem Leste.

Ele passou três dias lá e depois voltou. Estava preocupado com Molly, e num lugar tão pequeno as aparências também deviam ser levadas em conta — tanto as dele como as da sra. Wallace. Dividiu o tempo entre as margens Leste e Oeste por cerca de uma semana, até que adoeceu. Sentia-se mole. Ficava na cama até o meio-dia. Vestia-se, ia ao escritório e voltava para casa após cerca de uma hora. O médico o examinou, mas não encontrou nenhum problema.

Certa noite, a sra. Wallace viu a sra. Cabot saindo da farmácia na Margem Leste. Observou a rival cruzar a ponte e depois entrou na farmácia e perguntou ao atendente se a sra. Cabot era uma cliente frequente. "Eu mesmo estava pensando nisso", disse o atendente. "Ela vem receber o aluguel, é claro, mas sempre achei que usasse a outra farmácia. Ela tem vindo aqui comprar veneno para formigas — quer dizer, arsênico. Diz que sua casa na Shore Road está cheia de formigas horríveis e que o arsênico é a única maneira de se livrar delas. Do jeito que ela compra arsênico, as formigas devem ser horríveis mesmo." A sra. Wallace poderia ter avisado o sr. Cabot, mas ela nunca mais o viu.

Depois do enterro, ela foi falar com o juiz Simmons e disse que pretendia acusar a sra. Cabot de assassinato. O atendente da farmácia devia ter um registro incriminativo das compras de arsênico. "Pode ser que tenha", disse o juiz, "mas ele não o entregará a você. O que você está pedindo é uma exumação do corpo e um longo julgamento em Barnstable, e você não possui dinheiro nem reputação para bancar isso. Você foi amiga dele, eu sei, por dezesseis anos. Ele foi um homem esplêndido, então por que não se consola com a ideia de todos esses anos que conviveu com ele? E mais uma coisa. Ele deixou uma herança considerável para você e Wallace. Se a sra. Cabot for provocada a contestar o testamento, você

poderá perder isso."

Fui visitar Geneva em Luxor. Voei num 747 até Londres. Havia apenas três passageiros; mas, como eu digo, os profetas do apocalipse estão desempregados. Subi o Nilo a partir do Cairo num avião de duas hélices que voava baixo. A semelhança entre a erosão do vento e a erosão da água faz com que o Saara pareça ter sido estripado por enchentes, rios, correntes, córregos e riachos, o avanço de uma investida natural. Os sulcos são aquosos e arbóreos, e um leito de rio falso que se espalha vai desenhando uma árvore em busca de luz. Fazia um frio congelante no Cairo quando partimos de madrugada. Em Luxor, quando Geneva me encontrou no aeroporto, fazia calor.

Fiquei muito feliz de vê-la, tão feliz que não prestei muita atenção, mas percebi que ela havia engordado. Não quero dizer que estava cheinha; quero dizer que estava pesando uns cento e quarenta quilos. Era uma mulher gorda. Seus cabelos, outrora de um amarelo vulgar, agora eram dourados, mas seu sotaque de Massachusetts estava mais acentuado que nunca. Lá no Alto Nilo, soava como música aos meus ouvidos. Seu marido — agora um coronel — era um homem esbelto de meia-idade, parente do último rei. Era dono de um restaurante na fronteira da cidade e eles moravam num apartamento agradável que ficava em cima do salão de jantar. O coronel era bem-humorado, inteligente — um devasso, arrisco dizer — e bom de copo. Quando fomos ao templo em Karnak, nosso guia levou gelo, tônica e gim. Passei uma semana com eles, a maior parte do tempo em templos e sepulturas. Passávamos a noite no bar dele. A guerra ameaçava — o céu estava repleto de aviões russos — e o único outro turista era um inglês que ficava sentado no bar lendo o passaporte. No último dia, nadei no Nilo — braçadas erguidas — e eles me levaram de carro ao aeroporto, onde me despedi de Geneva — e dos Cabot — com um beijo.

"The jewels of the Cabots"
Trad. Daniel Galera

Sobre o autor

JOHN CHEEVER nasceu em Quincy, Massachusetts, em 1912. Depois de colaborar por muitos anos com a revista *New Yorker*, lança seu primeiro romance, *The Wapshot Chronicle*, em 1958, pelo qual recebe o National Book Award. Publicou ainda diversas coletâneas de contos — entre as quais *The Stories of Jonh Cheever*, ganhadora do prêmio Pulitzer de 1979 — e os romances *The Wapshot Scandal* (1964), *Bullet Park* (1969) e *Falconer* (1977). Considerado um dos maiores contistas americanos, Cheever recebeu, dois meses antes de falecer, em 1982, a Medalha Nacional para Literatura pela American Academy of Arts and Letters.

Copyright © 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1970, 1972, 1973, 1977, 1978, John Cheever
Copyright renewed © 1977, 1978, John Cheever
All rights reserved
Copyright do prefácio © 2010 by Mario Sergo Conti

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A tradução dos versos do poema "The courtship of the Yonghy-Bonghy-Bò", de Edward Lear, é de Dirce Waltrick do Amarante.
A tradução dos dois versos do soneto "Bright Star", de John Keats, é de Renato Suttana.

Título original
The stories of John Cheever

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Carmen S. da Costa
Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-438-0403-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br